unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Campus de Presidente Prudente
Departamento de Geografia

ISSN 1806-6755

Revista NERA

n. 28
DOSSIÊ

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

(NEO)EXTRATIVISMO E DESPOJO NO SUL GLOBAL: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS. INTRODUÇÃO
Luis Felipe Rincón M.

PROBLEMÁTICA Y FEBRIL. UNA MIRADA A LA EXPANSIÓN DEL BIODISEL EN ARGENTINA
Omar Arach

EXPANSÃO DA SOJA E FINANCEIRIZAÇÃO DA AGRICULTURA COMO EXPRESSÕES RECENTES DO REGIME ALIMENTAR CORPORATIVO NO BRASIL E NA ARGENTINA: O EXEMPLO DA CARGIL
Yamila Goldfarb

ORINOQUIA COLOMBIANA, LA INFLUENCIA DEL AGRONEGOCIO Y LA ACTIVIDAD PETROLERA: TERRITORIALIDADES EN DISPUTA
Claudia Yolima Devia Acosta

INTEGRAÇÃO NACIONAL, DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA E PROJETOS MODERNIZANTES NA AMAZÔNIA: RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA DE DESPOJO DA MINERAÇÃO RIO DO NORTE - PA
Jacob Binsztok e Mônica Carneiro

EXPLORAÇÃO DO CARVÃO MINERAL DE BENGA EM MOÇAMBIQUE E A EXPROPRIAÇÃO DA TERRA DOS NATIVOS: ALGUNS APONTAMENTOS REFERENTES À ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO
Elmer Agostino Carlos de Matos e Rosa Maria Vieira Medeiros

MINERÍA EN MÉXICO EN EL MARCO DE LA ACUMULACIÓN POR DESPOSESIÓN
Violeta R. Núñez Rodríguez

DISPUTAS TERRITORIALES EN EL VALLE DEL INTAG EN ECUADOR: DE LA RESISTENCIA SOCIAL CONTRA LA MEGA-MINERÍA A LA CREACIÓN DE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO
Juan Wahren e Agustina Schvartz

MEGAMINERÍA EN URUGUAY: CONFLICTOS ESTRUCTURANTES DE UN NUEVO CAMPO EN DISPUTA
Anabel Rieiro e Valentina Posada

A GUERRA DA ÁGUA EM BOLÍVIA: A LUTA DO MOVIMENTO POPULAR CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DE UM RECURSO NATURAL
Nathalie Drumond

LA DISPUTA POR LOS TERRITORIOS RURALES FRENTE A LA NUEVA CARA DEL EXTRACTIVISMO MINERO Y LOS PROCESOS DE RESISTENCIA EN PUEBLA, MÉXICO
Susana Edith Rappo Miguez, Rosalia Vásquez Toríz, Marisela Amaro Capilla e Xóchilt Formacio Mendoza

LA POTENCIALIDAD HEURÍSTICA DEL CONCEPTO DE ECONOMÍA DE ENCLAVE PARA REPENSAR EL TERRITORIO
Alfredo Falero

LAS DIRECTRICES VOLUNTARIAS SOBRE GOBERNANZA RESPONSABLE DE LA TENENCIA DE LOS RECURSOS NATURALES Y SU APLICACIÓN DESDE AMÉRICA LATINA
Sergio Gómez E.

2015

Revista NERA nº. 28

(Edição Especial sobre (Neo)extrativismo e despojo no Sul Global: conflitos e resistências nos territórios)

http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera

EDITORES

Djoni Roos
Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Camila Ferracini Origuéla
Eduardo Paulon Girardi
Bernardo Mançano Fernandes

NERA
Núcleo de Estudos,
Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária
2015

Revista NERA (RNERA) nº. 28

EDITORES

Djoni Roos
Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Camila Ferracini Origuéla
Eduardo Paulon Girardi
Bernardo Mançano Fernandes

CORPO EDITORIAL

Hellen Carolina Gomes Mesquita da Silva
Hellen Charlot Cristancho Garrido
Lara Cardoso Dalpério
Lorena Izá Pereira
Janaina Francisca de Souza Campos Vinha
José Sobreiro Filho
Leandro Nieves Ribeiro
Luis Felipe Rincón Manrique

CONSELHO CIENTÍFICO

Adriano Rodrigues de Oliveira – UFG (Goiânia, GO, Brasil)
Ana Domínguez Sandoval – UDELAR (Montevidéu, Uruguai)
Anderson Antônio da Silva – FATEC (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Antonio Thomaz Júnior – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Ariovaldo Umbelino de Oliveira – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Bernardo Mançano Fernandes – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Camila Ferracini Origuéla - UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Carlos Alberto Feliciano – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Ciro de Oliveira Bezerra – UFAL (Maceió, AL, Brasil)
Clifford Andrew Welch – UNIFESP (São Paulo, SP, Brasil)
Djoni Roos – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
Douglas Cristian Coelho – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
Eduardo Paulon Girardi – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Eliane Tomiasi Paulino – UEL (Londrina, PR, Brasil)
Emilia de Rodat Fernandes Moreira – UFPB (João Pessoa, PB, Brasil)
Eraldo da Silva Ramos Filho – UFS (Aracaju, SE, Brasil)
Estevan Leopoldo de Freitas Coca – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Fernando Mendonça Heck – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Flavio Bladimir Rodríguez Muñoz – Universidad Externado de Colômbia (Bogotá, Cundinamarca, Colômbia)
Francilane Eulália de Souza – UEG (Formosa, GO, Brasil);
Francisco Hidalgo Flor – Universidad Central del Ecuador (Quito, Pichincha, Equador)
Gláucio Marafon – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Hannah Wittman – UBC (Vancouver, British Columbia, Canadá)
Hellen Charlot Cristancho Garrido – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Hervé Théry – USP (São Paulo, SP, Brasil) e CNRS (França)
Isaías Tobasura Acuña – Universidad de Caldas (Manizales, Caldas, Colômbia)
Jacob Binsztok – UFF (Niterói, RJ, Brasil)
Janaina Francisca de Souza Campos – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
João Cleps Júnior – UFU (Uberlândia, MG, Brasil)
João Edmilson Fabrini – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)
João Márcio Mendes Pereira – UFRRJ (Seropédica, RJ, Brasil)
João Rua – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Jorge Ramón Montenegro Gómez – UFPR (Curitiba, PR, Brasil)
José Antonio Segrelles Serrano – Universidad de Alicante (Alicante, Espanha)
José Aparecido Lima Dourado – UEA (Tabatinga, AM, Brasil)
José Sobreiro Filho – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Juliana Grasiéli Bueno Mota – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Julio Cesar Suzuki – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Juscelino Eudâmidas Bezerra – UPE (Petrolina, PE, Brasil)
Luciano Concheiro Borquez – UAM-X (Cidade do México, Distrito Federal, México)
Luis Daniel Hocsman - Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)
Luis Felipe Rincón Manrique – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Manoel Calaça – UFG (Goiânia, GO, Brasil)
Mara Edilara Batista de Oliveira – UFPR (Curitiba, PR, Brasil)

Márcio Freitas Eduardo – UFFS (Erechim, RS, Brasil)
Marta Beatriz Chiappe Hernández – UDELAR (Montevidéu, Uruguai)
Marta Inez Medeiros Marques – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Matías Carámbula Pareja – UDELAR (Montevidéu, Uruguai)
Munir Jorge Felício – UNOESTE (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Neli Aparecida de Mello – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Nelson Rodrigo Pedon – UNESP (Ourinhos, SP, Brasil)
Noemia Ramos Vieira – UNESP (Marília, SP, Brasil)
Omar Angel Arach – Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)
Onélia Carmem Rossetto – UFMT (Cuiabá, MT, Brasil)
Oscar Bazoberry Chali – UMSA (La Paz, Bolívia)
Paulo Roberto Alentejano – UERJ (São Gonçalo, RJ, Brasil)
Renato Emerson Nascimento dos Santos – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Ricardo Pires de Paula – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior– UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Rodrigo Simão Camacho – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Rosa Maria Vieira Medeiros – UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil)
Rosemeire Aparecida de Almeida – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)
Sam Moyo – African Institute for Agrarian Studies (Harare, Zimbábue)
Sedeval Nardoque – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)
Silvio Simione da Silva – UFAC (Rio Branco, AC, Brasil)
Tiago Egídio Avanço Cubas – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)
Valéria de Marcos – USP (São Paulo, SP, Brasil)
Víctor Martín Martín – Universidad de La Laguna (Espanha)
Virgínia Marina Rossi Rodriguez – UDELAR (Paysandú, Uruguai)
Wendy Wolford – Cornell University (Ithaca, New York, Estados Unidos da América)
Wilder Robles – University of Manitoba (Winnipeg, Canadá)

ORGANIZADOR DO NÚMERO ESPECIAL

Luis Felipe Rincón Manrique

CONSELHO CIENTÍFICO DO NÚMERO ESPECIAL

Adolfo Oliveira
Camila Ferracini
Camilo Bustos
Carlos Macias
Cristian Jara
Estevan Leopoldo de Freitas Coca
Gonzalo Herrera
Juan Barri
Mônica Schiavinatto
Ralph de Medeiros Alburquerque
Robinzon Piñeros Lizarazo
Yolima Devia Acosta

Revista NERA

Distribuída por

Indexada por

Ficha Catalográfica

Revista NERA. A.1, n. 1, 1998. Presidente Prudente: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – FCT/UNESP.

1998 – ano 1, nº. 1, nº. 2
1999 – interrompida
2000 – ano 3, nº. 3
2001 – interrompida
2002 – interrompida
2003 – interrompida
2004 – ano 7, nº. 4
2004 – ano 7, nº. 5
2005 – ano 8, nº. 6
2005 – ano 8, nº. 7
2006 – ano 9, nº. 8
2006 – ano 9, nº. 9
2007 – ano 10, nº. 10
2007 – ano 10, nº. 11
2008 – ano 11, nº. 12
2008 – ano 11, nº. 13
2009 – ano 12, nº. 14
2009 – ano 12, n°. 15
2010 – ano 13, nº. 16
2010 – ano 13, nº. 17
2011 – ano 14, nº. 18
2011 – ano 14, nº. 19
2012 – ano 15, nº. 20
2012 – ano 15, Dossiê
2012 – ano 15, nº. 21
2013 – ano 16, nº. 22
2013 – ano 16, nº. 23
2014 – ano 17, nº. 24
2014 – ano 17, nº. 25
2015 – ano 18, nº. 26, Dossiê
2015 – ano 18, nº. 27
2015 – ano 18, nº. 28, Dossiê
Semestral
ISSN 1806-6755

1. Geografia - Periódicos - Grupo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária - FCT/Unesp

ENDEREÇO

Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, 19.060-900, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil
FCT/UNESP – Bloco Docente I – Sala 19
Fone: (18) 3229-5388 – Ramal: 5552
Site: http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera - e-mail: revistanera@fct.unesp.br

Sumário

09

(NEO)EXTRATIVISMO E DESPOJO NO SUL GLOBAL: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS. INTRODUÇÃO.

(NEO)EXTRACTIVISMO Y DESPOJO EN EL SUR GLOBAL: CONFLICTOS Y RESISTENCIAS EN LOS TERRITORIOS. INTRODUCCIÓN.

(NEO)EXTRACTIVISM AND DISPOSSESSION IN THE GLOBAL SOUTH: CONFLICTS AND RESISTANCES IN THE TERRITORIES. INTRODUCTION.

Luis Felipe Rincón M.

19

PROBLEMÁTICA Y FEBRIL. UNA MIRADA A LA EXPANSIÓN DEL BIODISEL EN ARGENTINA

PROBLEMÁTICA E FEBRIL. UM OLHAR SOBRE A EXPANSÃO DO BIODIESEL NA ARGENTINA

PROBLEMATIC AND FEVERISH. A LOOK AT THE EXPANSION OF BIODIESEL IN ARGENTINA

Omar Arach

32

EXPANSÃO DA SOJA E FINANCEIRIZAÇÃO DA AGRICULTURA COMO EXPRESSÕES RECENTES DO REGIME ALIMENTAR CORPORATIVO NO BRASIL E NA ARGENTINA: O EXEMPLO DA CARGIL

EXPANSIÓN DE LA SOJA Y FINACIARIZACIÓN DE LA AGRICULTURA COMO EXPRESIONES RECIENTES DEL RÉGIMEN ALIMENTARIO CORPORATIVO EN BRASIL Y ARGENTINA: EL EJEMPLO DE CARGIL

SOY EXPANSION AND AGRICULTURAL FINANCIALIZATION LIKE RECENT EXPRESSIONS OF THE CORPORATIVE ALIMENTARY REGIME IN BRAZIL AND ARGENTINA: THE CARGILL CASE

Yamila Goldfarb

68

ORINOQUIA COLOMBIANA, LA INFLUENCIA DEL AGRONEGOCIO Y LA ACTIVIDAD PETROLERA: TERRITORIALIDADES EN DISPUTA

ORINOQUIA COLOMBIANA, A INFLUÊNCIA DO AGRONEGÓCIO E A ATIVIDADE PETROLEIRA: TERRITORIALIDADES EM DISPUTA

COLOMBIAN ORINOQUIA, THE AGRIBUSINESS AND OIL ACTIVITY INFLUENCE: TERRITORIALITIES IN DISPUTE

Claudia Yolima Devia Acosta

92

INTEGRAÇÃO NACIONAL, DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA E PROJETOS MODERNIZANTES NA AMAZÔNIA: RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA DE DESPOJO DA MINERAÇÃO RIO DO NORTE - PA

INTEGRACIÓN NACIONAL, DESARROLLO CAPITALISTA Y PROYECTOS DE MODERNIZACIÓN EN LA AMAZONÍA: RETROSPECTIVA Y PERSPECTIVA DE DESPOJO DE LA MINERÍA RIO DO NORTE – PA

NATIONAL INTEGRATION, CAPITALIST DEVELOPMENT AND MODERNIZING PROJECTS IN THE AMAZON: RETROSPECTIVE AND PERSPECTIVE OF SPOILS OF RIO DO NORTE MINING - PA

Jacob Binsztok e Mônica Carneiro

106

EXPLORAÇÃO DO CARVÃO MINERAL DE BENGA EM MOÇAMBIQUE E A EXPROPRIAÇÃO DA TERRA DOS NATIVOS: ALGUNS APONTAMENTOS REFERENTES À ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO

EXPLORATION BENGA COAL IN MOZAMBIQUE AND THE NATIVE LAND EXPROPRIATION: SOME NOTES ABOUT ACCUMULATION BY DISPOSSESSION

EXPLORATION DU CHARBON DE BENGA AU MOZAMBIQUE ET A L'EXPROPRIATION DE LA TERRE DES INDIGENES : QUELQUES NOTES SUR L'ACCUMULATION PAR LA DEPOSSESSION

Elmer Agostino Carlos de Matos e Rosa Maria Vieira Medeiros

132

MINERÍA EN MÉXICO EN EL MARCO DE LA ACUMULACIÓN POR DESPOSESIÓN

MINERAÇÃO NO MÉXICO SOB A ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO

MINING IN MEXICO UNDER THE ACCUMULATION BY DISPOSSESSION

Violeta R. Núñez Rodríguez

149

DISPUTAS TERRITORIALES EN EL VALLE DEL INTAG EN ECUADOR: DE LA RESISTENCIA SOCIAL CONTRA LA MEGA-MINERÍA A LA CREACIÓN DE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO

DISPUTAS TERRITORIAIS NO VALLE DO INTAG, EQUADOR: DA RESISTÊNCIA SOCIAL CONTRA A MEGA-MINEIRA À CRIAÇÃO DE ALTERNATIVAS AO DESENVOLVIMENTO

TERRITORIAL CONFLICTS IN INTAG VALLY, ECUADOR: FROM SOCIAL RESISTANCE AGAINST MINING ENTERPRISES TO THE DEVELOPMENT ALTERNATIVES

Juan Wahren e Agustina Schvartz

165

MEGAMINERÍA EN URUGUAY: CONFLICTOS ESTRUCTURANTES DE UN NUEVO CAMPO EN DISPUTA

MEGA-MINERAÇÃO NO URUGUAI: CONFLITOS ESTRUTURAIS DE UM NOVO CAMPO EM DISPUTA

MEGA-MINING IN URUGUAY: STRUCTURAL CONFLICTS OF A NEW FIELD IN

DISPUTE

Anabel Rieiro e Valentina Posada

186

A GUERRA DA ÁGUA NA BOLÍVIA: A LUTA DO MOVIMENTO POPULAR CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DE UM RECURSO NATURAL

LA GUERRA DEL AGUA EN BOLIVIA: LA LUCHA DEL MOVIMIENTO POPULAR CONTRA LA PRIVATIZACIÓN DE UN RECURSO NATURAL

WATER WAR IN BOLIVIA: THE STRUGGLE OF THE PEOPLE'S MOVEMENT AGAINST PRIVATIZATION OF A NATURAL RESOURCE

Nathalie Drumond

206

LA DISPUTA POR LOS TERRITORIOS RURALES FRENTE A LA NUEVA CARA DEL EXTRACTIVISMO MINERO Y LOS PROCESOS DE RESISTENCIA EN PUEBLA, MÉXICO

A DISPUTA PELOS TERRITÓRIOS RURAIS CONTRA A NOVA FACE DO EXTRATIVISMO MINEIRO E OS PROCESSOS DE RESISTÊNCIA EM PUEBLA, MÉXICO

THE DISPUTE OVER RURAL AREAS IN FRONT OF THE NEW FACE OF EXTRACTIVE MINING AND THE PROCESSES OF RESISTANCE IN PUEBLA, MEXICO.

Susana Edith Rappo Miguez, Rosalia Vásquez Toríz, Marisela Amaro Capilla e Xóchilt Formacio Mendoza

223

LA POTENCIALIDAD HEURÍSTICA DEL CONCEPTO DE ECONOMÍA DE ENCLAVE PARA REPENSAR EL TERRITORIO

A POTENCIALIDADE HEURÍSTICA DO CONCEITO DE ECONOMIA DE ENCLAVE PARA REPENSAR O TERRITÓRIO

HEURISTIC POTENTIAL OF THE CONCEPT OF ENCLAVE ECONOMY TO RETHINK THE TERRITORY

Alfredo Falero

241

LAS DIRECTRICES VOLUNTARIAS SOBRE GOBERNANZA RESPONSABLE DE LA TENENCIA DE LOS RECURSOS NATURALES Y SU APLICACIÓN DESDE AMÉRICA LATINA

A DIRETRIZ VOLUNTÁRIA SOBRE A GOVERNANÇA RESPONSÁVEL NA POSSE DOS RECURSOS NATURAIS E SUA APLICAÇÃO PARA AMÉRICA LATINA

VOLUNTARY GUIDELINES OF THE RESPONSIBLE GOVERNANCE OF NATURAL RESOURCES TENURE AND THE APPLICATION IN LATIN AMERICA

Sergio Gómez E.

265 **COMPÊNDIO EDIÇÕES**
COMPENDIO EDICIONES
COMPENDIUM EDITIONS

280 **COMPÊNDIO AUTORES**
COMPENDIO AUTORES
COMPENDIUM AUTHORS

(NEO)EXTRATIVISMO E DESPOJO NO SUL GLOBAL: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS. INTRODUÇÃO.

Nas últimas duas décadas têm acontecido a expansão das renovadas formas e mecanismos de recriação do capital. Diante da crise de superprodução de mercadorias que a demanda global não logra consumir, além das bolhas financeiras e especulativas criadas pelo mercado – a mais recente e importante no ultimo período corresponde à crise imobiliária nos Estados Unidos nos anos 2006/2007- e o predomínio do capital fictício sobre o capital dirigido à produção, tem levado aos inversores a voltar seus capitais a tradicionais lugares de refúgio: o ouro e a terra. Neste cenário, os países de América Latina em especifico, e os do Sul Global em geral, são os focos de interesse para o grande capital internacional, nos quais se têm apresentado a expansão e consolidação do modelo de acumulação capitalista a partir da espoliação dos bens comuns naturais. Assim, a região se constitui em um dos principais espaços onde este processo acontece. Com uma grande disponibilidade de bens comuns naturais como terra, reservas da água e florestas, recursos minerais e hidrocarboneto, os países de América Latina têm se convertido em foco de investimento do capital internacional nos últimos anos. Podemos resumir as principais formas deste processo em: i) modelo orientado à produção de agro-*commodities*, ii) exploração mineira, iii) projetos hidro energéticos,
iv) expropriação dos territórios para construção de infraestrutura, v) projetos imobiliários, vi) turismo e resorts, vii) *acaparamiento* de terras. Uma característica deste processo é a participação do capital estrangeiro nos investimentos, o que produz uma dinâmica de estrangeirização da terra ou *Land Grabbing* (RINCON, 2014).

Este modelo tem gerado consequências diretas sobre sistemas de produção de base familiar e os modos de vida da população que habitam as áreas rurais. Assim, nos últimos anos, de forma mais detalhada ao já exposto, estamos assistindo o desmantelamento dos sistemas tradicionais de produção e fornecedores de alimentos, em troca de produtos que se destinam apenas a grandes indústrias e aos mercados internacionais (McMICHAEL, 2005, SAUER & PEREIRA, 2012). Observa-se ainda a desterritorialização camponesa para a implementação dos projetos de extração mineral e energia, com danos ambientais graves (ALIMONDA et. al. 2011). O uso da terra tradicionalmente orientado à produção agrícola, destinada aos mercados locais e regionais, também sofre mudanças e atualmente presta-se a projetos imobiliários diversos, entre eles aqueles voltados ao turismo (CORDERO, 2006). Toda esta questão ainda tem sido facilitada por políticas governamentais sob o pretexto de que tais projetos são fundamentais para alcançarem os níveis de desenvolvimento e prosperidade que as sociedades latino-americanas desejam.

Neste contexto, Harvey (2003, 2010) aponta que no atual estágio de desenvolvimento, o capitalismo neoliberal internacional domina um processo de acumulação por espoliação, contrariando o tradicional processo de acumulação expansiva de capital; isso envolve, entre outros: a mercantilização e privatização da terra; a expulsão forçada de populações camponesas; a conversão de várias formas de direitos de propriedade comum; a supressão do direito aos bens comuns; a transformação da força de trabalho e a remoção das formas alternativas de produção e consumo. Em suma, processos de apropriação colonial, neocolonial e imperial dos ativos, incluindo os recursos naturais.

Giarraca e Teubal (2010, p.114), por sua vez, mencionam que um aspecto importante da atual fase de acumulação por espoliação está relacionado com o que eles chamam de "modelo extrativista".

> “Se trata de un modelo vinculado a los recursos naturales e impulsado con gran ahínco por las grandes empresas transnacionales que dominan

> sectores claves de la producción y tecnologías utilizadas en estos procesos. Si bien constituye un modelo remitido originalmente a la extracción de minerales –potenciado en años recientes por la minería a cielo abierto- también tiene que ver con la extracción de petróleo y con cierto tipo de agricultura como el modelo sojero y otros identificados como agronegocio".

O Sul Global, que não corresponde exclusivamente a uma categoria geográfica (não obstante a maioria de países de fato se encontrarem ao sul da linha do Equador) mas, a unificação de regiões que compartem trajetórias históricas e relações de dependência econômica e de subordinação política por parte dos países centrais, se constitui no principal epicentro onde este modelo se territorializa. Nesta perspectiva, América Latina, África Subsaariana e o Sudeste da Ásia compõem o "Sul Global", áreas que nos últimos anos – por conta das renovadas estratégias de expansão capitalista – constituíram-se nos mais recentes provedores de *commodities*, bens comuns naturais como a água, bosques, terras, biodiversidade, minerais, entre outros, que alimentam o contínuo processo de recriação e circulação do capital (ADETULA, 2008).

O modelo de espoliação do atual regime de expansão capitalista não é novo para os países da região. O extrativism*o* iniciou-se há mais de 500 anos com o despojo dos conquistadores europeus sobre as comunidades indígenas. Nesta etapa iniciou-se uma fase de apropriação do trabalho e dos bens comuns naturais e minerais para incentivar as economias centrais. Segundo Acosta, o extrativismo "*to referer to those activities which remove large quantities of natural resources that are not processed (or processed only to a limited degree), especially for export*" (ACOSTA, 2013 p. 62). O neoextrativismo introduz a função que ocupa o capital financeiro e os mercados de especulação na expansão do modelo, além da função que tem os países "fornecedores" de matérias primas, - mais acentuado onde prevalecem os governos "progressistas"-, que redirecionam parte dos ingressos obtidos do atual modelo para a incorporação de políticas redistributivas ou compensatórias para a população em condições de precariedade. Este conjunto de elementos constitui as características distintivas do atual regime de expansão capitalista em escala global.

A atual fase de acumulação capitalista por espoliação, com um modo de funcionamento global suportado predominantemente pelo capital financeiro, é distinguida pelo seu alto grau de especialização na produção de algumas *commodities*, como a cana-de-açúcar, a soja e o dendê. Coexistem ainda neste cenário pacotes altamente técnicos de sementes geneticamente modificadas, a utilização massiva de agrotóxicos e a mecanização de ponta em todas as fases da cultura. As consequências ambientais deste modelo resultam em desertificação, perda de biodiversidade, poluição de fontes de água e piora nas condições de saúde humana. Devemos acrescentar ainda a perda de áreas dedicadas à produção de alimentos e bens de consumo. Isto afeta de sobremaneira a oferta, aumenta os preços e gera dificuldade de acesso a alimentos para as populações mais vulneráveis. Assim, os conglomerados do agronegócio estão posicionados como fornecedores de alimentos baratos, negando aos produtores tradicionais o acesso ao mercado.

Com o avanço das culturas corporativas, o papel dos agricultores familiares e camponeses tem diminuído. De forma mais perversa ainda, são destituídos da condição de sujeitos produtivos e políticos, o que, de maneira incisiva, é o que garante a preservação e a reprodução de tradições, costumes e formas de se relacionar com seu território, gradualmente erodidos.

Nesta linha, pensamentos de Manzanal (2005), Teubal (2008), Fernandes et. al. (2012) e Borras, et. al. (2012), entre outros, coincidem em dizer que as políticas econômicas para o desenvolvimento agrícola em países latino-americanos têm sido caracterizadas por dar um

papel marginal à produção de economia camponesa e de pequena escala, incluída em um modelo de atraso e baixa produção, com bens que não se enquadram no mercado internacional ou são geradores de divisas estrangeiras. Por outro lado, as políticas governamentais e de organismos internacionais como financiamento, desenvolvimento tecnológico, regulamentação do comércio, entre outros, promove a expansão do agronegócio e garante os investimentos em setores de mineração, construção de infraestrutura, projetos imobiliários e resorts, que promovem a territorialização do capital e a desterritorialização das comunidades locais.

Assim, a conflitualidade socioterritorial surge do encontro e confronto entre modelos de desenvolvimento e paradigmas antagônicos (FERNANDES, 2008; 2008b; 2009). De um lado, os atores locais que garantem a preservação de um aglomerado de tradições, formas de relacionamento com o território, com o uso sustentável dos recursos, fornecedores de alimentos destinados para os mercados locais e regionais. No lado oposto, estão as corporações transnacionais, o agronegócio, representados por grupos de investimento e proprietários de terras. Estes se especializam com a incorporação de áreas, a apropriação de bens comuns e de extração de recursos. São renovadas estratégias de acumulação capitalista.

Estes mecanismos de expansão capitalista apresentam-se de múltiplas formas nas diferentes regiões. Em alguns países o domínio do agronegócio é determinante, em outros, os projetos de mineração-energéticos e de construção de infraestrutura são predominantes, isso em conjunto gera grandes transformações socioprodutivas e a perda do controle dos territórios pelas comunidades locais. Estas relações promovem a emergência de dinâmicas de mobilização pela defesa do território.

Assim, esquematicamente, identificamos os seguintes traços característicos do atual modelo:

a) o incremento da participação do capital transnacional especulativo nas diversas escalas da produção. Assim, os Estados-nação encontram-se subordinados às determinações do capitalismo global e sua ação, indiferente à vertente ideológica, tornando-se apenas reguladores e promotores deste enfoque de desenvolvimento.

b) os territórios rurais deixam sua função principal como fornecedores de alimentos e lugar de residência de significativas porcentagens da população para orientar-se como o principal reservatório de “recursos” naturais a serem apropriados pelo capital financeiro transnacional. Nesta orientação, a agricultura e os agricultores perdem sua função como produtores e seu modo de vida e praticas culturais tradicionais são ameaçados, transformando um modo de vida em uma profissão.

c) este modelo tem incrementado os problemas socioambientais por conta das graves consequências geradas pelo seu processo de territorialização. Alguns exemplos são: a perda das reservas florestais pela expansão das *agro-commodities*, a poluição gerada pela exploração de minérios, a mudança da estrutura produtiva e da paisagem por conta dos megaprojetos, a desterritorialização das comunidades camponesas de base familiar e comunitária como consequência dos empreendimentos imobiliários, turismo, de infraestrutura e *acaparamiento* de terra, que em conjunto promovem a emergência de novos conflitos socioterritoriais.

Desta maneira, nos territórios do “sul global” identificamos várias vias da expansão do atual regime capitalista de acumulação por espoliação, onde umas têm maior impacto que outras, o que determina a configuração de relações políticas, sociais, econômicas e produtivas específicas. Portanto, é difícil indicar um único mecanismo que se impõe. É mais acertado indicar que nos territórios apresentam-se múltiplas estratégias determinadas pelos interesses de apropriação do capital sobre os bens comuns.

Ainda, é importante indicar que o regime de expansão capitalista incrementa a dependência das economias nacionais às flutuações do mercado internacional por conta da reprimarização da produção. Como abastecedores de matérias-primas e recursos naturais, os países do “sul global” têm voltado de maneira significativa suas políticas e planos de

desenvolvimento orientados para a promoção destes setores e, por tanto, dependentes das divisas e ingressos destes. Por isso, na atual fase de queda dos preços internacionais das *commodities*, minerais e hidrocarbonetos, apresentam-se limitantes para garantir os programas estatais que beneficiam setores da população com renda baixa. Esta condição promove relações neocoloniais, onde países centrais e corporações subordinam os Estados-nacionais a seus interesses, assim, "the evolution of these primary export economies is characterised by the fact that their production is subordinated to and motivated by external demand. When all is said and done, neoextractivism maintains and reproduces key elements of the extractivism that dates back to colonial times" (ACOSTA, 2013 p. 73).

Com este Número Especial *(Neo)extrativismo e despojo no Sul Global: conflitos e resistências nos territórios* oferecemos uma aproximação às dinâmicas e transformações nos territórios na atual etapa de desenvolvimento do capitalismo em escala global, contribuindo com o debate e o conhecimento sobre os elementos comuns e específicos que se apresentam nos diferentes casos problematizados. Para nós é muito gratificante apresentar para a comunidade acadêmica e ao público em geral, este Número Especial que contém uma ampla variedade temática e geográfica de trabalhos, com contribuições da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Moçambique e Uruguai; nas quais se examinam diversas vias de expansão capitalista nos territórios, como são a mineração, projetos hidro energéticos, a privatização da água, a territorialização do agronegócio e as economias de enclave, entre outras. Os leitores poderão encontrar uma ampla exposição de casos de estudos onde será possível dar conta do alcance de territorialização do atual regime de acumulação do capital, ademais, das ações de resistência que as comunidades desenvolvem pela defesa do território.

Iniciamos com o artigo de Omar Arach, *Problemática y febril. Una mirada a la expansión de biodiesel en Argentina.* O aumento no preço do óleo e o incremento pela demanda das energias com origem das fontes fósseis, - dinâmicas que se agudizam com as guerras de ocupação promovidas pelos países centrais -, foram determinantes para criar as condições para que os movimentos sociais do campo, ambientalistas e consumidores conscientes a nível global trouxessem ao debate público a necessidade de diversificar as fontes energéticas sustentáveis, entre elas os biocombustíveis. Porém, rapidamente o que foi proposto como um dos mecanismos para diminuir a deterioração ambiental, promovendo além de isso, uma revisão ao modelo de desenvolvimento imperante, foi apropriado pelas grandes corporações internacionais que monopolizam a produção mundial de biocombustíveis, gerando com isso impactos negativos principalmente com incrementos nos preços dos alimentos, a desterritorialização de comunidades locais, a expansão da fronteira agrícola e o desmatamento em amplas regiões dos países produtores. Além disso, este modelo produtivo requer para sua realização grandes quantidades se insumos agroquímicos, maquinaria e processos industriais, transformando o sistema em um grande consumidor de energia, o que abre o debate sobre os supostos benefícios ambientais que a produção de biocombustíveis em grande escala pode trazer. O autor faz uma análise para o caso argentino do processo de territorialização das culturas para a produção dos biocombustíveis, que têm o apoio do governo central, favorecendo aos produtores empresariais, que por sua vez são contrários a realizarem qualquer ação de regulação sobre o setor. Assim, o debate não é sobre o modelo e sim sobre qual é a forma de redistribuição dos ganhos econômicos. Configura-se assim para o caso argentino o que o autor chama como o *consenso do óleo*, que faz referência às relações de produção, transformação, políticas, apoio institucional, leis que promovem e garantem a viabilidade econômica do modelo de produção de biodiesel no país, aprofundando as relações de dependência com as grandes corporações transnacionais e deteriorando os bens comuns naturais em busca do *desenvolvimento* sempre desejado, mais também, sempre esquivo.

Yamila Goldfard, com *Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o exemplo da*

Cargill, apresenta como a sucessão de diversas ações ao nível econômico, como foi a criação de instituições internacionais de comércio, mudanças nas políticas internas nos países, a diminuição na oferta de matérias primas para a elaboração de suplementos alimentares para animais nos países tradicionais e o aumento nos preços internacionais das *commodities* agrícolas, levaram a um incremento na superfície cultivada de soja nos países de América do Sul. A autora faz a análise de como este processo se desenvolve no Brasil e na Argentina, principais produtores da região, determinado pelo que ela define como o Regímen Alimentario Coorporativo Financeiro. Este regime promove a territorialização do agronegócio da soja nos dois países com um importante componente de financeirização de bancos e grupos de investimento, o que leva a que o atual regime tenha um forte caráter especulativo orientado para a produção de *commodities*. O mercado de futuros constitui-se em uma ferramenta importante para o mercado financeiro na atualidade. Em 2004 conseguiu superar por 60 vezes o mercado acionário, diz a autora. Assim, é fundamental dizer que este modelo de desenvolvimento da agricultura capitalista foi promovido por grandes corporações financeiras nos dois países, excluindo os produtores de base familiar. Para finalizar, a autora indica que além das negativas problemáticas que tem o modelo da produção de *commodities*, é importante mostrar o papel ativo que os Estados têm em promover e fomentar este modelo de produção.

Claudia Yolima Devia, com *Orinoquia colombiana, a influência do agronegócio e a atividade petroleira: Territorialidades em disputa,* faz a análise para o caso colombiano, no qual a questão agrária, como na maior parte dos países da região, caracteriza-se pelas formas de apropriação e concentração desigual da terra. Na Colômbia com especial ênfase, a terra além de ter uma importância como meio de produção, seu controle tem como objetivo central garantir o poder socioterritorial de latifundiários, as atividades especulativas e a lavagem de dinheiro do narcotráfico. Isso leva a que grandes áreas sejam improdutivas. Estas relações, além de outras, têm levado a manter o conflito social e político armado por mais de seis décadas no país. A autora se propõem a estudar as dinâmicas de expansão das relações capitalistas de produção na região da Orinoquia colombiana desde uma perspectiva territorial, orientando sua análise pelos diferentes tipos de territórios: território da soberania, território da propriedade privada e o território fluxo. Para o caso estudado, a autora apresenta como na atual fase de expansão do capital, áreas tradicionalmente excluídas, têm ganhado um renovado interesse para a expansão do agronegócio. Isto leva a relações de espoliação e à emergência de conflitos socioterritoriais com as populações locais afetadas pelo atual esquema de desenvolvimento.

Jacob Binsztok e Mônica Carneiro, com *Integração Nacional, Desenvolvimento Capitalista e Projetos Modernizantes na Amazônia: retrospectiva e perspectiva de despojos da Mineração Rio do Norte – PA,* centram sua análises nas múltiplas estratégias de expansão capitalista por espoliação na região amazônica brasileira, com ênfase no Estado de Pará. A amazônia ocupa um papel central nos interesses de expansão do capital pela privatização e espoliação dos bens comuns naturais, ex., madeira, construção de usinas, extração de minerais, entre outros. Nesta perspectiva, a construção de estradas tem servido para o impulso das dinâmicas de espoliação no território, com nefastas consequências ambientais e sociais para a população local. Todos estes projetos orientados pelos interesses expansivos do capital, dizem os autores, têm levado a múltiplos fracassos, gerando altos passivos ambientais e não levam em consideração as necessidades das populações locais e o equilíbrio ambiental. A partir da perspectiva dos enclaves para a exportação que determinam relações coloniais ligadas à espoliação de bens comuns naturais, se apresenta uma dinâmica de colonialismo interno impulsionado pelas empresas da região Sul e Sudeste com o objetivo de apropriar-se de recursos da região Amazônica, Nordeste e Centro-Oeste. Os autores expõem quais são os principais problemas da dependência do modelo de espoliação, especificamente da mineração,

que configura relações de enclave no território, promove a emergência de conflitos socioterritoriais e não impulsiona o desenvolvimento econômico e social na região.

Elmer Agostinho Carlos Matos e Rosa Maria Vieira Medeiros, *Exploração do Carvão Mineral de Benga em Moçambique e a Expropriação da Terra dos Nativos: alguns apontamentos referentes à acumulação por espoliação.* Com a aproximação ao caso da territorialização dos megaprojetos mineiros em Moçambique acentua-se o caráter global que tem o atual regime de acumulação capitalista. Depois de ter logrado a independência em 1975 e promover reformas como a socialização da terra, as crises do bloco socialista geraram mudanças, tais como a liberação para o investimento estrangeiro.. Moçambique tem um importante papel na atualidade, além do sistema de produção do agronegócio com orientação à produção de *commodities* para a exportação, o modelo de mineração leva a grandes mudanças na estrutura social e produtiva das comunidades tradicionais, acrescentando à longa história de relações de subordinação econômica aos interesses coloniais e neocoloniais. Este processo, dizem os autores, materializa-se em Moçambique com as mudanças nas leis de terras e minas para favorecer o investimento estrangeiro orientado a grandes projetos com nefastos impactos nos territórios. Este é o caso da transnacional mineira Rio Tinto na região das minas de Benga, que impõe sua influência e poder político/econômico para favorecer os projetos mineiros levando à destruição de relações sociais e produtivas tradicionais.

Violeta R. Núñez Rodríguez, com *Mineração no México sob o Acumulação por Espoliação*, diz que com a introdução da Lei Mineira de 1992 no México, que liberou a privatização do processo de exploração de minerais –anteriormente, o Estado tinha o monopólio- se percorre o caminho em direção ao aprofundamento da dinâmica de apropriação e espoliação dos territórios. Assim, a autora mostra como a atividade mineira no México nas últimas duas décadas tem passado por um importante processo de expansão na qual foram outorgados cerca de 62 milhões de hectares do território nacional, levando ao surgimento de conflitos socioterritoriais. As atuais dinâmicas de expansão capitalista podem ser explicadas como parte do regime de acumulação por espoliação em andamento, que é o mecanismo por meio do qual o capital se recria ante as crises de sobreacumulação. A mineração se constitui em uma das principais vias deste processo, por meio da apropriação da natureza nos territórios de América Latina, e em especial no México. A autora expõe como o setor mineiro no país tem logrado uma acelerada expansão por meio dos investimentos privados, sejam de empresas nacionais ou estrangeiras, o que deixa a México como um dos principais focos de interesse dos investidores para aprofundar o modelo de espoliação.

Juan Wahren e Agustina Schvartz, com *Disputas territoriais no Valle do Intag, Ecuador: Dela resistência social contra a mega-mineira a lá criação de alternativas ao desenvolvimento*, expõem como a mineração em grande escala no Equador constitui uma via de territorialização do capital na fase de acumulação por espoliação, neste caso em particular, é importante reconhecer a atuação que têm as comunidades locais, que de maneira emancipadora, geram ações de resistência, tais como: protestos, além de outras ações orientadas à elaboração de projetos produtivos, atividades culturais e dinâmicas organizativas em resposta/resistência às imposições hegemônicas do capital. Com base nas categorias de *movimentos socioterritoriais* e *territórios insurgentes,* os autores fazem o analise da conflitualidade persistente entre os projetos de desenvolvimento e as intencionalidades que estão em oposição. O projeto de mineração em grande escala no Valle del Intag constitui uma das estratégias de mercantilização da natureza característica da atual fase de acumulação por espoliação, dizem os autores. Assim, a mineração integra-se com outras vias de expansão do capitalismo extrativo nos territórios de América Latina, onde é predominante a perspectiva neo-desenvolvimentista, promovida principalmente pelos governos progressistas da região. Para o caso do Valle del Intag, os autores evidenciam como a região esteve e ainda se encontra sob a ameaça da materialização dos projetos extrativos promovidos pelo capital transnacional e que conta com o

apoio do governo nacional, em contradição aos princípios de "direitos da natureza" presentes na constituição. Em resposta, as comunidades locais vêm desenvolvendo diversas ações de resistência sejam ao nível social, produtivo ou cultural, que têm significado a materialização de um modelo de desenvolvimento territorial alternativo, além disso, constitui uma via possível de desenvolvimento ligado às comunidades locais, em contraposição ao modelo extrativo promovido pelo capital.

Anabel Rieiro e Valentina Posada com *Mega-mineração no Uruguai: conflitos estruturais de um novo campo em disputa*, nos introduz a um dos temas que na escala internacional tem ganhado pouco reconhecimento sobre o desenvolvimento do capitalismo no país que é a mineração. O Uruguai tem se caracterizado historicamente pelo desenvolvimento da agricultura e a criação de gado orientado para a exportação, mas nos últimos anos, vêm-se diversificando as vias de expansão do capital e o país vem ocupando um lugar de interesse para os investimentos do capital transnacional via apropriação dos bens comuns naturais. Um caso representativo constitui-se a pastera Botnia que se converteu em um motivo que gerou tensões binacionais pelos impactos ambientais que o empreendimento geraria. No artigo, as autoras apresentam o caso do projeto de mineração em grande escala que ameaça gerar grandes impactos ambientais e sociais no território, além de aprofundar as relações de subordinação do Estado aos interesses do capital transnacional. As autoras apresentam as diferentes facetas, debates, interesses e conflitos que emergem com a territorialização destes projetos, assim, se confrontam os interesses empresariais, dos governos e o Estado na sua faceta de regulação e promotor, e os interesses da população local e dos movimentos socioterritoriais em defesa do território e em denúncia das "externalidades negativas" que o modelo produz. Para concluir, as autoras apresentam o debate sobre a dependência que os governos nacionais – para o Uruguai pode-se falar que faz parte da tendência progressista dos governos em América Latina- têm em relação ao capital transnacional, já que este tipo de exploração extrativista gera divisas e dinheiro que os governos requerem para garantir as políticas compensatórias que favorecem a amplos setores da população. O debate fica aberto.

Nathalie Drumond, com *A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural* mostra como a década de 1990 foi para a Bolivia –como para a grande parte dos países da região- o período da materialização das imposições neoliberais orientadas a diminuir o Estado por meio da privatização de seus principais ativos. Em pouco tempo se realizou a privatização de empresas públicas do setor de hidrocarboneto, telecomunicações, transportes e fornecedoras de eletricidade o que levou à geração de protestos contra estes processos. Assim, a Bolívia constitui-se em um dos principais exemplos onde este processo acontece e que posteriormente se generaliza por toda a região, com predomínio no controle dos bens comuns naturais – gás e a água-, mas também, um exemplo das lutas e resistências pela defesa destes. Com uma detalhada descrição dos acontecimentos que marcaram a "guerra" da água, a autora nos apresenta como, por meio da ação corrupta das instituições públicas para favorecer interesses econômicos internacionais, o acesso popular a um bem comum vital como é a água é limitado pela via da privatização. Isto reflete na resposta da população de maneira organizada sob a ótica da *Democracia da Água, ou seja*, a ação política coletiva que a população desenvolve ante a carência de uma participação efetiva que impõe as democracias neoliberais. Assim, a água, na fase de expansão capitalista de acumulação por espoliação, constitui-se em um dos bens comuns naturais mais demandados pelo capital financeiro transnacional em sua necessidade de recriar o capital. Como a autora conclui, Cochabamba deixa grandes lições para a América Latina toda, entre elas é que a resistência social pode levar a construir formas alternativas de gestão dos bens comuns para o benefício da população.

Susana Edith Rappo Miguez, Rosalia Vásquez Toríz, Marisela Amaro Capilla e Xóchilt Formacio Mendoza, *A disputa pelos territórios rurais ante a nova cara do extrativismo mineiro e*

os processos de resistência em Puebla, México, apresentam as formas como o território revaloriza-se e se resignifica a partir dos novos interesses expansionistas do capital extrativo, em especial, o modelo de mineração no Estado de Puebla. O setor da mineração historicamente não teve uma grande participação na atividade produtiva e econômica na região, mas o incremento dos preços internacionais das *commodities* e o aumento na demanda de minerais por amplos setores da produção levaram a região a se constituir em um importante foco de interesse para o capital, e com isto, a emergência de conflitos pela disputa e defesa do território. Os conflitos, dizem as autoras, centram-se na denúncia dos impactos ambientais que esta atividade gera, mudanças no uso e aproveitamento da terra e mudanças na paisagem. As autoras fazem uma descrição das relações econômicas que estão implícitas no modelo extrativo da mineração e o papel facilitador que o governo central tem para impulsionar este tipo de projeto. Descrevem também os diversos impactos negativos sobre o ambiente e nas comunidades locais e as relações de desigualdade que estão implícitas entre os ganhos coorporativos e as contribuições que esta atividade deixa nos territórios, denominando estes projetos como *projetos de morte.* Por fim, elas expõem o papel organizativo das comunidades que são a esperança pela resistência ante o despojo do território.

Alfredo Falero, com *A potencialidade heurística do conceito de economia de enclave pra repensar o território*. Frente ao modelo desenvolvimentista promovido pelos diversos governos da região independente da sua tendência política, e a consolidação do processo de re- primarização da produção, o autor mostra que em 2010, 42% do total da produção na América Latina estava concentrada neste setor. Isto leva à necessidade de aprofundar o debate teórico para compreender este processo, e é nesta perspectiva que ele se propõe a debater a potencialidade do conceito de economia de enclave. Falero aproxima-nos desta perspectiva a partir do estudo do caso da zona franca Zonamérica em Montevidéu. Ele evidencia as relações econômicas e sociais que podem ser caracterizadas como economia de enclave, mas também outras que não se aproximam destas, como é a pretensão de expandir as relações e as conexões com a economia nacional. Expõem assim, as renovadas formas como se expandem as relações produtivas, neste caso as que têm relação com a prestação de serviços, onde se subordina as autonomias dos Estados-nacionais para favorecer as relações de acumulação de capital. Para finalizar, Falero apresenta como síntese, os principais lineamentos a partir dos quais a abordagem o conceito de economia de enclave pode contribuir à análise dos atuais processos de desenvolvimento do capitalismo em nossa América Latina.

Esta edição do Número Especial é encerrada com o artigo de Sergio Gomez, *A Diretriz Voluntária sobre a governança responsável na posse dos recursos naturais e sua aplicação para América Latina.* Como parte das iniciativas internacionais em procura da solução das problemáticas de uso, aproveitamento e a correta exploração dos recursos naturais, que levem a melhorar as condições de vida da população, principalmente nos países em via de desenvolvimento, a FAO vem desenvolvendo há alguns anos as Diretrizes Voluntárias que têm o objetivo de constituir-se em uma ferramenta e princípios de ação que permitam a concretização de acordos entre os diferentes atores e sujeitos que têm interesses sobre as formas de uso e aproveitamento dos recursos e sua exploração, sejam na agricultura, pesca ou usos florestais. Como o autor expõe, esta iniciativa ganha relevância na atualidade da América Latina que enfrenta complexos processos de espoliação do território pela via da mineração, projetos energéticos e turismo, além de consolidarem-se os processos de Land Grabbing, que têm levado ás dinâmicas de concentração da terra maiores que na década de 1960 (o que já teria justificado a realização de uma reforma agrária geral). A iniciativa é produto do amplo debate entre diferentes setores da sociedade e contam com o respaldo de organizações sociais, setores acadêmicos, governos e instituições como a FAO. É importante indicar que em sua base predomina a noção do consenso, na qual os distintos atores e sujeitos involucrados em uma determinada decisão vão escolher a melhor solução. No entanto, esta noção não

reconhece as relações de poder e o conflito que surge por conta dos interesses contraditórios em disputa. Fica também aberto o debate sobre o papel do Estado uma vez que para seu êxito, as Diretrizes devem ser aplicadas em contextos no qual haja garantias sociais, políticas, participativas, econômicas e culturais da população, realidade excepcional nos países da região.

Por fim, agradecer aos autores pelas suas contribuições, aos pareceristas e aos Editores da Revista Nera pela sua ajuda neste Numero Especial.

Referencias

ACOSTA, A. Extractivism and neoxtractivism: two sides of the same curse. In: LANG, M.; MOKRANI, D. **Beyond Development.** Alternative visions from Latin America. Amsterdan/Quito: Transnational Institute/Rosa Luxemburg Fundation. Pg. 61-86. 2013.

ADETULA, V. Impact of new global trade regimes on relational integration processes in the South. In **South-south collaborative programme.** Dakar: Codersia-Apisa-Clacso Occasional Paper Series, 2008.

ALIMONDA, H. et. al. **La naturaleza colonizada.** Ecología política y minería en América Latina. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, 2011.

CORDERO U, A. **Nuevos ejes de acumulación y naturaleza.** El caso del turismo. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

FERNANDES, B. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, A. M. (Org.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil.** Campinas, Unicamp. 2008.

FERNANDES, B. Entrando nos territórios do território. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. **Campesinato e territórios em disputa.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008b.

FERNANDES, B. Sobre la tipología de los territorios. En: **Land Research Action Network.** [Online], Manila EE.UU. Disponible en: <http://www.landaction.org>. 2009. Acesso em: 30 de out. 2015.

FERNANDES, B.; WELCH, C.; GONÇALVES, E. Land Governance in Brazil. **Framing the Debate Series,** n° 2, ILC, Rome. 2012.

HARVEY, D. **The new imperialism.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

HARVEY, D. **El enigma del capital y las crisis del capitalismo**. Madrid: Ediciones Akal, 2010.

GIARRACA, N. TEUBAL, M. Disputas por los territorios y recursos naturales: el modelo extractivo. **Revista ALASRU nueva época,** Montevidéu, 5: 113-133. 2010.

MANZANAL, Mabel. Regiones, territorios e institucionalidad del desarrollo rural. **Primeras Jornadas Desarrollo Rural en su perspectiva Institucional y Territorial. CEIL-CONICET / UBA / UNR.** Buenos Aires. 2005.

McMICHAEL, Philip. Global development and the corporate food regime. **Research in Rural Sociology and Development,** Bingley, 11: 269-303. 2005.
RINCÓN, L. F. Neoextrativismo e desenvolvimento territorial rural em regiões camponesas: um estudo comparado em Argentina, Brasil e na Colômbia. **Anais...** *XI Congreso Nacional de Sociología*. Ponencia, Medellín: Universidad de Antioquia. 2014.

SAUER, S.; PEREIRA, S. Agrarian structure, foreign investment in land, and land prices in Brazil. **The Journal of Peasant Studies,** Florence, 39 (3-4): 873-898. 2012.

TEUBAL, M. **O campesinato frente à expansão dos agronegócios na América Latina**. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. **Campesinato e territorios em disputa.** São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 139-190.

Luis Felipe Rincón M.
Pesquisador de Pós-doutorado Unesp - Bolsista Fapesp
e-mail: feliperinconm@gmail.com
(Editor dessa Edição Especial da Revista NERA)

Problemática y febril. Una mirada a la expansión del biodiesel en Argentina

Omar Arach
Centro de Estudios Avanzados-Universidad Nacional de Córdoba.
e-mail: omararach@gmail.com

Resumen

La producción de biodiesel ha tenido una expansión acelerada en la Argentina. El país comenzó a producir biodiesel en el 2007 y actualmente es el cuarto productor mundial. Esta expansión se explica por la confluencia de múltiples factores, entre los cuales las medidas de política pública no son menores. En el presente trabajo me centro en el análisis de las principales medidas adoptadas desde el Estado para favorecer esta expansión así como en los principales argumentos a través de los cuales se ha tratado de promocionarla y justificarla. En particular me interesa explorar el proceso de convergencia entre los principales agentes económicos a cargo de la actividad económica y la dirigencia política a cargo del Estado, mediante una serie de arreglos (no sin tensiones ni conflictos) que hacen parte de lo que en un trabajo anterior llamé el "consenso oleaginoso".
Palabras clave

Palabras claves: Agronegocios. Consenso Oleaginoso. Nacional Desarrollismo

Problemática e febril. Um olhar sobre a expansão do biodiesel na Argentina

Resumo

A produção de biodiesel teve uma rápida expansão na Argentina. O país começou a produzir biodiesel em 2007 e é atualmente o quarto maior produtor. Essa expansão é explicada pela confluência de muitos fatores, incluindo as medidas de ordem pública. Neste trabalho eu vou me-centrar na análise das principais medidas tomadas pelo Estado para facilitar essa expansão, bem como os principais argumentos colocados para promovê-la e justificá-la. Em particular, eu estou interessado em explorar o processo de convergência entre os principais agentes no comando da atividade econômica e as lideranças politicas a cargo do Estado, através de uma série de arranjos (não sem tensões ou conflitos) que fazem parte do que eu chamei o "consenso oleaginoso" num trabalho anterior.

Palavras-chave: Agronegocio. Consenso Oleaginoso. Nacional-Desenvolvimentismo

Problematic and feverish. A look at the expansion of biodiesel in Argentina

Abstract

Biodiesel production had a quick expansion in Argentina. This country started to produce biodiesel in 2007 and now is the fourth world producer. This expansion is explained by confluence of several factors, one of them is the public policy. In this paper I analyse the main measures adopted by State to boost this expansion as well as main arguments used to promote it and justify it. Particularly, I am interested in explore the process of convergence among agents in charge of economic activities and political representatives in charge of State, throughout different agreements (no without conflicts and tensions) which are part of what I named “oleaginous consensus” in a past work.

Keywords: Agribussines. Oily Consent. National-DevelopmentsmResumen

Introducción

El presente artículo consiste en un conjunto de reflexiones en torno al desarrollo del biodiesel (combustible en base a aceite de soja) en la Argentina. Por una parte me interesa mostrar, de manera panorámica, la expansión de este producto y la composición del sector que se encarga de generar el mismo[1]. Por la otra, repasar las principales medidas políticas impulsadas para favorecer el negocio, como un medio para pensar las relaciones existentes entre los sectores empresariales involucrados en el negocio del biodiesel y los sectores gubernamentales encargados de establecer las regulaciones para el mismo. Finalmente, es de mi interés revisar algunos de los argumentos bajo las cuales se ha justificado esta expansión, lo cual, en conjunto con los puntos desarrollados anteriormente, nos ofrecen referencias para reflexionar acerca de la concepción de desarrollo subyacente a las decisiones gubernamentales, así como de las paradojas presentes y dilemas futuros que genera esta situación.

El debate global en torno a los agrocombustibles (de los cuales el biodiesel es uno de sus componentes) comenzó hace un par de décadas. En poco tiempo, una medida cara al pensamiento ecologista en tanto tecnología apropiada para responder a demandas de pobladores y productores locales, pasó a ser enarbolada por los gigantes de la energía y la alimentación como una solución providencial para reemplazar a las energías fósiles, responsabilizadas por el cada vez más inocultable cambio climático global. Rápidamente se reunieron una serie de argumentos ambiental y socialmente razonables para dar legitimidad a un producto que significaba la posibilidad de ampliar el proceso de acumulación capitalista y profundizar el control por parte de las grandes corporaciones de algunos de los resortes fundamentales para la reproducción material de las personas en el planeta (y por ende de la reproducción de la fuerza de trabajo). Frente a esto se levantaron voces críticas que aún continúan subalternizadas, a pesar de las sensatez de sus argumentos: la promoción del biodiesel, a esa escala y bajo esas condiciones, iba a significar un alza en el precio de los alimentos y una expansión de monocultivos de gran escala con sus consecuencias ya conocidas (invasión de áreas indígenas y campesinas, deforestación, despoblamiento rural,

[1] El análisis abarca hasta el año 2013. En el 2014, producto de la abrupta constricción del mercado europeo a causa de las medidas arancelarias allí tomadas, se generó una repentina caída en las ventas que detuvo repentinamente la acelerada curva de crecimiento de la actividad. Cómo se va a reacomodar el sector a esta circunstancia, es algo todavía para analizar y que queda fuera de los alcances de este artículo.

deterioro del suelo, erosión de biodiversidad, contaminación de suelo, agua y aire, entre los principales).

Este debate, que implicó intensas discusiones en escenarios de discusión global, con capítulos especiales en aquellos países donde los agrocombustibles fueran impulsados (palma aceitera, caña de azúcar, maíz, soja), en Argentina pasó casi inadvertido[2]. Paradójicamente, la promoción del biodiesel prosperó bajo una serie de medidas específicas impulsadas por el gobierno, en el mismo período en el que este mantenía una contienda pública con algunos de los sectores beneficiados por esta expansión[3]. Es sobre este aspecto paradojal sobre lo que me quiero explayar al final de esta presentación, porque a pesar de la particularidad del "caso argentino", interpela fuertemente la concepción de desarrollo puesta en acto por los gobiernos progresistas en América Latina[4].

Referencias conceptuales

La expansión del biodiesel se dio en el marco de la profundización del Modelo de Agronegocios en el país. Por a**gronegocio**s entiendo aquellas actividades tendientes a la acumulación de capital a partir de inversiones en el sector agropecuario, bajo modalidades y condiciones características de la **agricultura globalizada**. Carla Grass (2012) describe muy bien sus rasgos:

> "… a) modalidades novedosas de tenencia de la tierra y de arreglos financieros, comerciales y de organización para la producción; b) incremento de la concentración y transnacionalización del sector proveedor de insumos y de las empresas comercializadoras; c) intensificación en el uso de los distintos factores de la producción junto con cambios tecnológicos en la

[2] Para un visión crítica sobre los agrocombustibles se pueden ver Altieri y Bravo (2007), Porto Gonzalves (2008), Houtart (2009)

[3] En el año 2008, se produjo una rebelión fiscal, liderada por las principales entidades que representaban al sector agroempresarial, ante un intento gubernamental de elevar el porcentaje de pago por los derechos de exportación de soja. El conflicto se extendió durante varios meses, adquiriendo una centralidad inédita en la vida política del país. Las tensiones entre el "campo" y el "gobierno", tal cual se lo nominó habitualmente en la prensa masiva, se extendieron por los años venideros, en una polarización que para algunos representaba la histórica lucha entre la oligarquía agraria y los intereses populares, y para otros la, también histórica, puja entre la burocracia parasitaria y el sector productivo.

[4] La discusión sobre el "desarrollo" en Latinoamérica viene desde el mismo momento en que esa noción fue transferida al centro de la escena política como el principal objetivo a alcanzar por las sociedades, durante la segunda mitad del siglo XX. El debate se centró sobre si la mejor forma de "desarrollarse" era mediante la liberación de las fuerzas de mercado, la regulación estatal o el establecimiento de un nuevo modo de producción. A pesar de las enormes diferencias entre los distintos estilos desarrollistas (liberal, cepalino, dependentistas, etc.) había coincidencia en que el desarrollo era algo deseable, que se podía medir, que se realizaba adentro de los dominios estatal nacionales y que la nación era el sujeto de desarrollo (ver Sutcliffe, 1995). Esta visión predominó casi con exclusividad entre los grupos que disputaban el poder de estado y en el clima intelectual que lo rodeaba. Sin embargo ya por entonces se pueden observar fuertes críticas al desarrollismo (ver Illich (2011), Furtado (1974)). Incluso entre los líderes políticos se pueden reconocer ecos de algunas de estas críticas (ver por ejemplo el mensaje de Perón a los pueblos del mundo, en las vísperas de la primera conferencia sobre ambiente y desarrollo, convocada por la ONU en el año 1972 (http://www.ambiente.gov.ar/?idarticulo=5187). La popularidad de la noción de desarrollo entró en crisis, a partir de los 80, entre otras cosas a causa de los perniciosas consecuencias sociales, culturales y ambientales, de los programas desarrollistas. Pero a comienzos del siglo XXI, se produjo un regreso de la "ilusión desarrollista" (Gudynas, 2011), en simultáneo con la aparición de gobiernos progresistas, surgidos en muchos casos de largas luchas de insurrección popular. El debate ha vuelto ha instalarse en los últimos años, especialmente con la crítica al "consenso de los commodities" (Svampa, 2012) predominante en los gobiernos latinoamericanos. La discusión es sobre el desarrollo, sobre formas de desarrollo alternativo o sobre alternativas al desarrollo (Lang, 2011).

> calidad de los insumos e innovaciones genéticas; d) importancia de las lógicas de valorización financiera - a diferencia de las formas de creación de valor clásicas - y sus consecuencias en términos del aumento de la velocidad de rotación del capital; e) procesos de regionalización de las grandes empresas productoras que incluyen la participación de capitales no agrarios, nacionales y extranjeros; f) aumento de la concentración de la tierra, proceso acompañado por un incremento de su extranjerización; g) ampliación de la lógica del mercado en la asignación de recursos y políticas públicas que favorecen la expansión del agronegocio en detrimento de las políticas de apoyo a la agricultura familiar y campesina…" (GRASS, 2012, p, 7).

El vector fundamental de esta expansión fue el Complejo Oleaginoso. Por **Complejo Oleaginoso** entiendo al conjunto de agentes involucrados en la producción, procesamiento y comercialización de semillas oleaginosas, en todas las fases del proceso de valorización capitalista (desde la investigación tecnológica hasta el consumo final)[5]. El **complejo oleaginoso** comprende un conjunto variado de capitales, en el que se destaca un núcleo concentrado de **corporaciones** que controla el negocio a nivel global y a nivel nacional[6]. Este conglomerado de agentes es parte integral de lo que Porto Gonçalvez (2008) llama el complejo corporativo técnico-científico-agroindustrial-financiero-mediático, con una gran capacidad de lobby sobre las instituciones públicas.

Yamila Goldbarg (2013) utiliza la noción de **Régimen Alimentario Corporativo**, entendido como una forma predominante de producción, distribución y consumo de alimentos controlado por grandes corporaciones y donde el alimento es fundamentalmente un medio para la valorización del capital (siendo también un medio para la reproducción de la fuerza de trabajo).

> "… o Regime Alimentar é, em primeiro lugar, uma forma de produção e circulação de valor, antes que de alimento propriamente dito. No Regime Alimentar Corporativo, isso se dá em especial por meio da atuação de grandes corporações, no entanto, a ideia de que uma corporação avança sozinha, pelas próprias pernas e assim conquista o monopólio de determinados setores como mérito por sua administração eficiente é falsa e perigosa, pois esconde as verdadeiras relações que se estabelecem entre os diversos agentes da economia e da política. Podemos chamar o atual Regime Alimentar de Corporativo justamente porque as corporações se constituem como o principal agente da produção, distribuição e comercialização (em especial desses dois últimos) dos alimentos no mundo, mas o fazem a medida que sua capacidade de influenciar políticas agrícolas, comerciais e de abastecimento aumenta. Mas como se faz isso? Uma das estratégias constitui em justificar para a sociedade que os interesses da empresa são, na realidade, os interesses do país, afinal de contas tamanha dominação requer um mínimo de consentimento" (GOLDFARB, 2013, p. 257).

---

[5] Aunque su cara más visible sea el empresario agrícola, el complejo está compuesto además por proveedores de insumos (maquinarias, fertilizantes, biocidas, semillas); agroindustrias (aceiteros, harineros, biocombustibles); comercializadores y acopiadores (bolsas de comercio, centros de corredores, comisionistas, consignatarios); empresas de servicios (aseguradoras, entidades financieras) y de biotecnología; organismos de ciencia y técnica; gremios, corporaciones agrícolas y cámaras empresariales; colegios profesionales, medios de comunicación

[6] La composición de la estructura productiva del complejo oleaginoso observa un importante grado de concentración y extranjerización. Actualmente hay 73.000 productores involucrados en la producción de granos de soja. El 54 % de la misma está concentrada en el 6 % de los productores que operan en explotaciones de más de 1.500 has. (MECON, op.cit.). Siete empresas controlan más del 80 % de la exportación de granos Cinco empresas controlan más del 80 % del comercio de aceite. Seis empresas controlan casi el 90 % de los derivados de soja vendidos al exterior. Cuatro empresas producen más de la mitad del biodiesel (MECON, op.cit.)

Esto implica no sólo atender a las dimensiones económicas y productivas sino también a la política, pues este monopolio no se establece sino a través de un constante proceso de conquista institucional[7] y captura comunitaria[8]. La noción de consenso/consentimiento, entonces, remite a una serie de acuerdos entre partes con intereses diferentes, pero también sugiere la subordinación del conjunto a las premisas conceptuales colocadas por los intereses dominantes[9].

Peter Newell (2009) acuñó el concepto de Biohegemonía para referir a los alineamientos de poder material, institucional y discursivo a fin de lograr el consenso que sostiene un determinado modelo de desarrollo. El concepto de Biohegemonía remite a una configuración estratégica (bloque histórico) que reúne al capital corporado, actores estatales y sectores de la sociedad civil en procura de elevar los intereses particulares del bloque en asuntos de interés general. Así, mediante una "guerra de posiciones" que implica la permanente conquista de espacios institucionales, se trata de convencer que el modelo de los agronegocios constituye la forma más adecuada para mejorar los rendimientos agrícolas y satisfacer las necesidades alimentarias de la población.

Rápido y furioso. Una panorámica sobre la expansión de la industria del biodiesel en Argentina

Argentina inició la aventura de la producción del biodiesel en el despertar de este "fabuloso negocio" a nivel mundial, a mediados de la primera década de este siglo. La industria del biodiesel fue celebrada como uno de los sectores más dinámicos de la economía Argentina, alcanzando en sus primeros años una tasa de crecimiento del 33 % (RECALDE, 2012) llegando a ser en la actualidad el tercer productor mundial de biodiesel. En poco tiempo se desarrolló una capacidad instalada basada en plantas de grandes dimensiones, mayores a cualquiera de las existentes en otras partes del planeta[10]. La demanda de granos de estas plantas llegó a exceder la oferta nacional, al punto que Argentina se convirtió también en importador de granos de soja para abastecerlas[11]

Este desarrollo estuvo acompañado por una batería de medidas gubernamentales que incentivaron su expansión. En el año 2001 se formuló el Plan de Competitividad para el Biodiesel y en el 2004 se lanzó el Programa Nacional de Biocombustibles de la Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos (SAGPyA). En ese marco se empezó a gestar el proyecto de Ley de biocombustibles, que fue aprobada en mayo del 2006 con el nombre

[7] Me refiero a la ocupación de puestos estratégicos en los tres poderes de estado para dar viabilidad al negocio, así como en las principales instituciones de ciencias y técnica y los espacios de formación de profesionales para el sector.

[8] La noción de captura comunitaria fue elaborada por Garibay Orozco (2010), para dar cuenta de los dispositivos expropiatorios llevados adelante por las corporaciones mineras. Se refiere al modo en que logran un control territorial a partir de colonizar los principales dominios organizativos e institucionales que operan a nivel local. La noción puede hacerse extensiva al modo en que se territorializa el capital corporativo agrario.

[9] Entre estas premisas se pueden mencionar que la agricultura capitalista e industrial es más eficiente y productiva que otras formas de producción agrícola, que las innovaciones tecnológicas que la misma introduce son un recurso providencial para afrontar la escasez de recursos productivos y la demanda creciente de alimentos, que el incremento de las exportaciones se traduce automáticamente en bienestar general, que la gran escalas constituye una virtud en si misma, entre otras

[10] "…cercana a las 110.000 toneladas, mientras que en la Unión Europea es de 89.400, en Brasil 70.450 y en Estados Unidos 46.400…" (RECALDE, 201).

[11] "Argentina es hoy el mayor exportador mundial de harina y aceite de soja, pero es el tercer productor mundial de soja sin elaborar. Como consecuencia, este país ha ganado un creciente rol como importador de soja con el fin de procesar esa materia prima y reexportarla como alguno de los dos productos antes mencionados" (HilberINTAbiodiesel:29).

de **Ley 26.093 del Régimen de Regulación y Promoción para la Producción y Uso Sustentable de Biocombustibles**[12].

La ley estableció los principales instrumentos económicos de promoción de la actividad. Por una parte, los **instrumentos de cantidad**, que se refieren al porcentaje de corte obligatorio en el consumo nacional de combustible (transporte y usinas). Inició con un 5 % de biodiesel en gasoil en el año 2006, pasó al 7% en 2010, alcanzando en la actualidad el 10%. Por otro lado, se encuentran **los instrumentos de precio**, que remiten fundamentalmente a exenciones impositivas e incentivos fiscales[13]. Uno de los instrumentos principales para este incentivo ha sido las diferentes alícuotas aplicadas a la exportación del grano de soja (35%), aceite (32%) y biodiesel (20%) (RECALDE, 2012, p. 83). El cupo garantizó un público cautivo para las elaboradoras de biodiesel, que inicialmente fue aprovechado principalmente por las pequeñas y medianas empresas, ya que las grandes empresas prefirieron volcarse al mercado de exportación (RECALDE, 2012, p. 198). Sin embargo, en el último tiempo, a partir de las medidas arancelarias dictadas por la Unión Europea (año 2013), principal destino del biodiesel argentino, aquellas empresas orientadas a la exportación comenzaron a volverse al mercado interno.

La formulación de estas políticas no tomó estado público, aunque hubo polémica al interior del funcionariado y diferendos entre estos y los principales interesados en el negocio, que también competían entre sí. Chidiak y Stanley (2009) mencionan una "falta de coordinación en la formulación de la política." y "falencias en el diseño del marco regulatorio, particularmente en la articulación de actores públicos y privados" (CHIDIAK y STANLEY 2009, p. 78)[14]. Entre estos últimos se destacaron la Asociación Argentina de Biocombustibles e Hidrógeno (AAHB), la Federación Agraria Argentina (FAA) y fundamentalmente la Cámara Argentina de Biocombustibles (CARBIO), que reúne a las principales corporaciones del sector[15] y que ha sido especialmente activa e influyente en todo lo que sea la formulación de políticas para el mismo. (RECALDE, 2012)

El negocio del biodiesel, por otra parte, señala un punto de cruce entre las corporaciones de los agronegocios y las grandes petroleras[16]. Son estas últimas las encargadas del abastecimiento de combustible a la sociedad y por lo tanto quienes tienen que mezclar el gasoil con el biodiesel. Las empresas mezcladoras en el país (YPF, Petrobrás, Esso y Shell) tienen así capacidad para seleccionar a los proveedores,

---

[12] La autoridad de aplicación de la Ley es la Secretaría de la Energía de la Nación, dependiente del Ministerio de Planificación. De acuerdo a lo establecido, la autoridad de aplicación será asesorada por la Comisión Nacional Asesora para la Promoción de la Producción y Uso Sustentables de los Biocombustibles, creada por el artículo 3 de la ley 26.093 Dicha Comisión estará integrada por un representante de la Secretaría de Energía, Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos; Secretaría de Ambiente y Desarrollo Sustentable (SAyDS), Secretaría de Hacienda; Secretaría de Política Económica; Secretaría de Comercio, Industria y de la Pequeña y Mediana Empresa, Secretaría de Ciencia, Tecnología e Innovación Productiva y la AFIP" (RECALDE:196).

[13] Los mismos son: a) Devolución de IVA pagado en la adquisición de bienes de capital o la realización de obras de infraestructura, luego de tres períodos fiscales (Art. 4 de laLey 25.924); b)Amortización del Impuesto a las ganancias (Art. 5 de la Ley 25.924); c) Exoneración de la Tasa de Infraestructura Hídrica para el biodiesel y bioetanol (Decreto 1381-2001); e) Exoneración del Impuesto sobre los Combustibles líquidos y gas natural (Ley 23.966); f) Exoneración del impuesto sobre la transferencia o importación de gasoil (Ley 26.028); g) Otros: derechos de reducción de emisiones, créditos de carbono.

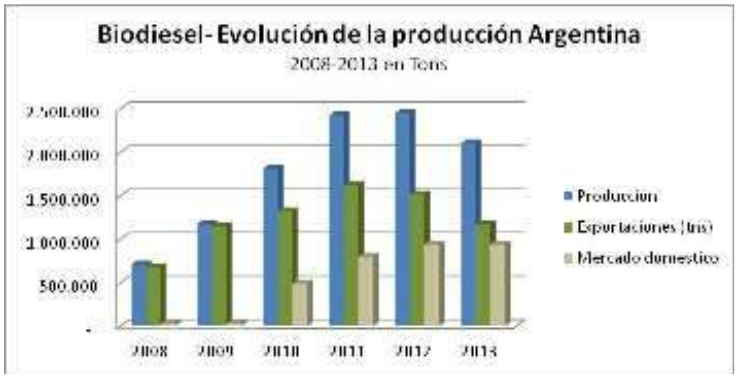
[14] "La falta de coordinación se relaciona con intereses encontrados de los distintos sectores. En lo que atañe al sector público, esto se observa en las opiniones diferentes del Ministerio de Economía y Finanzas Públicas (ME), el Instituto Nacional de Tecnología Industrial (INTI) y el Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA) o el Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca (MAGyP)." (CHIDIAK y STANLEY, 2009 p. 78)

[15] Estas empresas son: LDC, PATAGONIA, RENOVA, EXPLORA, VICENTIN, AGD, NOBLE, UNITEC, G. BUNGE, MOLINOS, CARGILL

[16] Que señala también un desplazamiento en lo que hace a la dependencia del Estado a cargo del asunto. De ser un asunto "agropecuario" se pasa a un cuestión "energética" y por lo tanto la incumbencia se corre desde la Secretaría de Agricultura hacia la Secretaría de Energía

mostrando preferencias por las grandes productoras de biodiesel, según argumentan por cuestiones ligadas a los standares de calidad internacional que se ven obligados a cumplir. Así mismo han jugado un papel importante también en las políticas de regulación. Por ejemplo, en el año 2010, cuando se firmó la adenda para elevar el porcentaje de corte obligatorio del 5 % al 7 % con el argumento de reducir la importación de gas-oil, la medida fue acordada entre el gobierno, las petroleras, los productores de biocombustibles y las empresas automotrices (RECALDE, 2012)

La legislación buscó crear un mercado interno para desarrollar un sector del empresariado nacional en el rubro[17], pero la "locomotora" del negocio vino traccionada por la demanda externa. Además, la evolución del biodiesel debe entenderse a partir de la estrecha correspondencia entre industria de biodiesel e industria aceitera y del contrapunto entre aceite y biodiesel en el mercado global. En sus inicios, el desarrollo del biodiesel se vio beneficiado por una repentina crisis de la industria aceitera, producto de la decisión China de procesar el grano en sus propios molinos (año 2009). De manera que el desarrollo del biodiesel fue una respuesta providencial para las aceiteras, que luego recuperaron nivel de venta con el acceso al mercado Indio. Por otro lado, en el año 2013 como producto de la política arancelaria de la Unión Europea (acicateada también por las disputas a causa de la expropiación de las acciones de REPSOL en YPF por parte del Estado Nacional), las exportadoras perdieron su principal comprador de biodiesel. La reacción fue avanzar sobre el mercado interno procurando elevar otra vez el porcentaje de corte y buscando una exención impositiva que permitiera competir al biodiesel con el gas-oil importado. La estrategia también buscaba incrementar el precio del aceite "quitando un poco de aceite al mundo" como dijo crudamente el presidente de Carbio. Las empresas reunidas en Carbio estaban impulsando una nueva ley que permitiera "hacer trabajar las plantas, lograr combustible sin subsidios, levantar el precio del aceite"[18]. La sanción de la misma, a finales de ese año (2013), respondiendo a las demandas de las grandes firmas, es una prueba del poder de lobby de las mismas.



Fuente: Zubizarreta (2014)

Como vemos en el cuadro precedente ha habido una sostenida expansión hasta el año 2013, cuando las ventas por exportación caen significativamente. Sin embargo, el mercado interno continuó en alza con lo que en el balance global se aminoraron las pérdidas. Aunque esto ha implicado una tensión al interior de los integrantes del complejo y una tendencia a la reducción del ya de por sí restringido ámbito de pequeños y medianas empresas productoras de biodiesel.

Hay actualmente en el país 25 plantas elaboradoras de biodiesel. Entre las grandes empresas se encuentran las "integradas" y las "no integradas". Entre las primeras, que combinan molienda, elaboración de aceite y fabricación de biodiesel se encuentran Dreyfus,

[17] Los incentivos establecidos en la Ley 26. 096 tienen alcance para "industrias radicadas en el país", "empresas con mayoría de capital estatal" y "productores agropecuarios con un 50% de sus activos afectados en Argentina"

[18] Declaraciones de Zubizarreta en INFOBAE.

Renova (Vicentín, Molinos y Glencore), Bunge, AGD (una cada una), Noble, Cargill y Viluco (sólo Vicentin y AGD y Viluco son "nacionales"). Entre las no integradas, dedicadas sólo a la elaboración de biodiesel, se cuentan Unitec (Eurnekian) y Patagonia Bioenergía, ambas empresas de origen nacional que hacen parte de grupos económicos que conquistaron diversos nichos de mercado bajo el paraguas estatal. Estas empresas poseen las plantas de gran porte (más de 100.000 tn) y controlan completamente el volumen exportable (51 % de la producción). Entre las pequeñas están aquellas destinadas completamente al mercado interno y que representan aproximadamente el 6 % de la capacidad instalada (Gente de la Pampa, Diaser, AOM, Aripar, Biomadero, Diferoil, Ecopor, Maicop, Pitey, Rosario Bioenergy, Soyenergy, Oilfox, Bolsan, Agrupación Oeste)[19]

La expansión del biodiesel se constituyó como una prolongación de la industria aceitera, en tanto un nuevo eslabón en la cadena de agregado de valor (bajo el reiterado argumento del "agregado de valor en origen"). Según Recalde (2012), esto ha puesto en evidencia la "muy alta capacidad de producción y apropiación de las ganancias por parte de los principales agentes en la cadena de la soja: las grandes aceiteras" a la vez que ha reforzado la concentración en la capacidad de producción de la cadena sojera y acentuado los efectos en la concentración de la tierra para producción de soja" (RECALDE, 2010, p. 84). Como vemos en el siguiente cuadro, las principales empresas productoras de biodiesel en el país son también productoras de aceite.

Principales empresas comercializadoras y procesadoras de soja

Exportación de granos	Aceite	Pellets	Biodiesel
Cargill	Bunge Argentina	Cargill	Renova
Noble Argentina	LDC (Dreyfus)	Bunge	LDC (Dreyfus)
ADM Argentina	Cargill	Dreyfus	Patagonia Bionergía
Bunge Argentina	Aceitera General Dehesa	Aceitera General Dehesa	Ecofuel
LDC (Dreyfus)	Molinos Río de la Plata	Vicentin	Biotec
A.C.Toepfer	Glencore	Molinos Río de la Plata	Molinos Río de la Plata
Nidera	Nidera		Cargill

Fuente: MECON

Como vemos en el cuadro, las empresas que dominan el acopio y la exportación también realizan el procesamiento, y son las mismas que controlan el comercio a nivel global. Así mismo, se verifica un creciente grado de integración vertical, con empresas que participan en todos los eslabones, desde la producción de granos al procesamiento (TEUBAL y PALMISANO, op.cit.) Por otro lado, gran parte de las semillas, insumos y maquinarias también son provistas por un reducido número de compañías[20]. Es de mencionar también que, entre los grandes jugadores del biodiesel, es donde se observa la presencia de algunas empresas nacionales que accedieron al lugar de privilegio a partir de participar de este negocio (como parte además de un conjunto de empresas vinculados a los contratos del estado).

[19] Declaraciones de Andres Iolster, de Cargill, en La Industria Argentina de Biodiesel busca salvarse con el mercado interno NextFuel, 11 de noviembre de 2013.

[20] Como bien resume Romero (s/d):"...el predominio del capital foráneo se registra en los principales rubros del sistema agroalimentario pampeano. En valores aproximados la participación hacia la fecha, es: el 85% de las ventas en el mercado de tractores y cosechadoras; el 92% de las exportaciones de granos, oleaginosas, aceites y harinas; un 58% de las ventas de la distribución minorista; el 53% del crushing de soja y girasol; el 65% del mercado de galletitas; el 98% del mercado de cervezas; y un marcado liderazgo en la producción de fertilizantes, biocidas, semillas y lácteos. Solamente en la producción y comercialización de sembradoras, implementos y producción de harinas los capitales locales aún ejercen predominancia; aunque la participación de empresas extranjeras se ha incrementado desde la década de los noventa..." (: 144)

Problemático y senil. Reflexiones acerca del nacional desarrollismo argentino

El desarrollo del biodiesel ha reforzado el poder del Complejo Oleaginoso. A través de un denso entramado de consorciaciones multiformes entre capitales de diversa magnitud con múltiples ramificaciones en instituciones y organizaciones claves, el Complejo Oleagionoso alcanzó significativa presencia territorial al tiempo que desarrolla variados mecanismos de incidencia a fin de lograr el "consenso oleaginoso".

Esta dinámica expansiva no hubiera sido posible sin una activa política del gobierno, que ha tratado de construir capacidades en el Estado para apropiarse de la renta[21], participar en el negocio[22] o tutelar la incorporación de empresas de capital local y nacional[23] en el negocio del biodiesel. Esto sugiere la conformación de un bloque de poder, protagonizando, no sin tensiones ni conflictos[24], una nueva inserción en el mercado global de commodities. Constituido en la bisagra entre lo público y lo privado, este bloque se va fraguando a partir de la reciprocidad de perspectivas entre sus integrantes (empresarios, funcionarios, dirigentes, científicos, líderes de opinión) con respecto a la conveniencia del negocio.

El gobierno incentivó la actividad argumentando la necesidad de reducir la importación de gasoil y la oportunidad de promover un empresariado nacional eficiente, pero dejando por fuera de la evaluación una consideración más amplia acerca de los costos y beneficios de la misma.

Por una parte, la franja de empresariado que usufructuó el floreciente negocio fue aquella que se articuló fluidamente con el mercado externo y que recibió la cobertura estatal para meterse como fuera en la mesa de negociación de los grandes jugadores. Como vimos, el resultado de esta expansión parece estar replicando los procesos de concentración y extranjerización que aquejan de manera general a la economía Argentina[25].

Por otro lado, la promoción del biodiesel ha incentivado la expansión del monocultivo de soja. Con la capacidad instalada actual reclama un volumen que necesita alrededor del millón de hectáreas para ser producido, lo cual implica una mayor presión territorial sobre áreas donde predominan otras lógicas productivas, con las consecuencias territoriales ya mencionadas (despoblamiento, desforestación, contaminación, erosión de la biodiversidad, etc). Por lo demás, la promoción del biodiesel implica también, bajo el actual Régimen Alimentario Corporativo, el incremento en los precios de los alimentos, y por ende, del hambre en los sectores más necesitados (y más dependientes del mercado). Para finalizar, si la apuesta por el biodiesel quisiera basarse en la búsqueda de "desfosilizar" la matriz energética para reducir las emisiones de carbono, se debiera considerar el (muy deficitario) balance energético de la producción de biodiesel (5 a 1) y tomar más en cuenta la promoción de formas de producción que sean menos dispendiosas en el uso de combustibles

La promoción del biodiesel se enmarca dentro de una "estrategia de desarrollo nacional" que es explicitada con los mismos argumentos esgrimidos por los grandes jugadores del negocio. Los argumentos (que pueden ser identificados fácilmente en la

---

[21] Retenciones a la exportación

[22] YPF es uno de los principales productores de biodiesel

[23] Asociaciones público-privados para el desarrollo de transgénicos, cupos de compra para proveedores de biodiesel, etc.

[24] Desde el 2003 ha habido numerosos conflictos con las corporaciones gremiales que representan a segmentos del complejo oleaginoso. El más relevante fue la rebelión fiscal del 2008. Sin embargo no se trata de conflictos por la legitimidad del negocio (que todos comparten) sino por la mejor manera de promoverlo y/o la distribución de sus beneficios.

[25] Como escribió recientemente un defensor del modelo desarrollista gubernamental: "Es inconcebible la formación de una economía industrial integrada y abierta, con el grado de extranjerización actual de la estructura productiva del país. De las 500 empresas no financieras del país, dos tercios son filiales de corporaciones transnacionales y generan más del 80 por ciento del valor agregado de la muestra" (Aldo Ferrer, "Para lograr el desarrollo", Página 12, edición del 4 de abril de 2014).

documentación oficial respectiva, así como en los debates parlamentarios y en los anuncios de los funcionarios correspondientes) ensalzan la productividad del sector, su dinamismo tecnológico y de gestión, la gran rentabilidad y la promisorios horizontes del país frente a "un mundo que reclama alimentos y energía". Como señaló la Presidente de la Nación en el Consejo de las Américas ante la "gente de Monsanto":

> "Yo estoy convencida de que tres van a ser los vectores que van a decidir el progreso o el retraso de los pueblos y de las naciones, en el siglo XXI: la energía, los alimentos y la ciencia y la tecnología. El entrecruzamiento inteligente y virtuoso de estos tres vectores son – y estamos convencidos – los que van a permitir hacernos crecer. Y creo que Argentina tiene un futuro y un presente muy promisorio" (Discurso de Cristina Fernández de Kirchner ante el Consejo de las Américas, junio de 2012).

Esta visión de los asuntos es tributaria de una vieja idea nacional desarrollista que estuvo en boga en los años '60 y que se reactualizó de manera vigorosa frente al colapso del modelo neoliberal. La visión de un mundo dividido por naciones que ocupan distinta posición en la carrera por el "desarrollo" ("el progreso o el retraso de los pueblos") la cual viene determinada por la capacidad de desarrollar "la ciencia y la tecnología" en pos de un crecimiento obtenido a partir de una inserción exitosa en el orden global.

Desde esta mirada "desarrollo" es un proceso de acumulación en un espacio nacional determinado a partir de la confluencia virtuosa de un conjunto de parámetros productivos e institucionales que Aldo Ferrer llama la "densidad nacional" (FERRER, 2007). El Estado vuelve a ser protagonista y aparece como un actor fundamental para garantizar la "densidad nacional" que propicie el "despegue industrial" para superar "el subdesarrollo y la pobreza".

En este sentido, la modernización tecnológica aparece como meta, medida, y también fetiche, del desarrollo nacional. Aunque imaginada como audaces saltos de creatividad vernácula, en la práctica suele resultar en la aceptación acrítica del paquete tecnológico elaborado por las corporaciones (NAHÓN, et. al. s/d, p. 339)[26]. Por debajo de esto subyace la idea que la tecnología es independiente de las relaciones de producción en las que se realiza y que por lo tanto ofrecerían un grado de "neutralidad" que las haría pasibles de ser utilizadas para otros fines (LOWY, s/d). Con el biodiesel, y en general con el paquete tecnológico vinculado al Modelo de Agronegocios, el gobierno ha jugado con la idea de que no se trataría de tecnologías vinculadas a formas de producción intrínsecamente perjudiciales, sino que esto último sería función de la nacionalidad (y la "estatalidad") del protagonista.

En este sentido, la disidencia mantenida entre el gobierno y los empresarios del sector, ha estado enfocada a negociar la apropiación de la renta y no a discutir la validez y continuidad del negocio. Es decir, la disputa está puesta en el plano de la distribución y no en el de la producción. Bajo esta perspectiva, las evaluaciones sobre la conveniencia de apostar a una "estrategia de crecimiento basada en la explotación de los recursos naturales"

[26] Nahón, Rodriguez Enirquez y Schorr reconocen "una cierta limitación del pensamiento de la región: su tendencia a adoptar mayormente la agenda de investigación internacional y a discutir las temáticas en boga. Con mayor o menor grado, el pensamiento latinoamericano estableció en esta etapa su agenda de investigación en función de la agenda predominante en los países centrales, experimentando dificultades para gestar y sostener sus propias prioridades de investigación y, en todo caso, agregando sus propias problemáticas y perspectivas a una agenda de investigación heredada. Se trataba, entonces, de un pensamiento original que, en algunos aspectos, se desarrollaba por oposición –o como reacción– frente al pensamiento dominante, aportando elementos críticos y novedosos, pero alrededor de una agenda de investigación que, en algunos casos, incluía elementos extemporáneos a la realidad latinoamericana. Por lo tanto, si bien América Latina aportó una perspectiva original e innovadora, su agenda, problemáticas, preguntas y sus conceptos corrían el riesgo de quedar atrapados, sin quererlo, dentro de los márgenes establecidos por ese mismo saber dominante que se desnudaba genialmente" (Schorr, 347)

(ALBRIEU, LOPEZ y ROZENWURCEL, 2012) se hace con referencia a fortalecer las arcas del Estado antes que a resguardar la base material para la reproducción de la vida.

En los años '70, Celso Furtado advirtió que la idea de que "los pueblos pobres podrán algún día disfrutar de las formas de vida de los actuales pueblos ricos" es "simplemente irrealizable" y que es utilizada para "movilizar a los pueblos de la periferia y llevarlos a aceptar enormes sacrificios, para legitimar la destrucción de formas de cultura arcaicas, para explicar y hacer comprender la necesidad de destruir el medio físico, para justificar formas de dependencia que refuerzan el carácter predatorio del sistema productivo". (citado en GUDYNAS, 2011 p. 21). Cuarenta años más tarde, estas palabras no han perdido actualidad. Por el contrario, la insistencia en el error, que a estas alturas parece desvarío, le ha agregado una cualificación más a este desarrollo problemático (que me llevó a parafrasear a Enrique Santos Discépolo en el título de este artículo).

Referencias

ALBRIEU, R.; LOPEZ, A.; ROZENWURCEL, G. **Recursos Naturales y el Retorno de la Agenda del Desarrollo en América del Sur.** Montevidéu: Red Mercosur/Red Sudamericana de Economía Aplicada, 2012.

ALTIERI, M.; BRAVO, E. **La tragedia social y ecológica de la producción de agrocombustibles en el continente Americano**. 2007. Ecoportal. Disponível em: <http://www.ecoportal.net/Temas_Especiales/Energias/Tragedia_social_y_ecologica_Produccion_de_biocombustibles_agricolas_en_America>. Acesso em: 22 de out. 2015.

ARACH, O. El consenso oleaginoso. Agronegocios y nacional-desarrollismo en la Argentina Post Convertibilidad. **Revista ALASRU,** Montevidéu, n. 8, 2014.

AZCUY, A., E. G. MARTÍNEZ, D. Evolución de la producción agrícola, estructura socioeconómica y acción colectiva en la pampa húmeda argentina de 1991 a 2010. **Revista ALASRU**, Texcoco, n.6, 2012.

AZPIAZU, D.; MANZANELLI, P; SCHORR, M. Concentración y Extranjerización. La Argentina en la Posconvertibilidad. **Capital Intelectual,** Buenos Aires, 2011.

BARTRA, A. **El hombre de hierro.** Los límites sociales y naturales del capital. Col. Unidad: Editorial Itaca, 2008.

BRANDÃO, C. Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo. In: ALMEIDA, W. et al. **Capitalismo globalizado e recursos territoriais:** fronteiras da acumulação no brasil contemporâneo. Río de Janeiro: Lamparina, 2010.

CHIDIAK, M.; STANLEY, Leonardo, "Tablero de Comando" para la promoción de los biocombustibles en Argentina. **CEPAL. Colección Documentos de Proyecto,** Santiago de Chile, 2009.

Ferrer, Aldo. **"Globalización, desarrollo y densidad nacional".** En publicación: Repensar la teoría del desarrollo en un contexto de globalización. Homenaje a Celso Furtado. Vidal, Gregorio; Guillén R., Arturo. (comp). Enero 2007. Disponible en: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/vidal_guillen/25Ferrer.pdf,

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GARIBAY OROZCO C. Paisajes de acumulación minera por desposesión campesina en el México Actual. In: DELGADO RAMOS, G. (Ed.). **Ecologia Politica de la Minería en América Latina.** 2007. Disponível em: **<**http://www.source-international.org/wp-content/uploads/2012/11/Ecologia-politica-de-la-mineria.pdf> Acesse em: 27 de ago. 2015.

GOLDFARB, Y. Regime Alimentar Corporativo no Brasil e na Argentina Neoliberalismo, financeirização e empoderamento das corporações. O caso da Cargill. **Revista Crítica y Emancipación,** Buenos Aires, 2013.

GRAS, C. Los empresarios de la soja: cambios y continuidades en la fisonomía y composición interna de las empresas agropecuarias. **Mundo Agrario,** La Plata, v. 12, n. 24, primer semestre, 2012.

GUDYNAS, E. Debates sobre Desarrollo y sus alternativas en América Latina: una breve guía heterodoxa. In: LANG, M.; MOKRANI, D. **Más allá del desarrollo.** Quito: Ediciones Abya Yala, 2011.

HOUTART, F. **La Agroenergia.** Solución para el clima o salida de la crisis. Havana: Ruth Casa Editorial, 2011.

LANG, M. (Ed.) **Más allá del Desarrollo.** Quito: Ediciones Abya Yala, 2011.

ILLICH, I. **Obras Reunidas**. México: FCE, 2011.

LOWY, M. Progreso destructivo: Marx, Engels y la ecología. In: HARRIBEY, J. M.; LOWY, M. (Eds.). **Capital contre nature**. Paris: PUF, 2003.

MECON - Ministerio de Economía y Finanzas Públicas. **Complejo Oleaginoso**. Serie "Producción Regional por Complejos Productivos. 2011. Disponível em: <www.mecon.gov.ar/peconomica/docs/Complejo_Oleaginoso.pdf>. Acesso em: 25 de nov. 2015.

NAHÓN, C.; RODRÍGUEZ ENRÍQUEZ, C.; SCHORR, M. **El pensamiento latinoamericano en el campo del desarrollo del subdesarrollo:** trayectoria, rupturas y continuidades, (s/d).

NEWELL, P. Bio-hegemony: The political economy of agricultural biotechnology in Argentina. **Journal of Latin American Studies,** Cambridge, v. 41, n. 1, p. 27-57. 2009.

PORTO GONÇALVES, C. Otra verdad inconveniente: la nueva geografía política de la energía en una perspectiva subalterna. **Polis - Revista a la Universidad Bolivariana**, Santiago do Chile, v. 7, n. 21. 2008.

RECALDE, M**.** Una visión integrada del desarrollo del biodiesel en Argentina. **Rev. Estud. Soc. e Agric.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2012, p. 188-216, 2012.

RIBEIRO, G. Poder, Redes e Ideología en el campo del desarrollo**. Tábula Rasa**, Bogotá, n.6. 2007.

ROMERO, F. **El capital extranjero en el sistema agroalimentario pampeano**. Documentos del CIEA Nº 4 (s/d).

ROZEMBERG, R.; SASLAVSKY, D; SVARZMAN, G. **La industria de Biocombustibles en Argentina**. In: LÓPEZ, A. et al. La industria de biocombustibles en el MERCOSUR. Serie Red MERCOSUR, n. 15, 2009.

SUTCLIFFE, B. Desarrollo frente a Ecología. **Revista de Ecología Política**, Barcelona, n.9. 1995.

SVAMPA, M. Consenso de los commodities, giro ecoterritorial y pensamiento crítico en América Latina. **Revista OSAL**, Buenos Aires, Año XIII, n.32. p. 15-38, 2012.

Recebido para publicação em 26 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 20 de maio de 2015

Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o exemplo da Cargill[1]

Yamila Goldfarb
Doutora em Geografia Humana pela USP
Docente da Faculdade Sumaré
e-mail: yamilamata@yahoo.com.br

Resumo

No presente artigo analisaremos como as políticas neoliberais terminaram por estimular a produção de *commodities*, em especial a soja, e como isso fez com que as grandes corporações aumentassem suas atividades e sua influência sobre os territórios do Brasil e da Argentina. Veremos ainda como a partir da década de 2000, a produção de *commodities* ganha um novo impulso, em particular no caso da soja e como novos sujeitos desse *boom* passam a entrar em cena. O caso da soja é um dos exemplos que nos permite afirmar que a partir da era neoliberal tem início um novo padrão de circulação dos alimentos no mundo, definindo o que podemos chamar de Regime Alimentar Corporativo para o qual, mais tarde, dado o poder de atuação de grupos de investimento, passamos a propor a nomenclatura, Regime Alimentar Corporativo Financeirizado.

Palavras-chave: Soja, Brasil, Argentina, Regime Alimentar, Corporações

Expansión de la soja y finaciarización de la agricultura como expresiones recientes del régimen alimentario corporativo en Brasil y Argentina: el ejemplo de Cargil

Resumen

En este artículo vamos a analizar como las políticas neoliberales terminaron por estimular la producción de *commodities*, en particular la soja, y cómo esto ha hecho que las grandes corporaciones aumenten sus actividades y su influencia en los territorios de Brasil y Argentina. Veremos todavia como desde la década del 2000, la producción de *commodities* cobró nuevo impulso, sobre todo en el caso de la soja, y como nuevos sujetos de este auge entraron en la escena. El caso de la soja es un ejemplo que nos permite decir que a partir de la era neoliberal surje un nuevo padrón de circulación de alimentos en el mundo, lo que nos permite llamar de Regimen Alimentar Corporativo, para el cual más tarde, frente el cresciente poder de los grupos de inversión, proponemos la nomenclatura, Regimen Alimentar Corporativo Financierizado.

Palavras clave: Soja; Brasil; Argentina; Regímen Alimentar.

[1] O Artigo faz parte de pesquisa de doutorado do Departamento de Pós Graduação em Geografia Humana da USP financiada pela CAPES.

Soy expansion and agricultural financialization like recent expressions of the corporative alimentary regime in Brazil and Argentina: the Cargill case

Abstract

In this article we are going to analyze how neoliberal policies ended by stimulating the production of commodities, especially soybeans, and how this has made large corporations to increase their activities and their influence on the territories of Brazil and Argentina. We will see as yet from the 2000s, the production of commodities gained new impetus, particularly in the case of soybeans and as new subjects of this boom are on the scene. The case of soybeans is an example that allows us to say that since the neoliberal era a new food circulation pattern has begin in the world, defining what we call Corporate Food Regime. Later, given the power of investment groups, we propose the nomenclature, Financialized Corporate Food Regime.

Key Words: Soybean; Brazil, Argentina, Food Regime

Introdução

Entendemos por *regime alimentar* a forma como se organiza a produção, circulação e distribuição dos produtos alimentares no mundo a partir de um determinado momento histórico no qual se constitui uma divisão internacional do trabalho, o que vai constituir circuitos mundiais de distribuição de alimentos. Atualmente, esse regime caracteriza-se pelo poder de monopólio exercido por grandes corporações transnacionais que atuam na produção, processamento e comercialização de alimentos, bem como na produção de insumos químicos e biotecnológicos e ainda na oferta de financiamento para o setor. Mais adiante esclareceremos melhor essa noção.

A hipótese averiguada descrita neste artigo é a de que com o advento do neoliberalismo houve, por um lado, a consolidação e o aprofundamento da hegemonia das corporações do setor agroalimentar. Por outro, a "sojização" do campo brasileiro e argentino, ou seja, a forte expansão e consolidação da soja como um importante determinante das configurações espaciais do campo e, por último, a financeirização da agricultura capitalista, expressa tanto na importância que adquire o mercado de *commodities*, como nos mecanismos de financiamento de safras e da dinâmica desencadeada no setor por sua crescente participação no mercado de capitais (por meio de fusões, aquisições e criação de derivativos, etc). Essas três expressões da consolidação do regime alimentar corporativo se aprofundam a partir da década de 2000, particularmente no que diz respeito à financeirização e geram o agravamento das condições de vida tanto no campo como na cidade, o que significa dizer, concentração de estrutura fundiária, maior êxodo rural, precarização das relações de trabalho no campo, queda na qualidade e variedade da alimentação das populações rurais e urbanas, aumento dos preços nos alimentos e aumento dos passivos ambientais gerados. No presente artigo, abordaremos com maior profundidade a questão do avanço da soja.

Dois fatores marcaram a expansão do seu cultivo para novos países: a crise da pesca de anchova no Peru, com a qual se fazia farinha proteica muito utilizada na Europa, e a seca na América do Norte que levou a uma suspensão temporária dos embarques de soja para a Europa. Disso resultou um aumento nos preços da soja, o que levou à rápida expansão do cultivo em alguns países da América do Sul. No Brasil, a soja se expandiu inicialmente no sul, em especial no estado do Paraná. A ocorrência de uma geada no sul do Brasil em 1975 também acelerou o abandono do cultivo de café na região. Houveram ainda outros fatores que induziram os produtores da região a abandonar o cultivo intensivo de culturas como o café, como por exemplo o aumento dos direitos dos meeiros e as leis de

salário mínimo que aumentaram o custo dos contratos de trabalho. Com isso a soja foi se tornando um cultivo muito importante no país.

Na década de 1990 estabeleceu-se um grande salto no setor agroalimentar em diversos países. A Criação da OMC (Organização Mundial para o Comércio) em 1995 ampliou as possibilidades de comércio entre os países membros, levando a uma onda de aberturas comerciais, em especial em países periféricos mais industrializados como China, Índia, Brasil, México e Argentina. A partir de 1990 há uma aceleração do processo de concentração de capitais nos setores de processamento de alimentos, de biotecnologia, de produção de insumos agrícolas e de comercialização agrícola.

Como veremos, tanto no Brasil como na Argentina, passa a ocorrer uma especialização em *commodities* agrícolas e minerais. No Brasil, até meados da década de 1990 houve o que podemos chamar de uma consolidação das políticas neoliberais somada à crise fiscal que terminaram por reduzir consideravelmente o papel do Estado na regulação, financiamento e pesquisas agropecuárias.

O ano de 1996 foi também o ano chave para a questão da produção de *commodities* na Argentina, pois é quando o governo libera o uso da soja RR (Round Up Ready), geneticamente modificada para receber o herbicida glifosato. Em seguida veio a liberação do milho Bt e depois o milho RR.

A partir do ano 2000, um novo pacto se estabeleceu entre Estado, grande propriedade e setor agroindustrial para reinserir o país no comércio internacional. Esse pacto redefiniu o papel do Estado como viabilizador de infraestrutura para a exportação de *commodities* e fornecedor de crédito, além de dinamizar o mercado de terras. Tudo isso com o objetivo de estimular a “commoditização" do campo e manter a desigual estrutura fundiária do país. Por sua vez, na Argentina, houve, a partir do ano 2000, o incremento da orientação às exportações de soja, trigo, carne, lácteos e milho (NORMA; TEUBAL 2010). Em 2002, com a desvalorização do peso, o então presidente Eduardo Duhalde decide aumentar as taxas sobre o direito de exportação na tentativa de captar uma renda maior gerada pelo contexto externo favorável às exportações de *commodities.*

A década de 2000 é marcada pelo avanço da atuação de grandes corporações nos territórios do Brasil e da Argentina o que estimulou ainda mais a produção de *commodities*. A Cargill é um bom exemplo. Em 2001 a Cargill inaugura novos armazéns de grãos e amplia suas unidades em Lucas do Rio Verde, Nova Mutum e Alto Araguaia, conformando assim um total de oito novos armazéns no estado de Mato Grosso (CARGILL, 2010). Em 2003, é inaugurado o terminal portuário da Cargill em Santarém (PA), como alternativa para o escoamento da produção de grãos de Mato Grosso e Pará, o que estimulou o avanço da fronteira agrícola da soja para a região amazônica.

Expansão da fronteira da soja e criação de rotas de exportação

No Brasil, subsídios do governo combinados com a alta dos preços internacionais causaram a disseminação de soja pelo país, o que, por sua vez, aumentou o poder político do *lobby* dos agricultores de soja e das processadoras e os habilitou a obterem mais apoio do governo (KNEEN 1999). O rápido desenvolvimento do cultivo da soja no País, a partir dos anos 60, fez surgir um novo setor produtivo e novos centros de pesquisa foram criados no sudeste e centro-oeste do país, principalmente. É desse momento a criação da Embrapa Soja em 1975, que patrocinaria, já a partir do ano seguinte, a instituição do Programa Nacional de Pesquisa de Soja. Além deste programa, localizado no Paraná, outros programas de pesquisa com a cultura estabeleceram-se nessa mesma década pelo Brasil afora por meio de instituições públicas como: Universidade Federal de Viçosa e Epamig, em Minas Gerais; Emgopa, em Goiás; Embrapa Cerrados, no Distrito Federal; Coodetec, Indusem e FT-Sementes, no Paraná; Fundacep, no RS, e Embrapa Agropecuária Oeste e Empaer, no Mato Grosso do Sul.

Mais tarde, com a Lei de Proteção de Cultivares, em 1997, programas de pesquisa privados estabeleceram-se no País, dentre os quais os da Monsoy, Fundação Mato Grosso, Syngenta, Pioneer e Milênia. (EMBRAPA, 2000).

Foi a partir da década de 1960 que a soja se estabeleceu como cultura economicamente importante para o Brasil. Somente nessa década, a produção de soja multiplicou-se por cinco (passando de 206 mil toneladas, em 1960, para 1,056 milhão de toneladas, em 1969). 98% desse volume era produzido nos três estados da Região Sul, onde prevalecia a dobradinha, trigo no inverno e soja no verão.

Apesar do significativo crescimento da produção no decorrer dos anos 60, foi na década seguinte que a soja se consolidou como a principal cultura do agronegócio brasileiro, passando de 1,5 milhões de toneladas (1970) para mais de 15 milhões de toneladas (1979). Esse crescimento se deveu não apenas ao aumento da área cultivada (de 1,3 para 8,8 milhões de hectares), mas, também, ao incremento da produtividade (de 1,14 para 1,73 t/ha) devido às novas tecnologias disponibilizadas aos produtores pela pesquisa brasileira. Mais de 80% do volume produzido na época ainda se concentrava nos três estados da Região Sul.

Até 1970, os cultivos comerciais de soja no mundo restringiam-se a regiões de climas temperados e subtropicais, cujas latitudes estavam próximas ou superiores aos 30º. Os pesquisadores brasileiros desenvolveram germoplasma adaptado às condições tropicais viabilizando o seu cultivo em qualquer ponto do território nacional e transformando, somente no Cerrado, mais de 200 milhões de hectares em áreas de cultivo de soja e de outros grãos. No Brasil, entre 1966 e 1976, a produção de soja cresceu a uma taxa de 30% ao ano. Os principais fatores estimulantes foram: a já mencionada redução da oferta de farinha de peixe do Peru, a política de restrição às exportações dos EUA pela quebra de safra, o aumento do rebanho bovino na Comunidade Econômica Europeia e ainda o rápido crescimento da avicultura brasileira para a produção de frango de corte, ao final dos anos 1960, o que aumentou ainda mais a demanda por farelo de soja.

Por sua vez, o cultivo da soja na Argentina foi impulsionado em seu início pela conversão à agricultura da região pampeana, tradicionalmente destinada à pecuária. Com o apoio tecnológico do INTA, organização equivalente à EMBRAPA no Brasil, que introduziu o sistema de rotação com o trigo e as elevadas produtividades obtidas com a soja, a Argentina foi deixando de priorizar o girassol, o linho e o algodão em favor desta oleaginosa.

Esse período, caracterizado pela Modernização Conservadora (OLIVEIRA 2007), tinha no Estado, tanto brasileiro como argentino, um grande incentivador do desenvolvimento de cadeias produtivas no campo. O período neoliberal vai alterar esse quadro até que, na passagem para a década de 2000, um novo pacto se estabelece com o campo, sendo este chamado a gerar superávit por meio da exportação de *commodities*. Isso viria a aprofundar várias das consequências do neoliberalismo como veremos.

No Brasil, durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) houve muitos investimentos em infraestrutura com o intuito de viabilizar a exportação de soja. Foram criados dois programas, o Brasil em Ação e o Avança Brasil, que traziam uma nova estratégia geopolítica para a infraestrutura de transportes na Região Amazônica.

O Brasil em Ação visou implantar duas hidrovias na região amazônica: a hidrovia do Rio Madeira entre Porto Velho e Manaus e a hidrovia dos rios Tocantins e Araguaia. A recuperação da rodovia BR 163 nos trechos entre Cuiabá e Terra Nova e entre Santarém e Rurópolis, bem como a da BR 364 entre Cuiabá e Acre e BR 174 entre Manaus e a fronteira com a Venezuela, tinha como objetivo viabilizar o escoamento da soja. Houve ainda o objetivo de melhoria da malha rodoviária visando também o escoamento da soja para o exterior, melhorando trechos entre Marabá e Belém, e Imperatriz e a malha rodoviária do estado do Maranhão. O Programa Avança Brasil reforçou os objetivos do programa que o precedeu, isto é, melhorar a infraestrutura para escoamento da soja mato-grossense pela bacia do rio Amazonas, o que reduziria os custos dessa região produtora de soja, que dada as distâncias dos portos, é a de maiores custos (OLIVEIRA, 2006).

Essas ações, mesmo não concluídas ou algumas sequer iniciadas, geraram uma movimentação nos investimentos das multinacionais, como afirma Oliveira (2006), buscando localizações privilegiadas, redesenhando o sistema de circulação das *commodities* para exportação. Vários corredores de transporte foram sendo criados, entre eles o Corredor rodo-ferroviário (E.F. Carajás) que escoa produção do Sudeste do Estado do Pará e, sobretudo do Sul do Maranhão, através do porto de Itaqui no mesmo estado, utilizado pelas multinacionais Bunge, ADM e Cargill; e o Corredor rodoviário (BR 364) e hidroviário (rio Madeira e Amazonas) com dois terminais graneleiros em Porto Velho (um do grupo Amaggi e outro da Cargill) (OLIVEIRA, 2006).

Um dos exemplos mais significativos do estímulo das grandes empresas ao avanço da frente pioneira da soja foi a construção, no ano 2000, do terminal de exportação de grãos da Cargill na cidade de Santarém (PA). A construção do terminal e a perspectiva de pavimentação da BR 163 (trecho Cuiabá – Santarém) fizeram com que vários produtores se instalassem na cidade e em municípios vizinhos, o que pode ser demonstrado pelo significativo aumento da área plantada e da produção de soja no município após a conclusão do terminal. Entre 2001 e 2005, 215 munícipios passaram a produzir soja na região, o que evidencia a expansão da fronteira da soja.

E ainda, o que alguns autores chamam de *front* consolidado, municípios na região que já produziam soja, também tem chamado a atenção pelo grande aumento de produção de soja. Um bom exemplo é o município de Balsas (MA), que em 1990 possuía uma área plantada de soja de 6 mil hectares e em 2005 essa área alcançava os 107 mil hectares (FREDERICO, 2008). Hoje, no Brasil, é forte a expansão do cultivo de soja não apenas para o Centro-Oeste, mas para o Norte do país.

> O Centro-Oeste brasileiro configura-se atualmente como principal *belt* produtor de soja no Brasil e os Estados da Bahia, sul do Piauí e Maranhão e Tocantins como os principais *fronts* de expansão da cultura. Essa tendência é reforçada pela atuação dos governos estaduais que facilitam a instalação de grandes empresas em seu território e incentivam a produção nestes locais. É importante reforçar que as grandes *tradings* não são elas mesmas produtoras de soja (a principal exceção é o Grupo Amaggi). Na verdade, elas são incentivadoras do cultivo, fornecendo financiamento, sementes, assistência técnica e muitas vezes compram a produção antes mesmo do plantio (“grão verde”) (TOLEDO, 2005, p. 73 e 74).

O aumento da produção de soja nos municípios que já eram produtores e o aumento de novos municípios produzindo soja mostra como é agressiva a monopolização do território pelas grandes corporações.

Como os principais importadores de soja são China, União Europeia e Japão, isso significa que com relação às distâncias, os produtores brasileiros estão a mais de 10 mil Km de Rotterdam na Europa (saindo por Santos ou Paranaguá) e a mais de 25 mil Km da China. Isso sem considerar a parte de transporte por via terrestre. Para comparar, os produtores dos EUA estão a 6 ou 7 mil Km de Rotterdam e 10 a 12 mil Km da China. Como informa Oliveira (2006), foi pensando na redução desses custos que a Amaggi e a Cargill passaram a utilizar a hidrovia Madeira e Amazonas.

> É nesta redução de custos de transportes que apostava o consórcio das empresas de exportação de soja que pretendia assumir a pavimentação da BR-163 Cuiabá a Santarém. Esta alternativa reduziria significativamente a distância terrestre, hidroviária e marítima para o mercado mundial. A parte terrestre seria reduzida em cerca de mil km e a parte por água outros 2 a 3 mil Km (OLIVEIRA, 2006, p. 27).

A substituição de outras lavouras

Segundo Oliveira (2007), com a implementação das políticas neoliberais no Brasil, houve como consequência direta a expansão das culturas de exportação, particularmente da soja, e o crescimento da violência no campo. É importante lembrar que foi justamente na década de 1990 que ocorreram os massacres de Corumbiara e Eldorado de Carajás. Conforme Oliveira,

> [...] o neoliberalismo representou a tentativa de sepultar a agricultura camponesa, inclusive dentro da própria academia, com a concepção de agricultura familiar. Tratou-se para tal, de gerar o mito do agronegócio brasileiro. Aproveitando-se das crescentes exportações de soja, o neoliberalismo tentou decretar também o fim da necessidade da reforma agrária para o desenvolvimento do país. E em meio à eterna oposição maniqueísta entre o bem e o mal das elites brasileiras trataram, a mídia e uma parte dos intelectuais, a emDEUSarem o agronegócio e a colocarem sob o signo do DIABO as lideranças dos movimentos sociais (OLIVEIRA, 2007, p. 47).

Mas como bem aponta o autor, fazia parte do mito colocar a soja como o principal grão no mercado mundial, quando na realidades são o arroz, o milho e o trigo, estes sim, os principais alimentos da humanidade. Importante notar, no entanto, que a substituição de outros grãos como o arroz pela soja tem sido significativa em algumas regiões. Segundo a FAO, em 2012, somente na América Latina e Caribe houve a redução da produção de arroz em 7%. Em contrapartida, a produção africana aumentou em 3% (FAO, 2013).

> Entretanto, quem vê como a mídia tem tratado a produção de soja, parece que ela é a principal cultura do mundo. É importante frisar que esta posição tem o objetivo de mostrar igualmente a importância das grandes empresas do agronegócio. Assim, idolatramos as empresas multinacionais e nacionais dos grãos e de outros setores, tais como: ADM, Cargill, Bunge, Louis Dreyfus, Amaggi, Caramuru, Cutrale, Citrosuco, Votorantin, Nestlé, Danone, Aracruz, Friboi, Bertin etc. (OLIVEIRA, 2007, p. 148).

Isso tem levado à substituição de lavouras pela soja ou outras *commodities* como o milho, como demonstram os dados do IBGE:

Tabela 1 - Área Plantada por cultivo em ha no Brasil

Cultivo	1990	2011
Arroz	4.158.547	2.855.312
Feijão	5.304.267	3.907.926
Trigo	3.349.956	2.175.943
Milho	12.023.771	13.605.381
Soja	11.584.734	24.032.410

Fonte: IBGE
Produção Agrícola Municipal

Em 2012 havia 49,4 milhões de hectares plantados com cereais, leguminosas e oleaginosas, 1,6% a mais que em 2011. Arroz, milho e soja representavam 91% da produção ou 84,8% da área colhida. No entanto, o arroz apresentou uma redução de 13,2% na área a ser colhida. Já o milho e a soja apresentaram acréscimos de 10,5 e 3,5% respectivamente. Somente de 2011 para 2012 a Bahia aumentou em 68.445 hectares a área plantada com soja. Piauí e Maranhão obtiveram 8,6% e 5,1% de acréscimo na produção pelo aumento da área plantada. No Piauí, a área plantada com soja aumentou em 61.138 hectares.

> As exportações de soja em grãos passaram de 8,9 milhões de toneladas em 1999 para 11,7 milhões em 2000, 22,3 milhões em 2003 e 24,5 milhões de toneladas em 2004 (aumento de 175,8%) As exportações de farelo e óleo de soja têm expansão das exportações de respectivamente 42% e 74%. Os valores das exportações do complexo soja passam de US$ 4,4 bilhões em 1996 (9,2% das exportações totais) para US$ 8,1 bilhões em 2003 e US$ 10,04 bilhões em 2004 (representando 10,4% das exportações totais) (MEDEIROS, 2009 p. 81).

Em 1996, momento em que é instituída a Lei Kandir que isentava as exportações de produtos primários e semi-elaborados do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços, o ICMS, a soja em grãos correspondia a quase 20% das exportações do complexo soja brasileiro. Em 2003/4, foi de 55%. Já as exportações de farelo e óleo passaram de 80% para 45%. A Argentina[2] acabou por ocupar esse espaço deixado pelo Brasil. Se entre 1999 e 2006 a produção de soja aumentou 83,4% no Brasil, o esmagamento de soja aumentou apenas 37,2%.

Até 2003, o Brasil possuía vantagem na exportação dos grãos para países que priorizavam a aquisição de soja não transgênica, como alguns da UE e Ásia. Mas com a liberação do plantio de soja transgênica em 2003, esse quadro mudou e hoje a maior parte da soja plantada no Brasil já é transgênica. Na Argentina, assim como no Brasil, a expansão dos cultivos de soja significou a diminuição do cultivo de alimentos básicos como demonstra Teubal (2008):

> O boom da soja ocorre em detrimento de outros produtos cereais e oleaginosos. Entre as safras agrícolas de 1997/98 e 2004/05, a produção de soja aumentou em 20 milhões de toneladas, enquanto que a de girassol caiu 2 milhões de toneladas, a de arroz, 0,5 milhões, e a de milho se manteve mais ou menos constante. Na província de Córdoba, o auge da soja veio acompanhado da perda de 17% das cabeças de gado, uma tendência comparável a que se manifesta em nível nacional. Ainda assim, em termos de escala nacional, de 1988 a 2003, o número de estabelecimentos pecuários passou de 30.141 a menos da metade, 15.000 estabelecimentos. Caiu também a produção de frutas e dos tradicionais cultivos industriais (algodão) do interior do país (p. 147, tradução nossa).

O papel das tradings na expansão da soja ou como a comercialização subordina a produção: o caso da Cargill

Segundo os Censos Agropecuários do IBGE, no ano de 1970, pouco antes da Cargill iniciar suas atividades de processamento de soja no sul do Brasil, a região cultivava 2.086.248 hectares de soja. Em 1975 esse número já havia saltado para 5.075.155 hectares. Em 1980 a área cultivada de soja no sul era de 6.266.727 hectares tendo uma

[2] Segundo a Bolsa de Cereais de Rosário, o país tinha a capacidade de, em 2005, esmagar 111.620 toneladas de girassol e soja por dia. O aumento com relação aos anos anteriores se deu por conta de investimentos realizados por multinacionais como a Cargill ou a Louis Dreyfus.

leve queda no ano de 1985, passando para 6.094.536 hectares. Em 1995, o Censo Agropecuário registrou forte queda na quantidade de hectares cultivados por soja, tendo somado 5.419.277 hectares. Já em 2006, o Censo mostra um aumento significativo para essa região, passando a produzir soja em 8.131.849 hectares.

Hoje, o Sul é a segunda região produtora do país, pois desde 2002, o Centro-Oeste passou a produzir mais soja. Sua produção foi de 26.714 hectares colhidos de soja em 1970 para 883.444 em 1980, 4.554.047 em 1995 e 10.278.595ha em 2006. (IBGE) No Brasil, em termos gerais, temos o seguinte avanço na área plantada com soja:

Tabela 2 - Área Total de Soja Plantada em Hectares e Variação - Brasil

		Variação com relação ao ano anterior
1990	11.584.734	
1991	9.667.625	-16,55%
1992	9.463.625	-2,11%
1993	10.654.163	12,58%
1994	11.544.577	8,36%
1995	11.702.919	1,37%
1996	10.356.156	-11,51%
1997	11.508.120	11,12%
1998	13.319.749	15,74%
1999	13.069.793	-1,88%
2000	13.693.677	4,77%
2001	13.988.351	2,15%
2002	16.376.035	17,07%
2003	18.527.544	13,14%
2004	21.601.340	16,59%
2005	23.426.756	8,45%
2006	22.082.666	-5,74%
2007	20.571.393	-6,84%
2008	21.252.721	3,31%
2009	21.761.782	2,40%
2010	23.339.094	7,25%
2011	24.032.410	2,97%

Fonte IBGE - Produção Agrícola Municipal
Organização: Yamila Goldfarb

Conforme vemos na tabela, a maior parte dos anos apresentou uma evolução positiva na área plantada, particularmente entre 2001 e 2005. A variação negativa pode ser explicada por diversos fatores, mas é importante destacar o aumento de produtividade por hectare, o que fez com que ainda que em determinados momentos houvesse diminuição da área plantada, a quantidade de soja colhida aumentasse. Somente entre 2012 e 2013, o rendimento médio da soja por hectare aumentou em 11,35%, segundo o IBGE.

Tabela 3 - Rendimento Médio da Produção (Quilogramas por Hectare) de Soja no Brasil

Ano	1975	1980	1985	1995	2006
Rendimento	1.541,70	1.639,06	1.773,25	2.333,67	2.583,18

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário

O salto na área cultivada de soja na região Centro - Oeste entre a década de 1980 e 1990 aponta para a presença marcante da soja na consolidação do regime alimentar corporativo. Mas se olharmos o salto que a área total cultivada por soja no Brasil dá a partir do ano 2000, podemos notar como de fato essa década fica marcada por um aumento mais significativo ainda, o que corrobora com a tese de um novo pacto de economia política que relança o agronegócio no mercado internacional, como indica Delgado (2012).

Em parceria à Hermasa do grupo Maggi, a Cargill tem incentivado a produção de soja na Amazônia por meio de apoio tecnológico aos produtores e garantia de compra da produção.

A Cargill tem estimulado o plantio de soja na região de Santarém em um raio de até de 100 quilômetros do município. Conforme dados do IBGE, pode-se notar um salto na produção de soja no Estado do Pará a partir de 2003. A área plantada com soja em 2002 no estado foi de 2.648 hectares. No ano seguinte, passou para 15.310 ha, em 2004 para 35.219 ha e em 2005 para 68.410 ha hectares! O mapa a seguir nos ajuda a visualizar essa expansão da soja.

O ano de 2002 também foi marcado pela implantação de infraestrutura da Cargill nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Nestes, o avanço da soja se deu da seguinte maneira: em 2001, o estado do Mato Grosso apresentava 3.121.408 hectares de soja e, no ano seguinte, saltou para 3.818.231. Em 2003 já eram 4.414.496 ha e, em 2004, 5.279.928 ha. No Mato Grosso do Sul o início dos anos de 2000 também marca um aumento de área plantada com soja, passando de 1.195.744 ha em 2002 para 1.412.307 ha em 2003, 1.812.006 ha em 2004 e 2.038.176 ha em 2006.

> Convém lembrar que, embora as empresas que constituem as “gigantes dos grãos” se encontrem disseminadas por todo o território, nacional, sua presença é altamente significativa nos *fronts* agrícolas, já que são as únicas a possuir o tipo de sistema técnico que permite controlar a capacidade de esmagamento (BERNARDES; BRANDÃO FILHO, 2009, p. 23).

Nos estados da BA, MA, PI, TO[3], a rede de armazenamento tem um papel estratégico para o escoamento das safras, para a realização de políticas cerealíferas, para a regulação de estoques devido à variação dos preços ou para a expansão da produção, já que é a mais nova frente de expansão da soja no país. Em 2005, os 4 estados tinham

[3] MAPITOBA ou BAMAPITO é o nome dado à nova frente de expansão da soja e compreende o oeste bahiano, sudoeste e sul do Piauí, sul do Maranhão e nordeste do Tocantins, formado pelas siglas dos estados. Em 2007, essa região produziu 4.353.218 toneladas de soja numa área de 1.636.815 hectares.

capacidade de estocar 5.493 mil toneladas, o que representava 5,16% da capacidade de estocagem do país. 42,42% mais do que tinham em 2000 (FREDERICO 2008).

Na Argentina, por sua vez, conforme aponta o Departamento de Estudos Econômicos da Bolsa de Cereais de Rosário, em 2006, as principais empresas do setor de grãos investiram juntas 800 milhões de dólares para ampliar a capacidade de esmagamento e construir novos portos, o que nos pontua a importância da década de 2000 para o processo de expansão da soja no campo argentino também. Embora o impulso maior tenha sido em meados da década de 1990, com a introdução da soja geneticamente modificada (e que hoje representa mais de 90% da soja cultivada no país), a década de 2000 é marcada pela entrada de novos atores que vão dar um grande impulso na sua produção, como os *pools de siembra*.

Na safra de 1980/81, foram colhidas 3,7 milhões de toneladas de soja. Na de 1996/97 já eram 11 milhões e na de 2007/8, 46,24 milhões de toneladas. Para a safra de 2009/10, foram semeados quase 19 milhões de hectares, quase 3 milhões a mais que na safra anterior. Por sua vez, o milho e o girassol tiveram uma redução de área cultivada de 600.000 e 820.000 hectares respectivamente, o que demonstra, em parte, a concentração das atividades agropecuárias em torno da soja (GIACARRA; TEUBAL, 2010). Mais de 53% do território nacional destinado aos grãos está hoje ocupado pela soja, o que não significa ainda que outras áreas não tenham sido também ocupadas, como áreas mais ao norte do país e áreas de bosques nativos. O avanço da soja no que se chama região Pampeana, evoluiu da seguinte forma: de aproximadamente 5 milhões de hectares em 1993 para pouco mais de 6 milhões até 1996 e, dando um grande salto de uma superfície plantada de pouco mais de 7 milhões de hectares em 1997 para mais de 14 milhões de hectares em 2005. As províncias de Buenos Aires e Córdoba sempre foram as que tiveram maior produção de soja, no entanto foram perdendo espaço para as províncias de La Pampa e Chaco, entre outras (INDEC, 2013). Na tabela abaixo, podemos ver como se deu o avanço da área plantada com soja no país. Nota-se uma elevação praticamente constante da área o que deve se somar ao aumento do rendimento por hectare, assim como no caso do Brasil. Assim como no Brasil, a primeira metade da década de 2000 tem um grande salto na área plantada, mas chama a atenção o salto após 1996, ano em que se liberou o plantio da soja transgênica no país.

Notamos, portanto, como o aumento da área plantada com a leguminosa se relaciona ao crescimento da indústria da soja (e de seu *lobby*) no Brasil e na Argentina, bem como aos projetos de infraestrutura que visam potencializar o transporte da soja do interior do continente até o mercado mundial por meio, em especial, das hidrovias. O exemplo da construção do porto de Santarém é emblemático: este conecta o interior da região amazônica ao rio Amazonas que, por sua vez, leva ao oceano atlântico pelo norte do país e portanto, mais próximo das rotas marítimas para Europa e América do Norte. Essas duas regiões do planeta tiveram um grande aumento no consumo da soja após a quebra da indústria pesqueira de anchovas na costa peruana.

Com exceção do sul do Brasil e do sul da Argentina, as áreas de cultivo estão bastante distantes do mar e o transporte por terra em caminhões é muito caro. Por isso, o interesse em transformar os rios em hidrovias ou canais industriais.

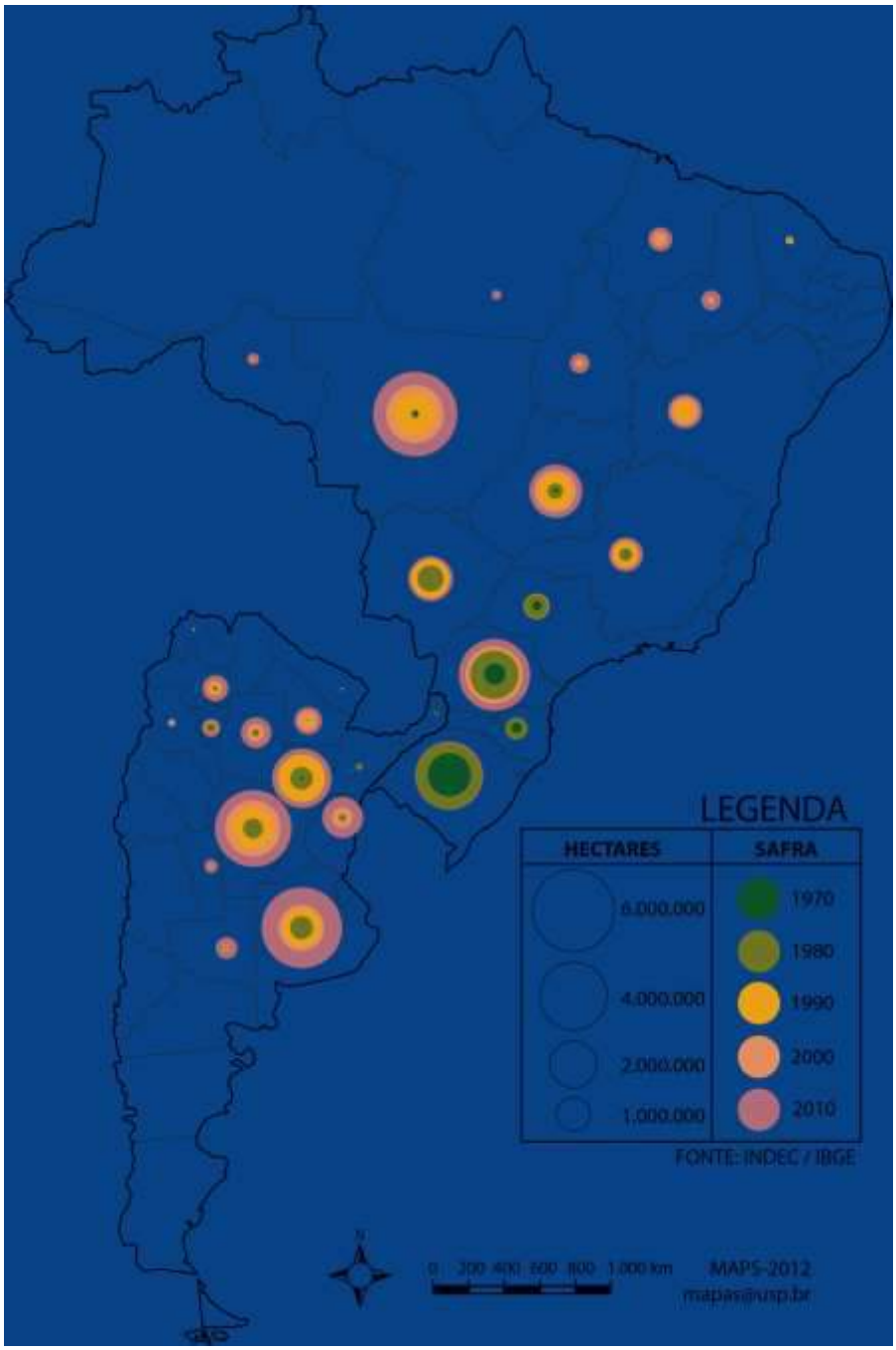
Tabela 4 - Área Total de Soja Plantada em Hectares e Variação – Argentina

		Variação com relação ao ano anterior
1990	5.100.000	
1991	4.966.600	-2,62%
1992	5.004.000	0,75%
1993	5.319.660	6,31%
1994	5.817.490	9,36%
1995	6.011.240	3,33%
1996	6.002.155	-0,15%
1997	6.669.500	11,12%
1998	7.176.250	7,60%
1999	8.400.000	17,05%
2000	8.790.500	4,65%
2001	10.664.330	21,32%
2002	11.639.240	9,14%
2003	12.606.845	8,31%
2004	14.526.606	15,23%
2005	14.394.949	-0,91%
2006	15.393.474	6,94%
2007	16.141.337	4,86%
2008	16.603.525	2,86%
2009	18.032.805	8,61%
2010	18.343.272	1,72%

Fonte: INDEC e MAGyP
Organização: Yamila Goldfarb

Como podemos notar observando o mapa, há uma expansão do plantio de soja em direção ao norte e nordeste de ambos países, e particularmente mais forte a partir da década de 2000. No Brasil, no ano de 2002 a produção de soja na região Centro-Oeste ultrapassou a da Região Sul. (6.954.722ha e 6.860.846ha respectivamente). Isso fica claro no mapa ao vermos que as circunferências das décadas de 2000 e 2010 são maiores na região Centro-Oeste. Na Argentina há grande crescimento da área plantada nas décadas de 1990 (liberação da soja transgênica) e de 2000 (pós crise).

Área Plantada com Soja entre 1970 e 2010 no Brasil e na Argentina, em Hectares



"Sojização" do campo na Argentina

O modelo agrário atual predominante na Argentina é um modelo baseado no que os argentinos chamam de extrema "*sojización*", isto é, "sojização" do campo por grandes empresas e sujeitos que controlam setores chave do sistema agroexportador tais como: companhias exportadoras, grandes produtores de soja, *pools de siembra* e sementeiras, em especial a Monsanto. Essa "sojização" é a principal expressão do estabelecimento do regime alimentar corporativo no país. Basta compreender que o seu *boom* não teria sido possível sem a dissolução da *Junta Nacional de Granos*, sem a privatização de todos os

terminais portuários e sem o abandono da política de facilitação ao crédito estatal aos produtores. Para se ter uma ideia do quanto a soja se tornara atrativa basta comparar alguns valores: em 2008, na *Chicago Board of Trade*, a tonelada de soja custava US$ 550, já a de milho US$215 e a de trigo US$410.

Segundo Giarraca e Teubal (2011), interessava ao governo argentino estimular o modelo sojeiro, pois isso lhe permitia obter o superávit na balança comercial e fiscal necessário, entre outras coisas, para o pagamento da dívida externa. Por isso, a década de noventa, com a abertura para a globalização, inclinou a balança para as *commodities*. Os agricultores, que até então colocavam seus produtos tradicionais no mercado local, passaram a sofrer enorme concorrência das mercadorias importadas que, embora não tivessem necessariamente a mesma qualidade, eram oferecidas a preços muito menores.

> A abertura e a desregulamentação impostas pela entrada na OMC começaram a produzir desemprego no setor industrial argentino. A atividade têxtil, que já sofria com a concorrência estrangeira praticamente desapareceu. O desemprego começa a afetar o consumo. [...] a lã e o algodão sofrem como atividades produtivas, uma forte redução. [...] A proliferação de produtos agropecuários de produção "industrial" de baixo custo e qualidade *standard*, chega também a outras atividades do setor. Na horticultura, junto com o aparecimento das estufas, se dá a dos híbridos de tomate, em particular os denominados longa vida que, na realidade, são de má qualidade mas se adaptam à produção e comercialização global em escala. Nos dois casos perdeu-se qualidade ao privilegiar o rendimento e a fácil comercialização em gôndolas dos supermercados, onde se mantêm por mais tempo (BOY, 2011 p.86, tradução nossa).

No entanto, Boy (2011) destaca que é na atividade agrícola extensiva onde ocorreram as maiores transformações pois, foi nesse setor que se consolidou a figura de empresários que arrendam terra de pequenos ou médios produtores para produzir *commodities* em escala. Nesse sentido, chama a atenção o impulso dado pelas multinacionais do setor de grãos para que isso ocorra. Boy (2011) informa que essas multinacionais precisam estimular o conceito de ineficiência dos pequenos agricultores e o seu prognóstico de desaparecimento. Nos anos de 1990, segundo Giarraca e Teubal (2011), grande parte dos produtores que possuíam até 200 hectares desapareceram do campo. Muitos viram na soja sua tábua da salvação em face da crescente concorrência de produtos externos. Produtores de leite e de gado se voltaram para a soja como estratégia para se livrarem de dívidas contraídas para suas atividades tradicionais. Entre 1988 e 2002 houve notável concentração de terras. Houve aumento médio do tamanho dos estabelecimentos de 375 hectares para 776 hectares e a diminuição dos produtores de menos de 200 hectares de 12,6% do total de superfície ocupada, para 8,6%. Assim, nota-se que com a "sojização" houve o desaparecimento ou empobrecimento de pequenos produtores, no geral mais ligados às cooperativas. As exportações da ACA (*Asosiación de Cooperativas Agrárias*) seja de soja em grãos, de *pellets* ou de óleo caiu entre 1988 e 2007.

O aumento da produção de soja ao longo da década de 1990 se deu como resultado da: eliminação de entraves à iniciativa privada, da inovação tecnológica, da liberalização econômica, dos avanços biotecnológicos, da drenagem do rio Paraná e da melhoria dos portos (PIERRI 2009).

Como podemos notar, a expansão da soja foi muito significativa, mais do que de qualquer outra *commodity*, diferentemente do caso brasileiro em que o milho, o álcool, a celulose também são muito relevantes. Por isso a denominação desse processo de "*sojización del campo"*. Uma ressalva poderia ser feita para a questão das *commodities* minerais, já que as atividades de mineração (*megamineria*) têm crescido bastante nos últimos anos, gerando inclusive, muitos conflitos socioambientais. No entanto, a soja é de longe, a maior expressão do campo argentino nos dias atuais.

Novos agentes na expansão da fronteira agrícola brasileira e argentina

Outro ponto importante de análise acerca desse processo de expansão da soja é o seu caráter rentista. Conforme reportagem do Jornal Valor Econômico, do dia 1 de abril de 2013, nos últimos dez anos a área plantada com soja na região brasileira denominada MAPITOBA ou BAMAPITO cresceu em mais de 1,7 milhões de hectares e chegou a três milhões de hectares plantados. Isso representa mais de 10% da área destinada à soja em todo o país. Segundo este jornal, mais de 2/3 desse crescimento se deu justamente a partir da safra 2005/6, quando o preço da soja no mercado internacional começou a sua escalada. Mas outro fator relacionado a esse avanço da fronteira agrícola diz respeito a aspectos econômicos mais gerais relacionados ao processo de financeirização:

> O que mais chama atenção em relação ao avanço da produção em uma das regiões mais pobres do país é o perfil desse crescimento. Trata-se de um fenômeno impulsionado pela chegada de grandes empresas de capital aberto, controladas por fundos estrangeiros ou por empresários nacionais ligados a outros ramos da economia. E que exploram um modelo de produção que combina altíssima escala, gestão profissional e acesso aos mercados de capitais. (FREITAS Jr., 2013b, p.1).

Na Argentina isso fica muito evidente com os *pools de siembra*. No PEA (*Plan Estratégico Agroalimentário y Agroindustrial Participativo y Federal 2010/2020*), documento que propõe metas para o setor agropecuário, esse novo sujeito da "*sojización"* é colocado como o novo sujeito agrário, não sem cobri-lo de méritos.

> O sujeito agrário até o ano 2000 era o produtor rural, que concentrava em si a propriedade da terra, os maquinários, possuía o capital necessário e era o responsável pela gestão agrícola e empresarial. Hoje nos deparamos frente a um novo sujeito agrário: o empreendedor agropecuário, que não necessariamente é o proprietário da terra, mas sim quem arrenda a terra, assume o risco agrícola, contrata serviços necessários e gerencia sua produção com o objetivo de maximizar a produtividade (MAGyP, 2010, p. 43, Tradução nossa).

Ou seja, trata-se de um empresário em busca de investimentos rentáveis. O Plano aborda esse novo sujeito ao longo de todo o texto, mas em momento algum cita os camponeses ou demais produtores rurais, o que demonstra um claro direcionamento das políticas agrícolas para o processo de "sojização" do campo argentino. Os grupos mais importantes que operam por meio desses *pools de siembra* são Cresud, Adecoagro, Los Grobo, Lartirigoyen, El Tejar, Cazenave & Asoc., MSU, Olmedo y Liag. Somando-os chegaram a arrendar mais de 900.000 hectares em um ano para a produção de soja. (MAGyP, 2010)

Além dos *pools de siembra*, existem os Fundos de Investimento. Há operadores financeiros que atuam anonimamente reunindo recursos de diversas fontes para investir no campo. Isso chegou ao ponto em que mais de 70% da colheita agrícola argentina se dá em terras arrendadas. Em tempos de tanta incerteza nos mercados de investimentos, nada mais adequado do que evitar a imobilização de capital na produção agrícola com aquisição da terra. Nesse sentido, o arrendamento se torna interessante, enquanto, claro, não tenha seu valor muito elevado. Alguns dos principais grupos que atuam dessa forma são:

> Los Grobo, possuía, em 2010, 17.700 hectares, mas cultiva em mais de 290 mil arrendados na Argentina, no Brasil, Uruguay e Paraguay. Hoje, as atividades de cultivo agrícola representam 20% de suas atividades totais. Os demais 80% resultam da prestação de serviços logísticos, financeiros, de gestão de risco e desenvolvimento tecnológico.

> El Tejar, existente desde 1987, cultiva cerca de 2.000.000 hectares na Argentina, Uruguay, Bolivia, Brasil e Paraguay. Até 2006, todas suas atividades se davam em terras arrendadas. Foi apenas nesse ano que começou a adquirir terras próprias.
>
> Adecoagro, criada em 2002, tem como um de seus principais acionistas George Soros. Possui mais de 270.000 hectares na Argentina, Paraguay e Uruguay.
>
> Aceitera General Deheza, fundada em 1948, expande suas atividades de produção de alimentos de forma constante a partir da década de 1980 e hoje produz grãos e cria gado em mais de 200.000 hectares, entre próprios e arrendados (TEUBAL E PALMISANO 2010).

Vale destacar a presença desses grupos argentinos no Brasil. El Tejar possui escritório em Primavera do Leste (MT) e realiza o mesmo tipo de empreendimento arrendando terras no estado da região Centro-Oeste; Los Grobo, presente no estado de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo entre outros, produz e comercializa soja, trigo e milho também arrendando terras. A Adecoagro produz cana de açúcar e grãos, justamente na região denominada MAPITOBA.

Entre as safras de 2002/03 e 2012/13 os valores dos arrendamentos agrícolas na Argentina, tiveram um crescimento contínuo apoiado no aumento do número de empresários e operadores agrícolas interessados em expandir a sua produção. Porém, esse aumento contínuo dos valores de arrendamento tem feito com que recentemente as extensões de terras arrendadas para o plantio de safras caiam consideravelmente, levando alguns autores a decretarem o início do desgaste dos *pools de siembra*. (LA POLÍTICA, 2013).

Algumas considerações acerca do neoliberalismo e da financeirização

Em meados da década de oitenta o papel do Fundo Monetário Internacional (FMI), que havia sido criado justamente no pós guerra, sofre uma transformação. Por um lado passa a defender a integridade do sistema financeiro internacional em favor da exploração deste pelos EUA. Por outro, ao restaurar as economias internas dos países para que elas pudessem pagar suas dívidas, o FMI as estava adaptando ao sistema financeiro internacional centrado nos EUA. Um aspecto muito importante desse sistema era o papel das instituições financeiras (em muitos casos não bancárias). Houve, como relata Gowan (2000), um declínio drástico dos bancos como fornecedores de crédito para o setor produtivo. Em seu lugar, surgiam os Fundos Mútuos que podiam oferecer taxas mais altas de juros sobre os depósitos feitos. Com os Fundos Mútuos, o fornecimento de empréstimo atrelou-se a alta e a baixa dos mercados de títulos. As quantias de recursos nesses fundos elevaram-se muito até que se tornou tão grande ou maior que todo o sistema bancário estadunidense. Mais tarde os próprios bancos puderam formar seus Fundos Mútuos.

Surgiram a partir desse momento também os Fundos de *Hedge* e multiplicaram-se os tipos de papéis negociáveis. O mercado futuro ganhou dimensões enormes o que causou consequências para a economia real. Gowan (2003) alerta para o fato de que os Fundos *Hedge* são um punhado de instituições que operam quantias gigantescas de dinheiro e que estão no topo da estrutura financeira americana. O perigo mora, conforme nos explica, no seguinte fato:

> Se os fundos dos especuladores são grandes em relação ao mercado, eles podem alterar os preços de mercado com os seus próprios fundos e então ganhar um efeito multiplicador à medida que outros especuladores menores fortalecerem aquela alteração de preço, acompanhando-a e, à medida que o efeito multiplicador prossegue, ele pode retirar da sua posição, recebendo lucros. (GOWAN, 2003, p. 148).

Tudo isso se vinculava à forte expansão da atividade e do poder do mundo financeiro. A atividade financeira estava cada vez mais liberta das restrições e barreiras regulatórias que até então limitavam seu campo de ação.

> Assim ela pôde florescer como nunca antes, chegando a ocupar todos os espaços. Houve uma onda de inovações nos serviços financeiros para produzir não apenas interligações por todo o planeta, mas também novos tipos de mercados financeiros baseados na securitização, nos derivativos e em todo tipo de negociação de futuros. Em suma a neoliberalização significou a "financerização" de tudo. Isso aprofundou o domínio das finanças sobre todas as outras áreas da economia, assim como sobre o aparato de Estado (GOWAN, 2003, p. 41).

Essa ideia corresponde à tese da proeminência do capital fictício. Houve, como afirmam Chesnais (1999), Gowan (2003) Paulani (2009) e Harvey (2011), uma mudança do poder da produção para o mundo das finanças. Fizeram-se fortunas rápidas em novos setores da economia, como a biotecnologia e as tecnologias da informação. Novas relações de mercado tornaram possível de inúmeras maneiras comprar barato e vender caro.

É importante compreender como as transformações no sistema de financiamento agrícola vão, por um lado inserir as corporações como agentes financiadoras, o que nos permite reafirmar o caráter corporativo do atual regime alimentar. Mas por outro lado vão, em especial a partir do ano 2000, mostrar que as transformações nesse sistema de financiamento vão possibilitar a financeirização de setores da agricultura, como o de grãos, o que, consequentemente, vai impulsionar a commoditização do campo, dado os altos preços observados neste mercado. Na tabela que segue vemos como o valor da saca de soja brasileira aumentou ao longo dos anos, salvo algumas exceções. Calculamos a média anual das cotações da saca para poder fazer uma análise temporal mais ampla. A diferença entre os valores em reais e em dólares se refere ao câmbio vigente e vemos um aumento menos expressivo do valor da saca em dólares, o que favorece as exportações.

Do ponto de vista da agricultura há um movimento que nos permite afirmar que ocorre uma financeirização do setor dado o aumento da importância que o capital financeiro vai adquirir. Como consequência de mudanças que foram ocorrendo na política de crédito rural, ocorre o aumento de instrumentos financeiros, emitidos por bancos ou outras instituições financeiras e negociados em bolsas e mercados futuros. O melhor exemplo de autonomização e ao mesmo tempo proeminência frente à produção real, foi a crise de 2008, momento em que houve grande elevação no preço dos alimentos. Dentro desse movimento há o aumento da participação das atividades financeiras no escopo de atividades das grandes empresas que passam a oferecer serviços na área. Nesse sentido a Cargill chama muito a atenção e é interessante notar que, em 2008, a receita líquida da empresa no Brasil foi de R$ 16 bilhões, o que representou crescimento de 26% em relação ao exercício anterior. Segundo o presidente da Cargill, Marcelo Martins, "entre os fatores que contribuíram para esses resultados estão a eficiência na gestão de riscos – considerada uma de nossas competências-chave (...)" (CARGILL, 2008, p. 6) Ou seja, em pleno ano de crise, não apenas de preços dos alimentos mas também financeira, a Cargill cresce 26%. Isso só pode ser explicado pelos mecanismos especulativos de "gestão de riscos".

Tabela 5 - Valor da Saca de Soja no Brasil

	Real	Variação	US Dolar	Variação
1997	19,33361111		17,5812963	
1998	14,75256098	-23,69%	12,72723577	-27,61%
1999	18,13227642	22,91%	9,966341463	-21,69%
2000	19,12572581	5,48%	10,44931452	4,85%
2001	23,79631579	24,42%	10,03951417	-3,92%
2002	33,31304	39,99%	11,14516	11,01%
2003	40,74967871	22,32%	13,33481928	19,65%
2004	42,27016064	3,73%	14,41738956	8,12%
2005	31,38656	-25,75%	12,91036	-10,45%
2006	28,31387097	-9,79%	13,00858871	0,76%
2007	34,6625	22,42%	17,96673387	38,11%
2008	46,23714286	33,39%	25,76646825	43,41%
2009	47,00802419	1,67%	23,78044355	-7,71%
2010	40,0348996	-14,83%	22,81975904	-4,04%
2011	46,48728	16,12%	27,84032	22,00%
2012	46,6956	0,45%	26,2348	-5,77%

Fonte: Cepea/ Ezalq - Indicadores de preços Organização: Yamila Goldfarb

O papel das corporações no financiamento dos cultivos

A década de 1980 no Brasil foi marcada por uma crise externa e consequente economia em recessão. O crédito rural, principal instrumento de política pública para a agricultura, sofre drástica diminuição de subsídios. Houve diminuição da capacidade de expansão de crédito para atender às crescentes demandas do setor de grãos, especialmente no Centro-Oeste, para onde a soja vinha se expandindo. Nesse contexto, foi necessário o desenvolvimento de mecanismos privados de financiamento agrícola. As *tradings* e indústrias processadoras ou as produtoras de insumos passaram então a ter um papel significativo no fornecimento de recursos para os produtores, já que essas empresas tinham maior acesso aos mercados de crédito internacional. Isso aumenta a capacidade que elas, em sua maioria multinacionais, têm de subordinar a produção de grãos (tanto a capitalista quanto a camponesa).

A partir desse momento, com a crise fiscal do Estado, verificou-se além do fim do subsídio ao crédito agrícola, uma contínua redução da disponibilidades de recursos oficiais. Ademais, a prometida adoção de uma política mais ativa de garantia de preços mínimos não se efetivou, uma vez que:

> observou-se ao longo da década uma redução ou quase eliminação dos recursos do EGF (Empréstimo do Governo Federal) para a soja (movimento que se verificou para todos os produtores agrícolas), como reflexo inequívoco do agravamento da crise fiscal brasileira (CASTRO, 1993 p. 86).

Os mecanismos de financiamento que passaram a ser utilizados foram os ACC – Antecipação de Contrato de Câmbio, e as compras por meio de trocas por fertilizantes e sementes. Essas estratégias foram formas de garantir a disponibilidade de grãos por parte das agroindústrias. Cargill e Quintella passaram a ser importantes viabilizadoras das lavouras de soja da Região Centro-Oeste por meio da compra antecipada de safra, com a entrega de insumos para pagamento futuro em grãos.

A mesma estratégia passou a ser utilizada pelos produtores para adquirir bens de maior valor como tratores. Um exemplo se deu entre a Maxion, empresa fabricante de colheitadeiras e tratores e a Cargill. Elas criaram um sistema de troca de seus produtos no qual a Cargill adquiria os grãos para venda futura e os recursos eram repassados a Maxion, que entregava o bem ao produtor agrícola. Como explica Mazzali, isso exigia uma complexa engenharia financeira. Os produtores passaram a comprar um trator, por exemplo, com certificados futuros de soja. O revendedor de tratores entregava o certificado ao banco e recebia dinheiro. Mas o banco, por sua vez, repassava esses certificados para uma *trading* e recebia títulos emitidos por essas empresas exportadoras (MAZZALI, 2000). Vemos então como isso aponta para a financeirização da agricultura.

Em suma podemos entender que, com a crise fiscal e a absorção do ideário neoliberal que retiraram do Estado seu papel regulador, e, mais do que isso, diminuíram seu papel de financiador da produção agroindustrial, os agentes que compunham os chamados Complexos Agroindustriais (bancos, produtores agrícolas, processadoras etc) passaram a se articular de forma a gerar possibilidades de financiamento por meio da criação de todo um aparato de financeirização extremamente complexo.

> A saída de cena do Estado impeliu à descoberta de novas formas de financiamento e comercialização da safra, no bojo das quais emergiram novos protagonistas. A agroindústria e as indústrias de máquinas e insumos agrícolas passaram a ocupar um papel importante no financiamento à produção rural, no vácuo deixado pelo governo. A indústria passou a se constituir no principal agente financeiro no campo (MAZZALI, 2000, p. 100).

Nessa nova organização, as grandes *tradings* passam a ganhar maiores poderes de controle da produção dado seu papel no financiamento das atividades, aumentando assim seu poder e capacidade de ganhos. Além disso, ganhavam com os novos mercados que se lhe abriam.

> As grandes *tradings*, em geral ligadas a bancos de financiamento, apresentam uma liquidez que se tornou fundamental ao financiamento das lavouras no momento do esgotamento do crédito oficial na década de 1990. Esses recursos passam a circular inicialmente na forma de vendas antecipadas, o que ficou conhecido como contrato de “soja verde”. Em muitas regiões brasileiras essa prática era comum há tempos, em especial entre pequenos produtores com dificuldades de acesso ao crédito oficial. As compras antecipadas eram (e continuam a ser em muitas regiões) realizadas por empresas de vendas de insumos e por cerealistas. Na década de 1990 esta prática disseminou-se, em especial em virtude do esgotamento do crédito oficial subsidiado [...] As vendas antecipadas de safras para vendedores locais de insumos eram importantes especialmente para pequenos produtores sem possibilidades financeiras ou técnicas de recorrerem aos financiamentos bancários. A situação inicia uma mudança com a criação do PRONAF em 1996, com juros mais baixos e menor burocracia. (MEDEIROS, 2009 p. 104 e 105).

Conforme Medeiros (2009), as dificuldades de acesso ao crédito não apenas estimularam as vendas antecipadas, como criaram todo um mercado de especulação sobre as dificuldades do produtor. Inúmeras formas de agiotagem a juros elevados foram surgindo, realizadas por agentes não ligados à produção agrícola, tais como corretores de imóveis, médicos etc. Além do financiamento realizado por cerealistas, vendedores de insumos e comerciantes ligados à produção agrícola. Em 1994, o mecanismo de compra antecipada ganha um sistema mais "sofisticado" com a criação da CPR – Cédula do Produto Rural, que mais tarde, em 2001, passaria a poder ser comercializada na BM&F (Bolsa de Mercadorias e Futuros).

A partir de 2000 novos agentes ligados diretamente ao mercado financeiro passam a financiar *commodities*. Fundos de pensão e investidores particulares vão entrando nesse mercado tornando-o cada vez mais complexo e volátil.

> Diferente das *tradings*, as novas empresas financeiras e fundos de pensão não asseguram a venda futura dos grãos a um preço fixo (hedge), os seus objetivos são justamente lucrar com o aumento a curto prazo do preço dos alimentos por meio de especulação financeira, o que torna ainda mais volátil o mercado (FREDERICO, 2008, p. 242).

Como esses compradores como as agroindústrias, as *tradings* e comerciantes, terminam por criar uma demanda adicional que empurra os preços para cima. Para piorar o quadro, novos investidores, com o objetivo de valorizar seus títulos agrícolas, passam a adquirir também bens como terras e sistemas de armazenamento, o investidores disputam os produtos com os tradicionais que aumenta seu poder especulativo (FREDERICO 2008) .

Com o aumento das soluções de mercado para o crédito rural, ocorre uma reorganização entre os agentes das cadeias que vai gerar novas formas de financiamento das safras e dos maquinários. As *tradings* entram nesse processo, e a Cargill é um bom exemplo, pois além de fornecer o crédito, oferece uma série de outros serviços financeiros.

> A financeirização da produção é uma das maneiras mais eficientes de dominação por parte das Gigantes do Grão e um das mais utilizadas. [...] O mercado financeiro se tornou tão lucrativo e estratégico para as empresas que a Cargill, além de fornecer crédito aos produtores, possui uma gama de outros produtos financeiros. Esta Gigante do Grão possui uma empresa chamada CarVal, especializada no fornecimento de Crédito Corporativo, Carteiras de Empréstimos e Investimentos Imobiliários. A CarVal mantém atividades na América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia através de seus escritórios centrais em Miniápolis, Londres, Tóquio e escritórios satélites, entre os quais o escritório de São Paulo, que administra as operações em território brasileiro com licenças comerciais e de investimentos e uma área de Trade and Structured Finance (TSF), responsável pela área financeira da empresa, de seus fornecedores e clientes (FREDERICO, 2008, p.118 e 119).

Cresceram e se desenvolveram uma série de novos tipos de valores mobiliários. Contratos de hipotecas tornaram-se papéis negociáveis e surgiram derivativos de todo tipo de título.

As transformações da década de 2000: Novo pacto, financeirização e o estímulo à commoditização.

A partir de 1997 e especial na década de 2000, há uma retomada do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) que passa a ter uma constante elevação. Vejamos porque isso ocorre.

> No ano de 1999, o financiamento público federal representava 64% do total, com cerca de R$ 5,8 bilhões em empréstimos, enquanto os bancos privados representavam 30%, com um valor aproximado de R$ 2,7 bilhões, restando às cooperativas de crédito rural apenas 4% na participação total (FREDERICO, 2008, p. 66).

Com a grande crise fiscal do final da década de 90 e os sucessivos empréstimos contraídos junto ao FMI, o governo decide mudar a estratégia do sistema econômico brasileiro e passa a apostar na reinserção do país no comércio internacional por meio das *commodities* primárias, tanto agrícolas como minerais. Reestrutura-se o Sistema Nacional de Crédito Rural e o mercado de terras para esse fim. As cadeias de soja, milho, sucroalcooleira e de carnes ganham um novo impulso (DELGADO 2012). Durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002), houve um aumento enorme das importações de alimentos como forma de controlar os preços internos. Até mesmo no caso da soja e derivados. Tudo isso em detrimento da produção interna. Para reduzir esse déficit comercial criou-se a Lei Kandir em 1996, que estimulava as exportações por meio da desoneração do ICMS. Junto a ela, desvalorização cambial de 1999 estimula o retorno às exportações. Somava-se a isso o surgimento da China como importante importador de alimentos brasileiros.

Em 2001, é criada a CPR com liquidação financeira, para incorporar novos agentes participantes do financiamento do agronegócio como um todo, aumentando os potencias compradores da Cédula. A diferença fundamental entre as duas modalidades de CPR (liquidação física e financeira) é que a última não exige a liquidação do contrato unicamente por intermédio de entrega física da mercadoria do produtor para o seu financiador, mas também permite que a liquidação seja feita em dinheiro. É a partir daí que se desenvolvem mecanismos cada vez mais complexos de financiamento mediados pela BM&F e que impulsionarão mais ainda a produção de *commodities* e em especial a soja.

> As Bolsas de Mercadorias e de Futuro tornaram-se o centro da comercialização mundial da produção de alimentos. Isto quer dizer que o comando sobre a produção e a definição dos preços dos alimentos não dependem mais do processo produtivo em si e de seus fatores, mas, dependem da lógica das players nas operações das bolsas mundiais. O chamado mercado futuro passou a comandar a decisão sobre o que plantar e quanto plantar. Ou seja, o capitalista antes de plantar já vende sua produção, ainda não plantada, às multinacionais que são as players, que controlam a circulação da produção mundial de alimentos (OLIVEIRA, 2009, p.6).

Mesmo com o aumento dos recursos públicos na década de 2000, criam-se diversos instrumentos de mercado de captação de crédito. Em 2004, com a Lei 11.076, novos títulos são criados para aumentar as possibilidades de captação de crédito diretamente via setor financeiro. Trata-se do certificado de Depósito Agropecuário (CDA) e o Warrant Agropecuário (WA).

Isso significa que essa demanda adicional poderá eventualmente fazer subir os preços dos produtos. Um dos problemas do mercado de derivativos é que ele atrela movimentação de preços de um produto agrícola específico, com a movimentação de preços no mercado de futuros. Com isso, os abalos no mercado financeiro abalam os mercados físicos e vice versa. Não se trata apenas da influência que os mercados físico e de futuro exercem um sobre o outro, mas também o aumento do preço que se provoca numa cadeia de alimentos e a substituição de cultivos que se tornam menos “atrativos”. Os casos do Brasil e da Argentina, com a frequente substituição de cultivos tradicionais por soja e outras *commodities,* são emblemáticos nesse sentido.

Conforme Arroyo (2006), o volume e a variedade dos instrumentos e das transações nos mercados financeiros internacionais e a financeirização acelerada dos comportamentos das grandes corporações vieram reforçar a autonomia da esfera financeira. Para a autora, o

problema dessa financeirização em escala planetária é o seu caráter rentista, gerando ganhos sem passar por investimentos produtivos.

> A aparição de novos agentes financeiros privados também se tornou central para a configuração deste novo período. Entre eles, destacam-se: a) os *investidores institucionais* – fundos de pensão, fundos mútuos, seguradoras –, que ao concentrarem uma grande massa de recursos determinam o resultado do movimento (por exemplo, quando recebem sinais negativos, os administradores desses fundos tendem a fazer vendas maciças da moeda ameaçada, tornando a defesa da paridade cambial praticamente inviável e muito custosa para os bancos centrais); e b) os *global hedge funds*, investidores que reúnem montantes de capital privado para se engajarem em posições altamente alavancadas, com maiores massas de capital que os demais participantes – são os especuladores por excelência e funcionam como sinalizadores do mercado (ARROYO, 2006, p. 2).

Sobre a política de financiamento para a agropecuária na Argentina

Entre 1985 e 1989, embora tenha sofrido redução com relação ao início da década, o financiamento bancário para o setor agropecuário se concentrou nas instituições públicas que financiaram 72% do total para o setor. Essa década é marcada pela maior regulação estatal sobre o setor bancário que por sua vez, direcionava o crédito a setores selecionados pelo Estado. Assim como o Brasil, a Argentina passou por grandes crises fiscais na década de 1980. O Estado mantinha importante papel no fomento da agropecuária e os bancos, por sua vez, foram perdendo o seu papel de intermediário financeiro. O que se mantinha ficava concentrado nos bancos públicos. Com isso, o financiamento extra bancário foi ganhando importância e na década de 1990, se destacou ainda mais. Vale colocar que em 1997 e 1998, o Banco de la Nación refinanciou dívidas vencidas e postergou ações judiciais (BARSKY; GELMAN, 2005).

Era importante na Argentina o chamado Financiamento Comercial, que se destinava ao financiamento das exportações e dos mecanismo chamados de *canje* (troca), que possibilitavam a aquisição de insumos, por exemplo. Este pode ser entendido como um mecanismo semelhante ao das vendas antecipadas o que por sua vez, também se complexificou na década seguinte com a entrada no mercado de futuros.

A década de 1990 foi de plena consolidação das políticas neoliberais na Argentina. Nesse momento, dissolveram-se importantes organismos reguladores como a Junta Nacional de Granos e a Junta Nacional de la Carne entre outros. Eliminaram-se as regulações do mercado de leite e da indústria láctea e venderam-se os bens de todos esses órgãos. Eliminaram-se as taxas sobre exportações[4], entre elas as que se destinavam a financiar o INTA. Diminuíram-se as taxas de importação de insumos e produtos agropecuários e inclusive o do combustível para não desaquecer por completo o setor.

Se em meados dos anos 80, a Junta Nacional de Granos possuía mais da metade da capacidade de armazenamento de grãos, o que lhe permitia regular os preços e exercer alguma política de abastecimento, na década seguinte essa capacidade foi completamente eliminada. Até meados da década de 1990, os elevadores de carga dos portos foram privatizados ou outorgados em concessões. Com a ausência de uma política de preços mínimos, pequenos e médios produtores se viram reféns da volatilidade dos preços internacionais o que fez com que uma quantidade importante de unidades produtivas desaparecesse. Desregulamentaram-se os portos e muito foram privatizados. O transporte ferroviário foi drasticamente reduzido e praticamente toda a indústria nacional e os serviços foram privatizados, inclusive, indo parar nas mãos de empresas estrangeiras.

[4] Frente à paridade do peso e do dólar, o setor agroexportador ficava muito prejudicado, por isso a necessidade de se retirar os impostos de exportação.

A década de 1990 foi, portanto de completa consolidação do neoliberalismo no país. No entanto, diferente do setor industrial, o agropecuário não foi atingido de maneira tão avassaladora por três razões: havia o aumento dos preços no mercado internacional de algumas *commodities* (dentre elas a soja), houve a redução dos custos, em especial por meio da retirada das retenções (imposto sobre as exportações) e houve o surgimento de novos mecanismos de financiamento do setor. Embora o setor agropecuário tivesse a vantagem naquele momento de não ter que pagar as retenções e de ter alguns importantes insumos barateados, outros fatores diminuíam essas medidas favoráveis, como o encarecimento dos transportes com a privatização das estradas, o aumento do custo da mão de obra e o aumento dos impostos municipais e provinciais. A solução foi a busca do aumento de escala na produção, o que só foi possível por conta dos altos preços internacionais dos grãos.

Surgem ou se fortalecem diversos instrumentos alternativos de financiamento com a menor intervenção estatal no setor financeiro: os Warrant, o Leasing, as Sociedades de Garantia Recíproca, a Securitização, os *Pools de Siembra*, os Fundos Comuns de Investimentos, o *Fideicomiso* e o *Factoring*. O sistema de *Fideicomiso* foi o que teve maior impacto pelo volume aportado ao setor agropecuário.[5]

Alguns *Pools de Siembra* foram organizados por Fundos Agrícolas de Investimento Direto com a mediação de uma entidade bancária. O fundo agrícola se integrava a um fundo de investidores que com os recursos que tinham, administrados por uma empresa consultora, realizavam o negócio agropecuário. Em alguns casos, as empresas consultoras organizavam os *Pools* sem a intermediação dos bancos. Com a produção em grande escala realizada por esses agentes houve o aumento importante no uso de insumos agrícolas, o que favoreceu grandes empresas, como a Monsanto, além de gerar um impacto ambiental e sanitário altíssimo. [6]

No que toca ao sistema bancário, os bancos públicos continuaram sendo o principal agente do financiamento agropecuário, concentrando mais de 70% dos montantes no início da década e tendo leve queda ao final. Em 1999 representavam 60%. Houve, no entanto, uma concentração desse financiamento nos bancos federais, já que os das províncias, ao serem privatizados, foram diminuindo sua participação no financiamento agropecuário. Por outro lado, os bancos privados aumentaram sua participação como um todo, passando de 25% em 1988 a 39% do crédito agropecuário em 1999.

Nos anos de 2000 e 2001 houve quase desaparecimento do crédito bancário, o que fez com que se incrementassem os mecanismos não bancários. A partir do fim de 2002 há uma retomada na disponibilidade do crédito bancário o que, segundo Nava (2003) se deu mais pela necessidade de que os bancos melhorarem sua imagem frente aos clientes do que de efetivamente pelo interesse em desenvolver o crédito.

Com a desvalorização do peso em 2002, os bancos se voltaram mais aos exportadores, já que o câmbio favorecia o setor. Nava (2003) pondera que, por sua vez, as grandes empresas do setor, em especial as multinacionais, não enfrentaram as mesmas dificuldades em se financiar, pois recorriam ao financiamento no exterior, diferentemente das pequenas e medias empresas.

O que vemos então é que, assim como no Brasil, o estabelecimento do neoliberalismo veio desmontar uma estrutura estatal importante e desregular o mercado. Também assim como no Brasil, o setor agropecuário foi impulsionado pelos sucessivos governos a se inserir numa economia mundializada. No entanto, o que se nota no caso argentino é uma presença menor no Estado na regulação do mercado e da produção

5 O Fideicomiso é uma forma jurídica de associação, bem como as sociedades anômimas ou os fundos comuns de investimento. Os *pools de siembra* se organizam com alguma dessas formas jurídicas, entre outras. Não todos os *pools de siembra* são *fideicomisos*, ou fundos comuns de investimento e vice versa, mas uma parte importante dos *pools* se organizaram a partir da forma *fideicomiso*

6 O caso das fumigações aéreas é emblemático, inclusive pela grande campanha que se gerou contrárias.

interna, como por exemplo, na ausência de uma política de preços mínimos. Isso levou à necessidade de que em alguns momentos, os governos chegassem a proibir a exportação de determinados produtos para evitar um total desabastecimento interno, como foi o caso da carne bovina em 2006.

Commodities e Mercado de Futuros

Em 2007, o movimento do mercado de futuros no mundo superou em muito as safras mundiais. Isto é, havia mais produtos agrícolas nos contratos do que na realidade. O aumento dos preços dos alimentos observados até meados de 2008 se explica, em grande medida, por isso.

> [...] o volume financeiro de contratos futuros agropecuários representou números muito superiores às safras, em 17,2 vezes para a soja, 16 vezes para o café, 6,1 vezes para o milho e 6 vezes para o açúcar. (MEDEIROS, 2009, p. 86)

No Brasil, o volume dos contratos futuros de soja passou de 7,2 mil em 2004 para 196,2 mil em 2007. (8,8% dos contratos de *commodities* agrícolas da BM&F; os de milho representaram 9,4%.) O milho possui maior número de contratos, no entanto, os valores da soja são superiores. Isso demonstra que:

> Passa a vigorar uma lógica de investimento financeiro no mercado de commodities, uma lógica de aposta e especulação. Com isto, o papel das corretoras de títulos e dos analistas de mercado cresce em importância levando a que o capital dos investidores se adiante às tendências próprias da agricultura, acelerando os períodos de queda ou elevação dos preços. **Criando uma dinâmica mais propriamente financeira no setor agroalimentar,** pois as grandes bolsas, como a de Chicago (CBOT) influenciam a formação dos preços no mundo inteiro. (MEDEIROS, 2009, p. 87 e 88, destaque nosso).

Frente a dados como esse, podemos novamente falar em financeirização da agricultura. Trata-se do processo no qual a Finança passa a determinar, subordinar o setor produtivo real. Finança é aqui entendida como a fração superior da classe capitalista e suas instituições financeiras. Essa categoria, definida e utilizada por uma série de economistas e cientistas políticos (CHESNAIS, 2010; DUMÉNIL et LEVY, 2010; entre outros) resume um ator tanto econômico como político da história do capitalismo.

> É um objeto social que reúne dois elementos: (I) uma fração da classe capitalista, (II) um conjunto de instituições (os bancos e, incluídos no capitalismo moderno, o banco central e instituições não bancárias, nacionais ou internacionais como o Fundo Monetário Internacional, os fundos etc) (DUMÉNIL et LEVY 2010 p. 187).

O interessante dessa definição é que retira o falso aspecto de neutralidade que as instituições financeiras, bancárias ou não, possuem e as coloca no seu devido lugar: o de instituições a serviço e comandadas por essa fração superior da classe capitalista. Com isso, dizer que a Finança subordina a produção real significa dizer que os interesses do capital financeiro se sobrepõem ao do capital produtivo trazendo consequências concretas para o processo histórico-geográfico[7]. Um claro exemplo disso são os processos de concentração empresarial e consequente monopolização de setores da economia.

[7] Segundo Paulani (2009), a proeminência do capital financeiro sobre o produtivo acaba por produzir duas cisões na figura do capitalista: a primeira se dá entre o capitalista ativo (produtivo) e aquele que

> Assim muitas das transformações pelas quais vem passando a esfera produtiva, seja no que diz respeito às relações entre o trabalho e o capital (flexibilização, precarização, perda de direitos do trabalho etc.), seja no que concerne ao processo produtivo propriamente dito (toyotização, *just in time*, costumeirização, etc.), seja ainda em termos da organização dos setores (centralização de capitais, deslocalizações produtivas etc.) foram respostas ao imperativos ditados pela lógica financeira à qual a produção da riqueza material deve responder. A riqueza material que deveria ser a base da riqueza financeira, passa a ser produzida segundo seus imperativos (PAULANI, 2009, p. 15).

Outro fato que faz com que o Mercado de Futuros influencie a economia real é o de que ele exige padronização e homogeneização. Isso interfere nas escolhas dos produtos e termina por homogeneizar a oferta de alguns alimentos.

> Lembremos que as mercadorias negociadas no mercado futuro são compradas e vendidas sem a necessidade de serem vistas: seguem um padrão, uma classificação previamente determinada, que garante aos participantes a certeza de estarem comprando e vendendo o mesmo bem. Por isso, uma commodity para ser negociada a futuro deve oferecer condições para fácil padronização de volume, qualidade, peso e outras características. O produto deve também ser homogêneo, ou seja, um contrato deve ser igual a outro, permitindo que seja intercambiável (CORRÊA et RAÍCES, 2010, p. 22).

E tudo isso, lembremos também, mesmo que o produto não seja de fato entregue ao comprador. No Brasil, apenas 1% dos contratos são liquidados por entrega física. Isso porque, no vencimento do contrato, os preços a vista e os preços do Futuro tendem a ser iguais. Os agentes do mercado arbitram para que os valores se igualem. A questão é saber qual mercado, se o de Futuro ou de ativos reais, sofreu maior arbitragem. Para os autores, a intervenção estatal não deve acontecer, mas, a arbitragem dos agentes do mercado, sim. Para eles, toda vez que se busca sair da lei da oferta e da procura, incorre-se em enormes riscos, já que no geral haveria a tendência de se incentivar a superprodução no longo prazo, provocando um colapso nos preços e a diminuição nos preços de exportação.

A participação das grandes corporações nas atividades financeiras: O exemplo das atividades financeiras da Cargill

Quando se fala em atividades financeiras de uma empresa, estamos falando de uma ampla gama de atividades tais como financiamento de produção, mecanismos de *hedge*, vendas antecipadas no Mercado Futuro, mecanismos de *Swap* etc. Se analisamos os informes liberados pela empresa, vemos que todos esses elementos compõem o próprio valor da empresa. O aumento das atividades nos mercados financeiros por parte de empresas como a Cargill se deu em especial com a possibilidade de negociar os chamados Derivativos Agrícolas. E nos casos de empresas que possuem o capital aberto em bolsas de valores, as interfaces com a questão da financeirização se multiplicam. No entanto, não abordaremos isso neste trabalho, já que a Cargill não possui ações na bolsa.

---

vem apenas partilhar a mais valia (o capitalista monetário, aquele que vai emprestar o dinheiro). Mais tarde se dá a cisão entre proprietários de capital e os administradores (ou *managers*). Qual o efeito disso? Se antes as exigências técnicas se impunham sobre as decisões do manager, agora ocorre uma inversão. A produção passa a ser comandada pelos interesses dos managers que têm o dever de fazer frutificar esse capital. Nem sempre a melhor decisão para o capital corresponde à melhor decisão para a produção real.

Nesse universo, Gowan (2009) aponta para a constituição de dois pólos do capitalismo: o capital que negocia dinheiro (capitalista financeiro) e o capital produtivo (que emprega o dinheiro). O que chama a atenção no caso aqui estudado é que a Cargill pratica atividades como capital produtivo (nas próprias atividades e ao emprestar dinheiro aos produtores, tanto enquanto pessoas físicas como jurídicas, por exemplo), mas também pratica diversas atividades no mercado financeiro como *sawps* e outros, conforme podemos ver em seus relatórios financeiros. Completa o quadro o fato de que no ano de 1999 a Cargill inaugurou o Banco Cargill, instituição especializada justamente no crédito agrícola e na chamada proteção cambial, isto é, mecanismos de *hedge* o que demonstra o papel da empresa como agente financeiro. Em outras palavras, age como especuladora dentro do setor em que atua. Assim como outros especuladores, tais como os Fundos de *Hedge*. Vale a pena deter-nos um pouco mais nisso:

Derivativos são instrumentos que realocam o risco na economia, isto é, jogam para outro agente os riscos de perda de dinheiro pela oscilação de preços de uma dada mercadoria. O Mercado Futuro faz parte do que se chama Mercado de Derivativos. Este, por sua vez, pode ser entendido da seguinte maneira:

> Os derivativos são instrumentos financeiros cujos preços estão ligados a outro instrumento que lhes serve de referência. Por exemplo: o mercado futuro de petróleo é uma modalidade de derivativo cujo preço depende dos negócios realizados no mercado a vista de petróleo, seu instrumento de referência. O contrato futuro de dólar deriva do dólar a vista; o futuro de café, do café a vista, e assim por diante. […]
> - se a formação de preços no mercado de derivativos está sujeita à variação de preços de outros ativos no mercado a vista, os derivativos não são causa, mas efeito, pois derivam desses mercados;
> - os derivativos representam a forma de negociar a oscilação de preços dos ativos, sem haver, necessariamente, a negociação física do bem ou da mercadoria (BM&F, 2008, p. 5 e 6).

Se o valor do que se vende no Mercado Futuro depende (deriva) da variação de preços de ativos reais isso significa que a Cargill negocia papéis no Mercado Futuro cujo preço vai depender do preço de mercadorias sobre as quais ela própria tem grande poder de influência.

Várias são as finalidades dos contratos em mercados de derivativos, conforme exposto na brochura da BM&F.

> ***Hedge* (proteção)**
> Proteger o participante do mercado físico de um bem ou ativo contra variações adversas de taxas, moedas ou preços. Equivale a ter uma posição em mercado de derivativos oposta à posição assumida no mercado a vista, para minimizar o risco de perda financeira decorrente de alteração adversa de preços.
>
> **Alavancagem**
> Diz-se que os derivativos têm grande poder de alavancagem, já que a negociação com esses instrumentos exige menos capital do que a compra do ativo a vista. Assim, ao adicionar posições de derivativos a seus investimentos, você pode aumentar a rentabilidade total destes a um custo mais barato.
>
> **Especulação**
> Tomar uma posição no mercado futuro ou de opções sem uma posição correspondente no mercado a vista. Nesse caso, o objetivo é operar a tendência de preços do mercado.

> **Arbitragem**
> Tirar proveito da diferença de preços de um mesmo produto/ativo negociado em mercados diferentes. O objetivo é aproveitar as discrepâncias no processo de formação de preços dos diversos ativos e mercadorias e entre vencimentos (idem, 2008, p. 14 e 15).

O Mercado Futuro é um desdobramento do Mercado a termo, portanto não é simples compra/venda antecipada. Não se entra no Mercado Futuro com a intenção de receber ou entregar mercadorias. Entra-se para proteger o preço de compra ou de venda de alguma mercadoria, ou então para especular.

No Brasil, o Mercado Futuro teve início ao final de 1977 por decisão da Bolsa de Mercadorias de São Paulo. Em abril de 1978 deu-se o primeiro pregão de contrato de futuros, o do café. Os contratos de farelo e óleo de soja tiveram início apenas em maio de 1981. O Mercado de Futuros deu um salto em julho de 1985 com a criação da Bolsa Mercantil e de Futuros, a BM&F, que mais tarde passaria a se chamar Bolsa de Mercadorias e Futuros. Vinte e quatro anos depois, a BM&F se uniu à Bovespa. No entanto, os valores que circulam por meio desses dois tipos de mercados são bem diferentes. O Mercado de Futuros superou em muito o de ações. Em 1991 já era 10 vezes maior. Em 2004, chegou a ser 60 vezes maior.

Para Corrêa; Raíces (2010), para que um contrato no mercado de Futuros seja "vitorioso", isto é, gere renda para seu portador, deve estar ligado a um mercado à vista, isto é, real. Não pode, para os autores, ser um mercado regulado pelo governo, por negociações internacionais ou dominado por monopólios, pois o Mercado de Futuros negocia a incerteza em relação às cotações futuras.

> Se as cotações pouco se movimentam, não há razão para realizar um contrato futuro ou de opção, seja na área agrícola, na energia, mineral, financeira ou nas ações, já que não existe motivo para arcar com o custo da proteção de preço. Trabalhar no mercado à vista é mais barato e simples. É por isso que mercados altamente subsidiados por governos ou divididos em sistemas de cotas não atraem operadores [...] Intervenções desmontam mercados. Os preços deixam de seguir as leis da oferta e da procura. (CORRÊA; RAÍCES, 2010, p. 21).

Fica clara nessa citação a visão liberal dos autores e a crença de que a lei da oferta e da procura regula de forma saudável o mercado. Se há intervenção, há menos risco e portanto não há jogo. A questão é que não são apenas os que jogam nesse mercado que perdem. Hoje, esses mercados influenciam os preços dos ativos reais, das mercadorias de fato e, por isso, esse não intervencionismo passa a ser criminoso. Diversos trabalhos comprovam como os preços da soja no Mercado Futuro influenciam os preços no mercado físico assim como os preços da soja na Chicago *Board of Trade* influenciam os preços mundiais pela constatação de que há uma liderança do mercado futuro de soja dos EUA na formação dos preços mundiais do grão, em especial, no Brasil e mais ainda na China.[8] Vejamos como é a atuação da Cargill com relação às atividades financeiras.

> A Companhia também possui operações de futuros de commodities nas Bolsas de Chicago e Nova Iorque com objetivo de proteger-se em relação às oscilações nos preços. Estas operações foram devidamente avaliadas pelo seu valor justo na data do balanço. Para mitigar esses riscos, a Companhia monitora permanentemente os mercados locais e internacionais, buscando antecipar-se a movimentos de preços.
> As receitas financeiras abrangem receitas de **juros auferidos em aplicações financeiras, ganhos nos instrumentos de hedge, quando aplicável, acréscimos moratórios incidentes sobre a venda de**

[8] Para questão da relação de preços entre Mercado Futuro e Mercado físico ver Costa et al. (2006); Adami et al. (2012) e; Barros et al. (2010)

> **produtos e serviços prestados**, que são reconhecidos no resultado. As despesas financeiras abrangem despesas com juros e variações monetárias sobre empréstimos e financiamentos e marcação a mercado de resultados de operações de swap e hedge, que estão reconhecidos no resultado (CARGILL 2009. Destaque nosso.).

Segundo Kneen (2002), as atividades financeiras da Cargill representam sua segunda maior fonte de ganhos. Um de seus principais serviços oferecidos nesse setor é o de manejo de riscos, que faz por meio justamente de *hedges* no Mercado Futuro. O contrato futuro em si (de se entregar uma quantia x de determinada produção) passa a funcionar como uma mercadoria que pode ser vendida e comprada.

Um dos serviços financeiros oferecidos pela Cargill no Brasil se refere ao de *Hedge,* conforme consta em seu site brasileiro: "A Cargill oferece serviços de proteção contra riscos de preço para clientes e produtores de commodities, como o Cargill Garantia Plus, o Cargill Farelo Plus e o Cargill Quadrado, que protegem contra riscos financeiros. Kneen explica como isso funciona no longo trecho transcrito abaixo:

> Sendo assim, quando Cargill compra uma carga de cevada real a um preço *x*, ela vende um contrato para entregar a mesma quantidade de cevada ao mesmo preço ou ligeiramente mais alto, numa determinada data futura. Isto é, o contrato de entrega futura da commodity cevada em si, se transforma numa mercadoria que pode ser comprada ou vendida. Qualquer que seja o destino da cevada real, a Cargill sabe que na realidade pode vender esse montante de cevada a um preço conhecido no futuro. (A Cargill sabe há muito tempo o valor de ter sempre o acesso ao estoque real do grão.) Se, no entanto, ela pode obter um preço maior pela cevada real, ela irá vendê-la talvez ao mesmo tempo em que compra de volta os contratos futuros que ela tinha vendido antes, ou comprando mais cevada para manter sua posição. (a mercadoria cevada e a mercadoria contrato-para-entregar-cevada se tornam equivalentes, ou abstratamente equivalentes.) (KNENN, 2002 p. 80. Tradução nossa).

O mercado financeiro pode garantir que a Cargill não apenas não tenha perdas monetárias diante da oscilação eventual do preço das commodities, mas que ela ainda obtenha ganhos financeiros com os derivativos. Esta forma de operar da Cargill não é propriamente uma novidade. A novidade do período contemporâneo está na abundância dos derivativos e no relativo maior grau de liberdade que as grandes corporações possuem para atuar num mercado mundializado em bases neoliberais em que os Estados, em muitos casos, reduziram a sua influência na regulação desses preços.

O que permite à Cargill realizar esse tipo de negociação é a sua capacidade de estocagem como será demonstrado, e o acesso privilegiado à informação. A capacidade de armazenamento[9] também proporciona a possibilidade de entregar por encomenda ou de reter o estoque e assim influenciar o mercado. Ambas possibilidades são essenciais nesse tipo de negociação. O nível de influência que uma empresa exerce no mercado ou nas negociações está diretamente relacionado com a habilidade de realizar as entregas a um preço favorável ou de as reter a um preço baixo. Isso é crucial quando se aposta no mercado futuro. Quanto maiores são as reservas estocadas, maiores as possibilidades de apostas seguras no mercado futuro. George (1978) aponta o uso dessa estratégia pela Cargill e outras grandes corporações já em meados da década de 1970.

> Os preços nos mercados futuros de Chicago, na verdade, refletem apenas uma pequena parte do mercado real, porque as grandes companhias, como a Archer Daniels, a Central Soya, a Cargill e a Ralston Purina, podem

[9] A capacidade de armazenagem pode ser classificada em estática e dinâmica. A estática se refere ao volume que aquele armazém comporta em metros cúbicos. A capacidade dinâmica se refere ao volume que esse armazém comporta levando em conta a rotação dos grãos ao longo do ano.

> transferir quaisquer porções de seus estoques privados diretamente às suas subsidiárias no exterior, para servir aos seus próprios objetivo. (GEORGE, 1978 p. 140).

Uma empresa pode não usar toda a sua capacidade de armazenamento mas é essa capacidade e não necessariamente seu uso máximo, o que proporciona poder financeiro para negociar tanto o grão real como o "invisível" por meio de contratos de mercado futuro. Como explica Kneen (2002), o grão pode se materializar, se necessário, antes que o contrato futuro tenha que ser entregue. É justamente porque possui essa capacidade de armazenagem que a Cargill pode utilizá-la de forma especulativa. Isso explica porque a Cargill coloca tanta ênfase no Mercado Futuro e investe tanta energia convencendo produtores a usá-lo, por meio da oferta do serviço de gerenciamento de riscos.

O acesso à informação é outro ponto importante. As grandes corporações possuem uma enorme rede de pesquisa e informação, muitas vezes comparada a serviços de inteligência, que permite antecipar movimentações do mercado no mundo todo. O período atual é marcado pela sofisticação deste tipo de serviço com toda a tecnologia desenvolvida.

Outro serviço financeiro oferecido pela Cargill chama-se *Rade and Structured Finance* (TSF). Por meio do TSF, a Cargill realiza operações estruturadas de crédito e *trade finance* no âmbito de sua cadeia produtiva e também fora dela, no financiamento do setor agrícola, de produtores rurais e de pessoas jurídicas. Algumas operações estão concentradas no Banco Cargill S.A., instituição financeira nacional com licenças comercial, de crédito, de financiamento e de câmbio. Em 2009, o Banco Cargill iniciou as emissões de LCA – Letras de Crédito Agrícola, chegando a 228 milhões de reais. Nesse ano, o Banco teve um lucro de 10,9 milhões de reais. (CARGILL 2009).

Em 2010, o Banco Cargill teve um grande crescimento, com avanço nos lucros de 11,6%, totalizando US$ 579 milhões. O banco continuou emitindo Letras de Crédito do Agronegócio (LCA) para financiar parte da sua carteira de crédito. Durante o ano de 2010, o Banco Cargill chegou a emitir US$ 270 milhões de LCA. As operações de Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC) somaram US$ 126 milhões em dezembro de 2010, representando um crescimento de 88% no ano.

Além do Banco Cargill, há no Brasil a atuação de uma outra célula financeira da Cargill, a *CarVal Investor* (CVI). Existente desde 1987, ela atua no Brasil desde 2000 e realiza "investimentos alternativos" como, por exemplo, investimentos imobiliários e aquisições de carteiras de empréstimo. Também presente na Argentina, a *CarVal Investors* iniciou suas atividades em 1987, e alcançou maior presença logo no início da década dos anos 1990. Ela expandiu a oferta de produtos incluindo assim uma série de empresas em todo o mundo. Segundo site da Cargill Argentina,

> a missão da CVI é identificar oportunidades de investimentos de valor no mundo, nas quais [os clientes da Cargill] possam aproveitar a própria capacidade de avaliação e investigação, a sua rede externa de sócios e a sua infraestrutura global, para capitalizar as oportunidades temporais do mercado e assim obter retornos atrativos e sustentáveis conforme o risco assumido (CARGILL ARGENTINA, 2012).

Na Argentina a Cargill também atua no mercado imobiliário por meio da *Andean Asset Management,* que administra investimentos imobiliários tais como o desenvolvimento de edifícios para escritórios e empreendimentos residenciais. Outras áreas ligadas a atividades financeiras da Cargill Argentina são:

Tesouraria

A área de Tesouraria é a que se encarrega do manejo dos fundos da empresa, prestando serviços a todas as unidades de negócio presentes no país, mediante o gerenciamento e a definição das melhores estratégias de investimento dos excedentes de seus fundos.

Seguros

A área de Seguros é a encarregada das contratações de coberturas para todas as unidades de negócios em função de suas necessidades a fim de limitar o impacto patrimonial de possíveis sinistros que afetem os bens da empresa.

Os derivativos como instrumento de ganho especulativo

De modo geral, o que é importante então destacar é que a participação da Cargill, bem como das demais *tradings* no mercado financeiro não tem se dado simplesmente como mecanismo de gerenciamento de risco ou financiamento. Ao participar dos mercados futuros e, como veremos, controlar os estoques das *commodities*, o que essas grandes corporações fazem é muito mais do que participar do jogo do mercado como simples *players.* Elas transformam esses mercados em espécies de pedágios, por meio do qual ganham com a circulação não apenas de reais mercadorias, mas também de ativos especulativos. Não se pode negligenciar na análise

> [...] o imenso poder de um número tão restrito de grupos que controlam o sangue da economia mundial, sob forma de grãos, petróleo, minérios, energia, sistemas de transporte, com a infraestrutura correspondente financeira e o gigantesco sistema especulativo complementar dos derivativos. Não se trata de "mercado" no sentido de livre mercado cada um concorrendo para servir melhor (a chamada competitividade), e sim de sistemas de pedágio onde os usuários finais das commodities têm pouco a dizer, e os países de origem em geral menos ainda (Dowbor, 2013 p.9).

Se de fato as *tradings* têm que se proteger de mudanças nos preços, já que não possuem controle total da natureza, é evidente que esse tipo de mecanismo se torna um meio de ganho. Em notícia do jornal Valor Econômico (24 de janeiro de 2013) sobre os lucros da empresa em 2012, seu CEO afirma que:

> Além das turbulências externas, a empresa realçou que houve "mudanças importantes na condução da economia no país" que determinaram "um cenário de negócios bastante volátil e um tímido crescimento de 0,9% no PIB", mas que "a diversidade nos segmentos de atuação e no portfólio de produtos, somada à experiência global da empresa em gerenciamento de riscos" proporcionaram "condições de equilíbrio" para a condução dos negócios. (FREITAS Jr, 2013a).

Essa colocação demonstra a relevância do segmento financeiro para a empresa. Em entrevista à Revista Cargill, o consultor em agronegócios André Pessôa, afirma que hoje a formação dos preços depende de condições que não se restringem ao local onde determinada *commodity* é produzida e sofre forte influência do mercado financeiro, em especial por conta da ação cada vez mais contundente dos fundos, particularmente dos *hedge funds.* Segundo Pessôa em entrevista:

> Os fundos não são produtores nem consumidores, mas participam, em alguns momentos, com 40% do mercado, com posições em aberto nos contratos futuros de commodities agrícolas em bolsa. Isso é suficientemente forte para determinar, em alguns momentos, a trajetória dos preços. (CARGILL 2009)

Segundo Carlos Walter Porto Gonçalves e Paulo Alentejano (2009), estima-se que nos últimos anos, cerca de 40% de todos os contratos de compra de *commodities* agrícolas tenham sido feitos por fundos de investimento apenas com o objetivo de especular.[10] É interessante notar com a própria Cargill reconhece como as coisas estão se dando na realidade, ou seja, o lugar central que os mecanismos financeiros possuem hoje. Em artigo da Revista Cargill, no quadro Visão Global que expõe a visão da Cargill frente a questões de ordem global, a empresa afirma o seguinte com relação ao aumento do preço dos alimentos:

> Existem pelo menos cinco fatores, além do descolamento entre a oferta e a demanda, que contribuíram para a inflação da cesta básica do consumidor.
> Entre eles, estão a expressiva migração de recursos financeiros dos mercados internacionais para commodities, especialmente após a crise imobiliária norte-americana; o aumento dos preços do petróleo, fretes e outros custos de produção e distribuição agrícola; o crescimento dos biocombustíveis; fatores naturais que interferem na qualidade das safras; e políticas protecionistas dos governos. Todas essas questões compõem uma equação complexa, cujo resultado a população está sentindo no bolso e na mesa.
> Um dos primeiros sinais da crise ocorreu no início de 2008, quando os grandes investidores dos Estados Unidos migraram seus investimentos do mercado imobiliário e de crédito para os mercados futuros de *commodities*. Inicialmente, os preços das matérias-primas, como petróleo, grãos e metais, despencaram. Entretanto, os altos investimentos financeiros nos mercados futuros passaram a influenciar as cotações das *commodities* físicas, que apresentaram rápida ascensão nos preços em razão do grande aumento da procura (REVISTA CARGILL, 2008).

É evidente que existem também outras razões para a crise que se manifesta com o aumento dos preços dos alimentos, tais como quebras de safra, secas e inundações ou a substituição de cultivos da cesta alimentar por *commodities* voltadas para a exportação ou para a produção de agrocombustíveis, o que por sua vez impulsiona a commoditização do campo. No entanto, fica também evidente a grande interferência que o jogo financeiro exerce sobre o campo, dado seu caráter especulativo. A crise que se abateu sobre os alimentos em 2008 comprova isso. Por outro lado, essa financeirização tem também fortalecido a presença das grandes corporações pois favorece a consolidação de oligopólios mundiais.

> Em primeiro lugar é preciso indicar suas três características básicas [da organização do capital na agricultura]: a produção de *commodities,* as Bolsas de Mercadorias e de Futuro e os monopólios mundiais. A produção de *commodities* (mercadorias) para o mercado mundial tornou-se o objetivo primeiro da produção mundial de alimentos. Isto quer dizer que se produz para quem tem poder de compra esteja ele onde estiver no mundo. Ou seja, a produção de alimentos não tem mais o objetivo primeiro de abastecer a população do estado nacional onde ele é produzido. O exemplo da produção do trigo no Brasil é exemplar. O Brasil tornou-se o primeiro país

[10] É importante constatar que o volume de transações especulativas é incomparavelmente superior ao volume de transações reais. [...] Os derivativos emitidos (*outstanding derivatives*) na segunda metade de 2012 eram da ordem de 633 trilhões de dólares, nove vezes o PIB mundial total (Dowbor, 2013, p.11).

> importador deste grão do mundo (11 milhões de toneladas). A produção nacional de trigo não tem ultrapassado a 3,5 milhões de toneladas. Porém, quando os preços internacionais estão altos, exporta-se para o mundo o trigo que o país produziu e que não suficiente para o seu próprio abastecimento (OLIVEIRA 2009, p. 6).

A presença das grandes corporações não é algo novo na agricultura e menos ainda no setor alimentar como um todo. Mas o que nos permite diferenciar o período atual é o fato de as corporações se consolidarem por meio da associação com o capital financeiro e realizarem uma exacerbação dos mecanismos financeiros e da renda gerada pela especulação com esses instrumentos, em especial a partir da década de 2000. Nesse sentido, o papel do Estado é fundamental como viabilizador dessas estratégias. Mas isso também porque o próprio Estado passou a ser dependente dos mecanismos de financeirização, por exemplo ao realizar a securitização[11] de suas dívidas.

Considerações finais

Pudemos perceber que a produção de soja a partir da década de 2000 ganha um novo caráter em ambos países. Ela deixa de ser produzida basicamente em médias propriedades, muitas vezes de caráter familiar e passa a ser um investimento de grandes grupos, não necessariamente ligados às atividades agrícolas. O caráter da expansão da soja para a região Centro-Oeste do Brasil, e mais recentemente para a chamada MAPITOBA, ou então a questão dos *pools de siembra* mostram como ganhou força o papel do campo como *locus* de investimento do capital financeiro.

Como consequência milhares de hectares de florestas têm aberto espaço às monoculturas comandadas por grandes grupos econômicos; comunidades camponesas inteiras se veem obrigadas a migrar para os grandes centros urbanos uma vez que perdem suas terras por dívidas ou porque deixam de conseguir se sustentar economicamente com o que faziam. Além disso tudo, também as populações urbanas são afetadas por tais processos, já que a qualidade e variedade dos alimentos disponíveis é fortemente reduzida, o que traz diversos problemas para a saúde, haja visto os casos de alarmante obesidade. Importante lembrar dos efeitos desastrosos sobre a população tanto rural como urbana do aumento exponencial do uso de agrotóxicos que contaminam não apenas os alimentos, mas os solos e as águas. Com relação à diminuição das áreas de plantio de alimento em favor do cultivo de agrocombustíveis ainda existe a consequência indireta sobre o aumento de preços dos produtos alimentícios no mundo todo na medida em que este impede o crescimento da oferta de alimentos nas terras em que se instala. Somente no Brasil, entre 2003 e 2008, houve um aumento de 2,8 milhões de hectares de cana de açúcar plantados. O Estado de São Paulo possui aproximadamente 60% da cana plantada em todo o Brasil. Enquanto a produção de cana em São Paulo cresceu 70% no período, a produção de arroz, feijão e milho declinou 20%, 6,3% e 1,1% respectivamente. (Boletim DATALUTA, novembro de 2010).

O aumento do volume de capital especulativo e a decisão dos estados nacionais de não mais investirem da mesma forma em estoques reguladores fez dos produtores rurais reféns dos preços estipulados pelos especuladores financeiros, que transformam definitivamente a comercialização de produtos agrícolas em um grande negócio e onde a garantia de acesso da população aos alimentos é o que menos importa. O atrelamento da produção de alimentos ao sistema financeiro tornou-se maior na medida em que os governos reduziram a sua participação na regulação do mercado e eliminaram ou reduziram a importância das empresas responsáveis pela administração dos estoques reguladores (MARQUES, 2011).

[11] A securitização é, a grosso modo, a conversão de uma dívida em títulos negociáveis no mercado de capitais.

Vemos portanto, que o caráter do atual regime alimentar é de extrema espoliação. Quando Araghi (2009) denomina o atual regime alimentar de regime alimentar de cercamento (*enclasure food regime*), está justamente enfatizando o caráter espoliativo desse padrão. Arroyo (2006, p.10) já apontava para isso ao falar da vulnerabilidade que os territórios nacionais adquirem nos últimos anos, pois:

> a) o pagamento da dívida via exportações retira do território a possibilidade de ganhar mais investimentos em obras de infra-estrutura, mais créditos para pequenos produtores, mais financiamento para saúde, educação, saneamento, habitação etc.; b) extensas áreas do território são destinadas à produção de *commodities* agrícolas e minerais, sob o comando de grandes grupos econômicos nacionais e estrangeiros, relegando a população local a rincões menos produtivos do território, ou obrigando-a a mudar de atividade e até a migrar em busca de outras fontes de renda.

Os monopólios mundiais de alimentos exercidos por esses grandes grupos econômicos são produtos do processo de transformação do capitalismo nesta etapa contemporânea. Eles nasceram do processo de mundialização do capital, deixaram de ser apenas internacional para serem multinacionais. Não importa mais se de origem estrangeira ou nacional a um país determinado. Assim, as principais empresas mundiais voltadas para a produção de alimentos são a ADM, Cargill, Bunge e Louis Dreyfus, as quatro maiores controladoras da circulação mundial de grãos (OLIVEIRA, 2009).

A concentração corporativa, a engenharia genética e os sistemas de propriedade intelectual se nutrem mutuamente fazendo avançar a consolidação do regime alimentar corporativo agora também financeirizado. Aumentam assim a privatização e a apropriação dos recursos básicos de sustento de comunidades camponesas e indígenas no mundo todo, desde suas terras, passando por suas sementes, até os seus conhecimentos e o meio ambiente em que vivem e do qual dependem. Soma-se a isso a sujeição de produtores rurais às grandes estocadoras e comercializadoras de suas produções. Tais processos ocorrem de forma violenta nos países latino americanos e desvendar os seus meandros pode fornecer elementos para a sua crítica e a luta política por um outro regime alimentar em que a soberania alimentar seja um de seus pressupostos mais fundamentais. Tanto o Brasil como a Argentina já foram cunhados de "celeiros do mundo", no entanto, essa expressão esconde seu caráter perverso. Em ambos países o avanço das monoculturas seja para a produção de grãos, agrocombustíveis ou celulose causa impactos devastadores sobre comunidades inteiras, ameaça ecossistemas e está longe de garantir segurança alimentar ou energética para suas populações tanto rurais quanto urbanas. Por isso, esperamos que o estudo aqui feito sobre como esses processos se dão, quais seus fundamentos e contradições, contribua no caminho para sua superação. Isso não significa dizer que houve uma ausência do Estado. Pelo contrário. Como vimos em ambos países, o Estado sempre se manteve presente, mas sua atuação no Brasil se mostrou e se mostra particularmente mais presente. No Brasil, o Estado armazena alimentos. Em especial grãos. Há uma estrutura e controle públicos da armazenagem como importante instrumento de controle de preços. Na Argentina, após as reformas neoliberais, toda a estrutura de armazenagem foi privatizada. Para controlar o preço dos alimentos e mesmo o abastecimento, o governo argentino se vê muitas vezes obrigado a proibir as exportações de determinados itens.

Uma outra diferença chama muito a atenção entre os dois países. As retenções (impostos) cobradas às exportações na Argentina representam um tratamento tributário da renda terra. No Brasil, ao contrário, isenta-se constantemente os proprietários de terras por meio de um sistema ineficiente de tributação territorial rural e por anulação de dívidas. A terra, ao funcionar como hipoteca, isto é, garantia para o sistema de crédito, termina por ser valorizada por esse sistema.

Vimos ainda que um novo elemento surge na análise. Trata-se da questão da financeirização da economia e mais especificamente do setor agrícola. Embora o capital

financeiro já tivesse forte presença no desenvolvimento dos complexos agroindustriais, é no terceiro regime que vai existir uma proeminência desse capital, isto é, a circulação, a comercialização e até mesmo o financiamento da produção, como pudemos ver, vão acontecer sob influência ou dependência dos mercados financeiros. E a questão dos derivativos e portanto, de uma valorização de um capital, agora fictício, vai nos mostrar como esse capital passa a se autonomizar e dominar as esferas do capital produtivo. É frente à relevância que esse aspecto toma para a compreensão dos padrões de circulação de alimento hoje, que acreditamos poder chamar o regime alimentar corporativo também de financeiro.

Assim, o "regime alimentar corporativo financeirizado" aponta para a relevância que os mercados financeiros têm adquirido na atualidade. As grandes corporações não comandam sozinhas a produção, a comercialização e inclusive o consumo dos alimentos no mundo, mesmo porque o Estado, como vimos, nunca saiu completamente de cena. Instituições financeiras possuem cada vez mais influência nesse universo. A importância do mercado de derivativos agrícolas no Brasil e dos *fideicomisos* e *pools de siembra* na Argentina evidenciam isso. E como se não bastasse, há ainda um outro elemento que escolhemos não nos adentrar que se refere ao mercado de terras agrícolas. Estas têm sido adquiridas por grandes grupos financeiros ao redor do mundo e a relevância disso merece estudos aprofundados.

O caso dos *pools de siembra* merece especial atenção como expressão de um processo que tem avançado no campo de diversos países, inclusive no Brasil como vimos. Não apenas a produção de soja tem sido comandada por fundos de investimentos, mas também começam a aparecer casos na produção de celulose e de cana de açúcar no Brasil. Essa é a principal expressão do que chamamos de financeirização da agricultura e tem impresso marcas importantes no espaço. No caso das províncias de Santa Fé e Rosário, na Argentina, a produção de soja nesse sistema é tão expressivo que criou um novo dinamismo econômico regional. A questão é atentar para os impactos que isso causa, uma vez que como plataforma para a valorização de um capital financeiro, esses espaços podem ser abandonados assim que outro investimento se tornar mais interessante.

Também no que se refere aos impactos que essas transformações causam ao espaço geográfico, vimos que o estabelecimento do regime alimentar corporativo financeirizado que se estabelece a partir do neoliberalismo, gera um agravamento nas condições de vida de populações rurais e urbanas, pois afeta diretamente questões relacionadas à soberania alimentar. Planta-se o que é interessante para o capital financeiro e não para a população. Diferente do que se pregava ao longo da Revolução Verde, o regime alimentar “mercadificado” não acabou com a fome no mundo e o regime alimentar corporativo, e agora financeirizado, veio a piorar o quadro.

Referências bibliográficas

ADAMI, Andreia Cristina de Oliveira; BENDINELLI, William Eduardo; MARQUES, Waldemar Antobio da Rocha. **Análise da dinâmica de preços entre os mercados futuros de soja do Brasil, China e Estados Unidos.** BM&FBOVESPA e Instituto Educacional. 2012. Disponível em: <www.bmfbovespa.com.br/.../Mercados-Futuros-de-Soja-na-China.pd>. Acessado em maio de 2013.

ARAGHI, Farshad. Food regimes and the production of value: some methodological issues. **The Journal of Peasant Studies,** Londres, v.30, n.2, p.41-70, 2003.

ARROYO, Monica. A vulnerabilidade Sistêmica dos territórios Nacionais latino-americanos: o papel das finanças. In: ARROYO, Monica, et al. (Orgs.). **Questões territoriais na America Latina**. Buenos AIeres, Ed. Clacso, 2006.

BARSKY, Osvaldo; GELMAN, Jorge. **Historia del agro argentino.** Desde la conquista hasta fines del siglo XX. Mondadori, Buenos Aires, 2005.

BARRI, Fernando; WAHREN, Juan. El modelo sojero de desarrollo en Argentina: consecuencias sociales, ambientales, tensiones y conflictos en la era del neocolonialismo de los agronegocios y el cientificismo-tecnológico. **Revista Desarrollo Económico,** Buenos Aires, n. 255, Dezembro de 2010.

BARROS, Sandra Cristina de Oliveira; PINTO, Leonardo; SOUZA, Gilmar Ribeiro de. A influência de Prêmio, Câmbio e Preços no Mercado Externo sobre o preço da soja no Brasil. **Anais...** 48º. Congresso da SOBER. Julho de 2010. Disponível em: <www.sober.org.br/palestra/15/1084.pdf acessado em maio de 2013>.

BENARDES, Júlia Adão; BRANDÃO Filho, José Bertoldo (Orgs.). **A territorialidade do Capital.** Coleção Geografias da soja. Rio de Janeiro: Arquimedes edições, 2009.

BOY, Adolfo. Cambios productivos y sus repercusiones en el nível agronómico. In: GIARRACA, Norma; TEUBAL, Miguel (Orgs.) **El campo argentino em la encrucijada.** Estratégias y resistências sociales, ecos en La ciudad. Buenos Aires: Ed. Alianza Argentina, 2005.

CARGILL **Relatório de desempenho dos negocios 2009**. Disponível em: <www.cargill.com.br>. Acesso em: 25 de nov. 2015.

CORRÊA, Arnaldo Luiz; RAÍCES, Carlos. **Derivativos Agrícolas**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

BOLETIM DATALUTA. Novembro 2010. Disponível em: <www.fct.unesp.br/nera>. Acesso em: 20 de out. 2011.

DELGADO, Guilherme Costa. **Do capital financiero na agricultura à economía do agronegócio.** Mudanças cíclicas em meio século (1965 – 2012). Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012.

DOWBOR, Ladislau. **A rede do poder corporativo mundial**. Jan/2012. Disponível em: <http://dowbor.org/2012/02/a-rede-do-poder-corporativo-mundial-7.html/#_ftn1>. Acesso em: 25 de nov. 2015.

EMBRAPA. **Embrapa Soja.** Sistema de Produção, No 1, 2000. Disponível em: <http://www.cnpso.embrapa.br/producaosoja/SojanoBrasil.htm>. Acesso em: 10 de out. 2012.

FREDERICO, Samuel. **O novo tempo do cerrado.** Expansão dos Fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos. 2008. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

FREITAS Jr., Gerson. Megainvestimento abre nova rota para soja. **Valor Econômico**, São Paulo, 24 de janeiro de 2013 (a).

_____. Megaprodutores consolidam última fronteira. **Valor Econômico,** São Paulo, 1 de abril de 2013 (b).

GIARRACA, Norma; TEUBAL, Miguel (Orgs.) **Del paro agrário a las elecciones de 2009.** Tramas, reflexiones y debates. Buenos Aires: Editora Antropofagia, 2011.

GOWAN, Peter. **A roleta Global**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record. 2003.

KNEEN, Brewster. **Invisible Giant.** Cargill and its transnational strategies. Londres: Editora Pluto Press, 2002.

LA POLÍTICA. **Cambio de escenario:** Los pools de siembra en crisis terminal. Disponível em: <http://lapoliticaonline.com>. Acesso em: 2 de set. 2013

MEDEIROS, Marlon Clovis. 2009. **A geografia econômica do setor agroalimentar brasileiro:** investimentos, recursos ociosos e dinâmica cíclica (1990 – 2007). Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

MAGyP. PEA - **Plan Estrategico Agroalimentário Participativo y Federal**. 2010. Disponível em: <http://64.76.123.202/site/areas/PEA2/index.php, 2010>. Acesso em: 25 de nov. 2015.

MINISTÉRIO da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cadeia produtiva do milho**. Brasília: IICA/MAPA/SPA, 2007.

MULTINATIONALMONITOR. Disponível em: <http://www.multinationalmonitor.org>. Acesso em:13 de set. 2013.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A Amazônia e a nova geografia da produção de soja. **Revista Terra Livre,** Goiânia, n. 26. Jan/jun 2006, p. 13-43.

_____. **Modo de produção capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições/FFLCH, 2007.

_____. Os agrocombustíveis e a produção de alimentos. **Anais...** EGAL 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info>. Acesso em: 25 de nov. 2015.

PAULANI, Leda. A autonomização das formas verdadeiramente sociais na teoria de Marx: comentários sobre o dinheiro no capitalismo contemporâneo. **Revista ANPEC,** Niterói, 2009.

PIERRI, José A. **Grandes empresas y cooperativas en el comercio exterior del complejo sojero 1990 – 2006**. Buenos Aires, 2009. Disponível em: <http://www.econ.uba.ar/www/servicios/Biblioteca/bibliotecadigital>. Acesso em: 25 de nov. 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; ALENTEJANO, Paulo. **Geografia agrária da crise dos Alimentos.** 2009. Disponível em: <http://alainet.org/active/29607&lang=es>. Acesso em: 25 de nov. 2015.

TEUBAL, Miguel. **O campesinato frente à expansão dos agronegócios na América Latina.** In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Orgs.). Campesinato e territórios em disputa. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 139-160.

TOLEDO, Marcio Roberto. 2005. **Circuitos espaciais da soja, da laranja e do cacau no Brasil:** uma nota sobre o papel da Cargill no uso corporativo do território brasileiro. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas.

Recebido para publicação em 16 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 22 de maio de 2015

Orinoquia colombiana, la influencia del agronegocio y la actividad petrolera: Territorialidades en disputa.

Claudia Yolima Devia Acosta
Doctoranda en Geografía,
Universidade Estadual Paulista UNESP – FCT, Presidente Prudente.
Grupo de Pesquisa "Produção do Espaço e Redefinições Regionais" - GAsPERR.
Antropóloga y magister en geografía, bolsista AUIP – PAEDEX.
e-mail: ydevia@gmail.com

Resumen

En el presente artículo se propone una revisión sobre la dinámica territorial de la región de la Orinoquia colombiana, durante las últimas décadas. Se examinan los acontecimientos regionales en el marco de la cuestión agraria nacional, la concentración de la tierra y la desigualdad social, impulsados por los proyectos del estado y particulares, en el proceso de introducción del capitalismo agrario y la reprimarización de la economía que aparece en la región con la introducción del agronegocio y la explotación de petróleo y gas. Esto significa la interacción de diferentes y nuevos agentes que se desenvuelven en múltiples escalas, buscando modelar el territorio por medio de discursos y prácticas.
Todas estas dinámicas son analizadas a partir de la propuesta de tres tipos de territorio: el de la soberanía, la propiedad privada y el territorio móvil, con los cuales se concluye que la reprimarización de la economía profundiza la lógica capitalista en un territorio de frontera, integrándolo a la dinámica de acumulación global, al tiempo que potencializa la superposición conflictiva de territorialidades y formas de resistencia que empiezan a organizarse para la defensa del derecho al territorio.

Palabras clave: Territorialidades, cuestión agraria, extractivismo, Orinoquia, Colombia.

Orinoquia colombiana, a influência do agronegócio e a atividade petroleira: Territorialidades em disputa

Resumo

Nesse artigo propõe-se uma revisão da dinâmica territorial durante as últimas décadas na região do Orinoco no território colombiano. Examinam-se os processos regionais na seara da questão agrária e seus principais desdobramentos: concentração da terra e desigualdade social, impulsionados pelos projetos do estado e particulares atrelados ao avanço do capitalismo agrário e a re-primarização da economia. Esse processo comparece na região com a introdução do agronegócio e a exploração de petróleo e gas. Tudo isso tem produzido a interação de diferentes e novos agentes que se desenvolvem em múltiplas escalas, procurando modelar o território por médio de discursos e práticas.
Essas dinâmicas são analisadas desde a proposta dos três tipos de território: o da soberania, a propriedade privada e o território flexível ou móbil, com os quais se conclui que a re-primarização da economia aprofunda a lógica capitalista num território de fronteira agrícola, integrando-o à dinâmica de acumulação global, ao mesmo tempo que potencializa a superposição conflitiva de territorialidades e formas de resistência que começam a se organizar para a defesa do direito ao território.

Palavras-chave: Territorialidades, questão agrária, extrativismo, Orinoquia, Colômbia.

Colombian Orinoquia, the agribusiness and oil activity influence: Territorialities in dispute

Abstract

In this paper is proposed a review of territorial dynamics during the last decades at the region of Colombian Orinoquia. Examines regional events in the framework of the national agrarian question, the land concentration and social inequality, driven by state and private projects, in the process of introduction of the agrarian capitalism and the return of the primary economy that appears in the region with the introduction of agribusiness and the oil and gas exploitation. It means the interaction of different and new agents operating in multiple scales, looking for modeling territory through discourses and practices.

All these dynamics are analyzed on the basis of the proposal of three types of territory: the sovereignty, private property and the mobile territory, with them it´s concluded that the return of the primary economy deepens the capitalist logic in an agrarian frontier territory, integrating it with the global accumulation dynamics, at the same time increases the potential of conflictive overlapping of territorialities and resistance forms that begging to organizes for the defense of territory.

Key words: Territorialities, agrarian question, extractivism, Orinoquia, Colombia.

Introducción

El presente texto se constituye en un acercamiento a cuestión del territorio, la territorialidad y la conflictualidad en relación con la cuestión agraria y los nacientes movimientos sociales en el contexto de la Orinoquia colombiana, particularmente en el caso del departamento del Meta.

Se analiza cómo las actividades económicas del petróleo y el impulso del desarrollo agrícola, basado en el modelo del cerrado brasilero para un área de apertura de la frontera agrícola, se interrelacionan con otros factores del nivel nacional, permitiendo percibir la multidimensionalidad y multiescalaridad del territorio en relación con la reestructuración del capital que opera a nivel regional. El acercamiento a esta discusión no se restringe a la ruralidad, se trata de dar una mirada algo más amplia en el ámbito urbano regional de las problemáticas de la territorialidad, asociando diversos actores y agentes con injerencia en el territorio. Estas formas de relación significan el despliegue de diferentes formas de acción y asociación, transformando el territorio y generando formas de apropiación particulares y no neutrales. Es de esta “no neutralidad” que se desprenden formas de alianza, y movilización de sectores que cobran fuerza en la posibilidad de negociar y reivindicarse en el territorio.

Territorio y territorialidad, aproximación a su análisis.

Espacio, territorio y territorialidad, se constituyen en la actualidad en conceptos centrales en la geografía. El espacio, entendido como la interacción entre sistema de objetos y de acciones cada vez más artificiales, indisociables, en que el primero condiciona la forma en que se dan las acciones y los sistemas de acciones llevan a la creación de objetos nuevos o se realiza sobre los objetos preexistentes, haciéndole dinámico (SANTOS, 2006) y, el tiempo

como construcción social e histórica, constituirían una sola categoría fundamental para la existencia de cualquier ser o fenómeno y su comprensión desde la geografía (HARVEY, 1998).

Valga hacer un par de salvedades. No es objetivo de este texto optar por una caracterización única del concepto de territorio, sino propiciar la discusión sobre este en relación a una realidad específica, como aporte a la construcción del concepto y del conocimiento en torno a este (FLECK, 2010). Pensamos a partir de una realidad territorial existente, de lo ya pensado y discutido sobre esta realidad en un entorno social, ideológico, y particularmente, de una ciencia[1]. En este caso, nos referimos al concepto de espacio geográfico, como una totalidad creada por relaciones sociales: se es sujeto en el espacio así como se es sujeto y espacio al mismo tiempo, no podemos separarnos del espacio ni pensarnos fuera de este.

El Espacio, en este sentido no se asume como una categoría que se explique per se, sino como un concepto de la realidad, material e inmaterial, de su producción a través de relaciones sociales y las relaciones entre sociedad y naturaleza, entendiendo la naturaleza no como un ente prístino sino transformado en diferentes intensidades a partir del trabajo de los seres humanos como sociedad (LEFEBVRE, 2000). Una relación dialéctica, en la cual la sociedad transforma y construye el espacio y este a su vez permite la supervivencia y la transformación de la sociedad. Vagaggini y Dematteis (1976) muestran que esta relación es atravesada por los conceptos de totalidad, transformación, dinámica y contradicción, en tanto las relaciones inherentes al espacio comprometen un sistema de flujos, redes, procesos históricos, relaciones sociales y diferentes niveles escalares (SAQUET, 2007). Las formas de transformación del espacio están íntimamente ligadas con la posesión, disfrute, habitación y transformación de este, a la producción de la vida material. Estas dimensiones nos acercan a la discusión sobre el concepto de territorio, o mejor, a los conceptos de territorio y territorialidad.

En esa discusión se resalta el territorio como un espacio ocupado, apropiado y controlado, producto de relaciones sociales de producción que se reproducen en la formación del territorio, argumentación en la que coinciden Dematteis (1970), Harvey (1973) y Quaini (1979), como lo expone Saquet (2007)

La mediación del poder ordena el espacio geográfico y las relaciones sociales, es la dimensión fundamental asociada a la construcción del territorio, propuesto así en las obras de clásicos como Maquiavelo, Rätzel, y posteriores como Foucault y Raffestin. Por demás, resaltan en la discusión sobre el territorio: un énfasis político – administrativo, al asumir el territorio como un espacio en que el Estado ejerce su soberanía, el poder ejercido en un espacio por medio de un orden jurídico y político; un espacio medido y marcado por la proyección del trabajo humano con sus líneas, límites y fronteras, y el espacio geográfico entendido como sustrato pre-existente al territorio que al ser apropiado por los actores sociales y políticos, pasa a ser territorializado. (RAFFESTIN, 1993).

Espacio y territorio se encuentran en estrecha relación con la noción de totalidad, entendida desde la teoría y el método, esta es una realidad fugaz que constantemente se deshace para volver a hacerse, el análisis de la totalidad supone su división y su "reconstitución". En ese sentido Santos afirma:

> O todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo. Essas duas verdades são, porém, parciais. Para alcançar a verdade total, é

[1] Para Thomas Kuhn, los conceptos son elementos relevantes en la explicación y cambio de paradigmas en la constitución de las ciencias, implican en este contexto, la discusión, socialización y aprobación por una comunidad científica conformada y legitimada, cuyos paradigmas son históricos y dinámicos (KUHN, 2006)

> necessário reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes, através do processo de totalização.[2] (SANTOS, 2006, p. 77)

Esta afirmación nos confronta con la propuesta metodológica de Descartes de descomponer el todo en partes para comprender la totalidad (DESCARTES, 2001 [1637]), puesto que la suma de las partes no da cuenta de las relaciones y del conjunto, de la unidad. Es necesario asumir el territorio como una totalidad, multidimensional y compleja que reúne materialidad, inmaterialidad, y multiescalaridad, a fin de rebatir el paradigma de "el todo es la suma de las partes", que visto así podría transformarse en "la parte contiene al todo". Entonces, vale preguntarse ¿cuáles serían "las partes" que lo conforman como unidad y permiten comprenderlo? Tres propuestas serían relevantes en lo que se refiere a este artículo.

En primer lugar, la propuesta de Arendt de comprender la relación estrecha, o la "trialéctica" en que Territorio – sujeto - relaciones sociales se producen mutuamente (ARENDT, 2007), es decir, entender la totalidad del territorio implica comprender esta tripleta como una integralidad más que como una simple suma de partes. Esa totalidad nos acerca al concepto de territorialidad, que desde la concepción de Raffestin (1993), consiste en la concretización de las relaciones sociales entre sujetos y objetos en el territorio. A su vez, destaca la relevancia del carácter político del territorio, en tanto la o las expresiones del uso de éste comprometen la conflictualidad entre los diferentes actores en relación con el mismo.

La territorialidad compromete la aplicación de la técnica y la intencionalidad (SANTOS, 2006) como elementos de poder, lo cual se constituiría en la segunda propuesta. La técnica compromete un conocimiento y alto valor en términos de inversión de capital y de ciencia. El capitalismo en su fase tardía se diferencia por la cientifización de la técnica, con la investigación industrial en gran escala, la ciencia, la técnica y la valorización fueron insertadas en el mismo sistema (principalmente asociado a progreso científico y técnico en el sector militar). El conocimiento, implementado a partir de la técnica, se constituye en elemento central en la imposición de poder sobre el territorio y no solo el monopolio de los medios de producción.

El tercer elemento consiste en comprender la importancia de la escala, que va más allá de la medida de representación gráfica proporcional al territorio, a ser un nivel de representación de los modos de percepción de su realidad. (ELIAS DE CASTRO, 1995). Todos los fenómenos que comprometen el territorio relacionan una o más escalas en tanto niveles de poder, pero también en tanto interacción de actores, instituciones, y demás. Por ejemplo, la demanda global de combustibles y el carácter finito de los combustibles fósiles ha significado el impulso de los agrocombustibles como alternativa más económica y duradera, que implica el desarrollo de la técnica y el conocimiento científico. Esto influye de forma directa en el diseño de políticas de desarrollo nacional y regional que impulsan la producción con estos fines, las cuales se materializan en el nivel local en modo de producción, favorecimiento de agentes económicos, relaciones socioeconómicas en torno a ésta, conflictualidad, etc. Develar esa relación entre escalas es una realidad como una tendencia metodológica para leer el territorio (SAQUET, 2007).

Parte de los elementos expuestos se integran en la propuesta de Fernandes (2013). El territorio es multidimensional, por cuanto es material, tangible, como también es inmaterial, es decir tiene existencia en tanto es pensado, se determinan criterios para buscar homogeneidades en él, para delimitarlo, planearlo, ajustar decisiones a través de políticas y mandatos al establecer una relación de poder sobre sujetos y territorio. Para comprender el territorio se necesita de asumir su multiescalaridad, es decir, tanto material como inmaterialmente se requiere observar como las relaciones territoriales transitan las diferentes escalas, de lo global a lo local y viceversa. El o los territorios, son definidos entonces por

[2] El todo solo puede ser conocido a través del conocimiento de las partes y las partes solamente pueden ser conocidas a través del conocimiento del todo. Esas dos verdades son, sin embargo, parciales. Para alcanzar la verdad total, es necesario reconocer el movimiento conjunto y de las partes a través del proceso de totalización.

relaciones de poder, en él se integran no solo el ejercicio de la soberanía, también la totalidad, la multidimensionalidad y la multiescalaridad (FERNANDES, 2008, 2013)

En este contexto, Fernandes (2009) propone una tipología de territorios, asociando tres tipos particulares. El primer territorio, consiste en el espacio de la nación y/o el Estado, donde se ejerce la soberanía y la gobernanza y cobijan otros tipos de territorios, producto de relaciones sociales. El segundo tipo de territorio, comprende la propiedad como espacio de vida, que puede ser privada o comunitaria, la propiedad como forma de control del territorio, que en el marco del sistema capitalista es en específico la propiedad privada. El tercer tipo, es el territorio móvil, "el espacio relacional considerado a partir de sus conflictualidades y reúne todos los tipos de territorios" (FERNANDES, 2009).

Esta tipología de territorios permite acercarnos a una lectura de la cuestión agraria y de la conflictualidad territorial en el caso de la Orinoquia colombiana, articulando varios de los elementos expuestos en relación a la comprensión del territorio como un concepto dinámico.

La cuestión agraria en el siglo XX: la escala nacional y la regional.

La cuestión agraria se entiende como el movimiento y conjunto de problemas relativos al desarrollo agropecuario, la propiedad de la tierra y de las luchas de resistencia, generado por el avance de las nuevas relaciones capitalistas. El avance de las nuevas relaciones capitalistas produce la concentración de la riqueza, la propiedad capitalista por medio de la expropiación y la explotación, también genera una metamorfosis en el mundo del trabajo, en tanto genera asalariamiento y proletarización del campesinado. Así, aumentan las desigualdades como resultado de una suma de factores económicos, políticos y sociales. Esta condición, mediada por el poder, se traduce en conflictualidad territorial, derivada de disputas territoriales y de la lucha de clases, como una expresión de la cuestión agraria (FERNANDES, 2005, 2013).

La cuestión agraria en Colombia ha estado marcada por sucesivos fracasos de la política agraria, la cual no fue debidamente resuelta cuando la población era mayoritariamente rural y solo intentó resolverse con iniciativas inducidas como respuesta a una necesidad de estabilidad política y democrática continental, mas no como una estrategia nacional (MACHADO, 1998). Es decir, como territorio pensado, lo rural durante el siglo XX no constituyó un área estratégica en la perspectiva del desarrollo nacional. Solo fue asociado a cultivos específicos, económicamente significativos para la nación, como es el caso del café, cuyo capital fue reinvertido en cierta medida en infraestructura urbana e industrial. Así, el enfoque estuvo dado en el modelo de industrialización implantado en América Latina, bajo la influencia de la CEPAL y de programas como la Alianza para el Progreso promovido por los Estados Unidos. En este marco se fortaleció la tendencia de migración demográfica a las áreas urbanas, sin resolver aspectos como la desconcentración de la tierra o el otorgamiento de garantías para la producción campesina.

El territorio Colombiano ha sido ocupado de manera diferencial, la mayor parte de su población se ha asentado históricamente en el área andina, zonas cordilleranas y valles interandinos, y en la Costa Atlántica. La agricultura tecnificada impulsada durante la segunda mitad el siglo XX en el marco del modelo de Industrialización por sustitución de importaciones (ISI), se concentró en dos regiones: en el Valle del Cauca, con grandes extensiones de caña de azúcar e instalación de ingenios azucareros, en manos de una élite de terratenientes con poder desde la colonia, y en la cuenca baja del rio Magdalena, con el cultivo de algodón y ganadería, principalmente. En las dos regiones se configuran élites que acumulan tierra y se posicionan en altos cargos políticos y empresariales en la nación.

La caracterización histórica de la estructura agraria colombiana ha sido una labor difícil, en tanto no se cuenta con censos y estadísticas con información unificada de carácter oficial, debido al uso de metodologías y fuentes diversas, dificultando la comparación entre variables

y periodos. Sin embargo, en la Tabla 1 se plasma información sobre tierras integradas a la producción agrícola, tamaño de la propiedad y propiedades, en un esfuerzo de compilación del Atlas de la Distribución de la propiedad rural en Colombia (IGAC, 2012)[3],

Tabla 1 - Evolución de la estructura de la propiedad rural en Colombia 1960 - 2002

	1960		1970		1984		1997		2002	
	Miles has	Prop.	Miles has	Prop.	Miles has	Prop.	Miles has	Prop.	Miles has	Prop.
Menores de 5	955,8	737,3	868,7	678,5	1.147,10	987,9	1.447,10	1.391,90	2.189,40	2.333,00
Entre 5 y 20	1.885,90	225,4	1.835,30	219,3	2.558,50	336,8	3.232,80	444,5	4.480,20	651,3
Entre 20 y 50	1.957,10	74,6	2.213,80	84,2	3.193,10	136	3.810,40	170,9	5.623,10	254,3
Entre 50 -200	3.815,50	52,3	4.363,20	60,2	6.430,30	96,6	6.758,90	117,3	10.360,50	170,2
Entre 200-500	2.674,80	11,5	3.036,40	13,2	3.714,30	19	3.329,50	19,1	5.289,20	30,8
Más de 500	4.606,40	4,8	5.054,70	5,4	5.189,70	6,7	6.408,60	5,7	24.254,10	13,9
	15.895,50	1.105,90	17.372,10	1.060,80	22.233,00	1.583,00	24.987,20	2.149,40	52.196,50	3.453,50

Fuente: INSTITUTO GEOGRÁFICO AGUSTÍN CODAZZI - IGAC, 2012.

La estructura de la propiedad rural en Colombia en la segunda mitad del siglo XX es diciente de las contrariedades de las políticas de reforma agraria, al haber dado paso a la concentración de la tierra en manos de pocos propietarios. Las leyes 135 de 1961 y 1ª de 1968, son el referente de los intentos gubernamentales de realizar una reforma agraria, no obstante, fueron criticadas porque no permitieron una redistribución democrática de la propiedad, propiciando la conversión de una parte de los terratenientes tradicionales en empresarios capitalistas y la reproducción de la pequeña propiedad en ciertas áreas del país. Posteriormente la Ley 4ª de 1973 frenó el proceso de reforma y la Ley 35 de 1982 agilizó la entrega de tierras en zonas de conflicto (MACHADO, 1998)

En cuanto al área integrada a la propiedad rural en 1960 se registraban 15.895,50 miles de has., mientras que en 1997 ya eran 24.987,20 miles de has., es decir en 37 años creció en un 57%. En el 2002 la cifra es de 52.196,50 miles de hectáreas, es decir, en un periodo de solo 5 años el área de propiedad rural se duplicó (IGAC, 2012).

Al observar los rangos de tamaño de las propiedades se presencia un aumento en número y superficie de los predios mayores a 20 has entre los años 60 y 70, según comenta Machado (1998) provenientes de baldíos y compras directas. Entre los años 1970 y 1984 se presentó una descomposición relativamente rápida de la propiedad en regiones de antiguo poblamiento, asociadas a fragmentación progresiva por herencia y a la minifundización asociada a la pobreza, acompañada de la creación de nuevas propiedades extensas (mayores a 500 has) en las zonas de frontera agropecuaria (Ibidem). En la última década del siglo XX esta tendencia se hace más notoria: fragmentación de la pequeña propiedad, deterioro de la mediana y avance de la gran propiedad. Esto fue producto de la contrarreforma agraria del Pacto de Chicoral (firmado en 1972), el avance del narcotráfico, de la agroindustria, el fomento de las actividades extractivas. En resumen, el intento de hacer una reforma agraria fracasó, mostrando la poca capacidad de dominio territorial por parte del Estado, a favor de intereses de agentes privados por encima del beneficio de la colectividad (MACHADO, 1998)

A fin del milenio, la cuestión agraria en Colombia se distingue entonces por una mezcla de pobreza, violencia, desplazamiento de los pobladores rural por medios violentos, concentración de la propiedad y destrucción de los recursos naturales, uso irracional del suelo,

[3] Por los motivos esgrimidos, los autores del Atlas declaran compleja e incierta la realización de un análisis comparativo a partir de las investigaciones más importantes de los últimos 60 años (IGAC, 2012, p. 55) . La tabla aquí citada reúne información de diferentes fuentes: Años 60-70-84. El estudio de CEGA realizado por Lorente, Salazar y Gallo, “Distribución de la Propiedad Rural en Colombia” (1985); Rincón, Claudia, “Estructura de la propiedad rural y mercado de tierras”, Universidad Nacional de Colombia, (1997) y el Informe “Colombia en Transición” de DNP-Banco Mundial.

agotamiento de las fuentes hídricas en vertientes y contaminación en zonas planas, un éxodo rural permanente y sin sustento en un desarrollo industrial, debilidad institucional, minifundización, fracaso de la reforma agraria y dificultad de los productores para competir, narcotráfico, entre otros (Ibid, 12). Esta situación estructural no ha cambiado ya corridos los primeros quince años del siglo XXI.

La zona oriental del país, en particular la región natural de la Orinoquía (ver Figura 1), ha sido desde la llegada de los españoles una zona poco poblada, y desde el siglo XIX formó parte de los denominados "Territorios nacionales". Este término fue usado para homogeneizar las zonas de frontera, distinguidas por una baja densidad poblacional, con población en su mayoría indígena, poca infraestructura material, administrativa, de integración al mercado nacional y a las acciones del Estado. Para el siglo XX, la región de la Orinoquia supuso un proceso de colonización y poblamiento, con periodos diferenciados de "ocupación productiva de un territorio" que históricamente había estado al margen de la acción del Estado y de una integración al desarrollo de la nación (JARAMILLO, MORA e CUBIDES, 1989).

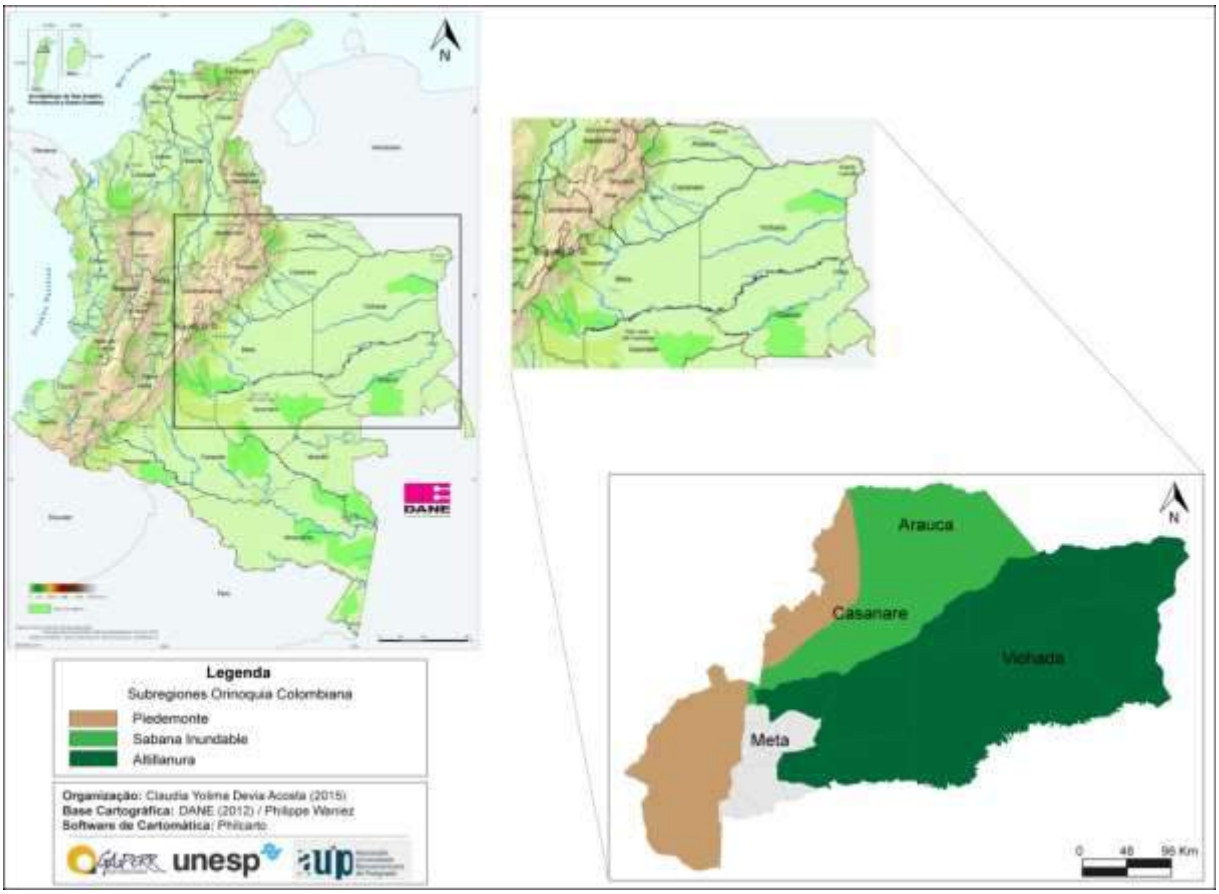


Figura 1. Mapa de la región de la Orinoquia colombiana y subregiones.

En su dimensión inmaterial y pensada, la región de la Orinoquía junto a la Amazonía, han sido consideradas en el imaginario de los colombianos como una gran región plana, homogénea, simplista y distante, según explica Dario Fajardo (1998). Aun de forma reciente se homologa la imagen de región inhóspita y salvaje como una "otra Colombia, la Colombia periférica (…) semillero de violencia, ilegalidad e impunidad" (SERJE, 2004:184), la que ha sido escenario en diferentes momentos de la historia de confrontación armada: guerrillas liberales del llano, zona de influencia y repliegue estratégico de las FARC – EP, de influencia de grupos de autodefensas y grupos de narcotraficantes (SERJE, 2004).

Como territorio de soberanía (primer territorio) ha constituido para el Estado, una reserva de tierra de amplias extensiones consideradas baldías, que precisan ser "civilizadas". Es así como desde los siglos XVII y XVIII, se adjudicaron amplias extensiones a misioneros jesuitas, quienes generaron un modelo económico basado en el hato ganadero, actividad económica que generó cambios en la estructura territorial a partir de la apropiación de territorios indígenas y de la generación de una red de caminos ganaderos. En este proceso aparece una base poblacional campesina, representada en la figura del llanero, que vive de agricultura de autosostenimiento (conuco), y como mano de obra en el hato y la hacienda.

Más adelante durante el siglo XX el modelo cambió, pasó del uso de la sabana comunal (compartida) a la delimitación de haciendas, como unidad económica para la tenencia de ganado, una forma particular de propiedad privada extensa. Allí el valor no era dado por la tierra y su renta, por lo tanto era "entregada" en las negociaciones por su capacidad de sostenimiento de los animales (DEVIA ACOSTA, 2011). Este es otro proceso significativo en términos de la propiedad de la tierra, en el cual la renta se extrae a partir del número de cabezas de ganado. El derecho de titulación de baldíos y el interés de algunas elites locales impulsan el inicio de cercamiento de tierras, en lo cual aparece el segundo tipo de territorio.

La caracterización de la estructuración territorial regional y de la Nación muestra la presencia de un ciclo migración-colonización-conflicto-migración. El traslado de actores en tiempo y espacio en el proceso de la colonización, lleva consigo la reproducción de las estructuras agrarias y las contradicciones que le son propias, prácticamente a todos los rincones de la frontera agrícola (FAJARDO, 1998).

Así, la Orinoquia desde la segunda mitad del siglo XX aparece como una de las últimas zonas de frontera agrícola, en la cual el capital agroindustrial posee la tierra, disputándosela con los modelos tradicionales y comunales aún presentes: sabana comunal, de base campesina e indígena. La producción de cereales, se hizo intensiva en capital y requirió de más tierras, puesto que la producción de otros departamentos[4] –Tolima, sur del Huila, Cundinamarca- en el centro del país era insuficiente. De este modo, la producción de arroz se extendió desde el departamento del Meta hacia Casanare y en parte a Arauca. La introducción de una agroindustria naciente se hace posible por las buenas condiciones de riego, la fertilidad del suelo en área de piedemonte y la relativa cercanía al centro del país, la cual dinamiza las relaciones comerciales, pero sobre todo por la introducción de maquinaria y de conocimiento técnico para la adaptación del cultivo a un área diferente a la tradicional.

Al mismo tiempo que se extiende la agroindustria, se reconocen procesos de creciente expansión de la frontera agropecuaria, disponiendo más tierras a la ganadería y cultivo de pastos, en contraste con el número creciente de población rural desplazada, y la incorporación de tierras de colonización a los cultivos ilícitos, particularmente en la región de la Orinoquia, en particular piedemonte.

En términos generales, este proceso de ampliación de la frontera agrícola se refleja en la estructura de la propiedad con dos fenómenos: el crecimiento en el registro de predios en el catastro rural y el aumento del tamaño de las propiedades ya registradas, incorporando tierras públicas, selva y baldíos. (MACHADO, 1998, p. 57). Así, entre 1984 y 1996, aumentó en 58,41% el número de predios y en 12,35% el número de hectáreas incorporadas en el departamento del Meta. En el caso del Piedemonte llanero el incremento fue de 76,43% y 126,30% respectivamente y el número de propietarios creció en 84% (Fuente Datos IGAC, citado por Machado, 1998, p.59).

Con la mejora de los registros prediales y la ampliación del tamaño de las propiedades, la incorporación de tierras de la frontera agrícola queda casi completa en la primera década del siglo XXI. La gran propiedad en el piedemonte y sabana creció en 52,3% en predios, 50,4%

[4] La división político administrativa se basa en la identificación y delimitación de entidades territoriales jerárquicas en escala y poder, que tienen como objeto facilitar la administración del territorio. Así dentro de la Nación se reconocen las figuras de: departamentos, municipios, corregimientos y centros poblados, cada una de estas con una identidad propia y relativamente homogénea.

en propietarios y 149,2% en superficie, mostrando una alta concentración: 73,4% del área solo para el 3,2% de los propietarios. Parte significativa de las propiedades se destinó principalmente a la ganadería[5], actividad económica fundamental, que se mantendrá al lado de la agroindustria en este proceso de incorporación de tierras y ampliación de la propiedad privada, y que progresivamente entrará a disputarle importancia a la ganadería y otras actividades tradicionales.

Está tendencia de aumento de la gran propiedad continuó a nivel nacional, entre 1999 y 2009 pasando de 39,20% al 52,20% del total de las propiedades UAF[6] (AGENCIA PRESIDENCIAL PARA LA ACCIÓN SOCIAL Y LA COOPERACIÓN INTERNACIONAL – ACCIÓN SOCIAL, 2010)

Según datos del IGAC (2012), es alta la proporción de propiedades mayores de 20 has, es decir mediana y grande propiedad, las cuales representan el 96,70%, de ahí el 78,19% corresponde a la grande propiedad (mayor a 200 has). El predominio de grandes propiedades, mayor al 70% de la tierra rural inscrita como propiedad privada, es común a los departamentos de Meta, Casanare y Arauca. En el departamento del Meta la tendencia es mayor en las regiones Rio Meta y Piedemonte, presentando una estructura bimodal latifundio – minifundio, la cual no genera oportunidades de ingreso y empleo a la población, principalmente cuando las tierras se destinan a la ganadería extensiva, como es el caso (PNUD, 2014). La relación se hace más desigual en el departamento, en tanto el 77,78% de la tierra pertenece solo al 10,38% de propietarios (privados). Predomina el despeje de tierras para las grandes empresas agroindustriales y la ganadería y la concentración de la propiedad en un contexto de introducción del discurso del desarrollo agroindustrial como gran oportunidad para la región y para el sostenimiento del país.

Capitalismo agrario en el siglo XXI: territorio y conflicto en la Orinoquia colombiana.

La región de la Orinoquia se ha venido integrando de forma gradual a la escala nacional y al orden global a través del sistema capitalista agrario. Este a su vez, como lo explica Blanca Rubio (2007), se ha caracterizado en las dos últimas décadas del siglo XX por el establecimiento de un orden agroalimentario “global”, representado por la desvalorización de los bienes básicos en el ámbito mundial, la explotación por despojo y la firma de varios Tratados de Libre Comercio, que generaron en términos generales desestructuración del campesinado y la población indígena, dependencia alimentaria y pobreza rural.

En el inicio del siglo XXI, las condiciones de este orden entran en declive, que sumado al alza en los precios del crudo, arrastró los precios de las materias primas, minerales y

[5] En relación con la cuestión agraria colombiana, Absalón Machado propone entre algunos indicadores de la política rural el hecho de que de 21 millones de hectáreas con aptitud agrícola solo se usan 4,5 millones con este fin y 38 millones de hectáreas se disponen en ganadería siendo solo 21 millones calificadas con esa aptitud. Esto muestra un conflicto entre aptitud y uso, causado por el uso de la ganadería como estrategia efectiva para acaparamiento de tierras. (MACHADO, 2010-2011)

[6] Según el artículo 38 de la Ley 160 de 1994 se define Unidad Agrícola Familiar como “la empresa básica de producción agrícola, pecuaria, acuícola o forestal, cuya extensión, conforme a las condiciones agroecológicas de la zona y con tecnología adecuada, permite a la familia remunerar su trabajo y disponer de un excedente capitalizable que coadyuve a la formación de su patrimonio. La Unidad Agrícola Familiar (UAF) no requerirá normalmente para ser explotada sino del trabajo del propietario y su familia, sin perjuicio del empleo de mano de obra extraña, si la naturaleza de la producción así lo requiere”. En la Ley se identifica la UAF con una “Empresa Básica Rural” –EBR, cuyas características delimitan el tipo de productos (agrícolas, pecuarios, acuícolas o forestales) y, además, cuantifican los mínimos como valor agregado o “excedente capitalizable”. Este concepto fue introducido en la Ley 135 de 1961 y se ha mantenido desde entonces en toda la normatividad agraria. (AGENCIA PRESIDENCIAL PARA LA ACCIÓN SOCIAL Y LA COOPERACIÓN INTERNACIONAL – ACCIÓN SOCIAL, 2010, p. 18)

agropecuarios. Este escenario fue propicio para el impulso a la producción de agrocombustibles a nivel mundial. Para ese entonces, la Orinoquia, y en particular el piedemonte llanero, tiende a un aumento de la explotación agrícola basada en la implantación de amplias extensiones de cultivos agroindustriales: Arroz, palma africana o de aceite, soja, caucho y cultivos maderables. Por ejemplo, según datos del DANE en 2007 habían sembradas 105.251 has. de Palma de aceite y en 2013 182.715 has (DANE 2007;2013), es decir en solo seis años el área sembrada creció en un 73%

Son varios los factores que convergen para que esta tendencia se materialice y se expanda en la región: disponibilidad de agua, zonas planas, una estructura concentrada de la propiedad, tierras "disponibles" definidas como "territorios baldíos" o "frontera agrícola", las cuales requieren mejoras en términos de fertilidad e inversión en infraestructura y, el interés de diferentes agentes y actores (Giddens, 2006) como Estado, agroindustriales, multinacionales agrícolas, campesinos, indígenas, entre otros. Estos factores se relacionarán de manera conflictiva en el territorio, desarrollándose diferentes prácticas de territorialidad y de conflictualidad.

La conflictualidad va a tomar tres expresiones en relación con el territorio: la ampliación de la frontera agrícola para la producción agroindustrial de alimentos bajo el modelo del cerrado brasileño[7], el peso creciente del modelo minero energético en la región, principalmente con la explotación de hidrocarburos, y la tierra como botín de guerra para tres actores en particular: Estado, Guerrilla y Paramilitares.

Producción de bienes primarios o reprimarización de la economía en la Orinoquia

La creación de un régimen corporativo de alimentos ha sido el vector del proyecto global de desarrollo. Cuando se hace referencia a la agricultura mundial, explica McMichael (MCMICHAEL, 2005), no significa la simple expansión de la actividad sobre la superficie terrestre sino su expansión como modelo de producción de alimentos sobre el espacio transnacional basada en relaciones corporatizadas integradas al circuito de commodities. Esto significa la reconstrucción de una política de agricultura como sector económico mundial ha estado basada en la liberalización de precios, la especulación y la búsqueda de nuevos mercados y tierras que se reconvierten a la agroexportación (MCMICHAEL, 2005).

Este modelo de desarrollo global implica unas relaciones competitivas entre estados desiguales, en el que predomina la desregulación como premisa de desarrollo. Los fondos de inversión se trasladan al control de los productos agrícolas, y dos elementos van a sostener este modelo: la especulación con los precios que determina el comportamiento del mercado y la producción de cereales y oleaginosas destinados para la obtención de agrocombustibles. Bajo estas dos condiciones se han favorecidos los fondos de inversión en detrimento de las economías campesinas, principalmente de los países en desarrollo y emergentes (RUBIO, 2007), es decir, reproduciendo las desigualdades en el contexto de la división internacional del trabajo.

Así, en la búsqueda de tierras para producir alimentos y agrocombustibles se ha centrado la mirada en América Latina, África y Asia. El Banco Mundial y el BID, después de la crisis del precio de los alimentos en 2008, centraron esfuerzos por dirigir el interés del capital

[7] El cerrado es un ecosistema de amplias sabanas, que en las últimas décadas fueron objeto de transformación debido a los programas agrarios para la producción de caña de azúcar, celulosa, algodón y soya entre otros para ser usados como alimento, materias primas y agrocombustibles con destino a mercados internos y externos. El modelo engloba la constitución de complejos oligopólicos, de gran impacto ambiental y socioeconómico, entre los que se encuentran la alta concentración de la tierra, la deforestación, pérdida de biodiversidad en flora y fauna, el alto uso de agrotóxicos, la contaminación general por su uso y consumo, la degradación de suelo, y afectación de fuentes de agua y precarización laboral, entre otros (GRUPO SEMILLAS, 2012)

y de los países en su potencial para la producción agrícola, en algunos casos integrando tierras que pueden producir.

El BID en su informe de 2014 no duda en afirmar que América Latina se puede convertir en la despensa de alimentos del siglo XXI, debido a sus potenciales:

> La región de ALC posee un tercio de los recursos de agua dulce del planeta, más que cualquier otra región en desarrollo si se miden sobre una base per cápita. También cuenta con cerca del 28 por ciento de la tierra del mundo que ha sido identificada con potencial mediano a alto para la expansión sostenible de área cultivada y una participación del 36 por ciento de la tierra que está dentro de un tiempo de viaje de seis horas hasta un mercado. De hecho, la región tiene más tierra potencialmente adecuada para cultivos de secano que la tierra de todas las otras regiones del mundo junta, sin contar a África subsahariana (TRUITT NAKATA e ZEIGLER, 2014)

Los ciclos económicos que han aumentado los precios de las *commoditties*, basados en la especulación con los precios y la financiarización de los mercados cerealeros (RUBIO, 2007), han generado la expansión de la explotación agrícola de soya, maíz y caña de azúcar en Argentina y Brasil, consolidando elites productoras que han entrado a comprar o arrendar tierras en países limítrofes como Bolivia, Paraguay, Uruguay, y en los últimos años han visto la oportunidad de negocio en Colombia. Esto ha ocurrido con el mayor interés de los últimos gobiernos colombianos en declarar la Altillanura (Ver Figura 1) como la última frontera agrícola del país, una oportunidad política y económica para el desarrollo.

En 2009 Julio César Cambruzzi, gerente del grupo empresarial Mónica, de capital brasilero, afirmaba:

> (…) Colombia es el último país del mundo que dispone de tierras para sembrar, con la extraordinaria ventaja de que no tiene que tumbar un solo árbol, gracias a que cuenta con la altillanura. En Brasil, para sólo hablar de esta parte del mundo, la ampliación de la frontera agrícola pasa por seguir acabando con la selva amazónica; Bolivia ya no tiene tierras, y grandes agroempresas argentinas están buscando la manera de establecerse en el exterior por la misma razón (EL CEREALISTA, 2009).

Del lado del interés de los capitalistas agrarios del sur del continente, está el argumento del Estado para instituir a la Orinoquia como nuevo bastión del desarrollo agrícola a nivel nacional y con miras al abastecimiento del mercado internacional. Así, pensando en el primer tipo de territorio, en el cual se resaltan la acción del Estado y el capital, el Departamento de Planeación Nacional (DNP)[8] establece a la subregión de la Altillanura como nueva área de desarrollo. Ésta corresponde a los municipios de Puerto López y Puerto Gaitán en el departamento de Meta y el departamento de Vichada. Cuenta con una extensión aproximada de siete millones de hectáreas, de las cuales se calcula que 4,7 millones podrían ser utilizadas para la agricultura. En términos ambientales, el impacto de su incorporación a la producción agrícola se derivaría de la homogeneización del uso del suelo, la utilización de agroquímicos en ecosistemas variados y de gran fragilidad, por ende la alteración de los ciclos biogeoquímicos y de la biodiversidad. La integración de la Altillanura como parte del proyecto de desarrollo nacional tendría un alto impacto a nivel económico, pues en la actualidad se cuenta con aproximadamente 3,6 millones de hectáreas dedicadas a la producción agrícola a nivel nacional.

En este sentido, más allá de una simple suma de hectáreas está la constante reducción de la superficie cultivable en la nación por efecto de factores como el impacto de la ganadería,

[8] Documento Conpes 3797. ”Política para el Desarrollo Integral de la Orinoquia: Altillanura - Fase I”. Consejo Nacional de Política Económica y Social. República de Colombia. Departamento Nacional de Planeación.

del inadecuado uso de los suelos, del avance de la urbanización y otros aspectos, como el acaparamiento de tierras con fines especulativos y en algunos casos de posicionamiento territorial, realidad ´también presente en el nivel regional.

La delimitación de la altillanura como región de desarrollo agroindustrial (Ver figura 1), forma parte de un proyecto desarrollista tomando como ejemplo el modelo del cerrado brasilero y la apertura a la explotación petrolera. El desarrollo propuesto busca atraer la inversión extranjera, de origen transnacional, movido por intereses financieros diversos, interesado en especular en el mercado internacional de alimentos (escala global) en sucesiva territorialización para explotar en la tierra y el trabajo, con consecuencias para los campesinos, comunidades tradicionales y el ambiente, asentado en la escala local - regional en donde se perciben más sus efectos (generalmente nocivos).

Este proceso de ampliación de la frontera agrícola obedece a la expansión territorial del capitalismo agrario, es decir, de la articulación de la producción agrícola al sistema capitalista, en el cual la tierra y la producción de alimentos se asumen como mercancías.

Esta explotación es intensiva en capital, pues necesita de la tecnología y el conocimiento para mejorar factores como la calidad de los suelos de la Altillanura: acidez, la pobreza de nutrientes y baja fertilidad. Esto significa la llegada de grandes capitales a participar del "desarrollo agrícola de la altillanura" y una profundización de las desigualdades en el acceso y tenencia a la tierra. Este proceso lo podemos ver en el tipo de inversionistas y sus inversiones en la región (Ver Cuadro 1)

Otro de los fenómenos asociados a la instalación del capitalismo agrario es que la producción de alimentos en la región se ha convertido, paradójicamente, en una dificultad para la soberanía alimentaria[9]. El departamento del Meta es ahora el principal productor de alimentos con fines industriales, principalmente de soya, palma, arroz, maíz, para producción de aceites y en general materias primas para la industria de alimentos. Al tiempo, se ha desarrollado el mercado interno de biocombustibles, como alternativa al agotamiento de los combustibles fósiles, los altos precios del petróleo en los últimos años, y porque baja costos por ser un combustible producido en su totalidad en el país. Con la regulación por parte del gobierno del mercado interno del biodiesel, se obligó la mezcla del 5% en el diésel tradicional, para lo cual la producción de aceite de palma[10] es fundamental y ahora también la caña de azúcar.

La disponibilidad de tierra y los altos procesos de especulación financiera en las bolsas de productos impulsaron una estrategia de crecimiento del sector de las oleaginosas, para lo cual se dirigió la mirada hacia la altillanura, pues cuenta con las condiciones para incrementar el área cultivada y por tanto la producción.

Cuadro 1. Inversionistas y producción en la Altillanura colombiana.

Compañía o grupo	Año de creación	Inversionista	Tipo de Inversión	Extensión (has.)	Municipios	Departamento
Ingenio Sicarare	2007	Arturo Sarmiento Angulo	Soya y Arroz	20.000 aprox.	Puerto Gaitán	Meta
N.D.	2005 aprox.	Habib Merheg	N.D.	2.400	Vichada	Vichada

[9] Según Absalón Machado, la producción de alimentos para consumo nacional se realiza mayoritariamente en pequeñas propiedades (MACHADO, 2010-2011)

[10] Respecto a la palma de aceite, se crea el documento Conpes 3477 del 9 de julio de 2007 "Estrategia para el desarrollo competitivo del sector palmicultor colombiano". A 2007, Colombia era el quinto productor de aceite de palma y el primero en Latinoamérica, con 326.033 hectáreas sembradas y 734.968 toneladas producidas en el año 2007 (ECONOMIC RESEARCH SERVICE –ERS– ABC USAID/MIDAS CROPS, 2009).

Mavalle S.A.	N.D.	Luis Carlos Sarmiento Angulo	Caucho	3.500 y 4500	Puerto López y Puerto Gaitán	Meta
Refocosta	N.D.	Grupo Santodomingo	Reforestación, Aserrío, Biocombustibles	2.000.	Casanare	Casanare
Proyectos Forestales	2000	N.D.	Forestación	6.000 aprox.	Puerto López	Meta
Mónica Colombia		Mónica Semillas de Bolivia y Mónica Brasil	Maíz y Soya	3.000	Puerto Gaitán	Meta
Agropecuaria Aliar S.A.	N.D.	Antioquia y Medellín	Maíz y Soya	3.000	Puerto Gaitán	Meta
Inversiones Manuelita	N.D.	Grupo Manuelita	Palma Africana	37.000	San Carlos de Guaroa (Meta) Orocué (Cas.)	Meta y Casanare
Grupo Empresarial GPC	N.D.	Colombia y Argentina	Yuca y producción de etanol	15.000	Puerto López	Meta
Enrique Mazuera Durán	N.D.	Enrique Mazuera Durán	Maíz, Soya y Arroz	2.500	Puerto López	Meta
Agrocometa S.A.	N.D.	Empresarios del Valle del Cauca	N.D.	7.000.	La Cristalina (Meta)	Meta

*N.D. No Determinado
Fuente: Datos sistematizados de la Revista Semana

Este desarrollo del capitalismo agrario a comienzos del siglo XXI va a integrar elementos característicos del agronegocio (Fernandes, 2013; Davis & Goldberg, 1957). Una disposición de amplias tierras fértiles o con problemas de fertilidad pero mejoradas a partir de la agricultura científica, proceso propio del modo medio técnico – científico - informacional (Santos 2000) en donde la naturaleza es transformada por el conocimiento en escala humana. Explotación de grandes extensiones planas, mecanizables con buena disposición de agua para riego, una infraestructura vial mediana y que permite el acceso al mercado. Grandes conglomerados internacionales y nacionales empiezan a invertir con fines productivos y de acaparamiento de tierras antes consideradas baldías (Grupos Mónica, Manuelita[11], etc.). El capital financiero circula con mayor dinamismo, con mayor presencia de entidades bancarias, a través de créditos. La escala del proceso productivo implica también una separación y tercerización de procesos (producción, comercialización, etc.), la aplicación del modelo global de cooperativización, la explotación intensiva de la fuerza de trabajo, flexibilización y precarización laboral, además de contratación de mano de obra migrante que entra en conflicto con la población local y expulsión de población ancestral y campesina.

Todo este proceso ha tenido un plano de fondo: el favorecimiento de la territorialización del agronegocio desde las políticas neoliberales. Desde los años de los noventa, se promovió

[11]El Grupo Manuelita en la actualidad ha diversificado su área de actuación. De ser una empresa azucarera nacida en el Valle del Cauca, Occidente colombiano, ha incursionado en la siembre de Palma de aceite, la refinación de aceites y producción de etanol. También ha internacionalizado su actuación, pues cuenta con una Usina en Vale do Paraná, Brasil.

la apertura a capitales extranjeros para el impulso de la producción, incluyendo la agricultura tecnificada. Basados en el discursos de la competitividad en el mercado global, se exasperó la aplicación del formas de producción hegemónicas y homogenizantes en territorios de heterogeneidad social y cultural.

Al respecto, una de las principales problemáticas es la conflictualidad entre formas de territorialidad, en tanto una parte de los sujetos que viven en estos territorios desde antes de la llegada del agronegocio, han mantenido una relación directa con la tierra, basada en prácticas de ganadería y agricultura familiar, a participar de un proceso de salarización como mano de obra (de campesinos a obreros proletarizados). A pesar del discurso desarrollista de la inclusión de la región en el desarrollo nacional y de la tecnificación de la producción, lo que está aquí plasmado es lo que Harvey denomina "Desarrollo geográficamente desigual" (HARVEY, 2001), entendido desde una dimensión social e institucional, pero también desde la dimensión de los sujetos.

Aun presentándose las principales características que estructuran el modelo del agronegocio, existen algunas características algo diferentes con la forma como este se espacializa en otros países como Brasil, Uruguay y Argentina, en el caso latinoamericano. La primera divergencia es que las extensiones que se están disponiendo para este modelo no son comparables con las de Brasil y Argentina, aunque sí significativas en la escala nacional y más aún en la regional. Otros factores son la concentración de la población en la zona andina y caribe y la minifundización en las áreas ocupadas tradicionalmente. En particular, tomar en cuenta que se trata de la última frontera agrícola nacional, que está entrando a formar parte del área productiva en manos de extranjeros y privados, no se enfoca en colmar las necesidades de trabajo, supervivencia y producción del sector campesino y agrario nacional.

El segundo elemento diferenciador es que una buena parte de la producción de *commodities* no va a surtir de forma significativa mercados internacionales sino a cubrir el consumo interno. En el caso de la palma africana –Dendê- (como de otros productos) la producción no es significativa a nivel mundial. (Malaysia e Indonesia lideran con el 85% de la producción mundial (ECONOMIC RESEARCH SERVICE –ERS– ABC USAID/MIDAS CROPS, 2009)

Esto es lo que acontece con respecto al agronegocio, sin embargo no es la única actividad que reviste las estrategias del capital para explotar más territorios y establecer territorialidades conflictivas en la región de la Orinoquia. La actividad petrolera, al igual que el agronegocio, propone un escenario complementario, en el cual se distingue una fuerte relación con lo que Fernandes denomina el primer territorio (2009), en la afluencia de capitales de origen transnacional, movido por la demanda internacional de hidrocarburos de corte global, pero asentado en lo local y regional en donde se perciben más sus efectos (generalmente nocivos).

Parte de la Orinoquia, geológicamente ha mostrado ser una cuenca rica en hidrocarburos, en especial la región de piedemonte, que ha venido siendo explotada de forma gradual desde los años 80 (DEVIA ACOSTA, 2011). Con el comienzo de siglo se desata una carrera contrarreloj por aumentar la disposición de reservas de hidrocarburos, que tiene como resultado la entrega de contratos de asociación a empresas extranjeras y el hallazgo en 2008 del área de explotación más grande en la reciente historia del país como es Rubiales (Meta) en la Altillanura. Esto ha significado la repetición de efectos que en el ámbito territorial han acompañado otros auges en la región y en la nación[12], sin que la revisión de estos casos haya significado la implantación de medidas de protección social, ambiental y territorial.

[12] Se han documentado casos más significativos a nivel nacional como Barrancabemeja en Santander (HAVENS e ROUMIEUX, 1966), Orito en Putumayo, piedemonte oriental al sur del país (DEVIA ACOSTA, 2004), y en la región de la Orinoquia los casos de Arauca (varios autores) y Casanare (DUREAU e FLÓREZ, 2000) (DEVIA ACOSTA, 2011).

Uno de los aspectos que más afectan la configuración territorial regional, es el interés específico en las regalías (royalties)[13] que deben entregar las empresas a los órganos estatales. Aparece la contradicción entre el impulso a las políticas de descentralización político administrativa, y la forma en que la adjudicación de regalías se centraliza en el nivel nacional, para luego ser repartidas "igualitariamente", lo cual ha dejado a los entes regionales y locales de las áreas de producción sin los presupuestos abultados que los distinguían años atrás. Es en el nivel nacional donde se construye la normatividad, las condiciones, criterios y áreas de inversión y la repartición de estas en la escala local regional. La abundancia de este recurso tendría que reflejarse en una muy buena infraestructura, suficiencia en servicios básicos y otros aspectos establecidos en el territorio, aspecto que no coincide con la realidad regional. Se destaca sí la interrelación entre actores y la conflictualidad entre estos, pues se hacen explícitas disputas por el poder en términos de posesión de la tierra como de las regalías.

Hasta aquí ha venido surgiendo la lectura de los tipos de territorio propuestos por Fernandes (2009). Un primer territorio, diferenciado y denominado por las instituciones estatales como "Altillanura", territorio pensado como nueva área de desarrollo agrícola y energético del país, en el cual se articulan políticas diferenciales que favorecen la entrada del capital, generando conflictualidad entre agentes estatales, privados y regionales. El segundo territorio en tanto propiedad, se refleja en los procesos de ocupación y acaparamiento del suelo, primero a través de la ganadería y luego para la producción de bienes primarios por parte de grandes y medianas empresas, en contravía con los modelos tradicionales. Las relaciones tejidas en torno a esta segunda forma de territorio se hacen más complejas al articular uno de los elementos más particulares en la historia socio política y territorial colombiana: el conflicto armado entra en la discusión de los territorios, sea por la toma de territorios, o por su apoyo a procesos de capitalismo agrario como se verá a continuación.

Territorio como bien de posesión y como botín de guerra

En relación con el segundo tipo de territorio, que se refiere a la propiedad privada, se comprometen directa en indirectamente dos tipos de acciones de territorialidad: el dominio y la posesión.

El dominio, refiere fundamentalmente al conflicto armado colombiano, en el cual actores armados, legales e ilegales, han disputado el ejercicio de poder sobre amplias áreas, con un interés de control más que con un interés de posesión, sobre todo de áreas estratégicas en las que se espacializan actividades económicas importantes que pueden reportarles un beneficio para su estrategia de guerra, a través del pago de impuestos o de "servicios", o por el dominio de corredores estratégicos[14], para actividades relacionadas con el narcotráfico, el surtimiento de víveres y bienes para grupos armados ilegales.

La posesión de la tierra ha tenido otros objetivos diferentes a la posesión productiva, en primer lugar la idea de aumentar la propiedad privada y el lucro a partir de la tenencia de la tierra. También ha sido un elemento de distinción social para narcotraficantes y esmeralderos, que desde las décadas de los ochentas y noventas han venido adquiriendo amplias extensiones, apoyándose en la intervención de grupos armados a su favor y profundizando la concentración de la propiedad en pocas manos. Para esto, la figura del testaferrato, titulación a nombre de terceros, cobró importancia para evadir a las autoridades

[13] Contraprestación económica que deben entregar las empresas extractivas al Estado por la explotación de un recurso natural no renovable, son consideradas un beneficio económico para el Estado y sus entidades territoriales en las diferentes escalas.

[14] Es el caso del corredor "ABC" Arauca – Boyacá – Casanare, que se refiere al tránsito de la Orinoquia al centro del país atravesando la cordillera oriental. Esta se constituye en estratégica tanto por el dominio de un corredor de tránsito que compromete importantes flujos económicos y de personas, como por el control militar del acceso a la capital del país.

y como estrategia de lavado de dinero producto de actividades ilegales, que sirve para luego diversificar su inversión, siendo la compra de tierras una inversión legal y segura. Este, ha sido uno de los principales agravantes de la cuestión agraria en Colombia, pues se han sobrevalorado las tierras desestimulando la producción agrícola, prevalece el interés por acaparar y especular con la tierra para acrecentar y legalizar capitales como por ser un mecanismo de control socioterritorial.

El territorio ha sido también botín de guerra, cuya captura se logra a través de prácticas coercitivas, de la mano del testaferrato y la presencia armada directa en los corredores estratégicos, como en áreas específicas con mayor disposición de recursos económicos derivados de la explotación de bienes primarios. Son áreas disputadas por las FARC y grupos de paramilitares, acusados de ejercer acción armada y actividades asociadas al narcotráfico. Así, se presenta una financiación de estrategias privadas de la contrainsurgencia que buscan recuperar la seguridad por la fuerza, disputando el territorio a guerrillas y amedrentando a la población rural. Este fenómeno está asociado a la generación de desplazamiento forzado a frentes de colonización y ciudades de diferente tamaño, desplazamientos de forma sucesiva incluso en los mismos entornos rurales, producto de la persecución por parte de Grupos Armados que en parte de los casos actúan en asocio[15].

En suma, buena parte de estos territorios se han legitimado como propiedad privada y por medio de la destinación de las tierras a la ganadería, en detrimento de la agricultura y la conservación de bosques (MACHADO, 1998), consolidando una gran propiedad privada improductiva o de baja productividad y de alto impacto ambiental, problema central colombiano que mezcla los anteriores elementos.

La posesión se relaciona con la apropiación de tierras a título privado, es decir a la legitimación de la propiedad de la tierra, adquirida o no por medios legales. Una de estas formas es la acumulación por desposesión, describiéndose cuatro categorías (COMISIÓN NACIONAL DE REPARACIÓN Y RECONCILIACIÓN. LÍNEA DE INVESTIGACIÓN TIERRA Y CONFLICTO. ÁREA DE MEMORIA HISTÓRICA, 2009):

1) Compra ventas irregulares: por la fuerza, por dolo, por inducción de error, a precios que no corresponden con el valor comercial.
2) Transferencia judicial.
3) Transferencia de derechos a través de instancias administrativas, como adjudicación de baldíos por la entidad competente, entre otros.
4) Desalojo forzado por la violencia: ocupación de hecho y abandono de baldíos.

Estas cuatro formas de acumulación son formas de desposesión presentes en la Orinoquia. Casi todas están ligadas a la “apertura” de tierras para el latifundio, el narcotráfico, la posesión territorial de grupos armados, y ahora como “apertura de la región al desarrollo agrícola”. Esta cuestión que no deja de generar conflicto dentro de los grandes propietarios, pues se mezclan intereses diversos, convergentes en el modelo de capitalismo agrario del agronegocio.

En algunas ocasiones se asocian las estrategias y los actores, por ejemplo la incursión de paramilitares y de grupos armados relacionados con el narcotráfico, para la concentración de la propiedad rural a través de la compra significativa de amplias extensiones y apropiaciones ilegales, además de la ocupación de baldíos por medios ilegales, para ser integrados al mercado de la tierra y vendidos a grandes empresas.

Tratándose de tierras integradas al mercado, la ley permite la compra de amplias extensiones, sin embargo, tratándose de terrenos baldíos de la Nación, como sucede en buena parte de la Altillanura, la ley 160 de 1994 impide el excederse de una UAF (Ver nota

[15] Ver: DÍAZ, Ana María y SÁNCHEZ, Fabio. **Geografía de los cultivos ilícitos y conflicto armado en Colombia**. Documento CEDE 2004-18. Bogotá: Universidad de los Andes. 2004.

4), cuya extensión varía de acuerdo al tipo de región homogénea[16], desde un mínimo de 28 has. a un máximo de 1840 has.

Así, en el reciente proceso de compra, el límite promedio indicado era de 1200 a 1400 has, pues el Programa de Adquisición de Tierras se había dirigido principalmente a pequeños y medianos campesinos. La estrategia por parte de las empresas fue la de constituir pequeñas empresas subsidiarias para la compra de predios para luego, mediante la creación de una gran empresa fuera del país para evitar el arbitraje del gobierno colombiano, englobarlos. Tal es el caso de Riopaila, empresa azucarera del occidente colombiano, la cual englobó 20.000 has. Cargill y Fazenda usaron la misma estrategia, acumulando 40.000 has, asesoradas por la firma de abogados Brigard & Urrutia, comandada por el exembajador de Colombia ante Estados Unidos y quien ante el escándalo por la violación a las disposiciones legales tuvo que dejar su cargo[17] (SEMANA, 2013). Por su parte, el Grupo brasileño Mónica, creó siete empresas para englobar parte de las 13 mil hectáreas que destinaría a la siembra de maíz y soya en Puerto Gaitán Meta, lo que también le permitió acceder a recursos del cuestionado programa Agro Ingreso Seguro[18]. (SALINAS, 2011).

Los empresarios declararían en su momento la necesidad de modificar la legislación con miras a ampliar la extensión de la UAF, basados en el argumento de que con las difíciles condiciones de los suelos y la alta inversión que requerían, los rendimientos solo serían notorios en explotaciones más extensas. Al tiempo, el gobierno afirmó que facilitaría los medios para su actividad a través de la creación de elementos jurídicos, entre los cuales la redefinición de las UAF y la agilización de la adjudicación sería su prioridad (NONATO, 2011).

Si bien estas estrategias son las dadas para ejercer propiedad formal sobre el territorio (segundo territorio), las empresas han recurrido a otras alternativas que no implican transferencia de dominio, pero sí concentración de su uso, como lo son los arrendamientos y contratos de participación, frecuentes en las industrias del azúcar y de los forestales; y las alianzas productivas estratégicas y las cooperativas de trabajo asociado, comunes en la palma.

Estas estrategias traducen en su conjunto, disputas por la tenencia de la tierra entre diferentes actores: grandes empresas, agroindustriales de la región, campesinos e indígenas. Estos dos últimos han sido los principales afectados por la desposesión en sí del territorio bajo las cuatro formas expuestas, por el desplazamiento forzado por violencia, por la inclusión de un nuevo modelo económico en áreas que venían siendo de uso tradicional, por el cambio en el uso de los suelos que necesariamente afecta el equilibrio ecosistémico de la región. Se han puesto en riesgo como grupo social por aspectos fundamentales como la menor disposición de agua, por su inclusión al modelo como mano de obra asalariada, e incluso por ver comprometida su capacidad de tránsito por el territorio, cooptado por una mezcla de nuevos actores: empresas del agronegocio, empresas petroleras, empresas contratistas, e incluso inmigrantes procedentes de otras regiones, atraídos por las posibilidades de emplearse como mano de obra de la actividad agrícola de gran escala y de las actividades asociadas al petróleo.

[16] La Resolución 041 de Septiembre 24 de 1996 delimita las UAF en el Meta así: Cordillera 1 de 28 a 38 has, cordillera 2 de 59 a 80 has, Piedemonte de 36 a 46 has, Vega de 13 a 18 has, Serranía de 1360 a 1840 has y en las áreas superpuestas con la altillanura Sabana 1, 2, 3 y 4 con rango mínimo de 102 a 138 has, 680 a 920 has, 956 a 1294 has y 1275 a 1725 has, respectivamente.

[17] Al respecto, la Revista Semana hace un seguimiento al debate sobre la apropiación ilegal y la concentración de extensiones mayores a la UAF. A esta situación se asocian a grandes empresas agrícolas y figuras políticas nacionales, incluso a Ecopetrol, compañía petrolera colombiana. A 2013, 622.000 predios estaban en conflicto.

[18] Agroingreso Seguro fue un programa desarrollado por el Ministerio de Agricultura durante el anterior gobierno, el cual entregó altos subsidios para el desarrollo de proyectos agrícolas. Este ha sido duramente cuestionado pues los subsidios que se supone se dirigían a la población campesina, en su mayoría fueron entregados a grandes empresarios del agro, personajes de la vida pública y miembros de élites políticas regionales.

Territorios y movimientos socioterritoriales.

La cuestión agraria en la Orinoquia, mezcla factores como la deuda histórica de una reforma agraria efectiva y equitativa, conflicto armado, desplazamiento forzado, narcotráfico, implantación del capitalismo agrario, entre otros. La complejidad aumenta al considerar diferentes territorialidades ejercidas en la misma región como ámbito espacial y también territorial. La conflictualidad que reviste el cruce de diferentes territorialidades se materializa en disputas y resistencias.

Según comenta Fernandes, un movimiento social es un mismo sujeto colectivo o grupo social que se organiza para realizar una acción en defensa de sus intereses, en posible conflicto, con el objetivo de transformar la realidad (FERNANDES, 2005, p. 31). La movilización de la población ante el embate de estos actores ha sido diversa. Hasta 2006, los principales motivos de movilización social en la región en orden de importancia habían sido la búsqueda de la construcción de infraestructura vial y energética, la protección de los derechos humanos (principalmente por el auge del accionar paramilitar) y posteriormente por temas de corrupción, servicios públicos –agua, salud, educación- y transferencias (BUITRAGO GARZÓN, 2008). Estos podrían considerarse, como movimientos genéricos, según Blumer, en tanto sus objetivos aún son vagos, encuadrados en movimientos sociales existentes (GOHN, 1997). Todos estos movimientos sociales se materializan en el espacio, lo que los calificaría como movimientos socioespaciales, sin embargo, las motivaciones no apuntan a la transformación del espacio en territorio, por tanto no se considerarían socioterritoriales (FERNANDES, 2005).

La conflictualidad se hace presente en la superposición de fuerzas políticas que se entrecruzan en busca de controlar sus propios territorios e imponer sus territorialidades: la acción del Estado, el capitalismo agrario por medio de cultivos industriales que significan el acaparamiento de territorios, pero también por la asociación de este con el conflicto armado. Actores armados legales e ilegales han acallado sistemáticamente a líderes políticos, principalmente de izquierda, como en el caso de la Unión Patriótica –UP- que fue prácticamente exterminada a manos de grupos paramilitares, dificultando así el accionar y la consolidación de movimientos socioterritoriales. La acción sistemática de estos grupos ha coartado la posibilidad de organizarse como una fuerza política fuerte con injerencia en las decisiones regionales y nacionales.

Los movimientos socioterritoriales más visibles en la actualidad colombiana se constituyen en respuesta a los conflictos socioambientales relacionados con actividades mineras y petroleras en las zonas rurales desde donde se realiza un activismo de hecho. Declarándose en oposición a la implantación de estas actividades en sus territorios, han denunciado impactos sociales y ambientales, buscando medidas jurídicas para frenar la explotación y promoviendo procesos de formación en las temáticas ambientales y de organización social, generalmente amparados en experiencias de sindicatos como la USO[19]. En la región en particular, se están presentando iniciativas locales de protesta por daños derivados de la actividad petrolera sin que aún haya aun una organización cohesionada.

Con respecto al conflicto por desposesión, actualmente se ha abierto un espacio de confluencia en torno a la ley 1448 de 2011, conocida como Ley de Víctimas y Restitución de Tierras, la cual en su título IV capítulo II, crea un procedimiento legal para restituir y formalizar la tierra de las víctimas del despojo y abandono forzado que se hubieren presentado desde el 1 de enero de 1991 con ocasión del conflicto armado interno. En este proceso de restitución de tierras, la población víctima de desplazamiento forzado ha empezado a organizarse, a pesar de las amenazas constantes por parte de grupos armados. Se trata de una fuerza social en aumento[20], creciente en número, que potencialmente pueden constituirse en una fuerza

[19] Unión Sindical Obrera, ligada a la Empresa Colombiana de Petróleo Ecopetrol.
[20] De esta iniciativa se resalta el “Movimiento de víctimas de crímenes de Estado”, Capítulo Meta, en crecimiento.

importante en la lucha por el territorio contra actores armados, a pesar de las constantes amenazas a su vida y de la persistencia del riesgo de desplazamiento, que entre 2006 y 2012 en el Meta representaba el 9,2% del total nacional. En el mismo periodo, 3281 personas solicitaron la inscripción de 4691 predios en el Sistema de Registro Único de Predios y Territorios Abandonados (Rupta) (PNUD, 2014)

En sí, el desplazamiento forzado implica no solo el hecho del destierro y la pérdida de la propiedad. Implica la desterritorialización y el desarraigo, provocados de forma visible por el conflicto armado, pero también por las dinámicas de instalación de nuevas formas de capital, como el agronegocio. Entran en discusión no solo la propiedad de la tierra sino la territorialidad en conflicto, en tanto se enfrentan, un modelo de desarrollo agrario campesino y el desarrollo agrario capitalista promovido por el gobierno y la empresa privada. Este conflicto significa el enfrentamiento entre fuerzas políticas de diferente índole, que buscan crear y/o controlar sus propios territorios. Así, estas nuevas dinámicas generan no solo la pérdida material del territorio, sino la "desterritorialidad" (FERNANDES, 2005, p. 11) es decir el impedimento del libre desarrollo de sus prácticas de territorialidad, los conflictos que implica re-crear su identidad territorial en otros espacios, reterritorializarse en su ámbito original o en uno diferente (generalmente urbano).

Sobresalen movimientos de victimas de despojo en proceso de organización como es el caso del ya nombrado Movice capítulo Meta, y la Asociación Nacional de Zonas de Reserva Campesina ANZORC que, además de materializarse como movimientos sociales específicos (GOHN, 1997), se consideran movimientos socioterritoriales, pues procuran la construcción de espacios políticos propios, están generando una red de trabajo y relaciones con diferentes entidades que promueven su territorialización en diferentes áreas del país y que toman fuerza en la escala regional. Por ser la restitución de tierras un fenómeno que recién empieza, es muy difícil hacer el seguimiento de sus acciones y su desarrollo.

Así, el modelo de desarrollo capitalista, representado en la región en la reprimarización de la economía ha generado resistencia en el ámbito rural como en el ámbito urbano. Esta tendencia recuerda la multiescalaridad del territorio, responde a la demanda global del mercado, se asienta en las políticas de desarrollo nacional y toma cuerpo en la región y en la escala local. Es en estas dos últimas donde se incorporan las formas de resistencia tanto rural como urbana, en tanto el sistema político económico influencia la ruralidad como la dialéctica rural – urbana. En palabras de Milton Santos, la globalización de la economía genera transformaciones en los procesos productivos modificando los sistemas de acción y objetos, generando un nuevo modelo técnico, económico y social de "agricultura científica globalizada", influenciada por la competitividad, la ciencia y la información para el aumento de la producción en relación con los costos. Esto significa la integración de capitales industriales, traducidos en maquinaria, biotecnología, etc. y financieros, que generan una metamorfosis en la división social y territorial del trabajo agropecuario (SANTOS, 2006).

El entorno de la ciudad de Villavicencio, aparece como un punto luminoso que visibiliza el medio técnico científico informacional (SANTOS, 1996) (ELIAS, 2011), un territorio especializado inherente a la economía agraria, agroindustrial y petrolera, ligada a un circuito superior globalizado. Allí se concentran el capital, la infraestructura, el comercio agrícola, las instituciones públicas y privadas ligadas con la producción, así como una variedad de grupos sociales, de mano de obra disponible, víctimas de desplazamiento forzado y algunos excombatientes en proceso de reintegración a la vida civil. En las áreas urbanas conviven diferentes territorialidades (pluriterritorialidad), las desigualdades y las resistencias, que se convierten en el espacio de movimientos socioespaciales y socioterritoriales, que reclaman el respeto por el derecho a la reterritorialización (a través de la restitución de tierras), por el derecho a un ambiente limpio (en el caso de los impactos de la explotación petrolera sobre el agua) o por el derecho a la vivienda y el acceso a los servicios en los nuevos lugares de asentamiento.

Comentarios finales

La discusión sobre el establecimiento de un nuevo modelo extractivo se extiende más allá de su carácter económico, como un hecho político, social y cultural, que influye directamente en la región de la Orinoquia. La discusión sobre el territorio como concepto y hecho factual se hace necesaria en el contexto de esta realidad y nos obliga a analizar la superposición conflictiva de diferentes territorialidades.

Las prácticas territoriales propias de la actividad petrolera y el capitalismo agrario, cada una con sus particularidades, se superponen al territorio de la soberanía, como es en particular la división político administrativa impuesta por el Estado, pues la presencia de las empresas, como las áreas de exploración y explotación superan los límites de departamentos, municipios y veredas en las escalas local y regional. Como modelo económico actúa en diferentes latitudes, por ejemplo, empresas de servicios e inversionistas hacen presencia en más de un departamento e incluso de una nación, generando dinámicas territoriales y de ocupación similares en diferentes lugares, con efectos e impactos socioambientales comparables, los cuales generalmente son más acentuados en países y regiones emergentes.

En el caso aquí propuesto, el análisis de la cuestión agraria se lleva a escala nacional y departamental, viendo como la falta de una reforma agraria efectiva, la concentración de la propiedad y los conflictos por el uso del suelo en discordancia con su aptitud, como elementos principales, son un antecedente que favorece una mayor concentración de la propiedad, la desposesión y en general los conflictos e impactos socioambientales, generados tanto por el agronegocio como por la intensificación de la actividad minero energética.

Las características propias de dichas actividades, y en particular su implantación en el contexto de la Orinoquia, permiten hablar de un tercer territorio, un territorio móvil representado en las condiciones del capital, que se imponen sobre los otros territorios a través de prácticas materiales e inmateriales, que generan todo tipo de conflictualidades, como sucede con la constitución de un sistema agrícola mundial y su influencia en las diferentes escalas geográficas.

La dinámica de estas territorialidades amerita ser identificadas en mediano y largo plazo. En el caso de las actividades de extracción minero energética, podrían ser vistas en amplio, esto significaría revisar otros casos en América Latina para, aún con las particularidades regionales, encontrar patrones de territorialidad de los extractivismos en esta nueva coyuntura. En el caso del agronegocio, elementos de orden jurídico como la normatización de posesión de baldíos aún no resuelta ha desestimulado el ritmo con que se estaba implantando el modelo en la altillanura. La presencia del conflicto y los actores armados, así como del narcotráfico, son elementos fundamentales en el análisis del territorio como bien de posesión y dominio, y en tanto sus acciones se articulan a favor del modelo.

Es justo preguntar por las implicaciones de la expansión del modelo brasilero en países emergentes, pues los ejemplos en el sur de América son tan relevantes como los de Mozambique y Angola en África. La presencia de grupos como Mónica y Manuelita son muestra de un tercer tipo de territorio, móvil, que trasciende las fronteras político administrativas y compromete la aplicación de la técnica y la intencionalidad (SANTOS, 2006).

Ese tercer tipo de territorio, asociado a la reprimarización de las economías, influencia de forma considerable en la alteración de las dinámicas urbano-regionales y en las relaciones campo-ciudad. Asociada al crecimiento de estas actividades se distinguen una dinámica poblacional diferente, una mayor urbanización de la población, la ampliación de comercio y servicios ligados a estas actividades y el crecimiento acelerado de las ciudades y poblados directamente influenciadas por el modelo neoextractivista. En las escalas local y regional cabría preguntarse por el crecimiento de la gran propiedad y la concentración de la tierra en relación con el despoblamiento del campo. Estos elementos, en el panorama actual de descenso del precio internacional del petróleo y, en general, por el carácter no renovable de

los recursos minero energéticos, alimentan la conflictividad social, no solo en las áreas rurales sino en las ciudades.

Por eso, más allá de calificar si existe o no el modelo del agronegocio en estos países, es necesario valorar sus características. En el caso colombiano la primera divergencia es que las extensiones que se están disponiendo para este modelo no son comparables con las dispuestas en Brasil y Argentina, aunque sí significativas en la escala nacional y más aún en la regional. El gran énfasis en "desarrollar" la región, por medio del modelo de cerrado brasilero, dado por los últimos gobiernos y sector privado, corresponde a un modelo desarrollista que excluye a los productores locales (medianos y pequeños), que no toma en cuenta consecuencias como desplazamiento de los campesinos, profundización de la concentración de la tierra, la autosuficiencia alimentaria y, sumado a esto, la intensidad del conflicto armado en estos territorios.

El análisis en amplitud se torna necesario en el actual contexto de diálogos de paz en La Habana entre gobierno y la guerrilla de las FARC-EP. Entendiendo que la disputa por el territorio no es solo una cuestión en la que convergen actores armados, es necesario involucrar a los diversos sectores, tanto en los diálogos como en el análisis y la mirada al posconflicto. El papel de los movimientos sociales debe ser visibilizado a fin de construir escenarios alternativos al conflicto armado como a la profundización del capitalismo agrario en la región.

Referencias

AGENCIA PRESIDENCIAL PARA LA ACCIÓN SOCIAL Y LA COOPERACIÓN INTERNACIONAL – ACCIÓN SOCIAL. **Unidades Agrícolas Familiares, tenencia y abandono forzado de tierras en Colombia.** Proyecto Protección De Tierras y Patrimonio de la Población Desplazada. Bogotá, 2010.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitaria, 2007.

BUITRAGO GARZÓN, L. **Iniciativas políticas y acciones de grupos sociales a favor de la integración regional en la Orinoquía colombiana (1991-2006)**. Bogotá: Universidad Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario, 2008.

COMISIÓN NACIONAL DE REPARACIÓN Y RECONCILIACIÓN. LÍNEA DE INVESTIGACIÓN TIERRA Y CONFLICTO. ÁREA DE MEMORIA HISTÓRICA. **Despojo de tierras y territorios.** Aproximación conceptual. Bogotá: Kimpres Ltda., 2009.

DANE. **Encuesta Nacional Agropecuaria.** Bogotá, 2007

DANE. **Encuesta Nacional Agropecuaria.** Bogotá, 2013

DAVIS, J.; GOLDBERG, R. **A concept of agrobusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

DEMATTEIS, G. "Rivoluzione quantitativa" e nuova geografia. **Laboratorio di Geografia economica. Università degli Studi de Torino**, Torino, n. 5, 1970.

DESCARTES, R. **O discurso do método**. Sao Paulo: Martins Fontes, 2001.

DEVIA ACOSTA, Y. **Orito y la explotación petrolera.** Un caso de colonización en el Medio Putumayo 1963-1985. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, p. 213. 2004.

DEVIA ACOSTA, Y. **Configuración territorial, petróleo y conflicto. Los casos de Aguazul y Tauramena, 1974-205**. UPTC - IGAC. Bogotá, p. 287. 2011.

DUREAU, F.; FLÓREZ, C. **Aguaitacaminos:** las transformaciones de las ciudades de Yopal, Aguazul y Tauramena durante la explotación petrolera de Cusiana y Cupiagua. Bogotá: Ediciones Uniandes y Tercer Mundo, 2000.

ECONOMIC RESEARCH SERVICE –ERS– ABC USAID/MIDAS CROPS. Situación actual y perspectivas del mercado del aceite de palma colombiano. **Economic Research Service – ERS– ABC USAID/MIDAS Crops**, Octubre 2009. Disponivel em: <http://www.ard.org.co/midas/spanish/departamentos/agricultores-y-cadenas-de-valor/pdf/Mercado_Situacion_Actual_y_Perspectivas_PALMA_DE_ACEITE.pdf>. Acesso em: Julho 2014.

EL CEREALISTA. El cerealista. **Revista de la Federación Nacional de Cultivadores de Cereales y Leguminosas**, p. 08-11, Febrero - Marzo 2009. Disponivel em: <http://www.fenalce.org/arch_public/Cer88.pdf Revista>. Acesso em: Julio 2014.

ELIAS DE CASTRO, I. O problema da escala. In: ELIAS DE CASTRO, I.; DA COSTA GOMES, P. C.; LOBATO CORREA, R. **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: BCD UNIÁO DE EDITORAS S.A, 1995. p. 117-140.

ELIAS, D. Agronegócio e Novas Regionalizações no Brasil. **Revista Brasilera Estudos Urbanos e Regionais,** Recife, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2011.

FAJARDO, D. Orinoquia: Colonización, frontera y estructuración territorial. In: FAJARDO, D.; URBINA, F. **Colombia Orinoco**. Primera. ed. Bogotá: Fondo Fen Colombia, 1998. Cap. Prólogo.

FERNANDES, B. M. **Construindo um estilo de pensamento na Questão Agrária:** o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. 2013. Tese (Livre-Docência em Geografia). Unesp, Presidente Prudente.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA,** Presidente Prudente, p. 24-34, Janeiro - Junho 2005.

FERNANDES, B. M. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, A. M. **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

FERNANDES, B. M. Entrando nos territórios do Território. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 273-301.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular - UNESP Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009. p. 197-215.

FLECK, L. **Genese e desenvolvímento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

GIDDENS, A. **La constitución de la sociedad. Bases para la teoría de la estructuración**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimientos sociais.** Paradigmas clásicos e contemporáneos. Sao Paulo: Loyola, 1997.

GRUPO SEMILLAS. Editorial. **Revista Semillas**, Bogotá, n. 48-49, Julio 2012.

HARVEY, D. **Social justice and the city**. Londres: Edward Arnold, 1973.

HARVEY, D. **La condición de la postmodernidad.** Investigación sobre los orígenes del cambio cultural. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1998.

HARVEY, D. **Spaces of capital:** Towards a critical geography. Edinburgh: University Press Ltda, 2001.

HAVENS, M.; ROUMIEUX, E. **Barrancabermeja Conflictos sociales en torno a un centro petrolero**. Bogotá: Ediciones tercer mundo; Facultad de sociología Universidad Nacional, 1966.

INSTITUTO GEOGRÁFICO AGUSTÍN CODAZZI - IGAC. **Atlas de la distribución de la propiedad rural en Colombia**. Primera. ed. Bogotá: Imprenta Nacional de Colombia, 2012.

JARAMILLO, J. E.; MORA, L.; CUBIDES, F. **Colonización, coca y guerrilla**. Bogotá: Alianza Editorial Colombiana, 1989.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4e. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

MACHADO, A. **La cuestión agraria en Colombia a fines del milenio**. Bogotá: El áncora editores, 1998.

MACHADO, A. La tierra y el desarrollo humano. **Hechos de Paz No.57 PNUD**, 2010-2011.

McMICHAEL, P. Global Development and the Corporate Food Regime. **New Directions in the Sociology of Global Development Research in Rural Sociology and Development**, Bingley, v. 11 , p. 269–303, 2005.

NONATO, L. La altillanura está de moda. **Revista Supuestos**, Bogotá, 22 Mayo 2011.

PNUD. **Ruta hacia el desarrollo humano. Meta. Serie Cuadernos Semillero de Desarrollo Rural**. Bogotá: PNUD, 2014.

QUAINI, M. **Marxismo e geografia**. 3". ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Sao Paulo: Ática, 1993.

RUBIO, B. La crisis alimentaria y el nuevo orden agroalimentario financiero energético mundial. **Revista Interdisciplinaria de Estudios Agrarios**, Buenos Aires, n. 27, 2007.

SALINAS, Y. El reto de la restitución frente al modelo de desarrollo rural y la concentración de la tierra. **Revista Semillas,** Bogota, n. 44 - 45, p. 24-32, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Sao Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. Sao Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções do território**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

SEMANA, R. Los baldíos y el posconflicto llanero. **Revista Semana**, Bogotá, 07 Agosto 2013.

SERJE, M. Petróleo en Tierras de Nadie. In: SUBIRATS, E. **América Latina y La Guerra Global**. Ciudad de México: Fondo De Cultura Economica - Instituto Técnico y de Estudios Superiores de Monterrey, 2004. p. 89 - 114.

TRUITT NAKATA, G.; ZEIGLER, M. **La próxima despensa global:** cómo América Latina puede alimentar al mundo: un llamado a la acción para afrontar desafíos y generar soluciones. BID - The Gobal Harvest Iniciative. s.d. 2014.

VAGAGGINI, V.; DEMATTEIS, G. **I metodi analitici della geografia**. Firenze: La Nouva Italia, 1976.

Recebido para publicação em 25 de março de 2015

Devolvido para revisão em 26 de maio de 2015

Aceito para publicação em 21 de agosto de 2015

Integração Nacional, Desenvolvimento Capitalista e Projetos Modernizantes na Amazônia: retrospectiva e perspectiva de despojos da Mineração Rio do Norte - PA

Jacob Binsztok
Professor Doutor Titular em Geografia Humana do Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade Federal Fluminense - UFF
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Agroambientais da UFF
e-mail: jacob.binsztok@gmail.com

Mônica Carneiro
Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Bacharelanda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Agroambientais da UFF
e-mail: monicardc@gmail.com

Resumo

O trabalho elabora uma retrospectiva mostrando o amplo leque de projetos de cunho modernizante, que, em forma de enclave, acabaram transformando-se em despojos na Amazônia. As intervenções constituíram-se em empreendimentos que, a partir do final do século XIX, pretenderam levar o desenvolvimento capitalista à região, como a construção de ferrovias, formação de *plantations* e mineradoras, que ocasionaram significativa depredação de recursos naturais e perdas para as comunidades locais. Assim, desmatamento, destruição da biodiversidade, contaminação de solos, assoreamento de corpos d'água e deslocamento de populações revelaram a utilização de tecnologias não adaptadas às realidades locais. A pesquisa analisou contribuições de autores nacionais e estrangeiros, objetivando compreender razões do fracasso e, paralelamente, examinar formas de superação do impasse. Como estudo de caso, foram analisadas as atuais operações da Mineração Rio do Norte, localizada no Médio e Alto Trombetas, considerada o maior empreendimento do gênero no Brasil e na América Latina e o segundo do globo, investigadas através de literatura pertinente e entrevistas abertas. O final é marcado pela constatação que a Mineração Rio do Norte não está conseguindo superar as etapas que marcaram a construção de despojos na Amazônia, com grande possibilidade de não aprender as lições do passado.

Palavras-chave: Integração Nacional; Desenvolvimento Capitalista; Retrospectiva; Perspectiva; Despojos; Mineração Rio do Norte.

Integración Nacional, Desarrollo Capitalista y Proyectos de Modernización en la Amazonía: retrospectiva y perspectiva de despojo de la Minería Rio do Norte – PA

Resumen

El trabajo hace una retrospectiva que muestra la amplia gama de proyectos orientados a la modernización, que em forma de enclave, terminaron por convertirse en botín en la

Amazonía. Las intervenciones se realizaron por las empresas, a partir de finales del siglo XIX, com la intención de llevar el desarrollo capitalista a esa región, com la construcción de ferrocarriles, plantaciones y explotaciones mineras, que causó la depredación significativa de los recursos naturales y la pérdida de comunidades locales. Por lo tanto, la deforestación, la destrucción de la biodiversidad, la contaminación del suelo, sedimentación de cuerpos de agua y los desplazamientos de población reveló el uso de tecnologías no adaptadas a las realidades locales. La investigación analizó las contribuciones de autores nacionales y extranjeros, con el objetivo de entender las razones del fracaso, y al mismo tiempo buscar nueva maneras de romper el impase. Como estudio de caso, se han analizado las operaciones em curso de la Minera Rio do Norte, que se encuentra en el medio y alto del río Trombetas, considerada la empresa más grande de su tipo em Brasil y América Latina y la segundo en el mundo, investigado a través de la literatura y entrevistas abiertas. El final de la misma se caracteriza por la cosntatación de que la Minera Rio do Norte no ha sido capaz de superar las etapas de la construcción del despojo en la Amazonía, con grandes posibilidades de no aprender las lecciones del pasado.

Palabras clave: Integración Nacional; Desarrollo Capitalista; Retrospectiva; Perspectiva; Botín; Minería Rio do Norte.

National Integration, Capitalist Development and Modernizing Projects in the Amazon: retrospective and perspective of spoils of Rio do Norte Mining – PA

Abstract

The work makes a retrospective showing the wide range of modernizing oriented projects, which, in enclave way, ended up becoming preys in the Amazon. The Interventions were made up on ventures which from the end of XIX century, intended to take capitalis development to that region, as the railway building, plantation and miners, that caused significant depredation of natural resources and loss to local comunities. Thus, deforestation, biodiversity destruction, soil contamination, sedimentation of water bodies and population displacement revealed the use of technologies not adapted to local realities. The research analyzed national and foreign authors contributions, aiming to understand the reasons of the failure, and at the same time seek new impase overcoming. As a case study, current Rio do Norte Mining operations were analyzed, located in middle and high Trombetas River, considered the largest venture in Brazil and Latin America and the second one in the world, researched through relevant literature and open interviews. The end of it is marked by finding out the Rio do Norte Mining has not been able to overcome the stages of the preys in the Amazon, with great possibilities of not learning the lessons from the past.

Keywords: National Integration; Capitalist Development; Retrospective; Perspective; Spoils; Rio do Norte Mining.

Introdução e Referenciais Teóricos

O trabalho aborda a questão dos despojos encontrados na Amazônia decorrentes de intervenções proporcionadas pela implantação de grandes projetos extrativos, agroindustriais, hidroelétricas, rodoviários e ferroviários. Assim, mediante elaboração de uma retrospectiva serão mostrados os impactos sócio-espaciais na Amazônia decorrentes destas intervenções, inadaptadas as realidades das comunidades locais. Os fatos revelam a ausência de tecnologias apropriadas para o desenvolvimento dos trópicos úmidos,

particularmente na Amazônia. Observamos que desde o início do século XX foi implantado um amplo leque de projetos em diversos pontos da Amazônia, gerando despojos de grande magnitude que ainda não foram devidamente contabilizados e absorvidos pelas comunidades locais.

Os despojos podem ser representados não somente pelos passivos ambientais, mas também, pela situação de pobreza a que foram reduzidas as comunidades locais, que por ventura tenham tido contado com estes empreendimentos, e atingindo um grande número de migrantes, que com o término de obras e de operações foram abandonados pelos empreendedores em distantes pontos da região amazônica.

Objetivando expandir a pesquisa geográfica nesta temática, o trabalho revisita contribuições de autores nacionais e estrangeiros vinculados a estudos amazônicos e, também, em áreas similares localizadas no continente africano e asiático. A pesquisa analisa referenciais de autores estrangeiros como George (1961) e Kayser (1980), destacando a dinâmica espacial dos enclaves exportadores de matérias primas localizados na América Latina, África e Ásia, inicialmente voltados para o mercado externo e posteriormente capturados para o atendimento de demandas exigidas pelos setores nacionais, construindo o denominado colonialismo interno, caracterizado pela subalternização e invisibilidade das regiões menos desenvolvidas aos interesses dos centros industriais localizados nos país detentores das reservas de produtos primários.

O caso brasileiro pode ser considerado emblemático do colonialismo interno, onde o sul e o sudeste concentram quase que integralmente a atividade industrial, cabendo as regiões amazônica, nordeste e centro-oeste o fornecimento de matérias primas e, recentemente, a energia hidroelétrica, ressaltada por Becker (1982).

Na linha das contribuições dos pesquisadores estrangeiros, torna-se relevante o resgate da contribuição de Dollfus (1972), apontando o fracionamento territorial das comunidades tradicionais e ribeirinhas decorrente do traçado imposto pela construção de rodovias, permitindo a compreensão dos impactos da expansão das rodovias na Amazônia para estas comunidades, para o autor, além de seccionar comunidades, a rodovia inaugura a tutela do urbano sobre o rural.

Em relação à contribuição dos pesquisadores nacionais dedicados ao estudo dos impactos sócio-espaciais proporcionados pelas intervenções de caráter modernizante na Amazônia, ressaltamos as narrativas de Ab'Saber (2003) sobre a depredação dos recursos naturais, como o desmatamento, erosão e assoreamento dos pequenos cursos fluviais e igarapés, ocasionado pela abertura das estradas pioneiras. Para o autor, também a construção dos denominados Projetos de Colonização Integrada (PICs), particularmente concentrados no centro de Rondônia e Norte de Mato Grosso, concebido sobre a forma de "espinha de peixe", contribuíram para a devastação de vastas áreas florestais, liquidando comunidades tradicionais e facilitando a expansão de uma frente de ocupação inicialmente composta por madeireiros, posteriormente por pecuaristas e atualmente por grandes plantadores de soja, algodão e cana-de-açúcar e empresas exploradoras de minério.

O pesquisador menciona ainda a existência de alianças formadas entre madeireiros e pecuaristas, aproveitando-se das estradas vicinais, inseridas nos sistemas de "linhões", construídas pelos PICs, que avançaram para o interior e promoveram uma política de "terra arrasada" em grandes áreas da Amazônia, contando inclusive com o apoio do INCRA na época, que estimulava a derrubada da floresta.

Seguindo trajetória diversa de Ab'Saber (2003), Becker (2004) procura mitigar os efeitos do "Arco do Desmatamento" ou "Arco do Fogo" proposto pelo IBAMA, suas observações permitem questionamentos, pois as queimadas em escala global são apontadas como responsáveis pelo agravamento do aquecimento global do planeta e acentuando problemas de saúde nas comunidades locais. No entanto, a autora acompanha com propriedade as transformações sócio-espacias da Amazônia, destacando o recuo das funções do Estado, reduzido em relação ao Governo Militar, ressaltando como positivo o trabalho das Organizações Não-Governamentais (ONGs) e a participação de instituições internacionais de cooperação técnico-científica na preservação da biodiversidade, não

registrando as políticas neoliberais que acompanharam os procedimentos das instituições que preencheram o vazio deixado pelo Estado.

A contribuição de Oliveira (1990), de forma contundente, destaca a homologação das Terras Indígenas como um dos instrumentos de usurpação destas áreas, colocando em risco a sobrevivência destas comunidades. Para Oliveira, existe uma intencionalidade demonstrada pelo poder público na demarcação dessas áreas, na medida em que paralelamente a estes procedimentos são concedidos direitos de exploração mineral, de fazendas agropecuárias e construção de Hidroelétricas em áreas ocupadas por comunidades indígenas. Assim, segundo Martins (1980) e Oliveira (1986; 1990), existe uma permanente tensão envolvendo comunidades indígenas, ribeirinhas e camponesas com representantes desses empreendimentos, detentores de grandes recursos financeiros e apoio político, em detrimento das comunidades tradicionais.

Velho (1979), examinando as transformações sócio-espaciais decorrentes da abertura de rodovias pioneiras na Amazônia, conectadas à Belém-Brasília, na década de 1970, localizadas entre os estados do Pará, Maranhão e o antigo norte de Goiás, atual Tocantins, relata tensões vivenciadas entre camponeses, posseiros, latifundiários, comunidades tradicionais e indígenas, que em função da chegada da estrada, passaram a disputar espaços envolvendo a “mata”, representativa dos novos povoadores, e a “beira”, representando o universo das populações ribeirinhas locais. O pesquisador ressalta os estereótipos construídos pelos migrantes provenientes em grande parte do nordeste, Minas Gerais e Goiás, que rotulavam as populações locais como indolentes e incapazes para as atividades produtivas, ao contrário dos “estranhos”, reconhecidos como trabalhadores e empreendedores.

As pesquisas de Velho (1979), realizadas sob o patrocínio do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – RJ, foram precursoras na investigação das transformações sócio-espaciais ocorridas pelo advento das rodovias pioneiras na Amazônia Oriental, destacando a substituição do sistema fluvial pelo rodoviarismo, que se constitui no único modelo para implantação de políticas públicas vinculadas a expansão do desenvolvimento capitalista e consequente Integração Nacional.

O referido modelo foi integralmente adotado pelo Governo Militar, contando com apoio de setores nacionalistas do regime, que promoveram a abertura e consolidação das rodovias Cuiabá/Porto Velho/Rio Branco e Cuiabá/Santarém. A última atingindo comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas obrigadas a conviver com a expansão do cultivo da soja e frentes de exploração mineral, representadas pela presença da ALCOA, em Juruti, e Rio do Norte, no Médio e Alto Trombetas, subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce e também com participação da ALCOA, ambas dedicadas a extração de bauxita para produção de alumínio.

Para Binsztok (2006; 2009), a construção de rodovias pioneiras, implantação de PICs, enclaves de exploração mineral e energética, bem como a demarcação de Terras Indígenas, fazem parte de uma política de Estado e não de Governo. Comprometida com ideário da Integração Nacional, apresentada inicialmente pelo Governo Vargas, na década de 1940, em Manaus, em discurso conclamando o país para a Marcha do Oeste, não sofrendo nenhum tipo de descontinuidade até os dias atuais.

A política de Estado conseguiu formar poderosas alianças, juntando representantes de grandes projetos minerados, hidroelétricos e agro-pastoris em sintonia com lideranças dos poderes estaduais, municipais e federais. Os movimentos de resistência são realizados por comunidades quilombolas, indígenas e de pequenos agricultores, prejudicados nas atividades cotidianas e fragilizados na ação política e econômica, contando com o apoio de organizações da sociedade civil, como sindicatos de trabalhadores rurais, ONGs e instituições religiosas nacionais e estrangeiras.

O apoio destas instituições, geralmente vinculadas à defesa do ambiente e dos direitos humanos as reivindicações dos movimentos de resistência, conta também com a solidariedade de setores progressistas, formado em sua maioria de docentes e estudantes de universidades públicas e regionais. No entanto, algumas ONGs ambientalistas,

principalmente apoiadas por instituições estrangeiras, são acusadas, por setores nacionalistas, de representar interesses contrários a nossa soberania, reproduzindo teses conspiratórias em relação ao desenvolvimento da Amazônia, em destaque nos anos de 1960/70, favoráveis a não exploração das riquezas naturais e, consequente, transformação da biodiversidade em patrimônio da humanidade (REIS, 1982).

Narrativa dos despojos

Um dos marcos iniciais do processo de modernização da Amazônia pode ser considerado a construção da estrada de ferro Belém-Bragança, em 1883, paralelamente ao início da construção da ferrovia Madeira-Mamoré, em 1907, e inaugurada em 1912. Concebida com finalidade de escoar a produção extrativa da borracha do Acre, a construção da Madeira-Mamoré deslocou um grande contingente de população indígena para dar lugar ao leito da via férrea e mobilizou trabalhadores de vários estados brasileiros e também indianos, chineses e caribenhos. Considerada uma das maiores obras de engenharia da época, redundou em grande fracasso, devido à queda substancial de preço do produto, restando ruínas das instalações ferroviárias em Porto Velho e um grande número de descendentes de trabalhadores nacionais, que não retornaram aos locais de origem e acabaram residindo em diversas áreas do atual estado de Rondônia, e estrangeiros, como os barbadianos, que acabaram se concentraram na periferia de Porto Velho.

Para Gourou (1950), a malária, vitimando um grande número de trabalhadores, também contribuiu para interrupções constantes nas obras da estrada de ferro Madeira-Mamoré, que representava, na época, a inserção da Amazônia no contexto da globalização. O autor elabora uma substancial crítica, dentro da tradição marxista, ao desenvolvimento econômico da Amazônia fundamentado pelos grandes empreendimentos ao salientar que a "supremacia do lucro e a exploração do homem pelo homem" (GOUROU, 1950) podem ser responsabilizados pela depredação em grande escala dos solos e da vegetação. O pesquisador pode ser considerado um pioneiro na recomendação de procedimentos agroecológicos para a Amazônia, propondo pequenas intervenções para o cultivo do café, chá, cacau, borracha e juta em áreas selecionadas em consonância com a manutenção das espécies florestais locais.

A construção da ferrovia Belém-Bragança, embora antecedendo a da Madeira-Mamoré, apresentou um quadro diferenciado, pois foi concluída e funcionou ininterruptamente durante um longo tempo. A ferrovia tinha como um dos principais objetivos o escoamento da produção de algodão da Região Bragantina para o Porto de Belém, cumprindo a lógica espacial das ferrovias de povoamento. Foi responsável pelo advento de uma série de pequenos núcleos urbanos edificados ao longo dos 220 km da estrada de ferro, desativada pelo Governo Federal no final da década de 1960, no programa de eliminação de ramais ferroviários considerados deficitários pela administração pública, dirigida pelo Ministério dos Transportes, seguindo determinações do Grupo Executivo para Implantação da Política de Transporte (GEIPOT). Com a desativação, grande parte do leito da ferrovia foi reaproveitado para a construção da rodovia Belém-Brasília, principalmente no trecho que liga Belém à Castanhal.

A análise da importância das ferrovias no processo de povoamento e modernização na Amazônia mostra que a totalidade desse processo foi orientada pela lógica colonial, como ressaltamos no caso da construção da Estrada de Ferro Tocantins, iniciada em 1908. Foi concebida mediante a aplicação de um modelo utilizado na África, na Bacia do Congo, onde os trechos dos vales encachoeirados eram percorridos mediante a implantação de pequenas estruturas ferroviárias, destinadas ao escoamento de produtos tropicais que não podiam ser exportada totalmente pela via fluvial. Controlada pelo Estado do Pará, foi federalizada em 1932 e participava da exportação de castanha do Pará, originária de Marabá, e madeiras, do Vale do Tocantins, para o Porto de Belém, onde os produtos eram embarcados para os mercados internacionais. Na mesma linha da Madeira-Mamoré e da

Belém-Bragança, a Estrada de Ferro Tocantins foi liquidada em 1967 pelo Governo Federal, utilizando os questionáveis critérios de extinção de ramais considerados deficitários e privilegiando-se a construção de rodovias pioneiras como a Belém-Brasília e a Brasília-Acre em detrimento da navegação fluvial e das populações ribeirinhas e indígenas.

Idealizada por Henry Ford, na década de 1920, a *plantation* destinada ao cultivo da borracha, no Vale do Tapajós, onde se localiza atualmente o distrito de Fordilândia, no município de Belterra, também pode ser considerado um empreendimento fracassado, gerando passivos ambientais e sociais, devido a sua não adaptação as condições edáficas locais, proporcionando o aparecimento de pragas (ALLEGRETTI, 2002), e também pelas rígidas condições de trabalho impostas pelos empreendedores, que não se atentaram para as peculiaridades de moradia e alimentação locais. Em 1945, Ford abandonou a empreitada repassando as instalações ao Governo Brasileiro (MOTEIRO; COELHO, 2004).

O fracasso desse experimento revela as dificuldades para a organização de uma *plantation* fundamentada em um produto florestal nativo, pois o contrabando de sementes de seringueiras para o sudeste asiático de espécies amazônicas não foi realizado diretamente, tendo sido precedido de um período de aclimatação das plantas no Jardim Botânico de Londres, que atuou na época como um espaço intermediário na difusão global das espécies vegetais dos trópicos úmidos (DRUMMOND, 2009).

A exploração do manganês no Amapá, realizada partir dos anos 1960 pela empresa ICOMI no município de Serra do Navio, antecipa o futuro das atuais explorações minerais na região, na medida em que as jazidas foram exauridas e o desenvolvimento local acabou não ocorrendo, restando despojos em função do intenso passivo ambiental da mineração e das populações tradicionais deslocadas para atender as necessidades do empreendimento. Também no caso da ICOMI foi construída uma ferrovia ligando a Serra do Navio, local das jazidas de manganês, ao Porto de Santana, onde o minério era embarcado para o mercado externo, principalmente para o Japão. A ICOMI, controlada pelo Grupo Azevedo Antunes, foi duramente acusada, pelo empresariado paulista, de ser uma empresa subordinada aos interesses do grupo norte-americano Bethlehem Steel Corporation, acusações não comprovadas, tendo a empresa sido absorvida em 2003 pela Companhia Vale do Rio Doce. A presença da Vale do Rio Doce na Amazônia culmina no advento do Grande Projeto Carajás, porém paulatinamente a empresa foi ampliando sua área de atuação para projetos específicos locais, principalmente para a exploração de minerais não-ferrosos.

O projeto Jari Celulose localizado em Monte Dourado, no Vale do Jari, Pará, idealizado pelo empresário norte-americano Daniel Ludwig, contanto com o apoio do economista Roberto Campos, Ministro do Planejamento do primeiro Governo Militar, objetivou a produção de celulose para mercados interno e externo e, ainda, pretendia utilizar vastas áreas para a produção de alimentos básicos, como o arroz. A magnitude do endividamento do grupo norte-americano, perda da proteção do amigo Roberto Campos, em função de sua saída do Ministério do Planejamento, no segundo Governo Militar, e dificuldades para regularização fundiária do empreendimento redundaram na sua nacionalização “à brasileira”, ou seja, a retirada do controle norte-americano e absorção por mega-empresários brasileiros, que recorreram ao BNDES para obter financiamento, conforme demonstra o Relatório Anual de Sustentabilidade do Grupo Orsa, de 2010.

As conseqüências destas intervenções foram graves para o desmatamento da Amazônia, particularmente no Vale do Jari, como também são conhecidas as condições precárias dos trabalhadores que migraram em grandes levas para a região em busca de novas oportunidades de trabalho, destacado nas cenas do documentário Jari de Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, de 1979, filmado na área do Projeto durante visita feita pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a devastação da floresta. A nacionalização “à brasileira” mostra a força do patrimonialismo, onde setores progressistas foram mobilizados e convocados para a nacionalização da Jari Celulose, porém não foram consultados quando de sua integral transferência para os grandes conglomerados nacionais, fato consumado na época pelo Governo Militar.

As obras de infraestrutura também apresentam importância para a construção de despojos na Amazônia, particularmente as obras das hidroelétricas de Tucuruí, inaugurada em 1984, no Pará, Balbina, em 1989, no Amazonas e Samuel, concluída em 1996, em Rondônia, e atualmente, as barragens de Santo Antônio, 2011, e Jirau, 2012, em Rondônia, e Belo Monte, prevista para o final de 2015, no Pará. Também estão sendo projetadas e construídas hidroelétricas no Rio Tapajós, também no Pará. O desmatamento, assoreamento, proliferação de doenças e deslocamento de populações tradicionais, entre outros impactos negativos, pela construção de grandes lagos formaram grandes despojos na Amazônia, que estão sendo objeto de estudo da literatura técnico-científica do país e no exterior, como Fearnside (2002a; 2002b; 2005), Graham (1986) e outros.

O lago de Tucuruí, diferente dos outros reservatórios, está inserido em um Complexo integrado com o beneficiamento de silício metálico, realizado pelo grupo Camargo Correia (MONTEIRO, 2005), contemplado pela adoção de tarifas energéticas reduzidas. O referido reservatório foi construído sobre vegetação nativa, não retirada a tempo quando da inundação, e, segundo Fearnside (2002b), gerando um impacto sobre o efeito estufa, em 1990, maior que o combustível fóssil queimado pela cidade de São Paulo. Ressaltando a potencial escala das emissões de dezenas de reservatórios que estão sendo planejados para serem construídos na Amazônia nas próximas décadas.

Segundo Monteiro (2005), a importância da UHE Tucuruí também pode ser destacada pelo abastecimento de energia à Mineração Rio do Norte, localizada no Médio e Alto Trombetas, com a finalidade de extrair bauxita para fabricação de alumínio para o mercado externo, representado pelo Canadá e os EUA. Cabe acrescentar que no momento, a empresa está procurando expandir suas atividades para outras áreas de extração, seguramente em função da maturação e exaustão de antigas jazidas e, consequentemente, não repetir os percalços e posterior liquidação ocorrida com a ICOMI, em função da depredação dos recursos minerais da Serra do Navio, no Amapá.

Na pesquisa, o estudo sobre despojos foi obtido não somente mediante a análise dos passivos ambientais produzidos pela Mineração Rio do Norte como também pelas pressões exercidas pelo empreendimento sobre as comunidades tradicionais ribeirinhas e quilombolas no Médio e Alto Vale do Rio Trombetas. Acrescenta-se o fato de que comunidades quilombolas escolheram a região como refúgio em função das condições geomorfológicas que formavam trechos fluviais encachoeirados, proporcionando proteção e isolamento geográfico, e total preservação dos recursos vegetais locais manejados por grupos indígenas. Convém ressaltar que comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas encontram-se atualmente sobre risco de desaparecimento e na iminência de serem expulsos para abrigar novos empreendimentos mineradores e a construção de hidroelétricas para o abastecimento de mercados regionais e nacionais.

As interdições impostas pela mineradora para as comunidades locais incentivam a realização de movimentos migratórios para centros urbanos como Santarém, Parintins, Manaus e, por último, Belém, na medida em que cidades próximas, como Oriximiná e, particularmente, Óbitos, passam atualmente por um processo de decadência econômica, em virtude do término da cultura da juta e do cacau. Ao contrário das capitais regionais amazônicas, que embora com problemas básicos de urbanização, oferecem maiores oportunidades de geração de emprego e renda. Conveniente ressaltar que as populações que permanecem nas proximidades da Mineração Rio do Norte formam um contingente de trabalhadores ocupados em tarefas que exigem baixa qualificação de mão-de-obra, restritas a condição de vigias, mateiros e serviços de limpeza.

Caracterização geográfica da Mineração Rio do Norte e sua inserção na região amazônica - enclave como uma constante do empreendimento capitalista na Amazônia

O conceito do enclave utilizado na pesquisa foi obtido mediante a análise de referenciais de autores como George (1961), Kayser (1980) e Binsztok e Monié (2012), que em estudos comparativos mostraram como empreendimentos capitalistas realizados nos setores minerais e agroindustrial construíram uma lógica espacial própria na África, América do Sul e Ásia, conectando, por intermédio de uma rede de transportes flúvio-marítimos, locais de produção de matérias-primas diretamente com os centros de beneficiamento de produtos primários. Não foram construídas redes locais de urbanização intermediária, que pudessem configurar a presença de uma efetiva região geográfica, mediante bases fixas e fluxos de população e mercadorias.

Gourou (1950), geógrafo tunisiano, que durante longo tempo trabalhou na Bélgica, percorreu a Amazônia em companhia de colegas paulistas como Antônio Penteado e José Dias da Silveira, ambos da Universidade de São Paulo (USP), realizou analogias com a Indochina, sudeste da Ásia, antiga área colonial francesa. Observou que a região não possuía uma rede urbana clássica na tradicional concepção geográfica européia, na medida em que as cidades se conectavam diretamente com o exterior e se comportavam como feitorias e não como pólos de desenvolvimento. A radicalidade do autor, rotulado como determinista na época, talvez em função de observações em relação ao clima amazônico, considerou a cidade de Belém como uma espécie de país, em função da ausência de centros intermediários e da conexão direta com os centros receptores internacionais de produtos tropicais, representado por portos europeus, como Marselha, Londres, Hamburgo e Amsterdam, e norte-americano, como Nova York.

A categoria enclave, presente atualmente em Porto Trombetas, local de operações da Mineração Rio do Norte, não apresenta iniciativas visando fomentar o desenvolvimento econômico e social no seu entorno, preocupada apenas em rapidamente escoar o minério pelo Rio Trombetas e posteriormente pelo Rio Amazonas até o Porto de Vila do Conde, quando atinge o litoral. As realidades cotidianas das populações ribeirinhas, quilombolas e indígenas não são absorvidas pela Mineração Rio do Norte, que, em função da exploração da bauxita, efetua depredações dos recursos naturais e culturais locais, dificultando o prolongamento e a expansão destas comunidades na região (Figura 1).

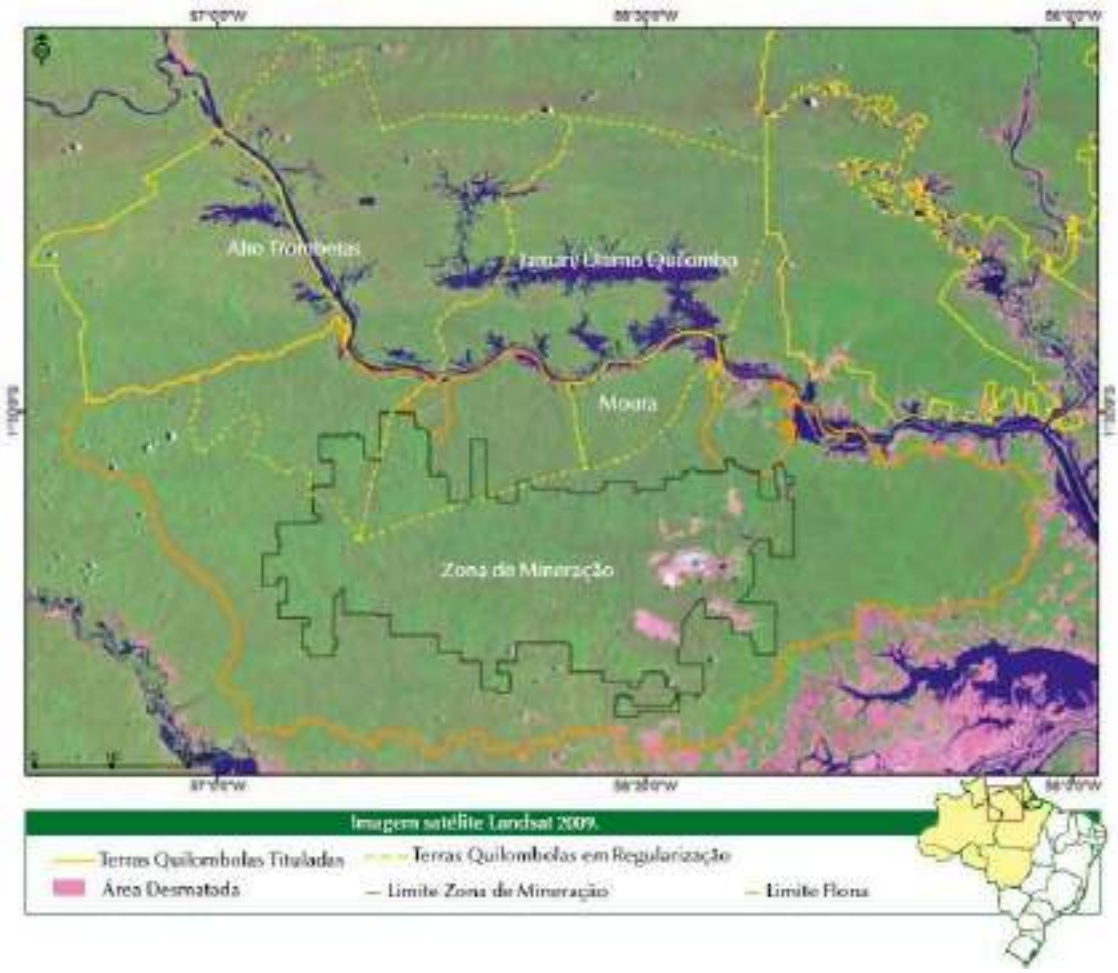


Figura 1: Sobreposição da zona de mineração da FLONA e terras quilombolas
Fonte: CPI, 2011

A baixa integração entre a Mineração Rio do Norte e as comunidades locais, já apontada por Garrido-Filha *et al.* (1990), pode ser percebida quando a corporação, para atender suas necessidades de abastecimento de carne, recorre a cidade de Manaus, alegando que o rebanho local não está livre da febre aftosa, comprometendo a qualidade dos alimentos destinados ao consumo de seus funcionários.

Os impactos ambientais da mineradora não ficam restritos as áreas de exploração da empresa, prolongam-se também pelo leito dos rios Trombetas e médio Amazonas, pois as embarcações que transportam o minério exigiram obras de aprofundamento da calha principal e são orientadas por pontos eletrônicos implantados em vários locais ocasionando perturbação da flora e fauna locais, como também no estoque de peixes utilizados pelas populações locais.

A Mineração Rio do Norte pode ser caracterizada como um empreendimento formalmente subordinado à Companhia Vale do Rio Doce, com 40 % do capital acionário, e à ALCOA, com 18,2%, inserido na rede de mineradoras destinadas à produção de bauxita na Amazônia, que é um dos minerais não-ferrosos utilizados na indústria do alumínio e que se encontra em forte expansão na região, como no caso da ALCOA que explora bauxita também no município de Juruti (PA), baixo Amazonas, e possui articulações em Santarém (PA). Trata-se de recursos minerais que são explorados na Amazônia, porém já não são autorizados em outros pontos do país, como no caso de Águas da Prata (SP), em 2013, em virtude da grande necessidade energética exigida para o beneficiamento da bauxita, destinação dos resíduos finais e desmatamento de florestas tropicais.

A Mineração Rio do Norte conta com a concessão da Estrada de Ferro Porto Trombetas, inaugurada no ano de 1979, ligando as minas a céu aberto de bauxita da Serra de Saracá a usina de beneficiamento, junto ao porto de embarque, na margem direita do Rio Trombetas. A ferrovia possui 28 km de extensão e 9 km de caminhos vicinais, revelando a incorporação de novas áreas de mineração, sendo realizadas de 10 a 15 viagens diárias, em composições formadas por 44 vagões e possuindo certa de 60 funcionários.

Ao contrário dos projetos anteriores controlados por empreendedores isolados e verticalizados, a MRN apresenta uma composição acionária sofisticada, inserida em uma rede (SANTOS, 1996) capitalista contemporânea, envolvendo corporações de países detentores de significativas parcelas do mercado mundial de minério, representados conforme o Gráfico 1:

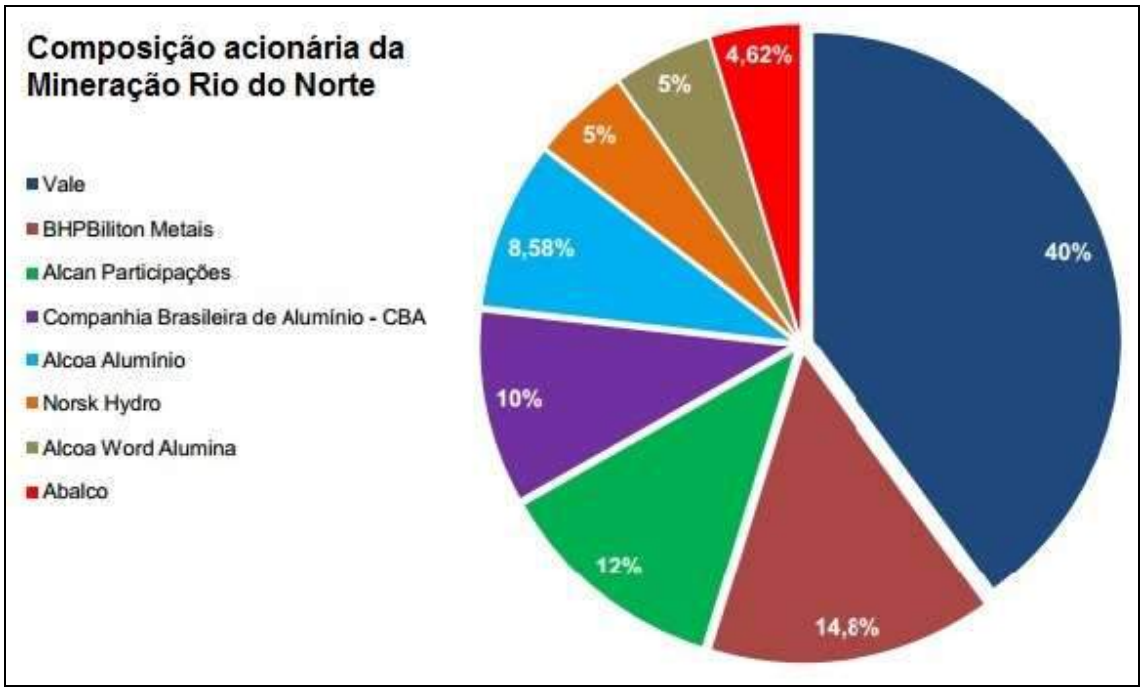


Gráfico 1: Composição acionária da Mineração Rio do Norte
Fonte: Relatório Anual MRN – 2007 (Org. Autores)

A Mineração Rio do Norte está articulada em rede ao Porto de Vila do Conde, Barcarena - Pará, construindo na Amazônia uma nova fronteira de exploração de minerais não-ferrosos. Na atualidade, está em processo um estudo sobre a viabilidade da construção da Hidroelétrica em Cachoeira Porteira, acima da área de lavra da MRN, retomando uma antiga aspiração do empreendimento concebida durante o Governo Militar e não concretizada na época.

Em outros empreendimentos, as jazidas também induziram a construção das Usinas Hidroelétricas, como no caso de Tucuruí, onde a empresa Camargo Correia, o Grupo Votorantin e a Eletronorte formaram um consórcio destinado a exploração de bauxita, contando com generosos subsídios concedidos nas tarifas de energia elétrica. Não são conhecidos ainda formatos empresariais visando articulações entre mineradoras e geradoras de energia na construção das usinas de Santo Antônio e Jirau e, tampouco, em Belo Monte, na medida em que estão direcionadas para a integração com o sistema de abastecimento de energia elétrica para o Sudeste. No entanto, poderá ocorrer complementaridade e novas conexões poderão ser estabelecidas, desde que haja disponibilidade energética e sejam encontradas consideráveis reservas de não-ferrosos ou outros minerais competitivos nos mercados nacionais e globais.

Considerações Finais

A literatura sobre a exploração de bauxita em Porto Trombetas é extensa, sendo consenso que o município de Oriximiná não estabeleceu um intercâmbio de forma perene com a corporação mineradora. Alguns pesquisadores mencionam apenas a relação fiscal e atualmente o pagamento de *royalties* que permite ao município a realização de obras urbanas, como pavimentação de ruas, construção de postos de saúde e escolas, e também intervenções superficiais, como asfaltamento das principais vias da cidade, aumentando significativamente as ondas de calor que atingem o segundo maior município brasileiro em extensão.

A categoria enclave analisada e difundida pelos geógrafos franceses, em nossa opinião, pode ser adotada de forma irrestrita para caracterizar as operações de exploração e beneficiamento de bauxita em Porto Trombetas. Não se diferenciando das demais intervenções mineradoras, ferroviárias e agrícolas realizadas no passado, que ficaram inconclusas produzindo despojos e não foram utilizadas como experiência para evitar os fracassos dos futuros empreendimentos.

O desmatamento, o assoreamento dos lagos e a depredação dos solos são os grandes problemas ambientais decorrentes da exploração do minério, apesar das medidas mitigadoras e de compensação ambiental adotadas pela Mineração Rio do Norte, como a recuperação do Lago do Batata, monitorado por uma equipe de biólogos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e apoio a projetos assistencialistas, como o pagamento de cestas básicas a participantes do Projeto Tartarugas da Amazônia. A questão central é a velocidade da exploração e a reposição do passivo ambiental que não acompanha este ritmo, também a cubagem das jazidas não foi informada de forma precisa. Segundo estudo do BNDES (CARDOSO et al., 2011), a MRN é a principal produtora de bauxita do país, com 68% do total nacional em 2008, sendo o estado do Pará o maior produtor com 85%, transformando esta unidade da federação em uma área especializada na monoprodução de não-ferrosos.

Na análise do passivo econômico e social construído pela atividade de mineração, observamos que, embora o empreendimento ofereça equipamentos urbanos como escola e postos de saúde em seu núcleo de operações, grande parte da população de Oriximiná reside em longínquas comunidades rurais, não sendo atingidas pelos benefícios da mineradora, que atende somente seus funcionários e familiares.

A constatação de que o empreendimento não consegue absorver o contingente populacional que migra em busca de trabalho em Porto Trombetas pode ser observado pela presença dos aglomerados das Comunidades de Boa Vista e Moura, localizados à margem da Vila Residencial, apresentando típicos sinais de exclusão e, conseqüente, desigualdade social. A Comunidade do Moura representa o caso típico de terceirização do empreendimento, na medida em que boa parte de seus habitantes trabalham em serviços de apoio à Mineradora Rio do Norte, caracterizando o funcionamento de um capitalismo fundamentado pela acumulação flexível e relações de trabalho terceirizadas, flexibilizadas e precarizadas (BINSZTOK, 2012).

Acrescenta-se o fato de que as comunidades quilombolas, devido ao seu longo período de invisibilidade (GONÇALVES, 2001), só recentemente passaram a ter acesso a determinados serviços públicos, a partir da Constituição do ano de 1988. Tendo a primeira demarcação de território quilombola do país, efetuada apenas no ano de 1995, no município de Oriximiná, representada pela comunidade de Boa Vista, contemplando 112 famílias, numa área de 1.125,03 há, titulada pelo INCRA (Portaria nº314/1995).

Embora tenha sido feitas algumas demarcações, territorialidades quilombolas e indígenas na atualidade estão em conflito, defendendo seus interesses contra a grande corporação capitalista. São conhecidas compensações ofertadas pela mineradora como construção de escolas em locais onde a corporação pretende executar operações exploratórias de pesquisa e lavra e em locais que, por ventura, se instalaram conflitos entre lideranças comunitárias e o empreendimento. No entanto, são atividades pontuais e focadas

para os interesses da Mineração Rio do Norte, não abrangendo a população total do município. Logo permanecem carências acentuadas nos serviços básicos do município, não se diferenciando de outras áreas no interior amazônico e do país.

Ao longo da retrospectiva realizada pelo trabalho, podemos concluir que a Rio do Norte pode caminhar inexoravelmente para a construção de despojos na Amazônia, cumprindo a trajetória dos empreendimentos que a antecederam, pautada pela depredação dos recursos naturais e exaustão de reservas minerais, como no caso das jazidas de manganês na Serra do Navio, no Amapá.

Analisando as informações divulgadas pela Mineração Rio do Norte, verificamos que a empresa praticamente quintuplica a produção de bauxita desde a inauguração, no ano de 1979, até os dias atuais. Inicialmente prevista para exportar 3 milhões de toneladas anuais, a Mineração Rio do Norte, exporta atualmente cerca de 18 milhões de toneladas de um produto de elevada qualidades, constituindo-se no maior empreendimento de gênero do país e da América Latina e o segundo na escala global, gerando cerca de 1.300 postos de trabalho em Porto Trombetas (MRN, 2007).

A intensidade da exploração obtida pela incorporação de novas áreas e do emprego de novas tecnologias, aumenta a pressão nos espaços ocupados pelas comunidades quilombolas e indígenas, colocando em risco a sobrevivência destas populações, e recrudescendo as tensões entre estas e os controladores do empreendimento, obrigados a elevar o ritmo de compensações ambientais exigidos pelos movimentos de resistência e seus apoiadores inseridos na sociedade civil organizada.

Como formas de atenuar a agenda dos movimentos de resistência destacam-se os procedimentos atuais de Responsabilidade Social e Ambiental, emanadas do mundo corporativo. Contudo, estes procedimentos, pautados por ações de cunho paternalistas, não conseguem superar a dependência do caráter especulativo que domina os preços das *commodities* no mercado internacional e tampouco conseguem modificar a lógica espacial dos enclaves construídos com o objetivo de escoar rapidamente produtos primários para os centros de beneficiamento de matéria-prima e distribuição de industrializados.

Apesar do significativo aumento da produção de bauxita ocorrido nas últimas décadas, os mercados internacionais não estão isentos de sofrer volatilidade. No ano de 1971, a Mineração Rio do Norte, na época uma sociedade entre a estatal Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia Brasileira de Alumínio, foi obrigada a interromper suas obras por cerca de cinco anos, em função da violenta redução de preço da bauxita, tornando inviável economicamente a continuidade do empreendimento, servindo como um futuro alerta para os riscos da exportação de *commodities* que possuem seus preços ditados pela lógica de mercados internacionais. O alerta serve também para evitar futuros riscos que correm as áreas monoprodutoras agrícolas ou minerais, dependentes de somente um único produto para se articular na escala regional, nacional e global.

Bibliografia

AB'SÁBER, A. N. **Os Domínios de Natureza no Brasil:** Potencialidades Paisagísticas. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

ALLEGRETTI, M. A **Construção Social de Políticas Ambientais - Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros**. 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade Nacional de Brasília (UNB), Brasília.

BECKER, B.K**. Geopolítica da Amazônia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. **Amazônia.** Geopolítica na Virada do III Milênio. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

BINSZTOK, J. A Inserção da Amazônia na Reestruturação Produtiva do Espaço Agrário Brasileiro. **Anais...** XIV Encontro Nacional de Geógrafos – Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Universidade Federal do Acre – Rio Branco, 2006.

_____. **Projetos Integrados de Colonização:** Paradigma da Contra-Reforma Agrária Promovido pelo Regime Militar nos anos 1970 na Amazônia. **Anais...** Simpósio Internacional de Geografia Agrária. SINGA, Novembro, UFF, 2009.

_____. Expansão do processo de acumulação de capital flexível no campo. In: BARBOSA, J. L & LIMONAD, E. (Orgs.). **Ordenamento Territorial e Ambiental.** Editora UFF. Niterói, 2012.

BINSZTOK, J., MONIÉ, F. **Geografia e Geopolítica do Petróleo.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CARDOSO, J., CARVALHO, P., FONSECA, P., SILVA, M., ROCIO, M. A indústria do alumínio: estrutura e tendências. **BNDES Setorial,** Brasília, n.33, 2011.

CPI - Comissão Pró-Índio de São Paulo. **Terras Quilombolas em Oriximiná:** Pressões e Ameaças. 1ª Edição, São Paulo, outubro de 2011.

DOLLFUS, O. **O espaço geográfico**. São Paulo: Difel, 1972.

DRUMMOND, J. **Aventuras e desventuras de um biopirata**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. vol. 4, n. 3. Belém, 2009.

FEARNSIDE, P. **Impactos ambientais da barragem de Tucuruí:** Lições ainda não aprendidas para o desenvolvimento hidrelétrico na Amazônia. INPA, 2002a.

_____. **Emissões de Gases de Efeito Estufa de um Reservatório Hidrelétrico (a Represa de Tucuruí) e suas Implicações para Política Energética.** INPA, 2002b.

_____. Brazil's Samuel Dam: Lessons for Hydroelectric Development Policy and the Environment in Amazonia. **Environmental Management,** Berlim, v. 35, n. 1, 2005.

GARRIDO-FILHA, I.; RIBEIRO, G. V.; COSTA, I. B.; AZEVEDO, J. & NEVES, V. **A mineração da bauxita no vale do Trombetas: Estudo de meio ambiente e uso do solo**. R. Bras. Geogr., Rio de Janeiro, v. 52, n.3, p. 41-82, 1990.

GEORGE, P. **Geografia Econômica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

GOUROU, P**. Observações Geográficas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia - IBGE. Ano XII, nº 2, abr.-jun. 1950.

GRAHAM, D. **The Samuel Dam:** Land use, soil erosion and sedimentation in Amazon. 1986. Dissertação (Mestrado em Geografia), University of Florida, Gainesville, Florida.

GRUPO ORSA. **Relatório Anual de Sustentabilidade,** 2010. Disponível em: <http:// http://www.relatorioweb.com.br/orsa/10/> Acesso em: 14 mai. 2015

KAYSER, B. **A região como objeto de estudo da geografia**. In: GEORGE, P. et al. Geografia Ativa. 5ª edição, p. 279-321. São Paulo/Rio de janeiro: Difusão Editorial S.A., 1980.

MARTINS, J. S. **Expropriação & violência:** a questão política no campo. São Paulo: Hucitec,1980.

MRN, **Mineração Rio do Norte. Relatório Anual – 2007**. Disponível em: http://www.mrn.com.br/pt-BR/ Acessado em: 04/02/2015

MONTEIRO, M. de A. Meio século de mineração industrial na Amazônia e suas implicações para o desenvolvimento regional. **Revista Estudos Avançados,** São Paulo, v.19, n.53. 2005.

MONTEIRO, M.; COELHO, M. As políticas federais e reconfigurações espaciais na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA,** Belém, v. 7, n. 1, 2004.

OLIVEIRA, A. U. **Modo Capitalista de Produção e Agricultura**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. **Amazônia, Monopólio, Expropriação e Conflito**. Campinas - São Paulo: Papirus, 1990.

REIS, A. C. F. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Suframa, 1982.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

VELHO, O. G. **Capitalismo Autoritário e Campesinato.** (Um estudo comparativo da fronteira em movimento). São Paulo: DIFEL, 1979.

Documentário: **JARI**. Direção: Jorge Bodanzky; Wolf Gauer. Produção: Marina Villara. São Paulo – SP. Stopfilm, 1979. 60 min. Formato: 16mm.

Recebido para publicação em 5 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 2 de junho de 2015

Exploração do Carvão Mineral de Benga em Moçambique e a Expropriação da Terra dos Nativos: alguns apontamentos referentes à acumulação por espoliação

Elmer Agostinho Carlos de Matos
Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Estudante de último ano doutorado em Geografia na UFRGS.
Professor de Geografia na Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.
e-mail: elmermats@yahoo.com.br

Rosa Maria Vieira Medeiros
Professora no Departamento de Geografia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
e-mail: rmvmedeiros@yahoo.com.br

Resumo

A desterritorialização provocada por processos de acumulação por espoliação (re)surgiu em Moçambique a partir das alterações legislativas realizadas na década de 90. Depois de quase 10 anos de implementação de políticas de orientação socialista, em meados da década de 80, o país adere às instituições de Brettons Woods e com ela aparecem as primeiras alterações legislativas com vista a tornar o país aberto às incursões do capital internacional. Foi com a alteração da Lei de Terras de 1997 e da Lei de Minas de 2002 que as bases para os processos de expropriação das terras das famílias rurais foram formalmente legalizadas. A partir do estudo do projeto de exploração do carvão mineral de Benga, em Moatize-Moçambique, o artigo procura discutir como a desterritorialização e a consequente reterritorialização, mascaradas no processo de reassentamento, se tornaram responsáveis por deteriorar as condições de vida das famílias atingidas pela exploração do carvão mineral.

Palavras-chave: expropriação; acumulação por espoliação; desterritorialização; reassentamento; Moçambique

Exploration Benga Coal in Mozambique and the Native Land Expropriation: some notes about accumulation by dispossession

Abstract

The deterritorialization caused by process of accumulation by dispossession (re)emerged in Mozambique from the legislative changes made in the 90s. After nearly 10 years of implement socialist-oriented policies, in the mid-80s the country adheres to Brettons Woods institutions and with it come the first legislative amendments to make the country opened to the incursions of the international capital. It was with the change of the Land Law of 1997 and the Mines Law of 2002 that was created the basis for formally legalized the expropriation lands of rural households. We choose study the Project Benga Coal Exploration, in Moatize, Mozambique, to discuss how the deterritorialization and the consequent reterritorialization, disguised in the

resettlement process, became responsible for the deteriorate the living conditions of families affected by coal exploration.

Key-words: Expropriation; accumulation by dispossession; deterritorialization; resettlement; Mozambique

Exploration du Charbon de Benga au Mozambique et à l'Expropriation de la Terre des Indigènes: quelques notes sur l'accumulation par la dépossession

Résumé

La déterritorialisation causée par le processus de l'accumulation de dépossession est apparu au Mozambique à partir des modifications législatives apportées dans les années 90. Après près de 10 ans de mise en œuvre des politiques d'orientation socialiste, dans le milieu des années 80 le pays adhère aux institutions Brettons Woods et avec elles viennent les premières modifications législatives visant à rendre le pays ouvert aux incursions du capital international. Les changements de la Loi foncière de 1997 et aussi de la Loi sur les mines de 2002 ont permis que la base de la procédure d'expropriation des terres des ménages ruraux a été officiellement légalisé. À partir de l'étude de projet d'exploration de charbon de Benga, dans le district de Moatize - Mozambique, cet ‘ article discute comment la dépossession et la conséquente reterritorialisation, masquées dans le processus de réinstallation, sont devenues responsables par la détérioration des conditions de vie des familles touchées par l'exploration du charbon minérale.

Mot-clé: expropriation; accumulation par la dépossession; déterritorialisation; réinstallation; Mozambique

Introdução

O projeto socialista, introduzido em Moçambique, logo após o alcance da independência em 1975, prometia um futuro diferente daquele que marcara os cerca de cinco séculos de domínio colonial português. A estratégia de socialização do campo, materializada na formação das aldeias comunais, das cooperativas (de produção e de consumo) e no papel do Estado como o único promotor do desenvolvimento esbarrou na crise dos países socialistas (principalmente da Ex-URSS) e na crise do petróleo. Ao nível nacional, o desenrolar da guerra civil, as constantes cheias, intercaladas de secas, inviabilizaram a concretização do projeto socialista moçambicano.

A crise do projeto socialista evidencia-se, sobretudo, em princípios da década de 80 e, em meados da mesma década iniciam-se os primeiros passos em direção às relações com o ocidente. A alteração constitucional de 1990 marca uma nova era no país, as portas ao capital internacional foram formalmente abertas, visto que as alterações legislativas poderiam, agora, serem adequadas às normas da mais-valia global[1]. O projeto neoliberal é transportado pelas reformas econômicas introduzidas, inicialmente em janeiro de 1987, através dos Programas

[1] Milton Santos associa a mais-valia global à questão da competitividade. Para o Autor, "na escala do globo, o motor implacável de tantas reorganizações, sociais, econômicas, políticas e, também, geográficas, é essa mais-valia global, cujo braço armado é a competitividade, que, neste nosso mundo belicoso, é a mais guerreira de todas as ações" (SANTOS, 2012, p.333).

de Reabilitação Econômica (PRE). O caminho para a (re)introdução da acumulação por espoliação estava traçado.

Até antes da alteração constitucional de 1990 as legislações existentes e a política adotada pelo país dificultavam e limitavam o exercício da atividade privada. Esse período também foi marcado pelo abandono do setor privado em consequência da orientação política. Só em meados da década de 80 é que o país, através da Lei do Investimento Estrangeiro aprovada em 1984, inicia um processo de abertura ao investimento estrangeiro, principalmente de origem ocidental. Essa lei tinha como principal objetivo demonstrar aos parceiros internacionais ocidentais que o país estava aberto ao investimento estrangeiro, e que oferecia as garantias necessárias à proteção de bens e de direitos dos investidores ao mesmo tempo em que garantia a livre circulação de capitais e de lucros.

A abertura às políticas neoliberais trouxe consigo o fim da guerra civil (que já durava 16 anos) e a implantação da "democracia", com a realização das primeiras eleições multipartidárias em 1994. Com um cenário de estabilidade e com a implementação dos Programas de Reabilitação Econômica (PRE) introduzidos pelas Instituições de Brettons Woods (Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial) estavam vencidas as primeiras etapas para a circulação do capital internacional. Porém, era ainda fundamental resolver a questão da terra, que era propriedade do Estado, não podendo "ser vendida ou, por qualquer outra forma, alienada, hipotecada ou penhorada" (MOÇAMBIQUE, 1990, p.5), ou seja, a lei de terras existente não oferecia o conforto necessário aos investidores.

O debate envolvendo a revisão da lei de terras foi bastante intenso e participativo com o envolvimento da sociedade civil. As discussões opunham dois grandes grupos, um que defendia a privatização da terra, como forma de estimular o investimento estrangeiro e o consequente desenvolvimento econômico do país. Este grupo era liderado pelo Banco Mundial. No outro lado, estavam os defensores da não privatização da terra, considerando este ser o único recurso responsável pela segurança social, econômica e até cultural da família rural moçambicana. Para este grupo, a privatização ofereceria a oportunidade do surgimento dos sem-terra e o consequente agravamento da pobreza. Este posicionamento era defendido pela sociedade civil. O Estado, representado pelo governo da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), movimento saído vitorioso da guerra de independência, apresentava uma indefinição quanto ao seu posicionamento, visto que a terra era o principal legado da luta de libertação, portanto não deveria ser privatizada, ao mesmo tempo em que sofria pressão das Instituições de Brettons Woods para a sua privatização.

No final, a Lei de Terras de 1997, na sua revisão, respondeu aos interesses de todas as partes envolvidas. A terra continuou a ser propriedade do Estado, mas ofereceu as garantias necessárias ao acesso e segurança da sua posse, tanto paras as famílias rurais como para os investidores. Ou seja, respeitaram-se os direitos costumeiros na atribuição e gestão da terra a partir da aquisição da terra por ocupação e, garantiu-se aos investidores o acesso e posse da terra através de um pedido formal às instituições do Estado. Como se previa que a terra necessária para o investimento estrangeiro estaria ocupada por famílias rurais, o regulamento da Lei de Terras de 1997 e o seu Anexo Técnico[2] criaram as bases necessárias para que o procedimento de obtenção da terra pelo investidor se guiasse por um processo de negociação com as famílias rurais e/ou as comunidades locais[3]. A legislação produzida para esse efeito defendia que a obtenção da terra deveria ser consentida pelas comunidades, depois de um processo negocial e antecedido do pagamento de uma indenização "justa".

[2] O Anexo Técnico foi aprovado através do Diploma Ministerial no. 29-A/2000.

[3] É também nesse período que se compreende que a organização sócio-cultural da família rural passava por uma liderança que unia várias famílias, ligadas, principalmente, pelos seus antepassados. A Lei de Terras de 1997 definiu comunidades locais como "agrupamento de famílias e indivíduos, vivendo numa circunscrição territorial de nível de localidade ou inferior, que visa a salvaguarda de interesses comuns através da proteção das áreas habitacionais, áreas agrícolas, sejam cultivadas ou em pousio, florestas, sítios de importância sócio-cultural, pastagens, fontes de água e áreas de expansão" (MOÇAMBIQUE, 1997, p.15).

O processo de delimitação e/ou demarcação da terra das famílias rurais e/ou das comunidades locais proposto pelo Estado como forma de titular a terra e evitar conflitos, no entanto, não impedia que a mesma fosse tomada pelo investidor para desenvolver as suas atividades. As legislações que foram aprovadas demonstravam que a ocupação de terras por famílias rurais, ou mesmo a sua titulação, não impediriam que as mesmas fossem deslocadas compulsoriamente. Esse processo foi formalmente legitimado pela Lei de Minas de 2002, que considera o uso do solo para atividades mineiras como sendo prioritário sobre qualquer outro tipo de uso, desde que o seu aproveitamento seja rentável.

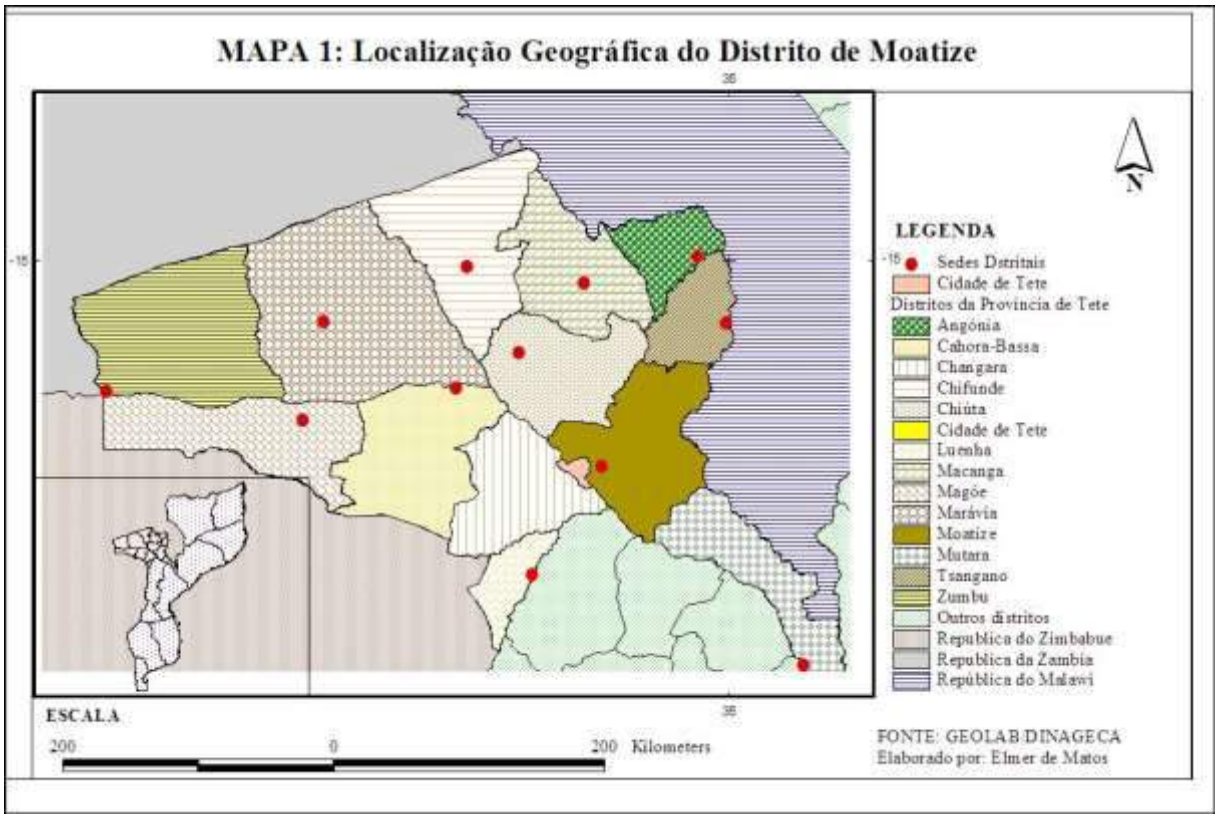
As condições para a desapropriação das terras das comunidades estavam criadas e o capital internacional tinha então, as necessárias condições para a realização da acumulação por espoliação. A procura por terra para a implantação de projetos de capital estrangeiro logo iniciou e a redescoberta do potencial de recursos naturais existentes em Moçambique começou a atiçar os gigantes da exploração mineira.

Para compreender as transformações provocadas pelos processos de acumulação por espoliação (re)surgidos em Moçambique, em meados dos primeiros dez anos de 2000, escolheu-se o projeto de exploração do carvão mineral de Benga, no distrito de Moatize, província de Tete, Moçambique (mapa 1). Foi, durante esse período, que os mega projetos[4] começaram a deslocar involuntariamente milhares de famílias dos seus territórios de reprodução de vida. A escolha desse projeto de exploração mineira deve-se ao fato de ser pouco estudado pela academia nacional e menos mediático se comparado com os projetos de exploração de carvão mineral de Moatize e de areias pesadas de Moma, implementados pela Vale e Kenmare, respectivamente. O mesmo projeto, na percepção das organizações da sociedade civil e das mídias, se apresenta como sendo o menos problemático e de consequências menos acentuadas para as comunidades locais afetadas.

O presente artigo tem como objetivo demonstrar o quanto o processo de espoliação das terras pertencentes às famílias afetadas pelo projeto de Benga está a impactar na qualidade de vida dessas famílias. O processo de reassentamento ainda não terminou e há comunidades que ainda residem nas áreas de exploração mineira. Para a compreensão do caso em estudo, optou-se por analisar o projeto Benga a partir do processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização[5]. A opção por este recurso teórico metodológico permitirá elucidar como a desterritorialização e reterritorialização, materializadas no reassentamento compulsório, está a deteriorar as condições de vida das famílias atingidas pelo projeto. Para o alcance deste objetivo foi realizado um trabalho de campo em Moatize e na área de reassentamento onde foram entrevistadas as famílias reassentadas e o responsável comunitário. Para complementar as informações recolhidas realizaram-se entrevistas com funcionários seniores das organizações da sociedade civil envolvidas no caso, como a Associação de Apoio e Assistência Jurídica às Comunidades (AAAJC), Justiça Ambiental (JA), Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LMDH) ao nível da província de Tete, União Provincial dos Camponeses (UPC), Cáritas e o Centro de Integridade Pública (CIP). Foram realizadas entrevistas com os representantes da Administração Distrital de Moatize, das direções provinciais de Minas, de Terras e do Meio Ambiente, além das entrevistas informais realizadas com alguns cidadãos residentes na cidade de Tete e na vila de Moatize.

[4] Castel-Branco (2008) caracteriza um projeto como sendo mega projeto quando, dentre outras características, apresentar as seguintes: a) dimensão dos mesmos, sendo projetos com investimentos acima dos US$ 500 milhões e com impactos significativos na produção e comércio; b) ser de capital intensivo; c) concentrar em torno de atividades mineiras e energéticas; d) ser dominado pelo capital internacional.

[5] Este recurso teórico metodológico permite-nos entender a construção e reconstrução dos territórios ao longo do tempo. Haesbaert (2007) entende a territorialização como sendo, sobretudo enraizadora, promovendo a coesão, pois é de caráter mais intrínseco e introvertido. Já a desterritorialização se refere à destruição dos antigos territórios e/ou des-integração de novos espaços em redes. Reterritorialização corresponde à constituição de novos territórios com uma nova apropriação política e/ou simbólica do espaço. A desterritorialização estaria, normalmente, diretamente vinculada à modernização e a globalização, processos eminentemente dinâmicos.



Não foi possível entrevistar os representantes da Rio Tinto, os quais detêm os direitos de exploração do recurso em Benga. Apesar de várias insistências, o nosso pedido nunca foi respondido. Para minimizar essa lacuna, recorreu-se à consulta e à análise de relatórios publicados que fazem referência ao projeto de exploração do carvão mineral de Benga. O trabalho de campo teve a duração de dois meses e meio, divididos em três escalas, nomeadamente a nacional, com sede em Maputo, provincial com sede na cidade de Tete e a distrital/local, onde se inclui o distrito de Moatize e a área de reassentamento da Rio Tinto.

Agricultura familiar e sua importância para a família rural

A organização do espaço de reprodução social da família rural moçambicana foi se alterando ao longo do tempo, principalmente em função dos interesses das políticas implementadas, tanto pelo governo colonial como pelo governo pós-independência. Os interesses econômicos e político-ideológicos implicaram, várias vezes, na alteração das formas de organização do espaço residencial e produtivo.

A escolha do espaço para a reprodução social de uma determinada família rural passa pela procura da satisfação das seguintes necessidades: existência de fontes de água próximas, terra adequada para a prática da agricultura e questões culturais. Esses são os principais fatores considerados no processo de escolha da localização das áreas de assentamento das famílias rurais, tendo em conta que a agricultura se apresenta como a principal atividade econômica. A combinação destes fatores permite que o espaço residencial se aproxime do espaço produtivo e, a forma de assentamento se caracterize por ser um povoamento disperso, em torno de uma liderança local, que em geral é o representante vivo dos seus antepassados. É ele quem mantém os contatos com os antepassados e que administra a comunidade, sob a orientação dos seus antepassados.

Com o início da ocupação efetiva do território moçambicano, depois da realização da Conferência de Berlim[6], a forma de organização do espaço de reprodução da família rural foi organizada para responder aos interesses econômicos da metrópole. Algumas famílias rurais foram reassentadas ao redor das áreas de produção agrícola, constituindo assim mão-de-obra barata. Essa forma de organização do espaço de reprodução familiar culminou com a produção de um povoamento disperso, mas interrompido por algumas aglomerações em função das atividades econômicas coloniais (ARAÚJO, 1989). Uma das características marcantes desse período foi à manutenção do agricultor familiar ligado à terra, para assim melhor explorar o agricultor moçambicano (NEGRÃO, 1995; CASTEL-BRANCO, 1984, [199-]). Como Portugal era economicamente fraco e dependente dos seus parceiros econômicos europeus, a mecanização da agricultura e a proletarização do agricultor tornavam-se cada vez mais difíceis de serem implementadas. Para solucionar essa lacuna, Portugal introduziu as culturas forçadas e o pagamento de impostos. O agricultor familiar deveria produzir as culturas obrigatórias, tanto nas suas áreas de cultivo como na dos colonos, ao mesmo tempo em que deveria cultivar outras culturas para alimentar aquela população empregada em outros setores de atividade ou que viviam nos centros urbanos (NEGRÃO, 1995; HEDGES, 1999). Esta estratégia permitia que o agricultor estivesse ligado à produção de culturas essenciais destinadas à economia colonial portuguesa, pois só assim o agricultor familiar obteria o suficiente para pagar o imposto que foi estabelecido.

Com o alcance da independência, o governo vitorioso na luta pela libertação resolveu introduzir uma política econômico-social que quebrasse vestígios de lembranças do período anterior. A mesma política também visava lutar contra o ressurgimento do sistema anterior à colonização, considerado como feudal ou tradicional. O governo optou pela implementação da socialização do campo, onde a população viveria em aldeias comunais e trabalharia nas empresas estatais ou então dependeria das cooperativas de produção e de consumo. Essa estratégia de desenvolvimento rural revolucionou a organização do espaço de reprodução social, isto é, o espaço residencial distanciou-se do produtivo e transitou-se para um povoamento rural do tipo concentrado. Além das alterações nas formas de organização do espaço, constatou-se que ainda houve a transição dos campos de produção familiar para os campos de produção coletivos. Autores como Negrão (1995), Castel-Branco (1984) e CEA (1979, 1989) demonstram que o processo de colonização havia criado a necessidade da existência do trabalhador assalariado no seio da família rural, característica esta que não foi considerada com a adoção da estratégia de socialização do campo. O trabalho assalariado era usado para complementar as necessidades para obtenção dos instrumentos de produção para a prática da agricultura. E, essa caraterística era importante para as famílias rurais residentes na região sul, onde foram definidas como reserva de mão-de-obra barata para a África do Sul e para o Zimbábue. As famílias que viviam nas regiões fronteiriças também se beneficiavam desse trabalho visto que, o salário pago nos países vizinhos era melhor que o pago em Moçambique.

Apesar da necessidade de um trabalho assalariado, que também poderia ser desenvolvido nos campos de cultivo de agricultores médios e ricos, Negrão (1996) destaca o papel desempenhado pela agricultura no seio da família rural. Para o autor, a família rural não abdica da prática da agricultura, mesmo que seja introduzida uma nova atividade de rendimento, pois para ela é apenas a prática da agricultura que garante a segurança alimentar do agregado familiar. Essa característica é também verificada em cidades moçambicanas, consideradas pequenas e médias, onde se constata que a agricultura se apresenta como uma das principais atividades dos agregados familiares. Matos e Medeiros (2010) estudando a cidade de Mocuba, considerada pequena, constataram que 75% dos agregados familiares entrevistados desenvolviam a agricultura e, 45% consideravam esta atividade como a principal fonte de sustento. Esta característica demonstra a importância desta atividade para as famílias rurais e para aquelas que vivem em vilas e cidades pequenas de Moçambique.

[6] Conferência realizada na cidade de Berlim, na Alemanha, entre 1884 e 1885, onde as potências europeias dividiram o continente africano, resultando nas atuais divisões político-administrativas dos países africanos.

A introdução de um novo tipo de povoamento (as aldeias comunais) não vingou, principalmente pelo fato das famílias rurais não considerarem essa forma de organização do espaço residencial e produtivo adequado às suas necessidades. As famílias aderiram inicialmente a essa política devido ao seu caráter coercitivo e como forma de aproveitarem algumas benesses que só poderiam ser conquistadas quando se juntassem às aldeias comunais (CASTEL-BRANCO, 1984; CEA, 1979; ARAÚJO, 1989). Estudo realizado por Araújo (1989) demonstrou que em 1978, 12% da população vivia em aldeias comunais e, que em 1982/83 passou para 20%. A província de Tete sempre se situou entre aquelas que concentravam menos população em aldeias comunais, tendo transitado de 3,6% em 1987 para 17,3% em 1982/83. Ao nível dos distritos, Moatize era o distrito com menor percentual de população vivendo em aldeias comunais em 1980 e, em 1983 passou a ser o terceiro distrito com 21% da população vivendo nelas.

A agricultura ainda desempenhava um papel importante na economia nacional e na familiar apesar de o país ter sido dependente durante o período de colonização portuguesa; dos serviços prestados aos países vizinhos através do fornecimento de mão-de-obra barata e dos serviços de portos e estradas de ferro construídas para atender as demandas, sobretudo da África do Sul e do Zimbábue (ARAÚJO, 1989; ALMEIDA SERRA, 1991). Rico em recursos minerais, Moçambique ainda apresentava um nível de exploração insuficiente para que se tornasse fundamental no crescimento da economia nacional. Araújo (1989) destaca o fato de Portugal se diferenciar das outras potências coloniais na exploração dos recursos minerais existentes, principalmente por se apresentar economicamente pobre, o que o tornava incapaz de investir nesse ramo de atividade. Contudo, foi apenas o carvão mineral de Moatize que mereceu alguma atenção do governo colonial português, ao concessionar a sua exploração para uma multinacional.

A importância das reservas de carvão mineral no distrito de Moatize data do início dos anos 1900, quando se iniciaram as primeiras explorações. A primeira companhia a explorar o carvão de Moatize foi La Societé Geologique et Minerale du Zambeze, uma multinacional constituída por uma maioria de capitais belgas. Esta companhia explorou o carvão de 1922 a 1948, quando foi substituída pela Companhia Carbonífera de Moçambique, dominada por capitais sul-africanos (Industrial Steel Coorporation da RSA, com 49%), seguida de capital privado de origem moçambicana (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ECONÔMICA, 1977). Com o alcance da independência, a exploração do carvão mineral passou para a Empresa Nacional de Carvão de Moçambique - CARBOMOC, E. E., uma empresa estatal que, devido ao avanço da guerra civil na década de 80, viu o desenvolvimento das suas atividades seriamente comprometidas.

Durante o período de extração do carvão mineral em Moatize, constatou-se que por sua exploração ser subterrânea, não houve conflitos de uso do solo. Araújo (1989) refere que até o final do período de colonização haviam poucos estudos geológicos que permitissem avaliar a quantidade e qualidade das jazidas de carvão mineral existentes no distrito de Moatize. Com a independência é que o governo foi estudar como obter informações sobre a quantidade e a qualidade do carvão existente.

A instabilidade social e política que caracterizava o país, em função do desenrolar da guerra civil, dificultava a exploração do carvão mineral. Com o fim da guerra civil em 1992 e depois do país já ter assinado o acordo de adesão às Instituições de Brettons Woods, foram criadas as condições para a exploração do carvão mineral na província, que possui cerca de 23 bilhões de toneladas de reserva de carvão. As leis do Investimento Estrangeiro (1984 e 1993), a Lei de Terras (1997) e a Lei de Minas (2002) é que criaram as condições para a entrada do investimento estrangeiro. E foi em meados de 2000 que o interesse pela exploração do carvão mineral ressurge, apesar das fracas infraestruturas existentes para viabilizar o transporte do mesmo até ao porto da Beira. O primeiro projeto de exploração do carvão mineral em Moatize foi o da Vale, obtendo a permissão para a exploração do carvão mineral em Moatize no ano de 2004, com o contrato mineiro assinado em 2007. A Riversdale adquiriu 22 licenças de prospecção de carvão na bacia de carvão de Moatize na província de Tete, uma na província de Manica e uma na província de Niassa. A Riversdale submeteu o

pedido para a exploração do carvão de Benga, localizado no distrito de Moatize em 2007 e seu contrato de exploração foi assinado em 2009.

O processo de espoliação das terras das famílias rurais em Benga

A viabilização legislativa

O processo de espoliação no continente africano e, em especial em Moçambique, é antigo, remonta os tempos da colonização deste continente pelas potências europeias. A divisão do continente africano durante a Conferência de Berlim, que ditou para o colonialismo português a obrigação de uma ocupação efetiva do território moçambicano, implicou em processos de espoliação, onde as famílias rurais foram expulsas das melhores terras e colocadas em terras marginais. A expulsão da população das suas melhores terras foi acompanhada por um processo de introdução de métodos coercitivos na produção de determinadas culturas. Essas estratégias visavam responder às necessidades portuguesas e europeias.

Com o alcance da independência em 1975 e a introdução da estratégia de socialização do campo, que se caracterizou por uma luta contra o capitalismo e contra o sistema feudal (ou tradicional), estavam criadas as bases para o fim da acumulação primitiva. Porém, a espoliação não terminou, pois a terra continuou a ser do Estado e as famílias rurais foram "obrigadas" a se submeterem aos planos do Estado socialista (ou pelo menos de orientação socialista) quando muitas famílias perderam suas terras, ou não tiveram a oportunidade de recuperar a terra expropriada durante o período de colonização.

A década de 80 marca o início e o agravamento da crise do projeto socialista moçambicano. A crise dos anos 70, crise do petróleo, associada ao boicote econômico sul-africano, principalmente ao reduzir drasticamente o número de moçambicanos contratados para as minas sul-africanas[7] e a utilizar outros serviços alternativos de portos e de estradas de ferro, em detrimento das que foram construídas em Maputo, para responder as suas necessidades colocaram em cheque a economia moçambicana. A situação foi agravada com o desenrolar da guerra civil, apoiada principalmente pelo apartheid sul-africano. A guerra tinha como principal alvo as infraestruturas econômicas, sociais e as aldeias comunais. Tudo isso acrescido pela crise dos países socialistas, principalmente a Ex-URSS, que teve implicações no apoio aos projetos de desenvolvimento nacional moçambicano.

Sem alternativas o país foi "forçado" a abrir o seu território aos apetites internacionais. As primeiras indicações da sua abertura ao capital internacional ocorreram em 1984 com a assinatura dos Acordos de Nkomti, entre a África do Sul e Moçambique, considerado como o pacto de boa vizinhança, ou seja, de não agressão. Foi também neste ano que se aprovou a Lei do Investimento Estrangeiro, em que o governo autorizou a entrada de investimento direto estrangeiro e ofereceu as garantias necessárias para a proteção dos bens e direitos empreendidos no investimento. A mesma legislação ofereceu as condições necessárias para a repatriação de capitais e de lucros. Associado a essas aberturas, o país adere as Instituições de Bretton Woods ainda no mesmo ano (1984) e em janeiro de 1987 são introduzidos os Programas de Reabilitação Econômica (PRE). Esses programas visavam enquadrar o país numa economia de mercado, ao mesmo tempo em que se lutava contra uma possível reversão na política social e econômica, ou seja, o retorno à política de orientação socialista.

Os PRE trouxeram consigo as políticas neoliberais e os processos de acumulação por espoliação. Para garantir que as políticas neoliberais exercessem o seu papel (permitir os processos de acumulação por espoliação) foi alterada a constituição da república, onde se transitou de uma república formada por operários e camponeses, para outra em que a ordem

[7] A África do Sul denunciou o acordo que tinha com Moçambique, em que parte dos benefícios da contratação da mão-de-obra batata moçambicana era paga em barras de ouros a preços generosos. Em 1978 África do Sul deixa de pagar em ouro ao governo moçambicano.

econômica se assentava nas forças do mercado, na iniciativa dos agentes econômicos, na participação de todos os tipos de propriedade e, o Estado aparece como regulador do desenvolvimento econômico e social (MOAÇAMBIQUE, 1990).

Os processos para a acumulação de capital estavam criados e, desta feita, a acumulação por espoliação encontrou o caminho certo. O conceito de acumulação por espoliação de Harvey responde a este cenário vivido em Moçambique, principalmente com relação a adesão às reformas econômicas. O autor utiliza o conceito de acumulação por espoliação para designar a continuidade e a proliferação de práticas de acumulação que Marx havia denominado de "primitivo" ou "original", durante o processo de formação e consolidação do capitalismo. Para ele, incluem-se:

> a mercadificação e a privatização da terra e a expulsão violenta de populações camponesas; a conversão de várias formas de direitos de propriedade (comum, coletiva, do Estado, etc.) em direitos exclusivos de propriedade privada; a supressão dos direitos dos camponeses às terras comuns [partilhadas]; a mercadificação da força de trabalho e a supressão de formas alternativas (autóctones) de produção e consumo; processos coloniais, neocoloniais e imperiais de apropriação de ativos (inclusive de recursos naturais); a monetarização da troca e a taxação, particularmente da terra; o comércio de escravos; e a usura, a dívida nacional e em última análise o sistema de crédito como meios radicais de acumulação primitiva (HARVEY, 2012, p.121).

Harvey (2008) sustenta que a acumulação por espoliação apresenta quatro principais características, nomeadamente:

- Privatização e mercadificação - o objetivo principal desta característica é abrir à acumulação novos campos até então considerados fora das contas de obtenção da lucratividade. A corporatização, a mercadificação e a privatização de ativos públicos têm sido a sua marca registrada. Os processos que o corporizam consistem em transferir os ativos do domínio público e popular para o domínio privado e de privilégio de certa classe;
- Financialização - caracteriza-se pela forte onda de financialização, marcada por um estilo especulativo e predatório, com graves consequências para a população que, na sua maioria, se tornou escrava creditícia;
- Administração e manipulação de crises - as crises econômicas passaram a ser orquestradas, manipuladas e controladas para racionalizar o sistema assim como para a redistribuição de ativos e de riqueza dos países pobres para os países ricos; e
- Redistribuições via Estado - o Estado passa a desempenhar um papel fundamental na reversão de benefícios que anteriormente iam para as classes baixas, agora para a classe alta. Fomenta a privatização, com prejuízos significativos para as classes baixas, incentiva à entrada de capital privado, oferece uma vasta gama de subsídios e isenções fiscais a pessoa jurídica e, protege o investimento privado, podendo se socorrer do monopólio da violência para garantir os direitos da pessoa jurídica.

Discutindo a (re)valorização da importância da acumulação por espoliação na acumulação capitalista, Harvey associa esse momento com a crise dos anos 70. Para o autor, o capitalismo global não estava conseguindo gerar crescimento e, como medida adotada pelo sistema para a consolidação do poder de classe foi a apelação para a acumulação por espoliação (Harvey, 2012). A virada para a revalorização da acumulação por espoliação como o principal mecanismo de acumulação de capitais foi largamente facilitada pela implementação do neoliberalismo.

Ao ser alterada a legislação mãe, Constituição da República, era necessário adequar as legislações de terra e de minas para facilitar a atração de investimento estrangeiro. A primeira legislação a ser alterada foi a de terras, em 1997. Esta legislação, assim como o seu regulamento e os decretos associados à aquisição da terra complementaram o processo de garantias necessárias ao investimento estrangeiro, ou seja, "garantir o acesso e a posse da terra, tanto para os camponeses como para os investidores nacionais e estrangeiros"

(MOÇAMBIQUE, 1997, p.15). A legislação de terras permitiu que a terra fosse adquirida, por um pedido, por entidades coletivas ou individuais, que apresentassem um projeto de desenvolvimento de atividades econômicas. A mesma legislação permitiu que as comunidades cedessem a terra aos projetos econômicos, mas só depois do seu consentimento e de uma "justa" indenização. No ponto d) do artigo 14 do Regulamento da Lei de Terras, referente aos deveres dos titulares, consta que o titular deve "permitir a execução de operações e/ou a instalação de acessórios e equipamentos conduzidos ao abrigo de licença de prospecção e pesquisa mineira, concessão mineira ou certificado mineiro, mediante justa indenização" (MADER; FAO, 2001, p.36).

A abertura político-econômica gerava maiores preocupações no seio do governo, da sociedade civil e de outros interessados em gerir prováveis conflitos no uso e aproveitamento da terra, visto que a mesma ao ser pretendida pelos "projetos de desenvolvimentos" encontrava-se na posse das famílias e/ou das comunidades locais. O governo aprovou decretos que permitiram tornar o processo de espoliação da terra legal, isto é, foram desenhados os passos necessários a serem seguidos pelos investidores para adquirirem a terra das famílias rurais. Os mesmos decretos aparentavam ser mecanismos que salvaguardavam os interesses das comunidades, pois elas negociariam os processos de renúncia da sua terra e a partir dessa transação encontrariam as melhores condições para a melhoria de sua qualidade vida.

Depois da alteração da Lei de Terras, veio a alteração da Lei de Minas. Esta lei destruiu as esperanças das famílias rurais face aos seus direitos de posse de terra por ocupação. Além de a lei proteger o investimento estrangeiro, ao incentivá-lo com isenções fiscais e permitindo o repatriamento dos lucros, a mesma define no ponto 2 do artigo 43 o uso da terra para a atividade mineira como sendo prioritário. "O uso da terra para operações minerais tem prioridade sobre outros usos da terra quando o benefício econômico e social relativo das operações mineiras seja superior" (MOÇAMBIQUE, 2002, p.9).

Essas duas legislações não se reportam ao processo de deslocação involuntário dos espoliados. Essas legislações, embora recentes e aprovadas num momento em que se assumia que o desejo pelo investimento estrangeiro aumentaria, elas não trataram do processo de reassentamento. As mesmas representam um retrocesso, se comparadas com as legislações anteriores, principalmente com o regulamento da Lei de Terras de 1979, onde estão definidos os passos a serem seguidos em casos de deslocamentos forçados. Tanto a legislação sobre a exploração mineira como a referente ao uso e aproveitamento da terra apenas referem que as indenizações devem ser "justas" e, direcionam o processo de negociação para ser realizado entre as famílias afetadas (e/ou as comunidades locais) e os investidores, ficando o Estado como regulador.

Como as duas legislações não fornecem os passos necessários para a materialização do processo de "expulsão condigna" das comunidades de suas terras, as empresas que pretendem desenvolver a atividade recorrem às regras do Banco Mundial para o Reassentamento Involuntário. Isso, muitas vezes, acaba por fazer com que os processos de reassentamento variem de empresa para empresa, mesmo apesar de seguirem as regras do Banco Mundial. No geral, o processo de espoliação inicia com a aquisição de uma licença de prospecção e pesquisa, com a finalidade de avaliar as reservas disponíveis e a viabilidade da sua exploração. Findo esse passo, lhe é requerido um estudo de impacto ambiental (EIA) que inclui os impactos sociais. Depois de a empresa demonstrar as garantias necessárias para a exploração do recurso, passa para a fase de– encaminhamento do pedido de uso e de aproveitamento da terra (DUAT). Quando se confirma a existência de comunidades, a empresa terá que negociar diretamente com as comunidades a sua retirada e inicia-se o estudo socioeconômico das famílias a serem atingidas para a realização do processo de reassentamento.

De Benga a Mwaladzi

Depois da realização de estudos que avaliaram as reservas de carvão mineral existentes nas minas de Benga, no distrito de Moatize, constatou-se que a mina possuía mais

de 2,1 bilhões de toneladas de carvão térmico e metalúrgico. A abertura da mina custaria cerca de 800 milhões de USD e representava apenas 2% do carvão das áreas licenciadas para a Riversdale Moçambique (IMPACTO; GOLDASSOCIATES; RIVERSDALE, 2009, p.6). A Riversdale Moçambique submeteu então em 2008 um pedido para a exploração do carvão mineral de Benga e, um ano depois, em 2009, o contrato foi assinado com o governo moçambicano.

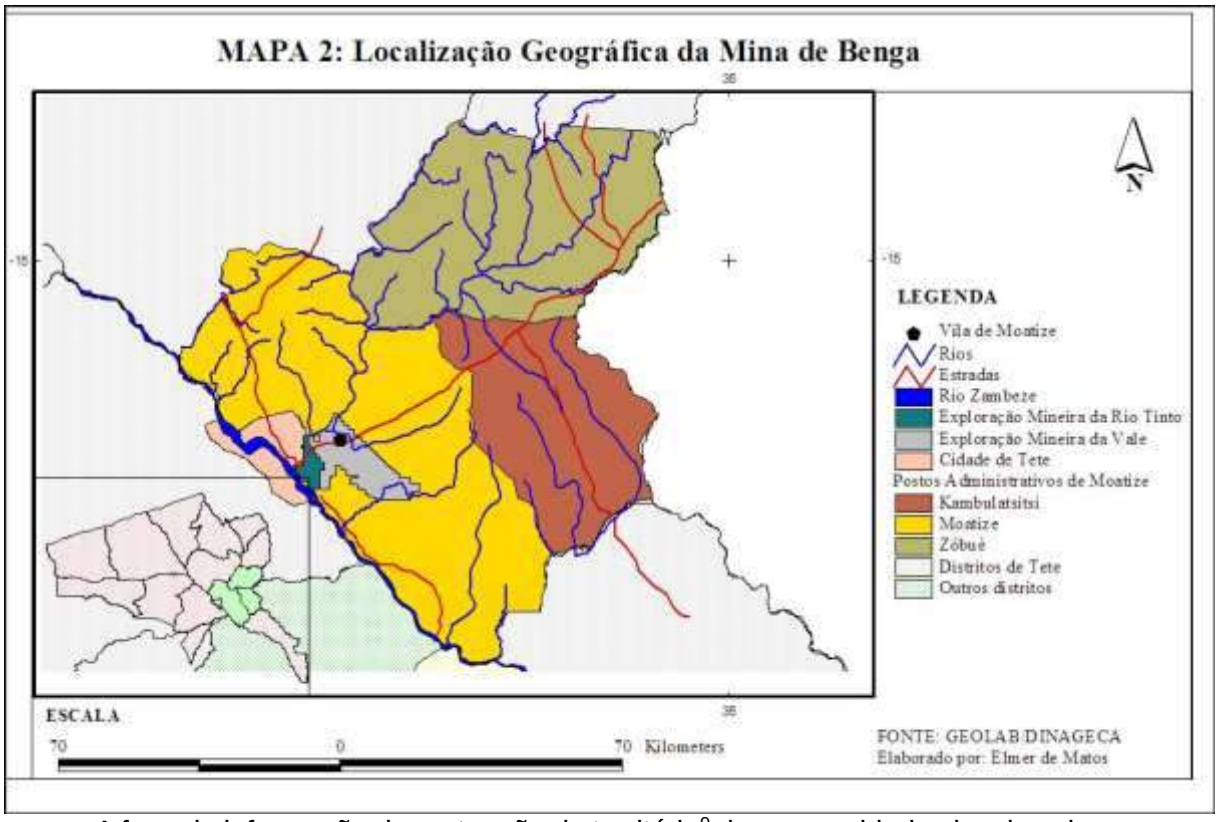
A Riversdale Mining é uma multinacional de exploração mineira registrada na Bolsa de Valores Australiana. No continente africano a empresa possui alguns projetos na República da África do Sul, como é o caso da mina de Antracite da Zululândia. Para realizar as suas operações em Moçambique, em cumprimento da legislação moçambicana, a empresa teve que abrir uma filial denominada de Riversdale Moçambique Limitada. O projeto de exploração de carvão mineral de Benga é um empreendimento conjunto com a Tata Steel[8], com cerca de 35% das ações. Esta empresa adquiriu o direito de compra de 40% do carvão metalúrgico produzido nas minas de Benga com o objetivo de fornecer, principalmente, as instalações do Grupo Tata Steel na Europa e na Ásia (IMPACTO; GOLDASSOCIATES; RIVERSDALE, 2009).

A mina de Benga localiza-se a cerca de 14 km a leste da cidade de Tete, cobre uma área de 4560 hectares, dos quais 4502 estão localizados no distrito de Moatize e os restantes na cidade de Tete. O sudoeste da mina faz fronteira com o rio Zambeze; no extremo ocidental está a confluência dos rios Zambeze e Revúbuè, estendendo-se para norte ao longo do rio Revúbuè. No lado oriental está a área de concessão mineira da Vale (mapa 2). O projeto de exploração do carvão de Benga tem a duração de 25 anos, que poderão ser renováveis. Dada as características da mina, em que as jazidas de carvão vão da superfície até 1000 metros de profundidade, a mineração inicialmente será a céu aberto. Há possibilidades de no futuro recorrer-se à exploração subterrânea (IMPACTO; GOLDASSOCIATES; RIVERSDALE, 2009).

A mina de Benga localiza-se na localidade de Benga, no Posto Administrativo (PA) de Moatize. O distrito de Moatize está subdividido em três PA, nomeadamente Moatize, Kambulatsitsi e Zóbuè, com 12 localidades. Segundo o Relatório Executivo do Estudo de Impacto Ambiental, a área de exploração mineira ocupa as aldeias de Capanga Nzinda, Capanga Gulo, Capanga Luani, Mpala, Nhanganjo, Chitambo, Benga-Sede e Nhamsembe. A mina “expulsará” cerca de 5 671 habitantes, ou seja, um total de 1147 famílias (IMPACTO; GOLDASSOCIATES; RIVERSDALE, 2009).

Dada a existência de comunidades na área atribuída à Riversdale Moçambique para a exploração do carvão mineral, a multinacional é obrigada a reassentar as famílias a serem atingidas. Para a sua concretização iniciou-se um processo de informação, escuta e consulta às comunidades sobre as áreas a serem reassentadas. O processo apresentou-se como estando a privilegiar a negociação, mas na realidade foi um processo imposto às comunidades, ou seja, a deslocação era irreversível, apenas se ouvia falar sobre os prováveis locais de reassentamento. As indenizações também deveriam ser negociadas, para tanto, antes do reassentamento foi realizado um estudo social e econômico, onde a consultora contratada para a realização desse estudo fez um inventário de bens de cada família como forma de facilitar o processo das indenizações.

[8] A Tata Steel é uma empresa indiana e mais antiga, criada em 1907 como a primeira empresa privada de aço na Ásia. A empresa destaca-se como um dos dez maiores produtores de aço do mundo (IMPACTO; GOLDASSOCIATES; RIVERSDALE, 2009).



A fase de informação da pretensão do território[9] das comunidades locais pela empresa foi carregada da demonstração dos ganhos advindo com o reassentamento. Habitações novas, oportunidades de empregos e infraestruturas sociais foram os benefícios utilizados para convencer as comunidades de que teriam um futuro melhor. O processo de negociação com as comunidades sobre os possíveis locais de reassentamento foi pouco participativo, ou seja, as comunidades e os seus líderes tiveram pouco ou quase nenhum poder para decidir na escolha da nova área de residência. A nova área de reassentamento portanto, foi escolhida pela Comissão de Reassentamento (CR). Essa comissão é constituída pelas direções provinciais de Coordenação e Ação Ambiental, de Recursos Minerais e Energia, de Agricultura e de Obras Públicas e Habitação. Ao nível distrital a Comissão de Reassentamento (CR) inclui os Serviços de Planejamento e Infraestruturas e os Serviços de Atividades Econômicas. A Comissão de Reassentamento (CR) provincial é coordenada pela Direção Provincial de Coordenação e Ação Ambiental e, ao nível distrital pelos Serviços de Planejamento e Infraestruturas.

Os critérios utilizados para a escolha de novas áreas para a realização do reassentamento são os seguintes:

a) estar dentro dos limites administrativos do distrito afetado pela atividade;
b) ausência de concessões mineiras;
c) ausência de ocupação significativa de famílias;
d) proximidade a um aglomerado populacional concentrado;
e) facilidades de acesso;
f) proximidades a fontes de água, e
g) solo favorável à prática de agricultura e de pastagens.

[9] Aqui recorremos ao conceito/categoria de território trabalhado por Fernandes (2008). O autor demonstra que o território não é apenas de governança, mas também, dentro do território de governança, existem os territórios formados pelas relações de poder, ou seja, os territórios formados pelos diferentes tipos de propriedade, incluem-se aqui o território das comunidades locais.

A satisfação de todos esses critérios se torna complicado, principalmente quando se trata do distrito de Moatize, em que significativas áreas estão ocupadas com licenças de prospecção e pesquisa e de concessões mineiras. A Human Rights Watch (2013) mostra que perto de 60% da área do distrito está comprometida com licenças para prospecção e pesquisa e com concessões mineiras.

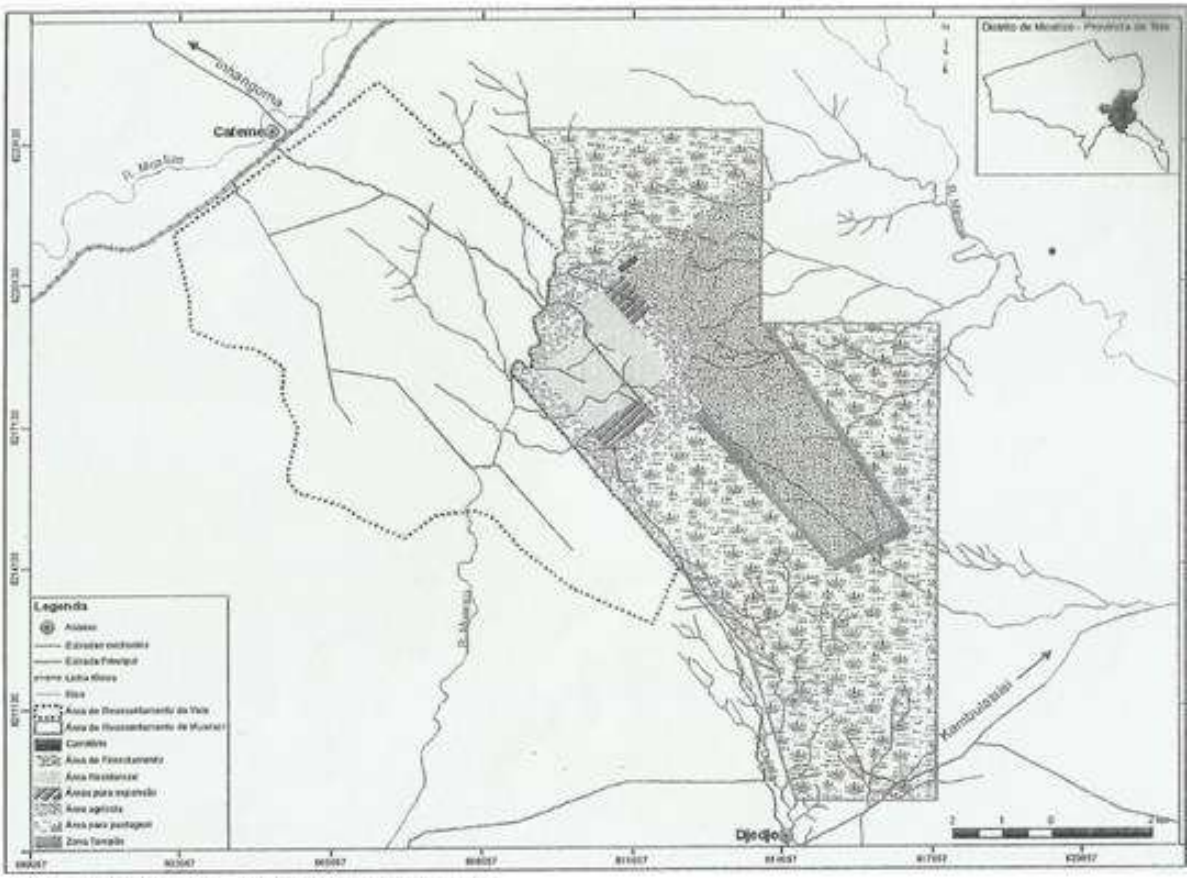
Após passar pelos períodos de informação, escuta e consulta às comunidades atingidas, Mwaladzi foi escolhida como o local de reassentamento. A escolha desse local não refletiu as escolhas das comunidades locais, mas sim os critérios estabelecidos pela Comissão de Reassentamento, pois:

> "As comunidades participaram no processo de negociação. Mas para a escolha do local a situação era complicada, pois há várias licenças e encontrar uma área livre tornava-se difícil... Também aquele local se beneficiava pela localização da área de reassentamento da Vale. Ela respondia aos critérios definidos pela comissão". (membro da Comissão de Reassentamento).
> "Não participamos na escolha, apenas nos informaram do local que iríamos viver. Viemos ao local apenas uma vez para vermos as casas e na segunda vez foi - *arruma e vai*". (residente de Mwaladzi).
> "Os líderes locais participaram sim. Os encontros eram com eles e eles se entendem. Eles são estruturas também. Mas mesmo assim, eles não podem com os chefes". (residente de Mwaladzi)

Mwaladzi localiza-se a Este da aldeia de Cateme e faz fronteira a Oeste com a área de reassentamento da Vale. A área de reassentamento faz parte do Posto Administrativo de Cambulatsitsi e pertence à aldeia de Cateme. Segundo o projeto de reassentamento, a área selecionada para assentar as famílias deslocadas pelo projeto de Benga ocupa 7285 hectares e é tipicamente rural. A área era "fracamente habitada e é essencialmente utilizada para a prática da agricultura" (IMPACTO, 2009, p.3). O estudo revelou que foram identificadas onze famílias, correspondentes a 58 indivíduos vivendo nessa área, das quais quatro famílias residem permanentemente, enquanto que as restantes habitam temporariamente, ou seja, ocupam as suas áreas principalmente em épocas de produção agrícola.

A organização espacial da área de reassentamento de Mwaladzi não obedeceu à antiga organização espacial das comunidades afetadas, ou seja, a organização do espaço produtivo e residencial não foi respeitado e, houve alterações no tipo de povoamento. O projeto de reassentamento aprovado apresentava uma divisão espacial bem nítida, formada por uma área residencial, agrícola, de pastagem, de florestamento, zona tampão e outras atividades (figura 1). A área residencial tem uma extensão de 490 hectares, preparada para os lotes de terras familiares destinadas à habitação de 449 agregados familiares. As habitações seriam construídas pela empresa responsável pelo deslocamento compulsório. A área também previa espaços para uma expansão futura num horizonte de 20 anos. Como as populações reassentadas dependiam da agricultura como a principal fonte de subsistência, foi reservado 1296 hectares para o estabelecimento de 456 campos de cultivo familiares. A área de pastagem ocupou 4330 hectares e a área de florestamento, onde serão implementadas ações de florestamento com espécies vegetais locais, ocuparia uma área de 717 hectares. O restante da área seria para a zona tampão e para a construção de outras infraestruturas essenciais a vida social local, como por exemplo um cemitério. A zona tampão estabeleceria a transição entre a área agrícola e a área de pastagem (IMPACTO; RIVERSDALE, 2009).

Figura 1: Projeto de Reassentamento de Mwaladzi



Fonte: IMPACTO, RIVERSDALE (2009)

Para se aproximar da realidade das aldeias prejudicadas pelo processo de exploração do carvão, a área residencial foi dividida em subdivisões, que representariam as aldeias antigas, ou seja, cada uma das subdivisões foi batizada com o nome das aldeias destruídas. Sendo assim, presumia-se que se manteria a organização espacial anterior e as lideranças das aldeias continuariam a ser as mesmas, com os mesmos membros das comunidades a viverem na mesma aldeia. Em Mwaladzi foram construídas novas habitações, com material convencional, substituindo o antigo material que era usado na construção das casas dessas famílias, considerado como material precário. Construíram-se um estabelecimento de ensino, uma unidade sanitária, bombas para o abastecimento de água, infraestruturas para o fornecimento de energia elétrica e outras infraestruturas. Essas construções passaram assim a desempenhar um papel importante na atração das comunidades para a nova área de reassentamento.

O reassentamento parecia oferecer uma oportunidade de mudança de vida, isto é, estavam criadas, aparentemente, as condições necessárias para um "futuro melhor". Associado às infraestruturas construídas, estavam os valores monetários das indenizações das áreas de cultivo e dos outros bens perdidos e, a esperança de conseguir trabalho na multinacional.

> "Não queríamos sair da nossa terra. Mas já que não tínhamos outra opção, pelo menos que fosse para melhorar a nossa vida. As casas pareciam lindas e melhores daquelas que tínhamos. A empresa nos prometia trabalho. Pensávamos que mudaríamos de vida". (residente de Mwaladzi).

> "Quando nos informaram que íamos mudar, não aceitamos sem antes termos nas nossas contas os 119 mil meticais[10]. Quando vimos que entrou o dinheiro saímos na esperança de mudar de vida. Viveríamos em boas casas e com trabalho". (residente da Mwaladzi)

A reconstrução de uma nova vida

De acordo com os dados apresentados no contrato mineiro assinado entre a Riversdale Moçambique e o governo Moçambicano, constata-se que foram identificadas perto de 1200 famílias, número este que está próximo do declarado no relatório executivo do Estudo de Impacto Ambiental realizado pela Impacto e GoldAssociates, que foi de 1147 famílias. Porém, no projeto de reassentamento aparece somente o número de 524 famílias a serem reassentadas, das quais quatro são as que já residiam permanentemente em Mwaladzi. Essa diferença pode ser explicada pelo fato do processo de exploração do carvão mineral ainda não ter ocupado toda a área, ou seja, as famílias selecionadas fazem parte da primeira etapa do processo de exploração do carvão mineral. Com o tempo, mais famílias que ainda se encontram na área de concessão da Riversdale Moçambique serão deslocadas compulsoriamente.

Para que as famílias abandonassem as áreas de concessão mineira para o reassentamento de Mualadzi foram entregues 119 mil meticais como resultado das compensações de perdas das suas atividades. O dinheiro foi calculado e considerado como sendo "justo" para que as comunidades iniciassem as suas atividades no novo local de residência. Para além dos valores das indenizações, as famílias receberam casas novas, infraestruturas sociais (como escola e centro de saúde) e dois hectares de terra para o cultivo, dos quais apenas um hectare foi preparado para a prática da agricultura, ou seja, foi lavrado.

Nos estudos realizados pelas empresas contratadas pela Riversdale identificaram que existiam dois grupos de população com perfis socioeconômicos diferentes, isto é, algumas dependiam basicamente da agricultura e apresentavam uma ligação bastante forte com o espaço rural, enquanto o outro grupo era composto por famílias que exerciam as suas atividades no espaço urbano e, a sua relação com esse espaço era bastante significativa. Para responder a esses perfis, definiram que:

> A zona de Mwaladzi, em Cateme, para 445 famílias, cujos sistemas de sobrevivência estão assentes num *modus vivendi* tipicamente rural, e
> Uma zona de características urbanas, área por definir, cujos sistemas de sobrevivência estão assentes num *modus vivendi* tipicamente urbano (IMPACTO; RIVERSDALE MOÇAMBIQUE, 2009, p.3).

A primeira fase de reassentamento teve início em 2011 e foram deslocadas cerca de 85 famílias. Esse grupo de famílias se transferiu para Mwaladzi mesmo antes das infraestruturas estarem concluídas, havendo ausência de escola e de centro de saúde. O processo apresentou-se bastante complicado para essas famílias pelo fato do centro de saúde mais próximo estar localizado há cerca de 4 km, isto é, na área de reassentamento da Vale. As condições de acesso ao centro de saúde eram péssimas, visto que as estradas eram de má qualidade e havia falta de segurança ao longo do percurso entre Mwaladzi e a unidade sanitária, que nem sempre estava em funcionamento.

A segunda fase de reassentamento foi conduzida pela Rio Tinto, multinacional que comprou todos os projetos de exploração mineira da Riversdale Moçambique em 2011. A Rio Tinto comprou todos os projetos da Riversdale Moçambique no país por cerca de quatro bilhões de USD, incluindo a mina de Benga. Para dar seguimento às suas atividades, a Rio Tinto iniciou o processo do segundo reassentamento em 2013. Nessa segunda fase foram reassentadas 478 famílias, das quais 354 haviam sido classificadas como rurais, ou seja,

[10] Correspondete a cerca de 9900 reais.

apresentavam um perfil socioeconômico definido como rural. Algumas famílias que haviam sido classificadas como urbanas, devido a sua relação bastante próxima com as atividades considerada urbanas, preferiram ser integradas ao grupo das famílias classificadas como rurais. Esse grupo de famílias era formado por 35 agregados familiares. Acrescentam-se mais quatro famílias que já viviam permanentemente em Mwaladzi, antes da seleção do local para o reassentamento.

As famílias consideradas urbanas ainda não foram reassentadas. Esse grupo é constituído por 261 famílias, dos quais 46 famílias foram afetadas pela construção do ramal que facilita o transporte do carvão mineral. As 46 famílias afetadas encontram-se a viver na vila de Moatize, alugando casas avaliadas pela Comissão de Reassentamento e pagas pela empresa. A opção encontrada para essas famílias é considerada temporária, enquanto esperam a realização do reassentamento urbano. Porém, há ainda incertezas de quando essas famílias serão reassentadas, pois o local escolhido pela Comissão de Reassentamento não é aceito pela Rio Tinto, por considerar o terreno acidentando, que acarretará elevados custos para a construção das infraestruturas necessárias ao reassentamento.

Quanto às atividades da mina de Benga, estas iniciaram, oficialmente, em maio de 2012 e a exportação do carvão de coque teve início em junho do mesmo ano. Isso significa que as atividades de mineração iniciaram ainda com famílias vivendo na área de exploração e, que as 46 famílias prejudicadas pela construção do ramal de transporte do carvão encontram-se na situação de temporárias desde 2012 e sem definição clara do seu destino.

O processo de reassentamento aparentava ser um caminho com destino a uma melhora da qualidade de vida. As famílias foram recebendo talhões[11] de 40m por 85m, contendo habitações novas e construídas com material convencional, acesso a água, áreas de cultivo e cestas básicas[12]. O provimento das cestas básicas visava garantir que as mesmas não atravessassem problemas de insegurança alimentar nos primeiros meses, pois haviam deixado de produzir em conseqüência do processo de reassentamento.

As habitações fornecidas aos reassentados foram construídas com material convencional, equipadas com sistemas que pudessem comportar o fornecimento de energia elétrica e o abastecimento de água, principalmente o proveniente das águas pluviais como forma de minimizar o problema de abastecimento de água para o consumo doméstico (figura 2). As casas também se beneficiaram de um sistema de saneamento aceitável, denominado de latrina melhorada. É importante realçar que, apesar de todos terem recebido habitações novas e convencionais, registraram-se casos em que famílias que tinham casas com dois quartos em Benga acabaram por receber casas com apenas um quarto e outras em que tinham apenas um quarto, receberam casas com dois ou mais quartos. Desta forma, há famílias que foram lesadas no processo de atribuição das novas habitações.

[11] Espaço de terra que pode seu utilizado para a construção de habitações ou para a prática de agricultura.

[12] As cestas básicas eram constituídas por milho, açúcar, sal, sabão, amendoim, óleo e peixe seco, denominado localmente por chicoa. As cestas básicas eram fornecidas de três em três meses e eram calculadas em função do tamanho de cada família e para durar os três meses.

Figura 2: Exemplo de algumas habitações construídas para os residentes de Mwaladzi

Fonte: Autor, julho de 2014

As primeiras semanas e meses foram marcadas por euforias, pois membros das comunidades reassentadas haviam conseguido trabalho na construção das habitações em Mwaladzi, haviam recebidos valores monetários "significativos", pois essas famílias não estavam habituadas a lidar com essas quantidades. A euforia de viver em casas novas contruidas com materiais convencionais atiçava o desejo de mais famílias pretenderem ser reassentadas como rurais.

No entanto, o momento de euforia teve um tempo de duração muito curto. As famílias começaram a perceber que os campos de cultivo fornecidos para a prática da agricultura não eram férteis e alguns desses campos distam cerca de 6 km. A falta de água, tanto para as necessidades domésticas como para a prática da agricultura foi e é ainda preocupante.

> "As nossas machambas[13] estão distantes. Levo muito tempo para chegar a minha machamba. Na nossa antiga comunidade a machamba estava muito perto e ainda tinha o rio próximo" (residente de Mwaladzi).
> "Já imaginou a distância que eu ando para chegar à minha machamba? Fica a 6 km, a terra não é boa, é vermelha e não tem água. Ando toda essa distância com criança no colo, botija de água, enxada. Não dá para deixar criança em casa. Isso é um sofrimento" (residente de Mwaladzi).
> "Não vou dizer que toda a terra é péssima. Isso varia de família para família. Há quem encontrou boa terra e há quem não encontrou. Mas mesmo assim, a maioria da terra não é boa para agricultura. Aonde viemos todos tínhamos terra boa e produzíamos milho, mapira e legumes. Aqui não produzimos nada" (residente de Mwaladzi).

Para famílias consideradas rurais e dependentes da agricultura, não encontrar terras adequadas para a prática da agricultura é condicionar a sua segurança alimentar à incerteza. Para além da prática da agricultura, os membros dessas comunidades cortavam lenha,

[13] São campos de cultivo agrícola.

fabricavam carvão e tijolos e quebravam a brita que eram vendidos nos mercados próximos. A nova localização não permite o desenvolvimento dessas atividades.

> "Aqui o nosso trabalho é acordar ficar sentado. Não se faz nada. Não fabricamos tijolos, nem carvão e nem cortamos lenha. Onde vamos vender? Quem vai comprar? Lá, nós vendíamos isso porque o mercado estava próximo e tinha gente que comprava. Prometeram-nos trabalho, mas nada. Não se faz nada" (residente de Mwaladzi).
> "Lá eu vendia brita e ganhava o suficiente para me sustentar. Aqui não vendo nada. Nem sei onde encontrar a brita. Mesmo se encontrar quem vai comprar? Estamos muito longe do mercado. É isso que fazemos aqui, isso que estás a ver. Nada. Só acordar e sentar" (residente de Mwaladzi).

Sem campo de cultivo adequado para a prática de agricultura e sem as atividades de sobrevivência que garantiam a segurança alimentar, as famílias se encontram em situação de grande fragilidade, isto porque as estratégias de sobrevivência escasseiam num local sem proximidade com o mercado.

> "Sobrevivemos mal. Sobrevivemos da venda da cesta básica que nos dão e que termina neste mês" (residente de Mwaladzi).
> "Este ano não produzimos nada, o tempo não ajudou. E como a terra é péssima e o tempo foi mau, então não houve produção. Como vamos viver? A cesta básica terminou. Algumas famílias estão a regressar, pois aqui não dá para viver" (residente de Mwaladzi).
> "Não sei o que será dessas famílias, pois a cesta básica terminou neste mês. Como acha que vão sobreviver numa vila onde a terra não é boa, não tem água, estão longe dos mercados, tanto de venda como de consumo? Serão capazes de fazer manifestações e fecharem a estrada principal, porque não há como sobreviver" (representante de uma ONG que tem trabalhado nessas comunidades)

Apesar de a vila estar equipada com o abastecimento de energia elétrica, constata-se que nem todas as habitações têm acesso. As fontes de abastecimento de água são poucas, ou seja, das três fontes existentes, apenas duas estão a funcionar para cerca de 480 famílias reassentadas. O abastecimento de água para a vila é preocupante, pois há registro de dias em que não há fornecimento de água. O problema se agrava ainda mais pelo fato de não haver um curso de água permanente próximo, o que poderia aliviar as necessidades das famílias. A falta de água conduziu à realização de uma manifestação quando os residentes bloquearam a passagem de caminhões. A manifestação foi silenciada aos órgãos de comunicação social, contudo acabou por forçar a uma negociação com os responsáveis da Rio Tinto, culminando com a resolução das preocupações dos residentes, com destaque para a abertura de novos poços de água.

As preocupações face ao abastecimento de água já eram levantadas pelo plano de reassentamento de Mwaladzi, porém o mesmo se reportava a um horizonte de 20 anos que é o tempo estimado para a capacidade de carga do assentamento, ou seja, fica evidente que depois de 20 anos os recursos disponíveis não atenderão as necessidades das familias e poderão dificultar ainda mais sua vida de reassentado. O estudo faz referência que "... num horizonte de 20 anos, a capacidade de regeneração do aquífero local poderá ser comprometida com o aumento da população e subsequente aumento da demanda de água, conduzindo a situações de **sobre-exploração dos recursos hídricos subterrâneos**" (IMPACTO, 2009, p.12, grifo do autor). O mesmo estudo ainda demonstra a necessidade de se sensibilizar a futura população a fazer um uso racional de água e, a necessidade de implementação de projetos de captação e abastecimento de fontes alternativas, como o das águas pluviais. Contudo, parece que o estudo equivocou-se quanto ao horizonte temporal, pois nos primeiros meses de vivência no reassentamento já começaram a surgir os problemas de abastecimento de água,

> "O problema de água é grave. Num dia acordamos com as velhas a reclamarem a falta de água, pois em nenhuma bomba a água saía. Tivemos que paralisar a estrada principal para forçarmos a Rio Tinto a resolver esse problema, pois já era constante e eles nunca resolviam" (residente de Mwaladzi).
> "Água é o maior problema que temos. Sem água não há vida. Já ficamos uma semana sem sair água. A bomba que construíram foi graças a greve[14] que fizemos. Construíram na época chuvosa. Vai secar um dia. E como ficaremos?" (residente de Mwaladzi).
> "Água é um dos principais problemas daquele reassentamento. Não tem rio próximo. Como podem sobreviver sem água nas bombas e sem rio próximo. Aquilo é uma tristeza" (representante da ONG que trabalha nas comunidades reassentadas)

Outro problema nos reassentamentos é a falta de transporte que encarece as fontes de sobrevivência dessas famílias. O transporte público existente apenas circula entre a vila de Moatize e a área de reassentamento da Vale, que dista cerca de 4 km da de Mwaladzi. Para se deslocarem até a vila as famílias têm que suportar o custo de 35,00[15] meticais para chegar ao reassentamento da Vale, onde pagarão mais 25,00 meticais para chegar a vila de Moatize. Mas, apesar desses valores pagos os reassentados consideram ainda um ganho, pois até finais de 2013 não havia transporte público para a vila, as comunidades estavam isoladas.

O percurso de 4 km até ao reassentamento da Vale poderia ser feito à pé, porém, esse percurso é inseguro em razão da violência, com registro de assassinatos. Isto porque no início do processo de reassentamento as famílias ainda possuíam os valores das indenizações e alguns investiram em motos e outros bens, que atraíram vândalos que passaram a atuar neste trecho da estrada. As meninas que tinham que estudar na escola do reassentamento da Vale, escola do nível médio, desistiram com medo de violência sexual que crescia. Foi com a manifestação pela falta de água realizada por essa comunidade, que acabou por forçar a Rio Tinto a colocar um meio de transporte para as crianças irem à escola. Esse meio de transporte pode ser aproveitado pelos habitantes de Mwaladzi, já que há carências de transporte. Os estudantes se beneficiam gratuitamente, mas os demais habitantes pagam pelo seu uso. Porém, é importante destacar que esses meios de transporte apenas circulam em determinadas horas do dia, em função do horário escolar.

A construção dessas infraestruturas figurava como um dos principais ganhos para essas comunidades, porém o mesmo não reflete a verdade, já que as mesmas tinham acesso a escolas e unidades sanitárias da vila de Moatize, pois a sua localização (em Benga) facilitava o uso desses serviços.

O projeto de reassentamento também incluía a construção de um cemitério e de locais de cultos. Passados mais de três anos depois da realização do primeiro reassentamento, constata-se que não existem locais de cultos, nem mesquitas e nem igrejas. Os entrevistados relatam serem "obrigados" a viajarem até a vila de Moatize para terem acesso a uma mesquita ou igreja. O processo de reassentamento não resgatou os locais sagrados. As comunidades perderam seus espaços sagrados. E um dos principais constrangimentos neste processo está relacionado com a construção do cemitério. O projeto demarcou um espaço para a sua localização, porém as famílias reassentadas, assim como as famílias que já viviam naquela área, comungam o fato de não utilizarem esse serviço, pois segundo suas crenças, a partir do momento em que for criado o cemitério serão provocadas novas mortes nas comunidades.

[14] Os entrevistados usam a palavra greve para se referir a manifestações de reivindicações dos seus direitos. Normalmente essas manifestações são direcionadas a paralisação das vias de acesso, com vista a forçar uma negociação.
[15] São aproximadamente 3,00 reais. São motobois que fazem o transporte de pessoas e alguns bens.

> "Não usamos esse cemitério porque aquela família que passar a usar esse cemitério irá chamar outros membros dessa família. Preferimos enterrar no cemitério da vila de Moatize" (residente de Mwaladzi).
> "Existe sim um cemitério, mas todos estão com medo de enterrarem os seus familiares aí. Ainda não foi realizada nenhuma cerimônia completa... Medo dos mortos lhes chamar" (residente de Mwaladzi).

A preocupação com as questões culturais parece não ter sido considerada. Os planos de reassentamento não tratam da questão cultural, apesar de se ter o conhecimento da ligação das famílias rurais com os seus antepassados. Essa relação dos reassentados encontra-se sacralizada no espaço, o que torna difícil de ser resgatada, pois o deslocamento compulsório acaba por destruir todo e qualquer tipo de relação que mantinham com aquele espaço específico, que fazia parte do seu cotidiano e de sua vida sociocultural.

Um reassentamento que conduz à degradação da qualidade de vida

Na construção de uma sociedade, os processos que o produzem são dinâmicos, podendo apresentar dinâmicas lentas, moderadas ou aceleradas. Esses movimentos se emergem dos processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, processos esses cuja compreensão ajuda-nos a apreender as transformações espaciais com implicações sociais, culturais e econômicas ao nível das famílias atingidas pelo projeto de Benga.

Compreendemos o conceito de território na acepção de Sack (2011), considerando que um espaço torna-se território a partir do momento em que as fronteiras são usadas para afetar o comportamento no seu interior. As aldeias atingidas pelo projeto de Benga eram constituídas por famílias lideradas por um régulo, isto é, cada aldeia tinha uma liderança local, escolhida ou indicada por regras locais. Apesar de todas as aldeias apresentarem a mesma (ou muito próxima) estrutura organizacional, constata-se que a diferença estava no poder que cada líder comunitário exercia para cada uma de suas áreas. Nesse caso, o limite de cada uma dessas comunidades coincidia com o limite do exercício do poder de cada líder comunitário, ou seja, o conjunto de práticas e expressões materiais e simbólicas usadas pelas lideranças locais para garantir a apropriação e permanência no território constituíam a emanação da territorialidade[16].

Apesar de a terra ser propriedade do Estado, as comunidades tinham a terra como pertença dos seus antepassados, os quais confiavam a sua gestão aos líderes comunitários, que eram os seus representantes na terra. Esses processos permitiam que as comunidades administrassem suas terras e fossem os responsáveis para atribuir terras aos que necessitassem. A interferência do Estado na organização espacial das famílias rurais teve início com a implementação da política de socialização do campo, projeto este que visava alterar as formas de organização espacial da família rural para que se pudesse eliminar o desenvolvimento capitalista e a possibilidade de um regresso ao considerado sistema tradicional de organização das famílias rurais.

Este processo de desterritorialização, como já explicado, teve o seu término com o fim do projeto socialista, em meados da década de 80. Terminado essa fase, iniciou-se a construção de mecanismos legais para a introdução de políticas neoliberais que seriam responsáveis por processos de desterritorialização da família rural e/ou de comunidades locais. Se no período de orientação socialista os processos de desterritorialização visavam alterar o centro de acumulação, de uma acumulação individual para a acumulação social, neste período o cenário tende a proporcionar a mudança do centro de acumulação, passando

[16] Cf. CORRÊA, Roberto L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; Souza, Maria A. A. de; SILVEIRA, Maria L. (Orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. p. 251-258.

da acumulação social para a acumulação individual ou coorporativa. É o período do (re)início dos processos de acumulação por espoliação, onde o capital internacional (re)descobre que poderia sobreviver à crise capitalista recorrendo a uma "série de ordenações espaço temporais" (HARVEY, 2012, p.113), que permitem manter o sistema sobrevivente. A recorrência aos recursos naturais da periferia é estratégica e, neste caso, Moçambique faz parte desse tipo de solução.

A atração de investimento estrangeiro se manteve enquanto se dificultava a transição da valoração da terra, isto é, do valor de uso para o valor de troca, de acordo com os interesses do sistema socialista. Mas a introdução de reformas legislativas, transportadas pelos Programas de Reabilitação Econômica (PRE) dão à terra valor de troca. Esta reforma da legislação da terra permitiu a materialização desse objetivo e, com isso se garantiu que o capital encontrasse um terreno fértil para as suas ações.

Muito embora a Constituição da República defenda a terra como propriedade do Estado, sem possibilidades de venda, nem de alienação e aluguel, constata-se que as legislações de terras e de minas vieram, sutilmente, contrapor esse princípio. Formalmente a legislação de terras vai ao encontro do princípio defendido pela Constituição, mas ela facilita o processo de expropriação da terra às famílias rurais. O processo ocorre, a partir do momento em que a terra se apresentar como objeto de interesse do capital, tanto nacional como estrangeiro. Essa facilidade é reforçada, formalmente, pelo ponto 2 do artigo 43 da Lei de Minas de 2002 que defende a priorização do uso mineiro sobre qualquer outro tipo de uso.

A Riversdale Moçambique e, posteriormente a Rio Tinto possuem direito exclusivo de uso da terra para a exploração do carvão de Benga, expresso no artigo 4.8 do contrato de exploração mineira assinado com o governo moçambicano que lhes concedeu a propriedade da terra por um período de 25 anos, renováveis. O contrato refere que,

> O Concessionário Mineiro terá o direito de uso e aproveitamento exclusivo da terra e beneficiar de toda ou qualquer porção de terra dentro de uma Área de Concessão Mineira, sujeito à aquisição do título de uso e aproveitamento da terra e à aquisição e extinção de direitos de terceiros mediante pagamento de compensações e/ou relocação de acordo com a Lei de Minas, e outra Lei Aplicável e este contrato (MOÇAMBIQUE, 2009, p.23).

O contrato reduz tudo a uma questão monetária, considerada "justa" de acordo com as regras do mercado. Para além da realização de um reassentamento que em regra deve repor às famílias prejudicadas condições que se equiparem às que já possuíam, o mesmo reduz todos os pertences das famílias a valores monetários a serem indenizadas. Nesse aspecto, constata-se a ausência dos valores culturais que efetivamente serão perdidos. A não inclusão, provavelmente, pode estar relacionada com a dificuldade de mensuração econômica desses valores. A "soberania" da propriedade do espaço pelo concessionário é garantida pela recorrência aos tribunais caso as famílias não concordem com as avaliações monetárias de seus bens. Isto significa que para as famílias atingidas não lhes resta alternativa senão a sua deslocação compulsória, pois o mercado não consegue indenizar uma árvore de frutas que fornece alimento para as famílias, além de ser uma alternativa de sobrevivência em tempos de escassez e também proporcionar sombra. Como encontrar um valor justo de indenização pela perda da proximidade a um rio? Como indenizar, justamente, uma família pela história calcada, construída naquele território? Que tribunal estaria em condições de calcular uma valoração "justa" que fundamentasse a indisponibilidade das famílias aceitarem as indenizações oferecidas pelo projeto?

Tanto o contrato como as legislações referentes à exploração mineira e à aquisição do direito de uso e aproveitamento da terra são pobres em termos de informação referente ao processo de reassentamento. A legislação de terra não se refere ao processo de reassentamento, apenas destaca que em caso de deslocação de famílias rurais, esta deve ser antecedida de uma indenização "justa". Já a legislação de minas, incluindo o seu regulamento, destaca a exigência de se realizar um reassentamento, para além da

indispensabilidade de uma indenização "justa" e antecipada à realização do reassentamento. Embora o contrato mineiro e a legislação de minas se reportem à realização de reassentamento, constata-se que não existia, até a realização do processo de reassentamento da Riversdale Moçambique e da Rio Tinto, uma legislação sobre o processo de reassentamento[17].

O processo de reassentamento foi conduzido com base no manual operacional do Banco Mundial, OP 4.12 - Anexo A de dezembro de 2001. As mineradoras Riversdale/Rio Tinto seguiram esse manual, apesar de não terem respeitado alguns pontos, como o caso da participação de organizações da sociedade civil e a participação das famílias na escolha de um local que seja compatível culturalmente com os interesses das comunidades a serem deslocadas. Para a aquisição do direito de uso e aproveitamento da terra, as empresas estavam obrigadas a seguir a legislação moçambicana referente ao assunto (que é a Lei de Terras de 1997, seu regulamento e o Anexo Técnico).

O processo de espoliação das terras das comunidades atingidas pelo projeto de Benga, mascarado com a designação de reassentamento, foi alimentado de esperanças de melhorias nas condições de vida. Embora a única alternativa apresentada às famílias fosse a sua deslocação compulsória, o beneficiamento de novas casas construídas com material convencional e a possibilidade de trabalho alimentara o desejo de mudança. Reassentar significava melhorar suas condições de vida e, o projeto de reassentamento aprovado demonstrava possibilidades de melhoria na qualidade de vida. Porém, o sonho nunca chegou a concretizar-se, as condições encontradas nos locais de reassentamento e, a falta de um acompanhamento para a inserção dessas comunidades nos novos locais acabou por precarizar ainda mais o seu nível de vida.

> "Quando nos informaram que íamos mudar, também nos informaram que as nossas vidas iam melhorar. Viemos muito esperançosos porque reassentamento deveria ser um ganho. Não é isso, você que estudou muito?" (residente em Mwaladzi)
> "Porquê nos colocaram nesse lugar? Será que somos da Renamo[18]? Porque não nos colocaram em Malawi para morrermos?" (residente em Mwaladzi).

As indenizações recebidas, que resultaram da avaliação "justa" dos seus bens segundo as regras do mercado, permitiram aos reassentados adquirirem bens aos quais não tinham acesso devido à incapacidade de suas poupanças. Poucos se preocuparam em encontrar novas fontes de sobrevivência, ou até mesmo de poupar, pois a influência exercida pelos valores monetários impulsionou o consumo por vezes desnecessário para a sobrevivência das famílias atingidas. A confiança no processo de reassentamento era maior. A terra, o principal fator de produção estaria ao alcance das famílias e, sustentaria a tese defendida por Negrão (1996), em que a agricultura se apresenta como a principal fonte de subsistência da família rural, mesmo quando são encontradas outras fontes de rendimento, ou seja, a família rural nunca abandona a produção agrícola para depositar confiança em outros tipos de atividades.

A necessidade de obtenção de outros bens que são importantes para o cotidiano familiar além de outros para facilitar as atividades da família não impedem que se invista na agricultura. Autores como Castel-Branco ([199-], 1984), CEA (1979, 1983), Almeida Serra (1991) e Negrão (1996) defendem que uma das características do agricultor familiar moçambicano é encontrar outras fontes de rendimento que ajudem a investir na agricultura, com novos fatores de produção. Essas aquisições encontram barreiras em Mwaladzi, pelo fato das terras destinadas à prática agrícola não serem férteis e apresentarem dificuldades no

[17] A legislação sobre o reassentamento foi aprovada em 2012. Mesmo assim, a Rio Tinto, que realizou o processo de reassentamento em 2013, não seguiu esta legislação. Isso pode ser explicado pelo fato desse processo ser a continuação daquele realizado pela Riversdale Moçambique e, por este não passar por um processo de autorização pelas instituições responsáveis, pois os mesmos já haviam autorizado no passado.
[18] RENAMO é o movimento que liderou a guerra civil em Moçambique.

acesso à água, ou à proximidade de um rio. Este cenário contribui para o desincentivo a qualquer tipo de investimento nessa atividade.

O plano de reassentamento apresenta-se distanciado da realidade da organização sócio-espacial das famílias atingidas. Sua organização espacial atende a uma forma de povoamento concentrado, diferindo do disperso que caracterizava a forma de organização dessas famílias. Mwaladzi lembra as aldeias comunais implementadas durante o período de orientação socialista que vigorou em Moçambique. Essa forma de organização espacial concentra as habitações e as distancia das áreas de produção, ou seja, há um distanciamento entre o espaço produtivo e o espaço residencial.

Essa forma de organização do espaço associada à fraca qualidade do solo para a prática da agricultura e à falta de água, inclusive para a satisfação das necessidades domésticas, obriga as comunidades a percorrerem longas distâncias para ter acesso aos campos de cultivo, implicando em tempo maior dispendido para produzir assim como nas precárias condições para o transporte da produção. As formas de solidariedade social, em que uma família pode solicitar o apoio de outra para ajudar nas colheitas podem tornar-se inviáveis dadas às distâncias a serem percorridas. Ressalta-se ainda que nos novos locais de reassentamento não se desenvolvem as hortas, localizadas no quintal da casa principal, onde são cultivados os legumes e as hortaliças.

O reassentamento realizado pela Riversdale Moçambique/Rio Tinto é um processo que evidencia uma dinâmica na construção, destruição e reconstrução dos territórios das comunidades locais atingidas. Compreendemos o processo de construção dessas comunidades como sendo algo alimentado ao longo do tempo, resistindo às várias influências exercidas sobre elas. Embora as dinâmicas desse movimento possam se caracterizar como lenta, moderada ou acelerada, elas podem, também, provocar mudanças profundas ou rápidas, uma vez que a (re)construção dessas comunidades está em constante movimento. Contudo, a definição da velocidade do movimento vai depender do interesse subjacente de quem o administra. Para o caso de Benga, o movimento é bastante acelerado, em função dos interesses capitalistas nele refletido. A desterritorialização, geradora de mecanismos impulsionadores da acumulação por espoliação, não permite que a reterritorialização obedeça à dinâmica tempo-espacial local, ou seja, o tempo dominante é o tempo universal, aquele que atende as necessidades do capital internacional.

As mudanças que resultam desse processo caracterizam-se como profundas, com alterações significativas resultantes de políticas neoliberais, introduzidas no país para satisfazerem os interesses do capital internacional (por vezes associado ao capital nacional). A destruição e a reconstrução são movimentos associados que para o caso moçambicano são irreversíveis. O processo está associado à acumulação por espoliação que degrada a qualidade de vida das famílias atingidas, movimento este que é conduzido pela força da “expulsão” das famílias dos seus territórios e jogados em espaços desprovidos de tempo condensado, o qual denominamos de "espaços primitivos".

Referências

ALMEIDA SERRA, António M. de. **Política agrária e desenvolvimento econômico na República Popular de Moçambique, 1975-85:** contribuição para o estudo da economia política da República Popular de Moçambique. 1991. 791 f.Tese (Doutorado em Economia) - Institutto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

ARAÚJO, Manuel G. M. de. **O sistema das aldeias comunais em Moçambique:** transformações na organização do espaço residencial e produtivo. 1989. 479 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

CASTEL-BRANCO, Carlos N. Os mega projetos em Moçambique: que contributo para a economia nacional. **Anais...** *Fórum da Sociedade Civil sobre Indústria Extrativa.* Maputo, 2008.

_____**A questão agrária em Moçambique**. In: CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS. W*orkshop Moçambique no pós-guerra: Diálogos e perspectivas*:. Maputo, [199-]

_____**Trabalho assalariado e pequena produção mercantil na estratégia de socialização do campo.** Maputo: Centro de Estudos Africanos/Departamento de Economia do Comité Central do Partido Frelimo, 1984.

CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS. **As famílias camponesas da Angónia no processo de socialização do campo.** Maputo, 1983.

_____. **Problemas de transformação rural na província de Gaza:** um estudo sobre a articulação entre aldeias comunais selecionadas, cooperativas agrícolas e a unidade de produção do baixo Limpopo (unpbl). Maputo, 1979.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ECONÔMICA. **Valorização do carvão**. Maputo: Ministério do Desenvolvimento e Planificação Econômica. Informação C. D. E., nº 2/77., 1977.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do Território. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. **Campesinato e territórios em disputa.** São Paulo: Expressão Popular, 2008. pp. 273-302.

HAESBAERT, Rogério**.** Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná E. de et al. **Geografia:** conceitos e temas**.** 10ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007. p. 165-205.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____ **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HEDGES, David. **História de Moçambique:** Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961. 2ª edição. Maputo: Livraria Universitária Eduardo Mondlane, 1999. v. 2

HUMAN RIGHTS WATCH. "**O que é uma casa sem comida?"** o boom da mineração em Moçambique e o reassentamento. Estados Unidos da América, 2013.

IMPACTO. **Projeto de reassentamento de comunidades deslocadas na área de Muarádi, distrito de Moatize**. Documento de discussão. Maputo, 2009.

IMPACTO; RIVERSDALE. **Projeto para o reassentamento de comunidades deslocadas na área de Muarázi, distrito de Moatize:** termos de refrência do estudo ambiental simplificado. Maputo: IMPACTO, 2009.

IMPACTO; GOLDASSOCIATION; RIVERSTALE. **Relatório de Estudo de Impacto Ambiental:** relatório executivo. Maputo: IMPACTO, 2009.

MADER; FAO. **Lei de terras 19/97 e seus regulamentos:** português - xisena. Maputo, 2001.

MATOS, Elmer A. C. de; MEDEIROS, Rosa M. V. Acumulação por espoliação: uma reflexão sobre a sua introdução em Moçambique. In: ***Revista IDeAS* - Interfaces em**

Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Rio de Janeiro - RJ, v. 7, n. especial, 228-259. 2013

_____ Evolução e distribuição espacial da população na cidade de Mocuba. **Geografia Ensino & Pesquisa,** Santa Maria, V. 14, no. 3, p. 46-61, jul/dez, 2010.

MOÇAMBIQUE. Constituição. **Constituição da República Popular de Moçambique de 25 de junho de 1975.** Maputo: Boletím da República, 1975.

_____. **Lei nº 6/79 de 3 de julho. Lei de Terras**. Maputo: Boletím da República, 1979.

_____. **Lei nº 4/84 de 18 de agosto.** ***Aprova a Lei do Investimento Estrangeiro***. Maputo: Boletím da República, 1984.

_____. **Lei nº 2/86 de 16 de abril. Lei de Minas.** Maputo: Boletím da República, 1986.

_____. **Lei nº 13/87 de 13 de fevereiro.** ***Aprova o Regulamento da Lei de Minas*****.** Maputo: Boletím da República, 1987.

_____**Decreto nº 16/87 de 15 de julho.** ***Aprova o Regulamento da Lei de Terras*****.** Maputo: Boletím da República, 1987

_____**Constituição. Constituição da República de Moçambique**. Maputo: Boletím da República, 1990.

_____. **Lei nº 19/97 de 1 de outubro. Lei de Terras***.* Maputo: Boletím da República, 1997.

_____. **Decreto nº 66/98 de 8 de dezembro. Aprova o Regulamento da Lei de Terras**. Maputo: Boletím da República, 1998.

_____**Lei nº 14/2002 de 26 de Junho. Lei de Minas**. Maputo: Boletím da República, 2002.

_____**Decreto nº 62/2006 de 26 de dezembro. Aprova o Regulamento da Lei de Minas.** Maputo: Boletím da República, 2006.

_____**Contrato mineiro entre o governo da República de Moçambique e Riversdale Moçambique Limitada**. Ministério dos Recursos Minerais. Maputo, 2009.

NEGRÃO, José. **A participação das comunidades na gestão dos recursos naturais**. In: PROJECTO COMRES GTA/MICOA. *A participação das comunidades na gestão dos recursos naturais: r*elatório final. Maputo, 1996. p. 5-21.

_____ **terra e a economia da família rural no delta do Zambeze**. In: MADER. *Seminário da Comissão de Terra*. Maputo. 1995.

SACK, Robert D. **O significado de territorialidade**. . In: DIAS, Leila C.; FERRARI, Maristela (orgs). *Territorialidades humanas e redes sociais*. Florianópolis: Insular. 2011. p. 63-89.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

Recebido para publicação em 20 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 6 de junho de 2015

Minería en México en el marco de la Acumulación por Desposesión

Violeta R. Núñez Rodríguez
Doctora en Desarrollo Rural,
Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco
e-mail: violeta_nichim@hotmail.com

Resumen

En las últimas dos décadas, la minería en México creció de manera inusual. En este período la producción minera fue cuatro veces más en comparación con la producción total de los 300 años que duró época colonial. Este resultado fue posible gracias a una ley especial de México, *Ley Minera*, que permitió la privatización de la minería (anteriormente en propiedad estatal). De esta manera, México ha concesionado 61 millones de hectáreas de su territorio, a las empresas mineras nacionales y extranjeras, por un período que puede ser de 50 a 100 años. Este proceso ha sido parte de la acumulación por desposesión, que se ha intensificado en los últimos años, en respuesta al proceso de crisis global y a la demanda creciente de minerales. En contraste a la expansión minera, por todo el territorio mexicano, emergen resistencias sociales.

Palabras clave: expansión minera, acumulación por desposesión, resistencia social.

Mineração no México sob o Acumulação por Espoliação

Resumo

Nas últimas duas décadas, a mineração no México cresceu extraordinariamente. Neste período de produção da mina era quatro vezes mais em comparação com a produção total da era colonial com 300 anos de comprimento. Este resultado foi possível graças a um ato especial do México, Lei de Minas, o que permitiu a privatização de mineração (ex-estatal). Assim, o México concedeu 61 milhões de hectares do seu território, empresas nacionais e estrangeiras de mineração, de um período pode ser de 50 a 100 anos. Este processo tem sido parte da acumulação por espoliação, que tem se intensificado nos últimos anos, em resposta ao processo de crise global e à crescente demanda por minerais. Em contraste com a expansão da mineração, todo o México, resistência social emergir.

Palavras-chave: a expansão da mineração, a acumulação por espoliação, resistência social.

Mining in Mexico under the Accumulation by Dispossession

Abstract

In the two last decades, the mining in Mexico grew from unusual way. In this period mining production was four times more compared to the production of the 300 years of the Colonial period. This result was made possible by a special Mexican law, Mining Law, which allowed the privatization of mining (formerly state-owned). In this way, Mexico has granted, 61 million hectares of their land, to domestic and foreign mining companies, for a period that may be

from 50 to 100 years. This process has been part of accumulation by dispossession, which has intensified in recent years, in response to the process of global crisis and the growing demand for minerals. In contrast to the mining expansion, throughout Mexico, social resistance emerge.

Keywords: mining expansion, accumulation by dispossession, social resistance.

Introducción

Desde hace dos décadas, México comenzó a vivir una verdadera transformación agraria a partir de la entrega, por parte del Gobierno Federal, de concesiones mineras a empresas privadas nacionales y extranjeras. Si bien no se ha transformado la estructura de la tenencia de la tierra, debido a que las concesiones otorgan el derecho a los recursos minales, más no el derecho de propiedad, en los hechos, las empresas mineras se apropian de los territorios mientras están vigentes los títulos de las concesiones. Dicha vigencia puede ser de 50 años, con posibilidad de ampliarlo por el mismo periodo. Es decir, las concesiones pueden ser ¡hasta por un siglo!

De acuerdo con la Presidencia de la República, en 2013 la extensión de las concesiones mineras vigentes abarcaban, 30 millones de hectáreas (EPN, 2013); aunque el Gobierno Federal, por medio de la Secretaría de Economía (dependencia responsable de otorgar las concesiones), reconoce que de 2001 a 2012, otorgó 28,807 títulos de concesión que amparan una superficie de casi 62 millones de hectáreas (Secretaría de Economía, 2014). Este resultado, que representa una gran expansión de la actividad minera por diversos estados de la República Mexicana, ha sido parte del proceso de acumulación por desposesión de los últimos 20 años, que si bien sus características no se circunscribe a este periodo, si se ha intensificado en éste, como lo veremos en las siguientes líneas.

Al respecto, autores como Armando Bartra (2014) fundamentan cómo las características que engloba el proceso de acumulación por desposesión, han sido inherentes al capital. Asimismo, analiza cómo después de Marx, quien fundamenta el origen del capital como un proceso de acumulación originaria, diversos autores han resaltado cómo algunas de las particularidades de este origen, han pervivido a través de la historia de este régimen de acumulación. John Stuart Mill en 1848, señalaba que para contrarrestar la caída de la tasa de ganancia, el capital se expande sobre su periferia aún no capitalista. Por su parte, Hilferding en 1909, escribía que la riqueza capitalista se sustentaba con los métodos de la acumulación primitiva (BARTRA, 2014). Tan sólo algunos años después, Rosa Luxemburgo en 1912, indicaba que:

> "el capital no puede desarrollarse sin los medios de producción y fuerzas de trabajo del planeta entero. Para desplegar, sin obstáculos, el movimiento de acumulación, necesita los tesoros naturales y las fuerzas de trabajo de toda la Tierra. Pero como éstas se encuentran, de hecho, en su gran mayoría encadenadas a formas de producción precapitalistas […] surge de aquí el impulso irresistible del capital a apoderarse de aquellos territorios y sociedades" (LUXEMBURGO, [1912] 1967, p. 280).

A ella siguieron, Hannah Arendt, quien en 1951 indicaba que el "pecado original" que había dado pauta a la acumulación de capital, era repetido; Samir Amin, señalaba que los mecanismos de la acumulación primitiva no son parte de la prehistoria del capitalismo, sino contemporáneos (AMIN, 1975). Y más reciente, Bonefeld en 2001, apuntaba que la acumulación primitiva es consustancial a la reproducción capitalista en todas las épocas (BONEFELD, 2001); y De Angelis, quien argumenta que en el capitalismo maduro se encuentra la acumulación originaria como un proceso inherente (DE ANGELIS, 2001).

Así, como veremos, las características presentes en la acumulación por desposesión no se presentan sólo durante estas últimas décadas. Podríamos decir que han sido una

constante a lo largo de todo el proceso de acumulación de capital. No obstante, durante las últimas dos décadas, estos procesos se han exacerbado. De allí la importancia de retomar el concepto de David Harvey, acumulación por desposesión, quien identifica características particulares de esta nueva etapa por la que está atravesando el capitalismo actual, como es el caso de la intensificación de la minería, posible debido al proceso de privatización de la actividad (antes en propiedad estatal), que se deriva de la aprobación a nivel federal de una *Ley Minera* (Cámara de Diputados, 1992), enmarcada en una reforma constitucional que hace factible la compraventa de la propiedad social mexicana (ejidos y comunidades agrarias).

En los hechos, la expansión minera, para muchas comunidades, ha representado un despojo del territorio. Ante esto, el Observatorio de Conflictos Mineros de América Latina, identifica 35 conflictos en territorio mexicano. Por su parte, la Secretaría de Gobernación identifica 30 focos rojos, por disputas de terrenos entre comunidades indígenas y empresas extranjeras (Secretaría de Gobernación, 2014).

Estos despojos que se hacen de manera legal, y en muchos casos, de manera violenta, son semejantes, a decir de David Harvey (2004), a las características del proceso de acumulación originaria, que constituyó el punto de partida del capital. En este sentido, reitero, retorno a Harvey por su abordaje de un proceso permanente, pero a la luz de la etapa actual del régimen de acumulación, entre ella, la desposesión producida en el proceso de la financiarización (en ella inmersa la actividad minera). En este sentido, inicio el artículo presentando brevemente los procesos de despojo originarios y permanentes, que lleva a cabo el capital, a fin de aterrizar el caso de la minería mexicana, como un acontecimiento que contiene las características del fundamento del capital.

No sin dejar de retomar algunas críticas como las elaboradas por Bartra, quien sostiene que el despojo no es acumulación. Para devenir en acumulación debe de valorizarse mediante el trabajo, “y es que la clave de la acumulación de capital ha sido, es y será la plusvalía” (BARTRA, 2014).

¿Acumulación originaria permanente?

Primer despojo. El despojo inicial, acumulación originaria

Desde que nace el capital, con el proceso de acumulación originaria, nace despojando a los campesinos de su principal medio de producción, la tierra. Este despojo se hace de manera violenta, y de manera legal (MARX, 1978).

La colonización en América y en África, formó parte de este proceso de acumulación originaria. Así, se vivió un proceso de “desacumulación”, que consistió en que “durante el colonialismo español –y europeo– operó la transferencia a Europa de inmensas riquezas de metales preciosos, adquiridos a costos monetarios irrisorios (pero a costos sociales enormes)… que para Europa significó acumulación primitiva multiplicada, para América Latina –también Asia y África– implicó la desacumulación catastrófica de sus recursos humanos y naturales” (ARGÜELLO, 2008 p.78).

Frente a esto, que sería una enajenación sujeto-objeto, o sujeto-sujeto (la tierra y los recursos contenidos en ella, son considerados como un sujeto), la única opción que les queda para sobrevivir, a los sujetos despojados de su tierra, es venderse como fuerza de trabajo. Pero el despojo no concluyó con este proceso inicial, que marca el punto de partida del capital, como lo veremos en las siguientes líneas.

Segundo despojo. El despojo permanente a la fuerza de trabajo

Al venderse como fuerza de trabajo para sobrevivir, sin opción alguna (no olvidemos que las leyes obligaban a todos los “desposeídos” a incorporarse al proceso productivo, de

lo contrario, había castigos intensos –Marx, 1978–), sufrían un segundo despojo. Éste consistió en que no todo el valor creado, durante el proceso productivo, era retribuido en forma de pago al trabajador, generándose con esto un valor adicional, un plusvalor, que fue apropiado por el comprador de la fuerza de trabajo. Este despojo se convirtió en permanente, lo que permitió ir acrecentando y concentrando la ganancia de unos cuantos.

No está demás decir, que la apropiación de este valor adicional, no retribuido al creador de ese valor, ha sido la base y razón de ser de este régimen de acumulación de capital. La ganancia ha sido su lógica.

Así, este segundo despojo, en donde ocurre un proceso de enajenación sujeto-objeto (creación del sujeto), se establece como permanente.

Tercer despojo. El despojo permanente a la naturaleza

El proceso de trabajo, acto donde se crea el valor a partir de la fuerza de trabajo, requiere de manera permanente medios de producción. Estos medios de producción, son producto de la creación natural. La naturaleza es quien los ha creado, pero el hombre se los apropia, los transforma en mercancía (una mercancía ficticia, como lo indica Karl Polanyi –2003–) con la finalidad de incorporarlos al proceso productivo, y de esta manera crear un valor adicional, que posteriormente se transformará en ganancia.

Con esta idea, el capital va incorporando cada vez más (de manera irracional) medios de producción (entre ellos, capital constante circulante), para lo cual tiene que recurrir a “saquear” constantemente al medio natural. Muchos de los medios de producción, que serán utilizados como materias primas, son recursos naturales no renovables (petróleo, gas, minerales).

En suma, en este tercer despojo, la que es “victima de la enajenación”, es la naturaleza, una naturaleza que es agredida permanentemente. En los hechos, retomando el concepto de subsunción, la naturaleza se encuentra subsumida en el capital.

No está demás decir, que quien logra apropiarse de la naturaleza (por diversos mecanismos), podría recibir una renta de la tierra (de aquí la discusión y contradicción, abordada por Marx, entre terratenientes y burguesía), por dicha apropiación. Es por esto, que la apropiación de la naturaleza se vuelve tan importante, y el desojo se hace permanente, edificando características similares a las de la acumulación originaria porque el capital avanza a espacios de propiedad social.

Cuarto despojo. Acumulación por desposesión

Cuando el capital entra en crisis de sobreacumulación, lo cual frena el proceso de producción (con ello aumenta el desempleo) y de consumo (las mercancías no son vendidas, por lo tanto no hay realización de plusvalía), el sistema recurre a otros medios para seguir ganando, porque no olvidemos, esa es su razón de ser.

Empieza a desposeer, tanto a los individuos como a la naturaleza, de todo (pero de todo) lo que sea posible, mediante su apropiación, expropiación, o robo. Este proceso de desposesión, que en muchos casos es violento, va siendo legalizado (mediante las leyes), es decir, toma características del proceso de acumulación originaria, que fue el punto de partida del capital.

Estos despojos se encuentran, entre otros, en: Comisiones bancarias, en los créditos y prestamos del sistema bancario (tasa activa); ahorros forzosos (como los del retiro); quitando pensiones generadas por los trabajadores, en las rentas de “uso de suelo” (estacionamientos); quitando derechos (a la educación, salud, vivienda, alimentación), lo que llevara a tener que pagarlos (aun pagando impuestos); eliminando conquistas históricas, como el derecho a la tierra, lo que lleva a tener que comprarla o tener que “venderla” (a precios sumamente bajos); liberando recursos naturales que eran considerados como estratégicos (petróleo, gas, energía eléctrica, minerales), y de la nación (HARVEY, 2010).

En este sentido, indica Harvey, "existe una gran variedad de prácticas de acumulación por desposesión que, superficialmente al menos, no tienen nada que ver directamente con la explotación del trabajo vivo en las fábricas y talleres para producir plusvalor en la forma descrita por Marx en *El Capital"* (HARVEY, 2010, p. 301). Al respecto, de manera crítica, Armando Bartra señala que despojo no es acumulación. Al respecto indica que "robo, saqueo, expoliación hubo en muy diferente formaciones sociales, la diferencia específica del capitalismo es que el despojo opera sobre el valor excedente creado por el trabajo, sobre una plusvalía que adopta la forma de capital" (BARTRA, 2014). Esto implica que para hablar de acumulación, es necesaria la valorización, la acumulación ampliada de capital.

En este proceso de desposesión, los gobiernos nacionales son fundamentales, ya que mediante la elaboración de marcos institucionales (reformas constitucionales, leyes, normas, reglamentos) adecuados, es posible este despojo. Un elemento similar, se vivió durante el proceso colonial, por medio de las "leyes reales" y en nombre de la Corona, se podía llevar a cabo el despojo de los territorios (en ellos incluidos, tierra, hombres-mujeres, aguas, bosques, selvas, minerales, conocimientos, entre muchos otros). Al respecto, no olvidemos las *Leyes de las Indias*, que legalizó la desposesión de tierras, de minerales, y de todas las riquezas de los pueblos originarios de América, incluida la población (Rey Carlos II de España, 1665-1700)

Aunado a esto, el proceso de fetichización también contribuye de manera importante en este proceso de despojo. No olvidemos que las cosas, las mercancías, "hechizan" (como si fueran un fetiche, teniendo el control sobre su "sujeto" a "hechizar") al conjunto de la sociedad. Todo es convertido en mercancía.

El capital se encarga de llevar a cabo este "hechizo", a fin de que los sujetos "hechizados" no paren de consumir (o quieran consumir constantemente). Por esto va creando necesidades, que sin ser "necesarias", se vuelven una "necesidad".

Así, por medio del "hechizo" de las mercancías, en donde diversos medios de comunicación, al servicio del capital, contribuyen en llevar a cabo este hecho, es posible consolidar el proceso circulatorio, a partir del cual se realiza la plusvalía.

A este espacio circulatorio las personas acuden, no por voluntad propia, sino por el fetiche. Es decir, han sido despojados de su voluntad propia, o lo que es lo mismo, viven otro proceso de enajenación, en donde ellos no se pertenecen. Algunos autores, como Negri (1999), indican que esto forma parte de la subsunción total (sometimiento y subordinación total), en la que están inmersos los sujetos en el capital.

Y dependiendo a que espacio circulatorio acudan (si hay un mayor "hechizo"), pueden vivir un despojo mayor (las mismas mercancías, con el mismo costo, pueden variar de precios de manera significativa, según el lugar de compra), o mejor dicho acumulación por desposesión.

La acumulación por desposesión: el caso de la minería

Hemos visto que el despojo, desde el nacimiento del capital, es una constante e inherente del sistémica. Tanto en el proceso originario de acumulación, como en el proceso productivo permanente, y en el proceso de obtención de materias primas (en la naturaleza) necesarias para la creación de mercancías, se viven y se sufren despojos por parte del capital.

No obstante, las crisis de sobreacumulación han llevado al capital a buscar formas de seguir acumulando. Esta forma, decía en líneas anteriores, ha sido denominada por David Harvey (2004, 2007 y 2010) como acumulación por desposesión, que implica el despojo de todo lo que sea factible, a fin de que durante la crisis, sea posible seguir con la lógica del capital. Entre ellos, los minerales (plata, oro, cobre, entre otros), son uno de estos elementos que han entrado a ser parte de esta forma de acumulación. Al respecto, como lo veremos, este proceso se lleva a cabo "legalmente", por medio del establecimiento de Leyes Mineras, que permiten tener acceso total a los recursos mineros. No obstante, dicho

proceso, en algunos territorios, se vive de manera violenta. Es decir, se presentan características similares a las de la acumulación originaria.

En este contexto, por toda América Latina se expanden empresas mineras en buscan de esta materia prima fundamental para el proceso productivo, sobre todo en la era de la microelectrónica y ante la crisis de algunos mercados (como el hipotecario, que propició la migración de los capitales al mercado de minerales). En esta región, además de que existen reservas minerales de grandes magnitudes (ver Cuadro 1), México es el principal productor de plata en el mundo; Chile el principal productor de cobre; y Brasil, el tercer productor de hierro (CEPAL, 2012), los gobiernos nacionales han ido creando las facilidades para que estas empresas puedan tener paraísos mineros.

Cuadro 1. Reservas mineras a nivel mundial en América Latina

Material	Porcentaje
Litio	65%
Plata	49%
Cobre	44%
Estaño	33%
Bauxita	26%
Níquel	23%
Hierro	22%
Zinc	22%

Fuente: CEPAL, 2012

El primer paso para iniciar estos paraísos, lo que dio pauta a la acumulación por desposesión actual, fue un proceso de privatización de la industria minera, que estando en manos del Estado, abrió la puerta a las empresas privadas tanto nacionales como extranjeras a los territorios que contienen estas materias primas, mediante la modificación de las legislaciones mineras. Estas legislaciones (como la de México y Perú, edificadas y aprobadas en 1992), fueron el segundo paso, que dio pauta al acceso al mineral. Dicho en otros términos, se legalizó la extracción de los minerales, o como dice Harvey, “se legalizó el robo, típico de la acumulación por desposesión” (HARVEY, 2010, p. 303).

En particular en México, la *Ley Minera*, que declara a la exploración, explotación y beneficio de los minerales como de utilidad pública, siendo de acuerdo con el artículo 6, “preferentes sobre cualquier otro uso o aprovechamiento del terreno” (Cámara de Diputados, 2014), otorga el derecho (mediante las concesiones), sobre más de 150 minerales. Dichas concesiones, que no tiene límite de extensión, pueden ser hasta por un siglo. Aunado a esto, la *Ley Federal de Derechos*(Cámara de Diputados, 2014), casi exceptúa a las empresas de pago de impuestos, ya que de acuerdo con el artículo 263, el pago de derechos por concesión varia entre un rango de 0.4 dólares a 9 dólares al semestre, dependiendo los años de vigencia. A partir de esto, veamos cómo se ha comportado esta actividad.

Expansión minera en México

México es el primer productor de plata en el mundo; y otros 16 minerales (oro, plomo, zinc, cobre, bismuto, fluorita, celestita, wollastonita, cadmio, diatomita, molibdeno, barita, grafito, sal, yeso y manganeso) están posicionados dentro de los 10 principales a nivel mundial. Aunque de manera muy importante, la producción[1] nacional se centra en oro, plata

[1] Utilizo el término producción, porque los minerales son extraídos a partir de un proceso productivo, en el cual se genera el valor y el plusvalor en el régimen de acumulación capitalista.

y cobre, (25%, 24% y 18%, respectivamente, del valor total de la producción minera nacional, Servicio Geológico Mexicano, 2013). Esto hace particularmente atractivo al territorio nacional, lo cual se evidencia en el número y extensión de concesiones otorgadas por el Gobierno Federal.

Estas concesiones mineras en México, que otorgan el derecho a la exploración, explotación y beneficio, se expanden por todo el territorio nacional (ver Mapa 1). De acuerdo con el *Programa de Desarrollo Minero 2013-2018* (Secretaría de Economía, 2014), "entre 2001 y 2012 se expidieron 28,807 títulos, con una superficie amparada de 61.8 millones de hectáreas" (ver Cuadro 3)[2]. Esta superficie podría abarcar uno o varios países de América Latina, ya que al menos 16 naciones (Paraguay, Ecuador, Guyana, Uruguay, Nicaragua, Honduras, Cuba, Guatemala, Panamá, Costa Rica, Dominicana, Haití, Belice, El Salvador, Jamaica, Trinidad y Tobago) tienen una superficie menor a los 617,768 Km^2 , superficie que comprenden las concesiones mineras en México. Esto evidencia la magnitud de la expansión minera en este territorio (ver Mapa 1, concesiones mineras en azul).

Mapa 1

Una parte importante de estas mineras son extranjeras. De las 3,034 sociedades mineras inscritas en el Registro Público de Minería, 1,848 son nacionales, y 1,186 extranjeras (EPN, 2014). De acuerdo con la información de la Secretaría de Economía, en México, 293 compañías de capital extranjero (ver Cuadro 2), operan 870 proyectos. En su mayoría, cerca del 86 por ciento, son empresas canadienses y estadounidenses (DGDM, 2014).

[2] En el *Primer Informe de Gobierno* (EPN, 2013) se indica que 30 millones de hectáreas, tienen la concesión vigente.

Cuadro 2. Empresas extranjeras con proyectos mineros en México 2014

	Número	Porcentaje
Total	**293**	**100**
Canadá	205	70.0
EEUU	46	15.7
China	10	3.4
Australia	6	2.0
Japón	6	2.0
UK	5	1.7
Corea	4	1.4
Chile	2	0.7
India	2	0.7
Argentina-Italia	1	0.3
Bélgica	1	0.3
Brasil	1	0.3
España	1	0.3
Italia	1	0.3
Luxemburgo	1	0.3
Perú	1	0.3

Fuente: Dirección General de Desarrollo Minero, SE,

No obstante, las empresas mexicanas, han logrado una expansión considerable. Al respecto, a partir de la información de la Bolsa Mexicana de Valores, sabemos que tan sólo una empresa, Fresnillo PLC, dedicada a la extracción y beneficio de oro, plata, plomo y zinc, tiene en su poder más de 2.1 millones de hectáreas (BMV, 2015). Esto evidencia la magnitud de las concesiones mineras, que en los hechos forman verdaderos latifundios mineros. Esto ha sido posible, decía anteriormente, porque la ley no establece límites de extensión a las concesiones mineras.

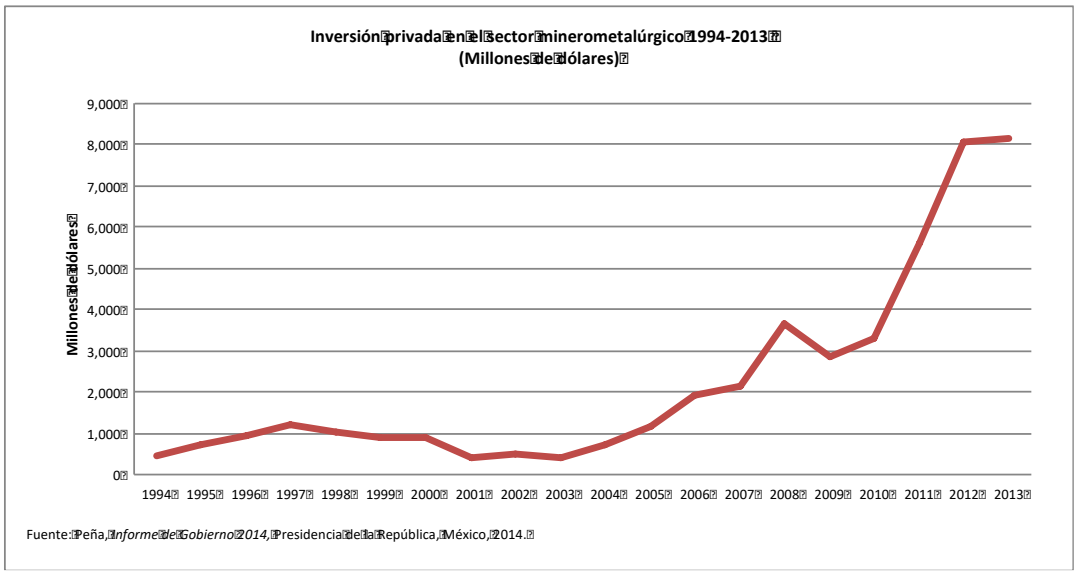
Cuadro 3. Títulos de concesión expedidos, 2001-2012

Rango (ha)	**Número de Concesiones**	**Superficie Amparada (ha)**
0 – 30	5,867	74,296
31 – 100	8,143	603,417
101 – 500	7,858	2,020,211
501-1,000	1,815	1,333,310
1,001-5,000	2,952	7,787,432
5,001 – 50,000	1,974	28,571,915
50,000 en adelante	198	21,386,238
Total	**28,807**	**61,776,819**

Fuente: SE, Programa de Desarrollo Minero 2013-2018, *DOF,* 9 de mayo de 2014.

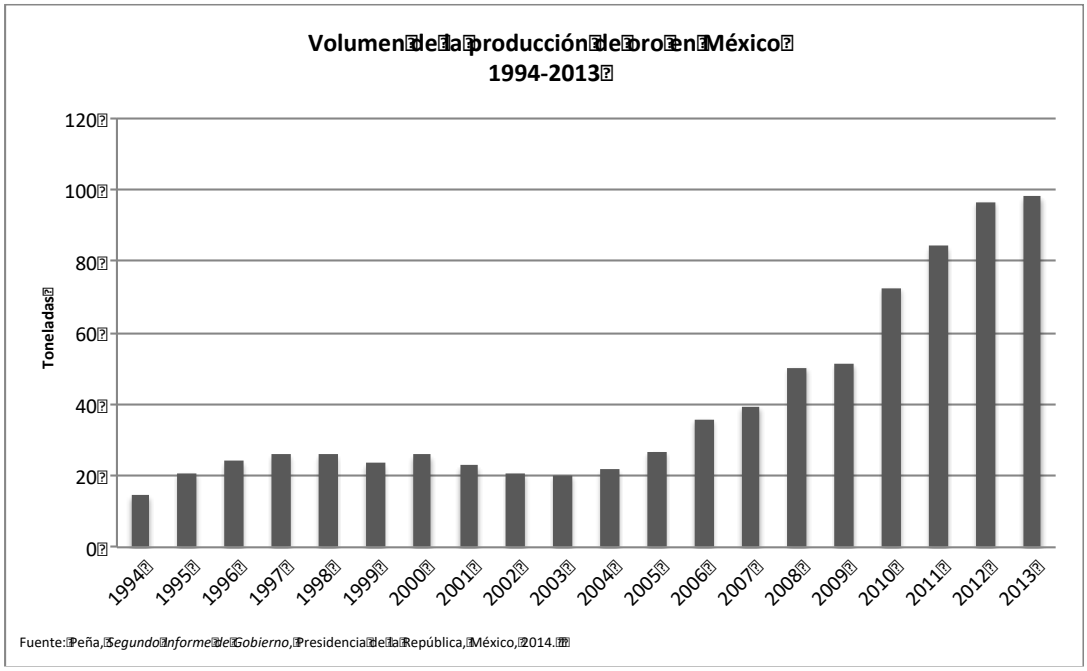
El incremento de las concesiones ha estado aparejada con el crecimiento de la inversión (Gráfica 1). Durante los últimos 20 años, este crecimiento ha sido de más de 1,647 por ciento. Esto se explica debido a que México (siguiéndole Chile) continúa siendo el primer destino de inversiones en exploración minera en América Latina (aunque recientemente con la baja de los precios internacionales, ésta se ha detenido en el conjunto de países latinoamericanos –Metal Economic Group, 2014–).

Gráfico 1



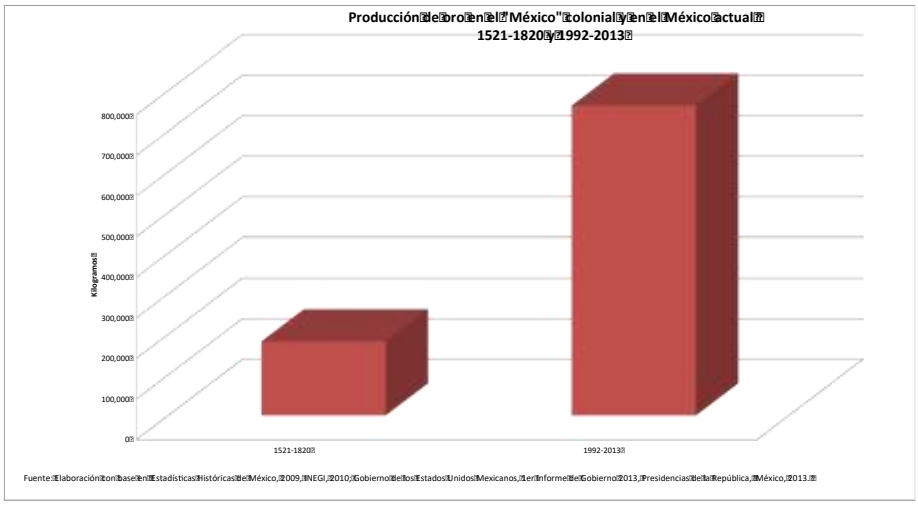
Asimismo, el incremento de la producción (volumen y valor), durante los últimos 20 años, ha sido significativa. En 1994, la producción anual de oro era de 14.6 toneladas; por su parte, en 2013, esta producción fue de 98 toneladas (ver Gráfica 2). Esto significa que la producción creció más de 570%.

Gráfico 2



A fin de dimensionar el crecimiento de la producción minera, es importante indicar que durante los últimos veinte años, se ha producido cuatro veces más oro que durante los tres siglos que duró la colonia (ver Gráfica 3). Esto, pese a los cambios tecnológicos, muestran la magnitud de la extracción que ha vivido el territorio de la nación mexicana.

Gráfica 3



Junto a esto, las exportaciones minerometalúrgicas también se incrementaron de manera importante. De 1994 a 2013, éstas crecieron más de 1,000% (Cuadro 4). La producción minera, se dirige a más de 50 países, pero sólo a Estados Unidos se destina el 80% de la plata que México exporta, siendo la principal nación productora del mundo. Por su parte, del total de oro exportado, el 70% también se dirige a esta nación. En cuanto al cobre, el 55% del total de las exportaciones, se dirige a China (Secretaria de Economía, 2014).

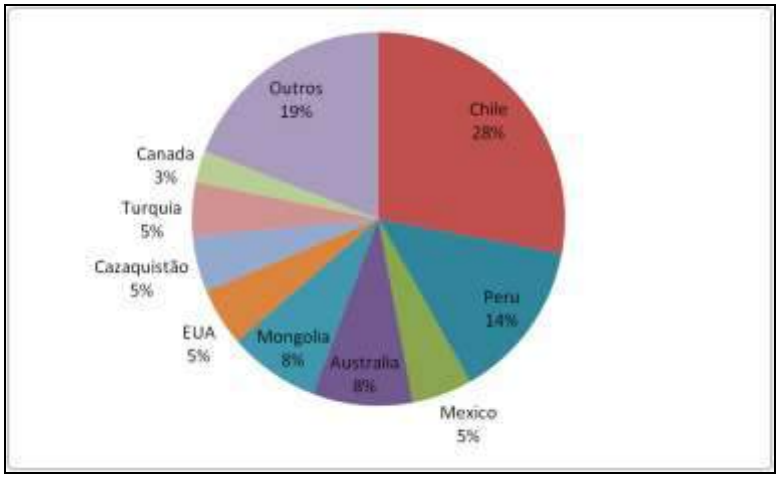
Cuadro 4. Exportaciones minerometalúrgicas de México 1994-2013 (Millones de dólares)

Año	Millones de dólares	Año	Millones de dólares
1994	1,593	2,004	3,506
1995	2,525	2,005	4,635
1996	2,356	2,006	7,330
1997	2,461	2,007	9,403
1998	2,405	2,008	10,618
1999	2,290	2,009	10,009
2000	2,554	2,010	14,758
2001	2,324	2,011	21,461
2002	2,435	2,012	21,927
2003	2,545	2,013	17,697

Fuente: Peña, *Informe de Gobierno 2014*, Presidencia de la República, México, 2014.

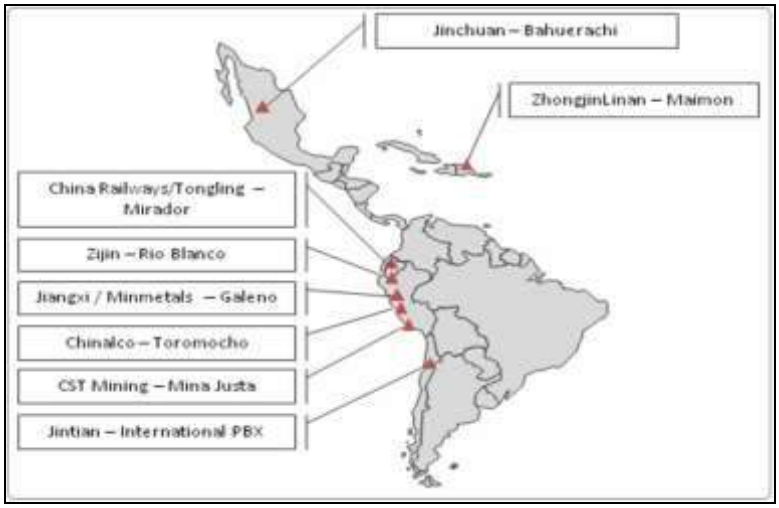
De manera muy importante, China ha venido expandiendo su presencia en América Latina. En particular ha estado muy interesado en el cobre (ver Mapa 2). Al respecto, 50% de las importaciones de este mineral, China las realiza de la región latinoamericana (ver Gráfica 4). De Chile, Perú, y México, obtiene el 28%, 14% y 5%, respectivamente. Es por esto, que después de Estados Unidos, China es la segunda nación en México, a donde más se destinan los minerales sacados en esta nación.

Gráfico 4. Importación China de Cobre, 2013



Fuente: SINOLATIN CAPITAL, 2013

Mapa 2. Inversiones Chinas en Cobre en América Latina (2007-2011)



Fuente: SINOLATIN CAPITAL

Esta expansión minera, además de la demanda de naciones que han desarrollado la tecnología de punta, tiene su explicación en la búsqueda de ganancias en el sistema financiero. Es decir, ante la crisis de otros mercados, como el hipotecario, los capitales migraron a los mercados de minerales en donde la cotización, hasta 2012, iban a la alza. Por esto, la expansión minera adquirió gran relevancia. Aunado a esto, se vivió un proceso especulativo con los minerales como futuros financieros. Al respecto, se indicaba que "los buscadores de oro modernos cotizan en las principales bolsas mundiales" (MARTÍN, 2014), asimismo se decía:

> Las cosas cambian. Para sentirse como un auténtico minero en plena quimera del oro no hace falta mancharse la ropa de barro, sólo tener buen ojo y saber elegir entre las mejores compañías mineras de exploración.
> Si usted se está planteando la posibilidad de diversificar su cartera con oro, quizás debería plantearse opciones mejores a la compra del metal físico, futuros, contratos por diferencia o fondos cotizados con el oro como subyacente (MARTÍN, 2014).

No obstante, dado los requerimientos de minerales, para los procesos productivos, la demanda de éstos, será continua, sobre todo en la era tecnológica en que nos encontramos, en donde tan sólo para fabricar un celular, se necesitan al menos 200 minerales y 300 aleaciones (CAMIMEX, 2013). Esto, que sólo es una muestra, evidencia los grandes requerimientos de minerales en la era del microprocesador, lo que a su vez explica el porqué la acumulación primaria es permanente, y el porqué el territorio está subsumido realmente en el capital.

Resistencia a la expansión minera

Frente a la expansión minera, emergen diversas voces y proceso de resistencia a lo largo de todo el mundo y de América Latina. De acuerdo con el *Atlas de Justicia Ambiental,* a nivel mundial hay 567 conflictos derivados de la actividad minera. En América Latina, el Observatorio de Conflictos Mineros, tiene registrado 207 conflictos que afectan a 309 comunidades. En particular en México, el Observatorio registra 35 conflictos, que se presentan en diversos estados de la República Mexicana (ver Cuadro 6).

Un dato importante, es que una parte de los conflictos se localiza en estados con una fuerte presencia de población indígena, como en Oaxaca, Guerrero y Chiapas. Como características de los conflictos, es que éstos se localizan sobre terrenos ejidales, muchos de manera ilegal. Otros se localizan sobre territorios sagrados de los pueblos, como es el caso de los wixárikas en San Luis Potosí.

Aunado a esto, una constante es la afectación y contaminación del agua (con arsénico o cianuro) que tienen disponible estas poblaciones. Junto a esto, los conflictos también emergen por el tipo de minería, a cielo abierto, que es altamente contaminante.

A todo ello, se le suman los diversos accidentes, como el de Pasta de Conchos en el estado de Coahuila, donde quedaron sepultados 65 mineros después de una accidente al interior de la mina. Pero también, se añaden los agravios contra los trabajadores por las condiciones laborales y accidentes que día con día se presentan en las minas (ver cuadro 5). En ello, no está demás decir que los mineros mexicanos tienen de los menores costos de mano de obra en el mundo (HAYS, 2013).

Asimismo, una constante es la criminalización de la protesta social. Ante cualquier acto de oposición, las empresas, con anuencia del Gobierno Mexicano, denuncian a los opositores como criminales, y como obstáculos al desarrollo. Al respecto, desde la concepción del Gobierno Federal, la minería es declarada como “estratégica para el desarrollo nacional” (Secretaría de Economía, 2014).

Ante esta criminalización, y a ellos se agrega la violencia del crimen organizado (narcotráfico) conectado a la minería, se complejizan los escenarios de resistencia frente a los procesos de acumulación primaria permanente.

Cuadro 5. Agravios contra trabajadores mineros mexicanos (2012-2014)

Fecha	Acontecimiento	Boletín
30/ENE/2012	Dos casos de violencia contra trabajadores	003
24/MAY/2012	Protesta vs agresiones a sindicalistas de Puebla	017
04/AGO/2012	Otra tragedia, imputable a la empresa	035
17/AGO/2012	Otra muerte de trabajador en mina de Peñoles	041
26/AGO/2012	Agresión armada a mineros de la Sección 303	044
29/AGO/2012	Invade el ejército La Platosa y La Sierrita en Durango	046
31/AGO/2012	Invaden porros de Larrea mina de Sombrerete, zacatecas	048
24/OCT/2012	Más de 300 golpeadores desalojan mina La Platosa	059
30/NOV/2012	Explosión en mina de Peñoles, Zacazonapan, 3 Muertos	064
21/ENE/2013	Grupo México esclaviza a sus propios policías represores.	005
31/MAR/2013	De nuevo, Ancira atropella a trabajadores de Coahuila	015
01/JUN/2013	Trabajadores de Mina María, Sonora, estallan huelga por violaciones al Contrato	024
03/JUN/2013	Resistirán trabajadores de El Coronel la agresión de Frisco	026
19/JUN/2013	Trabajadores en lucha de PKC exponen sus razones	029
13/NOV/2013	Intolerable agresión a campesinos y mineros en la Sierrita, Dgo., por *Excellon*	041
10/ENE/2014	Dos mineros muertos y 3 heridos en mina La Platosa, de *Excellon*.	001
13/ENE/2014	Fallecen 5 mineros en Charcas, SLP, por negligencia de Grupo México	004
21/ABR/2014	Violenta agresión de charros de Monclova contra trabajadores de *Teksid* Hierro	012

Fuente: Sindicato Minero, Boletines Informativos, SNTMMSS, 2012-1014.

Cuadro 6. Conflictos mineros en México

Inicio del Conflicto	Inicio del daño	Estado de la República	Nombre	Ubicación del Conflicto
1980	1980	Coahuila	Proyecto Encantada: usurpación de tierras a ejido Tenochtitlán	Municipio de Ocampo, Estado de Coahuila
1996	1995	San Luis Potosí	Minera San Xavier opera fuera de la Ley	San Luis, Potosí, México
1999	1949	Oaxaca	Comunidades Indígenas de Sierra Sur unidas en la oposición a la minería de hierro	Municipio Santa María de Zaniza, Región Sierra Sur, Oaxaca,
2000	1998	Michoacán	Comuneros se oponen a la expansión de la mina Aquila	Municipalidad de Aquila, Estado de Michoacán,
2002		Oaxaca	Comunidades del municipio de Ocotlán reclaman ilegalidad en concesiones mineras	Municipio de Ocotlan, Oaxaca
2006	2006	Coahuila	Derrumbe en Pasta de Conchos	Coahuila, México.
2007		Sonora	Cananea, Grupo México y Sindicato Minero	Cananea, México.
2007	2007	Guerrero	Minera contamina con arsénico el agua de Cocula	Guerrero, México
2007	2007	Baja California	Los Cardones: tercer intento por explotar Sierra de la Laguna (ex Paredones Amarillos)	Municipio La Paz, Baja California
2007	2007	Chiapas	Municipio de Motozintla, Chiapas, se opone a Mina de Oro en Ejido Carrizal	Motozintla, Chiapas
2008	2000	Guanajuato	Great Panther contamina el agua de Guanajuato	Guanajuato, México
2008	2008	Chiapas	Ejidatarios se levantan contra Mina de barita de Blackfire Exploration en Chicomuselo	Municipio de Chicomuselo, Chiapas, México.
2008	2006	San Luis Potosí	Proyecto la luz amenaza con destruir la "Cuna del Sol" para los huicholes	Real de Catorce, San Luis Potosí
2009	2002	Puebla	Ixtacamaxtitlan en alerta ante exploraciones mineras de Almaden Minerals	San Miguel Tuligtic, Municipio de Ixtacamaxtitlán, Estado de Puebla
2009	2006	Oaxaca	Criminalizan protesta de habitantes de San José del Progreso por minera Trinidad	San José del Progreso, Ocotlán, Oaxaca
2009	1980	Puebla	Minera Autlán: amenaza con explotar Área Natural Protegida Sierra del Tentzo	Municipio de Huehuetlán El Grande, Estado de Puebla
2010	1982	San Luis Potosí	Pueblo Wixárika defiende su territorio sagrado Wirikuta de la destrucción minera	Municipio de Catorce, San Luís Potosí, México
2010	2009	Baja California	Valle de Los Sirios y Comunidades Campesinas de Baja California amenazadas por minera El A	Municipio Ensenada, Baja California, México
2010	2008	Baja California Sur	Minera Pitalla de Argonauta Gold amenaza el Estado de Baja California Sur	San Antonio, Estado de Baja California Sur
2011	2007	Durango	Minera Excellon viola derechos humanos de ejido La Sierrita	Municipio de Tlahualilo, Estado Durango
2012	2011	Morelos	Zona arqueológica de Xochicalco amenazada por el saqueo de Esperanza Silver	Municipios de Miacatlán y Temixco, Estado de Morelos
2012	1966	Colima y Jalisco	Minera Peña Colorada contamina y arrasa con territorio indígena Nahua	Estados de Colima y Jalisco
2012	2012	Puebla	Tetela de Ocampo se opone a minera Frisco de C. Slim	Tetela de Ocampo, Sierra Norte, Estado de Puebla
2012	2011	Puebla	Proyecto La Lupe: expulsado de las tierras de Zautla	Santiago de Zautla, Sierra Norte, Estado de Puebla
2013	2007	Oaxaca	Poblado Magdalena de Teitipac expulsa a minera de sus tierras	Magdalena de Tetipac, Tlacolula, Oaxaca
2013	2008	Jalisco	Tequesquitlán se opone a minera china Ganbo	Tequequitlán, Cuautitlán de García Barragán, Jalisco
2013	2012	Colima	Proyecto minero en Zacualpán: saqueo y contaminación de agua	Zacualpán, Colima
2013	2013	Puebla	Proyecto El Aretón: destrucción y saqueo ambiental en Tlatlauquitepec	Municipio Tlatlauquitepec, Estado de Puebla
2013	2009	Zacatecas	Proyecto Calcosita-Salaverna: Despojo a comunidad de Salaverna	Comunidad Salaverna, Municipio de Mazapil, Estado Zacateca
		Sonora	El Derrame de Minera María	Sonora, México
		Chihuahua	Minefinders usurpa tierras a Ejidatarios Huizopa	Chihuahua, México.
		Sonora	Mina de Oro Nacional (canadiense) vs habitantes de Mulatos, Sonora, México	Mulatos, Sonora
		Querétaro	Oposición a planta de antimonio en Querétaro	San Antonio de la Cal, Tolimán
	2011	Veracruz	Veracruz se opone a proyecto de oro a 3 kilómetros de Central Nuclear	Alto Lucero, Veracruz

Fuente: Observatorio de Conflictos Mineros de América Latina, 2014.

A manera de conclusión

Desde que nace el capital, con la acumulación originaria, inicia un proceso de despojo de la tierra a los campesinos, que en América Latina con el saqueo de materias primas (oro, plata, cobre, maderas, entre otras) se tradujo en desacumulación. Pero este proceso no termina con el origen y punto de partida del capital, sino que es una constante, como lo documentaron Stuart Mill, Hilferding, Luxumburgo, Arendt, Amin, Bonefeld, De Angelis, y más recientemente David Harvey.

A decir de Harvey, el proceso de despojo se ha intensificado y ha tomado particularidades en los años recientes (entre ellos el despojo producto de la financiarización de la economía), lo que ha dado pauta a que él lo nombre como acumulación por desposesión, ya que ocurre un despojo, legal y violento.

En el caso particular de la actividad minera, el despojo ha sido posible por una Ley, que legitima esta forma de acumulación. Frente a esto, la expansión de la minería en México, se ha reflejado en las concesiones otorgadas por el Gobierno Federal, a las empresas nacionales y extranjeras. De 2001 a 2012, les fueron otorgadas casi 62 millones de hectáreas para esta actividad. Como parte de este acontecimiento, puedo afirmar que se han formado verdaderos latifundios mineros.

Junto a ello, la producción y exportación, se ha intensificado de manera insólita y considerable. En dos décadas se ha producido cuatro veces más oro, de lo que se produjo a lo largo de los 300 años que duró la Colonia, lo que ha llevado a que las exportaciones crezcan en más de 1,000 por ciento. Esta exportaciones se dirigen de manera contundente a Estados Unidos y China. A la primera nación se dirige el 80% de la plata que se exporta, siendo México la principal productora del mundo, y el 70% del oro. A la segunda, se destina el 55% del cobre que se exporta al mundo. Esto implica que la acumulación por desposesión está llevándose a cabo para las dos economías más grandes del mundo.

A partir de esta información, la gran pregunta que surge es si México, como otras naciones latinoamericanas, producen minerales a fin de abastecer única y exclusivamente, a las naciones con mayor poder económico en el mundo. Tal pareciera que la respuesta es afirmativa, pero además esto es posible con una legislación creada a fin de beneficiar a las empresas mineras.

Frente a esto, el qué hacer, es clave frente a los focos rojos y a los diversos conflictos que se expanden a lo largo del territorio nacional, y sobre todo en los territorios de pueblos y comunidades indígenas. Pero la interrogante central, es si algún día, naciones como la mexicana, dejaremos de pagar tributo a los imperios.

Bibliografía

AMIN, Samir. **La acumulación en escala mundial**, Buenos Aires, Siglo XXI, 1975.

ARGÜELLO, Gilberto. **Minas, agricultura y política en la formación del capitalismo mexicano (1770-1870),** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

ARENDT, Hannah. **Los orígenes del totalitarismo,** Madrid, España, Taurus, [1951] 1974.

BARTRA, Armando. “Rosa Luxemburgo: violencia y despojo en los arrabales del capital”, en Sánchez Daza, Álvarez Béjar y Figueroa Delgado (coords.), **Reproducción, crisis, organización y resistencia. A cien años de La acumulación de capital de Rosa Luxemburgo,** Puebla, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2014.

BEBBINGTON, Anthony. **Minería, movimientos sociales y respuestas campesinas. Una ecología política de transformaciones territoriales,** Lima, IEP–CEPES, 2011.

BONEFELD, Werner. “La permanencia de la acumulación primitiva: fetichismo de la

mercancía y constitución social", en **Theomai**, Buenos Aires, [2001] 2012, N°26.

BOLSA MEXICANA DE VALORES, **Listado de empresas emisoras,** en http://www.bmv.com.mx/wb3/wb/BMV/BMV_empresa_emisoras/_rid/177/_mto/3/_url/BMVAPP/emisorasList.jsf?st=1. Acceso en febrero de 2015.

CÁMARA DE DIPUTADOS. **Ley Federal de Derechos,** México: Diario Oficial de la Federación, 2014.

CÁMARA DE DIPUTADOS. **Ley Minera,** México: Diario Oficial de la Federación, 1992.

CÁMARA DE DIPUTADOS. **Ley Minera,** México: Diario Oficial de la Federación, 2014.

CÁMARA MINERA DE MÉXICO, **México País Minero. Minería responsable***,* México: Camimex, Febrero de 2013.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe. **Recursos mineros y naturales,** CEPAL, 2012.

DE ANGELIS, Massimo. "Marx y la acumulación primitiva: el carácter continuo de los 'cercamientos' capitalistas", en **Theomai,** Buenos Aires, [2001] 2012, N°26.

DIRECCIÓN GENERAL DE DESARROLLO MINERO. **Portafolio de Proyectos de la DGDM,** en http://www.economia.gob.mx/comunidad-negocios/mineria/portafolio-de-proyectos. Acceso en: enero de 2014.

HARVEY, David. **Breve historia del neoliberalismo,** Madrid: Akal, 2007.

HARVEY, David. **El nuevo imperialismo,** Madrid: Akal, 2004.

HARVEY, David. **Guía de El Capital de Marx,** Madrid: Akal, 2010.

HAYS, **Ranking de la minería,** en http://hays.com. 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. **Estadísticas Históricas de México,** México: INEGI, 2010.

LUXEMBURGO, Rosa. **La acumulación de capital,** México, Grijalbo, [1912] 1967.

MARTÍN, José Julián. **Los buscadores de oro modernos cotizan en las principales bolsas mundiales**, consultado el septiembre de 2014 en http://www.valoro.net/article.php?sid=733

MARTINEZ, Alier, *et. al.* **Atlas de Justicia Ambiental,** Barcelona: UAB, 2014.

MARX, Karl. **El Capital,** México: Siglo XXI, 1978.

METALS ECONOMIC GROUP. **Exploración minera a nivel global,** en http://www.snl.com/Sectors/metalsmining/Default.aspx. Acceso en diciembre de 2014

NEGRI, Antonio. "**Interpretación de la situación de clase, hoy: aspectos metodológicos",** en GUATTARI y NEGRI. **Las veredas nómadas y General Intellect, poder constituyente, comunismo,** Madrid: Akal, 1999.

OBSERVATORIO DE CONFLICTOS MINEROS DE AMÉRICA LATINA, **Base da datos de conflictos mineros,** en http://mapa.conflictosmineros.net/ocmal_db/. Acceso, diciembre de 2014.

PEÑA Nieto Enrique. **Primer Informe de Gobierno,** México: Presidencia de la Republica, 2013.

PEÑA Nieto Enrique. **Segundo Informe de Gobierno,** México: Presidencia de la Republica, 2014.

POLANYI, Karl. **La gran transformación. Los orígenes políticos y económicos de nuestro tiempo,** México: FCE, 2003.

REY CARLOS II DE ESPAÑA. **Leyes de Indias,** Madrid, disponible en www.congreso.gob.pe/ntley/LeyIndiaP.htm. Acceso en: noviembre de 2014.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA, **Comercio Exterior del Sector Minero**, Dirección General de Desarrollo Minero, consultado en www.desi.economia.gob.mx/produccion/. Acceso en diciembre de 2014.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA. **Cartografía Minera,** en http://www.cartografia.economia.gob.mx/cartografia/. Acceso en: febrero de 2015.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA. **Programa de Desarrollo Minero 2013-2018,** México: Diario Oficial de la Federación, 2014

SECRETARÍA DE GOBERNACIÓN. **Estudio de la minería en México,** México, Comisón para el Diálogo con los Pueblos Indígenas de México, 2014.

SERVICIO GEOLÓGICO MEXICANO, **Anuario Estadístico de la Minería Mexicana**, México: SGM, 2013.

SINDICATO MINERO, **Boletines Informativos**, México: SNTMMSS, 2012-1014.

SINOLATIN CAPITAL. **La plataforma de inversión entre China y América Latina,** en http://www.sinolatincapital.cn/sp/Metals.asp, 2013.

Recebido para publicação em 20 de março de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 8 de junho de 2015

Disputas territoriales en el Valle del Intag en Ecuador: de la resistencia social contra la mega-minería a la creación de alternativas al desarrollo

Juan Wahren
Doctor en Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires.
Investigador del Instituto de Investigaciones Gino Germani (IIGG).
Coordinador del Grupo de Estudios Rurales-Grupo de Estudios sobre Movimientos Sociales de América Latina (GER-GEMSAL) del IIGG.
e-mail: juanwahren@gmail.com

Agustina Schvartz
Doctoranda en Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires.
Becaria doctoral del Concejo Nacional de Ciencia y Tecnología (CONICET).
Integrante del Grupo de Estudios Rurales-Grupo de Estudios sobre Movimientos Sociales de América Latina (GER-GEMSAL) del Instituto de Investigaciones Gino Germani (IIGG)
e-mail: agustinaschvartz@gmail.com

Resumen

En este artículo nos proponemos analizar y comprender los procesos de acción colectiva de los pobladores del Valle de Intag- Municipio de Cotacachi, provincia de Imbabura, Ecuador- en oposición a proyectos de explotación minera en la región por parte de compañías transnacionales de Japón y Canadá entre los años 1995 y la actualidad. Nos proponemos indagar acerca de las acciones colectivas de diferentes actores sociales donde se combinan acciones de protesta con proyectos productivos, culturales y organizativos que dan cuenta de formas de desarrollo alternativo al modelo hegemónico. En este sentido, nos interesa profundizar en las miradas críticas al "desarrollo" que subyacen en estas experiencias de acción colectiva de los movimientos sociales. Este trabajo se basa en una metodología cualitativa a través del uso de entrevistas y observaciones de campo.

Palabras claves: Movimientos Sociales; Desarrollo; Minería; Territorio; Extractivismo

Disputas territoriais no Valle do Intag, Equador: Da resistência social contra a mega-mineira à criação de alternativas ao desenvolvimento

Resumo

Neste artigo analisamos as ações coletivas no Valle do Intag, Equador, contra os projetos mineiros das empresas transnacionais do Japão e Canada. Nessas ações coletivas um heterogêneo movimento social combina protestas publicas e diversos projetos produtivos e culturais con la meta do despregar um modelo do desenvolvimento alternativo. Esta pesquisa tem um enfoque qualitativo a traves dele uso de entrevistas e observações de campo na região do Valle do Intag.

Palavras-Chave: Movimentos Sociais; Desenvolvimento; Mineira; Território; Extractivismo

Territorial conflicts in Intag Valley, Ecuador: From social resistance against mining enterprises to the development alternatives

Abstract

In this article we analyze the collective actions in Intag Valley, Ecuador against the mining projects from transnational enterprises from Japan and Canada. In these collective actions, a heterogeneous social movement combine public protests with different productive and cultural projects with the objective to deploy an alternative development model. This work is based in a qualitative research perspective and we utilize interviews to some social movements leaders and field observation in the region of Intag Valley, Ecuador.

Keywords: Social Movements; Development; Mining; Territory; Extractivism

Introducción

En este artículo nos proponemos analizar y comprender los procesos de acción colectiva de los pobladores del Valle de Intag- Municipio de Cotacachi, provincia de Imbabura, Ecuador- en oposición a proyectos de explotación minera en la región por parte de compañías transnacionales de Japón y Canadá entre los años 1995 y la actualidad. Nos proponemos indagar acerca de los momentos de "visibilidad" y "latencia" en el marco de las acciones colectivas de diferentes actores sociales donde se combinan repertorios de acciones de protesta con el entramado de proyectos productivos (cooperativas agrícolas y cafetaleras, tiendas de comercio justo, turismo comunitario, etc.) que dan cuenta de formas de desarrollo alternativo al modelo hegemónico. En este sentido, nos interesa profundizar en las miradas críticas al "desarrollo" que subyacen en estas experiencias de acción colectiva de los movimientos sociales. En efecto, los movimientos sociales que resisten las avanzadas del extractivismo en América Latina son varios y heterogéneos, sin embargo resulta difícil encontrar casos donde los propios movimientos hayan logrado desarrollar alternativas concretas a este modelo de desarrollo.

El caso de la resistencia social en el Valle del Intag, como veremos, plantea la singularidad de desplegar múltiples alternativas ancladas en el territorio que disputan los propios actores. Para ello, resulta necesario brindar algunas reflexiones analíticas en torno a la noción de territorio que utilizamos en nuestro análisis.

Definimos al territorio como un espacio geográfico atravesado por relaciones sociales, políticas, culturales y económicas que es resignificado constantemente- a través de relatos míticos- por los actores que habitan y practican ese espacio geográfico, configurando un escenario territorial en conflicto por la apropiación y reterritorialización del espacio y los recursos naturales que allí se encuentran. Se configura, en definitiva, un territorio yuxtapuesto atravesado por relaciones de diálogo, dominación y conflicto entre diversos actores sociales, así como por sus diversos modos de utilizar y significar esos mismos territorios y recursos naturales (WAHREN, 2011).

El territorio aparece entonces como una categoría compleja, móvil y en un permanente proceso de resignificación y disputa. En efecto, la idea de territorio no puede separarse de la noción de conflicto entre diferentes actores sociales en un proceso dinámico de territorialización - desterritorialización - reterritorialización (FERNANDES, 2005, PORTO GONCALVES, 2002) que implica, a su vez, una reificación de las identidades sociales de los actores que habitan y practican esos territorios. En última instancia, el territorio es un espacio multidimensional donde los actores sociales producen y reproducen la cultura, la economía, la política, en definitiva, la vida en común.

A partir de estas definiciones sobre el territorio, utilizamos el concepto de "movimiento socioterritorial" del geógrafo brasileño Bernardo Mançano Fernandes (2005), el

cual nos permite focalizarnos sobre los movimientos sociales que hacen del territorio un espacio de construcción social y de dotación de sentido (FERNANDES, 2005). En este sentido, consideramos con Zibechi (2003) que los procesos de territorialización es uno de los factores que habilita la construcción de autonomía por parte de los movimientos sociales. En estos casos es dónde se introduce la problemática del territorio como un espacio en disputa, construido por actores sociales antagónicos que resignifican ese espacio geográfico determinado, lo habitan, lo transforman y lo recrean de acuerdo a sus intereses y formas de vida y de reproducción social específicas. Así, los territorios se conforman como espacios geográficos pero al mismo tiempo se constituyen como espacios sociales y simbólicos, atravesados por tensiones y conflictos. El territorio aparece dotado de sentidos políticos, sociales y culturales.

Desde esta construcción particular y contingente que se desarrolla en los momentos de latencia de los movimientos, es que podemos pensar a los espacios en los cuales algunos movimientos sociales interactúan, como “territorios en disputa”. En estos territorios los movimientos sociales despliegan su potencia política, construyen los “laboratorios clandestinos para el antagonismo y la innovación” de los que nos habla Melucci (1994) para describir los momentos de latencia de la acción colectiva de los movimientos sociales.

Este proceso de territorialización de los movimientos sociales genera una disputa concreta en el territorio; una disputa que adquiere, entonces, un sentido político. Esta disputa en la “interface territorial” implica así una confrontación de mundos sociales y políticos con otros actores (por ejemplo, el Estado, las empresas, ONG´s, entre otros). Estos movimientos sociales territorializados -campesinos, pueblos indígenas, trabajadores desocupados, etc.- emergen con fuerza en el espacio público enfrentando a los escenarios estructurales construidos desde las políticas neoliberales. La tierra y los recursos naturales que se encuentran en estos espacios geográficos, resultan en la actualidad en elementos estratégicos para la reproducción del sistema económico hegemónico sea en la lógica extractiva de minerales, hidrocarburos, agua, agronegocios, turismo o intereses inmobiliarios.

Es este mismo anclaje territorial o esta construcción de territorialidad la que da una característica singular a estos movimientos, y, a modo de hipótesis, podemos reflexionar si no es esta misma territorialidad la que permite a estos movimientos reconstruir identidades y lazos sociales de manera perdurable en el tiempo (y en un territorio específico). En este sentido, podemos denominar como “territorios insurgentes” (WAHREN, 2011; AGUILÓ y WAHREN, 2014) a aquellos territorios practicados de manera preponderante por los movimientos sociales, donde se ponen en práctica “campos de experimentación social” (SANTOS, 2003) que van “más allá” de los esquemas del sistema/mundo colonial y capitalista sobre los territorios, y donde las relaciones entre quienes habitan esos territorios y la naturaleza se da en torno a relaciones de reciprocidad, signados por la capacidad de los propios actores sociales de autogestionar esos territorios y los recursos naturales que allí se encuentran. Retomando la idea de latencia de la acción colectiva de los movimientos sociales (MELUCCI, 1994), planteamos que el territorio habitado y practicado habilita una dimensión disruptiva -y a su vez creativa- de los movimientos sociales que se mantiene en el espacio-tiempo a partir de la recreación de prácticas y discursos que van “más allá” de la política institucional y con una temporalidad que trasciende -y a la vez fortalece- las acciones colectivas de protesta, es decir aquellos momentos de “visibilidad” en el espacio público de los movimientos sociales (MELUCCI, 1994).

Esta territorialidad subalterna, al no estar escindida del conjunto de la sociedad, mantiene la disruptividad en relación al sistema/mundo hegemónico que signa la territorialidad. En este sentido, los “territorios insurgentes” no se encuentran exentos de conflictividad social pues si bien las formas predominantes de habitarlo y practicarlo están signadas por los movimientos sociales, la territorialidad capitalista/colonial continúa atravesando esos territorios en sus múltiples dimensiones, aunque ya no de manera hegemónica. En este sentido no pueden entenderse a los “territorios insurgentes” como territorios aislados del sistema/mundo hegemónico y sin conflictividad, sino inmersos en las disputas y espacios de diálogos y negociaciones que mantienen los movimientos sociales

con los distintos actores que se enfrentan e interrelacionan en el territorio: el Estado, empresas, ONG´s, etc.

Por último, este trabajo utiliza un enfoque metodológico netamente cualitativo basado en entrevistas a distintos referentes de diversas organizaciones que componen el movimiento social de resistencia frente a la megaminería en el Valle del Intag y observaciones de campo que nos permitieron conocer el entramado de las distintas experiencias organizativas, productivas y culturales que despliegan los colectivos y organizaciones del Valle del Intag (emprendimientos de turismo ecológico y comunitario, cooperativas de productores de café, proyectos productivos autogestionados, espacios culturales, tiendas de comercio justo y comercialización alternativa, medios de comunicación comunitarios, talleres de mujeres, grupos de jóvenes, organizaciones ecologistas, etc.)

Los procesos de "acumulación por desposesión" y "mercantilización de la naturaleza" en América Latina: debates, resistencias y alternativas.

Desde finales del siglo XX se fue consolidando en toda América Latina un nuevo modelo de acumulación de capital caracterizado como extractivo- exportador (GIARRACCA, 2005; SVAMPA y ANTONELLI, 2009; ACOSTA, 2011; GIARRACCA y TEUBAL, 2013; SVAMPA y VIALE, 2014). Su expansión y consolidación en el desarrollo del capitalismo fue configurando el pasaje de un proceso de acumulación expansiva del capital a lo que Harvey (2004) denomina un *proceso de acumulación por desposesión,* donde el sistema, para mantener su proceso de reproducción ampliada del capital, no requiere únicamente de un proceso previo u "originario" de acumulación extrayendo los recursos naturales y la tierra, sino que esta acumulación por desposesión es un proceso permanente e inherente del capitalismo que incluye:

> "la mercantilización y privatización de la tierra y la expulsión forzosa de las poblaciones campesinas; la conversión de diversas formas de derechos de propiedad- común, colectiva, estatal, etc.- en derechos de propiedad exclusivos; la supresión del derecho a los bienes comunes; la transformación de la fuerza de trabajo en mercancía y la supresión de formas de producción y consumo alternativas; los procesos coloniales, neocoloniales e imperiales de apropiación de activos, incluyendo los recursos naturales; la monetización de los intercambios y la recaudación de impuestos, particularmente de la tierra; el tráfico de esclavos; y la usura, la deuda pública y, finalmente, el sistema de crédito" (Harvey, 2005:113).

Actualmente, este proceso puede vislumbrarse en América Latina en el incremento de actividades destinadas a la explotación y exportación de recursos naturales a gran escala (minería a cielo abierto, agronegocio, pasteras, hidrocarburos, etc.), así como en la implementación de proyectos supranacionales tendientes al desarrollo de infraestructura a través del IIRSA (Iniciativa para la Integración Regional Suramericana) y acordados por algunos gobiernos latinoamericanos, "cuyo objetivo central es facilitar la extracción y exportación de dichos productos hacia sus puertos de destino" (SVAMPA, 2011:3). De alguna manera el proceso actual de explotación de los recursos naturales por parte de las empresas transnacionales, con el apoyo estratégico de los países imperiales centrales, se encuentran realizando "la tarea incumplida de la acumulación primitiva , lo que es más que nunca visible en el intento imperial de controlar la tierra, el agua dulce, la biodiversidad y los recursos naturales por vía de la guerra, la ocupación, la presión diplomática, la instalación de bases militares disuasorias" (SANTOS, 2010:45). En este sentido, si bien la explotación y exportación de recursos naturales ha estado siempre presente en la historia del capitalismo, lo que caracteriza a este último período es la intensificación de "la expansión de proyectos tendientes al control, la extracción y la exportación de bienes naturales a gran escala" (SVAMPA y ANTONELLI, 2009); la aplicación de distintas tecnologías de punta que

posibilitan la sobre explotación de ciertos recursos, como por ejemplo la tierra; a la vez que la incorporación a la producción de territorios históricamente considerados como improductivos (SVAMPA, 2011; GIARRACCA y TEUBAL, 2010).

Este esquema de acumulación por desposesión en América Latina se da en el marco de dos grandes procesos, uno económico y otro político, que signan la actual coyuntura continental. El primero, de carácter económico, se encuentra ligado al fuerte incremento en la rentabilidad de las actividades extractivas que responde no sólo al aumento en la demanda y los precios internacionales de los *commodities*, sino también a los bajos costos relativos que tiene el desarrollo de estas actividades en la mayoría de los países latinoamericanos. Estas particularidades, expresadas en términos de "ventajas comparativas", se deben a la renta diferencial que se genera a partir de la gran disponibilidad y calidad de los recursos existentes en los distintos territorios (GIARRACCA y TEUBAL, 2010), así como también a los marcos regulatorios implementados a partir de la década del 90 que promueven, a través de diversos mecanismos, el desarrollo de estas actividades (TEUBAL, DOMÍNGUEZ y SABATINO, 2005; SVAMPA y ANTONELLI, 2009).

Por otro lado, el segundo proceso -de carácter político- se caracteriza por la reactivación de una política *neodesarrollista* "con base extractivista [y que] aparece muy vinculada a la noción de **«**superación de la crisis**»**, tanto en relación a los años noventa, cuando los países latinoamericanos afrontaron en un contexto neoliberal procesos de fuertes crisis económicas (de carácter endógeno), como en el marco de la crisis estructural que hoy vive el capitalismo (vista como exógena)" (SVAMPA, 2011). En efecto, una ola de nuevos gobiernos latinoamericanos, ligados a discursos y tradiciones progreesistas, irrumpieron desde fines del siglo XX en distintos países latinoamericanos del Cono Sur. Estos gobiernos emergieron con consignas de renovación política y en confrontación –al menos discursiva- con las políticas neoliberales de la década de los noventa y con posiciones cercanas a los conceptos del desarrollo nacional que rescatan algunos de los postulados "cepalinos" de mediados del siglo XX con una recuperación del rol económico, político y social del Estado y cierta redistribución de la riqueza a través de planes sociales focalizados que se masificaron con distintas dimensiones en cada uno de estos países (ZIBECHI, 2011). De este modo caracterizamos a estos gobiernos como "neodesarrollistas/neoextractivistas" ya que su discurso plantea una recuperación del "desarrollo nacional" con limitadas políticas sociales redistributivas, a la vez que mantienen una lógica extractiva, basada en las ventajas comparativas de la renta diferencial de los recursos naturales existentes en la región. En este sentido, no sólo no cambia el modelo de acumulación anterior, sino que por el contrario, lo profundiza en términos de dependencia económica y de primarización de las economías nacionales. Como plantea Maristella Svampa, "en este nuevo contexto, los gobiernos latinoamericanos optaron, en su mayoría, por aprovechar esta «oportunidad» que les brindaba el sistema económico mundial, escamoteando el debate acerca de las consecuencias socio-ambientales que conllevaría esta política neo-desarrollista con base extractivista" (SVAMPA, 2001).

Este modelo extractivo "neodesarrollista" implica, entonces, una serie de consecuencias políticas, sociales, económicas y ambientales para los países latinoamericanos. Una de las principales consecuencias es que al estar orientado a la producción de *commodities* exportables y bajo el control de los grandes capitales trasnacionales, ha provocado según Svampa (2011) y Giarracca y Teubal (2010) no sólo un proceso de "reprimarización de la economía", sino también un incremento en el peso de estos actores económicos en las economías nacionales. En este sentido, los autores también señalan que este nuevo modelo de acumulación va configurando economías de enclave en los distintos territorios en donde, por un lado, el control de las decisiones de inversión y del proceso productivo depende directamente de los capitales extranjeros, a la vez que su producción no mantiene relación con las economías locales (CARDOSO y FALETTO, 1999); por otro lado, los beneficios generados no son sustancialmente percibidos por las poblaciones y los estados nacionales, sino que esa ganancia es- por medio de exenciones impositivas y apropiación de la renta- acaparada primordialmente por las empresas transnacionales.

Otra de las consecuencias ha sido el surgimiento de numerosos conflictos socioambientales, entendidos como "aquellos ligados al acceso y control de los recursos naturales, que suponen por parte de los actores enfrentados, intereses y valores divergentes en torno de los mismos, en un contexto de asimetría de poder" (SVAMPA, 2011:4). En efecto, la utilización de productos altamente contaminantes, que forman parte de las tecnologías de punta para la obtención de los recursos (glifosato en la producción agrícola; ácido sulfúrico en las pasteras, cianuro en la minería, etc.), así como también el alto consumo de recursos no renovables como el agua, la tierra fértil, la biodiversidad, etc. hace que el despliegue de estas actividades en los distintos territorios sea altamente conflictivo. Esto encuentra su fundamento tanto en la competencia que generan estas actividades con las tradicionalmente existentes (agricultura, ganadería, turismo, etc.) en torno al acceso y disponibilidad de los recursos (muchas veces ya de por si escasos), así como por la amenaza que suponen para la conservación y reproducción del ambiente (GIARRACCA y TEUBAL, 2010).

La cantidad de conflictos que ha generado la expansión de este modelo pone de manifiesto la existencia de distintas formas de apropiación, utilización y sentido otorgado por los actores sociales a la naturaleza. En este sentido, nos parece importante establecer brevemente una mirada crítica hacia la idea de desarrollo. Esta noción surge con la consolidación del "sistema/mundo capitalista/colonial" (WALLERSTEIN, 1989) en el marco de la Modernidad e identifica al desarrollo con el mejoramiento de la calidad de vida e indicadores de bienestar material, la reducción de la pobreza y los procesos de industrialización (VIOLA, 2000) en base al modelo industrial surgido en Europa Occidental a partir de la denominada Revolución industrial. Éste se convirtió en el modelo global deseable de desarrollo para el conjunto de los países a través de la hegemonía política, económica y cultural de los países centrales. Así, la noción de desarrollo:

> "convirtió la historia en un programa, un destino necesario e inevitable. El modo industrial de producción, que no era más que una forma social entre muchas, se transformó por definición en el estadio terminal de una evolución social unilineal (…) La metáfora del desarrollo confirió hegemonía global a una genealogía de la historia puramente occidental, robando a las gentes y pueblos de distintas culturas la oportunidad de definir las formas de su vida social" (ESTEVA, 2000:73).

De esta manera, la noción de desarrollo expropia los saberes y las prácticas culturales, políticas y económicas subalternas subsumiéndolas a la idea de "subdesarrollo" como aquello que necesita evolucionar hacia el estadio ideal del progreso, es decir la modernización y la industrialización, la mercantilización de todas las esferas de la vida social y de la naturaleza. El desarrollo entonces remite a una red semántica ligada a las nociones de crecimiento, evolución, maduración y modernización que implica también "una imagen de futuro que era una mera continuación del pasado, es decir, el desarrollo, un mito conservador, si no reaccionario" (ESTEVA, 2000:98).

De este modo, en este proceso de apropiación de la renta de la naturaleza en pos del progreso y el desarrollo existe también una apropiación discursiva y material que resignifica la naturaleza como recursos naturales. Así, "el discurso utilitario reemplaza el término naturaleza con el término recursos naturales, focalizando en esos aspectos de la naturaleza que pueden ser apropiados para el uso humano […] las plantas consideradas valiosas devienen cultivos, las especies que compiten con ellas se estigmatizan como hierba, y los insectos que se las comen son estigmatizados como plagas" (SCOTT, 1998:13, en CECEÑA, 2008:72). En efecto, el capitalismo no sólo mercantiliza la naturaleza sino que el propio capital "rehace a la naturaleza y a sus productos biológica y físicamente (y política e ideológicamente) a su propia imagen y semejanza" (O´CONNOR, 2003:33) en una transformación que selecciona a algunos componentes de la naturaleza como mercancías y a otros como desechos, además de las modificaciones que introduce, a través de la ciencia y la tecnología, para obtener nuevas cualidades de esas mercancías; el ejemplo más claro de esto son los organismos genéticamente modificados (OGM). Paralelamente se

profundizaron los esquemas productivos de extracción y aprovechamiento de los recursos naturales por parte de grandes empresas nacionales y multinacionales como la minería a cielo abierto. Los mayores reservorios de recursos naturales se encuentran, hoy en día, en territorios habitados por campesinos, indígenas, y pobladores de las pequeñas ciudades rururbanas de diferentes regiones de nuestro continente. En tal sentido, resulta importante rescatar aquellas formas de producción campesinas e indígenas que sobrevivieron a distintos modos de producción desde los comienzos de la agricultura, adaptándose a los cambios productivos y a las presiones estructurales y políticas de los cambios económicos a nivel mundial; resistiendo desde su forma de producir y reproducir la vida campesina e indígena, ligadas a la producción para el autoconsumo, en una relación de reciprocidad con la naturaleza (GARCÍA GUERREIRO y WAHREN, 2014). En efecto, otros actores sociales como por ejemplo trabajadores desocupados o experiencias de producción agroecológicas, también han comenzado a experimentar alternativas de producción, comercialización y utilización de los recursos naturales que implican algunas rupturas con el modelo de desarrollo hegemónico. En esta dirección, retomamos a Arturo Escobar quien afirma que:

> "la construcción de paradigmas alternativos de producción, órdenes políticos, y sustentabilidad son aspectos de un mismo proceso, y éste proceso es impulsado en parte por la política cultural de los movimientos sociales y de las comunidades en la defensa de sus modos de naturaleza/cultura. Es así como el proyecto de movimientos sociales constituye una expresión concreta de la búsqueda de órdenes alternativos de producción y ambientales" (2000:202).

En definitiva, lo que diferencia a estos movimientos sociales de la lógica hegemónica del "sistema/mundo colonial/capitalista" (WALLERSTEIN, 1989) es que mantienen una relación de reciprocidad y pertenencia con el territorio y la naturaleza. En efecto, "muchas comunidades rurales del Tercer Mundo "construyen" la naturaleza de maneras sorprendentemente distintas de las formas modernas predominantes; entienden, y usan, sus entornos naturales de maneras muy particulares" (ESCOBAR, 2000:77). Por medio de esta relación de reciprocidad reifican sus identidades, a la vez que disputan un modo de vida y una cosmovisión particular en pugna con otros actores. En este sentido, las acciones colectivas de los movimientos indígenas y campesinos, así como los de los sectores populares urbanos y rururbanos están:

> "asociando los nuevos derechos culturales con reivindicaciones por el acceso y la apropiación de la naturaleza en los que subyacen estrategias de poder, valores culturales y prácticas productivas alternativas. A los nuevos derechos culturales y ambientales se están incorporando demandas para autogestionar las condiciones de producción y los estilos de vida de los pueblos" (LEFF, 2007:70).

La relación de reciprocidad y/o pertenencia con la naturaleza por parte de los movimientos sociales implica una relación que va más allá- incluso de manera contrapuesta- de la forma de relacionamiento con la naturaleza que asume la lógica racional económica estatal/colonial/capitalista que mercantiliza y objetiviza a la naturaleza y al territorio resignificándolos como recursos naturales, a la vez que destruye sistemáticamente otras posibles formas de entender y relacionarse con la naturaleza, otros usos y sentidos acerca del territorio.

Breves apuntes sobre el contexto político-económico del Ecuador

En las últimas décadas el Ecuador sufrió grandes transformaciones políticas, económicas, sociales y culturales. Desde finales de los años ochenta los gobiernos estuvieron signados por la aplicación de políticas neoliberales que generaron profundas

reformas económicas y políticas. A su vez se desarrolló un largo y variado proceso de resistencias populares cuyo sujeto principal fueron los pueblos indígenas aglutinados principalmente en la Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE). En efecto, esta organización -en alianza con otras organizaciones de sectores populares urbanos y rurales- realizó distintos "levantamientos populares" a partir del año 1990, algunos de los cuales derrocaron a los gobiernos de turno, debilitados tanto por la aplicación de estas reformas neoliberales como por el creciente descreimiento de la clase política institucional por parte de la mayoría de la población. Finalmente en el año 2005, un levantamiento popular protagonizado por sectores populares y clases medias urbanas, conocido como los "forajidos", forzó la renuncia del entonces presidente Lucio Gutiérrez dando paso a un proceso de transición política que dio origen al triunfo electoral de Rafael Correa. Este último asumió su gobierno retomando algunas de las demandas populares de los movimientos sociales que habían protagonizado las acciones colectivas de protesta en las últimas décadas. Esto se combinó con la creación de fuertes políticas de regulación estatal de algunos sectores de la economía, así como la ampliación y masificación de algunos planes sociales, invirtiendo también gasto público en mejoras de la salud y la educación públicas (RAMÍREZ, 2010). Este nuevo proceso político abierto a partir de los sucesivos gobiernos de Rafael Correa, denominado como "Revolución Ciudadana", se inscribe en el ciclo de gobiernos "progresistas" de América Latina que caracterizamos anteriormente y cuyos matices y especificidades exceden el presente trabajo. En este marco, el gobierno de la "Revolución Ciudadana" ha tenido fuertes tensiones con gran parte de los movimientos sociales, principalmente con las organizaciones de trabajadores, el movimiento estudiantil universitario y la mayor parte del movimiento indígena ecuatoriano organizado en la Confederación de Pueblos y Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE). Otras organizaciones indígenas y campesinas se han mantenido como aliadas del gobierno de Rafael Correa ya que apoyan las políticas de ampliación de derechos sociales y su alineamiento con los procesos "progresistas populares" del resto de América Latina (RAMÍREZ, 2010; DELATORRE, 2010 y TRUJILLO, 2010). Sin embargo, la mayor parte de los conflictos con los movimientos sociales se han dado en torno a los recursos naturales estratégicos como el agua, la tierra, los hidrocarburos y diversos minerales en regiones donde habitan principalmente campesinos e indígenas que mantuvieron sus procesos organizativos y de resistencia en un contexto de fuerte judicialización y división de los movimientos populares (DÁVALOS 2010).

En este marco, el propio gobierno presenta contradicciones entre la nueva constitución, que propugnó por una importante reforma constitucional que consagra, entre otros derechos políticos y sociales de avanzada, los derechos de la naturaleza, que luego son violentados por el avance de las políticas extractivas impulsadas por el propio gobierno de Rafael Correa, en franca contradicción con la Constitución nacida de la "Revolución Ciudadana" (GUDYNAS y ACOSTA, 2010; DÁVALOS, 2010 y 2013).

El Ecuador se divide en tres zonas geográficas y culturales diferenciadas: la Costa, la Sierra y la Selva. La Costa comprende la región occidental del país con el litoral marítimo que bordea al océano pacífico. La ciudad de Guayaquil es su principal centro económico y político regional y la tenencia de la tierra se encuentra concentrada en grandes terratenientes o emprendimientos de agronegocios ligados a grandes capitales nacionales y transnacionales. La región de la Sierra se encuentra en el centro del país y su centro político y económico es la capital del país, Quito, y la mayor parte de su población es de origen indígena o mestizo. La región de la Selva corresponde a la Amazonía ecuatoriana, donde la principal actividad económica ha sido la explotación forestal y de los hidrocarburos, principalmente en la región norte de la selva amazónica.

La actividad económica del Ecuador ha sido tradicionalmente la producción de materias primas para la exportación, por un lado la producción agrícola ligada a los frutales, principalmente la banana, y otros cultivos a gran escala en la zona de la Costa ecuatoriana. Por otro lado, se encuentra también la exportación de flores de alta calidad para el mercado internacional en la región andina de Cayambe y zonas aledañas. También la actividad hidrocarburífera es importante y significó históricamente un ingreso importante en la renta

nacional. Precisamente algunos de los yacimientos amazónicos son los que actualmente han generado diversos conflictos sociales y territoriales entre las empresas y el Estado frente a las comunidades indígenas y campesinas que junto a organizaciones ecologistas se oponen a la ampliación de la frontera hidrocarburífera en la región, siendo la más conocida la de la reserva del Yasuní. Sin embargo, en los últimos años la actividad que mayor potencialidad aparece en el país es la de extracción minera a gran escala, denominada mega minería por su sistema de explotación a "cielo abierto". Es con respecto a este crecimiento de la actividad minera donde se han generado diversos procesos de resistencia y acciones colectivas de protesta en oposición a esta actividad extractiva, donde el caso paradigmático del Ecuador es el del Valle del Intag, pues también, como veremos en el próximo apartado, puede observarse -además de los procesos de resistencia- la construcción de alternativas productivas y sociales locales exitosas que favorecen el antagonismo a la idea de "desarrollo y progreso" de la megaminería.

En síntesis, el gobierno de Correa mantuvo a la economía dolarizada (manteniendo la obturación a la soberanía monetaria del Ecuador), y se fortaleció un proceso reprimarización de la economía (diversificando la extracción de hidrocarburos y productos primarios agropecuarios con la extracción de minerales) en el marco de una, mayor regulación estatal y gasto público en salud y educación (así como en planes sociales); junto a una mayor inversión en infraestructura de caminos y otros elementos estratégicos que sin embargo no permitieron un cambio estructural del modelo económico que caracterizamos como Neodesarrollista y. Neoxtractivista (GUDYNAS Y ACOSTA, 2010, DÁVALOS, 2010).

Los procesos de acción colectiva del Valle de Intag: de la resistencia social a la construcción de alternativas locales

El Valle de Intag es una región subtropical dentro del Municipio de Cotacachi de la Provincia de Imbabura. La misma está ubicada en la región de la Sierra, a aproximadamente 140 km. de la ciudad de Quito. Pese a la cercanía con la ciudad capital las vías de acceso son limitadas por encontrarse en una región montañosa. La zona posee un microclima especial que habilita la posibilidad de realizar una gran diversidad de cultivos, principalmente, café, porotos, maíz y una gran variedad de frutales. Además de este microclima, la zona cuenta con aguas termales y una belleza paisajística que hacen de esta región una fuente potencial de actividades turísticas y de recreación. En términos demográficos el Cantón de Cotacachi cuenta con una población rural del 76% de sus habitantes mientras que el resto vive en la ciudad de Cotacachi o emplazamientos urbanos menores (INEC, 2010). La población es mayoritariamente indígena, aproximadamente un 60%, mientras los mestizos son el 35% y los afroecuatorianos un 5% (LÓPEZ OROPEZA, 2011). El cantón de Cotacachi ha sido gobernado desde el año 1996 por alcaldes indígenas, el primero, Auki Tituaña, pertenecía al Movimiento Pachakutik, ligado a la CONAIE y gobernó hasta el año 2009. Posteriormente lo sucedió Alberto Andrango, también indígena, ligado al partido gobernante, Alianza País, referenciado en la figura de Rafael Correa. El hecho de que los gobiernos municipales estuvieran conducidos por referentes indígenas, ayudó al proceso de acción colectiva del Valle de Intag, principalmente durante el gobierno de Auki Tituaña.

> "El gobierno municipal, liderado por un indígena, abrió las puertas de gobierno para la gente, (…) díganos qué tenemos que hacer. Entonces nosotros ahí como Intag presentamos ciertas resoluciones, una de la cual es crear una ordenanza ecológica para declarar el cantón como cantón ecológico y fue aprobada, entonces en el año 2006 ya fue ley". Carlos Zorrilla- Fundador de DECOIN (Defensa de la Conservación Ecológica de Intag).

Los procesos de acción colectiva de los pobladores del Valle de Intag- comenzaron en oposición a diferentes proyectos de explotación minera en la región por parte de compañías transnacionales de Japón y Canadá. En el año 1995 la empresa japonesa Mitsubishi comenzó la exploración para un proyecto de explotación de diferentes minerales, principalmente cobre. El primer espacio organizativo fue la organización ambientalista "Defensa de la Conservación Ecológica de Intag" que fue la principal promotora de la difusión de las consecuencias ambientales y sociales que podría provocar en la región una actividad extractiva como la megaminería. Con el correr del tiempo esta organización fue la referente y articuladora de los distintos proyectos productivos y de los enlaces internacionales, ya sea para las denuncias y la solidaridad internacional así como para los apoyos económicos de ONG´s y organismos internacionales de apoyo al "desarrollo sustentable".

> "Cuando nos enteramos que estaba esta empresa por aquí nos conformamos en la DECOIN y ahí empezamos a trabajar con las comunidades y nosotros a educarnos de qué se trataba, qué era la minería, por qué estaban por aquí, etc. Y resulta que era un proyecto entre gobiernos para impulsar la minería. Entonces con apoyo de organizaciones nacionales e internacionales logramos que saquen un estudio de impacto ambiental lo cual comprobó que iba a ser un proyecto devastador, destrucción de comunidades, contaminación con metales pesados del agua, deforestación masiva, etc". Carlos Zorrilla- Fundador de DECOIN (Defensa de la Conservación Ecológica de Intag).

En relación al estudio de impacto ambiental otro de nuestros entrevistados afirma que el mismo:

> "Motivó todo un proceso social de resistencia que ha durado más de quince años y que ha logrado generar una conciencia regional sobre el tema minero". José Cuevas- Referente de Corporación Toisán.
>
> La amenaza de un proyecto minero constituyó una condición de posibilidad para la configuración de una identidad común en la heterogénea composición social y cultural del Valle Intag.
>
> "Nosotros decimos que gracias a la minería nosotros aquí nos organizamos y gracias a eso hemos logrado tener una idea común del proyecto y del futuro de emprendimientos alternativos". José Cuevas- Referente de Corporación Toisán.
>
> Luego de numerosas movilizaciones y un largo proceso de organización, los pobladores lograron frenar el proyecto minero en 1997. Para ello desplegaron una serie de acciones colectivas de protesta, como cortes de caminos y movilizaciones, en combinación con petitorios, cartas a las autoridades, presentaciones de amparos judiciales a nivel nacional e incluso internacional.
>
> "En vez de sólo salir a las calles, eso es difícil de sostener. Entonces se utilizó las cortes a nivel nacional, internacional, crear alternativas económicas para que la gente no diga que sólo tenemos la minería, fueron una gama de acciones, y el trabajo con los gobiernos locales (…) Aquí el gobierno municipal declaró 18 mil hectáreas de áreas protegida justo donde está la área minera, esa es otra arma interesante". Carlos Zorrilla- Fundador de DECOIN (Defensa de la Conservación Ecológica de Intag).
>
> Así es como se fue conformando un entramado organizativo donde intervinieron un conjunto heterogéneos de actores- campesinos, comerciantes, ONG´s socio-ambientales, Estado municipal, etc.- que construyeron una compleja coordinación que no estuvo exenta de tensiones y conflictos pero que se mantiene, con períodos de latencia, hasta la actualidad.
>
> "Logramos convencer a las comunidades que no encajaba este tipo de desarrollo en lo que nosotros queríamos. Las comunidades se reunieron,

> botaron a Mitsubishi, en mayo del 97 Mitsubishi se fue". Carlos Zorrilla- Fundador de DECOIN (Defensa de la Conservación Ecológica de Intag).
> "Empezamos a trabajar nosotros en buscar alternativas económicas para la gente porque ahí quedó el cobre, y una cosa es parar un proyecto y otra cosa es sostener esa lucha (…) nace lo que es el turismo ecológico de Junín, el proyecto de caficultores, apoyo a organizaciones de mujeres, etc. (…) fue el estímulo para organizarse en la zona de Intag, esta era un área totalmente desorganizada". Carlos Zorrilla- Fundador de DECOIN (Defensa de la Conservación Ecológica de Intag). Enero 2010

En este sentido, desde las organizaciones sociales y ambientalistas se crearon distintas cooperativas cuyo caso más paradigmático fue la conformación de una cooperativa de productores caficultores. En la actualidad la "Asociación de Caficultores del Valle del Intag" cuenta con alrededor de cuatrocientos socios que son pequeños agricultores campesinos de la zona que reconvirtieron sus cafetales, tradicionalmente utilizados para le autoconsumo, en una variedad del café "arábigo" muy buscado en los mercados internacionales y que, con el asesoramiento de técnicos agrónomos integrantes de las organizaciones que protagonizaron las acciones de protesta contra los emprendimientos mineros, pudieron desplegar estrategias de producción, almacenamiento y comercialización exitosas tanto para el mercado nacional como internacional que hoy en día exporta café de alta calidad a Japón y varios países de Europa dentro del esquema de comercialización del llamado "Comercio Justo".

> "La Cooperativa es una organización con cuatrocientos pequeños productores de café. La organización se motivó como una alternativa a la gran minería aquí en la zona de Intag. Empezamos cuando se logró botar a una compañía minera japonesa, ahí surgió la idea de buscar alternativas productivas, digamos, porque la comunidad quedó dividida, había necesidad de proyectos alternativos. Entonces dijimos, vamos a hacer agricultura pero que sea orgánica, un poco también afín a los criterios de la lucha contra la minería, la defensa del medio ambiente, ese tipo de cosas. Pero la idea no era solamente sembrar café, sino terminar toda la cadena, sembrar y procesar y distribuirlo también". Entrevista a Edmundo Varela- Presidente de la Asociación de Caficultores del Valle del Intag- Ecuador. Enero 2010.

De esta manera las organizaciones sociales proponen un esquema productivo alternativo a la idea hegemónica de "desarrollo" que habilitó un entramado social, económico y cultural que perdura hasta la actualidad y les permitió rechazar nuevos proyectos mineros, en particular el de la empresa canadiense "Ascendant Cooper Corporation" que comenzó sus operaciones de exploración en el año 2004.

> "Es muy importante que la comunidad le pare la exploración porque a veces dicen que van a explorar nomás, que no van a explotar, y eso no causa impacto. Pero la comunidad sabía muy bien que si encuentran algo va a ser imposible frenar (…) Es que ya estábamos preparados, botamos a Mitsubishi pero sabíamos bien que el cobre estaba ahí, entonces cuando entró esta otra ya teníamos una resistencia más organizada, y todos los gobiernos locales en contra de la minería, eso fue muy importante". Carlos Zorrilla- Fundador de DECOIN (Defensa de la Conservación Ecológica de Intag). Enero 2010
> Esta empresa realizó una intensa campaña en las comunidades del Valle de Íntag para obtener el consentimiento de los pobladores. Por un lado se planteó una estrategia de dividir las comunidades y los proyectos productivos a través de subsidios y "planes de desarrollo".
> "Este asunto de la lucha minera nos ha frenado, siempre ha sido avanzando en el desarrollo de nuestra propuesta, pero con el pie en el freno. Necesitas recursos para dedicarte al tema de la producción de café, pero también necesitas tiempo y recursos para la lucha minera. O te están hostigando o…

> por ejemplo, la empresa minera puso otra asociación de productores de café aquí (…), la idea de la empresa minera era romper el hilo socio- organizativo que tenemos nosotros, pero no lo consiguieron. Ahí nos dimos cuenta de que éramos fuertes en el sentido de la apropiación de lo nuestro, porque era muy fácil ir con el saco de café, si aquí te pagan 10 y allí te pagan veinte (…) pero sin embargo se venían con nosotros, este es el café de mi organización y acá vamos". Entrevista a Edmundo Varela- Presidente de la Asociación de Caficultores del Valle del Intag- Ecuador.

De este modo, además de la estrategia de cooptación y división, incluso con proyectos productivos que competían con las cooperativas conformadas por los pobladores del Valle que habían protagonizado las acciones colectivas contra la minería, la empresa desplegó una estrategia de represión y amenazas a las organizaciones sociales y ambientalistas donde incluso intervinieron grupos paramilitares para reprimir las movilizaciones y acciones colectivas de protesta en la zona.

> "En mayo de 2004 entró esta nueva empresa canadiense y ahí empezó con otra estrategia. Tenían mucho dinero y muy agresivamente una vez que ya no consiguieron entrar ya empezaron las amenazas, los enfrentamientos entre comunidades, vecinos, un montón de conflictos que culminó con la entrada a la fuerza de paramilitares contratados por la empresa minera a través de tres empresas de seguridad (…) Con tanta presión nacional e internacional el gobierno se vio obligado a retirarle la concesión minera, eso fue en 2008". Carlos Zorrilla- Fundador de DECOIN (Defensa de la Conservación Ecológica de Intag).
> "Fueron como cinco o seis años terribles acá en Intag porque esta empresa utilizó todas las estrategias y tácticas posibles para destruir la resistencia. Especialmente una, nosotros le llamamos una "guerra de baja intensidad" contra la población porque enjuiciaron a mas de… en Intag llegamos a tener diecisiete casos de gente judicializada por la empresa, se los acusaba de terrorismo, de sabotaje, de secuestro, de robo, de portar armas… José Cuevas- Referente de Corporación Toisán.

Así, en el año 2008 esta empresa canadiense también se retiró de la región luego de que las movilizaciones contra la explotación minera continuaran por parte de los pobladores, a las que se sumó una amplia campaña a nivel nacional e internacional denunciando el accionar de la empresa.

Posteriormente el gobierno de Rafael Correa intentó una nueva avanzada de un proyecto minero en la zona, en este caso con capitales trasnacionales y estatales, y que actualmente también se encuentra frenado por las acciones organizativas de los pobladores (ZORRILLA, 2011)[1].

Lo que nos interesa destacar es este artículo es que este proceso de acción colectiva no sólo implicó el desarrollo de acciones de protesta, sino que a su vez estuvo acompañado por la creación de alternativas al "desarrollo" ancladas en el territorio y en las matrices culturales de los habitantes del Valle del Intag. En este sentido uno de los entrevistados afirma que:

> "Lo de la zona de Intag no ha sido solamente esa parte, es decir, resistir incluso con el cuerpo a las mineras, ha sido también desde un primer día hacer propuestas porque siempre ha habido un discurso perverso del Estado y de las empresas sobre el tema de la pobreza y el desarrollo. Y como les decía esta es una zona que no tenía mucha vinculación con el mercado, no tenía una economía de mercado sino una economía de subsistencia. El discurso del estado ha sido eso "está mal, que cómo puede

[1] Este último proceso excede los objetivos de este artículo, sobre el mismo trabajaremos en futuras investigaciones.

> ser posible, que ustedes son miserables, no tienen cosas, no tienen plata", entonces, frente a ese discurso la gente terminó por hacer propuestas de desarrollo económico, para demostrar tal vez que sí es posible sin necesidad de recurrir a la minería. Y entonces en esos quince años surgieron como más de diez organizaciones sociales ambientalistas y productivas. José Cuevas- Referente de Corporación Toisán.

En el proceso de resistencia contra la minería fue clave la posibilidad de crear y sostener en el tiempo distintos emprendimientos organizativos, productivos, comunitarios y culturales que fortalecieron las acciones colectivas de protesta, así como resignificaron el propio territorio y las identidades de los distintos actores sociales del Valle de Intag. Todo este entramado permitió a este heterogéneo movimiento social establecer, no sólo un relato crítico al desarrollo hegemónico, sino que a su vez pusieron en práctica alternativas concretas al mismo que permitieron mejorar la calidad de vida de sus habitantes respetando sus propios paradigmas culturales de lo que ellos entiende por "desarrollo"; en el marco de una lógica de reciprocidad con la naturaleza.

Conclusiones

En el marco de las disputas por los territorios y los recursos naturales, la experiencia de acción colectiva de los pobladores del Valle de Intag marca un hito de la resistencia contra las nuevas formas que adquiere el modelo "neodesarrollista extractivo" en Ecuador al que -a las actividades extractivas tradicionales (hidrocarburos, bananos y otros cultivos extensivos)- se le han sumado la megaminería en la Selva y la Sierra y los agrocombustibles en la Costa. Modelo que implica, por cierto, una de las contradicciones más fuertes del gobierno de Rafael Correa en torno a, por ejemplo, una Constitución política que reconoce los "derechos de la naturaleza" y un Estado que propugna en Sumak Kawsay (el "Buen Vivir" de la cosmovisión de los pueblos kichwa), con un accionar de gobierno que impulsa el desarrollo de mega emprendimientos mineros que afectan fuentes de agua, ecosistemas y entramados sociales campesinos e indígenas centenarios y algunos, incluso, milenarios.

Este hito que señalamos de las acciones colectivas en el valle de Intag, no es solamente por ser una de las primeras experiencias de acción colectiva contra la megaminería en el Ecuador, sino porque su despliegue en el territorio permitió la creación de alternativas concretas al modelo extractivo. En efecto, este proceso tuvo la característica de presentar un escenario de resistencia a través de acciones de protesta -que, como vimos, incluyeron la construcción de exitosas redes de solidaridad y alianzas a nivel regional, nacional e internacional- a la vez que lograron conformar un esquema productivo que integró al conjunto del territorio, otorgando una identidad social, construida en el propio proceso de acción colectiva, y conformando una alternativa productiva exitosa en términos económicos y sustentable en términos ambientales y reafirmando y reificando los lazos sociales de los pobladores de la región. En este sentido, afirmamos que en los procesos de disputa por el territorio, los habitantes del Valle del Intag -conformados como un heterogéneo "movimiento socioterritorial"- propugnaron una resignificación territorial anclada en las acciones colectivas de protesta pero también en las propuestas alternativas construidas desde los momentos de latencia de la acción colectiva que nos permitirían esbozar la hipótesis de que se encuentran construyendo un "campo de experimentación social" que conduce a la conformación de un entramado territorial que podemos caracterizar como "territorio insurgente" retomando las consideraciones planteadas en este artículo. Cabe señalar nuevamente que este proceso no estuvo -ni se encuentra- exento de tensiones y conflictos latentes y visibles entre las propias comunidades que conforman el Valle de Intag y que son muchos los desafíos y limitantes a superar por estos emprendimientos productivos, a los cuales se suma la posibilidad latente de que un nuevo emprendimiento minero intente instalarse en la zona, provocando nuevamente la reorganización de las acciones colectivas de protesta.

En todo caso, la experiencia del Intag también marca la posibilidad de la construcción de un territorio donde la dinámica del "desarrollo" es cuestionada, no sólo por acciones de protesta, sino por el despliegue de formas alternativas de practicar y habitar el territorio a través de una gama de proyectos productivos articulados que otorgan nuevos usos y sentidos a la naturaleza, asociados a dinámicas de reciprocidad y sustentabilidad armoniosa entre las necesidades de los pobladores y la reproducción de la naturaleza y el medio ambiente.

Bibliografía

ACOSTA, A. Extractivismo y neoextractivismo: dos caras de la misma maldición. In: GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO **Más allá del desarrollo.** 1. Ed. Quito: Abya Yala- Findación Rosa Luxemburg, 2011, p. 83-118.

AGUILÓ, V. y WAHREN, J. Los bachilleratos populares de Argentina como "campos de experimentación social", **Revista Argumentos. Estudios Críticos de la Sociedad**, México, enero-abril 2014, Año 27, Nº. 74. p. 99-117.

BEBBINGTON, A. **La globalización de la gobernanza ambiental:** relaciones de escala en los movimientos socio ambientales y sus implicaciones para la gobernanza ambiental en zonas de influencia minera de Ecuador y el Perú, 1. ed. Manchester: Universidad de Manchester, 2006.

BEBBINGTON, A. (ed.). **Minería, movimientos sociales y respuestas campesinas:** una ecología política de transformaciones territoriales, 1. ed. Lima: IEP: CEPES, 2007. Vol. 2.

CARDOSO, F. H. y FALLETO, E. **Dependencia y desarrollo en América Latina**, 29. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1999. p.213

CECEÑA, A. E. **Derivas del mundo en el que caben todos los mundos**, 1 ed. México: CLACSO - Siglo XXI Editores, 2008. p.144

DÁVALOS, P. **La democracia disciplinaria.** El proyecto posneoliberal para América Latina, 1. ed. Quito: CODEU, 2010.

DÁVALOS, P. Diálogo y poder: los simulacros de la democracia. **Íconos- Revista de Ciencias Sociales**, Quito, julio 2001, Nro. 11, p. 6-16.

DE LA TORRE, C. El gobierno de Rafael Correa: posneoliberalismo, confrontación con los movimientos sociales y democracia plebiscitaria. **Temas y debates**, Rosario, octubre 2010, Nro. 20, pp. 157-172.

ESCOBAR, A. El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: ¿globalización o postdesarrollo?. In: VIOLA, A. (comp.) **Antropología del desarrollo.** Teoría y estudios etnográficos en América Latina, 1 ed. Barcelona: Paidós, 2000.

ESTEVA, G. Desarrollo. In: VIOLA, A. (comp.) **Antropología del desarrollo.** Teoría y estudios etnográficos en América Latina, 1 ed. Barcelona: Paidós, 2000.

FERNANDES, B. M. Movimientos socio- territoriales y movimientos socio- espaciales. **Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, enero- abril 2005, Nro. 16, pp. 273-283.

GARCÍA GUERREIRO, L. y WAHREN, J. Campesinado, territorios en disputa y nuevas estrategias de comercialización de la producción campesina en la Argentina. **Veredas, Revista del pensamiento sociológico.** México, primer semestre 2014/Año 15, Nro. 28, pp. 297-342.

GIARRACCA, N. y TEUBAL, M. Disputas por los territorios y recursos naturales: el modelo extractivo. **Revista ALASRU Nueva Epoca,** 2010, Nro. 5, pp. 113 a 133.

GIARRACCA, N. (2005) La disputa por los recursos naturales en la Argentina. La ecología de escalas*.* **Conflictos globales, voces locales**, Buenos Aires, octubre 2005**,** Nro 1.

GIARRACCA, N. y TEUBAL, M. **Actividades extractivas en expansión ¿Reprimarización de la economía argentina?**, 1 ed. Buenos Aires: Antropofagia, 2013.

GUDYNAS, E., y ACOSTA, A. Si eres tan progresista ¿por qué destruyes la naturaleza? Neoextractivismo, izquierda y alternativas. **Ecuador Debate**, Quito, 2010, Nro. *79*, pp. 61-82.

HARVEY, D. El "nuevo" imperialismo: acumulación por desposesión. **Socialist Register 2004: El nuevo desafío imperial**, Buenos Aires, 2005.

Instituto Nacional de Estadísticas y Censos- Ecuador. Disponible en http://www.ecuadorencifras.gob.ec/. Acceso en: 10 de febrero 2015.

LARREA, C., BELMONT, P., PAGUAY, J., WALTER, M., y LATORRE, S. **Análisis multicriterial sobre las alternativas de desarrollo de Íntag:** escenarios prospectivos para las opciones de turismo-agricultura y minería. 1 ed. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2012, pp. 26.

LEFF, E. **Saber ambiental:** sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder*,* 5 ed. México: Siglo XXI, 2007, pp. 414.

LÓPEZ OROPEZA, M. **Entre la identidad y la ruptura territorial:** la construcción socio-histórica y socio-económica en Intag, 2011, pp.157. Tesis de Maestría, Flacso Andes-Ecuador.

MELUCCI, A. ¿Qué hay de nuevo en los "nuevos movimientos sociales"?. In: LASAÑA, C. y GUEFIELD, J. (Eds.) **Los nuevos movimientos sociales.** De la ideología a la identidad, Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS), 1994.

O´CONNOR, J. ¿Es posible el capitalismo sostenible? In: ALIMONDA, H. (Comp.) **Ecología política.** Naturaleza, sociedad y utopía, Buenos Aires: CLACSO, 2003.

PORTO GONCASLVES, W. Da geografia ás geo-grafías: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECEÑA, A. E. y SADER, E. (Coord.) **La guerra infinita.** Hegemonía y terror mundial*.* 1 ed. Buenos Aires: CLACSO, 2002, pp. 217- 256.

RAMÍREZ GALLEGOS, F. Desencuentros, convergencias, polarización (y viceversa). El gobierno ecuatoriano y los movimientos sociales. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, mayo-junio 2010, Nro. 227, pp. 83-101.

SANTOS, B. **Crítica de la razón indolente.** Contra el desperdicio de la experiencia.1 ed. Bilbao: Editorial Desclée, 2003, vol. 1.

SCOTT, J. **Seeking like a state**. Londres: New Haven - Yale University Press, 1998.

SVAMPA, M. Extractivismo neodesarrollista y movimientos sociales. ¿Un giro eco- territorial hacia nuevas alternativas? In: GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO **Más allá del desarrollo.** 1. Ed. Quito: Abya Yala-Findación Rosa Luxemburg, 2011, pp. 185- 218.

SVAMPA, M. y ANTONELLI, M. A. (ed.) **Minería trasnacional, narrativas del desarrollo y resistencias sociales**. 1ed. Buenos Aires: Biblos, 2009, pp. 319.

SVAMPA, M. y VIALE, E. (2014) **Maldesarrollo.** La Argentina del extractivismo y el despojo.1 ed. Buenos Aires: Katz Editores, 2014, pp. 425.

TEUBAL, M.; DOMÍNGUEZ, D. y SABATINO, P. Transformaciones agrarias en la Argentina. Agricultura industrial y sistema alimentario. In: GIARRACCA, N. y TEUBAL, M. (coord.) **El campo argentino en la encrucijada.** Estrategias y resistencias sociales, ecos en la ciudad. 1 ed. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2005.

TRUJILLO, J. L. Las organizaciones indígenas y el gobierno de Rafael Correa. **Íconos: Revista de Ciencias Sociales.** Quito, 2010, Nro. 37, pp. 13-23.

VIOLA, A. Introducción. In ------, (comp.) **Antropología del desarrollo.** Teoría y estudios etnográficos en América Latina, 1 ed. Barcelona: Paidós, 2000.

WAHREN, J. Territorios Insurgentes: La dimensión territorial en los movimientos sociales de América Latina. In: **Jornadas de Sociología**, IX, 2011,Buenos Aires.

WAHREN, J. Movimientos sociales y territorios en disputa: Experiencias de trabajo y autonomía de la Unión de Trabajadores Desocupados de Gral. Mosconi, Salta. **Trabajo y Sociedad,** Santiago del Estero, Invierno 2012, Nro. 19, pp. 133-147.

WALLERSTEIN, I. **El Moderno Sistema Mundial.** La agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI. 5 ed. México: Siglo XXI Editores, 1989.

ZIBECHI, R. **Política y miseria. La relación entre el modelo extractivo, los planes sociales y los gobiernos progresistas.** 1 ed. Buenos Aires: Lavaca, 2011, pp. 191.

ZIBECHI, R. Los movimientos sociales latinoamericanos: tendencias y desafíos. **Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, enero 2003, Nº 9, pp. 185- 188.

ZORRILLA, C. **Choque de visiones sobre la política minera del Ecuador.** Disponible en: http://www.aldeah.org/. Acceso en: febrero 2015.

Recebido para publicação em 21 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 4 de agosto de 2015

Megaminería en Uruguay: conflictos estructurantes de un nuevo campo en disputa

Anabel Rieiro
Profesora Adjunta, Facultad de Ciencias Sociales. Coordinadora de la Unidad de Extensión. Docente e investigadora del Departamento de Sociología. Universidad de la República. Candidata a Doctora.
e-mail: rieiro.anabel@gmail.com

Valentina Posada
Licenciada en Trabajo Social. Actualmente realizando una instancia de investigación en Zurich University of Applied Sciences.
e-mail: valentinaposadarodriguez@gmail.com

Resumen

El objetivo del artículo será sistematizar y analizar algunas de las discusiones, planteadas como conflictos entre actores específicos, emergentes a partir de la propuesta de explotación del hierro a través de la megaminería en Uruguay. La discusión, lejos de querer analizarse en una clave simplista "megaminería si / megaminería no", pretende abordar algunas de las implicancias de este tipo de proyecto a nivel sociopolítico, desde la perspectiva de las ciencias sociales. La metodología abordada se basó en el análisis de discursos públicos, notas de prensa y distintas fuentes secundarias desde el 2010 a la fecha. Para ello, se sistematizaron los conflictos emergentes en las temáticas recurrentes dentro de la esfera pública, analizando las distintas posturas que los actores involucrados fueron tomando en el campo político. La información se ordenará en cuatro dimensiones del conflicto: 1. el proyecto económico, 2. el proyecto ambiental, 3. el proyecto social y 4. el proyecto político.

Palabras claves*:* megaminería, extractivismo, resistencias, desarrollo, participación

Mega-mineração no Uruguai: Conflitos estruturais de um novo campo em disputa

Resumo

Este artigo tem como alvo sistematizar e analisar algumas das discussões levantadas, como conflitos entre atores específicos, emergidos da explotação de ferro proposta através da mega-mineração no Uruguai. A discussão não será abordada desde uma base dual simplista no sentido: "mega-mineração sim / mega-mineração não", pelo contrário, se abordarão algumas implicações deste tipo de projeto a nível sócio-político, desde a perspectiva das ciências sociais. A metodologia utilizada basou-se na análise de discursos públicos, comunicados de imprensa e outras fontes secundárias desde o ano 2010 até à data. Para isso, os conflitos emergentes foram sistematizadas em temas recorrentes, analisando as diferentes posições que os atores envolvidos tem tomado no campo político. Desta forma, os dados tem sido classificados em quatro dimensões do conflito: 1. o projeto econômico, 2 o projeto ambiental 3. o projeto social e finalmente, 4. o projeto político.

Palavras-chave*:* mega-mineração, extrativismo, resistência, desenvolvimento, participação

Mega-mining in Uruguay:
Structural conflicts of a new field in dispute

Abstract

The objective of this article is to systematize and analyze some of the discussions, raised as conflicts between social actors, emerging from the proposed exploitation of iron through the mega-mining in Uruguay. Far from being analyzed in a simplistic key (mega-mining yes/no), the discussion aims to address some of the implications of this type of project on a socio-political level, from a social science perspective.The methodology was based on the analysis of public speeches, press releases and other secondary sources from 2010 until today. Emerging conflicts were systematized in the recurrent themes, analyzed at the different positions that different actors were taking in the political field. The data is sorted into four dimensions of the conflict: 1. Economic project, 2. the environmental project 3. the social project and 4. the political project.

Keywords: mega-mining, extractivism, resistance, development, participation

Aratirí: contextualización de la megaminería en Uruguay

Aratirí es el nombre que lleva en el territorio uruguayo la empresa Zamin Ferrous. La misma se instaló en el año 2007 con un proyecto de minería a cielo abierto para la extracción de hierro, en la zona denominada Cuchilla Grande, en los departamentos de Treinta y Tres, Florida y Durazno.

El proyecto ha atravesado las etapas de prospección y exploración. Sin embargo, estando a la espera de la firma del contrato con el estado uruguayo, que habilitaría el comienzo de la explotación, el reciente presidente Tabaré Vázquez ha declarado que el proyecto “está detenido”. Al parecer, las razón sería el cambio del precio del hierro a nivel internacional que haría menos rentable el negocio.

Luego de ocho años de discusión en el territorio nacional, los promotores y los que se resisten al proyecto, han abierto debates que han configurado esenarios nuevos, los cuales presentan un interés en ser analizados por las ciencias sociales, más allá de la realización o no del proyecto. Las resistencias sociales y ambientales han tenido su importancia en la demora de la concreción del negocio, que preveía comenzar en el año 2011 y que por el momento, con el cambio del contexto internacional, habría dejado de ser viable.

Según la ley 19.126 de Minería de Gran Porte, el 28 de febrero del 2015 era la fecha límite para firmar el contrato, plazo que se ha prorrogado por un año. Si la empresa no firmara el contrato con el Estado uruguayo en dicho período, debería entregar los títulos al Registro de Vacancias. De todas maneras, actualmente se discute un proyecto extractivo de menor escala, que podría retirar el proyecto del marco de dicha ley, habilitando la retención de titulos de prospección y exploración por un período mayor, quizás esperando que los vaivenes de los mercados internacionales hagan nuevamente viable el proyecto a gran escala.

A continuación, se analizará la propuesta y las resonancias del proyecto denominado complejo minero de Aratirí que ha sido debatido hasta el momento. Este complejo, estaría constituido por cinco minas, distribuidas en dos grupos: el Grupo Las Palmas, con la denominada Cantera Las Palmas, ubicada en los departamentos de Durazno y Florida y el Grupo Valentines, con las minas Maidana, Morochos, Mulero y Uría, ubicadas en el departamento de Treinta y Tres. Las cinco minas de extracción a cielo abierto cubrirían un

área total de aproximadamente 500 ha. El total del área que ocuparán los componentes del Proyecto (minas, depósitos de estériles, zonas de maniobra y logística) es de 4.300 ha. Todo el Complejo Minero, sumando a lo anterior las áreas de amortiguación, abarcaría 14.505 has.

El proyecto comprendería así tres componentes territoriales: a. La zona minera (cinco minas, planta de beneficiamiento y rutas de camiones que las conecte), b. Mineroducto (se calcula un mineroducto de 625 mm de diámetro que recorrerá 212 kilómetros, enterrados a un metro de profundidad pasando por Durazno, Florida, Treinta y Tres, Lavalleja y Rocha), c. Terminal portuaria (la empresa plantea realizar un puerto en La Angostura, para buques de hasta 18.5 m de calado y una capacidad de procesamiento de 18 megatoneladas por año aproximadamente).

Gráfico 1. Mapa del proyecto Aratirí en Uruguay.

Fuente: Empresa Zamin Ferrous.

Para entender el momento actual de la actividad minera en el territorio uruguayo, es preciso comprender el proceso de profundización del paradigma extractivo en general. En Uruguay, estos procesos estuvieron vinculados principalmente a preparar el territorio para la expansión del agronegocio y el crecimiento de la actividad forestal.

En el período analizado (2007-2014), el contexto internacional se mostró favorable para la extracción de ciertos recursos minerales, dada la gran demanda existente y el agotamiento de algunos yacimientos que reducen la oferta, lo que ha resultado en una importante suba internacional de los *commodities*.

Lo que importa retener de estas dos últimas décadas tiene que ver con la aplicación de normativas jurídicas, políticas, económicas y fiscales que tendieron a favorecer las inversiones de empresas transnacionales en proyectos de extracción de bienes de la naturaleza. Es en este marco que el aparato institucional se transforma para adecuarse a las necesidades de promoción, gestión y control de las actividades extractivas. Esto nos da la pauta del rol que han jugado los estados en el proceso. En el caso de Uruguay, ha sido durante los gobiernos del Frente Amplio (desde 2005 hasta la fecha) que se ha encontrado un gran impulso a la instalación de megaemprendimientos de tipo extractivo.

La minería no es una actividad nueva en el territorio uruguayo. La misma ha estado representada fundamentalmente por la explotación de rocas ornamentales y semipreciosas y la extracción de áridos para la construcción, a lo que se suma la minería a cielo abierto de oro ubicada en el departamento de Rivera. De acuerdo con Abbadie (2011), la minería ha sido una actividad presente en el territorio uruguayo, incluso desde la época de la colonia. En su artículo, la autora señala que la posibilidad de extracción de diversos materiales

minerales estuvo presente en la historia del territorio desde entonces, en tanto existía conciencia de la disponibilidad de estos recursos en el suelo.

Ahora bien, la actividad minera, si bien existente, estuvo históricamente relegada en la estructura económica-productiva del país. Ello se debe a varias razones. Para obtener los minerales, en especial los metálicos, debe invertirse en procesos tecnológicos que requieren de importantes capitales. Mientras tanto, otras actividades han sido históricamente más viables y rentables de acuerdo a las características geográficas del territorio. Así, en el imaginario de los/as habitantes del territorio uruguayo, la minería resulta una actividad desconocida, lejana y de poca importancia económica para un país que históricamente se concibió a sí mismo como ganadero y agricultor.

Lo novedoso de un proyecto como Aratirí tiene que ver con la escala de explotación que supondría el proyecto, tanto en términos de los montos económicos que movilizará, como en relación a la superficie que ocupará.

En este momento confluyen en el panorama latinoamericano mencionado, las reformas relativas al marco jurídico, las diversas medidas llevadas a cabo por el estado uruguayo para el fomento de la actividad y la conveniencia (aunque con una baja creciente) de los precios de las materias primas en el mercado internacional en general y del hierro en particular.

A diferencia del pasado, hoy es posible identificar un fuerte interés en el rubro por parte del estado, en sus diversos órganos e instituciones. Tanto el poder ejecutivo como el parlamento han brindado en el último tiempo particular atención a la temática, el resultado más visible de ello es la aprobación de una ley de minería de gran porte. Pero además, se fomenta el desarrollo de la temática en el ámbito académico, se promocionan nuevos cursos en el rubro, se impulsa la diversificación de la economía, etc. (MIEM, 2011). A esto se suman los proyectos de infraestructura que tiene el gobierno para facilitar el transporte de materias primas.

El proceso de transformación que se pone en marcha desde el estado para la promoción de la actividad minera, tiene sustento en la idea de “minería sustentable”. La idea que se postula es la de la adaptación de las instituciones para el desarrollo de una industria extractiva, que permita obtener con los costos ambientales menores, el máximo de ganancia posible.

Ante este panorama y el análisis de los posibles impactos económicos, políticos, sociales y medioambientales que dicho emprendimiento pudiera generar, se ha desatado un interesante debate público. Uno de los temas es, precisamente, si pueden conciliarse a largo plazo los intereses económicos y la integridad del ambiente. El propio debate durante el Juicio Ciudadano (2011) sobre el desarrollo sostenible, ha conducido a discutir los modelos de desarrollo y cuestionar la relación entre desarrollo económico y bienestar humano.

Cronología de conflictos y nuevas resistencias sociales

Ante la llegada de la megaminería al Uruguay, distintos sentidos y significaciones sobre el desarrollo afloran ante discusiones y conflictos nuevos que estructuran el campo social contemporáneo. Mientras algunos actores ven con buenos ojos la extracción de hierro, significando una oportunidad inédita para el crecimiento económico y la diversificación productiva del país, otros caracterizan la nueva etapa de neoextractivista, donde se profundizaría la dependencia en la inserción internacional como proveedores de materia prima, se mercantilizaría la naturaleza y se habilitaría el saqueo de las riquezas nacionales.

Más allá de los actores que han protagonizado la defensa y la resistencia al mismo, existe actualmente una variedad de propuestas y proyectos en disputa, que abre un abanico de conflictos políticos y sociopolíticos estructurantes en un campo de análisis novedoso para la realidad nacional.

El nuevo marco de conflictividad no logra comprenderse desde categorías clásicas de alianzas políticas en el marco derecha-izquierda, por lo que las tensiones serán

analizadas, desde una perspectiva de distintos modelos de desarrollo en disputa. En este sentido, partir de la “narrativa desarrollista” implicará analizar los conflictos desde los que pueden analizarse las posiciones y acciones de los distintos actores protagonistas para enmarcar las restricciones y oportunidades políticas en cuanto al desarrollo.

Como se dijo anteriormente, en los últimos años el estado uruguayo viene impulsando la instalación de numerosos megaemprendimientos extractivo–productivos, la construcción de infraestructuras para el transporte, las comunicaciones y la búsqueda de minerales e hidrocarburos en el territorio. Explotación minera a gran escala, megapuertos, nuevas plantas procesadoras de celulosa, estudios de prospección en suelo y plataforma marítima en busca de yacimientos minerales, proyectos de extracción de hidrocarburos mediante fractura hidráulica o fracking, una planta regasificadora, entre otros, conforman el nuevo panorama, a lo que se suma la expansión continua del llamado agronegocio, representado fundamentalmente en la producción de soja y maíz transgénico, la forestación de pinos y eucaliptos y la ampliación de la matriz energética.

La profundización de la extracción de la naturaleza se postula como la estrategia promovida para mejorar las condiciones de vida y la redistribución de la riqueza. Se legitima la propuesta apelando a una construcción discursiva en torno a la minería, que propone la realización de esta actividad de forma “sustentable”, es decir, controlando y reduciendo al máximo los impactos que pueda tener sobre el ambiente natural y social.

En este contexto, los movimientos socioambientales alertan sobre la necesidad de llevar a cabo un debate en el que se discuta el derecho al territorio y el respeto a los estilos de vida presentes en los mismos. Esto es, un debate que privilegie el derecho a decidir sobre el para qué, el para quiénes y el cómo de un territorio determinado y en el que se ponga en agenda pública qué modelo de desarrollo nos resulta deseable como sociedad.

En la mirada de quienes se resisten a la instalación de Aratirí, estos megaproyectos extractivos hipotecan el futuro de los pueblos, consolidando un modelo que es denominado como extractivista, neoextractivista o extractivo-exportador, caracterizado por llevar al extremo la explotación de la naturaleza. En el territorio uruguayo, diversos colectivos sociales, comunidades, barrios, agrupaciones de productores rurales, sindicatos, entre otros, han puesto en marcha la resistencia, cada vez más presente en la escena pública. Esta resistencia social supone un marco novedoso para el conflicto social a nivel nacional; podemos decir que es la primera vez en la historia que en el país surge un movimiento tan amplio en torno a problemáticas vinculadas a lo medioambiental.

Por sus características de megaemprendimiento, por el gran impacto que tendrá a nivel ambiental y quizás por lo novedoso que resulta en la estructura productivo-económica del país y, por tanto, en los imaginarios colectivos, el proyecto de megaminería de hierro llamado Aratirí se ha constituido como el objetivo principal de las manifestaciones y las acciones colectivas que configuran la resistencia; se ha constituido como el nombre clave, el enemigo visible y el blanco directo de las resistencias sociales.

Desde 2010 han surgido en diversas zonas del territorio uruguayo agrupaciones de variado tipo en oposición al proyecto minero, configurando un marco de conflictividad, que va intensificándose a partir de la conformación y confluencia de una fuerte y diversa acción colectiva que, con actividades de difusión y propaganda, movilizaciones callejeras, recursos legales y otros mecanismos de resistencia, ha generado un nuevo marco de conflicto social, o mejor dicho, conflicto socioambiental.

Las primeras acciones colectivas parecen surgir en las cercanías de la zona donde se instalaría el proyecto, en el año 2010. Una vez que comienzan a pedirse padrones de tierras para las tareas de prospección y exploración, las familias de la zona de Cerro Chato y Valentines comienzan a generar las primeras acciones de confrontación, organizando instancias de reuniones, charlas informativas, marchas locales y presentando recursos legales ante la solicitud de padrones.

A partir de entonces, la resistencia fue trascendiendo lo local para situarse en diversas zonas del territorio, tanto en el área rural como en las ciudades, logrando tener fuerte presencia en la capital montevideana. Ya para 2011, se configura una red amplia y diversa, que pone en articulación pobladores/as y productores/as de las áreas donde se

instala la minera, pobladores/as de los pueblos costeros, afectados por la construcción del puerto, variados actores colectivos y políticos de la capital montevideana, grupos ambientalistas y pobladores/as de otras zonas del territorio afectadas por distintas actividades productivas – extractivas o por la contaminación de cursos de agua y suelo. La resistencia comenzó entonces a tener fuerte presencia en la capital, sobre todo a partir de la realización de la primera marcha nacional en defensa de la tierra y los bienes naturales.

En 2012, surge la Asamblea Nacional Permanente en defensa de la tierra y los bienes naturales (ANP), organización asamblearia que nace como articulación de la numerosa y diversa cantidad de actores, grupos, organizaciones y colectivos que se encontraban presentes en la escena de conflictividad. Se nuclean entorno a la ANP colectivos de varios puntos del territorio uruguayo: Tacuarembó, Rivera, Treinta y Tres, Lavalleja, Rocha, Maldonado Canelones y Montevideo fundamentalmente. Desde entonces, las principales acciones de este colectivo han sido las Marchas Nacionales realizadas en octubre y mayo de cada año, en la ciudad de Montevideo. Esta actividad es la que ha determinado la presencia del colectivo en el ámbito público, instancia que también a permitido a muchas personas manifestarse en las calles montevideanas. Además de estas acciones, los diversos colectivos que participan de la ANP suelen realizar actividades callejeras, volanteadas, charlas, etc. y han tenido presencia también en el interior del país, realizando actividades en varios puntos del territorio.

En setiembre de 2013, por 52 votos en 82, la Cámara de Diputados aceptó las modificaciones del Senado al proyecto de Minería de Gran Porte enviado al Parlamento en el 2012. La iniciativa que se convirtió en ley fue aprobada con los votos del Frente Amplio, el Partido Independiente y del diputado nacionalista Gustavo Borsari contando con la oposición de los nacionalistas y los colorados. Los argumentos de la oposición se basaron en el no acuerdo con el canon acordado, la exoneración de impuestos como el Patrimonio e IVA y el rechazo al plan de cierre presentado por la empresa.

Otro colectivo que ha tenido fuerte presencia en el conflicto es el MOVUS (Movimiento por un Uruguay Sustentable), el cual desde finales del 2013 ha conformado el Movimiento Uruguay Libre, abocado fundamentalmente a la recolección de firmas para la realización de un plebiscito que prohíba la minería metalífera de gran escala. Este colectivo se ha caracterizado por tener una fuerte presencia en los medios de prensa así como en los ámbitos de gobierno, participando en varias instancias del tratamiento de la ley de minería de gran porte. Asimismo, este colectivo ha estado caracterizado por sus respuestas desde el saber técnico sobre los proyectos de minería y otros emprendimientos, presentando frecuentemente documentos de aporte o crítica a los mismos.

En la escena pública, el marco de conflictividad en torno a la instalación de la minera Aratirí ha tenido momentos de fuerza y de calma. Son fundamentalmente actores del ámbito político e integrantes del gobierno nacional quienes han tenido mayor presencia en la discusión pública y quienes han participado de la argumentación a favor de la instalación del proyecto. Es posible identificar una mayor presencia de la empresa en los primeros años desde su instalación en el territorio, principalmente a través de la publicación de material informativo y folletería y con la presencia fuerte de quien fuera su director en el territorio uruguayo. No obstante, en los últimos años, sobre todo en 2014, aparece una fuerte impronta desde los actores políticos vinculados al gobierno y cierto silencio por parte de la empresa.

En el 2014, es posible identificar algunos momentos importantes en esta dinámica de conflictividad. Hacia comienzos del año, se proyectaba la firma del contrato entre el poder ejecutivo y la empresa, lo cual habilitaría el comienzo de la etapa de explotación del mineral. Los actores colectivos mencionados que han venido resistiendo la instalación del proyecto realizaron diversas acciones de denuncia y de oposición a la firma de dicho contrato, convocando a los medios de comunicación, realizando concentraciones, difundiendo variados materiales informativos, etc. La crítica central giraba en torno a la accesibilidad a la información acerca de las actividades de la empresa y a los beneficios otorgados a la misma que disponía el contrato. Ante la complejidad creciente del tema, finalmente el poder

ejecutivo, a través del presidente de la república, José Mujica, firmó una ampliación de los plazos de análisis del proyecto de la minera por un año más.

Nodos problemáticos del conflicto

Perspectivas divergentes sobre el proyecto económico. Megaminería: economía de enclave o diversificación de la matriz productiva?

En el plano económico, uno de los nudos problemáticos más debatidos ha sido la cuestión acerca de si la minería a cielo abierto genera desarrollo local/nacional o consolida enclaves de exportación o "economías de enclave" dependientes.

Las cifras que maneja la corporación Zamin Ferrous, colocarían a Uruguay como un país importante en lo que refiere a la exportación de hierro, a través de un proyecto que duraría aproximadamente 40 años, afectando a 396 padrones, con una creación de 1500 puestos de trabajo directos y una inversión calculada de casi 3.000 millones de dólares.

Los defensores de la megaminería a cielo abierto, reconocen al hierro como una materia madre de la industria, argumentan que su explotación es una actividad indispensable para el crecimiento económico, la creación de fuentes de trabajo, el desarrollo y la diversificación de la matriz productiva del país. Se asocia el proyecto de minería a concepciones de "progreso" y "crecimiento". Encontramos en este sector a: la propia empresa, el gobierno, la Cámara de industria y la central sindical PIT-CNT (Plenario Intersindical de Trabajadores-Convención Nacional de Trabajadores), entre otros.

> "La Cámara de Industria Minera del Uruguay (CIMU): reconoce el interés de las autoridades nacionales por impulsar la necesaria diversificación de la producción nacional sin afectar ningún sector de actividad. Asimismo, invita a intensificar los esfuerzos de difusión y comunicación que favorezcan una mejor comprensión de la industria minera y su capacidad de promover el desarrollo nacional" (Comunicado de prensa, CIMU, 13 de Setiembre, 2013).
> "Tenemos que entender que el progreso nos obliga a cuidar la naturaleza y por el otro lado, a aprovechar los recursos que podamos reunir" (Presidente José Mujica, audición Radio M24, 20 de Agosto, 2013).
> "Queremos una minería en beneficio del país y en función de las grandes mayorías, que han sido siempre postergadas, especialmente en esa zona. (...) Apoyamos la Ley de Minería de Gran Porte porque plantea formalizar una comisión de seguimiento en la que van a estar todas las partes involucradas" (Francisco de Silva, UNTMRA, entrevista La Diaria, 12 de febrero de 2014).
> "Hemos diseñado todos los componentes para avanzar en la ejecución del proyecto de manera segura, sustentable y ambientalmente responsable. Apostamos a ser impulsores del bienestar económico, social y ambiental del Uruguay" (Pramod Agarwal, fundador Zamin Ferrous, Suplemento del diario El País, octubre, 2011).

Dentro de esta postura en el espacio social, encontramos una diversidad de proyectos y planteos. Se reconoce como fragilidad que, ni el estado ni los privados nacionales, podrían realizar actividades económicas/productivas como la minería a gran escala por sí mismos. Así, entre los actores que defienden el proyecto, existen cuestionamientos de cómo actuar frente a la dependencia y la posibilidad que significan los capitales extranjeros para poder explotar los recursos propios.

> "Se critica a la minería porque suele acostumbrar a las sociedades a vivir de una renta fácil, y cuando se termina el mineral queda la angustia. Pero hay sociedades como la noruega, que tiene la sabiduría de transformar esa riqueza en inversión, y cuando se termina el recurso queda un país más rico

> y sustentable" (Presidente José Mujica, Canal 10, Subrayado, 27 de junio de 2011).
> "El primer aporte de la industria minera es la generación de riquezas. Estamos trabajando para establecer que esta industria, netamente extractuva, se localice en proyectos de inversión que en el futuro generen mayores ingresos productivos y de servicio, y estos se coloquen en un fondo que aseguren la solidaridad intergeneracional" (Roberto Kreimerman, Ministro de Industria, Energía y Minería, Suplemento día de la construcción, El País, octubre 2011)

El desarrollo de procesos de autonomización creciente, se ha manifestado a través de los distintos actores, sobre dos ejes principales: 1. la nacionalización del subsuelo para que la extracción beneficie al país, 2. la preocupación por generar eslabones productivos para desarrollar industria siderúrgica nacional.

Sobre el primer eje, el diputado herrerista del Partido Nacional José Carlos Cardoso, propuso el proyecto de nacionalización del hierro, de manera de poder exigir un porcentaje alto del material o de las ganancias que surjan de la extracción a partir de disposiciones impositivas claras. Según el código minero que disponía el 91% de los recursos de la extracción para los empresarios privados/inversores y el 9% para el país (para el canon que se le paga al Estado y al dueño de la tierra), la discusión puso en cuestión varias cuestiones y luego de algunas charlas, el presidente de la república manifestó que veía con buenos ojos llegar a lo que caracterizó como "fifty-fifty".

En relación al segundo eje, varios senadores, diputados, la cámara de industria minera y el sindicato del UNTMRA (Unión Nacional de Trabajadores Metalúrgicos y Ramas Afines) plantean como apuesta principal la creación de un proyecto de industria nacional de hierro, es decir, un proyecto que se plantee eslabones productivos para desarrollar la industria siderúrgica nacional. En este sentido, se encuentran en marcha algunos proyectos que estudian la viabilidad para desarrollar dichos eslabones industriales.

Por otro lado, los que argumentan económicamente contra la megaminería, la caracterizan como una actividad de "saqueo". Por un lado, plantean la afectación e incompatibilidad que dicho proyecto supone con algunas actividades productivas y formas de vida locales. Por otro lado, denuncian que el producto mineral extraído no servirá para desarrollar otras cadenas productivas, ya que se exportará para ser refinado y procesado en el exterior, funcionando así la extracción con una lógica únicamente de enclave, es decir, exportación de un recurso no renovable extraído por empresas transnacionales. Desde los actores que resisten a la megaminería, se advierte que históricamente en el plan económico ha sido frecuente condicionar la posibilidad de desarrollo en el continente por perspectivas y coyunturas favorables para los productos de exportación, y cuando esas condiciones pierden empuje se vuelven coyunturas desfavorables.

Encontramos en este sector a distintos pobladores de las localidades que serán mayormente afectadas, la ANP (Asamblea Nacional Permanente), el MOVUS (Movimiento por Uruguay Sustentable) y un pequeño partido político Asamblea Popular/Unión Popular.

> "Rechazamos el modelo de desarrollo saqueador y contaminante que se ha impuesto en esta tierra (...) que no diversifica la producción, que reprimariza la economía y nos perpetúa como exportadores de materias primas" (Proclama de la 4ta Marcha Nacional, 10 de mayo, 2013)
> "Salimos nuevamente a la calle a denunciar y exigir que se detenga la política de saqueo que desde hace décadas se está impulsando en nuestro territorio. El gobierno, desoyendo a quienes nos oponemos a la entrega de la tierra y los bienes naturales a manos de las multinacionales saqueadoras y depredadoras (...) Para justificar ante nosotros esta infamia inventan discursos que hablan de ganancias, desarrollo y productividad" (Proclama de la 6ta Marcha Nacional, 9 de mayo, 2014).
> "Estamos frente a dos modelos totalmente distintos, uno renovable y sustentable, como el que tenemos ahora y otro extractivo, de corto plazo y depredador, que va a dejar un pasivo ambiental importante (...) Uruguay

> está preparado para producir alimentos naturales. Ese será nuestro sello de distinción" (Poblador de Valentines. El Observador, 2 de febrero de 2014)
> "No se puede convivir con eso, qué vas a criar animales con las explosiones, el polvo, van a cambiar los cursos de los arroyos (...) nosotros estamos en contra de la minera, al principio pensaba que me podía cambiar la vida, pero no va a ser así" (El Heraldo, 30/31 de enero, 2012)

En síntesis, en el plano económico, las concepciones de desarrollo que emergen de los distintos actores y sus discursos, dan cuenta de un panorama complejo que puede analizarse a nivel multiescalar. La especificidad de las prácticas y actores locales, se definen en un territorio donde convive la escala de Estado-nación, la escala subnacional y supranacional. Estas nuevas dinámicas habilitan la concepción de lo local, lo nacional y lo global como entidades que no se excluyen mutuamente, sino que conviven y se solapan en las distintas tensiones. Las problematizaciones y conflictos emergentes se relacionan directamente con viejas discusiones sobre desarrollo planteadas décadas atrás entre teorías de modernización y dependencia y la búsqueda de desarrollo económico a través de la industrialización periférica.

Algunos actores comprenden el proyecto de explotación minera y la subsiguiente transformación de las estructuras sociales como una oportunidad de desarrollo nacional, dado que el país contará con una gran inversión que podría ser utilizada para diversificar su estructura productiva. Por otro lado, las resistencias al proyecto, enfatizan el tipo de integración dependiente que significaría dicha actividad en los mercados internacionales, caracterizando el proyecto productivo como una actividad altamente extractiva, con lógica de enclave, que "primariza la economía" y habilita el saqueo de los recursos nacionales a escala trasnacional.

La discusión es dinámica, la información y el proyecto han ido cambiando en estos años. Recientemente, el presidente José Mujica, luego de una reunión mantenida entre el propietario de la empresa y algunos representantes del gobierno, expresó que podría cambiar el proyecto, basándose en la exportación de hierro en menor cantidad y a través del puerto de Montevideo, abriendo las puertas a montar empresas de fundición.

Ambientalización del conflicto: sentidos y significaciones sobre el concepto de "sustentabilidad"

La cuestión ambiental ha sido un punto problemático sobre el cual los conflictos han permeado la esfera pública, dejando visibles las distintas visiones y contradicciones de los distintos actores sociales involucrados.

Aquí, encontramos básicamente dos posturas en la polarización del campo sociopolítico. Por un lado, los que defienden la "megaminería sustentable y responsable" o sea, la explotación del mineral controlando y reduciendo al máximo sus impactos medioambientales, tomados como "externalidades negativas". Por otro lado, los que rechazan la actividad por ser intrínsecamente extractiva, destructiva e insustentable, planteando una concepción del medioambiente que escape a los enfoques más economicistas que lo abordan como un "costo" o "externalidad"[1]. Se pone en cuestión la relación con la naturaleza de una manera nueva e incipiente aunque aún sin consensos por parte de las resistencias sociales.

En general, los impactos ambientales que se han hecho más visibles en el debate público retoman las problemáticas acerca del uso del suelo con su pérdida de valor

[1] "La observación de la megaminería a cielo abierto presentes en otros países indica que se pierden los ambientes naturales originales, se destruye el suelo, se alteran los cursos de agua y se modifica la fauna y flora. (Eduardo Gudynas, Brecha, 24 de Junio 2011).

productivo y ecosistema, la construcción del puerto y el impacto en la costa atlántica que ello implicaría e impactos relacionados al uso del agua.

Los representantes de Aratirí han remarcado en su discurso la perspectiva de "responsabilidad social/medioambiental" de la compañía, definida como la utilización de herramientas tecnológicas y logísticas orientadas a evitar/minimizar los daños al medio ambiente. Se remarca como positivo medioambientalmente, y en comparación regional, que la etapa de separación de la roca del mineral se produciría en Uruguay sin uso de productos químicos (como el cianuro), sino por trituración y medios magnéticos.

Sobre el estudio y control de los impactos medioambientales, se ha defendido desde el gobierno la posición de desarrollo sustentable, concordante con la definición que los organismos internacionales sostienen sobre la minería sustentable o responsable[2]. Se trata, en definitiva, de la promoción de una idea de control del riesgo y del impacto, a favor del uso de esos recursos. En este sentido, el gobierno ha defendido la "minería sustentable" planteando que lejos de ser contradictoria con el "Uruguay Natural" (eslogan propuesto por el gobierno) sería compatible.

> "La minería de Gran Porte es aceptable y genera proceso de desarrollo sostenible si respeta las reglas y garantías rigurosas de gestión ambiental durante todo el proceso, incluyendo cierre y post-cierre. Existe en el país un marco legal amplio, moderno y adecuado que da garantías (ambiental, minero, de ordenamiento territorial y gestión del agua)" (Acuerdo interpartidario sobre política de estado para grandes proyectos mineros, 2011).
>
> "No hay proyecto sin afectación al ambiente (...) Hay proyectos que lo afectan de un modo aceptable, y esté en cada país determinar cuál es el estándar que quiere para esa afectación, implementar las políticas acordes y hacer que se ejecuten" (Ernesto Lima, consultor, El País, 23 de abril de 2013).
>
> "El Uruguay necesita seguir creciendo, desarrollándose, a efectos de que su gente viva cada vez mejor. Tenemos muchas riquezas naturales. Hay que recurrir a ellas para seguir creciendo económicamente. Hay que hacerlo con cuidado, hay que preservar el medio ambiente, hay normativas a nivel nacional e internacional que lo aseguran. Y bueno, racionalmente hay que ir buscando esos recursos naturales para crecer económicamente y que su gente, los uruguayos, podamos vivir mejor" (Tabaré Vázquez, La República, 20 de marzo de 2014).

En los discursos es posible identificar la atención prestada a las instituciones que se encargan del control del impacto ambiental. Aparece, de esa manera, la necesidad de fortalecer instituciones como la DINAMA (Dirección Nacional de Medio Ambiente) y la DINAMIGE (Dirección Nacional de Minería y Geología).

> "El gobierno está abocado a trabajar para encontrar mejores instrumentos y políticas públicas e implementar una minería responsable con desarrollo industrial (...) para esto es esencial contar con un nuevo marco jurídico a través de la Ley de minería de gran porte (...) así como con el control por parte de la Dirección Nacional de Medio Ambiente. No tenemos otra forma que explotar inteligentemente, de manera sustentable y sostenible en el tiempo, los recursos de que disponemos para mejorar la vida de los ciudadanos tanto desde el punto de vista ambiental como económico (...) Está en nosotros generar las condiciones para tomar las mejores decisiones de algo a lo que no podemos renunciar como lo es el desarrollo del Uruguay"

[2]La Comisión Mundial del Ambiente y Desarrollo de las Naciones Unidas entiende el desarrollo sustentable como el logro de las necesidades del presente sin que se comprometa las posibilidades de las generaciones futuras para lograr sus propias necesidades.

> (Prosecretario de la Presidencia, Diego Cánepa, en la apertura de la "Conferencia sobre minería y desarrollo sostenible en Uruguay, visiones y experiencias nacionales e internacionales", 16 de julio de 2013).

A pesar de una mayor jerarquización de las instituciones gubernamentales encargadas del seguimiento y control de los impactos ambientales, existe crecientemente una tensión entre el abordaje técnico y el político. Ejemplo de ello, podría ser el hecho de que al mismo tiempo que se daba la defensa del proyecto Aratirí por parte del presidente de la república, la DINAMA rechazaba el Informe y el estudio de impacto ambiental otorgado por la empresa, por estar incompleto en lo que refería al cierre. Existen antecedentes entre tensiones en el plano de la gestión ante aprobaciones ministeriales que van en contra de opiniones de los asesores técnicos gubernamentales, lo que demarca un nuevo plano político a atender. El tema preocupa porque más allá de los estudios de impacto ambiental, el control y seguimiento diario de los acuerdos ambientales necesitaría de monitoreos continuos e independientes.

A partir del primer informe de impacto ambiental que la empresa otorgó, la etapa de cierre de las explotaciones se volvió un tema de preocupación a nivel público. La inversión del proyecto en dicha etapa, puede evitar que queden los pasivos mineros sin limpiar, mediante un acuerdo sobre un plan detallado de cierre de las canteras que busque recuperar la capa vegetal y demoler la infraestructura en desuso. La importancia de acordar dicho compromiso de cierre es crucial antes de la explotación, dado que en este período la inversión en términos de negocio económico puede ser sentida como un gasto sin beneficios para los capitales extranjeros. Las organizaciones ambientales, evalúan que el plan de cierre presentado "más que un cierre, es un abandono".

La resistencia a la implementación de megaminería, se ha nucleado en torno a la preocupación por el impacto ambiental que tendrá el proyecto. Se construye un accionar desde la defensa de los bienes naturales, la tierra y el agua. Esto se refleja en los discursos que hemos analizado en las fuentes secundarias relevadas. Ahora bien, existe una variedad de posiciones y visiones sobre la naturaleza. En los discursos podemos identificar actores más vinculados al ambientalismo y por tanto con una resistencia mayormente enfocada a la cuestión del impacto ambiental y la preservación de la naturaleza, otros con preocupaciones sobre el territorio que habitan, las transformación que sufrirá y sobre todo los cambios que suponga en su modos de vida y producción, y otros más definidos en torno a la idea de nocividad, que plantean límites de tolerancia del impacto y que por lo tanto enfocan su accionar en torno a generar presión para que se controle efectivamente a la empresa y se fortalezcan las instituciones vinculadas a esa tarea.

Para el grupo de resistencia más ligado al MOVUS/Movimiento Uruguay Libre, la resistencia parece estar girando alrededor del impacto ambiental que tendrá el proyecto, a las condiciones dentro de las cuales se realizará el proyecto, a la maximización de las ventajas económicas de la explotación minera. En este sentido, estos actores han tenido una fuerte participación en la órbita de los aparatos legislativos y ejecutivos del estado, discutiendo y criticando en concreto al proyecto Aratirí y a la ley de minería de gran porte. Asimismo, estos actores han tenido notoria presencia en los medios de comunicación, expresándose en la línea de lo descripto.

> "Los proyectos de minería metalífera a cielo abierto no tienen un valor económico de largo plazo para el país. La extracción del mineral es de carácter temporal y la inversión pasajera, porque se basa en una coyuntura especulativa internacional con los metales. En contrapartida, estos proyectos amenazan el equilibrio del ecosistema y ponen en peligro la tierra y el agua, bienes fundamentales para la vida en el planeta". (Comunicado MOVUS, Portal Sociedad Uruguaya, 7 de marzo de 2012).

En el caso de los productores de las zonas donde está trabajando la minera, lo que aparece en los discursos es fundamentalmente la idea de riesgo y la preocupación ante la posibilidad de que esos territorios queden devastados luego del período de explotación. Los

discursos relevados denotan incertidumbre sobre el futuro de su territorio y sobre todo de la actividad productiva con la que se sustentan económicamente.

> "Si esto llega a salir nos va a destruir totalmente. La contaminación que va a haber, dicho por ellos mismos, nunca más se reparará. Puntigliano (el gerente de Aratirí) dijo que van a reconstruir los campos pero es una mentira, van a abrir los pozos, llenarse los bolsillos, irse al diablo y nosotros vamos a quedar hechos guasca. Todo esto va a quedar destruido" (Paulo Ibarra "Quicón", El Heraldo, 30 y 31 de enero de 2012).

Algunos colectivos suelen tener en sus discursos una manifestación más clara y fuerte acerca de los impactos de la megaminería. Ya mencionábamos antes la idea de concepción del modelo como "saqueador y de destrucción". Además, la lectura de diversos documentos que han publicado estos colectivos permite identificar una denuncia clara hacia otros sectores de la economía del territorio uruguayo que son entendidos también como parte de ese modelo de saqueo y destrucción. Allí aparecen entonces los monocultivos de soja y maíz transgénico, la forestación de pinos y eucaliptos para la producción de pasta de celulosa y el proyecto de planta regasificadora en la costa oeste de Montevideo. Se plantea en los discursos de estos últimos cierta crítica a la Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Sudamericana, entendida como la política de los estados para asegurar la salida de los recursos extraídos y explotados.

> "denunciamos al plan IIRSA/Cosiplan, plan continental que hace posible el saqueo de nuestros bienes naturales, así como a los diferentes gobiernos cómplices de empresas transnacionales que crean las leyes e infraestuctura necesaria para llevarlo a cabo" (Proclama 5ta Marcha Nacional, Asamblea Nacional Permanente).

Así, la cuestión ambiental tiene notable presencia en los discursos, asumiendo diferentes configuraciones de acuerdo a los actores que participan del conflicto, cuestionando o promoviendo el proyecto de megaminería Aratirí. Aparece en la discusión pública la preocupación sobre los impactos ambientales de estos emprendimientos. La cuestión ambiental va formando parte cada vez más del escenario social en el territorio uruguayo, de sus problemáticas y sus conflictos sociales. Si bien los intereses que entran en juego en la resistencia son diversos, podemos decir que la cuestión ambiental no ha quedado por fuera de la discusión y la resistencia viene a poner sobre la mesa ciertas dudas acerca del modelo de desarrollo impulsado por empresas y gobierno.

En este sentido, nos parece de importancia reparar en algunos conceptos que han surgido del análisis de los documentos. Por ejemplo, no nos resulta menor la denominación que se ha dado a las marchas nacionales, realizadas en mayo y octubre de los últimos años, "en defensa de la tierra, el agua y los bienes naturales". Aquí aparece la noción de bienes naturales en oposición a la de recursos, con lo cual se intenta romper con la lógica de mercantilización y propiedad privada de la naturaleza. Señala en esta línea Seoane,

> "como la confrontación con la racionalidad económica productivista ha implicado en la experiencia de los movimientos sociales la crítica al concepto de "recursos naturales" y la nominación de los mismos como "bienes comunes"; la dinámica de los conflictos y las campañas contra la apropiación privada de los mismos y sus consecuencias catastróficas sobre la vida en el planeta han promovido también una programática signada por la defensa del territorio a la que se agrega la referencia de defensa de la vida" (SEOANE, 2005, p. 93).

Claro está, en la medida en que avanzamos en el análisis de la resistencia, podemos observar la confluencia de diversidad de intereses que entran en juego en el conflicto, llegando incluso a aquellos sectores que se oponen al proyecto de megaminería por razones

de tipo económico, porque se teme que se limiten las posibilidades de seguir realizando ganadería extensiva, o cultivando miles de hectáreas de soja transgénica. Así, la cuestión más ligada a la defensa de la naturaleza y a la denuncia a las lógicas de mercantilización y explotación de la naturaleza está presente pero suele quedar relegada ante la inmensidad de intereses de otro tipo, inclusive de intereses conservadores.

En síntesis, aparece en los conflictos planteados una problematización novedosa desde la perspectiva de desarrollo, donde las distintas concepciones y el lugar otorgado a la naturaleza adquieren un lugar central en el debate, lo que a su vez señala un nuevo panorama en lo que respecta a la conflictividad social.

Desde los defensores del proyecto, la soberanía y generación de autonomía nacional radica mayormente en el crecimiento económico, la distribución y la diversificación productiva, siendo que el medio ambiente guarda un lugar secundario -aunque importante-. El discurso neodesarrollista en el que se sustenta la legitimación del modelo extractivista como vía posible para el desarrollo, se basa en una concepción particular de la naturaleza y supone un rol específico del estado.

Desde la resistencia, conviven concepciones contradictorias de la naturaleza. En algunos colectivos, la resistencia a la megaminería se basa en querer conservar los proyectos productivos existentes (siendo o no siendo estos de carácter extractivo); mientras que en otros colectivos, lo que se busca es la desmercantilización de la naturaleza[3], lo que supone una resistencia a todos los proyectos de características similares.

No es casual que, desprendido del escenario actual de conflictividad y el nuevo horizonte histórico de sentido, también emerjan teorías -a nivel de Latinoamérica- que buscan deconstruir imaginarios heredados y naturalizados desde la colonización. En este sentido, las teorías decolonizadoras (MIGNOLO, 2009; QUIJANO, 2000) nos permiten retomar la cuestión neurálgica del desarrollo humano despojándonos de concepciones que automáticamente asocian el “buen vivir“ con la adopción de pautas culturales de la sociedad de consumo, crecimiento económico y progreso tecnológico. Se recentra la discusión en los sujetos, su capacidad de vincularse, construir comunidad y mejorar su calidad de vida. El territorio es visto como “lugar de vida“ en el que se desarrollan las capacidades humanas de producción y reproducción.

Las políticas sociales y la integración social como argumento legitimador del rol estatal

Si bien las tensiones en el campo social, se condensan en general como conflictos socio-ambientales, es interesante notar las construcciones discursivas que el Estado propone para legitimar su nuevo rol en la apertura a capitales transnacionales de la nueva matriz productiva.

El gobierno defiende la importancia en recibir estos capitales con un fundamento legitimador social. La generación de mano de obra directa e indirecta, el impacto en la suba de precio de la mano de obra local (dado que la minería genera réditos mayores que el oficio de peón de campo) y sobre todo la utilización de los ingresos que el Estado recibe por las explotaciones en políticas sociales dirigidas a las poblaciones más necesitadas.

La Ley de Minería de Gran Porte, en su artículo 45 establece que de los ingresos que recibe el Estado, el 30% constituirán recursos presupuestales (30% con destino al Fondo de Desarrollo del Interior, 5% proyectos educativos implementados en el interior, 60% proyectos productivos, de infraestructura, riego, turísticos y ambientales, 5% fortalecimiento a las capacidades técnicas de los organismos de control y seguimiento) y el 70% constituirán el Fondo Soberano Intergeneracional de Inversión.

[3]Karl Polanyi ([1944] 2007) advertía que al concebir el trabajo, la tierra y el dinero como “factores productivos” el liberalismo habría transformado las bases fundamentales de la vida social en “mercancías ficticias”.

La postura sería, explotar el hierro que se tiene para invertir en las poblaciones que más lo necesitan, generando nuevas oportunidades y canales de distribución. El desarrollo tiene que ver así, con la redistribución de las riquezas y la justicia social.

> "Tenemos una enorme riqueza en hierro en el subsuelo de nuestro país y, aparentemente, tenemos también una riqueza muy importante en petróleo y gas natural en el subsuelo y en el espacio marítimo. ¿Qué vamos a hacer? ¿Las vamos a dejar enterradas para siempre jamás? ¿O en algún momento comenzaremos a trabajar en su explotación para que haya más ingresos para el país y puedan ser distribuidos con justicia social entre todos los uruguayos y para que sigamos mejorando la situación del Uruguay para llevarlo al nivel de un país desarrollado?" (Tabaré Vázquez, La República, 16 de setiembre de 2014).

La presencia de fuertes aparatos de políticas sociales se constituye como característica central del modelo político de los gobiernos progresistas de las últimas décadas en la región latinoamericana. Gudynas (2012) habla en este sentido de *extractivismo y estados compensadores*, señalando el vínculo entre extractivismo y programas sociales. Zibechi (2010) entiende que la necesidad de compensación está dada "porque estructuralmente la hegemonía del capital financiero genera exclusión y marginalización" (2010, p. 95). En este marco, las políticas sociales son entendidas por el autor como mecanismos de gobernabilidad de los estados que tienden hacia el control y la legitimación del modelo extractivista y de la acumulación capitalista. En la misma línea, Santos (et al.) señala que "en el neodesarrollismo el estado asume un nuevo protagonismo en la "compensación social" de los efectos más regresivos del modo de producción capitalista, aumentando el "gasto público social"" (2013, p. 18).

Lejos de estar en contra de las políticas sociales redistributivas, es necesario advertir la impronta particular que asumen las nuevas configuraciones económicas, frente a gobiernos "progresistas" o "de izquierda". La importancia otorgada por dichos gobiernos al reconocimiento de los derechos y la redistribución de la riqueza a través de políticas sociales, se conforma como una arista del extractivismo, aportando una nueva fuente de legitimación a través de la "justicia social" que consolida la idea de desarrollo sustentable. Sin embargo, esta idea de "estado compensador" es una cuestión coyuntural, mientras que el extractivismo trataría de un cambio de modelo estructural a largo plazo y es incierto cómo se utilizarán los ingresos provenientes de la minería a futuro.

A principios de la década del 2000 la hipótesis central de nuestro actual ministro de desarrollo Daniel Olesker (2001) era que el aumento de la riqueza nacional y la injusticia social eran dos caras de la misma moneda en el modelo capitalista dependiente. Así, advertía:

> "una característica intrínseca del desarrollo de las fuerzas productivas capitalistas (más aún en un país dependiente) es la desigualdad, la exclusión y la concentración de los frutos del progreso. Por ello nuestra crítica sustantiva al modelo vigente no está ni de cerca en su capacidad de crear riqueza, sino en la distribución de dicha riqueza, así como en la subordinación de los aspectos sociales y humanos al componente mercantil" (OLESKER, 2001, p. 39).

El autor estudiaba cómo luego de la implantación de modelos apoyados en el Estado protector, la sustitución de importaciones y posterior estancamiento se había implantado desde los años 70s al 2000 un modelo liberal, concentrador y excluyente, caracterizado por la apertura externa, la desregulación, reestructura productiva y del comercio exterior (aumento del déficit comercial), pérdida de regulación laboral, alta dependencia capitales externos y la centralización de capitales en el sector financiero-exportador.

A poco más de diez años, hoy existe un consenso en los actores gubernamentales, donde la idea de trasfondo es la necesidad de crecer económicamente a partir de la

explotación de los recursos naturales, para redistribuir y mejorar las condiciones de vida. El modelo que se propone es “el crecimiento con inclusión”. La entrada de agentes privados como Aratirí, que cuentan con el capital económico y tecnológico para la extracción, se habilita cambiando los marcos jurídicos anteriores y con la participación expresa del gobierno.

El dilema sería si se corrigen los resultados de la injusticia social sin afectar la estructura o si se logra transformar la propia estructura que los genera. Ante este panorama, cabe preguntarse, si más allá de las políticas compensadoras y redistributivas se ha logrado transformar el modelo de desarrollo basado en la explotación y exclusión, o si no se estará en una etapa donde se radicaliza la primarización económica basada en una matriz de explotación extractiva y dependiente de capitales extranjeros.

Tensiones en el campo político: construcción de ciudadanía y esfera pública

A partir del análisis de los documentos relevados, es posible identificar en el entramado de conflictividad un elemento que tiene que ver con la democratización de la información, considerada como una cuestión de fundamental importancia para muchos de los actores colectivos que resisten al proyecto. Así, se configura un nudo problemático en torno al acceso a la información y el conocimiento sobre el proyecto en particular y sobre la minería en general, que se relaciona directamente con la propia construcción de ciudadanía y el rol otorgado a la esfera pública en la toma de decisiones claves para el país. Fraser plantea en *Escalas de justicia* que “no hay redistribución ni reconocimiento sin representación” (FRASER, 2008, p. 49). Plantear comprender cómo se trazan los marcos de la representación política hoy frente al proyecto de megaminería permite reconstruir las arenas discursivas nacionales y transnacionales en un territorio concreto.

La falta de información de los grupos de productores rurales habitantes de las zonas donde está trabajando la minera, hace que en los últimos años los habitantes locales planteen mayormente sus temores y preocupaciones frente a los impactos de un proyecto de tal magnitud y frente a una presencia permanente de funcionarios técnicos de la empresa entrando a sus tierras a realizar tareas de exploración y prospección.

> “Nuestra preocupación se basa fundamentalmente en la falta de información que tenemos (...) Nosotros, más que como productores como habitantes de la zona, como gente de una vida relacionada a la tierra, creemos que debemos tener información, debemos estar al tanto del proceso ambiental, ecológico, social, y eso es lo que nosotros salimos a reclamar” (Guillermo de los Santos, productor rural de la zona de Valentines, entrevista en El Espectador, marzo de 2010).

Esta preocupación ha derivado en que muchas de las acciones de los colectivos que participan de la resistencia sean de carácter informativo, realizándose numerosas charlas, encuentros de debate y mesas redondas, tanto en el interior como en Montevideo, en ámbitos de trabajadores, en ámbitos académicos, etc.

Asimismo, ésta ha sido la preocupación de algunos actores políticos. En el ámbito legislativo, diputados y senadores de los partidos de oposición han realizado varias veces llamados a sala de los actores más estrechamente vinculados al devenir de la actividad minera (Ministros de Industria, Energía y Minería, Ganadería, Agricultura y Pesca, entre otros). En el marco de la campaña política previa a las elecciones internas de junio, varios candidatos han salido a los medios a hablar del tema y plantean dentro de sus preocupaciones centrales las relativas a la falta de información sobre el proyecto.

> “No soy contrario a la actividad minera (...) lo que hay es una gran desinformación (...) quizás la empresa no está manejando bien esto del punto de vista de la comunicación porque lo que hay es una gran

> desinformación. Este es un proyecto que implica un gran cambio para la zona, que implica un gran cambio para el Uruguay y que obviamente genera interrogantes en muchos aspectos: cómo va a ser la explotación, cómo es la parte ambiental. Es decir, hay una cantidad de cosas que lo que está faltando es mayor explicación y ver cómo se va a mitigar todos estos efectos ambientales, sociales, etc." (Entrevista al candidato a la presidencia por el Partido Colorado, Pedro Bordaberry, Radio El Espectador. 5 de abril de 2010).

La preocupación en torno al acceso a la información nos remite a la cuestión de la participación en la toma de decisiones acerca de los modos de vida y producción. ¿Quiénes pueden y deben participar de la información? ¿y quiénes de la toma de decisiones?. Parece lógico que para la resistencia estas son cuestiones fundamentales de la lucha, ello deviene en que gran parte de las acciones colectivas sean actividades de difusión y de intercambio de decisiones, pero además, las propuestas de plebiscitos a nivel departamental y nacional parecen tender hacia la posibilidad de incidencia en las decisiones.

El debate sobre qué producir, cómo producir y cómo distribuir las ganancias y costos de la producción, también da paso a ser replanteado entre quienes existen relaciones de justicia para decidir sobre estos asuntos. Fraser (2008) habla de "Justicia anormal" para analizar los discursos alternativos que intentan quebrar las interpretaciones hegemónicas acerca de la propia justicia. El cuestionamiento de los discursos hegemónicos a través de los contra públicos podrían estar rediseñando una nueva acción política transnacional.

Ahora bien, varios riesgos se desprenden de la cuestión de la información y directamente de la participación. En primer lugar, la restricción del debate al saber técnico. Esto supone un obstáculo para la resistencia, en la medida en que aquellos que no cuentan con el saber especializado queden por fuera de la posibilidad de resistir a ciertos modos de vida, de producción o de relacionamiento con la naturaleza en los espacios donde habitan.

> "Creemos que en esta lucha todos y todas tenemos para decir y para hacer. El debate no debe quedar relegado a unos pocos sabiondos que ostentan el conocimiento técnico, no debe quedar encerrado dentro de los muros de las universidades. Todos y todas tenemos mucho para decir cuando se trata del agua, de la tierra, de la vida" (Material de Regional Sur, ANP, 2014).

Por otra parte, otro riesgo implicado en esta cuestión tiene que ver con la participación y la posibilidad real de las personas de incidir en las decisiones que les afecta. Desde una perspectiva de democracia radical se promueve la esfera pública como incidencia directa en la toma de decisiones a través de grupos fuertes, más que como una mera interacción discursiva de personas privadas que discuten sobre intereses públicos (grupos de opinión).

Los conflictos analizados, lógicamente, suponen relaciones desiguales de poder, los actores del gobierno no en pocos casos han restringido las instancias de diálogo con los actores sociales/ambientales, realizando algunas instancias de intercambio que han sido más informativas que consultivas. Aquí se imprimen también los diferentes modos de accionar y de resistencia implicados en el conflicto, y las visiones de cada actor en torno a la democracia y la participación. Las desigualdades reales (más allá del ideal normativo en la democracia liberal que plantea ponerlas "en suspenso") despojan a la "opinión pública" de su fuerza práctica, debilitando los propios procesos de deliberación.

Un ejemplo claro de ello, es que en los últimos meses la solicitud y pedido de la organización Movus/Uruguay Libre de Megaminería de acceder a la documentación del proyecto, fue negada por parte del Ministerio de Industria, Minería y Energía en primera instancia. Finalmente, la cartera fue obligada por parte del tribunal de lo contencioso administrativo a brindar la información. No obstante, luego del fallo judicial, la organización solamente pudo acceder a 190 páginas de un total de 4000 que componen el documento. Los argumentos con los cuales se juegan la confidencialidad tienen que ver fundamentalmente con mantener los planes comerciales de la empresa en secreto.

El artículo 26 de la Ley de Minería de Gran Porte habilita la solicitud del titular de la empresa al Poder Ejecutivo para que se declare de carácter reservado o confidencial la información de carácter comercial. Sin embargo, también plantea que "en ningún caso podrá ser considerada de carácter confidencial o reservada la información relacionada a los aspectos ambientales" de los cuales muchos aspectos -plan de cierre, por ejemplo- permanecen fuera del conocimiento público hasta el día de hoy.

Síntesis y reflexiones

Una de las reflexiones más nítidas desprendida del estudio de la temática, da cuenta de la complejidad que ésta asume, dados los diversos elementos interrelacionados que la conforman. Las distintas partes y dimensiones en juego, la diversidad de significados y significaciones, los distintos actores involucrados en el conflicto, entre otros factores, deviene en diversidad ideológica, heterogeneidad de intereses, de discursos, de interpretaciones y de formas de participación.

Asimismo, la complejidad está dada por la inexistencia de un único proyecto para la explotación de hierro en Uruguay. Los distintos nudos conflictivos, normativas, negociaciones y resistencias han hecho que los proyectos fueran mutando y adaptándose a nuevas exigencias y nuevos intereses, que hacen impredecible el futuro de la minería a cielo abierto.

El proyecto Aratirí, no es un único proyecto, sino que se compone de varias posibilidades y presenta importantes variabilidades en sus diversos aspectos. Ejemplo de dicha incertidumbre es: la cantidad de años que podría durar la explotación del mineral, la escala de extracción, el porcentaje de las ganancias que podría quedar para el estado uruguayo, la viabilidad de montar cadenas industriales, los planes de cierre de las minas, etc. Estos han sido algunos de los puntos sobre los cuales se ha encontrado informaciones cambiantes y por momentos contradictorias en el debate público y la prensa analizada.

El panorama señalado tiene significativas consecuencias a la hora de estudiar el marco de conflictividad. No obstante, entendemos que el presente artículo constituye un aporte en la medida en que sistematiza y describe el proyecto tal cual fue proponiéndose hasta el momento, a través de los diversos nudos que se han constituido como ejes problemáticos en la esfera pública. Se presenta, en definitiva, un abordaje de las trayectorias del conflicto minero en Uruguay, de los principales discursos y de los actores que han participado del mismo hasta el momento.

Ante la llegada de la megaminería al contexto nacional, la Universidad pública ha abierto un diploma en la Facultad de Ingeniería sobre "Ingeniería de Minas" en el cual de aproximadamente 300 horas totales de cursos, sólo se ofrece como optativa y en el cuarto semestre, una materia de 15 horas llamada "Aspectos sociales y ambientales", otorgada por docentes chilenos.

La temática de los conflictos socioambientales tiene reciente abordaje por parte de las ciencias sociales. Lo novedoso de este marco de conflictividad, que sitúa asuntos tales como el cuidado del ambiente, las transformaciones de la matriz productiva y la mercantilización de los bienes de la naturaleza, tiene que ver con el desarrollo y hace que cada vez más actores colectivos, organizaciones, comunidades y actores políticos analicen y debatan con mayor profundidad la temática. El análisis desde las ciencias sociales es ineludible.

De este modo, importa visualizar que Uruguay, al igual que los demás territorios del continente, se encuentra transitando un proceso global con transformaciones vinculadas a la matriz productiva, a la mirada sobre la naturaleza y el ambiente, al gasto público y la concepción política que conlleva la profundización del modelo de extracción de bienes primarios.

De igual manera, también acompañando los procesos regionales, aparecen ante estos marcos, diversas organizaciones, actores colectivos y comunidades que se oponen a

la instalación de proyectos como el de Aratirí y van conformando una nueva resistencia socioambiental.

Ahora bien, es posible identificar en el contexto nacional, algunas características que hablan de especificidades históricas. Las mismas tienen que ver, por ejemplo, con la idiosincrasia propia de nuestra sociedad, fuertemente estadocéntrica, constituida a través de la "partidocracia" y caracterizada -al decir de Carlos Real de Azúa (1984)- como "una sociedad amortiguada" en sus conflictos.

Los imaginarios altamente eurocéntricos, que llevaron décadas atrás a caracterizar a nuestra sociedad como "la Suiza de América", también marcan una fuerte asociación entre la idea de participación y democracia que privilegia las vías institucionalizadas de acción como única vía legítima de canalización de la protesta social. En todo caso, la deconstrucción acerca de la idea que asimila el crecimiento económico con la evolución o progreso lineal tiene que ser interpelada para avanzar en los debates sobre el desarrollo.

Los conflictos ambientales y las nuevas subjetividades individuales y colectivas emergentes de ellos, marcan un novedoso escenario de conflictividad, como expresiones de nuevos significados y significaciones en relación al medioambiente y a la propia construcción de ciudadanía, pero también problematizan las nociones de autonomía, de participación, de acción colectiva, de mecanismos de decisión colectiva, de protesta y de resistencia.

En un momento donde la vivencia generalizada del país es de "bonanza económica" que permitiría disfrutar a los ciudadanos de altos niveles de consumo (caracterizado por una lógica individualista), el ejercicio ciudadano se pone en cuestión ante nuevos ejemplos de solidaridad y articulaciones de resistencia colectiva que interpelan el proyecto de crecimiento a través de un uso del territorio y sus recursos.

Desde una perspectiva histórica, observando los ciclos de lucha en el territorio nacional, encontramos que: en el período de dictadura, las organizaciones sociales y políticas se oponían al régimen militar y luchaban por la restitución de la democracia (1973-1985); en el período neoliberal (1985-2005) un bloque de resistencias entre el movimiento estudiantil, el movimiento de cooperativismo de vivienda por ayuda mutua, el partido político de coalición de izquierdas y el movimiento sindical, canalizó fuertemente sus acciones en resistencia a las privatizaciones estatales, entre otras. A partir de 2005, con la llegada de la izquierda a través del partido Frente Amplio al poder, un nuevo ciclo de lucha comienza. Emergen nuevas configuraciones sociales, ya no lideradas por los movimientos clásicos que otrora ejercían las resistencias al modelo hegemónico.

A pesar de cierta renovación en lo que refiere a los repertorios de lucha y los horizontes de acción, los intereses de los distintos grupos que conforman las organizaciones que resisten a la megaminería, no están exentos de contradicciones. Encontramos que allí conviven profesionales de diversas disciplinas, ambientalistas y rurales que encuentran valoraciones divergentes sobre la territorialidad, no haciendo fácilmente asimilable la lucha a un giro eco-territorial. Mientras que algunos defienden los recursos naturales como "bienes comunes" no mercantilizables y se oponen al modelo de agronegocios en general, otros defienden sus recursos para mantener su cultura, su historia familiar y sus negocios (estando algunos dentro del modelo de agronegocios).

Ante el nuevo panorama social y político, urgen los análisis que planteen las modificaciones estructurales desde una perspectiva de desarrollo, dado que si bien no existe "un modelo", existen varias acciones e intereses -exógenos y endógenos- que van posibilitando acciones sistemáticas hacia la profundización de la concepción extractiva y productiva de la naturaleza.

Más allá de la detención actual del proyecto Aratirí por cambios en el precio del hierro en el contexto mundial, comprender el patrón de desarrollo naturalizado a través de nuestra realidad socio-económica, cultural y política, requiere analizar nuestra matriz de crecimiento y nuestra estructura productiva desde una perspectiva de relaciones de poder. En este sentido, -más allá de los aportes fiscales y el posible rol dinamizador del resto de sectores económicos que la megaminería podría significar- la asociación del estado con corporaciones trasnacionales, amerita un análisis profundo de las transformaciones a nivel geopolítico que vive nuestra región en general y nuestro país en particular.

Bibliografía

ABBADIE, Lucía. **La minería en Uruguay Evolución, balance y perspectivas en el período 1880 – 2010.** En QUINTAS JORNADAS DE HISTORIA ECONÓMICA: RECURSOS NATURALES EN PERSPECTIVA HISTÓRICA: **¿MALDICIÓN O BENDICIÓN?,** Montevideo: AUDHE, 2011.

FRASER, Nancy. **Escalas de justicia**. Barcelona: Herder, 2008.

GUDYNAS, Eduardo. **Estado compensador y nuevos extractivismos: Las ambivalencias del progresismo sudamericano**. En Revista Nueva Sociedad, enero – febrero 2012, Nº 237.

MACHADO ARAÓZ, Horacio **"Auge minero y dominación neocolonial en América Latina. Ecología política de las transformaciones socioterritoriales neoliberales**" En LATINOAMÉRICA INTERROGADA, MEMORIAS XXVII CONGRESO ALAS, 2009, Buenos Aires. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, 2009

MIGNOLO, **Walter Desobediencia Epistémica (II) Pensamiento Independiente y libertad de-colonial.** Rev Otros logos, Centro de Estudios y Actualización en Pensamiento Político, decolonialidad e interculturalidad. Universidad Nacional del Comahue, BA/Neuquén/Rio Negro/Chubut, 2009.

OLESKER, Daniel. **Crecimiento y exclusión**. Montevideo: Trilce, 2001.

POLANYI, Karl **La gran transformación**. España: Fondo de Cultura Económica, [1944] 2007.

QUIJANO, Anibal **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**, en LANDER, E (comp) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales -perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

REAL DE AZUA, Carlos. **Uruguay: una sociedad amortiguadora?.** Montevideo: La Banda Oriental, 1984.

SANTOS, Carlos et al. **"Seis tesis urgentes sobre el neodesarrollismo en Uruguay".** Contrapunto: bienes comunes, saqueo y resistencias. Montevideo: Centro de Formación Popular del Oeste de Montevideo. Comisión Sectorial de Extensión y Actividades en el Medio. UDELAR, 2013.

SEOANE, José. **Movimientos sociales y recursos naturales en América Latina: resistencias al neoliberalismo, configuración de alternativas**. Revista OSAL 93, año VI, Nº 17, 2005.

ZIBECHI, Raúl **Política & Miseria. Una propuesta de debate sobre la relación entre el modelo extractivo, los planes sociales y los gobiernos progresistas**. Buenos Aires: Lavaca, 2010.

Notas de prensa citadas

GUDYNAS, Eduardo. **La minería en el vecindario.** Semanario Brecha, 24 de Junio, 2011.
LIMA, Ernesto. Minería y actividad rural van de la mano. Entrevista. Diario El País. 23 de abril de 2013.

VAZQUEZ, Tabaré. **Partidario de instalación de Aratirí-Nota a Tabaré Vázqu**ez. Diario La Repúbica. 20 de marzo de 2014.

PRAMOD, Agarwal. **Proyecto Aratirí.** Suplemento del diario El País, octubre, 2011
KREIMERMAN, Roberto. Suplemento día de la construcción, El País, octubre 2011.

Documentos

Audición del Presidente José Mujica en Radio M24, 29 d agosto de 2013. Disponible en http://www.presidencia.gub.uy/sala-de-medios/audios/mujica-audicion-29-agosto-2013

CEREMONIA DE CLAUSURA DE LA CONFERENCIA SOBRE MINERÍA Y DESARROLLO SOSTENIBLE EN URUGUAY, VISIONES Y EXPERIENCIAS NACIONALES E INTERNACIONALES. 2013. Oratoria de Edgando Ortuño, Subsecretario del Ministerio de Industria, Energía y Minería. Disponible en http://www.presidencia.gub.uy/comunicacion/comunicacionnoticias/cierre-conferencia-mineria-desarrollo.

Oratoria de Diego Cánepa, Prosecretario de la República. Disponible en http://tv.vera.com.uy/video/4891 y http://www.mineria.com.uy/nacionales/mineria-en-uruguay-gobierno-quiere-desarrollo-productivo-y-cuidar-medio-ambiente/

Comunicado de prensa de la Cámara de Industria Minera (CIMU) en el marco de la aprobación de la Ley de Minería de Gran Porte. 13 de setiembre de 2013. Disponible en http://www.cimu.org.uy/comunicado-de-prensa/

Comunicados de prensa MOVUS. Disponibles en www.movusuruguay.org/

“La mina del medio”. Entrevista a Francisco da Silva, dirigente de la UNTMRA y del sindicato de trabajadores de Aratirí del departamento de Treinta y Tres. 12 de febrero de 2014. Disponible en http://ladiaria.com.uy/articulo/2014/2/la-mina-del-medio/?m=noticias

“Lo que está faltando acá es mucha información” Entrevista a Pedro Bordaberry. El Espectador. 5 de abril de 2010. Disponible en http://www.espectador.com/politica/178419/pedro-bordaberry-lo-que-esta-faltando-aca-es-mucha-informacion

“Lo que piensan sobre Aratirí los pobladores de Valentines”. Diario El Observador. 2 de febrero de 2014. Disponible en http://www.elobservador.com.uy/noticia/270736/mas-duros-que-el-hierro/

“Productores contra Aratirí”. El Heraldo. 30 y 31 de enero de 2012. Disponible en http://www.observatorio-minero-del-uruguay.com/2012/02/productores-contra-aratiri/

“Productores rurales de Valentines reclaman más información ante emprendimiento minero. El Espectador. 30 de marzo de 2010. Disponible en http://www.espectador.com/economia/177951/productores-rurales-de-valentines-reclaman-mas-informacion-ante-emprendimiento-minero

URUGUAY Documento del Juicio Ciudadano. Minería en Uruguay: posturas, argumentos y aspectos vinculados a la temática. Documento de trabajo elaborado por el Comité Organizador y revisado por el Comité Asesor. Proyecto Juicio Ciudadano sobre Minería en Uruguay: un proceso de reflexión y deliberación ciudadana. Agosto, Uruguay, 2011

Leyes y documentos

URUGUAY. Ley No 19.126, Minería de gran porte. Senado y Cámara de Representantes, 2013.

URUGUAY Documento de acuerdo. Comisión multipartidaria de análisis de la minería de Gran Porte. MGP, 2011.

Recebido para publicação em 20 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 5 de junho de 2015

A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural[1]

Nathalie Drumond
Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFF
e-mail: nathalie.drumond@gmail.com

Resumo

Nos anos 2000, em Cochabamba (Bolívia), a população derrotou a privatização da empresa responsável pelo abastecimento de água (SEMAPA). Os cochabambinos sofriam com a escassez d'água há muitas décadas, oriunda da sua própria geografia e do descaso dos gestores públicos. Por anos, não houve investimento adequado para ampliação da infra-estrutura e nem para captação alternativa de água. Dessa forma, a população acostumou-se a buscar autonomamente soluções para a escassez. Por exemplo, na zona rural, pequenos agricultores desenvolveram um engenhoso esquema de irrigação comunitária. Sob pressão do Banco Mundial e do FMI, o governo de Cochabamba, com apoio da administração federal, decidiu privatizar a SEMAPA. E para assegurar o monopólio aos interesses privatistas, aprovou uma Nova Lei de Águas que, entre outras coisas, determinava a exploração da água como um direito privado. Após uma intensa luta que uniu a população do campo e da cidade, os cochabambinos - sob a liderança da Coordenadora de Águas de Cochabamba - conseguiram reverter a privatização e revogar a nova lei, um feito inédito na América Latina.

Palavras-chave: Guerra da Água; Acumulação por espoliação; Crise hídrica; Em defesa da água; Movimento social na Bolívia.

La guerra del agua en Bolivia: la lucha del movimiento popular contra la privatización de un recurso natural

Resumen

En la década de 2000, en Cochabamba (Bolivia), la población derrotó a la privatización de la empresa responsable del suministro de agua (SEMAPA). Cochabambinos sufrieron de escasez de agua durante muchas décadas, procedentes de su propia geografía y negligencia de los gestores públicos. Durante años, no hubo inversión adecuada para la expansión de la infraestructura y recolección alternativa de agua. Así, la población buscó soluciones de manera autónoma a la escasez. Por ejemplo, en las zonas rurales, los pequeños agricultores han desarrollado un sistema comunitario de riego bastante ingenioso. Bajo la presión del Banco Mundial y el FMI, el gobierno de Cochabamba, con el apoyo del gobierno federal decidió privatizar la SEMAPA. Y para garantizar el monopolio a los intereses privatizadores, adoptó una Nueva Ley de Aguas que, entre otras cosas, preveía la explotación del agua como un derecho privado. Después de una intensa lucha que unió a la población del campo y la ciudad, los cochabambinos - bajo la dirección de la Coordinadora del Agua de Cochabamba - han logrado revertir la privatización y la derogación de la nueva ley, una hazaña sin precedentes en América Latina.

[1] O presemte artigo é resultado de pesquisa realizada durante a Graduação em Geografia na USP, sob orientação da Profa. Dra. Marta Inês Medeiros Marques.

Palabras clave: Guerra del Agua; Acumulación por desposesión; Crisis del agua; En defensa del agua; Movimiento social en Bolivia.

Water war in Bolivia: the struggle of the people's movement against privatization of a natural resource

Abstract

In the 2000s, in Cochabamba (Bolivia), the population defeated the privatization of the company responsible for water supply (SEMAPA). Cochabambinos suffered from water shortages for many decades, arising from its own geography and indifference of public managers. For years, there was no suitable investment for expansion of infrastructure and alternative water harvesting. Thus, the population is accustomed to autonomously find solutions to the shortage. For example, in rural areas, small farmers have developed an ingenious community irrigation scheme. Under pressure from the World Bank and the IMF, the government of Cochabamba, with support from the federal government decided to privatize SEMAPA. And to ensure the monopoly to privatizing interests, adopted a New Water Law which, among other things, provided for the exploitation of water a private right. After an intense struggle that united the population of the countryside and the city, Cochabambinos - under the leadership of Cochabamba Water Coordinator - have managed to reverse the privatization and to repeal the new law, an unprecedented feat in Latin America.

Keywords: Water War; Accumulation by dispossession; Water crisis; In defense of water; Social movement in Bolivia.

Introdução

O presente artigo pretende contribuir com as discussões acerca do controle dos recursos naturais, especialmente sobre a problemática da privatização da água. Tomar-se-á o exemplo da Guerra da Água na Bolívia, ocorrida em Cochabamba entre os meses de janeiro e novembro de 2000, para se problematizar duas visões: aquela que, em linhas gerais, vislumbra a água como fonte de riqueza e a que se contrapõe a esta visão, a partir da ideia do acesso à água como um direito de todos. O intuito é contribuir para um projeto de defesa da água como um bem comum, no contexto de crise hídrica que vive o Brasil.

Primeiramente, será feita uma retrospectiva do conflito cochabambino, retomando seus antecedentes, o desenrolar dos fatos e o seu desfecho. Em seguida, discutir-se-á uma importante teoria para esta análise, a ideia de acumulação por espoliação de David Harvey, bem como sua importância para o entendimento dos contextos que levaram aos processos de privatização da água. Por fim, à guisa de conclusão, serão debatidos os dilemas enfrentados pelo movimento em Cochabamba após a derrota da privatização e serão levantadas hipóteses para uma pergunta: afinal, a água é uma mercadoria a ser negociada em escala internacional ou um direito inalienável da humanidade?

O Neoliberalismo prematuro e ortodoxo da Bolívia

A Bolívia foi o segundo país do cone sul a ensaiar a implementação das medidas neoliberais. As décadas de 1980 e 1990 foram cruciais para a realização e consolidação deste projeto. Em 1985, inicia-se na Bolívia um ajuste estrutural baseado numa nova fórmula: *menos Estado y más mercado* (PORTUGAL, 2007, p. 7), sob o governo de Victor Paz Estenssoro, primeiro governo democrático depois de pouco mais de 20 anos de ditadura.

O modelo neoliberal, instaurado em 1985, viabilizou-se mediante um decreto (21060) apresentado como Nova Política Econômica (NPE), cujo intuito era a reestruturação do Estado boliviano que se encontrava imerso em uma profunda crise após longos anos de ditadura militar, golpes e contragolpes. O país andino passou por uma transição dual, como classifica Julia Gomes e Souza (2009, p. 2), por um lado promoveu a liberalização econômica e, por outro, a abertura política e a tentativa de consolidação da democracia liberal. Como dito, o governo de Vitor Paz lançou um pacote de ajustes estruturais, a NPE, que se baseava em três eixos principais: o choque inflacionário, a liberalização dos mercados para os investimentos estrangeiros e a diminuição do setor público, através do qual se abre caminho para as privatizações. A partir da nova proposta, iniciou-se a privatização da mais importante empresa estatal mineira boliviana, a Corporação Mineira da Bolívia – COMIBOL. (CARVALHO, 2008; SOUZA, 2009)

Os planos de reestruturação foram apresentados como única saída para a crise política e econômica que a Bolívia viveu até 1985. No entanto, eles marcaram profundamente as décadas seguintes, não somente pelas demissões em massa, pelas medidas de austeridade e mediante os cortes dos gastos sociais, mas também pelo impacto que causaram nos movimentos sociais bolivianos. De acordo com Souza,

> A *Nueva Política Economica*, nomeada por muitos de *milagro boliviano*, teve por finalidade explícita recuperar o apoio do FMI e do Banco Mundial, o qual havia sido suspenso nas décadas anteriores devido às disputas entre setores de direita e de esquerda que levaram o país às sucessivas ditaduras. A pressão das instituições financeiras multinacionais, combinada com a chegada ao poder de Victor Paz, resultou numa profunda reformulação econômica e política do Estado boliviano. (SOUZA, 2009, p. 4)

Bolívia à venda: a política de privatizações durante a década de 1990

Ao longo da década de noventa, a nova política econômica também foi implementada pelos governos que sucederam Estenssoro. Em seu primeiro mandato Gonzalo Sanchez de Lozada foi responsável pelo aprofundamento das privatizações. Logo em seu início, seu governo apresenta o *Plan General de Desarrollo Económico y Social*, o qual anuncia:

> Em seu novo rol, o Estado se excluirá das atividades produtivas e da intermediação financeira direta, concentrando-se em criar as condições objetivas para um bom funcionamento dos mercados, no desenvolvimento da infraestrutura que induza ao crescimento da inversão privada, e na inversão social da educação básica, do primeiro nível de saúde e na melhora das condições de habitação. (GOB, 1994 apud CARVALHO, 2008, p. 73, tradução nossa).

O governo Lozada também foi responsável pela promulgação da *Ley de Capitalización*. Tal lei estabeleceu prerrogativas para atração do capital estrangeiro e criou uma nova entidade econômica, as "*empresas capitalizadas"*. Segundo Carvalho (2008, p. 74), as empresas capitalizadas significaram uma forma de privatização. Neste período, um número razoável de empresas públicas passou para o controle do capital privado através deste dispositivo. Das mais importantes do país, a YPFB, de exploração de reservas de gás natural, tornou-se empresa capitalizada. Vale o registro que a questão da privatização do gás foi responsável por uma nova "guerra" na história da Bolívia, que eclodiu em 2003.

Além da YPFB, foram privatizadas também a *Empresa Nacional de Ferrocarriles*, de transporte ferroviário; a LAB, *Lloyd Aéreo Boliviano*, cujos voos internacionais passaram para a brasileira VASP; a *Empresa Nacional de Telecomunicaciones* (ENTEL), que foi vendida para a Telecom da Itália no momento que alcançava o título de segunda empresa estatal mais lucrativa. Como se poderá observar na tabela, os principais serviços públicos e ramos estratégicos foram privatizados na Bolívia.

Figura 1- Preço do lance de compra das maiores empresas bolivianas capitalizadas por setor de atividade

Setor/firma	Mês/ano de transferência	Principal acionário	País de origem	Lance por 50% da empresa
		Hidrocarbonetos		
Petrolera Chaco	4/97	Amoco	Estados Unidos	306.7
Transredes	4/97	Enron	Estados Unidos	263.5
Empresa Petrolera Andina	4/97	YPF	Argentina	264.8
		Telecomunicações		
ENTEL	11/95	STET	Itália	610.0
		Transporte		
LAB (áereo)	10/95	VASP	Brasil	47.5
ENFE (ferrovias) Andina	3/96	Cruz Blanca	Chile	13.2
ENFE (ferrovias)	3/96	Cruz Blanca	Chile	25.9
		Eletricidade (ENDE)		
Corani	7/95	Dominion Energy	Estados Unidos	33.0
Guaracachi	7/95	Energy Initiatives	Estados Unidos	35.0
Hermoso	7/95	Constellation Energy	Estados Unidos	30.0

Fonte: Prfimer, 2010: 311.

Definitivamente, a Bolívia foi um grande experimento para a política neoliberal na América Latina. O país levou à risca praticamente todas as orientações do Banco Mundial e FMI (Fundo Monetário Internacional) em relação à reforma política e econômica do país. Não se trata de dizer que um e outro aspecto do receituário neoliberal foram aplicados por ali, na verdade quase todos os tópicos que balizariam futuramente o Consenso de Washington foram realizados através da NPE. A capitalização dos serviços públicos e dos recursos naturais provocaram diferentes impactos sociais entre a população urbana e rural da Bolívia, além de causar danos profundos às comunidades tradicionais indígenas ao impingi-las a necessidade de se enquadrar à nova sociedade global.

Diante do aumento das taxas de desigualdade social, dos prejuízos em termos de finanças do Estado, dos cortes com os programas sociais e dos danos sócio-ambientais causados pelas privatizações na Bolívia, ocorreram importantes lutas de resistência ao projeto privatizante. Fruto desta situação ocorreu a unificação de diversos movimentos sociais e setores da sociedade civil em torno de uma bandeira única, a defesa dos interesses da maioria nacional frente aos projetos das instituições financeiras internacionais e de uma elite econômica que governava exclusivamente em nome de suas próprias motivações. A Guerra da Água é um capítulo da história de resistência à implementação do modelo neoliberal na Bolívia, seguimos a ela.

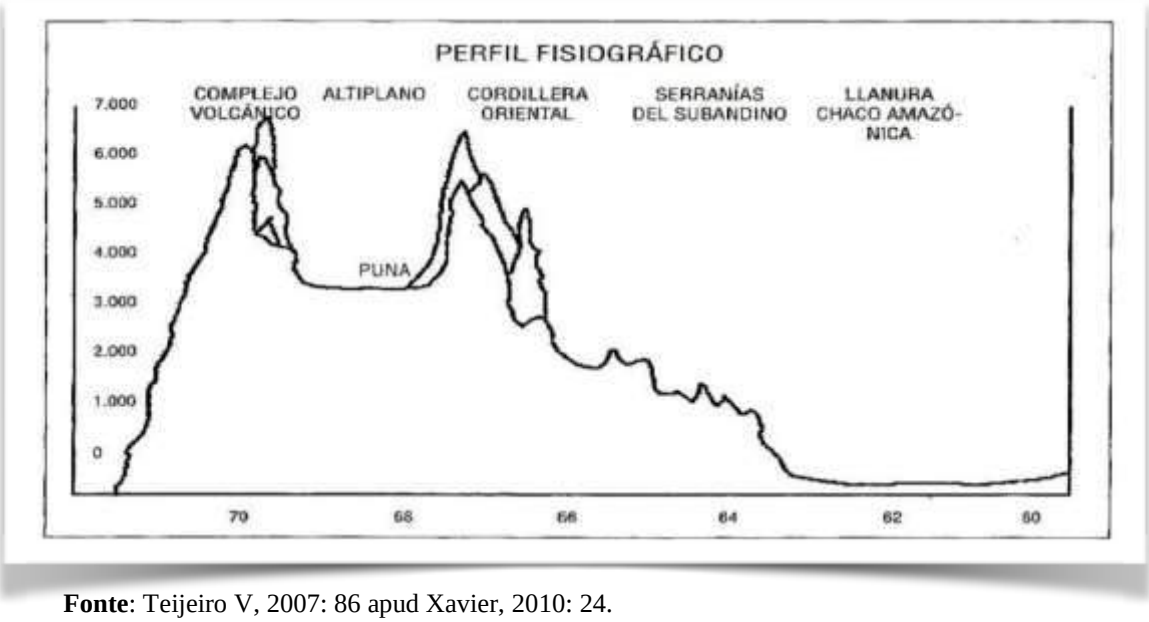
A privatização da água em Cochabamba

A cidade de Cochabamba situa-se no centro da Bolívia, num vale a leste da Cordilheira dos Andes, conhecido como vale central de Cochabamba. Nesta região, o clima é semiárido. As precipitações se concentram no verão, deixando a estação do inverno bastante seca. Período no qual o problema de escassez se agrava porque o aprovisionamento de água é deficiente, devido à falta de infraestrutura. Esta situação acarreta penúria durante todo um período do ano para a população de Cochabamba. Abaixo, dois mapas demonstram estas características, o primeiro demonstra a localização de Cochabamba entre os demais departamentos bolivianos, e o segundo traz a seção transversal Leste-Oeste do perfil topográfico da Bolívia.

Figura 2- Cochabamba e os demais departamentos bolivianos

Fonte: Souchaud, 2006 apud Xavier, 2010: 20

Figura 3- Seção transversal Leste-Oeste do perfil topográfico da Bolívia

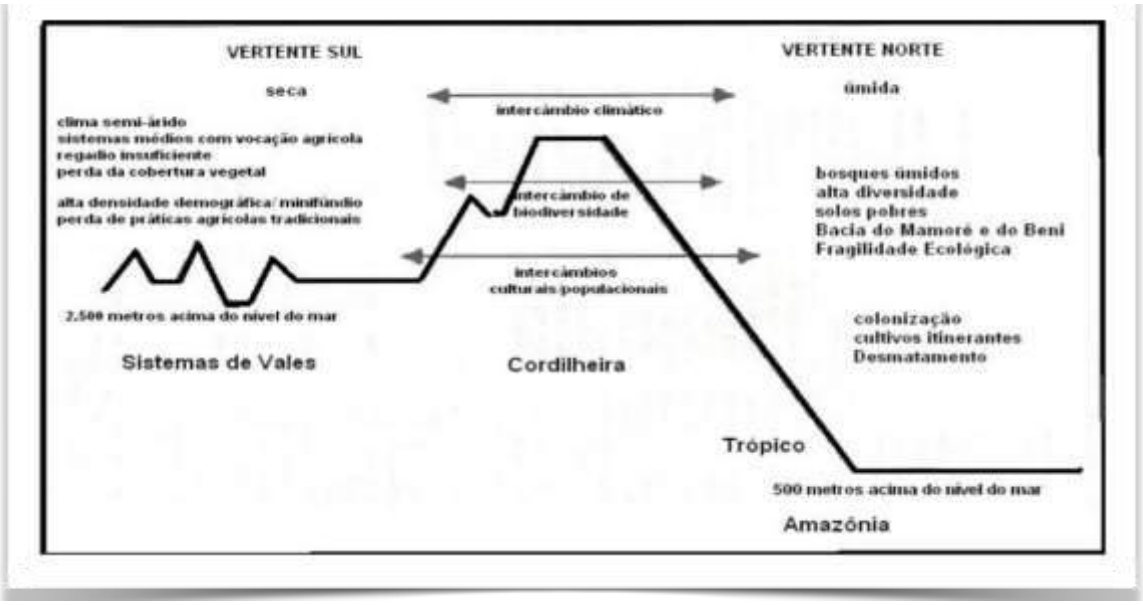


Fonte: Teijeiro V, 2007: 86 apud Xavier, 2010: 24.

O rio Rocha é o principal rio que atravessa a região. No inverno a sua vazão torna-se bastante baixa, portanto, insuficiente para o abastecimento diário de toda a rede pública. Para superar esta situação, parte da população recorria à captação de água subterrânea, cujo volume foi considerado suficiente para o abastecimento de toda população (PRFIMER, 2008, p. 9). Mas, as comunidades que não têm recursos financeiros para investir na extração de água de profundidade continuavam a sofrer com a baixa disponibilidade da água de superfície. Alguns autores (PRFIMER, 2008; TAPIA, 2000) afirmam que, apesar das condições climáticas e da paisagem em Cochabamba favorecer para que ocorram períodos de maior escassez, a origem destas crises teve como suporte a completa falta de infraestrutura, derivada dos baixos investimentos públicos. E, principalmente, devido ao acesso desigual aos recursos hídricos, fruto da ação do Estado boliviano que atendeu por décadas apenas aos interesses da classe dominante daquele país.

O problema da escassez de água, em Cochabamba, está inscrito na longa história deste departamento. O vale central de Cochabamba foi povoado no período pré-colonial por etnias ligadas à cultura *Inca*. Segundo a forma organizacional de tal etnia, cada grupo populacional mantinha um território com terra e água para uso comum e a cada nova divisão territorial se levava em conta também a partilha destes recursos. O homem se via como parte da paisagem natural, neste sentido, suas atividades eram constituídas a partir dos mitos, cultos, cerimônias e divindades que explicavam e regiam esta relação orgânica entre homem e natureza. Muitos dos acontecimentos sociais destas etnias eram explicados e representados pelos fenômenos naturais. Assim, tais práticas moldaram a forma como estas comunidades se relacionavam com os recursos hídricos, estabelecendo formas organizacionais tradicionais, bem como as premissas para o direito à água e os padrões de distribuição, manutenção e desenvolvimento do sistema hidráulico. Apesar do enorme avanço da cultura colonizadora sobre as comunidades indígenas, em Cochabamba, durante o conflito que emergiu em 2000, pode-se observar que algumas comunidades camponesas ainda mantinham usos e costumes tradicionais, como a utilização coletiva da terra, dos recursos hídricos e dos sistemas de irrigação. Este aspecto motivou, de certa forma, algumas etnias indígenas a se somarem às mobilizações contra a privatização (PRFIMER, 2008, p. 11). O esquema apresenta o perfil básico do relevo de Cochabamba, estas características em parte explicam as dificuldades que a população cochabambina sempre enfrentou em relação ao abastecimento de água.

Figura 4- Perfil Básico do Relevo do Departamento de Cochabamba.



Fonte: Prfimer, 2010: 189

O agravamento do problema de escassez

O século XX é um marco importante para o agravamento dos problemas de abastecimento de água. Ao final de sua primeira metade, o abastecimento domiciliar atendia apenas cinquenta e um por cento das casas na região metropolitana (PRFIMER, 2008, p. 13), o restante da população dependia da água retirada dos bebedouros públicos e dos poços privados. A população urbana sofria com um enorme déficit hídrico. Cochabamba ainda era um importante centro de abastecimento agrícola para a capital La Paz e também para as regiões mineiras de Sucre e Oruro. A elite política da cidade procurou se beneficiar do controle do aparelho do Estado promovendo algumas melhorias no provimento de água na zona rural. Contudo, tais iniciativas se limitaram a soluções parciais e conjunturais, as quais foram incapazes de alterar o quadro geral de escassez também no campo.

A partir da segunda metade deste século, medidas foram tomadas pelos governos centrais visando à modernização de Cochabamba. Dentre estas, previa-se o estímulo ao povoamento da porção oriental da Bolívia. Uma vasta infraestrutura foi construída a partir de Cochabamba, como a construção de estradas que ligavam Santa Cruz de La Sierra à porção meio-norte do país. Cochabamba passou a ser um importante posto de interligação destas regiões. As medidas de modernização acirraram ainda mais o problema da escassez da água na região metropolitana e o crescimento desordenado da porção urbana transformou a questão num problema crônico. Neste período, eclodiu uma série de conflitos, cuja problemática principal era o controle sobre lugares estratégicos do território que facilitassem o acesso à água. Muitos desses lugares nem sempre eram os mais beneficiados pelos processos naturais, mas eram favorecidos pela implantação de redes de água e esgoto e pelos equipamentos públicos de tratamento e distribuição.

Diante da disposição de modernização da região, o governo de Vitor Paz Estenssoro[2] repassou a gestão dos recursos hídricos aos governos municipais. A descentralização do serviço de fornecimento de água previa também que os “municípios” atendessem alguns requisitos, dentre eles a busca por novas fontes de água, a obtenção de financiamento internacional, a cobrança de tarifas sobre o serviço e a modernização da infraestrutura de captação, tratamento e distribuição.

O departamento hídrico da prefeitura de Cochabamba priorizou a exploração das águas subterrâneas. Na década de 1960, a administração municipal obteve incentivos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a perfuração de novos poços artesianos (PRFIMER, 2008, p. 13). Para a obtenção do financiamento do BID, a prefeitura de Cochabamba teve que criar o Serviço Municipal de Água Potável e Esgoto de Cochabamba (SEMAPA[3]). Em seu início, a SEMAPA atendia apenas a porção urbana de Cochabamba, deixando a zona rural sem nenhuma assistência. Além disso, a perfuração de novos poços diminuiu o fluxo d’água de alguns canais prejudicando as comunidades camponesas.

O incremento da política de abastecimento também foi acompanhado de um vertiginoso aumento populacional. Rapidamente os investimentos na política de abastecimento de água tornaram-se insuficientes. Em 1980, a densidade demográfica da porção metropolitana intensificou-se muito devido ao aumento do fluxo migratório. Muitos trabalhadores mineiros que perderam seu emprego devido à privatização das minas estatais rumaram para Cochabamba em busca de emprego e de um custo de vida mais baixo. A maioria desses trabalhadores instalou-se em favelas na zona sul da cidade. Estas regiões não reconhecidas pelo poder público também ficaram sem atendimento pelos serviços da SEMAPA. Como solução para o abastecimento da água, seus moradores acabavam perfurando pequenos poços particulares ou comprando água de fornecedores clandestinos, os *aguateros*.

Segundo Pfrimer (2008), diante do aumento da demanda por água frente à insuficiente estrutura de abastecimento, a SEMAPA passou a fornecer água durante todo o dia apenas

[2] Vitor Paz, presidente da Bolívia entre 1952 e 1956, viria a ser presidente da Bolívia mais duas vezes, a última delas em 1985 como primeiro presidente do período democrático.
[3] Servicio Municipal de Agua Potable y Alcantarillado

para os bairros mais nobres. A problemática da água agravou-se de um modo que o tema dominou a pauta eleitoral local e nacional durante a década de 1990.

A privatização da água como solução para a crise. Qual crise?

Desde a década de 1970, tentava-se viabilizar um projeto audaz de captação de águas e distribuição deste recurso por toda a região expandida da cidade de Cochabamba. O *Proyecto Misicuni* foi a grande promessa para solucionar os graves problemas de escassez em toda área cochabambina. Durante muito tempo, o projeto foi apenas um sonho que não saía do papel. O ponto principal do projeto, a grande solução para o problema, consistia na perfuração de um túnel de 19,5 quilômetros que atravessaria montanhas e emergiria para formar uma grande represa (LASERNA, 2000, p. 16). O projeto possibilitaria a transposição das águas do Rio Misicuni, localizado a noroeste da Cordilheira de Tunari, o qual forma um valezinho a 3.700 metros sobre o nível do mar (ibidem, p.17). Na região onde se localiza o rio seria construída uma laguna para escoamento permanente de água. Efetivamente, a grande dificuldade sempre foi o translado da água através da cordilheira até as cercanias de Cochabamba. Depois de certo tempo, pretendia-se incrementar a engenhosa obra através da construção de pequenos novos túneis que fariam confluir as águas de outros dois rios menores que atravessam aquele território.

Nas eleições de 1997, o candidato Hugo Banzer desbancou o então presidente Gonzalo Sanchez de Lozada, pois sua principal bandeira de campanha foi exatamente a realização do tão sonhado Projeto Misicuni. Banzer imaginava poder reunir recursos suficientes para colocar em prática o Misicuni. Saindo do papel a parte mais difícil, o futuro presidente pressupunha que os investidores estrangeiros se disporiam a financiar a conclusão da obra. A força do mito Misicuni assegurou a vitória de Hugo Banzer. No entanto, bastaram poucos meses de perfuração para que o consórcio responsável, Condotte-Asapi, rescindisse o contrato.

O Projeto Múltiplo Misicuni, após tantas promessas de realização, tornou-se um elemento bastante presente no imaginário popular e, de fato, a grande promessa para solucionar de uma vez por todas o problema da água. Banzer e Reyes Villa, então *alcaide* que estava à frente da administração municipal, almejavam concluir o projeto até o limite das novas eleições de 2002. Este seria um grande feito. Para tanto, imediatamente após a paralisação das obras, iniciou-se um novo processo de licitação.

A privatização da SEMAPA e a nova lei de águas (lei 2029)

Para que fosse retomada a construção do Múltiplo Misicuni, o Banco Mundial condicionou o financiamento do projeto à privatização da SEMAPA e à promulgação de uma nova lei que regulamentava a utilização dos recursos hídricos no país. De pronto, Reyes Villa abriu o processo de licitação para a venda da SEMAPA. Das quinze empresas que participaram da licitação, a maioria abandonou o pleito (LASERNA, 2000, p.17). Na verdade, manteve-se na concorrência a International Water Limited – representante dos interesses da norte-americana Bechtel e da empresa italiana Edison SpA -, a espanhola Abengoa e quatro investidores bolivianos (ligados ao Projeto Misicuni e a um dos partidos do governo) que se uniram durante o processo para formar o *Consorcio Aguas del Tunari*, cujo registro legal pertencia às Ilhas Cayman. Nestas condições, ao invés de o poder público acusar o abandono do processo, o governo baixou um decreto autorizando a negociação direta com o novo consórcio.

O processo de licitação da SEMAPA foi totalmente irregular. Ele tramitou em regime de sigilo, por exigência do Banco Mundial. Em setembro de 1999, firmou-se o contrato de concessão para os operadores do *Aguas del Tunari*. As cláusulas do contrato que se mantiveram confidenciais mesmo após a venda da SEMAPA permitiam a indexação das tarifas através do dólar americano e estabelecia a meta de inversão total do capital investido

antes mesmo da conclusão da obra. Obviamente, que tudo isto ocorreria mediante um incremento descomunal nas tarifas cobradas da população. As empresas proprietárias da operação, sobretudo a sócia majoritária International Water, passaram a deter o monopólio sobre a distribuição de água em Cochabamba.

Poucas semanas após a conclusão do processo de privatização, no final de outubro de 2000, o governo aprovou no Congresso Nacional a Lei 2029 que objetivava a regulamentação do manejo de água potável. A *Ley de Servicios de Agua Potable y Alcantarillado Sanitario* foi aprovada às pressas, "*en uma sesión maratónica"* (CRESPO, 2000, p. 22), para atender às exigências do Banco Mundial. Dentre os diversos dispositivos da Lei, Carlos Crespo destaca as principais consequências de sua promulgação:

Algumas observações sobre a Lei e o Contrato:

- Não respeita os usos e costumes, isto é, as formas tradicionais de acesso e uso do recurso.
- Não há garantia de execução do Projeto Multiple Misicuni;
- Insegurança sobre o futuro das instituições de distribuição de água que não têm fins lucrativos (empresas municipais, associações, comités, cooperativas de água);
- Estas instituições estão sujeitas a intervenção judicial;
- Monopólio dos consórcios empresariais;
- Proibição para perfurar poços nas comunidades;
- Excessivo poder das Superintendências;
- -Modificação das tarifas sem consulta à população e sua indexação ao dólar;
- Critério econômico na fixação de tarifas e nas concessões, antes que social e ambiental. (CRESPO, 2000, p. 22, tradução nossa)

Figura 5- Tarifação pelo serviço de abastecimento de água e esgoto

Consumo (m^3)	Tarifa (bolivianos)		Aumento da tarifa (%)	Tarifa *Aguas del Tunari* (bolivianos/ m^3)[1]
	SEMAPA (1999)	*Aguas del Tunari* (2000)		
		Categoria 1		
10	14,00	18,40	31,43	1,84
11	14,00	18,40	31,43	1,67
12	14,00	18,40	31,43	1,53
13	15,00	20,10	34,00	1,56
14	15,00	21,60	39,35	1,54
15	16,00	23,20	45,00	1,55
		Categoria 2		
10	25,50	31,00	21,57	3,10
11	25,50	31,00	21,57	2,82
12	25,50	31,00	21,57	2,58
13	26,50	33,90	27,92	2,61
14	27,50	36,80	33,82	2,63
15	29,00	39,80	37,24	2,65
20	35,00	54,40	55,43	2,72
30	49,00	84,90	73,27	2,83
40	63,00	116,20	84,44	2,91
50	76,50	147,40	92,68	2,95
		Categoria 3		
10	45,00	49,50	10,00	4,95
11	45,00	49,50	10,00	4,50
12	45,00	49,50	10,00	4,13
13	46,50	53,60	15,27	4,12
14	47,50	57,70	21,47	4,12
15	49,00	61,60	26,71	4,11
20	57,00	81,80	43,16	4,08
30	74,50	123,30	65,50	4,11
40	90,50	166,30	83,76	4,16
50	106,50	209,30	96,53	4,19
		Categoria 4		
10	73,00	88,30	20,96	8,83
11	73,00	88,30	20,96	8,03
12	73,00	88,30	20,96	7,36
13	75,00	93,50	24,67	7,19
14	76,50	98,80	29,15	7,06
15	78,50	104,10	32,61	6,94
20	87,50	130,60	49,26	8,53

Fonte: PRFIMER, 2010, p. 268

A privatização foi feita sob o pretexto de reduzir os custos do poder público com o oferecimento de água, tendo como consequência prometida uma maior qualidade e eficiência dos serviços oferecidos pelo capital privado e estrangeiro. Em pouquíssimo tempo a população de Cochabamba percebeu que este discurso era um tremendo de um engodo, pois quem efetivamente pagaria pelo incremento do sistema seriam os próprios cochabambinos, já que as taxas cobradas pela utilização da água aumentaram muito e rapidamente. A tabela abaixo mostra o incremento nas tarifas após a privatização da SEMAPA, por categoria de tarifação.

A guerra pela água

Um elemento decisivo para a análise deste importante episódio da história boliviana traduz-se em poucas palavras: a água era a problemática central do conflito. Isto não tem pouco significado. A guerra eclodiu porque, no limite, tratava-se de uma questão de sobrevivência, da escassez de um bem vital. Neste sentido, tornou-se mais evidente a irresponsabilidade do poder público e a ganância dos investidores e empresários que, sob o risco de colocar parcelas expressivas da população em situação de penúria, fizeram de tudo para obter maiores lucros. Toda a população cochabambina, do campo à cidade, acabou se sentindo lesada pela privatização. A água, este bem vital, foi o elemento que permitiu que camponeses, estudantes, donas de casa de classe média, entre outros, tornassem-se aliados numa batalha comum.

A lei 2029 e a privatização da SEMAPA assegurou o monopólio da água em Cochabamba nas mãos do *Consorcio Aguas del Tunari* sob condições que contrapunham-se ao uso autogestionado e tradicional que era feito deste recurso pelos camponeses e pelas etnias indígenas. Em suma, a lei representou para as comunidades de irrigadores a perda do controle sobre a água, pois ela previa o confisco da infraestrutura de irrigação em áreas com mais de 10.000 habitantes. Estas comunidades deveriam passar suas estruturas para o controle do *Consorcio.* Isto representou a perda do controle sobre os seus recursos e, sobretudo, a perda do direito aos seus *usos e costumes*, previstos pelo direito consuetudinário. As comunidades *regantes*, suas práticas, suas propriedades e sua cultura, foram completamente desconsideradas no processo de "*regulación, licitación, contratación e gestión"* da água em Cochabamba (VARGAS and KRUSE, 2000, p. 10).

Nas áreas pobres urbanas os poços particulares e/ou coletivos, segundo a Lei de Águas, deveriam ter o mesmo destino que o sistema de irrigação camponês, ou seja, passariam para o controle do *Consórcio*. Por muito tempo, esta população esteve marginalizada do serviço público de abastecimento de água, e a solução por eles encontrada para a escassez foi fruto do sacrifício, esforço e criatividade dos próprios moradores. Evidentemente, estes sistemas improvisados carregavam inúmeros problemas sanitários e ambientais, mas em nenhum momento a população pobre das cidades foi chamada a opinar sobre o destino dos equipamentos comunitários. Os moradores das favelas da zona sul de Cochabamba, constituída principalmente de migrantes, também protagonizaram a luta por água. Segundo Pfrimer (2008, p. 16), seus moradores reuniam muitas insatisfações, com a falta de acesso à rede de água, com a corrupção, com a falta de emprego, com a elevação do preço dos *aguateros* (caminhões particulares que vendiam água na cidade) e não precisariam de muitos argumentos para se revoltar contra o poder público local.

Os moradores de Cochabamba durante a longa história da cidade foram vítimas do descuido e irresponsabilidade em relação ao sistema público de água, promovidos pela elite local em nome de seus projetos particulares. E igualmente às parcelas pobres urbanas e aos camponeses, os setores médios da sociedade cochabambina também estiveram alijados dos processos de gestão e decisão sobre o sistema de água. No início de 2000, os moradores foram surpreendidos pelo estratosférico aumento das taxas do serviço. A versão oficial do *Consórcio Aguas del Tunari* foi que os preços haviam subido apenas 35%, acréscimo justificado para se realizar as melhorias necessárias no sistema e pagar-se as dívidas acumuladas. De todo modo, a Federação dos Trabalhadores Fabris, oficialmente a sede da *Coordinadora de Defensa del Agua y la Vida*[4], recebeu mais de 200 denúncias de cobrança abusiva das taxas. Uma revisão detalhada destes casos acusou uma média de 200% de aumentos nos preços (VARGAS and KRUSE, 2000, p. 12).

No início do ano 2000, logo em janeiro, o *Consórcio* anunciou o aumento das taxas que seriam cobrados dos usuários do sistema de água. A *Coordinadora*, articulada desde novembro do ano anterior, anunciou sua primeira atividade. Para convocá-la lançou o "*Manifiesto a Cochabamba",* o qual dizia "*los derechos no se mendigan. Los derechos se*

[4] *Coordinadora de Defensa del Agua y la Vida* surgiu a partir da necessidade de articular diversos setores descontentes com a nova Lei de Águas (lei 2029). A junção de três outras organizações deu origem à *Coordinadora* no dia 12 de novembro de 1999. No mesmo mês, a nova organização política já estava liderando ações contra o *Consórcio* e a Lei 2029.

conquistan. Nadie va a luchar por lo nuestro. O luchamos juntos por lo justo o toleramos la humillación de los malos gobernantes". A *Coordinadora* organizou bloqueios que fecharam as duas principais rodovias de acesso à cidade, interrompendo o transporte de cargas e pessoas, os ônibus interdepartamentais não entravam nem saíam da cidade, assim como o carregamento de alimentos e outros itens que chegavam diariamente. O aeroporto também foi fechado, as ruas foram interrompidas por bloqueios de pedras e árvores, que se erguiam em formato de barricadas. Durante os três dias milhares de cochabambinos ocuparam a praça central. De acordo com Schultz, jornalista que cobriu os dias do conflito, na esquina da praça a *Coordinadora* estendeu uma grande bandeira vermelha com os dizeres que viriam a ser o lema do movimento, "*El agua es Nuestra Carajo!"*.

O governo departamental e a *Coordinadora* abriram negociação para tentar solucionar a crise e encerrar o conflito. Para Vargas e Kruse (2000, p. 11), o resultado destas negociações puseram fim aos bloqueios que cercavam a cidade, mas significaram muito mais uma trégua do que um desfecho para o problema. Durante todo o mês de fevereiro ocorreram novas rodadas de negociação, mas nenhuma delas conseguiu estabelecer um bom termo para se encerrar o conflito. As negociações foram esgotando-se e, à medida que a expectativa e confiança sobre elas diminuíam, aumentavam as atividades de mobilização nas ruas e novamente os embates com as forças públicas. De acordo com os autores acima, nesta rodada de negociações a *Coordenadora* estava pouco preparada, de sua parte houve dificuldade para apresentar alternativas e saídas para o problema. Ao mesmo tempo, a má fé do governo levou à inutilidade as rodadas de negociação, os representantes do poder público estavam mais preocupados em preservar os investimentos estrangeiros do que buscar uma saída para a crise.

Com o esgotamento das negociações, uma *toma pacífica* da cidade de Cochabamba foi convocada pela coordenação dos movimentos sociais em defesa da água. Para o dia 4 de fevereiro estava prevista uma manifestação, cuja programação incluía uma marcha e seu encerramento na *Plaza de las Armas*, centro simbólico do poder político da cidade. O intuito da atividade era exigir do governo cinco pontos apresentados como pauta de reivindicação do movimento, os quais eram:

- Anulação da Lei de Serviços de Água Potável e do Esgoto Sanitário*;*
- Anulação dos decretos 25.351 e 25.413, que tornaram possível a concessão;
- Nulidade do contrato com Águas de Tunari*;*
- Destituição do Superintendente de Saneamento Básico*;*
- Consensuar com todos os setores a Lei de Recurso de Água, em fase de aprovação no parlamento*.* (CRESPO, 2000, p. 8, tradução nossa)

Para surpresa daqueles que convocavam a manifestação, a cidade amanheceu toda cercada pela força policial, com reforço de tropas vindas de La Paz. Aqueles que conseguiram romper o cerco e chegar às cercanias da praça foram reprimidos violentamente. A tentativa do governo de inviabilizar a marcha e a brutalidade policial causaram indignação e revolta junto à população. Durante os dias 4 e 5 de fevereiro o governo manteve do jeito que podia o cerco da praça, contra as investidas dos manifestantes que não desistiram até ocupá-la definitivamente, *"el cerco era insostenible: la gente tomó la plaza a las 11:30 de la noche del sábado 5*" (VARGAS and KRUSE, 2000, p. 11). Finalmente, a população tomou a praça contra a vontade do governo e apesar de todo aparato policial.

O resultado da jornada de mobilização e da repressão aos protestos foram 22 feridos, 135 detidos e um acordo costurado através da mediação da Igreja Católica e da Defensoria Pública. Tal acordo previa, por exemplo, a revisão do contrato de concessão para Aguas del Tunari; a elaboração de modificações à lei 2029 com participação de representantes das associações de camponeses, de irrigadores e das organizações sociais envolvidas com o tema da água; e a suspensão do aumento das tarifas até que fossem concluídas as negociações (CRESPO, 2000, p. 23). É importante destacar que o movimento conquistou

também o reconhecimento da *Coordinadora* como principal interlocutora da sociedade civil junto ao governo.

A negociação dentro da comissão revisora alcança o consenso sobre a alteração de 31 dos 75 artigos da lei 2029, acontecimento inédito na história da Bolívia. Contudo, as negociações sobre os termos do contrato de concessão não avançam. A *Coordinadora* abandona as negociações e divulga um documento paralelo com suas conclusões do processo. Em seguida, lança uma "Consulta Popular", que mobiliza parcelas significativas da população através do envolvimento de diversas organizações sociais, associações de bairro, paróquias etc. Mais de 50 mil urnas foram espalhadas pela cidade, onde as pessoas poderiam depositar sua resposta sobre três perguntas que versavam sobre as tarifas, o contrato e as fontes de água. Organizada em apenas dez dias, a consulta mobilizou 31% dos votos contabilizados nas eleições de 1999. A *Coordinadora* deu à elite política boliviana uma demonstração prática do tipo de democracia que almejava construir, na qual deve haver correspondência entre a vontade popular e as políticas de Estado.

Fortalecido e confiante, o movimento convocou para o dia 4 de abril aquilo que se chamou de "*batalla final"*. O intuito era pressionar para que se pudesse revogar o consórcio e reformar a lei de águas. No referido dia, a cidade amanheceu dessa vez cercada pelos bloqueios camponeses. Em seu centro, a multidão de cochabambinos tomou as ruas. Durante uma semana, a população permaneceu "*en la calle"*. Neste período, também ocorreu a ocupação simbólica das instalações de *Aguas del Tunari*. No dia 6 de abril, reuniram-se na prefeitura representantes da *Coordinadora,* empresários e autoridades nacionais e locais para negociar. Em frente ao prédio público, mais de mil pessoas faziam vigílias e impediam a saída dos negociadores até que se alcançasse a solução devida para o problema.

O governo de Hugo Banzer decreta o estado de sítio e a polícia prende os membros da Coordinadora que faziam parte das negociações. Em resposta, nova onda de revolta tomou conta da cidade, quadra a quadra a população enfrentava-se com a polícia para voltar a ocupar a Plaza de las Armas. Neste dia ocorre a morte de um jovem, Victor Hugo Daza, e a revolta aumenta ainda mais. Os meios de comunicação alternativos tornaram-se instrumentos de mobilização, através dos quais se informavam as pessoas, pedia-se alimentos e ajuda médica, além do apoio àqueles que lutavam diretamente nas ruas. Estima-se que na tarde de sexta-feira (7 de abril) mais de 60 mil pessoas ocuparam as ruas de Cochabamba. No dia 10, o prefeito de Cochabamba convocou uma coletiva de imprensa para anunciar a revogação do contrato com Aguas del Tunari, alegando que "preferia un cochabambino sucio (sin agua) frente a un cochabambino muerto" (VARGAS and KRUSE, 2000, p. 12). A AT decide retirar-se da Bolívia, exigindo uma indenização milionária. O governo, naquele momento, rejeita a ideia de pagamento da indenização e designa a Coordinadora como responsável pela administração do sistema de abastecimento de água de Cochabamba. A população cochabambina finalmente vence, derrotando o governo de Reyes Villa e Hugo Banzer, revogando o consócio e expulsando do país os acionistas do Aguas del Tunari. Ao mesmo tempo, os cochabambinos conquistaram para seu controle a gestão do abastecimento de água na cidade.

A revogação da privatização e algumas conquistas com o fim da Guerra

Para expressar os resultados da Guerra da Água, Carlos Crespo (2000, p. 26) propõe a ideia de "*Democracia del Agua"* versus a democracia neoliberal. Para o autor a privatização debilitou a lógica privatista e mercantil do então modelo democrático boliviano. O conflito pela água trouxe para o centro do debate a ação política coletiva e obteve como resultado a possibilidade de gestão comunitária dos recursos hídricos. Colocou-se em dúvida a forma pela qual as políticas públicas eram instituídas, questionou-se a falta de participação efetiva da população na tomada de decisão do Estado. Escancarou-se que a população só é chamada a escolher periodicamente seus representantes, como procedimento administrativo de consulta e não como possibilidade real de fazer parte da tomada de decisão sobre a política de seu país ou localidade. Dessa maneira, a expulsão de uma multinacional que recebia todo

o apoio do governo possibilitou abrir portas para a construção de uma nova forma de se fazer política na Bolívia.

Talvez esta nova forma tenha encontrado dificuldades imediatas para solucionar o problema da água. O desafio de administrar um bem social como a água de forma que seus critérios não estejam voltados à obtenção do lucro é enorme. Certamente, muitos avanços foram alcançados. A reforma da lei 2029 possibilitou que comitês cidadãos administrassem o serviço de distribuição de água. Uma das propostas aprovadas definia que os sistemas locais fossem administrados pelos próprios usuários através das Entidades Prestadoras de Serviços de Água Potável e Redes de Esgoto (EPSA).

No campo, as associações de irrigadores conseguiram aprovar a Lei (2878) de *Promoción y Apoio al Sector Riego,* a qual estabelece que a promoção da irrigação será feita através da colaboração das associações departamentais, compostas pelos próprios camponeses. A lei também criou o *Servicio Nacional* e os *Servicios Departamentales de Riego*, cujo intuito é que mantenham a lógica de interação com as associações de irrigadores. Esta nova lei também reacendeu o debate na Bolívia sobre as formas locais de gestão dos recursos hídricos, cujo intuito era reafirmar o respeito aos usos e costumes tradicionais.

Como resultado, a Guerra da Água possibilitou o retorno da SEMAPA como empresa municipal. Sua condução passou a ser feita pela *Coordinadora de Defensa del Agua y la Vida* sob um modelo de gestão denominado pela entidade de "*autogestionario y social"*. A população pôde ser incorporada à gestão de seus recursos hídricos. A água voltou a ser considerada um direito de todos, baseado na noção de direito à vida, e não um bem privado. E os irrigadores puderam voltar a discutir o controle de seus recursos com respeito à sua tradição.

No entanto, o problema da escassez de água não foi definitivamente solucionado. Parcela da população segue tendo grandes dificuldades com o acesso à água. Sendo que este ainda é um grave problema para os cochabambinos. Além disso, a Bechtel segue exigindo do governo boliviano o pagamento de cerca de 25 milhões de dólares como compensação aos prejuízos adquiridos com a quebra do contrato.

A noção de "acumulação por espoliação" em Harvey e a água como mercadoria

A história da Guerra da Água na Bolívia levanta alguns questionamentos. Com esta retrospectiva geográfico-histórica buscou-se compreender quais estratégias justificariam a necessidade de privatização da água em Cochabamba. Questionavam-se as motivações que levaram a uma operação tão custosa – não apenas economicamente, mas especialmente dos pontos de vista político e social. A preocupação em melhorar os sistemas de distribuição de água não parecia um motivo tão factível. Buscou-se, portanto, na teoria de David Harvey elementos que pudessem elucidar teoricamente as estratégias que tornaram a água objeto de grandes interesses econômicos e políticos.

Segundo Chagas Bastos e Rochman (2010, p. 5), dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstram que uma em cada três pessoas são penalizadas pela escassez de água; um quinto da população vive em áreas que sofrem com a ausência deste recurso; cerca de um quarto da população mundial está submetida a esta situação devido à precária infraestrutura capaz de captar a água de rios e aquíferos; mundialmente, 2,3 bilhões de pessoas sofrem de doenças causadas pela contaminação da água; e quase 1 bilhão de pessoas não tem acesso seguro à água doce. O problema da escassez de água deixou de ser apenas uma preocupação humanitária e passou a ser um tema de grande interesse político. De acordo com Wagner Costa Ribeiro (2008, p. 40), os trinta países da OCDE consomem juntos cerca de 27% da água disponível para consumo humano no planeta. Dentre estes países, estão Estados Unidos, Canadá, França, Noruega, Portugal e Espanha. Neles, a maior parte do montante de água consumido vai para os processos industriais ou para as atividades da agricultura. Uma pequena parte é utilizada em ambientes domésticos. Dessa forma, o autor chega a afirmar que o maior causador da escassez de água não é o seu esgotamento nos sistemas naturais, mas o padrão de consumo deste recurso em vigor nas sociedades capitalistas. Isto significa que a produção de mercadorias em larga escala é o

principal responsável pelo consumo excessivo de água. O tempo rápido de reprodução material de nossa sociedade, não leva em consideração o tempo lento de reposição da água pelos mecanismos naturais. Esta condição tem agravado nos últimos anos o problema de escassez. Sendo assim, a água - ao tornar-se artigo (quase) raro - tem despertado o interesse econômico de grandes corporações, por isso, recorre-se a Harvey para tratar da elucidação desta dinâmica.

Muitos autores, dentre D.H., dedicam-se a compreender a dinâmica das sucessivas crises no capitalismo. David Harvey (2004) identifica que tais crises surgem quando há falta generalizada de oportunidades de investimentos lucrativos para o capitalismo mundial. O problema fundamental é a impossibilidade de o capital valorizar-se por qualquer meio. Como uma das principais maneiras de solucionar sua necessidade de revalorização, o capitalismo passa a buscar territórios nos quais o capital pode ser investido de forma lucrativa, tanto na esfera do consumo, quanto na circulação ou mesmo na produção. O ideal é que tais territórios abram-se a esta dinâmica permitindo que alguns Estados, corporações ou grandes empresas encontrem formas de valorizar o seu capital acumulado.

As dimensões da crise são inúmeras, portanto, as vias pelas quais o valor pode realizar-se também se multiplicam. A abertura de novos mercados, a exportação de meios de produção, os investimentos em infraestrutura, a participação nos lucros de empresas nacionais, a compra de títulos da dívida pública, entre outras formas, que combinadas podem favorecer a lucratividade dos investimentos capitalistas. A acumulação por espoliação, mecanismo definido por Harvey, inclui uma ampla gama destes processos, como a privatização; a conversão de várias formas de direito de propriedade comum em propriedade privada; a supressão do direito das comunidades tradicionais e a supressão de formas alternativas de produção e consumo; o imperialismo como forma de apropriação de ativos (inclusive de recursos naturais); ou mesmo a dívida nacional e o sistema de crédito são meios de acumulação deste tipo. Segundo o autor, as características da acumulação primitiva descritas pela teoria marxiana permanecem muito presentes na atual geografia histórica capitalista. Para ele,

> Alguns dos mecanismos de acumulação primitiva que Marx enfatizou foram aprimorados para desempenhar hoje um papel bem mais forte do que no passado. O sistema de crédito e o capital financeiro se tornaram (...) grandes trampolins de predação, fraude e roubo. (HARVEY, 2004, p. 123)

Portanto, o princípio da acumulação por espoliação é constituído por inúmeros processos que não recorrem diretamente à produção de mais-valia ou aos princípios que regem a produção de valor a partir da relação capital e trabalho. Neste mecanismo estão incluídas as diferentes formas de incorporação de riqueza, dentre elas a apropriação privada dos recursos naturais. O carro-chefe da acumulação por espoliação no período recente tem sido as ações em nome do capitalismo financeiro. Os mecanismos de controle e descontrole da inflação, a destruição dos ativos nacionais através de aquisições e fusões, as manipulações do crédito e do valor das ações, a fraude corporativa e os desvios de fundos, tudo são características centrais do capitalismo contemporâneo. Tais mecanismos se diversificaram muito nas últimas décadas, Harvey chega a listar entre eles o direito à propriedade intelectual e os ataques aos direitos trabalhistas. A acumulação por espoliação foi capaz de resolver crises econômicas passadas, de certa forma, as necessidades de revalorização do capitalismo, permitindo ao capital excedente adquirir um conjunto de ativos, através dos quais pode obter novos lucros.

O projeto neoliberal gestado e colocado em prática a partir da crise da década de 1970 tinha como princípio resolver o problema da acumulação capitalista, neste sentido, em um número infinito de casos lançou mão dos mecanismos que constituem aquilo que Harvey denominou de acumulação por espoliação. Para que este projeto se tornasse viável, além da financeirização da economia e da liberalização do comércio, o Estado teve que ter um papel diferenciado. A privatização tornou-se o grande discurso da teoria neoliberal, os ativos do Estado ou aqueles de uso comum da população foram colocados à venda, a fim de que o

capital sobreacumulado pudesse obter lucros e especular através deles. Esta política assim que colocada em prática gerou uma pressão muito forte para que um número cada vez maior de territórios fosse adaptado a esta lógica.

No caso da Guerra da Água na Bolívia, a principal acionista do *Consorcio Aguas del Tunari* era a Bechtel, grande corporação norte-americana da área de construção civil. Uma multinacional que possui mais de 30 escritórios espalhados pelo mundo, cujos rendimentos anuais declarados alcançaram a casa dos 30 bilhões de dólares em 2010. Segundo a própria Bechtel, suas especialidades são:

> *airports and seaports, communications networks, defense and aerospace facilities, environmental cleanup projects, fossil and nuclear power plants, mines and smelters, oil and gas field development, pipelines, roads and rail systems, refineries and petrochemical facilities. (disponível em www.bechtel.com/overview)*

Tal corporação é especializada na construção, planejamento e administração de obras de caráter estratégico e de alto nível de complexidade. Na prática, os rendimentos da Bechtel são fruto de seus investimentos na construção de grandes infraestruturas territoriais, combinadas com ações no mercado financeiro. O interesse desta corporação esteve representado direta ou indiretamente por organismos como Banco Mundial e FMI, no caso boliviano. Portanto, a "resolução" do problema de escassez de água em Cochabamba era um caminho fértil para a multiplicação da sua já abundante riqueza. Através do controle privado deste recurso natural, concedido pelo governo daquele país, a Bechtel pretendia lucrar dezenas de milhões de dólares ao ano. Ou seja, a reprodução de capital para a Bechtel e demais sócios minoritários se realizaria através da exploração econômica de um recurso natural alheio. A privatização da água penalizou milhares de homens e mulheres, privando-os de um bem vital. Impossibilitando as comunidades camponesas e indígenas de fazer uso deste bem segundo seus costumes. Em contrapartida, o destino dos lucros obtidos com a mercantilização da água em Cochabamba era incrementar os rendimentos bilionários de uma das mais poderosas corporações do mundo. A Guerra da Água na Bolívia se insere num período onde as contradições do capitalismo cada vez mais se agudizam, quanto maior sua capacidade de incorporar novos e antigos territórios à lógica hegemônica do neoliberalismo, maior será seu potencial devastador. De qualquer forma, ao passo que a Guerra da Água ajudou a evidenciar os novos mecanismos de acumulação capitalista e sua capacidade destrutiva, ela também demonstrou a força da ação política da população e o potencial que aí se encontra de construção de novos caminhos para a vida em sociedade.

Considerações Finais

Como exposto a Guerra da Água foi um importante evento que marcou a história política da Bolívia. Acredita-se que seus desdobramentos tiveram destacado papel para o atual contexto geográfico-histórico do país. Mas, os desdobramentos deste evento servem também de ilustração para um debate bastante atual: os recursos naturais, especialmente a água, mais do que fonte para a reprodução da vida, hoje têm assumido uma importância ímpar como objeto de grandes interesses econômicos e de disputa de poder. Dessa forma, Ribeiro (2008) alerta para possibilidade de que, em curto prazo, surjam crises localizadas de falta de água, cujos causadores são, sobretudo, os fatores político-econômicos. Como contexto para esta problemática encontra-se a reprodução em escala global de um modelo hegemônico de sociedade pautado pela apropriação da natureza como objeto de interesse da reprodução do capital, no qual o estímulo ao consumismo desenfreado é uma necessidade intrínseca. Sendo assim, a solução ao problema de escassez não se trata apenas da elaboração de mecanismos legais que possibilitem o acesso à água, mas depende também da reflexão sobre como tal modelo hegemônico coloca em risco o princípio que define a água como um direito universal.

De acordo com Ribeiro (2008), o acesso aos recursos naturais se configura cada vez mais de maneira desigual, pois a disponibilidade de água nem sempre se encontra nas fronteiras político-administrativas da nação que mais necessita deste recurso. Diante desta caracterização, o autor define o que é a "Geografia Política da Água: nem sempre ela está disponível onde há a maior demanda por seu uso" (ZIGLIO, 2008, p. 447). Segundo o panorama e as projeções elaboradas pelo autor, deduz-se que os conflitos por água e o quadro crítico de escassez tende a aumentar expressivamente nas próximas décadas.

Sendo assim, para David Harvey (2004), no atual regime de acumulação capitalista a acumulação por espoliação amplia, estende, diversifica, multiplica as possibilidades de apropriação dos bens comuns, neste caso específico tem-se a água como exemplo, como forma de geração de riqueza e renda. O conflito cochabambino pode ser explicado através desta ótica teórica. A água neste departamento tornou-se objeto da especulação financeira e dos mecanismos geradores de lucro. À medida que a água tornou-se uma mercadoria, sua utilização objetivava em primeiro lugar saciar a sede por riqueza das grandes corporações, ao invés de servir à reprodução e manutenção da vida na sociedade cochabambina. Unindo os prognósticos feitos por Ribeiro à elucidação do mecanismo de privatização dos recursos naturais de Harvey, presume-se que as crises por água tendem a aumentar, bem como os conflitos em torno de seu controle político e econômico, à medida que se desenvolvam e expandam as atividades que objetivem a reprodução ampliada de capital. Chagas Bastos e Hochman (2010) acusam que até 2025 quase dois terços dos países enfrentarão graves problemas com a escassez.

Diante disso, quais foram as saídas apresentadas? A gestão privada da água durante algum período foi apresentada como solução para os problemas de provimento deste recurso. O caso boliviano demonstrou que a privatização da água não possibilitou o acesso de toda a população a este bem vital, mas impôs como critério para a sua utilização a disponibilidade de riqueza para comprá-la. Paul Constance (2005), editor-chefe da BidAmérica (Revista do Banco Interamericano de Desenvolvimento) declarou em um de seus editoriais que "as grandes concessões privadas de água na Argentina e na Bolívia não deram certo". Ao se tornar um bem de difícil acesso, a água passou a ser vendida no mercado segundo a lei da oferta e da procura, de acordo com os mecanismos que regem a obtenção do lucro. Sendo assim, aqueles que não dispuserem de meios para adquirir a água, seguiram alijados do seu acesso. Por esta via o problema da escassez não estará solucionado.

Portanto, o aprofundamento do atual modelo político-econômico que rege atualmente a sociedade global será incapaz de apresentar saídas a este problema. A manutenção da lógica que rege a geração de riquezas - bem como, do próprio conceito hegemônico de riqueza - ou o aumento do controle privado dos recursos naturais, colocará em xeque um princípio muito importante: a reprodução da vida depende do acesso à água, o qual precisa permitir condições de disponibilidade e qualidade que não coloquem em risco tal reprodução. A autora Luciana Ziglio (2008) conclui:

> O cenário de escassez anunciada da água, através da manutenção dos atuais níveis de consumo, exige mudanças. É preciso alterar a visão mundial sobre o uso desse recurso natural. Ao invés de a tornar mercadoria, com preços definidos, é necessário reafirmar a sua importância para a sobrevivência humana e garantir o acesso a todos. (…) Como aceitar que comunidades não tenham acesso à água porque não possuem recursos financeiros para a utilizar? (ZIGLIO, 2008, p. 450)

A Guerra da Água, ocorrida no ano de 2000 na Bolívia, ilustra as graves consequências que a mercantilização e a apropriação privada da água podem acarretar. Tal exemplo nos aponta que para além de um novo modelo de gestão e distribuição da água, é necessário refletir criticamente sobre a própria relação homem e natureza que se propaga em nossa sociedade atualmente. Torna-se necessário analisar com profundidade e capacidade crítica desde os mecanismos que conformam o aumento da demanda por água, os modelos de apropriação, até as respostas dadas à problemática da escassez. Neste país, a população envolveu-se no conflito e engajou-se na construção de um projeto alternativo para a gestão e

o controle da água. Infelizmente, a superação dos problemas de escassez ainda não foi alcançada pelos cochabambinos, mas sabe-se pela força de seu exemplo novas formas de utilização dos recursos hídricos são possíveis e cada vez mais necessárias.

E o que Cochabamba tem a ver com a Cantareira? Como já foi reconhecido houve bastante negligência da parte do governo e da administração da SABESP com a já prevista falta d'água para 2014 em São Paulo. A administração pública se omitiu em tentar buscar soluções para a defasada e precária rede subterrânea de distribuição de água. Um montante considerável de água se perde no caminho devido à falta de manutenção na tubulação. Mas reverter isso custa dinheiro e investimento.

Nos últimos anos, inúmeras conferências mundiais e encontros multilaterais ocorreram, para debater a escassez e a gestão da água. Dentre as principais estão a Conferência de Dublin (1992); a Conferência do Rio (1992); a Conferência de Noordwijk (1994); ou, ainda, a criação do Conselho Mundial da Água (1996) e a Parceria Global da Água (1996); a Convenção de Helsinque (1992); a Conferência de Paris (1992); os Fóruns Internacionais da Água (1994-2007) e, também, a legitimação do Ano Internacional da Água (ZIGLIO, 2008, p. 448). Passados tantos debates sobre este tema, é quase do conhecimento de todos que o tempo de reposição da natureza é muito mais lento que o tempo de consumo humano. É sabido pela gestão tanto da SABESP quanto do governo do Estado de São Paulo[5] que o aumento acelerado da demanda por água era inversamente proporcional à capacidade de reposição do sistema Cantareira. O recomendável diante desta constatação seria buscar conter as perdas através da modernização do sistema de distribuição, taxar o sobreconsumo das indústrias e da agricultura, como sugere a própria ONU, e buscar novas fontes, as quais estudos científicos têm notabilizado, como a utilização cada vez mais frequente da água de reuso para determinados serviços. Mas isto também custa dinheiro e investimento, o que não foi feito para assegurar os vultosos lucros da SABESP na bolsa de Nova York. Os acionistas encheram o bolso nestes últimos anos, enquanto a população viu suas torneiras esvaziarem.

Por isso, a pergunta: o que a Guerra da Água na Bolívia tem a ensinar? Lição um: água não pode ser mercadoria. A segurança da vida neste planeta passa pela água ser um bem acessível a qualquer ser humano. Lição dois: há uma elite mundial que coloca o lucro acima da vida e é capaz de comercializar um bem vital, se isso significar mais dinheiro. Lição três: isso só pode mudar através da unidade do movimento popular em defesa de seus direitos. Lição quatro: Cochabamba mostrou que é possível vencer e construir formas alternativas de gestão dos recursos hídricos.

Referências Bibliográficas

ALEGRÍA, María Angélica. ***Privatización de las empresas sanitarias en el mundo: lecciones aprendidas***, trabalho apresentado no XI World Water Congress, Madrid, 2003. Disponível em: http://www.aprchile.cl/pdfs/privatizacion%20sanitarias.pdf. [08 de março de 2013].

CARVALHO**,** C. E. **Recursos Naturais e Conflito Social na Bolívia Contemporânea (1970-2003)**. Dissertação (Mestrado em História), Niterói (RJ): Programa de Pós-Graduação em História do ICHF-UFF, 2010.

CHAGAS BASTOS**,** F. and ROCHMAN, A. **Geografia política da água e o poder no século XXI**. Trabalho apresentado na Conferência Internacional da Rede WATERLAT, no Painel - 6 "Geografia política da água". Disponível em < http://www.iea.usp.br/waterlat/trabalhos>. São Paulo: IEA – USP, 25 de outubro de 2010. [07 de março de 2013].

[5] Estado governado há vinte anos (1995-2015) pelo partido do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira).

CONSTANCE, Paul. **Quem ganhou a Guerra da Água?** Revista eletrônica do Banco Interamericano de Desenvolvimento [online]. Junho de 2005. <http://www.iadb.org/idbamerica/index.cfm?thisid=3539> [08 de março de 2013]

CRESPO**,** Carlos. ***Continuidad y Ruptura: "La Guerra del Agua" y los nuevos movimientos sociales en Bolivia***. Revista *OSAL* [online], n. 18. 2010. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/osal/osal18>. [07 de janeiro de 2013]

HARVEY**,** David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LASERNA**,** R**.** ***Cochabamba: la Guerra contra el Agua***. Revista *OSAL* [online], n. 18. 2010. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/osal/osal18>. [07 de janeiro de 2013]

PFRIMER**,** Matheus Hoffmann. **A Guerra da Água em Cochabamba, Bolívia: desmitificando os conflitos por água à luz da geopolítica**. Tese (Doutorado em Geografia Humana), São Paulo (SP): Programa de Pós-Graduação em Geografia, FFLCH-USP. 2010.

PORTUGAL, Alex. ***El Neoliberalismo en Bolivia y Perú***. Trabalho apresentado no VII Coloquio Internacional de Estudiantes de Trabajo Social, "Desarrollo,Política Social e Intervención Profesional" da Universidade do Altiplano, Puno – Perú. 10 de agosto de 2007. Disponível em < http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000362.pdf>. [13 de fevereiro de 2013]

RIBEIRO, Wagner Costa**. Geografia Política da Água**. Editora Annablume, São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Wagner Costa**. Geografia política e gestão internacional dos recursos naturais**. Revista Estudos Avançados [online]. São Paulo: IEA – USP, 15 de março de 2010, vol. 24, n. 68. < http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n68/08.pdf>. [06 de março de 2013].

SARAPIÃO, Fabio. **Da Cantareira para a Bolsa de Nova York**. Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-serapiao/do-cantareira-para-a-bolsa-de-nova-york-976.html [acesso em 19 de fevereiro de 205]

SOUZA**,** Julia Gomes. **Crise do neoliberalismo e seus reflexos no aparelho estatal: apontamentos para a reflexão do caso boliviano**. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ cemarx/coloquio/Docs/gt8/Mesa1/crise-do-neoliberalismo-eseus-reflexos-no-aparelhoestatal.pdf [acesso em 22/01/2013]

TAPIA**,** Luís**.** ***La crisis politica de Abril***. Revista *OSAL* [online], n. 18. 2010. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/osal/osal18>. [07 de janeiro de 2013]

VARGAS, H. and KRUSE, T. ***Las victorias de Abril: una historia que aún concluye***. *Revista OSAL* [online], n. 18. 2010. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/osal/osal18>. [07 de janeiro de 2013]

XAVIER**,** Iara Rolnik. **Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Demografia). Campinas (SP): Programa de Pós-Graduação em Demografia, IFCH-UNICAMP. 2010. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000771351&fd=y. [08 de março de 2013].

ZIGLIO, Luciana. **Geografia Política da Água, Ribeiro, Wagner Costa (2008).** *Resenha/Book Review*, Revista Eletrônica Sociedade & Ambiente.[online] Campinas: UNICAMP, 30 de setembro de 2008, vol. IX, n. 2.

<http://www.scielo.br/scielo.php/script_sci_serial/pid_1414-753X/lng_en/nrm_iso>. [08 de março de 2013]. ISSN 1809-4422

Recebido para publicação em 21 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 9 de junho de 2015

La disputa por los territorios rurales frente a la nueva cara del extractivismo minero y los procesos de resistencia en Puebla, México.

Susana Edith Rappo Miguez
Doctora en Economía por la UNAM
Profesora-Investigadora del Centro de Estudios del Desarrollo Económico y Social (CEDES) de la Facultad de Economía, de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, (BUAP).
e-mail: susanarappo@hotmail.com

Rosalía Vázquez Toríz
Doctora en Desarrollo Rural por la UAM-X
Profesora -investigadora del Centro de Estudios del Desarrollo Económico y Social (CEDES), de la Facultad de Economía(FE) de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP).
e-mail: rosaliavt@hotmail.com

Marisela Amaro Capilla
Estudiante de la Maestría en Desarrollo Económico y Cooperación Internacional, del CEDES, FEBUAP. Lic en Economía por la BUAP
e-mail: mariselaac88@gmail.com

Xóchilt Formacio Mendoza
Estudiante de la Maestría en Desarrollo Rural de la UAM-X.
Lic. en Economía por la BUAP
e-mail: cvetka17@hotmail.com

Resumen

El artículo reflexiona sobre la nueva cara del extractivismo minero desde Puebla, México, donde predomina una minería no metálica, pero que a partir de 2012, se visibiliza la concesión de una parte del territorio estatal para la explotación minera metálica; amparada en nuevas tecnologías que implican la explotación a cielo abierto, generando procesos de resistencia que están en marcha y que buscan frenar lo que han denominado “proyectos de muerte”. Una de las regiones amenazadas por esta nueva expansión minera, es la Sierra Norte de Puebla, donde se están generando procesos de resistencia que busca frenar dichos proyectos, en defensa de sus territorios. Lo anterior se inscribe en una nueva fase de expansión del capital en el estado de Puebla, en el marco nacional y mundial, que al amparo de los cambios legislativos sientan las bases para despojar a pueblos y comunidades de sus tierras, aguas y bosques, poniéndolos al servicio de las nuevas inversiones. Es una forma de funcionamiento acorde a los procesos de globalización neoliberal, que dependiendo de la región y de las actividades que consideremos tiene particularidades específicas pero que se basa en procesos de acumulación por despojo y en el avance sobre los territorios rurales.

Palabras claves: extractivismo minero; resistencia; territorios rurales; Puebla.

The dispute over rural areas in front of the new face of extractive mining and the processes of resistance in Puebla, Mexico

Abstract

The article ponder on the new face of mining extractivism in Puebla, Mexico, which is predominantly a non-metallic mining, but from 2012, the granting of part of the state territory to the metal mining displayed, covered in new technologies involving opencast, generating resistance processes that are underway and seeking to curb what they called death projects. One of the regions threatened by this new mining expansion, is the Sierra Norte de Puebla, generating a process of resistance that seek to curb such projects, in defense of their territories.
This is part of a new phase of capital expansion in the state at the national and global framework, that under the legislative changes provide the basis for depriving peoples and communities from their land, water and forests, putting them at the service of new investments. It is a form of operation according to the processes of neoliberal globalization, which depending on the region and the activities that we consider has specific characteristics but based on processes of accumulation by dispossession and the advancement of rural areas.

Keywords: extractivism mining; resistance; rural territories; Puebla

Introducción

Puebla, es una de las 32 entidades federativas de México. Se localiza en la porción centro-oriental[1] de la República Mexicana; comprende una superficie de 34,290 km², distribuida en 217 municipios. Cuenta con una población de 5 779 829 habitantes, que lo convierten en el quinto estado más poblado. La capital del estado es la cuarta ciudad mexicana por el número de sus habitantes y centro de la 4ta. Zona Metropolitana del país.

El territorio nacional se encuentra clasificado, de acuerdo con sus características fisiográficas en 16 provincias. El estado se encuentra asentado en porciones de cuatro de estas provincias fisiográficas. El 50 % del territorio estatal se ubica en el Eje Neovolcánico; en la Sierra Madre del Sur, el 35 %; en la Sierra Madre Oriental el 10 % y en Llanura, el 5 % restante. Puebla se halla en la superficie de escurrimiento de cuatro regiones hidrológicas: Pánuco, Tuxpan-Nautla y Papaloapan, pertenecientes a la vertiente hidrológica del Golfo de México; y la región del Balsas, que corresponde a la vertiente del Océano Pacífico y donde se asienta la urbanización más consolidada de la entidad.(INEGI,1996)

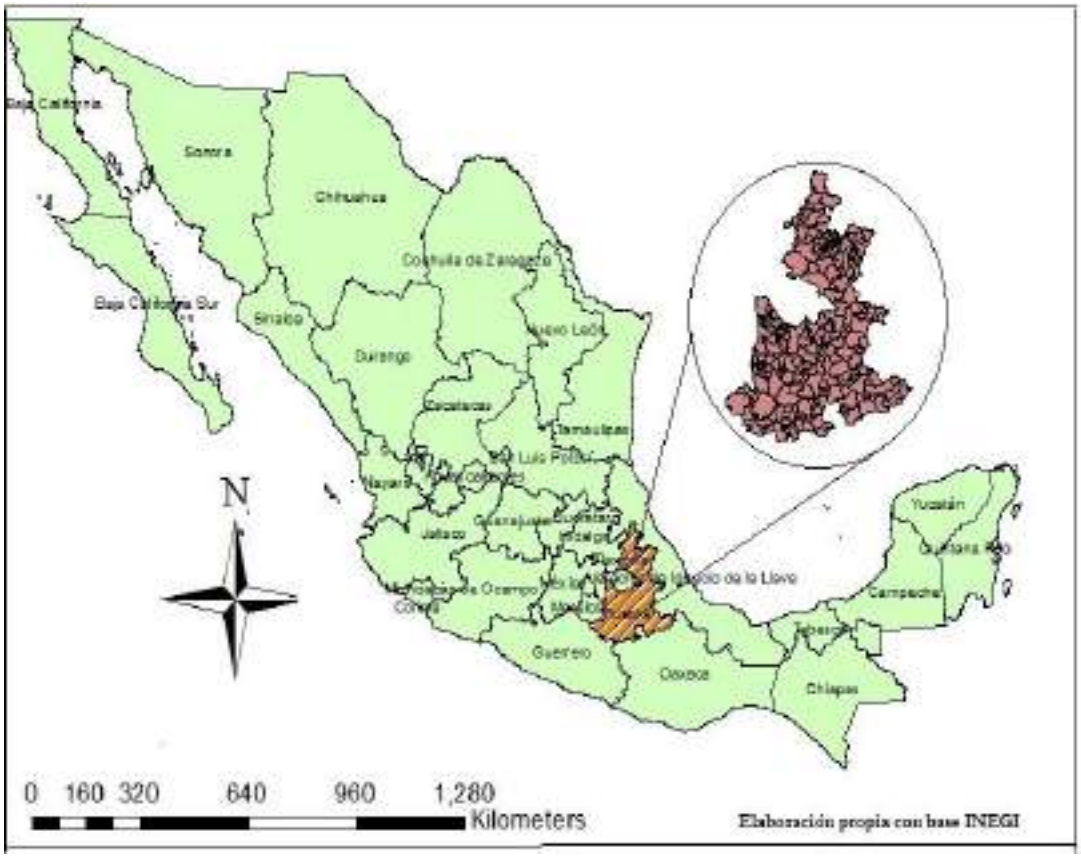
En materia socioeconómicas, Puebla cuenta con siete regiones, cuatro regiones de predominancia urbana (Angelópolis, Tehuacán y Sierra Negra, Valle de Serdán, y Valle de Atlixco- Matamoros) en 109 municipios; y tres regiones de predominancia rural (Sierra Nororiental, Sierra Norte y la Mixteca), en 108 municipios, acorde a la clasificación que considera como rural a aquellas poblaciones que tienen menos de 2 mil 500 habitantes. (Plan Estatal de Desarrollo 2005-2011).

Predomina en las zonas rurales una agricultura campesina, en manos de ejidatarios, comuneros y pequeños propietarios, con limitada extensión territorial y disponibilidad de agua, que produce en pequeña escala para el autoconsumo y los mercados locales. Los ingresos generados en las actividades agropecuarias generalmente son insuficientes para la reproducción familiar, lo que ha generado que diversos miembros de las familias campesinas

[1]Al oriente colinda con el estado de Veracruz, al sureste con el estado de Oaxaca, al suroeste con los estados de Guerrero y Morelos, al poniente con los estados de México y Tlaxcala y al noroeste con el estado de Hidalgo

se empleen como jornaleros agrícola, obreros y empleados en diversas ramas de las actividades económicas y/o que migren a ciudades o regiones del país o de Estados Unidos, contribuyendo con sus ingresos y remesas a la reproducción familiar y de la unidad productiva.

Mapa 1. Ubicación geográfica de Puebla, México



Esa diversidad de actividades que rebasa el ámbito de lo agropecuario permite comprender elementos de la reproducción social y de la persistencia de los campesinos como sujetos productivos, en un entorno de liberalización que los excluye y cuyas tierras se ven amenazadas recurrentemente por los proyectos de expansión capitalista.

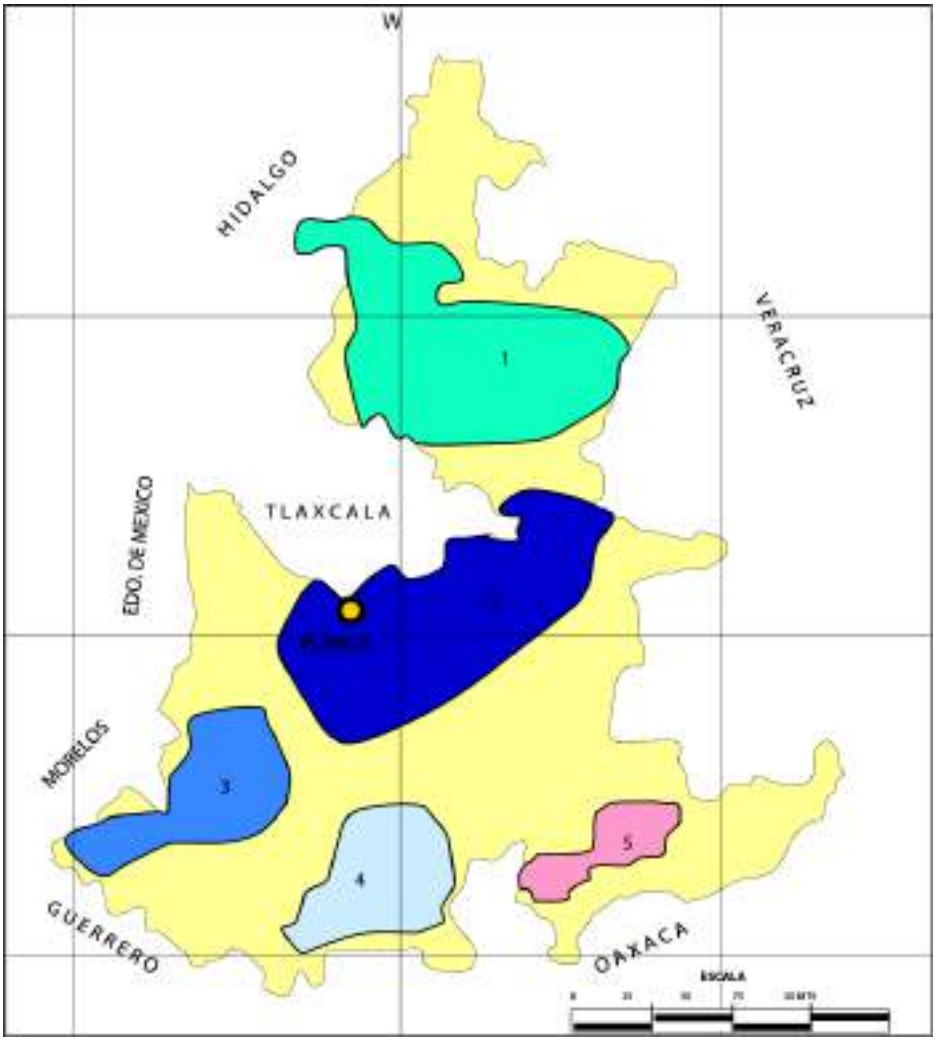
Una parte de la urbanización más consolidada en Puebla se construyó sobre tierras ejidales[2], al igual que las áreas y parques industriales, donde se asienta el grueso de la industria manufacturera en la entidad. Lo anterior ha devenido en fuertes conflictos y disputas sociales en defensa de la tierra, el agua y los bosques entre los campesinos - ejidatarios y comuneros- y los gobiernos federal y estatal al servicio del capital privado.

La expansión de las actividades productivas que se asienta sobre renovadas periferias teniendo como eje a la ciudad capital de Puebla y su zona conurbada, ha atentado recurrentemente contra el patrimonio de los campesinos, al constituirse los ejidos como reservas de tierras, que puede ser expropiadas por causa de “utilidad pública” y en aras del “bien común” en beneficio de los proyectos gubernamentales que involucran la construcción de

[2] El ejido en México es producto de la lucha de campesinos indígenas sublevados y del proceso revolucionario de 1910, frente al régimen latifundista – hacendario prevaleciente en esos tiempos.

infraestructura así como nuevos y variados desarrollos inmobiliarios en beneficio de grandes empresas y sus ámbitos de negocios.

Mapa 2. Regiones mineras del estado de Puebla



Regiones: 1 Sierra Norte; 2 Zona Centro; 3 Izúcar de Matamoros; 4 Mixteca y 5 Tehuacán
Fuente: Gobierno Federal, Secretaría de Economía, Panorama Minero del estado de Puebla, 2011

Las regiones de minerales metálicos y no metálicos se han agrupado de acuerdo al tipo de mineralización, yacimiento y litología, importantes yacimientos se han explotado desde la época de la Colonia. La historia moderna de la minería en Puebla tiene como referente la década de los cincuenta donde inicia la explotación formal de los minerales no metálicos dentro del territorio poblano; ya se explotaban en esas fechas, según se refiere en la Introducción del Panorama Minero de Puebla, 2013, los yacimientos de perlita del Cerro Pinto (Tepeyahualco - Atexcac), así como arena sílica en Oriental, pómez en Libres, Guadalupe Victoria - Tlachichuca y cal en Tepeyahualco. En 1970 inicia la explotación de los yacimientos de travertino en el municipio de Tepexi de Rodríguez; convirtiéndose la entidad en un importante productor de minerales no metálicos, ocupando lugares destacados en la producción minero-metalúrgica del país. Refiere la misma fuente que los minerales metálicos como el oro, cobre, plomo y zinc en los últimos 50 años, han registrado actividad esporádica (SE, Panorama Minero del estado de Puebla, 2011)

Sin embargo, en 2012 comienzan a tomar relevancia en Puebla, aspectos asociados a la minería metálica que no habían estado hasta ese entonces como eje de las preocupaciones económicas ni sociales en la entidad, o por lo menos no se habían evidenciado. Se visibilizan cuando pobladores de Tetela de Ocampo[3] denuncian la presencia de personal técnico e ingenieros que realizaban mediciones y tomaban muestras del suelo, en una zona montañosa del municipio, conocida como La Cañada, bloqueando los caminos y colocando anuncios, en los que se leía "Prohibido el paso, propiedad privada".

Una parte importante de esa zona es propiedad comunal y abastece de agua a la población, lo que propició la indagatoria de la población organizada en la asociación civil Tetela hacia el Futuro A. C., para finalmente confirmar la existencia y autorización de un proyecto minero que estaba en su fase de exploración, a cargo de la empresa minera Frisco S.A. de C.V, propiedad de Carlos Slim[4], cuya concesión[5] abarca más de 10,600 hectáreas y que la explotación sería a cielo abierto

Desde que Tetela hacia el Futuro hizo la denuncia en marzo de 2012 pasaron meses sin que ninguna autoridad ni institución como la Secretaria de Medio Ambiente y Recursos Naturales (SEMARNAT), ni la Procuraduría Federal de Protección Ambiental (PROFEPA), ni la Comisión Nacional del Agua (CNA) o la Secretaría de Sustentabilidad Ambiental y Ordenamiento Territorial (SSAOT) les informara del proyecto de la minera, aunque sí lo sabían los vecinos que han recibido la oferta de compra de sus terrenos.

Así lo relata Sergio Mastretta, en un reportaje en 2012

> La empresa está interesada en su propiedad --les ha dicho el abogado Alejandro Martínez--. Minera Espejeras, S.A. de C.V., pertenece a Minera Frisco, SA de CV. El nombre lo adaptamos al lugar (se refiere al término Espejeras). El accionista es Carlos Slim. Es una realidad el proyecto, es un hecho que se va a explotar para el beneficio del mineral bajo el sistema de lixiviación… ¿Qué va a pasar?, cuando empiece el tajo abierto van a empezar a pelar, ¿qué va a quedar? Va a quedar piedra. ¿Qué pasó con los arbolitos, con las ramas, con todo lo que esté ahí? Se acabó…
>
> Y les confirma lo que los funcionarios gubernamentales no quieren ver: que han encontrado que el cerro de La Espejera puede dar hasta dos gramos de oro por tonelada, que pelarán totalmente la capa vegetal y que dinamitarán la roca y que instalarán "molinos gigantescos" con capacidad de triturar hasta diez mil toneladas de piedra al día. Que utilizarán cianuro como reactivo químico para separar el metal, que desecharán para siempre enormes cantidades de escoria, que depositarán los residuos contaminados en las llamadas "presas de jale". Y que se irán en diez, quince, veinticinco años, dejando en La Cañada un peladero eterno.

[3]Municipio de la Sierra Norte de Puebla. Colinda al Norte con Cuautempan y Tepetzintla, al Sur con Ixtacamaxtitlán, al Oeste con Xochiapulco y Zautla, y al Poniente con Aquixtla, Zacatlán e Ixtacamaxtitlán. Tiene una superficie de 304.89 kilómetros cuadrados lo que lo ubica en el lugar 27 con respecto a los demás municipios del Estado. Esta a una distancia aproximada de 151 km de la ciudad de Puebla de Zaragoza y a 221 km de la Ciudad de México.

[4] Es uno de los hombres más ricos del mundo, según la revista Forbes. Ha diversificado sus inversiones a múltiples ámbitos de negocio a partir de la creación en 1980 de Grupo Galas, hoy Grupo Carso, cuyas actividades principales entonces eran la industria, la construcción, minería, comercio, alimentos y tabaco. En 1986 adquiere empresas como Nacobre, Minera Frisco y Química Fluor y aumenta su participación en Euzkadi. En 1990, Grupo Carso se hace empresa pública a través de la oferta primaria de acciones a las que le siguen fusiones de empresas en el ámbito nacional e internacional. A fines de ese año gana la licitación para adquirir Telmex e inicia el despegue que lo colocará en la situación actual. Información biogáfica contenida en http://www.carlosslim.com/biografia.html.

[5] Una concesión, para ser más precisas, otorgada por el gobierno federal y su Dirección General de Minas en 2003 por 50 años, con el Título de Concesión Número 220980, en la Agencia 94, con expediente 5/1/00736, para la empresa Minera San Francisco del Oro, S.A. de C.V. con una superficie de 10,663.92 hectáreas, con nombre de lote LA CAÑADA 1, en el municipio de Tetela de Ocampo, en estado de Puebla. Y con vigencia del 11 del 11 del 2003 al 10 del 11 del 2053, según datos de la Coordinación General de Minería. (Mastretta, 2012, Portal de internet Mundonuestro)

> Y Minera Frisco tiene ya 72 hectáreas compradas en el cerro La Espejera, en Tetela. 800 por 900 metros, suficientes ya para una explotación a cielo abierto. Y para cambiar la historia de la Sierra. (MASTRETTA, 2012)

A partir de su propia indagatoria la comunidad de Tetela emprende una lucha que continúa para echar atrás el proyecto minero que afectaría gravemente la vida y el ecosistema de la región, una de las áreas forestales de encinos y pinos que quedan en la Sierra Norte de Puebla; mientras en otros municipios de la zona serrana como son Zautla, Ixtacamaxtitlán y Zacatlán, a la par que existía hostigamiento por las empresas para obligar a vender los predios, las poblaciones se organizaban para resistir.

La Ley Minera[6]no establece mecanismos de consulta y se ha vuelto desventajosa para las comunidades, ya que la minería es considerada actividad prioritaria, por encima de otras. La desprotección jurídica ha significado una oportunidad provechosa para las empresas, pues se presentan en las comunidades y pueblos con derechos ya adquiridos, mediante el otorgamiento de una concesión. Esta situación violenta tratados internacionales, que en materia de derechos colectivos de los pueblos indígenas, México ha firmado, como es el caso del Convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo, que consagra los derechos a la consulta y a la preservación de los territorios y recursos naturales de los pueblos indígenas, que en la mayoría de los casos queda como letra muerta.

Bajo esa problemática buscamos comprender la expansión de la minería en Puebla[7] que si bien ya está instalada en otras zonas del país de más larga tradición minera, viene a disputar los territorios de la geografía poblana, mediante el despojo "legal", el abuso de poder, la corrupción de las instituciones, la falta de transparencia en el otorgamiento de concesiones, así como la violencia que gobiernos y empresas ejercen sobre las comunidades afectadas.

Algunos antecedentes y elementos para comprender la minería actual

La minería ha jugado un papel importante en la historia económica de México y en la transformación y apropiación del territorio; una parte significativa en la fundación de los principales centros urbanos del país durante la colonia, así como la creación del tejido ferroviario durante el Porfiriato y la introducción de la energía eléctrica, están indisolublemente ligados a la minería, que consolidó y organizó el espacio geográfico con profundas transformaciones en el paisaje y serias consecuencias ambientales sobre todo al llevarse a cabo una intensa deforestación, ya que se necesitaba la madera para las obras mineras y para la utilización en formas de combustibles en el proceso de beneficio de los minerales.

A partir del fin de la Segunda Guerra Mundial, la minería dejó de constituir la columna vertebral de las actividades económicas, dando paso a las actividades industriales, comerciales

[6] La Ley Minera de 1992, se adecua a la modificación del Artículo 27 Constitucional y junto a la Ley de Inversiones Extranjera y el Tratado de Libre Comercio de América del Norte firmado en 1993 serán los mecanismos de promoción de las inversiones mineras, en un contexto de liberalización. El párrafo cuarto del Artículo 27 Constitucional, establece el dominio directo de la Nación sobre todos los minerales o sustancias que en vetas, mantos, masas o yacimientos constituyan depósitos de naturaleza distinta a los componentes de los terrenos; el párrafo sexto del Artículo 27 Constitucional fija la inalienabilidad e imprescriptibilidad de los recursos minerales; el uso o aprovechamiento de los recursos minerales por particulares y sociedades mexicanas constituidas conforme a las leyes mexicanas. El fundamento legal para la expedición de títulos de concesión minera se encuentra regulado por los artículos 4°, fracciones I a VIII, 10, párrafo primero, 11,12, 13, párrafos primero, y 14 de la Ley Minera y, 16 a 18y, 22 a 28 de su Reglamento.

[7]El material que presentamos es parte de una investigación en marcha titulada: "La expansión de la minería en Puebla y México y sus impactos" y financiada por la Vicerrectoría de Investigación y Estudios de Posgrado (VIEP) de la BUAP. Tiene como base dos ponencias ya presentadas, así como la elaboración de dos tesis de licenciatura, una sobre las principales problemáticas de la minería y otra sobre los impactos.

y de turismo impulsadas por las nuevas dinámicas de la acumulación del capital y las nuevas políticas económicas. La región[8] más importante en materia minera era y lo sigue siendo, la del norte: Sonora, Chihuahua, Coahuila, Zacatecas, Durango y San Luis Potosí, en donde se centralizaba la explotación de oro, plata, carbón, zinc, plomo y cobre, así como de minerales no metálicos de importancia como la barita y la celestita.

Según la Secretaría de Economía, México está casi completamente mineralizado y en la actualidad el 85 % de sus reservas están sin explotar y 70 % de su superficie está en condiciones económicamente viables para la explotación, lo que genera la viabilidad de nuevos proyectos mineros. De hecho la producción de oro se ha casi cuadruplicado de 2000 a 2011, mientras que la de plata aumentó en al menos 60%.

En el país se registran en la actualidad más de 27 mil títulos de concesión minera mediante los cuales se han asignado alrededor de 33 millones de hectáreas lo que equivale a 16 % del territorio nacional. A finales de 2012 existían 2,611 sociedades: 1,525 son sociedades de capital netamente mexicano (58.4%) y 1,086 sociedades con participación extranjera (41.6%), cifras que representan un crecimiento de 14.2%, 17.1% y 10.4%, respectivamente, con relación a las sociedades inscritas a junio de 2011(Secretaría de Economía, 2013).

Por otra parte, con información de la Secretaría de Economía al cierre del 2012 había un total de 301 empresas con proyectos mineros en México (la mayoría con proyectos mineros a cielo abierto), de las cuales únicamente 13 son mexicanas y 2 más son mexicanas con capital de otro país (español y coreano).

Datos de la Dirección General de Desarrollo Minero de la Secretaría de Economía precisan 853 proyectos registrados al cierre de 2012 en manos de 285 empresas, 72 % eran de origen canadiense y 16 % de Estados Unidos, aunque la presencia de capital asiático (chino, japones, indú y coreano) está aumentando con respecto a años anteriores. China verificó al cierre de 2012 el mayor aumento con al menos una docena de concesiones. Su mayor interés, el hierro, seguido de oro y plata.

En Puebla, la minería que destaca es la de minerales no metálicos, muy ligada a la expansión de la industria del cemento y la construcción. Sin embargo, en tiempos recientes se visibilizan una serie de procesos que evidencian el interés de explorar y explotar minerales metálicos, que se manifiesta en el número de concesiones otorgadas, y en los intereses del gobierno federal y local y de diversos capitales nacionales y extranjeros.

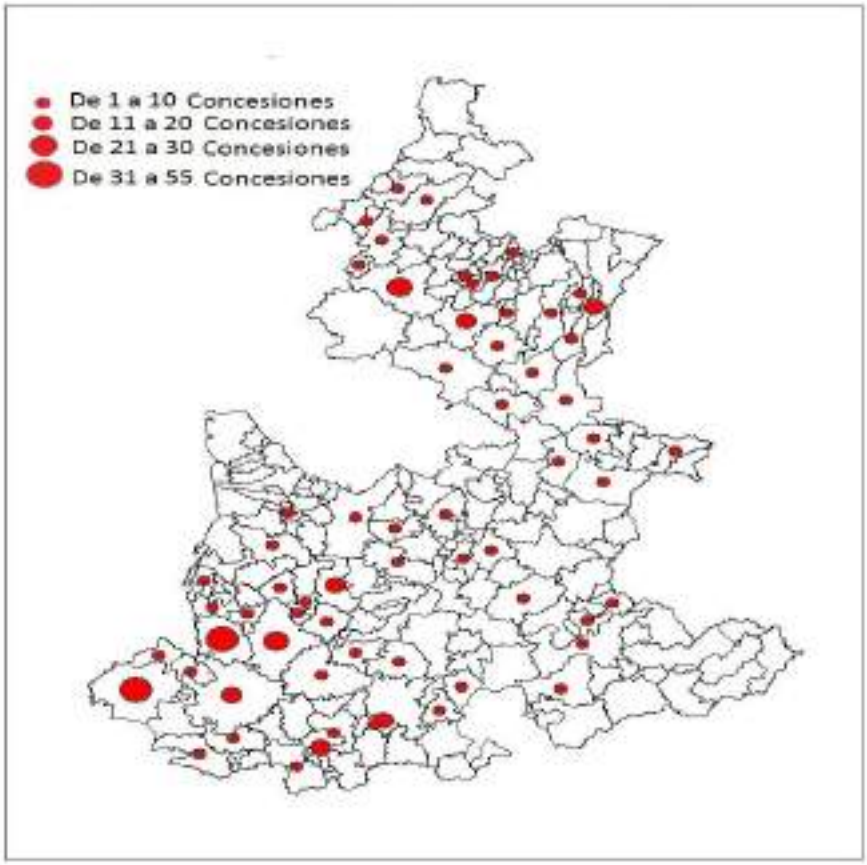
El 3.8 % de la superficie del estado de Puebla estaba ya concesionada en 2011 en alguna de las cinco principales regiones mineras identificadas por el Servicio Geológico Mexicano: Sierra Norte (oro, plata, plomo, cobre y molibdeno), Centro (oro, plata zinc y manganeso), Izúcar de Matamoros (oro plata, plomo, zinc, cobre, hierro, manganeso y estaño), Mixteca (cromo y níquel) y Tehuacán (oro, plata, plomo, zinc, manganeso y hierro). De los casos relacionados a minería metálica, 11 están en fase de exploración y uno en fase de reactivación de actividades producción. Todos, excepto uno, son de capital extranjero. (DELGADO, 2013)

Si bien la información oficial, presenta algunas incongruencias, gráficamente, los mapas 3 y 4 permiten visualizar dichas concesiones, así como los proyectos. Lo anterior debe inscribirse en lo que se califica como el *boom* minero, impulsado tanto por el aumento de la demanda mundial de minerales (que se triplicó de 1950 a la fecha), la erosión de las reservas de los principales yacimientos mineros, como por la fuerte especulación de las inversiones, en especial en minerales preciosos y otros estratégicos como el cobre, aluminio, niquel y hierro. De ahí el acentuado aumento de concesiones mineras en México y otras latitudes, incluyendo

[8] Se puede afirmar que a excepción de la península de Yucatán y de la mayor parte de las llanuras costeras en donde se encuentran minerales no metálicos, en el resto del país abundan los depósitos de minerales metálicos asociado generalmente a la actividad magmática y metamórfica (Coll – Hurtado *et al.* 2002:22)

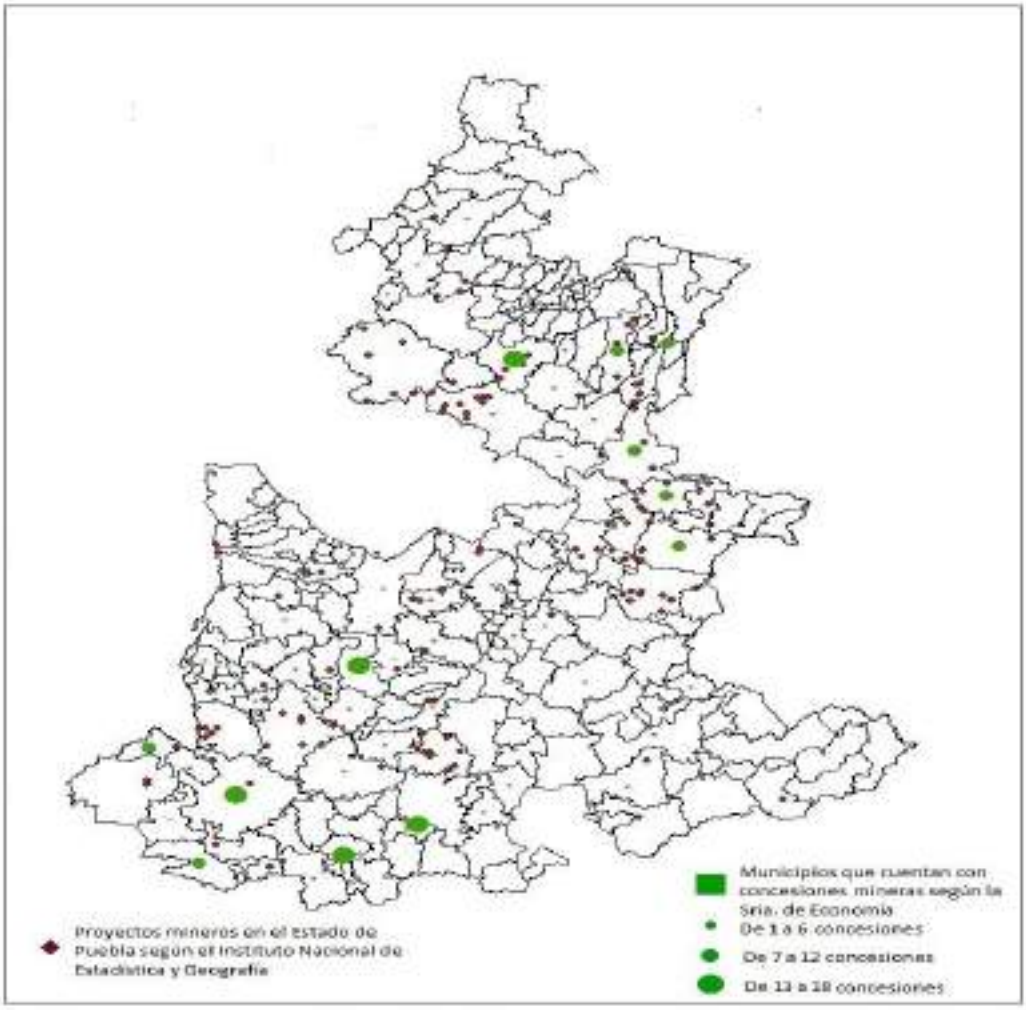
países y zonas históricamente sin vocación minera de gran calado,(DELGADO, 2013), como sería el caso de Puebla.

Mapa 3. Puebla: Concesiones de Minerales Metálicos a julio de 2013



Fuente: Elaboración propia con información de la Dirección de Cartografía y Concesiones Mineras, SIAM, Secretaría de Economía, 2013

Mapa 4. Puebla: Proyectos Mineros y Concesiones en el Estado de Puebla



Fuente: Elaboración propia con información de la Dirección de Cartografía y Concesiones Mineras, SIAM, Secretaría de Economía e INEGI, 2013

Además, reservas que hoy pueden ser explotadas atendiendo a las nuevas tecnologías, sin ninguna consideración ambiental y social. De manera esquemática podemos decir que hoy existen dos tipos de minería, la subterránea y a cielo abierto. En la primera la actividad minera se realiza por debajo de la superficie a través de labores subterráneas. La maquinaria que se utiliza en este tipo de minería es menor que la que se utiliza en la minería a cielo abierto. Para llegar al mineral que interesa extraer se cavan túneles los cuales pueden ser de roca blanda o roca dura. En las minas de roca blanda como el carbón, la sal, la potasa y la bauxita no se necesita el empleo de explosivos para la extracción, las rocas se cortan utilizando herramientas modernas.

En las minas de roca dura la extracción se realiza mediante perforación y voladura. Primero es necesario realizar orificios con perforadoras de aire comprimido o hidráulicas. Luego se insertan barrenos en los orificios y se provoca una explosión para fracturar la roca, posteriormente se carga la roca volada hasta galerías de gran inclinación, por las que la roca cae hacia un pozo de acceso. Se la carga en unos contenedores llamados cucharones y se retira de la mina (ORTEGA, 2014).

Por su parte, la minería a cielo abierto o a tajo abierto, es una actividad de tipo industrial que consiste en remover grandes cantidades de suelo y subsuelo, la cantidad de tierra removida es procesada para extraer el mineral, el cual se encuentra en concentraciones muy bajas. Para realizar este proceso de extracción es necesario utilizar grandes cantidades de cianuro, sustancia que permite recuperar los metales del resto del material que ha sido removido. Este proceso requiere que el yacimiento abarque grandes extensiones ya que se cavan cráteres gigantescos que llegan a tener 150 hectáreas de extensión y hasta 200 metros de profundidad. (Vecinos autoconvocados de Esquel por el no a la mina, 2006).

Bajo esta forma de extracción, es clave el uso masivo de recursos naturales, extensas superficies para acceder al yacimiento, procesar el mineral y colocar desechos tóxicos, así como inmensas cantidades de agua y grandes cantidades de energía eléctrica que son tomadas del abasto nacional. La minería a cielo abierto permite que se vuelvan rentables, yacimientos que hasta hace algunos años eran inviables de costear debido a la dificultad que implicaba su extracción. Esta forma de explotación es llevada a cabo con una tecnología que permite rápidamente y a bajo costo procesar millones de toneladas de material mineralizado (GARIBAY, 2010). Existe a nivel mundial una llamada “Ley de oro” que representa la proporción de material aurífero que se obtiene en las minas; en el siglo XIX era posible obtener 20 gramos de oro por tonelada de material, para el siguiente siglo esta cifra descendió a 7 gramos por tonelada pero en la última década de este último siglo con la introducción de la minería a tajo abierto se ha vuelto rentable explotar áreas con menos de un gramo por tonelada. En el caso de la minera El Peñasquito en Zacatecas, propiedad de GoldCorp Inc., se extrae 0.45 gramos por tonelada y tan sólo 0.15 gramos en las minas sometidas al proceso de cianuración, esta mina precisa la utilización de 133 toneladas de tierra removida y 186,600 litros de agua tan solo para extraer 20 gramos de oro (BRYSON, 2009).

La minería a cielo abierto desata una competencia entre los habitantes de las regiones donde se autorizan las concesiones mineras. Estos conflictos solo tienen dos posibles salidas: 1) Que las empresas mineras ganen el control y con ello desplacen a los habitantes; 2) Que la comunidad se organice e impida la ocupación minera. Esta nueva minería no comparte con alguna otra actividad el uso de suelo, genera la exclusión social y daña severamente el paisaje natural preexistente.

La competencia por el uso del suelo se muestra con toda su crudeza, porque la minería a cielo abierto coloca a flor de piel, mucho más que otras actividades, las contradicciones evidentes entre el desarrollo económico, producto de la acumulación del capital frente a la conservación de la vida y el ambiente.

En la entidad poblana, lo anterior se inscribe en una nueva fase de expansión del capital auspiciada por capitales privados y las diversas instancias de gobierno, en el ámbito federal y estatal que sirven como mediadoras y que al amparo de las modificaciones de la legislación buscan despojar a pueblos y comunidades de sus tierras, aguas y bosques, poniéndolos al servicio de las nuevas inversiones. Es una forma de funcionamiento acorde a los procesos de globalización neoliberal, que dependiendo de la región y de las actividades que consideremos tiene particularidades específicas pero que se basa en procesos de acumulación por despojo y que busca validarse socialmente a partir del discurso dominante del desarrollo.

El extractivismo minero, ganancias extraordinarias frente al saqueo

El extractivismo minero es un fenómeno que cada vez cobra mayor importancia en la sociedad, sobre todo en aquellos grupos que son despojados de lo único que poseen: su territorio. En Puebla, los territorios hoy en disputa son parte de lo que se considera desde la antropología social como “regiones refugios” de poblaciones indígenas. La minería del pasado era por muchas razones una actividad aceptada por la sociedad, sin embargo la forma

tradicional en la que se llevaba a cabo, ya no existe. Hoy la minería ha evolucionado convirtiéndose en una actividad mucho más depredadora de los recursos naturales, ello debido al uso de nuevas tecnologías que son agresivas para el medio ambiente y que implican el uso intensivo de sustancias tóxicas y material explosivo que contamina el agua y erosiona la tierra dejándola inservible por varios años, además de involucrar el uso de grandes extensiones de tierra.

Existen diversas formas de definir al "extractivismo minero" sin embargo es posible rescatar las conceptualizaciones de sociólogos, ambientalistas, economistas y activistas sociales para esbozar el significado amplio de esta actividad:

El extractivismo minero en el sistema capitalista es el conjunto de actividades a gran escala para sacar, extraer y separar elementos de la naturaleza, con el fin de obtener la mayor ganancia evitando restituir, reparar, mitigar, compensar, consultar e informar a la sociedad sobre los efectos negativos que traerá para su comunidad.

En las últimas décadas la actividad minera se ha expandido pero también ha ido concentrando la riqueza de las corporaciones mineras. Entre 1990 y 1997, a nivel mundial las inversiones en exploración minera crecieron en 90% y en América Latina este incremento fue de 400% equivalente a una inversión acumulada de 17,300 millones de dólares; a finales del año 1990, 4 de los 10 países con mayores inversiones a nivel mundial eran: Chile, Perú, Argentina y México (CASTRO, 2013).

Esa tendencia continúa, para 2011 América Latina concentró 25 % de la inversión mundial en exploración y México lideraba el monto de inversiones al hacerse de poco más de la quinta parte de la misma, casi seis veces más que lo que recibía en el año 2000.

Mientras el modelo extractivo minero, permite la colocación de grandes inversiones de capital, buscando su valorización y multiplicación, la minería se convierte en una de las actividades más insustentable ya que tiene un gran impacto ambiental, económico y social.

Uno de los principales factores que caracterizan a la minería contemporánea es el uso intensivo de tecnología que permite lograr una mayor valorización del capital invertido. La industrialización de los recursos naturales, en específico de los minerales busca disminuir los costos de producción mediante una combinación de factores: mejoran su tecnología, abaratan los costos de materia prima, disminuyen tiempos y distancias, evitan impuestos, logran nulas regulaciones ambientales y legales y se favorecen de Tratados de Libre Comercio, obteniendo créditos blandos, buscando servicios baratos o gratuitos (agua, energía, infraestructura, etc.), externalizando los costos sociales y medioambientales, logrando subsidios, entre otras formas (CASTRO, 2013)

Las empresas mineras en su ambicioso camino por extraer una mayor cantidad de minerales, eliminan las propias fuentes de reproducción y acumulación de capital; no toma en cuenta el tiempo para que los bienes comunes naturales convertidos en mercancía se reproduzcan, ni tampoco el agotamiento y el daño irreversible sobre el medio ambiente. La industria extractiva minera gira en torno a la lógica y la estrategia del capital financiero trasnacional, pero también a las condiciones y actores político- económicos de cada país. Ejemplo de ello es el caso de las empresas mineras canadienses en México, donde han encontrado un paraíso pues el artículo 27 constitucional solo exige los pagos al derecho de las concesiones; así en el primer año de operación esos consorcios pagan 5 pesos con 70 centavos por el uso de una hectárea; en el tercer y cuarto años de vigencia de la concesión, 8 pesos con 52 centavos. El décimo año se aplica la cuota más elevada por usos de hectárea de 124 pesos con 74 centavos. En un ranking internacional, de 94 países, México ocupa el cuarto lugar por su potencial minero. Los inversionistas canadienses han expresado respecto a las ventajas de invertir en nuestro país, lo siguiente:

> México tiene un riesgo-país bajo y está clasificado como el cuarto en el mundo para inversiones mineras favorables; tiene estabilidad política y financiera, así

> como sistemas legales y contables estilo norteamericano; tiene baja tasa de impuestos y carece de regalías mineras; permite compañías extranjeras, la propiedad extranjera y la repatriación de capital; tiene fuerte apoyo gubernamental, burocrático, y el sector público para la minería cuenta con una fuerza laboral bien entrenada y experimentada, y se encuentra fácilmente disponible (RODRIGUEZ, 2013)

Ejemplo de las ganancias extraordinarias y la relación con los "beneficios" que otorgan al país las empresas mineras, son los siguientes:

- La empresa FirstMajesticSilverCorp que tiene una concesión de 4 mil hectáreas para la mina de plata La Encantada, en Coahuila, con cuatro años de operación a un valor anual de 17 pesos 40 centavos representa un monto anual pagado al erario de 68 mil 160 pesos, lo cual equivale a 0.004% de sus utilidades brutas, estimadas en mil 464 millones 679 mil pesos.
- Con Fortuna Silver Mine Inc., la concesión de 30 mil hectáreas de la mina de oro y plata San José, en Oaxaca, con nueve años de operación a un valor anual de 141 pesos 76 centavos, que representa una contribución al erario de 4 millones 252 mil 800 pesos, sólo representa 0.20% de sus utilidades brutas, que son equivalentes a 2 mil 124 millones 636 mil pesos.
- Timmins Gold Corp., la concesión de 70 mil 986 hectáreas de la mina de oro TMM Frac. 1, en Sonora, con un año de operación a un valor anual de 11 pesos 40 centavos representa un monto para el erario de 809 mil 244 pesos cantidad equivalente a 0.039% de sus utilidades brutas, calculadas en 2 mil millones 61 mil pesos.
- Starcore International Mines Ltd., la concesión de 12 mil 992 hectáreas de la mina de oro y plata San Martín, en Querétaro, con 22 años de operación a un valor anual de 249 pesos 48 centavos, representa un monto anual pagado al erario de 3 millones 241 mil 244 pesos, equivalentes a 0.44% de sus utilidades brutas, que totalizan 722 millones 982 mil pesos.
- Aurico Gold Inc., la concesión de 3 mil 665 hectáreas de la mina de oro El Chanate, en Sonora, con seis años de operación a un valor anual de 35 pesos 24 centavos representa un monto anual pagado al erario de 129 mil 154 pesos que equivale a 0.013% de sus utilidades brutas, que suman 2 mil 933 millones 388 mil pesos.
- Y para Agnico-Eagle Mines Limited, la concesión de 56 mil hectáreas de la mina de oro Pinos Altos, en Chihuahua, con cuatro años de operación a un valor anual de 17 pesos 4 centavos representa un monto pagado al erario de 954 mil 240 pesos lo cual equivale a 0.016% de sus utilidades brutas, que alcanzan 5 mil 716 millones 177 mil pesos (MENDEZ, 2013).

Bajo estos ejemplos podemos evidenciar la dicotomía del extractivismo minero: 1) La acumulación de ganancias que logran las empresas mineras a través de la explotación de los minerales que son saqueados del país de origen y posteriormente exportados a diversos países del mundo; 2) La miseria en la que dejan a los países "ricos" en recursos naturales, los cuales quedan como simples proveedores de materia prima.

En las comunidades rurales donde hay actividades mineras los beneficios son aun menores, pues sólo se recibe la renta de las tierras y/o ayudas a las comunidades cercanas a las minas. Por lo tanto el principal mecanismo de distribución es la renta, ya que los campesinos siguen siendo los dueños de los terrenos, el otro mecanismo, el de los apoyos, ayudas o donaciones a las comunidades, que consisten en reparación o construcción de obras de infraestructura e iglesias, así como el patrocinio de festividades religiosas, escolares y deportivas. (RODRIGUEZ, 2013).

Lo anterior es expresión del avance del capital sobre nuevos territorios que busca apropiarse y en muchos casos lo logra al amparo de la protección del los estados nacionales y sus instituciones, que han adecuado la legislación para que el despojo sea legal en medio del discurso del desarrollo neoliberal frente a la resistencia de los pueblos excluidos y pisoteados en sus derechos.

Consideraciones finales

Puebla, a lo largo de su historia ha destacado por la explotación de minería no metálica; en las dos últimas décadas el asentamiento de cementeras, como son Cementos Mexicanos (CEMEX) en tierras de Cuautinchan desde 1995 y Cementos Cruz Azul en Palmar del Bravo que comienza a construirse en 2004, en una superficie de 575 hectáreas de la región de Palmar de Bravo de las cuales 243.8 hectáreas se encuentran en la Reserva de la Biósfera de Tehuacán – Cuicatlán, han generado manifestaciones de inconformidad por los efectos sobre la salud de las poblaciones, de los cambios en el ciclo de lluvias, y la disponibilidad de agua; en el caso de Cementos Cruz Azul, además, por incumplimiento de los acuerdos que tuvieron con las comunidades. En ambos casos los municipios consintieron los cambios de uso de suelo e instancias estatales y federales avalaron los estudios de impacto ambiental. El discurso del desarrollo y la generación de empleo es una constante para promover y avalar desde lo institucional este tipo de inversiones, minimizando cualquier aspecto de deterioro o destrucción ambiental.

La importancia de la industria de la construcción y la extracción de materiales que le da sustento, ha sido validado por la necesidad de la creación de todo tipo de infraestructura, partiendo de los procesos de urbanización que colocan como ámbito de interés público y privado la generación de viviendas. El cuestionamiento que desde lo ambiental se hace es relativamente reciente y la extracción de materiales para tal fin se ve como natural y poco cuestionada, incluso desde las poblaciones que pueden sentir los efectos que la actividad conlleva.

En el caso de la minería metálica para regiones como la Sierra Norte de Puebla, donde la densidad poblacional es de 623 hab/km2, muy superior a la media estatal, donde la vegetación asociada a los ecosistemas predominantes de acuerdo a los distintos pisos de altitud genera una diversidad de paisajes acorde a la riqueza cultural existente, resulta difícil imaginar los cambios que la explotación minera a cielo abierto traería para la vida de las poblaciones serranas, de concretarse las concesiones que se han otorgado.

Sin embargo, la Sierra Norte de Puebla se encuentra en la mira de las empresas que desean extraer sus recursos naturales, lo cual significa una seria amenaza al territorio, considerando las implicaciones y los impactos de las actividades que desean imponerse. En los últimos dos años se han ido descubriendo proyectos mineros, hidroeléctricos y de hidrocarburos, que han despertado el rechazo y la movilización de la población. (DURÁN, 2014)

Hay una embestida del capital para detonar proyectos y no es sólo la Sierra, es Puebla y al igual que otras zonas de entidades federativas, donde existe una predominancia de economía indígena y campesina en el ámbito rural, sus territorios aparecen como reservaspara la expansión capitalista, al mismo tiempo que se invisibiliza a la población, como si los territorios fueran espacios no ocupados.

La información que las poblaciones han buscado sobre dichos proyectos, deja en claro que esto es parte de un plan de grandes dimensiones. Se reportan más de 160 mil hectáreas concesionadas a la minería, ubicadas en las partes altas donde inicia la captación del agua que alimenta los ríos de la Sierra y 180 mil hectáreas si incluimos los proyectos hidroeléctricos y de hidrocarburos.

En total, en la Sierra Norte, en 63 municipios, existen 103 concesiones mineras que tienen empresas de ocho países diferentes, aunque de éstos una sola empresa canadiense representa 73 por ciento de tierra concesionada. Se trata de Almaden Minerals, la cual tiene 13 títulos de concesión distribuidas en sus tres filiales: Minera Gavilán, Minera Zapata y Minera Gorrión. México como país tiene 46 títulos de concesión con 22 por ciento del total de superficie concesionada a la extracción minera en manos de tres grandes corporativos: Grupo Ferrominero, con 53 por ciento; Grupo Frisco, con 34 por ciento, y Grupo Peñoles, con 12 por ciento.

Se ha identificado también la existencia de al menos 10 proyectos hidroeléctricos, que se ubican en las zonas medias de las cuencas de los ríos Apulco, Zempoala y Ajajalpan. Y para completar este rompecabezas, se ha proyectado la exploración y extracción de gas y petróleo en las zonas bajas, que hasta el momento involucra a 15 municipios de la Sierra Norte de Puebla. Por la magnitud y la dimensión de estos proyectos, bien les ha valido el ser llamados megaproyectos. Entender sus implicaciones, hace pensar en un panorama desolador que acabaría con los modos de vida de los pueblos indígenas y campesinos, por lo que se han calificado como “proyectos de muerte”. (DURÁN, 2014)

Los procesos de resistencia que comienzan con la búsqueda de información tratando de armar el rompecabezas de las propuestas, inicia a partir de 2012, aunque las concesiones estuvieran desde mucho antes. Inicia en Tetela de Ocampo y se irradia al resto de la Sierra, donde el Consejo Tiyat Tlali se vuelve un actor fundamental de dichos procesos, representativo del proceso organizativo y de resistencia en la Sierra Norte de Puebla.

Se van agregando nuevos casos y nuevas indagatorias, por ejemplo el del municipio de Ixtacamaxtitlán, el más grande del Estado de Puebla, que enfrenta en estos días el conflicto surgido de los trabajos que desde el 2010 realiza la empresa minera canadiense Almaden Minerals en lo que llama el Proyecto Tulictic y que hoy la población busca detener.

Después de más de diez años de sondeos y trabajos de exploración realizados desde el año 2010, la empresa presume de haber dotado de empleos a personas de la comunidad de Santa María Sotoltepec, y de haber realizado trabajos de mantenimiento de espacios públicos. En su página web, expone además un boletín de prensa que afirma que extraerá 3.6 toneladas de oro y 221 toneladas de plata anuales durante su estancia en dicho municipio.

La información y experiencias que han compartido con otros pueblos con proyectos mineros ha llevado a la población de Ixtacamaxtitlán a rechazar rotundamente los trabajos de Almaden Minerals, quien ha contado con el aval de autoridades federales que en total han concesionado 120 mil 822 hectáreas a dicha empresa en toda la Sierra Norte del estado. Así mismo, la Secretaría de Medio Ambiente y recursos Naturales (SEMARNAT) ha otorgado permisos de exploración sin informar y consultar a la población.

Este rechazo se une al de otros municipios de toda la Sierra Norte que se niegan a aceptar “proyectos de muerte” como la minería, hidroeléctricas y gasoductos y abandonar y dejar morir la tierra que ha dado sustento y los conocimientos que han cuidado y mantenido la vida de cerros y ríos en donde han habitado por siglos. Muestra de ello no sólo han sido las asambleas informativas sino ruedas de prensa, marchas y foros donde mujeres y hombres que radican en sus comunidades o que han tenido que salir por temporadas a trabajar a las ciudades han manifestado su rechazo a la actividad minera (Durán, 2014).

Creemos relevante destacar la importancia de la constitución del Consejo Tiyat Tlali, “en defensa de nuestro territorio”, como red de organizaciones sociales de la Sierra Norte de Puebla y conformada por hombres, mujeres, indígenas totonacas y náhuatl, no indígenas, comunidades campesinas, rurales y urbanas, la pastoral social, cooperativas. Las organizaciones que conforman el consejo, afirman, “aportamos desde la educación formal y no formal, el desarrollo comunitario, la investigación social, el turismo comunitario, el empoderamiento y exigibilidad de los derechos sociales, políticos, económicos, sociales, culturales y ambientales”. **(**consejotiyattlali.blogspot.com)

El Consejo Tiyat Tlali está integrado[9]por la Unidad Indígena Totonaca Náhuatl (UNITONA), la Pastoral Social indígena, la Coordinadora Regional de Desarrollo con Identidad (CORDESI), la Agencia Timomaxtican, la Unión de Cooperativas Tosepan, Maseual Siuamej Mosenyolchicauani, la Universidad de la Tierra en Puebla (UNITIERRA-Puebla), el Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario (IMDEC), Nakú Sygoy, Tetela hacia el futuro, el Centro de Estudios para el Desarrollo Rural (CESDER), el Centro de Estudios Ecuménicos y Centro Operacional de Vivienda y Poblamiento A.C. (COPEVI).

Se constituyen en julio de 2012 ante la amenaza de la llegada de lo que han denominado "proyectos de muerte" principalmente las propuesta de la construcción de minas extractivas y tóxicas así como las hidroeléctricas en la Sierra Norte de Puebla (27 concesiones mineras, 5 hidroeléctricas y 50 ciudades rurales). Nacimos, afirman, como una organización de apoyo y acompañamiento para fortalecer las estrategias de defensa del territorio de las comunidades afectadas por megaproyectos de muerte, denunciar la destrucción de los recursos naturales, sociales culturales y económicos de la Sierra Norte de Puebla, proporcionar información a las comunidades afectadas por los megaproyectos, compartir herramientas comunicativas con el fin de ampliar la red intercomunitaria en defensa del territorio con una mirada crítica de la realidad, fortalecer espacios de reflexión y toma de decisiones colectivas y diseñar en conjunto con las comunidades afectadas o en riesgo, diversas estrategias de resistencia, que les permita conservar sus territorios.**(**consejotiyattlali.blogspot.com)

Por último, quisiéramos mencionar que la disputa por el territorio en la Sierra de Puebla es un proceso vigente y resaltar la importancia de la existencia de procesos organizativos previos, acorde a la historia de la región y que ha permitido conformar la red de organizaciones que se plasma en el Consejo Tiyat Tlali para enfrentar la defensa de su territorio y por tanto sus formas de vida.

Bibliografía

BARTRA ARMANDO. **La utopía posible. México en vilo: de la crisis del autoritarismo a la crisis de la democracia (2000-2008).** Los Nuestros. La Jornada Ediciones. Editorial Itaca, 2011

BRYSON, R. **Golcorp Inc**. www.goldcorp.com. Disponible 10 de marzo 2013

CÁMARA DE DIPUTADOS, H. C. D. L. U. **Reglamento de la ley general de equilibrio ecológico y la protección al ambiente en materia de prevención y control de la contaminación de la atmósfera.** 2004**.** Disponible <http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/regley/Reg_LGEEPA_MPCCA.pdf>. Acceso diciembre2013

---------- **Informes Presidenciales**. 2012 . Disponible http://www.diputados.gob.mx/cedia/sia/re_info.htm . Acceso: marzo 2013.

[9]Algunas de las organizaciones que conforman el consejo participan a su vez en otras redes como: CIUDEMAC (Comunidades Indígenas Unidas en Defensa del Maíz), OIIA (Organización Indígena –independiente Ahuacateca), OIT (Organización Independiente Totonaca), Cooperativa nuevo Amanecer y Pankizaske, RITA (Red de Turismo Indígena de México), CADEM A.C., (Centro de Asesoría y Desarrollo Entre Mujeres), YOLTLI AC, Masehual Sihuamej Mosenyolchicauanij, PROTURZA (Promotora Turística de Zacapoaxtla), Red de Turismo Indígena de Puebla "Huitiki Tijit", CICU (Centro de Investigación y Documentación Cultural), COMALETZIN A.C. (Coordinación Interregional Feminista Rural).

---------- **Ley de desarrollo rural sustentable**, 2012. Disponible http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/235.pdf . Acceso: diciembre 2013.

CASTRO, G. **Biodiversidad en America Latina**, 2013. Disponible: http://www.biodiversidadla.org/Principal/Secciones/Documentos/Que_es_el_modelo_extractivo_minero Acceso: octubre 2013.

---------- **El modelo extractivo minero**. La Jornada del Campo, Abril 2013, p. 4.

COLL HURTADO, A., SÁNCHEZ, M. T. & MORALES, J**. La minería en México, geografía, historia, economía y medio ambiente.** México: Instituto de Geografía UNAM., 2002.

CONSEJO " TIYAT TLALI", portal de internet http://consejotiyattlali.blogspot.mx/

DELGADO, R. & Del Pozo, R. **Minería, Estado y gran Capital en México**. Economia e Sociedade, Campinas, 2001. pp. 105-127.

DIPUTADOS, C. D., **Ley Minera**. 2006 Disponible http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/151.pdf Acceso: marzo 2013.

GARIBAY, C**. Paisajes de acumulación minera por desposesión campesina en el México actual,** en Gian Carlos Delgado, Ecología Política de la minería en América Latina. México, D.F. CIICH-UNAM, 2010

DURÁN OLGUÍN LEONARDO . **El Ordenamiento Territorial Ecológico de Cuetzalan, una herramienta para la defensa del territorio ante megaproyectos**. En Los Condenados de la Sierra. Colaboración en La Jornada de Oriente, 2014.

MASTRETTA SERGIO. Disponible http://mundonuestro.e-consulta.com.mx/index.php/reportaje/category/tetela. 2012

MENDEZ, E. G. A.. **México, paraiso fiscal para compañias mineras canadienses**. La Jornada, 17 Octubre 2013.

ORTEGA K. **La maquinaria en la minería.** 2014 Disponible http://motorenminas.blogspot.mx/2014/08/maquinaria-en-la-mineria.html.

SERVICIO GEOLÓGICO MEXICANO**. Panoramas mineros del estado de Puebla.** 2013. Disponible: http://www.sgm.gob.mx/pdfs/PUEBLA.pdf . Acceso: enero 2013.

Secretaría de Economía. **Pro-México**. 2012 Disponible : http://www.promexico.gob.mx/es_us/promexico/Mining . Acceso: marzo 2013.

---------- **Proyectos Mineros por Localización**, 2013 . *Disponible* http://portalweb.sgm.gob.mx/economia/es/mineria-en-mexico/proyecto-por-localizacion/730-proyectosmineros.html. Acceso octubre 2013.

----------**Servicio Geológico Mexicano***, 2013* . Disponible http://portalweb.sgm.gob.mx/economia/es/mineria-en-mexico/empresas-mineras/337-empresas-con-proyectos-mineros-en-mexico.html. Acceso: octubre 2013

SRE, S. d. R. E. **Convenio de Renuncia con el Objeto de Obtener Concesiones para Exploración y Explotación de Minas y Aguas en el Territorio Nacional***,* 2013 . Disponible http://www.sre.gob.mx/index.php/convenio-de-renuncia-con-el-objeto-de-obtener-concesiones-para-exploracion-y-explotacion-de-minas-y-aguas-en-el-territorio-nacional-Acceso: Julio 2013.

RODRIGUEZ, CARLOS. **Ganancias extraordinrias de la mineria en México**.La Jornada del Campo, Abril, 2013.

Recebido para publicação em 23 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 29 de setembro de 2015

La potencialidad heurística del concepto de economía de enclave para repensar el territorio.

Alfredo Falero
Universidad de la República, Uruguay.
e-mail: alfredofalero@gmail.com

Resumen

El trabajo parte de analizar las transformaciones globales en curso, el desfase entre éstas y los conceptos que se utilizan habitualmente y la importancia de repensar el tema en relación al territorio a partir del concepto de economía de enclave. Este concepto puede permitir analizar y explicar la generación de perforaciones o excepciones en la lógica de los Estados-nación. En este sentido y entre otras características, se marca la idea de territorios especiales como zonas francas donde se “suspenden” las condiciones que rigen en el resto del territorio considerado “nacional” y que suponen ensamblajes específicos con intereses globales del capital. Para ilustrar esta dinámica se colocan varios ejemplos de enclave de distinto tipo en América Latina. Entre ellos, se incluye un nuevo tipo que se propone denominar “enclave informacional” en el que se desarrollan diferentes actividades de procesamiento de información que se deslocalizan a países periféricos.

Palabras claves: Estado nación y desfase de conceptos - economía de enclave – enclaves informacionales - excepciones territoriales.

A potencialidade heurística do conceito de economia de enclave para repensar o território

Resumo

O trabalho parte de analisar as transformações globais em curso, o deslocamento entre estas e os conceitos que se utilizam habitualmente, e a importância de repensar o tema em relação ao território a partir do conceito de economia de enclave. Este conceito pode permitir analisar e explicar a geração de perfurações ou exceções na lógica dos estados-nação. Neste sentido, entre outras características, é sublinhada a idéia de territórios especiais como zonas francas onde são "suspensos" as condições vigentes no resto do território considerado "nacional" e que envolve associações específicas com interesses globais do capital. Para ilustrar essa dinâmica, vários exemplos do enclave de natureza diferente na América Latina, são colocados. Entre eles, incluem-se um novo tipo que se propõe chamar "enclave informacionais" que realizam diversas atividades de processamento de informação que movem-se para os países periféricos.

Palavras-chave: Estado-nação e deslocamento de conceitos - economia de enclave – enclaves informacionais - exceções territoriais.

Heuristic potential of the concept of enclave economy to rethink the territory.

Abstract

This work is based in the analysis of the current global transformations, the gap between them and the concepts that are commonly used, and the importance of rethinking the topic in relation to the territory utilizing the concept “enclave economy”. This concept can allow to analyze and to explain the generation of perforations or exceptions in the logic of nation States. In this sense, and among other features, I highlight the idea of special territories such as free zones, where the conditions that govern the rest of the territory considered "national" are "suspended", and which represent specific assemblages with global interests of the capital. To illustrate this dynamic I place several examples of enclave of different kinds in Latin America. Among them, I include an enclave of a new type that I proposed calling “informational enclave” where they develop different activities of information processing that are outsourced to peripheral countries.

Keywords: Nation states and the gap of concepts – enclave economy – informational enclave – territorial exceptions.

A modo de rápida presentación: avances e insuficiencias analíticas actuales

Cuando se habla de territorio, como ocurre con los procesos sociohistóricos, los desajustes entre conceptos y realidad se hacen cada vez más evidentes. No debe extrañar demasiado considerando las rápidas mutaciones globales en curso y las consecuencias que ello tiene para analizar el territorio en América Latina. Consecuencias geopolíticas puesto que la transición sistémica global con probable cambio del centro hegemónico de acumulación global hacia la zona de Pacífico proyecta un conjunto de tensiones y reacomodos. Consecuencias geoeconómicas, en tanto la –aún emergente- revolución informacional que se despliega sobre lógicas financieras, también proyecta otros posibles arreglos territoriales.

En cuanto a la especificidades propias de la región, agréguese a lo anterior que una parte importante de la misma ha experimentado cambios sociopolíticos en un proceso que puede situarse en sus orígenes a mediados de la década del noventa con el surgimiento y resurgimiento de movimientos y luchas sociales importantes. En ese proceso sociohistórico (BRINGEL y FALERO, 2014), han emergido gobiernos que –con facilismo conceptual y con excesiva generalización de casos distintos- se han denominado “neodesarrolistas”, considerando su modelo de acumulación, populistas, por diversas razones incluso contradictorias, progresistas cuando se trata de una apuesta de izquierda muy contenida, entre otros muchos nombres y criterios de caracterización.

En ese tránsito, de esa mezcla de viejos y nuevos elementos, surgen desajustes con la herencia conceptual disponible. Un caso muy claro, por ejemplo, ha sido la idea –y la discusión- de plurinacionalidad y particularmente de Estado plurinacional (ACOSTA y MARTINEZ, 2009). Es decir, un nuevo concepto de Estado que al incorporar lo plurinacional, reabre nuevos desafíos de análisis sobre la idea de territorio “nacional” que funcionaba “naturalmente” pensado –herencia de una teoría política eurocéntrica- bajo lógicas de Estado-nación.

El artículo que sigue procura colocarse en esa discusión, enfatizando elementos sociales y económicos del territorio a partir de replantear la idea de economía de enclaves para América Latina. Retomando el problema expuesto en el título, se propone visualizar el potencial heurístico sobre la realidad territorial que tenemos por delante y que desafía contenidos de conocimiento “organizados” bajo lógicas supuestas de regulación “nacional”.

En el contexto de cambio aludido, los desajustes entre realidad y conceptualización llevaron a hacer aparecer tesis que se vienen reiterando ante la necesidad de generar enfoques más críticos de la realidad actual. En tal sentido, se emplean habitualmente conceptos como extractivismo, neoextactivismo, desposesión, despojo o "consenso de los commodities" que tienen su base inobjetable: la región sigue siendo básicamente –pese a gobiernos diversos, de acento más nacional-popular o "progresista" según los casos- proveedora de materias primas. De hecho se habla de tendencia a la reprimarización de las exportaciones: si en 1998-1999 las materias primas representaban alrededor del 27 % de las exportaciones de América Latina y el Caribe, en 2010 constituían algo más del 42 %[1].

No obstante, puede decirse que este enfoque no ha tenido el vuelo conceptual que caracterizó a la región cuando la introducción de tesis sobre la dependencia en la década del sesenta que significó una verdadera ruptura paradigmática como se fundamentó en otro lugar (FALERO, 2006). Porque más bien se tiende a enfatizar el significado transversal de un crecimiento basado en la exportación de materias primas, en buena medida producto del ascenso de China y parte de la región asiática, pero descuidando que esto podría adoptar direcciones diferentes.

Por ejemplo, el enfoque que se centra en el "consenso de los commodities" (SVAMPA, 2013) no solo puede tener dificultades para reconocer diversidades, sino que puede no proporcionar herramientas para conectarlo con un conjunto de planos de análisis asociados como es el de las políticas sociales, la transformación de la forma Estado, la mutación en el mapa de clases sociales, la estructura del poder entre otros, tendiendo a generar solo un marco persuasivo del problema pero descuidando la complejidad y como ella se expresa territorial o socialmente[2].

Es decir, que si bien el direccionamiento general de la apuesta resulta muy atendible, se aprecia una pérdida de capacidad de establecer mediaciones analíticas potenciales que permitan visualizar como se concreta el proceso actual y como podría ser de otra forma. Y naturalmente que el tema trasciende largamente el tema de megaminería por el que suele quedar asociado el planteo general. Y esto ocurre porque ello no es más que lo observable más evidente de un conjunto de expresiones territoriales en que se cristaliza la –cambiante, se debe ser claro en este aspecto- polarización centro – periferia.

Considerando este cuadro rápidamente trazado, en este trabajo se postula la recuperación del concepto de economía de enclaves para poder captar una diversidad de situaciones. Con esta idea se procura identificar problemáticas no observables habitualmente bajo el mismo esquema analítico que potencia la idea de enclave, pero que expresan las características del mismo.

Por ello, se enfatizará en el potencial heurístico del concepto de economía de enclave, tratando de establecer que si bien no toda dinámica de inversión extranjera directa (en adelante IED) supone una cristalización bajo ese formato, cuando esto ocurre toda suposición de relación con "desarrollo" en un sentido, fuerte, transformador de esa recurrente idea en América Latina, resulta una ficción absoluta.

Subyace el presupuesto que la reactualización del concepto de enclave bajo estos parámetros permite abrir un conjunto de mediaciones analíticas, articular un conjunto de dimensiones que parecen dispersas, rearmar un cuadro de análisis que permita generar elementos para preguntarse sobre los límites sociales y políticos subyacentes de pensar que todo debe girar en relación a la captación de IED y la necesidad de evitar el chantaje de la misma cuando se presenta como inequívocamente conectada a la idea de desarrollo.

---

[1] Siempre se pueden discutir los porcentajes de composición de las exportaciones en función del contexto en que se inscriben, pero permiten visualizar un cuadro general a grandes rasgos. Fuente: CEPAL sobre la base de información oficial de países, NACIONES UNIDAS – COMTRADE. Para un resumen comparativo véase la presentación de Sebastián Herreros y José Durán Lima de 2011: http://www.cepal.org/comercio/tpl/contenidos/Reprimarizacion_Desindustralizacion_Amercia_Latina_pres_JDuran_SHerreros_UY_nov_2011.pdf

[2] Dentro de la expresión "commodities", la autora aclara que incluye desde materias primas a granel hasta productos semielaborados e industriales. No obstante, está claro que en América Latina la base son productos alimentarios, hidrocarburos y minerales.

Por lo ya expuesto, sobra señalar que no se considerarán enclaves políticos, es decir, territorios de un Estado-nación dentro de otro, sino territorios con actividades económicas de diverso tipo, según se verá, con las empresas transnacionales como protagonistas en forma directa o indirecta y que terminan generando excepcionalidades territoriales.

El rescate de un concepto y su proyección al siglo XXI.

Una tendencia explicativa equivocada que se ha expandido a partir de trabajos como los de Manuel Castells con su conocida "era de la información" (1998) es que las transformaciones informacionales del capitalismo anulan la polarización entre regiones centrales y periféricas o –incluso en versiones absurdamente optimistas- generan homogeneidad y horizontalidad en las posibilidades de desarrollo más allá de la región de que se trate. Si esto fuera efectivamente así, el concepto de enclave se debilita en su propuesta de mostrar las formas de dominación económica, política y social que implica.

No es posible desarrollar aquí argumentos en ese sentido y se remite a un trabajo anterior (FALERO, 2011) donde se fundamenta que si bien existe una mutación por la cual lo informacional, lo cognitivo y lo comunicacional pesa mucho más que antes en el proceso de acumulación global, ello no tiene porqué eliminar del cuadro esa transferencia de excedentes entre regiones. Más aún, más bien se reactualiza bajo nuevos parámetros por los que se transfiere valor en forma de productividad del trabajo vivo. Esto supone pensar no solo en el producto del trabajo sino como interviene el procesamiento de información, la acumulación de conocimiento subordinado, los lenguajes que se crean las prácticas sociales que permitan la cooperación de la fuerza de trabajo, etc. en la periferia y que contribuyen a la mencionada transferencia de excedentes. Se volverá sobre el punto cuando se considere el caso de los enclaves informacionales.

Porque ahora lo prioritario es visualizar el concepto de enclave que -navegando entre la rigidez y la elasticidad extrema- sea capaz de potenciar la capacidad explicativa. Un punto de partida implica pensar en situaciones de excepcionalidad dentro del territorio de los Estados-nación. Situaciones de donde los propios Estados admiten que allí determinadas legislaciones, particularmente económicas, están "suspendidas", pues se trata de territorios "aislados" o separados en relación al resto de lo que ocurre –se supone" normalmente en el resto del Estado-nación. Cuando ello ocurre y la conexión económica que se genera es principalmente con intereses económicos externos y débilmente con la economía "nacional" puede ser rescatado el concepto de enclave.

La nueva importancia que adquiere ese concepto –en relación a sus esbozos en la década del sesenta- se debe a que no solo se revitalizan formas con actividades conocidas –actualmente megaminería o agronegocio- sino que aparecen formas nuevas vinculadas a la emergencia de una revolución informacional del capitalismo.

En términos teóricos, la actualización propuesta implica retomar las tesis sobre acumulación en escala mundial y sistema-mundo (recordando las inspiraciones de Fernand Braudel) y lo que significa en cuanto a posiciones globales de poder (posiciones que no son fijas) en función de regiones centrales de acumulación y regiones periféricas y la división global del trabajo establecida. No es preciso volver aquí sobre el aporte de autores vinculados a este paradigma de análisis –ya se hizo en otros trabajos, incluyendo uno sobre la contribución de Giovanni Arrighi en tal sentido (FALERO, 2012a), sino simplemente marcar que el enclave económico es una vieja lógica que profundiza como ninguna otra la reproducción asimétrica global.

Como se ha establecido en otros trabajos (por ejemplo, FALERO 2012b), históricamente, actividades vinculadas a minería y plantaciones en América Latina se realizaron bajo el formato de enclave. Es decir, casos del capitalismo mercantil por los que la producción obtenida en núcleos de actividades primarias eran controlados en forma directa desde fuera. Suponía, paralelamente, la incapacidad de sectores nacionales para reaccionar y competir en la producción de mercancías que exigían condiciones técnicas, sistemas de

comercialización y capitales de gran importancia y la dinámica de expansión de las economías centrales que permitía así el control de sectores del entonces mundo periférico (CARDOSO y FALETTO, 1990: 48 y ss.).

Después que esta idea se estableció en la década del sesenta, el concepto fue tendiendo a definir en general una unidad productiva de materia prima o industrial, caracterizada por ser o haber sido por largos períodos, propiedad de empresas extranjeras con escasa vinculación con la economía nacional y por poseer una organización social de centros urbanos identificados con las empresas instaladas[3].

Posteriormente, con la expansión de la industria, también se generaron enclaves. La forma "clásica" de enclave en cuanto a actividades industriales se conecta con las llamadas maquilas. En general implica la deslocalización del montaje de productos electrónicos o de talleres de vestimenta, por ejemplo, con insumos que vienen de otras partes y con un producto final que es reexportado, generándose para ello exoneraciones fiscales. El bajo costo de la fuerza de trabajo es un elemento clave en tal operación de deslocalización.

¿Cómo puede definirse una "maquila"? Una buena aproximación es la siguiente: "una planta generalmente extranjera que controla o subcontrata procesos de ensamble de componentes importados para el consumo extranjero, bajo los incentivos que otorga el tratamiento especial libre de impuestos y aranceles y de exención fiscal y se finca en las bases que brinda la importación temporal de insumos, maquinaria y equipo, en países en los que se realiza parte del proceso productivo, o su totalidad y cuya producción se re-exporta al país de origen de la empresa que lo realiza, o a terceros mercados" (PUYANA y ROMERO, 2006: 67 y ss.). Es decir, generalmente las maquilas sugieren una forma de enclave.

Considerando una perspectiva de análisis global, son esenciales para abordar la temática tres elementos: la idea de fragmentación del proceso productivo, de desplazamiento geográfico y desintegración espacial y la de reducción de costos. Pero es un proceso dinámico. En tal sentido, se ha hablado de maquiladoras de primera, segunda y tercera generación y se abre la pregunta sobre si ya existen en México las llamadas "de cuarta generación" (CARRILLO y LARA, 2004). Recuérdese que su frontera con Estados Unidos es un caso muy conocido de desarrollo de maquilas, más aún tras el NAFTA (en inglés, North American Free Trade Agreement) firmado con su vecino y Canadá.

La tipología alude a la idea de nuevas formas que se van agregando pero sin necesariamente sustituir a las anteriores y sin que ello implique negar –en primera instancia- que siguen constituyendo un enclave. Pero aquí nuevamente aparece el tema planteado: al ir apareciendo formas cada vez más sofisticadas, es preciso que la investigación en cada caso vaya dando cuenta si se mantienen, se transforman o se niegan las condiciones que hacen el carácter de enclave.

La tesis de este trabajo es que el salto tecnológico y organizacional no tiene por qué inviabilizar el concepto de enclave, más bien lo potencia, particularmente cuando se siguen visualizando tres ejes que aportaba Sotelo Valencia (2004): a) disociación con el comportamiento del sector productivo interno del país, b) intensificación de la relación con el ciclo productivo de Estados Unidos (en el caso de México) y c) superexplotación de la fuerza de trabajo local, mayoritariamente compuesta por mujeres.

Con la actividad turística y su expansión global, puede aplicarse la misma herramienta: no toda actividad turística implica lógicas de enclave, pero muchas formas en que se cristalizó en México, Centroamérica, el Caribe y América del Sur permiten identificar economía de enclaves. Esto significa pensar en operadores globales de la actividad –en ocasiones con socios locales y en ocasiones por métodos oscuros de acceso al territorio que se delimita, frecuentemente costero- se generan lógicas de enclave.

Los "all inclusive" que suponen la mercantilización turística de un territorio cerrado han sido estudiados justamente como enclaves por algunos trabajos (por ejemplo, BLÁZQUEZ, CAÑADA y MURRAY, 2011) Como ocurre con cualquier enclave, la relación entre sede de la transnacional y la escala subnacional es mucho más importante que con el

[3] Para una revisión del concepto de enclave en la década del setenta, véase Zapata, 1977.

Estado-nación en que se emplaza, más allá que formalmente sea parte del territorio del mismo.

Por lo expuesto, se está lejos de visualizar que son las dinámicas de minería a cielo abierto a partir de empresas transnacionales y las exportaciones directas de mineral los ejemplos actuales por excelencia de la economía de enclave. Lo que ocurre es que las graves consecuencias ambientales que muchas veces tienen estos emprendimientos son las que permitan visualizar lógicas de enclaves más rápidamente.

Desde Potosí, "el origen" que constituye la puesta en marcha de la primera y más grande explotación minera a escala industrial –como analiza Horacio Machado (2014)- y que irá determinando la configuración socioterritorial de la nueva sociedad colonial hasta los modernos enclaves mineros como el de la Barrick Gold, se han sucedido y configurado lógicas extractivas que poca o nula conexión tienen con cadenas de valores locales o nacionales. Se ha representado este caso como una especie de "tercer país entre Argentina y Chile al que nadie puede entrar" (BONASSO, 2011). Seguramente como herramienta analítica ayuda poco, pero puede convenirse que es una imagen que grafica un tipo de situaciones complejas que interpelan la idea de Estado-nación.

También se podría hablar hoy de economía de enclaves vinculada a la soja y la forestación. Nuevamente el tema tampoco es estrictamente nuevo. Se describe como "enclave forestal primitivo" lo ocurrido en la región del chaco argentino así como zonas adyacentes de Paraguay y Brasil, con incorporación directa a la economía mundial, sin mediación de la economía pampeana por los circuitos financieros del capital europeo. El aislamiento aseguraba fuerza de trabajo y aseguraba la posición de poder de las compañías (BITLLOCH y SORMANI, 1997).

Actualmente el sector forestal se viene desarrollando frecuentemente con lógicas de fondo similares. Por ejemplo, en Uruguay las dos plantas de celulosa para la exportación instaladas durante los gobiernos del Frente Amplio (UPM en la localidad de Fray Bentos sobre el río Uruguay y Montes de Plata –Arauco / Stora Enso en Punta Pereyra sobre el río de la Plata) funcionan en régimen de zona franca (en el caso uruguayo es una legislación muy permisiva que viene de 1987), con abastecimiento de sus propias plantaciones que en buena medida explican la concentración de la tierra del país desde los noventa.

Habría que analizar si la expansión de la soja en el cono sur no tiene esa misma lógica de enclave, pero aquí surgen algunas dudas y esto abre a una de las cuestiones que quiere plantear este trabajo. Es decir, tampoco se puede aplicar el concepto indiscriminadamente frente a toda lógica de IED pues perdería toda capacidad explicativa y en ese sentido en el apartado 4 se señalan algunas dimensiones centrales de análisis. Antes, sin embargo, es preciso visualizar que ocurre con las transformaciones informacionales del capitalismo en cuanto al tema central de este trabajo.

Enclaves informacionales: algunas aperturas analíticas a un tema vasto.

Es necesario aquí una brevísima introducción para definir lo informacional. La corriente del llamado "capitalismo cognitivo" aglutina una serie de autores de diversas disciplinas, con epicentro en Francia y que enfatizan la idea de mutación sustantiva en la acumulación global a partir de una nueva fase de capitalismo centrada en el conocimiento y la información que progresivamente irá desplazando la hegemonía de capitalismo industrial. Los productos más conocidos adscriptos a esta corriente son los de Hardt y Negri (2002, 2004 y 2011) pero debe enfatizarse el carácter diverso de posiciones existentes. Más que dar cuenta de tal diversidad, corresponde aquí más bien explicitar rápidamente la propia.

Tomando como base un trabajo de Jean Lojkine (1995) que ya tiene unos veinte años, en una investigación ya aludida (FALERO, 2011) se puede denominar genéricamente como emergente "revolución informacional" que enfatiza el rol más importante del conocimiento, la información y la comunicación en la valorización del capital.

Información se entiende en términos generales como conocimiento científico y tecnológico cristalizado en un algoritmo o en un programa de computador y que puede

adoptar la forma de código digital, símbolo, molécula, etc. Por tanto, ahora las capacidades cognitivas, sígnicas, creativas y comunicativas se vuelven más esenciales para la acumulación en un proceso de nuevas formas de interpenetración entre actividades productivas e improductivas[4], fabriles y de "servicios" (noción vuelta ya muy vaga), de trabajo y de concepción, de producción y de conocimiento científico.

La constatación de lo anterior abre un conjunto de discusiones y caminos analíticos, pero ello no implica adoptar etiquetas celebratorias al estilo "sociedad del conocimiento", sino constatar nuevos desafíos para la ideas de desarrollo y emancipación en América Latina. En el mismo sentido, puede sustentarse -como hace Carlo Vercellone- que una nueva división del trabajo en función del capitalismo cognitivo interpela el concepto de desarrollo y subdesarrollo pero no necesariamente el esquema de posiciones de poder global producto de la polarización (VERCELLONE, 2011).

Considerando este aspecto, es preciso examinar diferencias notorias entre actividades informacionales que se realizan en los centros de acumulación y actividades que se desplazan a la periferia. Los primeros siguen reteniendo la producción científica que hace al desarrollo de I + D en áreas como biotecnología y nanotecnología mientras a la periferia es desplazada el procesamiento de información que no se considera central pero que resulta necesario para la reproducción de un conjunto enorme de actividades. Así como no todo desplazamiento industrial a la periferia adoptó la forma de enclave, no siempre la deslocalización del procesamiento de información tiene ese carácter.

Es decir que la polaridad global se recrea bajo nuevas condiciones en el que la relación Estado-nación y grandes empresas transnacionales adquiere un nuevo sentido. Las dinámicas extractivas en minería por tales agentes globales son un ejemplo de la recurrencia y profundización del esquema histórico. La extracción de biodiversidad o de biopiratería de saberes tradicionales y las luchas por las patentes y los derechos de propiedad intelectual constituyen formas nuevas de esa lógica polar global. Las patentes sobre la vida tienen mucho de apropiación gratuita de recursos y saberes de las regiones periféricas como América Latina.

Actualmente con el soporte de las tecnologías de información y comunicación, aparece un proceso de deslocalización de nuevo tipo en el procesamiento de información que también busca generar excepcionalidades y prebendas para instalarse en el Estado-nación. No es casual entonces que todo se rodee de un discurso de "sociedad del conocimiento", "trabajar para el mundo", "parque tecnológico" tratando de asimilarse a otras situaciones que son estructuralmente diferentes (por ejemplo, un parque tecnológico puede implicar una conexión entre universidad y empresas sin suponer una lógica de enclave aunque ello no quite el carácter de mercantilización del conocimiento).

La deslocalización puede ocurrir en los niveles más estandarizados y que requieren a su vez desarrollos en logística o pueden implicar la aplicación de conocimiento más sofisticado. En general, son deslocalizadas tareas de oficina de grandes empresas, de consultoría, call centers (para servicio de atención de clientes, manejo de quejas y reclamos, toma de pedidos, información sobre productos y servicios, todo tipo de atención posventa, información sobre promociones de productos, entre otros), servicios de informática, de gestión de los llamados "recursos humanos", contabilidad, financieros y de administración en general.

La transferencia puede implicar a la propia empresa que se instala en otro lugar (como filial) o a la subcontratación de otra empresa específica para estas actividades. Es claro que nunca se trata de áreas que se consideren fundamentales para la empresa en cuestión.

Numerosas empresas consultoras ya suministran este servicio que supone menores costos para la empresa contratante pero que igualmente implica conocer una parte del "corazón" del negocio de esa empresa. Razón por la cual, puede ya advertirse que no se

[4] El capitulo VI inédito de EL CAPITAL muestra claramente que trabajo productivo no es solo aquel que produce bienes materiales, pudiendo comprender también la producción "no material". Marx critica la manía de definir el trabajo productivo y el improductivo por su contenido material (Marx, 1985).

trata solamente de suministro de tecnologías administrativas o de gestión sino directamente de tecnologías sociales como lo es la producción de confianza. A partir de esta realidad, no es un tema menor la definición de qué es exactamente lo que se busca con la subcontratación y cuáles son los riesgos a evitar y a quien se derivan responsabilidades de la nueva organización y, por supuesto, la ubicación. También se desprende de este aspecto que dentro de la fuerza de trabajo exigida, no solo se compran trayectorias educativas específicas sino disposiciones sociales específicas (habitus anteriores o configurados en ese espacio específico diría Bourdieu) que hagan posible determinados trabajos.

Finanzas, seguros, telecomunicaciones, comercio al por menor, viajes y transporte, entre otros entran decididamente en este proceso de deslocalización informacional de carácter global[5]. Naturalmente se ha observado la aparición de toda una literatura que presenta todas estas actividades como "nuevas oportunidades" de desarrollo para América Latina. Más allá de lo discutible de la reactualización de la narrativa del desarrollo basado en tales "oportunidades", es cierto que puede haber "servicios" con mayor o menor valor agregado. Entre otros posibles, si se sigue el trabajo de Gereffi, Castillo y Fernandez-Stark (2009), entre otros posibles, se identifican tres segmentos claves o niveles en esta "industria de servicios", que por sus siglas en inglés y en función de la complejidad creciente, serían ITO (Information Technology Outsourcing), BPO (Business Process Outsourcing) y KPO (Knowoledge Process Outsourcing).

La primera está formada por desarrollo y aplicación de software y administración de oficina en general y por infraestructura de gestión, la segunda por gestión de recursos de la empresa incluyendo "recursos humanos" y los mencionados call centers y la tercera por consultoría financiera, legal y de negocios e investigación y desarrollo para diseño e innovación.

Otras ventajas cuando la deslocalización informacional adopta la forma de enclave, además del menor costo de la fuerza de trabajo que es un factor sustantivo, es el bajo costo de los insumos principales como energía eléctrica y telecomunicaciones y ventajas impositivas. Cuando se trata de call centers, en general se trata siempre de jóvenes, muchas veces universitarios y bilingües, donde ese es el primer trabajo al que acceden y, en consecuencia, las condiciones de trabajo suelen ser masivamente aceptadas. En tal sentido, también existen otros elementos vinculados a la fuerza de trabajo y sus habilidades y al llamado "clima de negocios" ("business environment"), uso horario, afinidad cultural y proximidad geográfica. Si a esto se agrega el factor de proximidad con el cliente y de capacidad de estar 24 horas en servicio, América Latina se ve con alta capacidad de captación de inversiones de este tipo.

Sobre la fuerza de trabajo que compone los "infoproletarios" (ANTUNES y BRAGA, 2009) puede caber una discusión muy variada ya que abre un conjunto de dimensiones importantes que conectan directamente con los procesos globales en curso. También existen posiciones diversas en cuanto al carácter estandarizado o no que se genera (por ejemplo con el caso del software). Por ello esto debería analizarse ante situaciones concretas en enclaves informacionales.

El caso de la zona franca Zonamérica en Uruguay puede ser útil. Se trata de una de las 12 zonas francas existentes en el país y por fuerza de trabajo empleada es la más importante. Pues para las dimensiones poblacionales del país (de acuerdo al último censo del 2011 no se llega a los tres millones y medio de habitantes), que allí trabajen unas 9000 personas (según cifras de la empresa e incluyendo la que corresponde al mantenimiento de la propia zona franca) que se distribuyen en unas 300 empresas vinculadas a la logística y distribución, servicios financieros, consultoría y auditoría, call center y desarrollo de software, entre otras, no es menor. Algunas empresas concentran un conjunto importante de trabajadores. Por ejemplo y en cifras manejadas públicamente en los primeros meses del

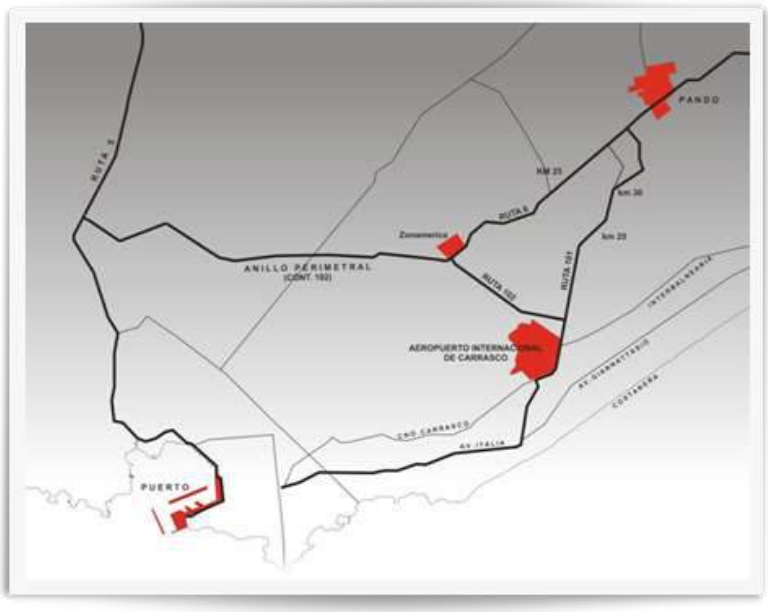
[5] Véase el sitio de la Union Network International: http://www.uniglobalunion.org/Apps/iportal.nsf/pages/homeEn

año 2012, RCI empleaba a unos 400 trabajadores y SABRE más de 900. Se trata de dos call centers vinculados a actividades turísticas globales[6].

Pero debe hacerse notar que las cifras son variables y muy sujetas a los vaivenes de la economía global. Además el cálculo de los datos sobre lo que representa en relación a la economía nacional también se ha venido ajustando. Con la metodología de los censos (autoadministrados) de 2007-2008 la contribución de Zonamérica al PIB total fue de 1.95 y 1.78 respectivamente[7].

Es decir es un caso de dimensiones importantes. Para quien ingresa a Montevideo por su acceso noreste de Montevideo (véase mapa) el cambio en el paisaje es notorio: entre edificaciones modestas bruscamente asoma un espacio cuidadosamente parquizado y cercado pero con absoluta visibilidad desde el exterior en el que emerge un conjunto de edificios de diseño moderno y con un importante movimiento de entrada y salida de vehículos y personas.

La imagen que se proyecta –y que se asocia a modernidad, tecnología, desarrollo, globalización entre otras posibles- es una dimensión cuidadosamente trabajada por este emprendimiento que integra una zona franca de unas 100 hectáreas, aunque en total ya suman más de 500 hectáreas, explotado por un empresario local, el Cr. Orlando Dovat asociado con la transnacional belga Katon Natie (que a su vez tiene otras inversiones como usuaria de logística en la propia Zonamérica y en el puerto de Montevideo).



Ubicación de Zonamérica en los acceso noreste de Montevideo donde se aprecia la rápida conexión con el aeropuerto y el Puerto de Montevideo mediante el anillo perimetral (inaugurado durante el primer gobierno del Frente Amplio) que permite evitar la entrada a la ciudad.
Fuente: http://www.mercosoft.com/mtp/images/imagen6.png

Menos visible, a un lado de la zona franca y pasando la misma rumbo a Montevideo, se encuentra un camino que conduce a “Jacksonville” o “barrios del parque”, una especie de gran apéndice territorial de la zona franca que la empresa buscó afanosamente convertir en

[6] RCI se dedica a tiempos compartidos y es una de las marcas de Wyndham Worldwide, SABRE HOLDINGS se dedica a viajes y turismo (Véanse los suplementos Café y Negocios de El Observador de fechas 11.04.2012 y 30.05.2012). Más allá de la especificidad de Zonamérica, se maneja en el 2012 una cifra global de unos 10.000 uruguayos vinculados a trabajos de outsourcing (Suplemento Café y Negocios de El Observador de fecha 14.03.2012).

[7] Fuente: INE, Tercer Censo de Zonas Francas años 2007 – 2008. Informe final: diciembre 2010.

barrio privado lo cual le llevó a conflictos –no necesariamente públicos- por el uso del territorio con la administración departamental de Montevideo.

Considerar el carácter de enclave sugiere desconexión con la economía nacional o con cadenas de valor nacionales y que rigen condiciones excepcionales en relación al resto del Estado-nación. Pero este enclave sugiere todo lo contrario a la idea de separación y cierre. Como se mencionó, la construcción física y simbólica como "el parque" procura proyectar justamente la de territorio sin discontinuidades con el exterior, la idea de lugar abierto, "natural" y donde el control solo se hace evidente cuando se pretende entrar.

Este enclave en tanto zona franca agrega a la venta de infraestructura específica (edificios, comunicación, seguridad, etc.) los beneficios del régimen vigente que admite no solo exenciones fiscales y aduaneras, libre movimiento de capitales y "repatriación de utilidades", sino también que allí no rigen los monopolios estatales. Además, no es menor la posibilidad de contratar hasta un 25 % de personal extranjero (sobre el cual, además, no es obligatorio realizar aportes a la seguridad social uruguaya). Naturalmente que además de personal extranjero más estable, existe una población internacional "flotante" vinculado a las empresas establecidas en el enclave.

El producto se lo ha "exportado". En el momento en que se escribe el presente trabajo, todo indica que Zonamérica se instalaría en Cali, Colombia en una alianza entre el empresario uruguayo y un empresario colombiano y con la idea de replicar el modelo. No es casual que se trata justamente de Colombia, donde el régimen se ha expandido. Además de la expansión de enclaves extractivos en ese país, se pasó de 11 zonas francas en el 2005 a 113 en el 2012[8].

La temática es amplia pero puede sintetizarse de esta forma: si en general las lógicas de zonas francas conducen a la constitución de enclaves no todo enclave implica que se otorgue un régimen de zona franca, que además varía en cuanto a las normativas de sustentación. Y esto conduce al siguiente apartado sobre los diversos formatos jurídico-políticos (pues nunca se trata meramente de normas abstractas) que puede adoptar un enclave.

La diversificación de mecanismos para la generación de enclaves y la necesidad de contar información en los casos que se analiza.

Saskia Sassen (2010) ha recurrido a la idea de "ensamblaje" para observar la articulación entre componentes globales y subnacionales o la inserción de proyectos globales en lo nacional que llevan a la desestabilización del territorio "nacional" precisamente. Al pensar la economía de enclaves con esta idea se puede decir que bajo diferentes mecanismos, se generan concentraciones localizadas en las que rigen condiciones excepcionales respecto al resto del Estado-nación para facilitar ensamblajes con intereses transnacionales.

Analizado la utilización del mecanismo de zona franca a nivel global para generar procesos de inversión extranjera directa (IED) relacionados con la industria, debe recordarse que a fines de la década del setenta, desde las ciencias sociales se procuró investigar su papel en la llamada entonces "nueva división internacional del trabajo" (FROBEL, HEINRICHS y KREYE, 1980). De hecho, se las definía como "emplazamientos para el aprovechamiento industrial de la fuerza de trabajo de los países subdesarrollados, en una producción orientada al mercado mundial" (1980: 415).

Las características generales exigidas eran recurrentes: equipamiento con una moderna infraestructura, garantía de una normativa legal especial en términos aduanero, fiscal y monetario y capacidad de aprovechamiento de fuerza de trabajo barata. Su aislamiento del resto del territorio, permitía calificarlas de enclaves industriales. Dentro de

[8] Véase la exposición de Sergio Diaz-Granados en la Conferencia Latinoamericana de Zonas Francas realizada en Cali en setiembre de 2012. También consúltese el cambio de rol de las zonas francas en el Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe 2011 – 2012 de CEPAL.

los “estímulos a la inversión”, otros elementos que se ofrecían agregaban en ese sentido: en muchos casos existía limitación de derechos políticos y sociales de la fuerza de trabajo empleada, incluyendo legislación laboral, salario mínimo y limitaciones sindicales.

Una de las conclusiones que se anotaba era que allí solo se realizaban algunas fases específicas de producción de algunos productos industriales (por ejemplo maquinaria, artículos electrotécnicos, artículos metálicos, equipos de transporte, pero no mucho más). No obstante, generalmente la fabricación de componentes específicos para la electrónica, se solía presentar como fabricación de productos de alta tecnología.

Dentro de las preguntas más importantes, estaba si se cumplían las promesas de eliminación del desempleo, formación profesional y acceso a moderna tecnología, es decir, si eran alcanzados mediante la introducción de este formato. Se concluía con toda claridad luego del extenso trayecto: “las experiencias disponibles, así como la tendencia actual del proceso, solamente permiten una respuesta negativa al conjunto de los tres objetivos” (1980: 490). Pero pasadas unas tres décadas de este estudio, el número y las características de las zonas francas se ha ampliado.

No es fácil cuantificar en un cuadro global y al mismo tiempo advertir la heterogeneidad de situaciones. Considerando un estudio del Comité de Zonas Francas de las Américas, en la región de América Latina y el Caribe en el 2002, se contabilizaban 248 casos[9]. Allí el caso que más llamaba la atención era República Dominicana que con 53 casos superaba ampliamente situaciones de países con mucho mayor territorio. El tema tiene una enorme actualidad. Algunas cifras manejadas en la XVI Conferencia Latinoamericana de Zonas Francas realizada en Colombia en octubre de 2012 con operadores de las mismas, establecía que en el hemisferio americano existían unas 1.150 zonas francas en operación.

En el caso de Brasil, se ha estudiado la zona franca de Manaos y se han mencionado discusiones características de estos casos. Por ejemplo, que la ciudad refleja intereses y formas de vida y productivas desvinculados de la cadena productiva regional, en cuanto mecanismo de reterritorialización a partir de un conjunto de incentivos creados por el Estado Nacional para llevar a ese lugar inversiones industriales, o, entre otros aspectos, sobre fragilización del empresariado local con insumos adquiridos fuera de la región (SERÁFICO, 2011). Debe señalarse sin embargo que, comparativamente con otros casos, no es de los más evidentes de desconexión con la economía nacional.

Un punto importante es que dadas las diferentes legislaciones existentes, no es posible señalar aquí mucho más que la constatación de una notable expansión de estos territorios especiales. El problema se complejiza si se considera que la forma enclave puede admitir una mayor cantidad de situaciones que exceden el régimen de zona franca. Las llamadas “zonas económicas especiales” pueden significar un conjunto diverso de regulación de la excepcionalidad.

Zona económica especial es un territorio donde las leyes que rigen en el resto del Estado-nación que se trate –igual que ocurre con las zonas francas- son sustituidas por otras afines a la inversión prevista pero que en general implican importación de equipamientos y materias primas libre de aranceles, fuerte reducción impositiva, libre circulación de capitales, libre salida del país de beneficios obtenidos, entre otros. También puede existir una legislación laboral más flexible y son los Estados-nación que se encargan de la infraestructura.

La apertura en el 2014 de una Zona Económica Especial (ZEE) en el puerto de Mariel, a 45 km al oeste de la Habana, en alianza con Brasil supone igualmente ventajas fiscales significativas para promover las inversiones extranjeras e incrementar el nivel de exportaciones de Cuba y se espera que pueda formar parte de un eje en el Caribe junto con el canal de Panamá ampliado en la conexión con Asia. ¿Esto convierte al emprendimiento en un enclave aún tratándose de un Estado con gobierno de corte nacional-popular?.

[9] Fuente: documento “Las zonas francas de exportación en América Latina y el Caribe: sus desafíos en un mundo globalizado” de Jaime Granados, prsentado a la Segunda Conferencia conjunta del BID y del Centre D’Etudes Prospectives et D’Informations Internationales, 6 y 7 de octubre de 2003 en Washington.

Es necesario analizar el caso en función de su relación con lo global y su conexión con el nivel nacional y visualizar especificidades y semejanzas con otros casos. Lo que es notorio es la expansión global que han tenido igual que lo ocurrido con las zonas francas. Según la OIT si en 1975 había 79 zonas económicas especiales en 2006 eran 3.500, lo que implicó pasar de unos 800 mil trabajadores implicados en 1975 a unos 66 millones en el 2006.

También, ya se habló aquí de las maquilas de exportación –por ejemplo de textiles para importantes marcas en Centroamérica- y en ese sentido también deberían analizarse los diversos casos para visualizar si configuran –como todo hace presumir- dinámicas de economía de enclave. Existen casos de instalación en zonas francas pero otros no, existen casos de operación de transnacionales pero en otros se trata de empresas locales que sin embargo se vuelven dependientes de la lógica de transnacionales, y así podría seguirse. En general, y como ha sido investigado, el perfil es de una fuerza de trabajo femenina, con condiciones de trabajo y salariales lamentables.

Cierre y mediación con el entorno: sobre instalación de enclaves y protocolos de actuación.

Existe una dimensión importante de los enclaves que nuevamente solo es posible introducir y que refiere a las técnicas de intervención y control de su territorio inmediato. Por ejemplo, ya se manejó para el caso analizado de enclave informacional que se transmite una idea de continuidad entre el interior y exterior. Es decir la lógica de cierre y separación puede ser ostensible o al contrario ocultada, invisibilizada bajo la imagen contraria de continuidad dependiendo de la sociedad y región donde se instale.

Pero no se trata solo de control de lo que ocurre al interior del enclave. Una cuestión central en el terreno de lo que podría denominarse uso de tecnologías sociales para el control territorial, implica advertir las dinámicas de cierre social en el territorio donde se instala. Puesto que el entorno cercano puede ser conflictivo y por tanto problemático para las actividades del enclave, no se trata de un aspecto menor.

Para desconflictivizar el entorno puede recurrirse a diferentes modalidades. En primer lugar, tratándose de un “territorio estratégico” en el sentido de Sassen (2007) de localización de procesos globales, el Estado-nación debe asegurar la “desnacionalización”. Es decir, es parte de las nuevas modalidades de participación del Estado en la creación de los nuevos “marcos” a través de los cuales se potencia la llamada “globalización” aunque signifique paradójicamente lo contrario a la función de garantizar lo “nacional”. Esto puede darse por consenso –discurso del desarrollo, por ejemplo- o por coerción a través de fuerzas policiales o militares.

Por ejemplo, la implantación de un enclave minero, agrario o turístico en un territorio ocupado por una población con campesinos o indígenas, puede requerir su desplazamiento y posterior control. América Latina está repleta de antecedentes de conflictos por apropiación de tierras y segregación de poblaciones. En América Latina existen casos muy notorios hasta ahora no resueltos como el de los mapuches y los enclaves forestales en el sur de Chile o en Brasil por diversas situaciones que van desde desplazamientos de indígenas y campesinos por la expansión del agronegocio o extracción de recursos mineras que muchas veces configuran lógicas de enclave. Movimientos como el de los afectados por la construcción de represas (Movimento dos Atingidos por Barragens) es una de las expresiones sociales de lucha por el territorio.

Naturalmente toda empresa atrás de la generación de un enclave apuesta a que un potencial conflicto con una localidad, con campesinos o con indígenas quede localizado y ello lo vuelva manejable con dosis diversas –según los casos- de consenso y coerción. Pero en ocasiones comienza a adquirir escala nacional y ello puede llevar al enclave a graves problemas no previstos. Por ejemplo, los efectos medioambientales de un enclave minero pueden adquirir el carácter de problema nacional y suponer graves perjuicios económicos, de imagen empresarial, de costo político, etc. Esto ha ocurrido con proyectos mineros en

Argentina, pero también podría ser el caso de la explotación aurífera de Conga (Cajamarca) en Perú y lo que significa en términos de afectación de recursos hídricos. La represión siempre puede tener complicidades varias para favorecer su minimización u ocultamiento, pero no deja de ser un problema.

Actualmente la generación de enclaves supone considerar que se recurre a un protocolo de actuación que implica una serie de acciones más o menos similares. En los casos de la estrategia "amable", como la generada en Uruguay con la potencial implantación de un enclave minero en la región este-noreste del país, un esquema visto por cierto en innumerables situaciones, pueden identificarse las siguientes acciones:

- Promoción y repetición de un discurso general sobre desarrollo a partir de la diversificación económica implicada, en línea con el discurso del gobierno (local, regional y / o nacional) que le interesa construir igualmente una narrativa de desarrollo.
- Establecimiento de conexiones políticas con los diferentes partidos del espectro incluso colocando figuras notorias de gestión estatal en cargos de dirección empresarial. También pueden darse pasajes en sentido inverso: figuras que ocuparon altos cargos de gobierno pasan a formar parte del estrato gerencial local
- Planteamiento permanente de minimización de la afectación sobre el medio ambiente, idea de "gestión ambiental" del proyecto. Incluso en el caso de minerías se alude a la mejora del territorio una vez que se extraiga el mineral y se ponga en práctica el "plan de cierre".
- Salidas públicas de la empresa en general medidas, acotadas, principalmente cuando existen negociaciones con el gobierno por ejemplo en relación al canon o a las características del proyecto. En este caso, en el marco de negociaciones y particularmente cuando se observan manifestaciones públicas de escala, se reitera la posibilidad de retirarse del país y no ejecutar el proyecto y la inversión prevista.
- Intervención en el tejido social del territorio implicado generando una división profunda entre apoyos y rechazos. Esta intervención se ha sofisticado notoriamente mediante fundaciones, ONGs que se prestan a la mediación y políticas de Responsabilidad Social Empresarial que supone realizar acciones a nivel comunitario-territorial en relación con la educación, la salud, el deporte, etc. procurando construir una subjetividad colectiva favorable o al menos fracturando posiciones anteriores.
- Presiones indirectas en relación a la fuerza de trabajo implicada y generación de expectativas sobre la que ocupará. El manejo de expectativas de empleos es harto conocido y se conecta con el punto anterior de políticas de absorción de conflictos. En estos casos siempre existe un sofisticado manejo de expectativas a partir de fuerza de trabajo que realiza actividades previas por ejemplo, enfatizando la diferencia con la situación anterior del lugar donde se instala el enclave.

Como se comprenderá, cada uno de estos puntos exigiría un desarrollo por sí mismo pero no se trata de eso aquí, sino de mostrar otra dimensión común que hace a la generación de enclaves y que no siempre se considera, es decir, separación y cierre en un sentido pero tendido de puentes con el tejido social en otro. Cuando ello no es posible, no debe olvidarse, la coerción directa – a través del Estado, de paramilitares contratados por las empresas, o a ambos- es el recurso para el control territorial.

Una última cuestión en relación a ese control se relaciona con la conexión entre producción y reproducción de la fuerza de trabajo. Históricamente en lógicas de enclave esto se asoció a las denominadas "company town", muchas veces en lugares apartados, que generaron territorios donde la producción estaba fuertemente vinculada a la reproducción de

la fuerza de trabajo ya que todo era propiedad de la empresa y se tenía un control prácticamente total de la vida de las personas.

Puede pensarse que esta es una cuestión acotada históricamente a la historia colonial de América Latina. La tesis de este trabajo, es que existen evidencias de que por otras vías se volvió y se vuelve a este formato. Por ejemplo, es un hecho que la construcción de vivienda junto a espacios productivos es una práctica empresarial históricamente observada en el capitalismo industrial. En Brasil se ha estudiado este fenómeno (PIQUET, 1998). Pueden existir varias escalas, pero lo clásico es considerar un conjunto de equipamientos incluyendo habitación, que pertenecen a una compañía que ejerce el control sobre la entrada y la salida y forman parte de las condiciones generales de producción industrial.

"Como la empresa es la propietaria de las viviendas y de los equipamientos colectivos, sus reglas permean todas las actividades ejercidas por los habitantes. La segregación funcional, la marginación de determinados segmentos sociales y el aislamiento van a determinar ciertos patrones de comportamiento de esas comunidades. El dominio ejercido por la empresa subordina a los habitantes a su influencia y a su control. Siendo no solamente empleadora, sino también propietaria de las viviendas y de los equipamientos colectivos, es ella quien determina las reglas a ser cumplidas tanto en el trabajo como fuera de él. Esa presencia se hace sentir en todos los momentos, como evidencias los estudios de caso realizados" (PIQUET, 1998: 37, original en portugués).

Cuando se trata de socialización de las elites de los enclaves, los barrios privados o condominios cerrados pueden suponer esa lógica de socialización endógena, de continuidad vida en la empresa – vida privada (que se refuerza con instituciones educativas específicas para élites). Sin embargo, uno de los casos límite actuales de enclave en donde se genera una continuidad en socialización lo representa la apuesta a la constitución de ciudades enteras "especiales".

Probablemente el caso más llevado al límite de "ciudad-empresa" vinculado a la actividad informacional, es lo propuesto en Honduras con las llamadas "ciudades modelo". Se ha mencionado que serán construidas por inversionistas privados, manejadas de manera autónoma y constituirán territorios con sus propias leyes, su sistema tributario, su política de inmigración y su policía.

En función de lo anterior, puede decirse que se abre una amplia gama de posibilidades que depende de la actividad para controlar socialmente tanto lo que ocurre dentro del enclave como fuera. En estos casos, el Estado puede ceder autoridad en múltiples planos frente a intereses económicos globales: desde las posibilidades de coerción (con empresas que tienen su propio personal de seguridad) hasta las de intervención en el tejido social mediante fundaciones, responsabilidad social empresarial y manejo de organizaciones no gubernamentales. Los movimientos sociales tienen todo un desafío en este sentido.

Repasando premisas para considerar un potencial heurístico

Ya en el final, se propone un repaso de ejes analíticos que permitan visualizar una herramienta de análisis en sus posibilidades de sumergirse para ver que existe debajo del iceberg. Una herramienta que permita procesar contenidos y no quedarse con aproximaciones críticas pero excesivamente generalizadoras ni con pretensiones de profundización pero que terminan amputando potenciales mediaciones analíticas. La apuesta es entonces utilizar la herramienta de economías de enclave con algunos criterios de demarcación.

Una primera dimensión refiere a la importancia de la conexión económica entre el territorio donde se establece el enclave y la región central de acumulación desde donde procede el emprendimiento y la relativa desconexión económica con el territorio o Estado-nación donde se inserta. En tal sentido, siempre se genera una "excepcionalidad", una suspensión de normativas generales para el territorio del Estado-nación en donde se inserta.

Cuando se analizan este tipo de situaciones, nociones como soberanía se revelan en toda su ficción.

En segundo lugar, debe considerarse que pueden existir diferentes modalidades de ensamblaje global – subnacional. El Estado-nación, genera para ello mecanismos de desnacionalización. Y en ese sentido puede caber toda una gama de posibilidades. Por ejemplo el mecanismo de zonas francas puede implicar legislaciones diferentes. O puede no caber ese mecanismo pero la lógica de enclave manifestarse en toda su plenitud. Un ejemplo: extracción de minerales – traslado a puerto por mecanismos propios de la empresa – exportación.

En tercer lugar, también hay diferentes tipos de enclave en función de la actividad desarrollada: minería, agronegocio (antes sería el enclave plantación), industrial (principalmente a través de maquilas), turístico y la nueva forma que es la informacional. Este último caso se ha examinado particularmente pues hacen a las transformaciones globales del capitalismo en el que lo informacional, lo cognitivo, lo comunicacional asumen una mayor importancia que antes en la acumulación y que supone territorios donde se procesa información.

En estos casos, puede decirse como en otros que lo importante es la fuerza de trabajo empleada y que incluso se trata de fuerza de trabajo con cierta calificación, pero la conexión con la economía "nacional" sigue siendo débil, la capacidad de retención de excedente es igualmente mínima y de hecho se da una transferencia del mismo hacia regiones centrales de acumulación menos visible y cuantificable, por más que todo ello se rodee en la periferia con discursos de sociedad del conocimiento. Es central visualizar las contradicciones entre realidad y narrativas que rodean los enclaves.

En cuarto lugar, la economía de enclave si bien implica separación con el entorno requiere trabajar sobre el mismo. El control del territorio que rodea al enclave es central para la reproducción del emprendimiento y la contención del conflicto constituye un aspecto que los protocolos de actuación de las transnacionales tienen muy en cuenta. Estos van desde el tipo de discurso, quien lo emite, su ponderación hasta agentes encargados de la actuación por parte de las empresas: fundaciones, ongs o formas mixtas, manejo recurrente de fuerza de trabajo empleada y empleable, entre otros aspectos.

En la variante "amable" de control generando consenso, la importancia de la responsabilidad social empresarial no puede minimizarse en su alcance. Su nuevo papel global, su significado ubicando a la empresa en un lugar mucho más importante en la competencia por el "mercado de la solidaridad" se ha examinado en otro lugar (FALERO, 2013). Aquí corresponde referirse a su papel con la proyección de enclaves.

Por ejemplo, en enclaves mineros distintos actores principalmente pertenecientes a las empresas directamente involucradas hablan de "minería responsable". Como explica la investigadora argentina Mirta Antonelli (en SVAMPA y ANTONELLI, 2009), la perspectiva implica conectar la idea de compromiso con el ambiente y con la filantropía a través de profusas prácticas a nivel local-comunitario en instituciones como escuelas, hospitales, dispensarios, talleres comunitarios. Esto se acompaña con todo un universo iconográfico en que se registran, por ejemplo, escenas de donaciones donde aparecen juntos integrantes de empresas y de la comunidad donde se instala.

En suma, control de la fuerza de trabajo, control del tejido social, control del conflicto significan la reproducción del enclave y por tanto no es una dimensión menor y que se cristaliza de diversas maneras. En el trabajo se han aludido a algunas de ellas desde la coerción al consenso incluyendo la generación de formas de socialización endógenas.

Como último punto, se puede postular la necesidad de visualizar la "desconexión nacional". Si en el primer punto se visualizaba la conexión global, ahora cabe subrayar la pérdida de capacidad del Estado-nación para generar cadenas de valor dentro de su territorio. Y al mismo tiempo, la pérdida de capacidad de intervenir en lo que sucede en los "enclaves".

En tal sentido, frente al discurso fácil que asocia cualquier forma de IED con desarrollo, o frente al discurso en que el enclave niega a si mismo su condición de tal y termina presentándose como lo único "posible" en un determinado territorio, los movimientos

sociales en América Latina tienen el desafío de mostrar una realidad distinta. Y quizás lo discutido anteriormente pueda pensarse como un paso más para generar parámetros de análisis que no solo analicen la realidad rigurosamente en cada caso que se vaya advirtiendo como posible economía de enclave, sino que abran al mismo tiempo la posibilidad de reconocer otros horizontes de posibilidades socioeconómicos.

Bibliografia

ACOSTA, A., MARTINEZ, E. (comps) **Plurinacionalidad. Democracia en la diversidad**, Quito, Ediciones Abya Yala, 2009.

ANTUNES, R., BRAGA, R. (organizadores) **Infoproletários. Degradaçao real do trabalho virtual:** Sào Paulo: Bointempo editorial, 2009.

BITLOCH, E., SORMANI, H**. Los enclaves forestales de la región chaqueño-misionera, trabajo contenido** en Revista Ciencia Hoy N° 37, Buenos Aires, 1997.

BLÁZQUEZ, M., CAÑADA, E., MURRAY, I**. Bunquer playa-sol. Conflictos derivados de la construcción de enclaves de capital transnacional turístico español en el Caribe y Centroamérica,** en Revista Scripta Nova N° 368, Universidad de Barcelona, 2011.

BONASSO, M. **El mal. El modelo K y la Barrick Gold**, Buenos Aires, Editorial Planeta, 2011.

BRINGEL, B,. FALERO, A. **Movimientos sociales y gobiernos en América Latina: nuevos escenarios, tipología de relaciones y formas "Estado/movimiento",** trabajo presentado en el 38º Encuentro Anual de ANPOCS, 27 a 31 de octubre de 2014, Caxambu, Brasil, 2014.

CARDOSO, F., FALETTO E. **Dependencia y desarrollo en América Latina**, México, Siglo XXI editores, [1969(1990)].

CARRILLO, J., LARA, A. **Nuevas capacidades de coordinación centralizada. ¿Maquiladoras de cuarta generación en México?** en Estudios Sociológicos Nº 66, México, El Colegio de México, 2004.

CASTELLS, M., **La era de la información**, 3 tomos, Madrid, Alianza Editorial, 1998.

FALERO, A. **El paradigma renaciente de América Latina. Una aproximación sociológica a legados y desafíos de la visión centro – periferia, en libro colectivo Crítica y teoría en el pensamiento social latinoamericano**, Buenos Aires, CLACSO, 2006.

_____. **Los enclaves informacionales de la periferia capitalista: el caso de Zonamérica en Uruguay. Un enfoque desde la Sociología**, Montevideo, CSIC – Universidad de la República, 2011.

_____. **Una creativa travesía por el sistema-mundo. Las aperturas cognitivas de Arrighi para el estudio de procesos globales en compilación "Teóricos das Relações Internacionais",** Marcos Costa Lima, Rafael Villa, Marcelo de Almeida Medeiros, Rosana Rocha Reis (organizadores), Hucitec / Universidad Federal de Pernambuco, 2012a.

_____. **Capitalismo y enclaves: nuevas dinámicas, viejos problemas, renovados desafíos para pensar alternativas",** en libro colectivo Pensar a Contracorriente IX (selección de trabajos del Concurso Internacional), La Habana, Cuba, Editorial de Ciencias Sociales, 2012b.

_____. **El papel de la responsabilidad social empresarial en la regulación del tejido social. Aperturas analíticas para el caso uruguayo",** en "El Uruguay desde la Sociología XI", Montevideo, Dpto. Sociología – FCS – UDELAR, 2013.

FROBEL, F., HEINRICHS, J., KREYE, O, **La nueva división internacional del trabajo. Paro estructural en los países industrializados e industrialización de los países en desarrollo**, Madrid, Siglo XXI editores, [1977 (1980)]. (1ª edición en alemán).
GEREFFI, G., CASTILLO, M., FERNANDEZ-STARK, K. **The Offshore Services Industry: A New Opportunity for Latin America**, Duke University – Center on Globalization, Governance & Competitiveness (noviembre, documento), 2009.

_____. **Imperio**, Buenos Aires, editorial Paidós, [2000 (2002)].

HARDT, M., NEGRI, A. **Multitud. Guerra y democracia en la era del Imperio**, Buenos Aires, editorial Debate, 2004.

HARDT, M., NEGRI, **A. Commonwealth. El proyecto de una revolución del común**, Madrid, Ediciones Akal, 2011.

LOJKINE, J., **A revoluçao informacional**: San Pablo: Cortez editora, 1995.

MACHADO A, H., **Potosí, el origen. Genealogía de la minería contemporánea**, Buenos Aires, editorial Mardulce, 2014.

MARX, K, **Capítulo VI inédito:** México: Siglo XXI editores, 1985.

PIQUET, R., **Cidade-empresa. Presença na paisagem urbana brasileira,** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

PUYANA, A., ROMERO, J. **Hacia una evaluación de los efectos multiplicadores de la actividad maquiladora** en Estudios Sociológicos Nº 70: México: El Colegio de México, 2006.

SASSEN, S., **Una sociología de la globalización:** Buenos Aires: Katz editores, 2007.

_____. **Territorio, autoridad y derechos. De los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales**, Buenos Aires, Katz editores, 2010.

SERÁFICO, M. **Globalizaçao e empresariado. Estudo sobre a Zona Franca de Manaus**, Sào Paulo, Annablume editora, 2011.

SOTELO V, A. **Desindustrialización y crisis del neoliberalismo. Maquiladoras y telecomunicaciones**: Barcelona: Universidad Obrera de México / Escuela Nacional para Trabajadores / Plaza y Valdés S.A, 2004.

SVAMPA, M. **"Consenso de los Commodities" y lenguajes de valoración en América Latina,** en revista Nueva Sociedad N° 244, Caracas, Editorial Nueva Sociedad, 2013.

SVAMPA, M., ANTONELLI, M, eds. **Minería transnacional, narrativas del desarrollo y resistencias sociales**: Buenos Aires: Editorial Biblos, 2009.

VERCELLONE, C. **Capitalismo cognitivo. Renta, saber y valor en la época posfordista**: Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

ZAPATA, F**. El enclave: una forma de organizar la producción en América Latina** en Revista Mexicana de Sociología 2/77: IIS / UNAM: México, abril – Junio, 1977.

Recebido para publicação em 17 de fevereiro de 2015

Devolvido para revisão em 12 de maio de 2015

Aceito para publicação em 28 de maio de 2015

Las Directrices Voluntarias sobre gobernanza responsable de la tenencia de los recursos naturales y su aplicación desde América Latina[1]

Sergio Gómez E.[2]
Consultor de la Oficina Regional de FAO en América Latina y el Caribe.
e-mail: sergiogomeze@gmail.com

Resumen

Este artículo se centra en el análisis y la discusión de las "Directrices Voluntarias sobre la gobernanza responsable de la tenencia de la tierra, la pesca y los bosques en el contexto de la seguridad alimentaria nacional" y evalúa en las posibilidades de su implementación. Comienza examinando el contexto que explica su contenido y la metodología que propone. Para ello, analiza el proceso de acaparamiento de tierras; el nuevo contexto social, político y cultural que prevalece en la actualidad; el nuevo significado que tiene la propiedad de la tierra y los cambios en la FAO. Luego, destaca y analiza el amplio proceso de participación que caracterizó la elaboración del documento de las Directrices Voluntarias. En seguida, se presentan algunos instrumentos que se pueden considerar como una forma para aplicar las Directrices. Finalmente, se ofrecen algunas reflexiones sobre la experiencia en América Latina.

Palabras claves: Tenencia de la tierra, conflictos rurales, América Latina

Voluntary Guidelines of the responsible governance of natural resources tenure and the application in Latin America

Abstract

This paper focuses on the analysis and discussion of the Voluntary Guidelines on the responsible governance of land tenure, fisheries and forests in the context of national food security, assessing possibilities of its implementation in Latin America. It begins by examining the context that explains its contents and the applied methodology, analyzing the process of land grab; the actual social, political and cultural context; the new meaning of land property and changes in FAO. It also highlights and analyzes the broad participatory process that characterized the elaboration of the Voluntary Guidelines document, followed by a presentation of examples that can be considered as a way of application of these Guidelines. Finally, some reflections about the experiences on the Voluntary Guidelines in Latin America are developed.

Key words: Land tenure, rural conflicts, Latin-America

Introducción

[1]Los antecedentes se basan en el libro **Las Directrices Voluntarias y su Aplicación desde América Latina.** Sergio Gómez (Editor). Oficina Regional de la FAO, Santiago, 2015.
[2] Sociólogo chileno de la Pontificia Universidad Católica de Chile; Maestría Universidad de Essex, Gran Bretaña; y Doctor en la Universidad de Sao Paulo, Brasil.

En este artículo sobre las "Directrices Voluntarias sobre la gobernanza responsable de la tenencia de la tierra, la pesca y los bosques en el contexto de la seguridad alimentaria nacional"[3], en adelante DVGT, se tratan cuatro temas.

En primer lugar, se presenta el contexto en que surgen, que en gran medida explican su necesidad, el carácter que ellas tienen y el contenido de las mismas. Luego, se destaca el carácter ampliamente participativo que tuvo el proceso de elaboración, hecho que le otorga una alta legitimidad a su contenido. Esta parte – el contexto – ocupa más de la mitad del artículo, pues se estima que siendo una materia importante, no ha sido suficientemente tratada ni difundida. En segundo lugar, se destacan los puntos esenciales que contienen las Directrices, como mecanismos de dialogo y de negociación, respetando algunos principios que deben condicionar su funcionamiento. En tercer lugar, se avanzan reflexiones sobre las actividades que habría que realizar para dar nuevos pasos en la implementación de las DVGT, destacando su urgencia. Finalmente, se plantean los principales desafíos en una tarea que se encuentra en pleno desarrollo y que debería combinar la imaginación frente a la ausencia de fórmulas pre existente, pero tomando en cuenta que hay muchas iniciativas a partir de las cuales se podría avanzar, sin la pretensión de partir de cero. Concluye el artículo, con algunas reflexiones finales.

Antecedentes

Para comenzar, resulta necesario entregar antecedentes básicos de las Directrices Voluntarias sobre la gobernanza responsable de la tenencia de la tierra, la pesca y los bosques en el contexto de la seguridad alimentaria nacional. Se trata de un documento que fue aprobado en el CSA en Mayo de 2012 luego de un largo y amplio proceso de participación.

Un primer aspecto que debe ser resaltado es el hecho de que las DVGT **no constituyen un texto normativo** que establece cómo se debe aplicar su contenido, sino que más bien entrega orientaciones sobre las formas y los medios para los fines que se deben lograr. Este reconocimiento ayuda a explicar sus fortalezas y debilidades. De cualquier manera, es necesario no perder de vista que el fin primordial de las DVGT es la de servir como instrumento en la resolución de conflictos sobre la tenencia de los recursos naturales, en general, pero particularmente aquellos referidos a la tenencia de la tierra. También hay que señalar que las Directrices, son de carácter “voluntario”, como lo indica su nombre. Ello significa que no tienen el carácter de vinculantes, como puede ser el convenio 169 de la OIT[4].

Las Directrices tienen por objeto contribuir a los esfuerzos mundiales y nacionales para la erradicación del hambre y la pobreza, sobre la base de los principios del desarrollo sostenible y con el reconocimiento de la centralidad de la tierra para el desarrollo, mediante la promoción de derechos seguros de tenencia y del acceso equitativo a la tierra, a la pesca y a los bosques (Prefacio, pág. iv)[5].

Mediante estas Directrices Voluntarias se persigue mejorar la gobernanza de la tenencia de la tierra la pesca y los bosques. Su objetivo es producir beneficios para todas las personas, en especial las vulnerables y marginadas, y alcanzar las metas de la seguridad alimentaria y la realización progresiva del derecho a una alimentación adecuada, la erradicación de la pobreza, la creación de medios de vida sostenibles, la estabilidad social, la seguridad de la vivienda, el desarrollo rural, la protección del medio ambiente y el desarrollo social y económico sostenible. Todos los programas y políticas y la asistencia técnica destinada a mejorar la gobernanza de la tenencia mediante la aplicación de estas Directrices deberían guardar coherencia con las obligaciones existentes de los Estados con arreglo al Derecho Internacional, en especial la Declaración Universal de Derechos Humanos y otros

[3] Documento aprobado por el Comité de Seguridad Alimentaria Mundial (CSA) en mayo de 2012.

[4] En estricto sentido, los convenios de la OIT tampoco son vinculantes para los países que los firman, en la medida que no hay sanciones por su incumplimiento. Se trata más bien una obligación moral.

[5] Esta referencia y las que siguen corresponden al texto oficial de las DVGT.

instrumentos internacionales sobre los derechos humanos (Postulados preliminares, Objetivos, pág. 1).

En lo que sigue se tratan los elementos fundamentales que intentan explicar las preguntas que figuran en el título. Sin abordar estos temas, es imposible avanzar en el tema central del documento, es decir la aplicación / implementación de las DVGT. En primer lugar se esclarece lo que se entiende por "difusión" para luego entregar antecedentes sobre el contexto en que se elabora el documento. Luego, se entregan los elementos fundamentales de las DV y lo que significa "aplicar" o "implementar" para terminar con consideraciones sobre la necesidad de tomar en cuenta la institucionalidad y las políticas públicas que existen en los casos donde se van a aplicar.

La extensión de esta parte, casi la mitad del documento, es un reflejo de la importancia que se atribuye a la necesidad de lograr claridad sobre los elementos que se encuentran en la base de este instrumento, como condición previa para avanzar en su implementación, que es realmente el objetivo central del documento.

I.- En qué consiste "difundir" las DVGT. El contexto

Se parte de la premisa que, si bien existe la información sobre la existencia de las DV, su contenido y alcance es ignorado por una amplia mayoría de quienes deberían conocerlas. El texto de las DV, como consecuencia de los avatares de su elaboración - amplia participación de actores y diversas negociaciones para lograr acuerdos –termina en un documento complejo y árido que no permite que luego de su lectura se logre una fácil comprensión sobre su real contenido[6]. Sin embargo, en general, se ha logrado un cierto consenso de que efectivamente es un documento importante, aunque se conoce poco sobre lo que efectivamente es su contenido, para que puede servir y cuáles son sus potencialidades.

En realidad, sólo una lectura del documento no termina por explicar lo que es su significado y alcance. Para entenderlo y visualizar sus potencialidades y su sentido práctico, necesariamente hay que hacer referencia al contexto en el que se formula y aprueba y por ello hay que considerar el conjunto de circunstancias que ocurren alrededor del proceso de elaboración de las Directrices Voluntarias. Para ello, se debe identificar los principales elementos que rodean este proceso y que inciden en el modo en que éstas se formulan.

Por ello, se estima que es necesario realizar un trabajo previo de "difusión" sobre lo que son las DV - su contenido, alcance y posible uso - para en una segunda etapa explorar la posible pertinencia que puedan tener para ser aplicadas en diferentes realidades y coyunturas, donde recién entonces podemos pasar a una fase de "capacitación", es decir cómo pueden ser utilizables.

Este ejercicio resulta necesario ya que permite explicar la opción por el tipo de enfoque de las DVGT y puede aportar antecedentes que faciliten el proceso de su implementación. Se hace referencia a los hechos y procesos "reales" y efectivos, para diferenciarlos de los "formales". Interesa rescatar cuáles son estos factores que explican la realización de una amplia movilización interinstitucional para que el tema de la tenencia de los recursos naturales vuelva a ser prioritario, como lo fue en el pasado, y que reciba el tratamiento en la forma en que se expresó. En otras palabras, se busca identificar dos ejes: por un lado, los problemas que efectivamente busca atender las Directrices, los temas de tenencia de los recursos naturales; por la otra, cuáles son las razones para que se planteen en una forma determinada, es decir, proponer una metodología específica para abordar estos temas.

Una vez que se logra claridad sobre estos temas, se pueden abordar los elementos fundamentales que tratan las DV y sus objetivos generales y específicos. Posteriormente, se deben identificar tanto la institucionalidad como las políticas públicas que dicen relación con la tenencia de los recursos naturales en cada situación concreta.

[6]"Las Directrices de Tenencia tienen un lenguaje algo técnico y no siempre fácil de entender para personas que no están habituadas a leer ese tipo de textos". Anexo: (CIP) Comité Internacional de Planificación para la Soberanía Alimentaria. Manual popular de las Directrices Voluntarias. Guía para la promoción, la aplicación, el monitoreo y la evaluación. Argentina, 2015

Tres son los elementos que se deben considerar para entender las razones por las cuales se llega a la elaboración de las DVGT: 1) acaparamiento de tierras; 2) nuevo contexto socio político cultural; y 3) otras condiciones; y a la forma en que estas se formulan.

1.- Acaparamiento de tierras

La importancia y prioridad que ha alcanzado el tema de la tenencia de los recursos naturales en la actualidad, no cabe duda, obedece a la magnitud e importancia de los procesos observados en el funcionamiento del mercado de estos, en los últimos años. De partida, hay que establecer que si no existiera el proceso de concentración y extranjerización de la tierra *(landgrabbing)* y de los recursos naturales que se observa en la actualidad, no se hubieran elaborado las DVGT. Más aún, en la medida que esta situación llegó a alcanzar estos niveles, donde incluso se estima que se llega a poner en riesgo la seguridad alimentaria de los países.

De partida, hay que señalar que se dispone de una extensa bibliografía sobre el tema "acaparamiento de tierras" por parte de grupos académicos altamente estructurados que se encuentran articulados en el Land Deals Politics Initiative (LDPI)[7], Sus miembros individuales son destacados académicos que realizan docencia e investigación en centros académicos entidades de reconocimiento universal.

El marco de referencia que propone LDPI, se nutre en la respuesta de su quehacer académico de las siguientes preguntas claves: (i)¿ quién es propietario de qué?; (ii), qué hace cada cual?; (iii); qué obtiene cada uno; (iv) qué es lo que hacen con el excedente? (v) cómo las clases sociales y grupos en la sociedad interactúan entre ellos?; y (vi) cómo los cambios en las políticas, afectan la dinámica ecologista y viceversa?.

Como quedó ampliamente demostrado en un estudio sobre el funcionamiento del mercado de la tierra realizado por FAO / RLC en 17 países de América Latina y el Caribe[8], se constata que los niveles de concentración y extranjerización de la tierra y de los recursos naturales que se presencia en la actualidad, ha aumentado en forma notable con respecto a la realidad observada en la década de los años 60 del siglo pasado[9], cuando con esos niveles de concentración, se justificaba la necesidad de realizar reformas agrarias en forma generalizada en la región.

Si bien los antecedentes presentados en este estudio corresponden a la realidad observada hace cinco años, no es menos cierto que las tendencias básicas que se consignan en él tienen plena vigencia en la actualidad, se hace necesaria una permanente actualización. Así, por ejemplo, el proceso de extranjerización de la tierra pasa a tener nuevas modalidades, en la medida que diferentes países adoptan legislaciones que tienden a limitar dicho proceso. El tema del papel que juegan los fondos de inversión en la compra de tierras asume un rol

---

[7] El LDPI es una entidad académica de coordinación, especializada en la investigación social del tema del acaparamiento de tierras, integrada por cuatro reconocidas instituciones académicas y por cerca de un centenar de miembros individuales. Las instituciones: Instituto de Estudios Sociales (ISS), La Haya, Holanda; Instituto para la Pobreza, la Tierra y los Estudios Agrarios (PLAAS) en la Universidad de Western Cape en África del Sur; Instituto de Estudios sobre el Desarrollo en la Universidad de Sussex (IDS), Reino Unido; y el Instituto Polson para el Desarrollo Global de la Universidad de Cornell, Nueva York, USA.
Esta entidad, en colaboración con la Revista Journal of Peasant Studies, bajo el liderazgo de Jun Saturnino Borras del ISS de La Haya. En 2011 se realiza la primera Conferencia Internacional donde se discutieron 120 trabajos sobre el tema en el Instituto de Estudios del Desarrollo (IDS) en la Universidad de Sussex, en Inglaterra. En 2012 la segunda conferencia en la Universidad de Cornell, Ithaca en el Estado de Nueva York. En 2013 se realiza el tercer evento en Yale University. Ver Bibliografía. También habría que agregar los trabajos realizados por ONG como GRAIN, FIAN, OXFAM, etc.

[8] Ver: FAO 2012. **Dinámicas del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe: concentración y extranjerización**, Oficina Regional de la FAO. F. Soto y S. Gómez (Editores). Los 17 países incluidos: Los países incluidos son: Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Ecuador, Guatemala, Guyana, México, Nicaragua, República Dominicana, Paraguay, Panamá, Perú, Uruguay y Trinidad y Tobago.

[9] En aquellos años se cuenta con los estudios realizados en el marco del Comité Interamericano de Desarrollo Agrícola (CIDA) que fueron completas investigaciones socio económicas que se desarrollaron en un amplio grupo de países de la Región. Ver: Solon Barraclaugh y Juan Carlos Collarte. **El hombre y la tierra en América Latina:** resumen de los informes CIDA sobre tenencia de la tierra en Argentina, Brasil, Colombia, Chile, Ecuador, Guatemala, Perú, Síntesis. Editorial Universitaria, Santiago, 1972.

bastante más importante que el que se observaba hace cinco años: el proceso de expansión de las empresas “translatinas” asume un dinamismo creciente; mientras que los "*pooles* de siembra" argentinos han experimentado fuertes cambios[10].

Para dar cuenta de la situación que enfrenta el proceso de acaparamiento de tierras que se expresa con fuerza desde hace una década, coincidente con el período en que se inicia la crisis de los precios de los alimentos, se entregan antecedentes sobre el tipo de inversionistas que participan en este proceso; y sobre los productos / servicios donde opera esta concentración y extranjerización de la tierra

Tipos de inversores

En la actualidad, diversos tipos de inversores participan activamente en la compra de grandes extensiones de tierras. Varios de ellos son nuevos y los casos de los inversores de tierras que han sido tradicionales en la región, presentan interesantes novedades.

a) Presencia de “Estados inversionistas”

El fenómeno de la presencia de los “Estados inversionistas” se encuentra en sus fases iniciales y restringidas sólo a los países grandes de la región. Conviene recordar que la definición más ortodoxa del acaparamiento de tierras, considera: transacciones de extensiones considerables de tierras; participación de un gobierno distinto al del país donde se efectúa la transacción; y destino de la transacción: producción de alimentos de consumo masivo. Se encontraron negociaciones en curso en cuatro casos donde intervenían: Arabia Saudita, Corea del Sur, China y Qatar, comprando tierras en Argentina y Brasil.

b) Fondos de inversión

La alta rentabilidad de algunos cultivos, especialmente los dominado "flexi cultivos"[11] ha llevado a que diversos fondos de inversión inviertan en la compra de tierras en la región. Dentro de los compradores de tierras a gran escala, se encuentran los Fondos de Inversión, con fondos de ahorristas privados, así como Fondos de Inversión Institucionales, como pueden ser Fondos de Pensiones de Profesores (de Estados Unidos y de Canadá) o Fondos de Pensiones más genéricos (Suecia).

c) Inversionistas de la región

Una característica interesante de resaltar en el proceso de concentración y de extranjerización, que son más bien propias de América Latina y el Caribe, son varias vías a través de las cuales se observa una «porosidad» en la expansión de la tenencia de la tierra y de otras inversiones **dentro de los países de la región**, al margen de las fronteras de los países.

Se ha identificado tres vías de expansión intrarregional, de acuerdo a los recursos que son movilizados.

i) Empresas "translatinas"[12]

En este caso, se encuentran las principales empresas forestales chilenas. Una, Forestal Arauco (CELCO), empresa formada por el Estado chileno a fines de los años 60, con más de 40 años de trayectoria y comprada por un grupo empresarial como filial de la Compañía de Petróleos de Chile (COPEC), uno de los 3 grupos económicos más grandes del país. Otra, empresa CMPC, creada en Chile por una familia tradicional hace más de 90 años, que aún la

[10]La realidad que se describe era la vigente al año 2010, que ha tenido modificaciones importantes. Sobre últimas modificaciones que han experimentado los "pooles", Ver: Carla Gras y Valeria Hernández (coordinadoras). **El agro como negocio. Producción, sociedad y territorios en la globalización**. Editorial Biblos, Buenos Aires, 2013, pp. 365, especialmente los trabajos de Hernández, Fossa Riglos y Muzzi.

[11] En inglés “flex crops”, se caracterizan por tener múltiples usos (como alimento para humanos o animales, como combustible, o material industrial) que pueden intercambiarse fácilmente: la soja puede utilizarse como alimento, pienso o biodiesel; la caña de azúcar, como alimento o etanol; la palma aceitera, como alimento, biodiesel o usos comerciales e industriales; el maíz, como alimento, pienso o etanol.

[12] Las translatinas, término empleado por la CEPAL - empresas transnacionales latinoamericanas que realizan inversiones directas fuera de sus países de origen- se han transformado en un fenómeno de creciente importancia.

mantiene bajo su control. Ambas tienen tierras e instalaciones industriales en Chile, Argentina, Uruguay y Brasil, entre otros.
ii) Vía combinación de propiedad y arrendamiento de tierras
Se denomina «pool de siembra» en Argentina, a un sistema de producción agropecuaria que se caracteriza por el rol fundamental que juega el capital financiero y la organización de un sistema empresarial transitorio que asume el control de la producción agropecuaria, mediante el arrendamiento de grandes extensiones de tierra en el país de origen y en países vecinos, y la contratación de equipos de siembra, fumigación, cosecha y transporte, con el fin de generar economías de escala y altos rendimientos. Al finalizar la cosecha y realizarse el producto, las ganancias son distribuidas entre el «pool» que realiza la siembra y el propietario de la tierra. Estas empresas, dedicadas a cereales, granos y, a veces, a la ganadería, se han expandido arrendando más que a través de la compra de tierra y a medida que crecieron, concentraron su capital, aumentaron las compras en el país y se ampliaron comprando o arrendando tierras en países vecinos.
iii) Vía expansión vecinal: Brasil en Paraguay y Bolivia
La tercera vía es la expansión de la actividad empresarial acompañada por la migración de empresarios a los países vecinos. Esta es la realidad que se observa en el caso de los empresarios agrícolas de Brasil que migran de manera significativa a Paraguay y Bolivia, donde compran extensiones significativas de tierras, manteniendo muchas veces sus conexiones con las instituciones de extensión y financieras, de su país de origen.

d) Tradicionales, pero con novedades

Finalmente, siempre existieron otros sectores que concentraron tierras en la región, los empresarios agrícolas nacionales y las empresas transnacionales. Ellos permanecen, pero bajo nuevas condiciones.
i) Inversionistas nacionales
Como se planteó, han existido desde siempre, pero antes tenían actividades exclusivamente en la agricultura y se les conocía con diferentes denominaciones tales como: latifundistas, hacendados, burguesía agraria o empresarios agrícolas. Lo novedoso es que los actuales inversionistas nacionales en el campo tienen intereses en una amplia cartera diversificada que incluye las finanzas, el comercio, la industria, los servicios y las inversiones en la agricultura.
ii) Empresas transnacionales
Estas siempre han tenido presencia en la región y han estado vinculadas a las frutas (DOLE, Chiquita Brand, etc.), a lácteos (NESTLÉ y otras), a actividades forestales (STORE-ENSO), etc. Lo nuevo, es que ahora no son los únicos inversores foráneos ni menos pueden ser considerados como los más importantes. En la actualidad, su presencia es una categoría más, dentro de los grandes inversionistas agrícolas en la región.

Productos / actividades

De acuerdo al uso de la tierra y a los bienes que se busca producir en las tierras que se concentran, estas pueden ser destinadas a:
a) Alimentos de consumo básico. Los principales productos alimentarios básicos aumentaron de manera drástica desde 2007 por distintas razones, incluyendo el crecimiento de los biocombustibles, los problemas climáticos en años anteriores, la reducción en los inventarios y un aumento en la demanda de algunos países emergentes
b) Biocombustible. Se trata de cultivos que son insumos sustitutivos de energía fósil. Su demanda y precio depende en gran medida de políticas públicas en que ciertos Estados han establecido como obligatoria, la inclusión de un porcentaje de estos productos en el combustible y del precio del petróleo.
c) Recursos forestales. Entre ellos se debe distinguir entre dos tipos de bienes de distinta naturaleza: (1) madera y productos forestales no maderables, cuya demanda ha aumentado con el crecimiento de los países emergentes; y (2) servicios ambientales, con el establecimiento de mercados de derechos de polución, créditos por carbono, que hacen posible la obtención de recursos a cambio de sembrar árboles o a través de mecanismos que

hasta el momento son voluntarios, basados en las promesas de no cortar los bosques (mecanismos REDD)[13].

d) Turismo. El desarrollo de esta actividad ha generado un creciente interés en las zonas costeras y otras áreas de interés particular debido a la belleza del paisaje, la riqueza de la flora y la fauna, y/o la posibilidad de participar en actividades de diversión que muestran una alta demanda. La propiedad de la tierra concentrada con fines turísticos, coincide con regiones con clima tropical, con turismo de playa y muchas veces se encuentra en manos de inversionistas extranjeros. Los principales casos se encuentran en Centro América y el Caribe.

e) Recursos mineros y energéticos. Este no es un fenómeno nuevo, pero el fuerte aumento en la demanda de los países emergentes ha aumentado la presión sobre las regiones y países que tienen riqueza en forma de minerales o de petróleo y que presionan sobre el mercado de tierras agropecuarias.

f) Frutas, verduras y vinos. A los productos tradicionales que exportaban países de la región, básicamente tropicales (banano, piña, azúcar), se han agregado rubros que se han denominado como “no tradicionales”, que consisten en la producción propios del clima templado y que tienen demanda de contra estación climática con respecto al hemisferio norte.

g) Conservación. Existen inversiones en tierras con un objetivo declarado de su “conservación” en la Patagonia de Argentina y de Chile. Cabe puntualizar que junto con registrar la declaración formal y específica que se hace sobre el particular: la conservación de los recursos, ello no se puede asimilar automáticamente a una actividad de filantropía. Habría que indagar en su posible conexión con negocios medioambientales presentes (por ejemplo, mercado de bonos de carbono) y futuros (por ejemplo, el tema de la escasez planetaria de agua dulce).

En resumen, los procesos de concentración y extranjerización de la tierra y la integración de las cadenas de valor, tienen un fuerte impacto en la seguridad alimentaria y éste es un importante factor que se encuentra en la base de la preocupación que explica la necesidad de elaborar las DVGT.

2.- Nuevo contexto socio político cultural

Para comprender las razones que explican el **modo** en que las Directrices fueron formuladas, necesariamente se debe hacer referencia al **nuevo contexto socio político cultural que prevalece entre fines del siglo XX y comienzos del XXI.** Dentro de él, hay dos elementos que deben ser destacados, y que no siempre son considerados, en la medida que una parte importante de estas ideas – fuerzas, tienen su origen fuera de la región, en los países del norte. El primero, dice relación con el impacto que tiene en el mundo progresista, el fin de la llamada “guerra fría”, que se expresa a través del ocaso de los “socialismos reales” y la crisis del socialismo, en su versión marxista, sobre el pensamiento socialdemócrata de Europa; el segundo, tiene que ver con la reciente toma de conciencia sobre la importancia de la variable medioambiental en la definición de los modelos de desarrollo, que va más allá de las variables tradicionales como la propiedad de los medios de producción o el papel del mercado. Ambos hechos son coincidentes en el tiempo y se potencian mutuamente, para generar este “nuevo contexto socio político cultural”. Este juega un papel importante en poner fin a los paradigmas excluyentes de “suma cero”.

La situación que genera la interacción entre ambos fenómenos – fin de la guerra fría y toma de conciencia de la crisis ambiental - lleva a una profunda reorientación en las prioridades que pasan a tener las empresas del sector privado en un mundo crecientemente globalizado y en la emergencia de una sociedad civil organizada y empoderada. Una preocupación central es cómo asegurar simultáneamente la posibilidad de legitimar al sector privado en un proceso de desarrollo sustentable desde los puntos de vista económico, social y ambiental, con una creciente participación ciudadana en el contexto de una nueva

[13] Corresponde al programa de Reducción de Emisiones de la Deforestación y Degradación, una iniciativa de las Naciones Unidas.

concepción de las políticas públicas. Las consecuencias se expresan en los ámbitos de la economía, la sociedad y el Estado.

i) Economía: cambios en las unidades productivas

Este ámbito considera los cambios que ocurren en el mundo de las empresas, básicamente a través de incorporar la dimensión de la sustentabilidad de las unidades productivas y de servicios abarcando tres dimensiones: la económica, la ambiental y la social[14].

Ello se expresa en la preocupación por formalizar la llamada responsabilidad social empresarial (RSE), que luego se extiende al conjunto de la sociedad, incluidas las instituciones propias del aparato del Estado, a través de la responsabilidad social corporativa (RSC).

Esta preocupación central, que provocó profundas discusiones conceptuales en los países del norte, llegaron ya digeridas posteriormente a América Latina y, muchas, mediante versiones relativamente vulgares, donde la RSE se planteó, en la práctica, como instrumento destinado a lograr un lavado de imagen de las empresas. Como se ha planteado, estas discusiones más conceptuales se desarrollaron, principalmente en Europa, y en ellas que participaron activamente círculos intelectuales y dirigentes sociales en la mayoría de estos países.

ii) Sociedad: emergencia de la sociedad civil

Hasta mediados del siglo pasado, la participación ciudadana era relativamente restringida y operaba básicamente a través de los partidos políticos y las organizaciones sindicales y corporativas. Todas ellas fueron perdiendo importancia, mientras se observa una emergencia – primero en los países del Norte, luego en todo el mundo - de nuevas formas de participación ciudadana, más allá de estas organizaciones tradicionales, a través de la sociedad civil que incluye a una diversidad de asociaciones:

- Vecinales, de consumidores, de ambientalistas, etc.
- Demográficas, a través de grupos específicos que se organizan de acuerdo a estructura etaria y de género

Todas ellas ponen especial énfasis en la inclusión universal y en apartarse de cualquier forma de segmentación que signifique exclusión.

En la actualidad, hay una animada discusión conceptual sobre las características que tienen estas Organizaciones de la Sociedad Civil (OSC), también denominadas Organizaciones No Gubernamentales (ONG). Sin entrar en la discusión, digamos que son organizaciones que no comparten las características del Estado ni la lógica del mercado. Además, han adquirido una fuerza tal, que han llegado a marcar una nueva situación, particularmente en los países del Norte, donde tienen una capacidad de presión que ejercen activamente sobre los Estados y sobre las empresas, a través de su intervención en la estructura de poder y en los mercados.

El número y la importancia de este tipo de organizaciones han tenido un crecimiento significativo, tanto desde el punto de vista cuantitativo, como por la capacidad de presión que logran expresar.

iii) Estado: modificaciones concepción Estado y las políticas públicas[15]

En este nuevo paradigma, se redefine el rol tradicional del Estado tal como se le conoció en el pasado. En efecto, para unos era considerado como un instrumento para imponer los intereses específicos de una clase; para otros, mediador de problemas surgidos en el mercado y proveedor de servicios sociales. Dentro del nuevo paradigma, el Estado juega

[14] El triple resultado o triple cuenta de resultados es un término relativo a los negocios sustentables, que hace referencia al desempeño de una empresa expresado en tres dimensiones: económica, ambiental, estado de resultados, las evidencias de desempeño en relación con el triple resultado se manifiestan en los informes de sustentabilidad o responsabilidad social corporativa. llamado en inglés “Triple Bottom Line.” En caso de la producción de alimentos, se agrega una cuarta dimensión: la inocuidad.

[15]Ver: Giddens, Anthony y Diamond, Patrick (2005). **The New Egalitarianism**. Polity Press. Cambridge, United Kingdom.

un rol de articulador entre los principales grupos de interés que se expresan en la sociedad, en una dimensión donde se valora la amplia inclusión.

Ello conduce a una nueva forma de elaborar y aplicar políticas públicas, entendidas estas, como la respuesta que formulan los Estados a las demandas de la sociedad a través de normas, instituciones y diversos tipos de prestaciones. Estas buscan incrementar la cohesión social, los niveles de consensos y profundizar el sentido de pertenencia en las poblaciones que son destinatarias de estas políticas. En este sentido, las políticas públicas son acuerdos entre los Estados y los ciudadanos organizados.

Una visión moderna para la formulación y aplicación de las políticas públicas deben cumplir, al menos, dos condiciones: (i) ser **pertinentes** a la realidad que pretender intervenir y (ii) contar con una **participación** amplia e inclusiva, donde participen los principales grupos de interés que serán afectados por estas políticas.

La pertinencia, supone en primer lugar que se debe contar con diagnósticos rigurosos sobre los procesos en los que interesa intervenir. Ello implica reconocer las diferencias socio - históricas - culturales que tienen los fenómenos y por lo tanto, la formulación de políticas públicas supone que se actúe sobre realidades homogéneas.

En la actualidad la situación que se observa en los países de la región sobre la realidad de la tenencia de la tierra, es extraordinariamente heterogénea. Para ejemplificar, en el caso de un sólo país, se puede recurrir al de Brasil que, por sus dimensiones e importancia, es ampliamente conocido. La situación y los problemas que tiene la tenencia de la tierra son muy diferentes en el nordeste, en la Amazonía y en el sur. Por lo tanto, pretender normas generales para todas estas realidades tan distintas, serían de un nivel de generalidad tal, que se volverían poco operativas.

En resumen, la eficacia que puedan tener estas políticas va a estar muy relacionada con la amplia participación que tengan en la elaboración de estas políticas, los sectores que serán directamente afectados por ellas buscando alcanzar crecientes grados de inclusión de amplios sectores de la sociedad. La concepción de los *stakeholders* o "grupos de interés", que se verá más adelante, debe estar muy presente en la definición e implementación de las políticas públicas.

3.- Otras condiciones

Hay otras dos condiciones que explican el surgimiento de las DVGT. En primer lugar, hay que destacar que el tema de la tenencia de la tierra volvió a cobrar centralidad dentro de los problemas que se deben abordar en la actualidad. Hasta la década de los años 70, la FAO privilegió este tema, pero luego fue abandonada. La tenencia de la tierra, aún con el nuevo significado que tiene en la actualidad, ha vuelto a ser un factor central a considerar, dada la situación que enfrenta el mercado de la tierra, que ya fue analizado.

En segundo lugar, los cambios que han ocurrido en la dirección superior de la FAO, han viabilizado la aprobación formal de las DVGT. De un lado, la importancia que le otorga el nuevo Director General al tema de la tenencia de la tierra; de otro lado, el establecimiento de una amplia política de alianzas más allá de los Gobiernos, como ocurría en el pasado, que incorpora a otros sectores: la sociedad civil, a la empresa privada y al mundo académico, que resultaron determinantes en la elaboración y aprobación de ese documento.

II- Contexto "formal”

Ahora se plantea el contexto "formal", vale decir los procedimientos que se siguieron en su elaboración. Para ello se destaca la legitimidad del documento y luego se presenta la secuencia del proceso de consultas, de negociaciones y la aprobación del documento.

Antecedentes: legitimidad del documento

Hay que resaltar que en este caso se trató de un proceso ampliamente participativo, tanto por tipo de sectores consultados como por el número expresivo de los miembros que fueron considerados. No se trata de un documento escrito por un equipo de consultores[16].

Esta amplia participación formal de los principales grupos de interés en la elaboración de las Directrices y que hayan sido sancionadas por los principales órganos de gobierno de la FAO, le entrega una legitimidad especial. A este documento no se le puede confundir con algún informe elaborado por prestigiosos consultores, pero que más allá de la calidad de su contenido, carece de la legitimidad que tienen las DVGT.

En efecto, este amplio proceso de participación le otorga una fuerte *legitimidad de origen* a las DVGT y, como se verá más adelante necesita con urgencia alcanzar una legitimidad de implementación, pues se estima que la primera tiene una vigencia limitada y que se puede desvanecer, en la medida que pasa el tiempo y que las Directrices no son aplicadas.

Se puede considerar que la elaboración y aprobación de las DVGT constituyen uno de los logros fundamentales de la actual administración de la FAO, ya que se hace cargo de un problema centralísimo como es el tema de la tenencia responsable de los recursos naturales con una perspectiva:

- Novedosa: ofrece una metodología y no recetas;
- Flexible: aborda un conjunto de temas y dimensiones;
- Inclusiva: considera la multiplicidad de actores involucrados; y
- Moderna: enfrenta los problemas reales de tenencia propios del siglo XXI.

Las Directrices Voluntarias forman parte de la tradición en el trabajo de la FAO. Ellas establecen principios y normas aceptadas internacionalmente concernientes a las prácticas responsables. Constituyen un marco que los Estados pueden emplear a la hora de crear sus propias estrategias, políticas, leyes, programas y actividades.

Permiten a las autoridades gubernamentales, a la sociedad civil, a el sector privado, y a los ciudadanos en general elegir si las acciones propuestas como son prácticas aceptables. La FAO ha elaborado directrices voluntarias en una gran variedad de ámbitos como la gestión de los incendios, los bosques plantados, el derecho a una alimentación adecuada, la pesca responsable, la distribución y la utilización de plaguicidas, etc.

La instancia donde se elaboraron las DVGT, es el Comité de Seguridad Alimentaria Mundial (CSA) y por lo tanto, parece necesario entregar antecedentes sobre su historia, estructura y participantes. También, se señalan elementos que permiten ponderar el amplio proceso participativo mediante el cual se incorporó el parecer de los sectores sociales y geográficos. En la actualidad, el CSA es un organismo de gobierno de la FAO, en las materias que son propias de la seguridad alimentaria. Para ejecutar sus labores, FAO lo dota de recursos y de personal para permitir su funcionamiento.

El Comité, se creó en 1974 como órgano intergubernamental destinado a servir de foro para revisar las políticas de seguridad alimentaria y realizar su seguimiento. Durante el año 2009, el Comité experimentó un proceso de reforma con vistas a lograr que las opiniones de otras partes interesadas se tuvieran en cuenta en el debate mundial sobre la seguridad alimentaria y la nutrición. El objetivo último del CSA reformado, es constituir la principal plataforma internacional e intergubernamental inclusiva para que todas las partes interesadas trabajen de forma coordinada con miras a garantizar la seguridad alimentaria y la nutrición para todos. El CSA fue reformado con el fin de hacer frente a las crisis a corto plazo y también para enfrentar cuestiones estructurales a largo plazo. El Comité, proporciona informes anuales al Consejo Económico y Social de las Naciones Unidas.

El CSA está formado por miembros, participantes y observadores. Pueden ser miembros del Comité todos los Estados Miembros de la Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO), el Fondo Internacional de Desarrollo Agrícola

[16] El Documento Directrices Voluntarias sobre la gobernanza responsable de la tenencia de la tierra, la pesca y los bosques en el contexto de la seguridad alimentaria nacional, comenzó a ser elaborado en 2009 y fue aprobado en mayo de 2012.

(FIDA) y el Programa Mundial de Alimentos (PMA), así como los Estados no miembros de la FAO que sean Estados miembros de las Naciones Unidas. Se alienta a los Estados miembros a participar en los períodos de sesiones del Comité al más alto nivel posible. Los participantes pueden ser representantes de organismos y órganos de las Naciones Unidas, de la sociedad civil, las organizaciones no gubernamentales y sus redes, de sistemas internacionales de investigación agrícola, de instituciones financieras internacionales y regionales, así como de asociaciones del sector privado y de fundaciones benéficas privadas. El CSA puede invitar a otras organizaciones interesadas relacionadas con su labor a asistir en calidad de observadoras a los períodos de sesiones completos o a las sesiones dedicadas a determinados temas del programa.

Lo que interesa destacar es que la FAO entregó a su órgano de Gobierno más importante y de mayor legitimidad, la responsabilidad de la elaboración, negociación y aprobación de las DV.

Proceso de consultas (2009-2010)

Se realizaron diez reuniones de consulta regionales, una reunión con el sector privado y cuatro reuniones con la sociedad civil, organizadas entre septiembre de 2009 y noviembre de 2010. En esas reuniones se congregaron casi 1 000 personas provenientes de más de 130 países. Los participantes representaban a instituciones de gobierno, a la sociedad civil, al sector privado, al mundo académico y a los organismos de las Naciones Unidas. Cada una de las reuniones dio lugar a una evaluación descriptiva de los asuntos y acciones que debían formar parte de las Directrices en el contexto de la gobernanza de la tenencia.

Se realizaron cuatro reuniones de consulta con organizaciones de la sociedad civil de Asia; de América Latina; de Europa y de Asia Central y Occidental; y de África. En estas reuniones participaron un total de casi 200 dirigentes sociales de más de 70 países.

Además se realizó una consulta con el sector privado al que asistieron más de 70 personas de 21 países. Se llevó a cabo en Londres, Reino Unido (25-26 de enero de 2010), y fue organizado y patrocinado por la FAO y el Royal Institution Chartered Surveyors (RICS).[17]

Proceso de negociaciones (2011-2012)

En el 36° período de sesiones, en octubre de 2010, el Comité de Seguridad Alimentaria Mundial impulsó la continuación del proceso de la elaboración de las Directrices Voluntarias con vistas a su presentación y examen en ocasión del 37° período de sesiones del Comité de Seguridad Alimentaria Mundial, y decidió crear, en el seno de dicho comité, un grupo de trabajo de composición abierta para la revisión del primer borrador de las Directrices Voluntarias.

El "borrador cero" de las Directrices Voluntarias se basó en consultas regionales de la sociedad civil y del sector privado que mostraron la existencia de un amplio y sólido consenso para la elaboración de un instrumento internacional que abordase la gobernanza de la tenencia de la tierra, la pesca y los bosques. El borrador cero es coherente con los instrumentos internacionales y regionales, incluidos los Objetivos de Desarrollo del Milenio, que tratan de los derechos humanos y de los derechos de tenencia. Las respuestas que se formularon a las materias estudiadas en este borrador sirvieron para articular el «borrador uno», que sería presentando para su revisión por el grupo de trabajo de composición abierta del Comité de Seguridad Alimentaria Mundial.

El "borrador cero" de las Directrices fue preparado tras la conclusión del proceso consultivo; y una consulta electrónica sobre las Directrices fue organizada en abril y mayo de 2011.

El primer borrador incorporó las propuestas que habían sido recibidas de los sectores público y privado, la sociedad civil y el mundo académico.

[17] RICS (Royal Institution of Chartered Surveyors), es un centro de alta reputación, que acredita 118.000 profesionales sujetos a altos estándares de control de calidad. RICS. Su origen se remonta a 1792 cuando 20 peritos se reunieron en el Westminster Palace Hotel, para elaborar resoluciones, estatutos y reglamentos para establecer una asociación profesional para representar a los expertos inmobiliarios.

Las negociaciones intergubernamentales fueron lideradas por el CSA a través de un Grupo de Trabajo de composición abierta, y se llevó a cabo durante tres rondas. Los 98 países miembros, así como a la Unión Europea como organización miembro, asistieron a las negociaciones, tanto de África (27 países), Asia (10 países), Europa (28 países), América Latina (17 países), el Cercano Oriente (12 países), América del Norte (2 países) y Sur del Pacífico Occidental (2 países). Como consecuencia de las recientes reformas del CSA, en las negociaciones también se incluyó la participación de los organismos internacionales, las organizaciones de la sociedad civil, asociaciones de agricultores, representantes del sector privado y de instituciones académicas.

La primera ronda comenzó en julio de 2011. El desarrollo de una comprensión común de la terminología también tomó tiempo. Cierta confusión y malentendidos surgieron al principio debido a diferencias de antecedentes y experiencias. Durante la primera ronda, el Pleno abordó la cuestión del alcance y el propósito de las Directrices, y concluyó añadiendo las palabras «en el contexto de la seguridad alimentaria nacional» al final del título del Anteproyecto. Además, se formaron dos grupos temáticos para revisar y hacer propuestas para las secciones que abordaron la reforma de la tenencia y los mercados e inversiones.

La segunda ronda tuvo lugar una semana antes de la 37ª reunión del CSA con la esperanza de que el trabajo estuviera terminado a tiempo para permitir su aprobación el año 2011. Aunque esto no fue posible, se avanzó considerablemente y alrededor del 75 % del documento había sido logrado para el final de la ronda.

Aprobación del documento (2012)

El 9 de marzo de 2012 se acordó la versión final, luego de consultas a 96 países miembros y organizaciones de la sociedad civil. La aprobación formal por el Comité de Seguridad Alimentaria Mundial se realizaría en Roma, el 11 de mayo de ese año.

Las Directrices fueron aprobadas el 11 de mayo de 2012, en el 38º período de sesiones (especial) del Comité de Seguridad Alimentaria Mundial.

III.- Elementos fundamentales de las DVGT

Como ya se planteó, el objetivo general de las DV “tienen por objeto contribuir a los esfuerzos mundiales y nacionales para la erradicación del hambre y la pobreza, sobre la base de los principios del desarrollo sostenible y con el reconocimiento de la centralidad de la tierra para el desarrollo, mediante la promoción de derechos seguros de tenencia y del acceso equitativo a la tierra, a la pesca y a los bosques”.

A su vez, tiene los siguientes objetivos específicos:

Objetivos y elementos centrales

1) Mejorar la gobernanza de la tenencia proporcionando orientación e información sobre las prácticas internacionalmente aceptadas para los sistemas por conducto de los cuales se regulan los derechos de uso, gestión y control de la tierra, la pesca y los bosques.

2) Contribuir a la mejora y a la elaboración de los marcos de políticas, así como los marcos jurídicos y organizativos a través de los cuales se regulan los derechos de tenencia sobre dichos recursos.

3) Aumentar la transparencia y mejorar el funcionamiento de los sistemas de tenencia.

4) Fortalecer las capacidades y el funcionamiento de los organismos de ejecución, las autoridades judiciales, los gobiernos locales, las organizaciones de agricultores y productores en pequeña escala, de los pescadores, y de los usuarios de los bosques, los pastores, los pueblos indígenas y otras comunidades, la sociedad civil, el sector privado, las instituciones académicas y todos aquellos que tienen interés en la gobernanza de la tenencia, así como promover la cooperación entre los actores mencionados. (Postulados preliminares Objetivos pág. 1 y 2).

La mayor novedad de las Directrices es que ellas no ofrecen fórmulas para tratar los temas, sino que más bien proponen el mecanismo de diálogo y negociación, donde en diferentes ámbitos de intervención, cada país y los principales actores involucrados, deben

llegar a acuerdos en aquellas determinadas situaciones que traten, sobre la base a la correlación de fuerzas que se expresen en cada caso.

Por ello, se destacan dos de las principales características o elementos centrales de las DVGT:

Elemento central 1. El diálogo y la negociación implican la participación de **todos** los involucrados en temas de tenencia con el objeto de buscar soluciones a problemas pendientes y que, en lo posible, se traduzcan en la formulación de políticas públicas.

Elemento central 2. El diálogo y la negociación deben ser llevados a cabo, **respetando un conjunto de principios** aceptados universalmente, que serán tratados a continuación.

El diálogo y las negociaciones entre los diversos actores deben orientarse bajo criterios universalmente reconocidos y aceptados, entre otros, bajo el supuesto del reconocimiento y respeto a todos los titulares legítimos y sus derechos de tenencia; salvaguardar los derechos legítimos de tenencia frente a las acciones que puedan amenazarlos; promover y facilitar el goce de los derechos legítimos de tenencia; proporcionar acceso a la justicia para hacer frente a las violaciones de los derechos de tenencia; prevenir las disputas relacionadas con la tenencia, los conflictos violentos y la corrupción. Por su parte, los actores no estatales, entre ellos, las empresas privadas, tienen la responsabilidad de respetar los derechos humanos y los derechos legítimos de tenencia.

Los principios de aplicación de las Directrices incluyen conceptos y criterios universalmente aceptados y que han sido aceptados por diversas agencias del sistema de las Naciones Unidas y que son reconocidos por todos los países del mundo:

Cuando se plantean las orientaciones sobre cómo aplicarlos, en las condiciones que deben orientar los diálogos y las negociaciones, el texto es extremadamente claro, en la medida que enumera los siguientes principios de aplicación: 1. Dignidad humana; 2. No discriminación; 3. Equidad y justicia; 4. Igualdad de género; 5. Enfoque holístico y sostenible; 6. Consulta y participación; 7. Estado de derecho; 8. Transparencia; 9. Rendición de cuentas; 10. Mejora continua (Asuntos generales, principios de aplicación págs. 4 y 5). Todos ellos, deben estar presentes en los mecanismos que se utilicen para la implementación de las Directrices.

Estos 10 principios de aplicación se concretan en los procesos de diálogo y de negociación donde se expresan las diferentes correlaciones de fuerzas que tienen los principales grupos de interés en territorios y en temas de tenencia específicos, todos ellos determinados en situaciones históricas concretas. Lo que interesa resaltar es que la correlación de fuerzas no es un antecedente final y definitivo. Por el contrario, se trata de una permanente construcción social donde la presentación de nuevos antecedentes y la conquista de aliados para mejorar la balanza en la correlación de fuerzas, es siempre una posibilidad que se encuentra abierta a modificaciones.

Se puede sostener que si bien las DVGT tienen el carácter de voluntarias, estos principios que deben ser las pautas que orientan y marquen el ambiente de las mesas de diálogo y negociación, tienen el carácter de códigos de conductas obligatorios para todas las partes.

Que significa aplicar las DV

Aplicar las Directrices significa emprender un **proceso continuo**, que contempla:

- variados instrumentos;
- múltiples unidades de aplicación; y
- diferentes niveles de implementación.

En primer lugar, se trata de un proceso continuo. Ello no significa que las Directrices Voluntarias (DV) se aplican una vez y con ello el proceso se supone terminado. Por el contrario, cada avance en su aplicación abre nuevas perspectivas y desafíos para identificar nuevas “aplicaciones” y el establecimiento de mecanismos que permitan su eficaz fiscalización. Se puede estimar que el proceso de implementación de las DV tendrá una duración variable, dentro de un mediano plazo, en los diversos países y regiones de acuerdo a sus particulares condiciones.

De cualquier manera, dada la situación que prevalece en la tenencia de los recursos naturales en la Región, que ya hemos reseñado, se puede suponer que el proceso de normalización de la tenencia de estos recursos, utilizando las DV va a tomar un tiempo que se puede considerar, en muchos casos, como considerable.

A continuación se presentan, algunos ejemplos sobre posibles instrumentos y unidades sobre las cuales se pueden aplicar las DV. Estos, son solo posibles ejemplos, y de ninguna manera pretenden establecer una lista exhaustiva de posibles vías de intervención.

• **Variados instrumentos**.

Las distintas formas e instrumentos que se pueden utilizar corresponden a la diversidad de situaciones que deben enfrentar. Entre los instrumentos cabe señalar:

(a) los observatorios, como metodología de diagnóstico para investigar la situación de gobernanza responsable de la tenencia de los recursos naturales en un territorio determinado;

(b) los protocolos de certificación de procesos o productos. Las certificaciones son un instrumento que permiten reconocer ciertas características de responsabilidad social y/o medio ambiental en un determinado producto o servicio. Permiten asegurar que ciertos parámetros se cumplen y que, pese a no poder abarcarlo todo, garantizan y responden por su compromiso.

(c) los mecanismos de dialogo como pueden ser las instancias de mesas de negociación. En ese sentido, una mesa de negociación es un dialogo entre las partes interesadas en un asunto o problema **con el propósito declarado de alcanzar un acuerdo.**

• **Múltiples unidades de aplicación**.

Las unidades donde se pueden aplicar los tipos de instrumentos que se han señalado a vía de ejemplo en el punto anterior pueden corresponder a:

(a) temas: se pueden referir a situaciones de arrendamiento de tierras, a disputas por títulos de dominio legales, etc.

(b) sectoriales: Como ejemplos se pueden señalar temas referidos a problemas de tenencia que se encuentran vinculados específicamente a cultivos tales como el forestal, la caña de azúcar, etc.

• **Diversos niveles de aplicación**.

Finalmente, la implementación de las DV, utilizando los instrumentos ya reseñados y las diferentes unidades temáticas o sectoriales, puede ser aplicada en diferentes niveles, sean a nivel local, regional o nacional.

IV.- Aplicación de las DVGT

En esta segunda parte, se discute el concepto de los “grupos de interés”, dentro del marco conceptual de los *stakeholders,* propuesto por Freeman[18]. En seguida adoptando esta perspectiva conceptual, se identifican y caracterizan los principales grupos de interés que se debe considerar como participantes en las instancias de dialogo y de negociación para la aplicación de las DV. Posteriormente, se describen los roles e intereses específicos que cada uno de ellos tiene. Termina esta parte, planteando algunas ideas para lograr un fortalecimiento de las capacidades de algunos de estos grupos de modo que puedan participar activamente en la aplicación de las DV.

Sin la pretensión de constituir un “manual” que contiene una receta (un conjunto estandarizado de procedimientos para conseguir un logro), se presentan algunas reflexiones que pueden ser útiles para orientar la búsqueda de ideas para encontrar metodologías, instrumentos, mecanismos, etc., que puedan colaborar en el proceso de implementar las DV.

[18]El creador de la teoría del *Stakeholder*de la empresa moderna es el profesor Edward Freeman. Aunque inventó el término *stakeholder*, no cabe duda que lo introdujo definitivamente en el lenguaje de la estrategia, de la ética empresarial y de la responsabilidad social corporativa. Ver Bibliografía.

En definitiva, esta sección pretende ser un aporte para la idea varias veces expresada de contribuir a una "Caja de Herramientas"[19] donde se puedan depositar elementos que puedan ser utilizados por aquellos que participan en este tipo de actividades de acuerdo a la pertinencia que puedan tener, en función de las particulares circunstancias que se enfrenten en cada caso particular.

Significado de "aplicar"

Vale la pena insistir que lo substancial en el proceso de implementación de las DVGT consiste en fomentar las instancias de diálogo y de negociación en aquellos casos donde existan problemas y / o conflictos sobre temas de tenencia de los recursos naturales con todos los grupos de interés (*stakeholders*) directamente involucrados.

Cuando se plantea que deben ser **todos**, significa se debe involucrar, por lo menos, a los representantes de las comunidades, a los empresarios que son parte de los problemas y/o conflictos y a los Gobiernos, en el nivel que corresponda.

En esta perspectiva, nos parece útil considerar el concepto de *stakeholders,* elaborado por primera vez por Freeman. Este se refiere a quienes pueden afectar o son afectados por las actividades de una entidad. Este autor señala la necesidad de establecer la distinción, considerando los diferentes actores que participan efectivamente en las decisiones en una variedad de instituciones y organizaciones, entre ellas las empresas modernas. Por un lado, se encuentra el *shareholder*, que equivale a un propietario de títulos de acciones en el caso que se trate de una; por el otro, él acuña el concepto de *stakeholder*, que corresponde a las partes o grupos interesados, que son aquellos que se ven directamente afectados por las actividades que desarrollan las empresas y que, por lo tanto, sus puntos de vista deben ser atendidos en la toma de decisiones de las mismas empresas. En segundo lugar, la práctica de las empresas que adoptan este enfoque es la incorporación de la ética al mundo de los negocios, lo que quiere decir que hay que desarrollar gobiernos corporativos que funcionan sobre la base de conductas éticas, y que sus prácticas de gobierno deben ser transparentes. En tercer lugar, el funcionamiento de las empresas bajo estas bases, debe ser verificable a través de instrumentos y mecanismos que sean socialmente aceptados.

Finalmente, este conjunto de condiciones son las que permiten dar sustentabilidad a las empresas. Lo que se ha planteado, se restringe al ámbito de la empresa y se formaliza en normas estandarizadas en textos que tratan sobre la RSE. Pero, estos planteamientos son extensivos a cualquier tipo de institución, incluidas las públicas y su formalización se expresa como Responsabilidad Social Corporativa, RSC.

Los principales grupos de interés son aquellos que se encuentran directamente afectados por los problemas de tenencia de los recursos naturales, entre ellos la tierra, la pesca y los bosques.

Los conflictos individuales, que son muy comunes, normalmente se resuelven mediante los mecanismos procesales establecidos en la legislación que establecen procedimientos que funcionan en la mayoría de los casos, como son los tribunales de justicia de diferentes tipos.

Sin embargo, las DVGT pueden ser un instrumento para abordar y buscar vías de solución, cuando se trata de **conflictos sociales**, vale decir cuando grupos sociales - generalmente organizados - reclaman derechos sobre la tenencia sobre otros grupos o empresas que también los reclaman. Más aún, cuando estas situaciones se mantienen por largos períodos en el tiempo, los mecanismos que ofrecen las DV pueden resultar eficientes, ya que los conflictos que se eternizan en el tiempo, terminan por perjudicar a todos los grupos que se enfrentan.

Sin embargo, hay otros sectores que también se encuentran interesados en aportar en la resolución de estos conflictos.

[19] El kit de herramientas se refiere a un conjunto de alternativas con métodos, procedimientos y, en general ejemplos, para la implementación de las DV, que pueden ser útiles de acuerdo a las circunstancias que se presenten para dar respuesta a soluciones particulares.

Uno de ellos son los **Gobiernos** de los países que terminan asumiendo las consecuencias sociales y políticas que se derivan de la mantención de este tipo de conflictos. Temas que tienen que ver con la presión de grupos organizados que los instan a intervenir en la búsqueda de soluciones, problemas de mantención del orden público, etc. son los motivos más visibles que los lleva a intervenir en la solución de estos conflictos.

También, la **academia** puede jugar un rol en este proceso. Además de los centros académicos tradicionales, que pueden colaborar a establecer las dimensiones de los problemas que están en la base de los conflictos, sino también se debe buscar la participación de Centros Académicos, que tienen como base institucional de ONG y que muchas veces tienen vínculos muy directos con los principales grupos de interés que se encuentran en conflicto.

Por su parte, la FAO puede tener un rol importante en este proceso. No sólo por su vinculación con el origen de las DV, sino también porque en su condición de organismo internacional dependiente de Organización de las Naciones Unidas, tiene una capacidad de convocatoria amplia.

Finalmente, hay que dejar establecido que la identificación de los representantes de los principales grupos de interés, no es siempre es una tarea fácil. Cuando los representantes corresponden a los que se encuentran directamente involucrados, no hay mayores problemas en su identificación. Pero en la medida en que estos son dirigentes, y que no son los directamente afectados por los problemas, sino que son portavoces de ellos, surgen problemas de representatividad. Estos aumentan en la medida que se sube desde el nivel local hacia niveles más amplios de representación, digamos al nivel municipal, las dificultades aumentan. Estas dificultades, a su vez, pueden crecer exponencialmente en la medida que se llega a los niveles regionales y nacionales.

Definición de los principales "stakeholders"

El supuesto que está en la base de la constitución de instancias de diálogo es que si bien cada uno de los principales “grupos de interés” tiene roles e intereses específicos, mediante sus aportes en ellas, existe la voluntad de llegar a acuerdos. Esto, por lo menos, es lo que se plantea a nivel de intenciones.

Por otro lado, el diálogo que tiene lugar entre estos diferentes “grupos de interés” se encuentra mediado por la correlación de fuerzas que se observa en un espacio y tiempo determinados.

Por último, se debe que considerar que, como ya se ha planteado, este balance de relaciones de poder que se expresa en una determinada coyuntura, no constituye un hecho inamovible, sino que más bien se trata de una construcción social, que puede ser modificada a medida que se avanza en el diálogo.

i) Metodología de aproximación / intereses específicos

Como se ha señalado, cada grupo de interés tiene una perspectiva propia en la forma de aproximarse a la implementación de las DV, donde persigue objetivos que le son propios a través de instrumentos específicos.

Para las organizaciones representativas de la **sociedad civil** el interés específico, en la mayoría de los casos, prioriza la solución de los problemas de tenencia de la tierra, la pesca y los bosques, que afecta a sus representados y asegurar mecanismos que puedan fiscalizar el cumplimiento de los acuerdos que se puedan alcanzar. Una vez logrado los acuerdos, normalmente va a privilegiar las perspectiva del monitoreo para verificar el grado de cumplimiento que estos tengan. Uno de los instrumentos más utilizados son los observatorios.

Para los representantes de la **empresa privada** el interés particular que buscan al participar en mesas de diálogo consiste en avanzar en acuerdos que signifiquen asegurar la creación de mejores condiciones de sustentabilidad de la empresa en el mediano y largo plazo. Para ello se comprometerá en la elaboración de informes periódicos y verificables sobre el estado de cumplimento de los acuerdos. Los instrumentos que privilegia son los protocolos

de certificación, entendidos como documentos que permiten asegurar que ciertos parámetros efectivamente se cumplen y que garantizan y responden por los compromisos asumidos.

Las instituciones **académicas**, suelen colaborar tanto con representantes de la sociedad civil como de la empresa privada, en la elaboración diagnósticos, propuestas de instrumentos de mediciones pertinentes y confiables que permitan dar seguimiento al cumplimiento de los acuerdos frutos de las negociaciones. Por lo tanto, se volcarán en el aporte de instrumentos de metodología de verificación, que cuenten con el acuerdo explícito de las partes interesadas.

Los **Gobiernos**, finalmente deben velar para que los instrumentos utilizados en las de **instancias de diálogo y de negociación** (mesas, mecanismos de certificación) funcionen con la fluidez necesaria, siempre manteniendo los principios que deben presidir el funcionamiento de ellas considerando los criterios, universalmente reconocidos y aceptados, que ya fueron señalados. El Gobierno no actúa simplemente como un facilitador para el diálogo entre las partes, sino que normalmente tiene una posición específica que se encuentra determinada por los intereses que expresa en un momento dado.

El siguiente cuadro, sintetiza lo planteado:

Sector	Interés	Instrumento
Gobierno	Vigencia principios y aporte de orientación	Fomento instancias diálogo
Sociedad civil	Verificar grado cumplimiento	Monitoreo / Observatorio
Sector privado	Sustentabilidad	Instrumentos verificación
Academia	Estándares rigurosos	Instrumentos metodológicos

Vale la pena notar que la FAO tiene vinculaciones establecidas con todos los diferentes sectores. De partida, los Gobiernos de los países miembros, son parte integrante de la Organización. Con los otros tres, la FAO ha establecido en los últimos años, relaciones de cooperación y de alianzas con cada uno de ellos[20].

Por último, la implementación debe considerar las múltiples unidades temáticas y sectoriales y los diversos niveles sobre los cuales se puede intervenir. De nuevo, solo a vía de ejemplo, se pueden señalar los siguientes:

- temáticas: regularización y/o acceso de tenencia, medio ambiente, etc.;
- sectoriales; caña de azúcar, fruta, forestal, etc.; y
- territoriales: nivel local (Municipal), regional (Estadual) o nacional (Federal).

Condiciones de las formas de aplicación

A continuación se argumenta sobre las posibilidades que tiene la exploración de múltiples formas de aplicación de las DVGT. De partida, hay que impulsar la creatividad en la búsqueda de formas, métodos, mecanismos e instrumentos, todos ellos en los diversos niveles de intervención – nacional – regional – local - que se puedan identificar.

Como ya se ha planteado, no se trata de sugerir un recetario ni la elaboración de una lista exhaustiva. Solo se trata de iniciar un proceso que llame a incorporar la diversidad existente.

Se trata de presentar ejemplos en que los principales grupos de interés se comprometen a establecer condiciones para que funcionen sistemas de diálogo y de negociación sobre temas relevantes de la tenencia responsable de los recursos naturales sobre los cuales se enfrentan disputas o conflictos en diversos grados de desarrollo. Además de asegurar la presencia de los principios que deben orientar las mesas de diálogo, resulta de la mayor importancia que se cuente con mecanismos operacionales que incluyan las siguientes condiciones:

[20]Ver: http://www.fao.org/partnerships/strategies/es/

a). Necesidad de establecer **compromisos formales** entre los principales involucrados. Sobre el particular, se hace hincapié en la idea de asegurar una amplia participación de todos los sectores que serán directamente afectados, buscando alcanzar crecientes grados de inclusión;

b) Lograr que estos compromisos contengan **variables consensuadas** y susceptibles de ser fácilmente operacionalizadas, lo que equivale traducir los acuerdos en definiciones que sean fácilmente medibles;

c) Se deben establecer **mecanismos institucionales** de implementación, de modo de contar con estructuras adecuadas y procedimientos para puedan ser puestas en práctica;

d) Contar con la capacidad de **verificación** sobre los cumplimiento, de manera tal que se propongan mecanismos que puedan medir el grado en que van alcanzando las metas propuestas; y

e) Debe existir una voluntad de aceptación explicita de las consecuencias sobre los compromisos asumidos por todas las partes y mecanismos que incentiven el cumplimiento y sanciones su incumplimiento.

El cumplimiento del conjunto de todas estas condiciones, resulta necesario para que los mecanismos de implementación de las Directrices puedan ser efectivos.

Rol específico de cada "grupo de interés" en la implementación

Una vez analizado el interés que cada grupo de interés tiene una perspectiva propia en la forma de aproximarse a la implementación de las DV, se presenta el rol que cada cual debe desempeñar.

Así se puede incentivar la aplicación de las Directrices por parte de los Gobiernos, organizaciones de la sociedad civil y el ámbito empresarial. También la academia y la propia FAO tienen un papel que jugar en la implementación de las Directrices.

a) Gobiernos

Para que los Gobiernos puedan tomar iniciativas en la aplicación de las DVGT, en primer lugar, es fundamental que ellas sean conocidas, enfatizar sus potencialidades y dar a conocer las experiencias exitosas que existen. En esta tarea la FAO tiene un rol decisivo que jugar.

Cuando se hace referencia a los Gobiernos, en realidad se quiere aludir, no sólo al poder ejecutivo, sino que se debería considerar el poder judicial y el legislativo. A su vez, dentro del poder ejecutivo, no sólo se debe limitar a los interlocutores más tradicionales que tiene la FAO, como son los Ministerios de Agricultura y las instituciones especializadas. Se hace referencia a diferentes entidades ligadas a salud, educación, desarrollo social, medio ambiente, etc.

En cuanto a los niveles, no se trata sólo de trabajar con una variedad de instituciones a nivel nacional, sino que también hay que considerar los niveles estaduales / federales y los niveles locales /municipales.

Sobre el trabajo a realizar junto al aparato de Estado, hay un largo camino por recorrer.

b) Organizaciones de la sociedad civil

Sin lugar a dudas, en este sector hay un activo derivado del hecho de una participación ejemplar de un amplio conjunto de dirigentes en su elaboración, quienes conocen ampliamente el alcance de las DVGT y son militantes de su contenido y participan activamente en su implementación. En la región, estos se encuentran organizados en la Alianza por la Soberanía Alimentaria de América Latina y el Caribe[21].

La Alianza creada en 2013 en Bogotá representa a 23 redes, movimientos y organizaciones de América Latina y el Caribe y 11 organismos nacionales, integrantes de entidades continentales y regionales de campesinos y campesinas, de la pesca artesanal, la

[21] http://www.viacampesina.org/es/index.php/temas-principales-mainmenu-27/soberanalimentary-comercio-mainmenu-38/1835-declaracion-de-la-i-asamblea-de-la-alianza-por-la-soberania-alimentaria-de-america-latina-y-el-caribe

agricultura familiar, trabajadores y trabajadoras rurales, jóvenes, pueblos originarios, afrodescendientes, movimientos agroecológicos, de derechos humanos y ecologistas. La Alianza emerge de un proceso histórico de una historia de más de 16 años de esfuerzo y con luchas que datan desde mediados de los 90. Desde el nacimiento del concepto de Soberanía Alimentaria que se discute y define por primera vez en la II Conferencia Internacional de la Vía Campesina, realizada en Tlaxcala, México, en abril de 1996, han recorrido un largo camino enriqueciendo este concepto para convertirlo en un legado.

Sin embargo, también hay que reconocer que existen otros grupos de dirigentes campesinos que plantean que ya existe la forma de enfrentar los problemas de tenencia de la tierra: esta es la reforma agraria, en su versión tradicional.

Aquí hay una tarea pendiente, en el sentido de comprender, que en algunos casos, sus planteamientos sobre la reforma agraria tiene que ver con valores más bien universales, como la dignidad de los campesinos, la superación de la pobreza, etc., que por cierto son compartidos por todos, pero no que se refieren a temas ligados a la tenencia. Aquí, queda pendiente difundir las nuevas características que tiene la concentración de la tierra, donde la reforma agraria en sentido estricto, carece de vigencia y en cambio las DVGT, resultan pertinentes.

c) Sector empresarial

El mundo empresarial no se presenta de manera homogénea en cuanto a su posición frente a los temas que tratan las DVGT. Por cierto, existe un sector más tradicional que es refractario a este tipo de iniciativas. Este sector se expresa normalmente a través de las organizaciones empresariales corporativas más tradicionales.

Hay otra parte del sector empresarial, donde los temas de la sustentabilidad de las empresas en el largo plazo y las condiciones que le impone el mercado externo, los hace muy sensibles a este tipo de iniciativas. Normalmente este sector se encuentra vinculado al Pacto Global y participan activamente en programas y actividades relacionadas con RSE.

El Pacto Global[22] consiste en un conjunto de diez principios que propusieron las Naciones Unidas a manera de guía para la conducta responsable en los negocios del sector privado. El Pacto incluye principios sobre la protección de los derechos humanos, estándares laborales, medio ambiente y anticorrupción, derivados de los principios, convenciones y declaraciones ya existentes de la ONU respecto de estos temas.

En Octubre de 2009 se creó el Centro Regional para América Latina y el Caribe en Apoyo al Pacto Mundial de Naciones Unidas como un organismo que busca fortalecer al Pacto Mundial en América Latina y el Caribe, de acuerdo a sus condiciones y características. La sede del Centro Regional está ubicada en la ciudad de Bogotá. Además, para poder implementar programas, se debe señalar que el Pacto Global tiene una estructura organizacional con oficinas de representación en todos los países de RLC.

Adicionalmente, estas empresas se encuentran institucionalmente vinculadas a la Organización de las Naciones Unidas, a través de la Secretaria General, mediante la Alianza del Pacto Global, lo que puede facilitar acuerdos de colaboración con la FAO.

Por lo tanto, las posibilidades de establecer una alianza estratégica entre la FAO y el Pacto Global puede ser una interesante posibilidad de explorar. Más aún, se podría buscar la posibilidad de un convenio de colaboración inter agencias para llevar a cabo un programa Regional de implementación de las DVGT.

Finalmente, para poder implementar programas, se debe señalar que el Pacto Global tiene una estructura organizacional con oficinas de representación en todos los países de RLC.

d) La academia.

[22] Ver**:** www.Documents/Pacto%20Global.pdf

La academia también puede prestar un importante apoyo en los programas de implementación de las DV. Por un lado, pueden colaborar en actividades de "difusión" de las DV. Por el otro, pueden aportar su capacidad de sistematizar información relevante sobre los temas en conflicto; dimensionar las consecuencias que tiene la mantención de los conflictos sobre tenencia, etc.

Hay múltiples maneras de establecer relaciones de colaboración con el mundo académico. FAO se encuentra definiendo un nuevo programa que debería contemplar un análisis de las agendas de investigación y de intervención de los principales centros de pensamiento de la región sean estos Universidades u otros centros de investigación – ambos públicos - privados – tercer sector – todos ellos de excelencia y que cubran las áreas temáticas prioritarias de la FAO. El programa debería consultar la participación de entidades individuales así como de redes regionales y temáticas.

Un ejemplo puede ilustrar esta búsqueda. La representación de FAO en Colombia ha establecido un programa de colaboración con la Universidad del Externado de Colombia a través de la Facultad de Ciencias Sociales y Humanas por medio de la "Cátedra abierta de asuntos rurales: Directrices voluntarias para la gobernanza de la tenencia de la tierra". Esta Cátedra, es un espacio académico organizado por el Área de Investigación en Conflicto y Dinámica Social del Centro de Investigaciones sobre Dinámica Social (CIDS), que busca dar a conocer la realidad de los asuntos agrarios en virtud del proceso de urbanización durante las últimas décadas, reivindicar la realidad campesina y enaltecer el rol del campesinado colombiano en su condición de ciudadano.

Existe una experiencia de colaboración entre el ISS de la Haya y FAO para apoyar los programas de implementación de las DV en Guatemala y en Colombia. Se trata de la participación de candidatos al doctorado del ISS que están realizando su trabajo de campo sobre acaparamiento de tierras y DV para sus investigaciones en estos países. Ellos aprovechan esta actividad para colaborar con los programas que realiza la FAO localmente y, a su vez, FAO les facilita el acceso a la información que ellos necesitan levantar. Se encuentra pendiente una evaluación de esta experiencia.

e) Papel de la FAO

FAO debe mantener un liderazgo en la iniciativa de implementar las Directrices, fundamentalmente impulsando su difusión frente a los principales grupos de interés, donde los Gobiernos deben ser un objetivo muy estratégico.

El principal valor agregado que tiene FAO es aportar en la discusión de este tipo de materias, una perspectiva comparativa internacional. En términos metodológicos, esta perspectiva permite visualizar con claridad las semejanzas y las diferencias con otras experiencias que se desarrollan en otros países; los grados en que los fenómenos se expresan en diferentes situaciones; y en fin aportar con luces y sombras la realidad analizada nacionalmente.

En este sentido se podría avanzar en el establecimiento de metas globales, regionales y nacionales en la implementación de las DVGT, vinculando su cumplimiento al establecimiento de reconocimientos y de premios. Estas actividades acompañadas de la debida difusión, pueden ser un estímulo para el avance en la implementación de las Directrices.

FAO como institución tiene la legitimidad y la experiencia necesarias para impulsar este tipo de iniciativas.

V.- Tareas pendientes y reflexión final

En esta parte final se señalan las principales tareas que corresponde realizar a la FAO en el corto y mediano plazo.

Adecuación de instrumentos

En primer lugar, en la búsqueda de posibles formas para avanzar en la implementación de las DVGT, parece necesario identificar instrumentos y programas de FAO que se

formularon antes de la aprobación de las DVGT y que contienen elementos que, aun cuando cubren aspectos parciales o se encuentren en una forma germinal, resultan pertinentes con aquellos que se desarrollan en las DVGT.

Se trata de programas e instrumentos que contienen aspectos que forman parte de las DVGT y que con una explicitación de algunos elementos adicionales, pueden ser eficientes instrumentos para su aplicación.

Por lo tanto, se trata de identificar programas que hayan sido elaborados con anterioridad al año 2012, donde se encuentran en forma incipiente algunos principios que se formalizan cuando se aprueban las DVGT.

El documento "Mejorar la gobernanza de la tenencia forestal, una guía práctica"[23] es un buen ejemplo de cómo utilizar mecanismos e instrumentos ya existentes de la FAO para avanzar en la implementación de las DVGT.

La guía comienza poniendo de relieve las principales oportunidades y retos que se presentan en el ámbito de la gobernanza de la tenencia en el sector forestal en la actualidad, dirigiendo luego al lector hacia fuentes adicionales de información que le permiten identificarse como parte interesada del sector, aprovechar las coyunturas que presentan ventajas y superar las dificultades que pueden surgir. En otras palabras, toma lo fundamental de las DVGT en el sentido de propiciar el diálogo y la negociación entre las principales partes interesadas para enfrentar los problemas pendientes en la tenencia de la tierra en el sector forestal.

Ofrece, en forma resumida, un conjunto de 86 instrumentos temáticos que se agrupan en cuatro áreas que se presentan más adelante.

La guía se inspira en las Directrices Voluntarias y reconociendo la experiencia acumulada por la FAO en el sector forestal, propone una guía práctica para mejorar la gobernanza de los bosques. La guía está dirigida para quienes se proponen intentar mejorar la gobernanza de la tenencia forestal, a través del dialogo y la negociación entre todos los grupos de interés. Para ello, distingue actuar en las cuatro áreas que ya fueron anunciadas en el párrafo anterior:

1) Necesidad de contar con un diagnóstico certero;

2) Requisito de establecer organizaciones fuertes que puedan canalizar los intereses de los diferentes grupos de interés;

3) Exigencia de instalar capacidad efectiva de participación por parte de los grupos de interés; y

4) Contar con mecanismos que permitan una fiscalización / monitoreo sobre el cumplimiento de los acuerdos alcanzados.

En términos metodológicos los procesos de diálogo deberían identificar el punto de inicio y definir los objetivos que se persiguen en el diálogo y la negociación.

Certificados

Otro de los mecanismos operacionales para la aplicación de las DVGT son los sistemas de «certificación» que se han desarrollado en el entorno de las preocupaciones de la FAO y que muchas veces se encuentran relacionados con iniciativas de responsabilidad social, empresarial o corporativa, a las que ya se hizo referencia.

Un aspecto central de la propuesta metodológica debe contemplar una sistematización de los principales acuerdos establecidos entre los grupos de interés, entre ellos, la sociedad civil, empresas y el Estado, sobre las condiciones que deben cumplir la producción y servicios, conocidos como las certificaciones.

Ellas deben ser conocidas para que los grupos directamente involucrados lo puedan aplicar y/o exigir y para que otros grupos puedan encontrar en ellos orientaciones para definir nuevas vías de aplicación.

Las certificaciones son un instrumento que permiten reconocer ciertas características de responsabilidad social y/o medio ambiental en un determinado producto o servicio.

[23] www.fao.org/3/a-i3249s.

Permiten asegurar que ciertos parámetros se cumplen y garantizan y responden por su compromiso.

Mesas de diálogo y de negociación

Las mesas de diálogo y de negociación integradas por todos los grupos involucrados en conflictos por la tenencia de la tierra en un territorio, resultan instancias especialmente apropiadas para la implementación de las DVGT. Las posibilidades para avanzar en lograr acuerdos, dependerá en gran medida, de la claridad de los temas que van a ser tratados y que serán objeto de negociaciones y de la presencia efectiva de las principales partes envueltas en la controversia.

El funcionamiento de estas Mesas se asemejan bastante al "tripartismo" que es el término que se utiliza para referirse a un cierto tipo de organización y procedimientos de concertación entre tres sectores: los gobiernos, las organizaciones de empleadores, y los sindicatos. El origen del tripartismo debe ubicarse en la Organización Internacional del Trabajo (OIT), institución internacional gobernada por representantes de los tres sectores antes señalados. En el proceso de aplicación de las DV la FAO debería realizar un proceso de aprendizaje sobre la experiencia acumulada que tiene la OIT en esta materia, con el objeto de adoptar las "buenas prácticas" que la experiencia de esta organización ha logrado acumular a lo largo de su historia.

Además en este punto resulta conveniente valorizar las condiciones que deben orientar los diálogos y las negociaciones ya comentadas. La vigencia de estos principios, parte fundamental de las Directrices, sirve para emparejar la cancha en la cual intervienen las partes del conflicto o controversia.

En estas mesas la condición en que se da la correlación de fuerzas entre las partes resulta crucial. El diálogo y la negociación siempre depende de la correlación de fuerzas entre los diferentes grupos de interés / actores sociales en un territorio, en temas específicos, todo ello en un tiempo determinado.

Finalmente, hay que considerar que la correlación de fuerzas no es un hecho inamovible, sino más bien se trata de una construcción social, que puede ser modificada.

Reflexión final

De partida, habría que recordar que las DV son "voluntarias". Que surgen en gran medida a partir del proceso de acaparamiento de tierras, como detonante. Y que pretender ser un instrumento para la solución de conflictos

Las DVGT son una herramienta elaborada por una instancia de gobierno privilegiado de FAO como es el CSA, que consultó al conjunto de los grupos de interés involucrados en los conflictos que surgen como consecuencia del acaparamiento de tierras que se observa en el mundo en general y en América Latina en particular.

Se trata de un instrumento que tiene una **legitimidad de origen** indiscutible, en la medida que es el fruto de un proceso de diálogo y de negociación en el cual participaron todas las partes interesadas: los gobiernos, la sociedad civil, el sector privado y contó con el apoyo de sectores importantes del mundo académico. Estas Directrices constituyen un acuerdo sin precedentes sobre principios y prácticas reconocidos a nivel internacional, en relación con la gobernanza de la tenencia.

El desafío actual es avanzar en su implementación. Pocos discuten que se trata de una herramienta que puede resultar útil para enfrentar problemas reales y urgentes que abarcan vastos territorios y afectan a amplios grupos de personas. Los conflictos en torno a la tenencia de la tierra, son ancestrales y se encuentran en todas partes. Lo novedoso es que los que se enfrentan en la actualidad, son de magnitudes desconocidas. También existe un acuerdo transversal en el sentido de que la mantención indefinida de este tipo de situaciones, no benefician a nadie. Ni a las comunidades que se sientes afectadas; ni a las empresas que son indicadas como los responsables; ni los gobiernos que no logran solucionar los conflictos. Solo agravan las situaciones existentes.

Por lo tanto, resulta urgente avanzar en la implementación de las DVGT, utilizando tanto los mecanismos existentes, adaptando otros y, en fin, creando los que sean necesarios. Lo importante es avanzar en las instancias de diálogo y de negociación, que a la luz de las orientaciones que ofrecen las Directrices, estas se puedan aplicar en diferentes ámbitos (temáticos, territoriales, etc.); a través de diversos mecanismos (acuerdos directos, normativas, legal, etc.); y en variados niveles (nacional, regional, local).

Referencias bibliográficas

BARRACLAUGH, S.; COLLARTE, J. **El hombre y la tierra en América Latina:** Resumen de los informes CIDA sobre tenencia de la tierra en Argentina, Brasil, Colombia, Chile, Ecuador, Guatemala, Perú, Síntesis. Editorial Universitaria, Santiago, 1972.

BORRAS, S; M.; FRANCO, J.; GOMEZ, S. KAY, C & SPOOR, M. **Land grabbing in Latin America and the Caribbean**, Journal of Peasant Studies, 39:3-4, 845-872. 2012.

BORRAS, S.; KAY, C.; GOMEZ, S. & WILKINSON, J. **Land grabbing and global capitalist accumulation: key features in Latin America.** Canadian Journal of Development Studies / Revue canadienned'études du développement. Volume 33, Issue 4. 2012.

BORRAS, S.; KAY, C.; GOMEZ, S. & WILKINSON, J. **Acaparamiento de tierras y acumulación capitalista: aspectos clave en América Latina**. Revista Interdisciplinaria de Estudios Agrarios, Volumen 38, 1er semestre de 2013 p. 75- 103.

(CIP) Comité Internacional de Planificación para la Soberanía Alimentaria. **Manual popular de las directrices voluntarias.** Guía para la promoción, la aplicación, el monitoreo y la evaluación. Argentina, 2015

FAO. **Dinámicas del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe: concentración y extranjerización**, Oficina Regional de la FAO. F. Soto y S. Gómez (Editores). Santiago. 2012.

FAO. **Reflexiones sobre la concentración y extranjerización de la tierra en América Latina y el Caribe**, Oficina Regional de la FAO. F. Soto y S. Gómez (Editores). Santiago. 2013.

FERNANDES, B. **Re-peasantization Resistance and Subordination: The Struggle for Land and Agrarian Reform in Brazil**. Agrarian South: Journal of Political Economy 06/2014; 2(3). 2014.

FREEMAN, E. **Strategic Management: A Stakeholder Approach.** Cambridge UniversityPress. 2010.

GIDDENS, A.;DIAMOND, P. **The New Egalitarianism.** Polity Press.Cambridge, Reino Unido. 2005.

GRAS, C.; HERNÁNDEZ, V. **El agro como negocio. Producción, sociedad y territorios en la globalización** (Coomp.) Editorial Biblos, Buenos Aires. 2013.

Información adicional consultar.

Pacto Global.www.cumpetere.com/Documents/Pacto%20Global.pdf

http://farmlandgrab.org/

http://www.fian.org/

https://www.grain.org/

http://www.iss.nl/research/research_programmes/political_economy_of_resources_environment_and_population_per/networks/land_deal_politics_ldpi/ldpi_global_research_network/

https://www.oxfam.org/

Recebido para publicação em 1 de outubro de 2015

Aceito para publicação em 30 de outubro de 2015

COMPÊNDIO EDIÇÕES

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados**. Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998**.**

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1 – 32, 1998.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33 – 50. 1998.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos**. Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária**. Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas**. Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68 – 94, 2000.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42 – 49, 2004.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do "rural": breve abordagem**. Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana**. Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos "movimentos" pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero**. Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso**. Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos.** Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

KARRIEM, Abdurazack. "**Marching as to war": a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism**. Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR**. Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional**. Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista**. Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra**. Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx**. Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Ocidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaios sobre os espaços agrícolas de exclusão**. Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso**. Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economia política clásica: David Ricardo**. Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídoras do território das fabriquetas de queijo**. Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje**. Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica**. Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano**. Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la *praxis* desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition**. Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. "**Grilos" jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft**. Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants**. Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital**. Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária**. Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária**. Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, TJ. **Overtime in China: law, practice and social exclusion**. Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos**. Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato**. Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais**. Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable**. Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão**. Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST**. Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia uma Geografia útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil**. Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST**. Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS**. Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra**. Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas**. Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE**. Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia**. Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de "vidas inundadas"**. Ano 12, n. 15 p. 34–65, 2009.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense**: **Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização**. Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará**. Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

GÓMEZ, Sérgio. Urbanização e Ruralidade. **Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. "**Boom" agrícola e persistência da pobreza na América Latina**: algumas considerações. Ano 13, n. 16 p. 7-21, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

PATIÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia.** Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o "levante comunista" de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

RINCÓN, Luis Felipe**. ¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre**. Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A "territorialização" do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas**. Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação *versus* reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICCOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

VELTMEYER, Henry. **El itenerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **"Campesinato como ordem moral": (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe**. Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária**. Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro**. Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro**. Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Dossiê, p. 09-20, 2012.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 15, Dossiê, p. 21-42, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Ano 15, Dossiê, p. 43-54, 2012.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Dossiê, p. 55-78, 2012.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. "**Boom" agrícola e persistência da pobreza na América Latina**: algumas considerações. Ano 15, Dossiê, p. 79-92, 2012.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Dossiê, p. 93-102, 2012.

ELIAS, Denise. **Ensaios sobre os espaços agrícolas de exclusão**. Ano 15, Dossiê, p. 103-126, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Dossiê, p. 127-154, 2012.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano**. Ano 15, Dossiê, p. 155-176, 2012.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Dossiê, p. 177-184, 2012.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil.** Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial.** Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial.** Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p. 79-99, 2012.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação.** Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo *Tekoha-Tekoharã*.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro.** Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel.** Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15. n. 21 p. 173-180, 2012.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino.** Ano 16. n. 22. p. 27-42.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16. n. 22. p. 43-54.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre: Araraquara-SP**. Ano 16. n. 22. p. 55-81.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay.** Ano 16. n. 22. p. 82-95.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16. n. 22. p. 96-110.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder**. Ano 16. n. 22. p. 111-126.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATES: o caso dos assentamentos de Candiota/RS**. Ano 16. n. 22. p. 127-137.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo**. Ano 16. n. 23. p. 09-26.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão**. Ano 16. n. 23. p. 27-42.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido**. Ano 16. n. 23. p. 43-59.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010**. Ano 16. n. 23. p. 60-80.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate**. Ano 16. n. 23. p. 81-108.

MORALES, Selene. **La "sojización" y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay**. Ano 16. n. 23. p. 109-130.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS)**. Ano 16. n. 23. p. 131-149.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar**. Ano 16. n. 23. p. 150-166.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato**. Ano 16. n. 23. p. 167-170.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A "nova" questão agrária em Andalucía: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares**. Ano 17. n. 24. p. 09-35.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografía: una aproximación a su evolución histórica**. Ano 17. n. 24. p. 36-50.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica**. Ano 17. n. 24. p. 51-70.

BELO, Diego Carvalhar; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra**. Ano 17. n. 24. p. 71-85.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; RINCÓN, Luis Felipe. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia**. Ano 17. n. 24. p. 86-106.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente**. Ano 17. n. 24. p. 107-121.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica**. Ano 17. n. 24. p. 122-132.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964)**. Ano 17. n. 24. p. 133-145.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay**. Ano 17. n. 24. p. 146-166.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular**. Ano 17. n. 24. p. 167-190.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores**. Ano 17. n. 24. p. 191-200.

BRUSCHI, Rita. **Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay.** Ano 17. n. 25. p. 10-24.

PORTO, José Renato Sant'Anna. **O discurso do agronegócio: modernidade, poder e "verdade".** Ano 17. n. 25. p. 25-46.

NAHUN, João Santos; PAIXÃO JÚNIOR, Paulo Roberto Carneiro. **Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA).** Ano 17. n. 25. p. 47-70.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. **Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio.** Ano 17. n. 25. p. 71-87.

SILVA, Mariele de Oliveira; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa.** Ano 17. n. 25. p. 8-101.

SANTOS, Rafael de Oliveira Coelho dos. **A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP).** Ano 17. n. 25. p. 102-135.

LEITE, Vinícius Rocha; PEDLOWSKI, Marcos Antonio; HADDAD, Ludimila Neves. **Assentamentos de reforma agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na região norte fluminense.** Ano 17. n. 25. p. 136-146.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica.** Ano 17. n. 25. p. 147-161.

SOARES, Simone Fernandes. **Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará.** Ano 17. n. 25. p. 162-181.

PEREIRA, Lorena Izá. **Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil.** Roma: International Land Coalition (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 182-185.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno.** São Paulo: Expressão Popular (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 186-191.

TRICHES, Rozana Maria; GRISA, Cátia**. Entre mudanças e conservadorismos: uma análise dos programas de aquisição de alimentos (PAA e PNAE) a partir da retórica da intransigência.** Ano 18. n. 26. p. 11.28.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Addressing rural poverty and food insecurity through local food purchasing and school lunch programs: PAA Africa, PRONAE and the creation of institutional markets in Mozambique.** Ano 18. n. 26. p. 29-52.

CHRISTANCHO GARRIDO, Hellen Charlot. **Abordagem territorial da segurança alimentar: articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): considerações sobre o caso colombiano.** Ano 18. n. 26. p. 53-71.

PEIXOTO, Angêla Maria; OLIVEIRA, Adriano Rodrigues. **Abordagem territorial nas políticas públicas de desenvolvimento rural: uma análise do PAA para a produção camponesa no município de Ipameri-GO.** Ano 18. n. 26. p. 72-94.

SILVA, Arthur Boscariol; PEDRON, Nelson Rodrigo. **Reprodução do campesinato através de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar: a dinâmica do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) em Ourinhos-SP.** Ano 18. n. 26. p. 95-112.

TEIXEIRA, Carine Andrade; NORDER, Luís Antonio Cabello. **Participação indígena no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 113-124.

CORADIN, Cristiane; SOUZA, Renato Santos. **Os quilombolas e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Vale do Ribeira Paraná: diversidades culturais, enquadramentos burocráticos e ações dos mediadores técnicos e sociopolíticos**. Ano 18. n. 26. p. 125-148.

LEAL, Sidney Cássio Todescato. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 26. p. 149-166.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como uma política pública emancipatória no território Cantuquiriguaçu-PR.** Ano 18. n. 26. p. 167-184.

VINHA, Janaína Francisca de Souza Campos; SCHIVINATTO, Mônica. **Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 185-205.

GOLDFARB, Yamila. **Consolidação da hegemonia das corporações, monopolização do território e acumulação por espoliação: o caso da Cargill no Brasil e na Argentina**. Ano 18. n. 27. p. 11-37.

VÁSQUEZ CARDONA, David. **La crisis cafetera: elementos para una discusión sobre los análisis de los sistemas alimentarios.** Ano 18. n. 27. p. 38-52.

MAGGI, Leonardo Bauer. **Itaipu e a formação do território do capital.** Ano 18. n. 27. p. 53-63.

SOBREIRO FILHO, José. **O(s) movimento(s) por trás das dissensões: rupturas, agregação, lideranças e poder nas dissidências do Pontal do Paranapanema**. Ano 18. n. 27. p. 64-95.

MORAES, Vitor de; WELCH, Clifford Andrew. **A disputa territorial e o controle das políticas no território Cantuquiriguaçu - estado do Paraná: a participação dos movimentos socioterritoriais e o papel do estado**. Ano 18. n. 27. p. 96-112.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini**. Análise do processo de espacialização do MST no estado de São Paulo em diferentes contextos histórico-geográficos**. Ano 18. n. 27. p. 113-137.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN; Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco dos; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil.** Ano 18. n. 27. p. 138-155.

NETO, João Augusto de Andrade. **A teoria e a prática do MST para a cooperação e a organização em assentamentos rurais.** Ano 18. n. 27. p. 156-182.

ROS, César Augusto Da; PICCIN, Marcos Botton. **A implantação do programa de assessoria técnica, social e ambiental aos assentamentos de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008: diretrizes, formatos institucionais e dinâmica de execução.** Ano 18. n. 27. p. 183-213.

SILVA, Edson Batista; CALAÇA, Manoel. **Disputas pela terra e na terra: possibilidades para produção agroecológica no assentamento Cunha, em Cidade Ocidental, GO.** Ano 18. n. 27. p. 214-239.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Propriedade coletiva em debate: caminhos da revolução agrária em Cuba (1959-1964).** Ano 18. n. 27. p. 240-258.

PAZ, Raúl; LIPSHITZ, Héctor; ZERDA, Hugo Raúl; TIEDEMAN, José. **Estructura agraria, áreas de concentración de la agricultura familiar y procesos de expansión de la frontera agropecuaria en Santiago del Estero, Argentina.** Ano 18. n. 27. p. 259-279.

GALLAR HERNÁNDEZ, David; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Revisitando la agroecología: entrevista a Eduardo Sevilla Guzmán.** Ano 18. n. 27. p. 280-295.

RIBEIRO, Edson Sabatini. **RESENHA: Dinâmicas de classe da mudança agrária.** Ano 18. n. 27. p. 296-300.

COMPÊNDIO AUTORES

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia**. Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana**. Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra**. Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; HÉRNANDEZ, David Gallar; COLADO, Ángel Calle. **A "nova" questão agrária em Andalucía: processos de recampesinização em tempos de impérios agroalimentares**. Ano 17. n. 24. p. 09-35.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Dossiê, p. 93-102, 2012.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

AVILA, Camilo Alejandro Bustos. **O componente social do Plano Colômbia e a territorialidade da comunidade camponesa-indígena Awá do departamento de Putumayo (Colômbia).** Ano 16. n. 22. p. 09-26, 2013.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária**. Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

BARRI, Juan. **Renta Agraria em contextos de alta productividad: las contradicciones emergentes en el actual régimen de producción agropecuaria argentino**. Ano 16. n. 22. p. 27-42, 2013.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

BATISTA, Ândrea Francine. **A formação e a organização política na territorialização contra-hegemônica: a experiência da Via Campesina sudamérica**. Ano 17. n. 24. p. 51-70.

BELLACOSA, Julia Marques. **Os desafios da produção camponesa frente à expansão dos agrocombustíveis, o assentamento Monte Alegre:** Araraquara-SP. Ano 16. n. 22. p. 55-81, 2013.

BELO, Diego Carvalhar; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. **Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do sem terra**. Ano 17. n. 24. p. 71-85.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR**. Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária**. Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica**. Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas**. Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST**. Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

BRUSCHI, Rita. **Manifestaciones de la cuestión agraria en Uruguay.** Ano 17. n. 25. p. 10-24, 2014.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

CARDONA, David Vásquez. **Disputas territoriales con el capital, las subordinaciones, paradigmas y modelos de desarrollo**. Ano 16. n. 23. p. 09-26, 2013.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Movimento social e geografia: contribuição ao debate**. Ano 16. n. 23. p. 81-108, 2013.

CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso**. Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária**. Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, TJ. **Overtime in China: law, practice and social exclusion**. Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil.** Ano 15. n. 21 p. 08-32, 2012.

CLEMENTS, Elizabeth Alice. **Addressing rural poverty and food insecurity through local food purchasing and school lunch programs: PAA Africa, PRONAE and the creation of institutional markets in Mozambique.** Ano 18. n. 26. p. 29-52, 2015.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como uma política pública emancipatória no território Cantuquiriguaçu-PR.** Ano 18. n. 26. p. 167-184, 2015.

COELHO, Douglas Cristian; FABRINI, João Edmilson. **Produção de subsistência e autoconsumo no contexto de expansão do agronegócio.** Ano 17. n. 25. p. 71-87, 2014.

CORADIN, Cristiane; SOUZA, Renato Santos. **Os quilombolas e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Vale do Ribeira Paraná: diversidades culturais, enquadramentos burocráticos e ações dos mediadores técnicos e sociopolíticos**. Ano 18. n. 26. p. 125-148, 2015.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de "vidas inundadas"**. Ano 12, n. 15 p. 34–65, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

COSCIONE, Marco; PINZÓN, Viviana García. **Paro nacional agrario en Colombia: TLCS y perspectivas del movimiento social y popular**. Ano 17. n. 24. p. 167-190.

CHRISTANCHO GARRIDO, Hellen Charlot. **Abordagem territorial da segurança alimentar: articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): considerações sobre o caso colombiano.** Ano 18. n. 26. p. 53-71, 2015.

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Aspectos da formação da opinião pública paulista: um estudo baseado no Dataluta jornal de 1988 a 2010**. Ano 16. n. 23. p. 60-80, 2013.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

CUTINELLA, César. **La cuestión agraria uruguaya en los manuales escolares de geografía: una aproximación a su evolución histórica**. Ano 17. n. 24. p. 36-50.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos**. Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro**. Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial.** Ano 15. n. 21 p. 50-68, 2012.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants**. Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe**. Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato**. Ano 11, n. 13 p. 83-101, 2008.

ELIAS, Denise. **Ensaios sobre os espaços agrícolas de exclusão**. Ano 9, n. 8 p. 29-51, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaios sobre os espaços agrícolas de exclusão**. Ano 15, Dossiê, p. 103-126, 2012.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Ocidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48-67, 2005.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8-32, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Dossiê, p. 55-78, 2012.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68-94, 2000.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni; MARQUES, Erwin Becker; GONÇALVES, Leandro Daneluz. **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR.** Ano 15. n. 21 p. 33-49, 2012.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre**. Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33-47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. "**Grilos" jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48-60, 2007.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2-44, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24-34, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Dossiê, p. 09-20, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1-32, 1998.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61-80, 2007.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113-143, 2006.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **"Campesinato como ordem moral": (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11-36, 2007.

GALLAR HERNÁNDEZ, David; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Revisitando la agroecología: entrevista a Eduardo Sevilla Guzmán.** Ano 18. n. 27. p. 280-295. 2015.

GARRIDO, Hellen Charlot Cristancho. **Vivir bien ¿paradigma no capitalista?** Ano 15. n. 21 p. 173-180, 2012.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141-155, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75-91, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5-19, 2004.

GOLDFARB, Yamila. **Consolidação da hegemonia das corporações, monopolização do território e acumulação por espoliação: o caso da Cargill no Brasil e na Argentina**. Ano 18. n. 27. p. 11-37. 2015.

GÓMEZ, Sérgio. Urbanização e Ruralidade. **Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136-138, 2009.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero**. Ano 7, n. 5 p. 43-55, 2004.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1-28, 2006.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Dossiê, p. 127-154, 2012.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition**. Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

JARA, Cristian Emanuel; SPERAT, Ramiro Rodríguez; RINCÓN, Luis Felipe. **La agricultura familiar en el desarrollo rural: continuidades y rupturas del paradigma neoliberal en argentina y Colombia**. Ano 17. n. 24. p. 86-106.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

KARRIEM, Abdurazack. "**Marching as to war": a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism**. Ano 8, n. 6 p. 1-13, 2005.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

LEAL, Sidney Cássio Todescato. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no Pontal do Paranapanema.** Ano 18. n. 26. p. 149-166, 2015.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

LEITE, Vinícius Rocha; PEDLOWSKI, Marcos Antonio; HADDAD, Ludimila Neves. **Assentamentos de reforma agrária como agentes de recuperação da cobertura vegetal em paisagens degradadas de Mata Atlântica na região norte fluminense.** Ano 17. n. 25. p. 136-146, 2014.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

LOBOS, Damian Andres. **Los territorios de la desposesión: los enclaves y la logística como territorialización del modelo extractivo sudamericano.** Ano 16. n. 22. p. 43-54, 2013.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MACEDO, Magno Roberto Alves; DARNET, Laura Angélica Ferreira; THALÊS, Marcelo Cordeiro; POCCARD-CHAPUÍS, Rene. **Configuração espacial do desflorestamento em fronteira agrícola na Amazônia: um estudo de caso na região de São Félix do Xingu, estado do Pará.** Ano 16. n. 22. p. 96-110, 2013.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Nova lógica na produção de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana: transformações fundiárias para a perpetuação das relações de poder**. Ano 16. n. 22. p. 111-126, 2013.

MAGGI, Leonardo Bauer. **Itaipu e a formação do território do capital.** Ano 18. n. 27. p. 53-63. 2015.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos**. Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Ano 11, n. 12 p. 57-67, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Ano 15, Dossiê, p. 43-54, 2012.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81-108, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídoras do território das fabriquetas de queijo**. Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje**. Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **Agricultura de beira de estrada ou agropecuária marginal ou, ainda, o campesinato espremido**. Ano 16. n. 23. p. 43-59, 2013.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A "territorialização" do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

MORAES, Vitor de; WELCH, Clifford Andrew. **A disputa territorial e o controle das políticas no território Cantuquiriguaçu - estado do Paraná: a participação dos movimentos socioterritoriais e o papel do estado**. Ano 18. n. 27. p. 96-112. 2015.

MORALES, Selene. **La "sojización" y la tierra en disputa: desarrollo del capitalismo agrario en Uruguay**. Ano 16. n. 23. p. 109-130, 2013.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano**. Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano**. Ano 15, Dossiê, p. 155-176, 2012.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas**. Ano 3, n. 3 p. 45-57, 2000.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o "levante comunista" de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

MORENO, Glaucia de Sousa; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense.** Ano 15. n. 21 p. 79-99, 2012.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo *Tekoha-Tekoharã*.** Ano 15. n. 21 p. 114-134, 2012.

NAHUN, João Santos; PAIXÃO JÚNIOR, Paulo Roberto Carneiro. **Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA).** Ano 17. n. 25. p. 47-70, 2014.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação *versus* reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN, Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica.** Ano 17. n. 25. p. 147-161, 2014.

NAVAS, Rafael; KANIKADAN; Andréa Yumi Sugishita; SANTOS, Kátia Maria Pacheco dos; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. **Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil.** Ano 18. n. 27. p. 138-155. 2015.

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso**. Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

NETO, João Augusto de Andrade. **A teoria e a prática do MST para a cooperação e a organização em assentamentos rurais.** Ano 18. n. 27. p. 156-182. 2015.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos "movimentos" pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

NORDER, Luis Antônio Cabello. **Controvérsias sobre a reforma agrária no Brasil (1934-1964)**. Ano 17. n. 24. p. 133-145.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas**. Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

OMENA, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque; SOUZA, Roberto Rodrigues de; SOARES, Maria José Nascimento. **Contradições do programa sergipano de biodiesel.** Ano 15. n. 21 p. 162-172, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro**. Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini**. Análise do processo de espacialização do MST no estado de São Paulo em diferentes contextos histórico-geográficos**. Ano 18. n. 27. p. 113-137. 2015.

OYAHANTÇABAL, Gabriel. **Los tres campos em la cueston agraria en Uruguay.** Ano 16. n. 22. p. 82-95, 2013.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; SILVA, Douglas Mansur da. **Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente**. Ano 17. n. 24. p. 107-121.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33 – 50. 1998.

PATIÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia.** Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. **Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação.** Ano 15. n. 21 p. 100-113, 2012.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos.** Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital**. Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 15, Dossiê, p. 21-42, 2012.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária**. Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

PAZ, Raúl; LIPSHITZ, Héctor; ZERDA, Hugo Raúl; TIEDEMAN, José. **Estructura agraria, áreas de concentración de la agricultura familiar y procesos de expansión de la frontera agropecuaria en Santiago del Estero, Argentina.** Ano 18. n. 27. p. 259-279. 2015.

PEIXOTO, Angêla Maria; OLIVEIRA, Adriano Rodrigues. **Abordagem territorial nas políticas públicas de desenvolvimento rural: uma análise do PAA para a produção camponesa no município de Ipameri-GO.** Ano 18. n. 26. p. 72-94, 2015.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICCOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

PEREIRA, Lorena Izá. **Políticas fundiárias no Brasil: uma análise geo-histórica da governança da terra no Brasil.** Roma: International Land Coalition (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 182-185, 2014.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS**. Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

PIEDRACUEVA, Maximiliano. **Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial.** Ano 15. n. 21 p. 69-78, 2012.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx**. Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

PORTO, José Renato Sant'Anna. **O discurso do agronegócio: modernidade, poder e "verdade".** Ano 17. n. 25. p. 25-46, 2014.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la *praxis* desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil**. Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados**. Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998**.**

RIBEIRO, Edson Sabatini. **RESENHA: Dinâmicas de classe da mudança agrária.** Ano 18. n. 27. p. 296-300. 2015.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato**. Ano 16. n. 23. p. 167-170, 2013.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno.** São Paulo: Expressão Popular (Resenha). Ano 17. n. 25. p. 186-191, 2014.

RINCÓN, Luis Felipe**. ¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra**. Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

ROS, César Augusto Da; PICCIN, Marcos Botton. **A implantação do programa de assessoria técnica, social e ambiental aos assentamentos de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro nos anos de 2002 a 2008: diretrizes, formatos institucionais e dinâmica de execução.** Ano 18. n. 27. p. 183-213. 2015.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense**: **Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização**. Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem; GIRARDI, Eduardo Paulon. **Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro.** Ano 15. n. 21 p. 135-161, 2012.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia uma Geografia útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

SANTOS, Rafael de Oliveira Coelho dos. **A expansão do agronegócio sobre os assentamentos da reforma agrária: o caso do PA Fazenda Primavera (Andradina-SP).** Ano 17. n. 25. p. 102-135, 2014.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais**. Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable**. Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista**. Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SILVA, Arthur Boscariol; PEDRON, Nelson Rodrigo. **Reprodução do campesinato através de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar: a dinâmica do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) em Ourinhos-SP.** Ano 18. n. 26. p. 95-112, 2015.

SILVA, Edson Batista; CALAÇA, Manoel. **Disputas pela terra e na terra: possibilidades para produção agroecológica no assentamento Cunha, em Cidade Ocidental, GO.** Ano 18. n. 27. p. 214-239. 2015.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft**. Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. "**Boom" agrícola e persistência da pobreza na América Latina**: algumas considerações. Ano 13, n. 16 p. 7-21, 2010.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. "**Boom" agrícola e persistência da pobreza na América Latina**: algumas considerações. Ano 15, Dossiê, p. 79-92, 2012.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE**. Ano 12, n. 14 p. 125-141, 2009.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

SILVA, Mariele de Oliveira; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa.** Ano 17. n. 25. p. 8-101, 2014.

SILVA, Rafael Navas; SILVA, Ivone da; MARTINS, Cibele Chalita. **Formação de coletores de sementes nativas da mata atlântica**. Ano 17. n. 24. p. 122-132, 2014.

SILVA, Raimundo Pires. **As especificidades da nova ATER para agricultura familiar**. Ano 16. n. 23. p. 150-166, 2013.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42-49, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Dossiê, p. 177-184, 2012.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do "rural": breve abordagem**. Ano 7, n. 4 p. 50-55, 2004.

SILVA, Tanise Pedron da; COSTABEBER, José Antônio. **A (re)organização da produção: um estudo da segurança alimentar nos assentamentos de reforma agrária Santa Rita e Sepé Tiaraju, município de Capão do Cipó (RS)**. Ano 16. n. 23. p. 131-149, 2013.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão**. Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

SOARES, Simone Fernandes. **Um processo de capacitação de jovens e adultos remanescentes de quilombolas dos Caetanos de Capuan, Caucaia – Ceará.** Ano 17. n. 25. p. 162-181, 2014.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

SOBREIRO FILHO, José. **O(s) movimento(s) por trás das dissensões: rupturas, agregação, lideranças e poder nas dissidências do Pontal do Paranapanema**. Ano 18. n. 27. p. 64-95. 2015.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

TEIXEIRA, Carine Andrade; NORDER, Luís Antonio Cabello. **Participação indígena no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 113-124, 2015.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economia política clásica: David Ricardo**. Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

TRICHES, Rozana Maria; GRISA, Cátia**. Entre mudanças e conservadorismos: uma análise dos programas de aquisição de alimentos (PAA e PNAE) a partir da retórica da intransigência.** Ano 18. n. 26. p. 11.28, 2015.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST**. Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.

VARGAS, Daiane Loreto. **Trabalho dos extensionistas no contexto da ATES: o caso dos assentamentos de Candiota/RS**. Ano 16. n. 22. p. 127-137, 2013.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Propriedade coletiva em debate: caminhos da revolução agrária em Cuba (1959-1964).** Ano 18. n. 27. p. 240-258. 2015.

VASSALLO, Miguel; CHAVES, Ethel Ferreira. **Colonización y nuevas formas de acceso a la tierra de productores familiares: enseñanzas de la colonia Maestro Soler en Uruguay**. Ano 17. n. 24. p. 146-166.

VÁSQUEZ CARDONA, David. **La crisis cafetera: elementos para una discusión sobre los análisis de los sistemas alimentarios.** Ano 18. n. 27. p. 38-52. 2015.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

VELTMEYER, Henry. **El itenerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará**. Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Território (i)material e Geografia Agrária: Paradigmas em Questão**. Ano 16. n. 23. p. 27-42, 2013.

VINHA, Janaína Francisca de Souza Campos; SCHIVINATTO, Mônica. **Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).** Ano 18. n. 26. p. 185-205, 2015.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional**. Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

ZIMERMAN, Artur. **Conhecendo a questão agrária por seus atores**. Ano 17. n. 24. p. 191-200.